



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Alessandra Cristina Bittencourt Alcântara

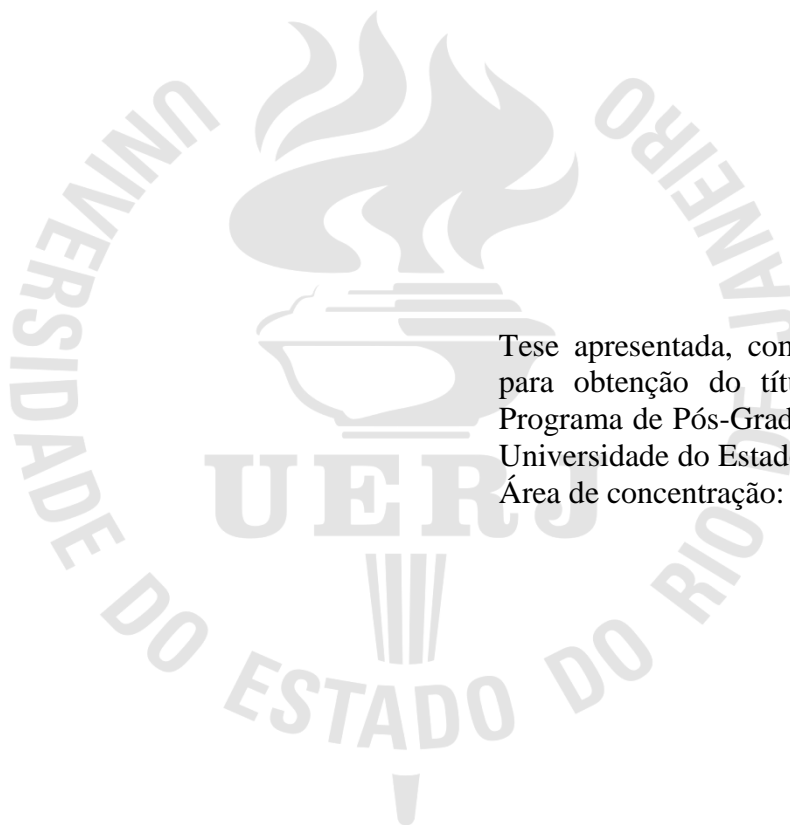
**Novos caminhos: o ensino de línguas para fins específicos no bacharelado
LEANI - Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais**

Rio de Janeiro

2021

Alessandra Cristina Bittencourt Alcântara

**Novos caminhos: o ensino de línguas para fins específicos no bacharelado LEANI -
Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais**



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Janaina da Silva Cardoso

Rio de Janeiro

2021

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

A347 Alcântara, Alessandra Cristina Bittencourt.
Novos caminhos: o ensino de línguas para fins específicos no
bacharelado LEANI - Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações
Internacionais / Alessandra Cristina Bittencourt Alcântara. – 2021.
357 f.: il.

Orientadora: Janaina da Silva Cardoso.
Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro,
Instituto de Letras.

1. Língua inglesa – Estudo e ensino - Teses. 2. Material didático –
Teses. 3. Língua inglesa – Estudo e ensino - Metodologia – Teses. 4. Centro
Federal de Educação Tecnológica do Rio de Janeiro – Teses. I. Cardoso,
Janaina da Silva. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de
Letras. III. Título.

CDU 802.0(07)

Bibliotecária: Mirna Lindenbaum. CRB7 4916

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese,
desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Alessandra Cristina Bittencourt Alcântara

**Novos caminhos: o ensino de línguas para fins específicos no bacharelado LEANI -
Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Aprovada em 29 de julho de 2021.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Janaina da Silva Cardoso (Orientadora)
Instituto de Letras - UERJ

Prof^a. Dra. Marcela Iochem Valente
Instituto de Letras - UERJ

Prof^a. Dra. Poliana Coeli Costa Arantes
Instituto de Letras - UERJ

Prof. Dr. Antonio Ferreira da Silva Júnior
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof^a. Dr. Inés Kayon de Miller
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2021

DEDICATÓRIA

Ao meu filho e sempre por ele!

À memória de minha mãe, Jovita Bittencourt. Por todo amor, incentivo e dedicação.

Ao querido amigo e irmão de coração, Ricardo Benevides (*in memoriam*) que me convenceu a estar aqui e me apoiou sempre.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, por ter saúde e por sempre colocar pessoas especiais no meu caminho.

Ao meu companheiro e incentivador, Carlos Travessa.

A minha família, mãe, padrasto e irmãos que sempre torcem por mim. As minhas tias Nádia e Sônia, pelo carinho com meu filho e pela disponibilidade em ajudar.

À minha orientadora, Janaina Cardoso, exemplo de força e resistência. Mulher dedicada, admirável e disposta a ajudar a todos na caminhada acadêmica. Você é uma pessoa muito especial nessa minha caminhada.

Aos alunos pesquisadores que bravamente buscam conhecimento. Pessoas inquietas e curiosas que fazem a profissão valer à pena, a cada dia. Tenho e terei sempre um enorme carinho por todos. Ao CEFET/RJ, pela liberação de carga horária, aos professores do bacharelado LEANI, aos alunos, aos alunos egressos e a profissional da área... muito obrigada! Sem vocês, a pesquisa não existiria.

Aos professores Antonio F. da Silva Jr, Inês Miller, Marcela Iochem, Poliana Arantes que aceitaram o convite para contribuir com suas leituras.

Aos professores e funcionários da UERJ, em especial, a Tania Shepherd pelos ensinamentos e afeto.

Ao grupo de orientação da Janaína: Ana Beatriz, Luciana, Cláudio, Tessi, Layse, Elza, Raquel, Daniele, Gláucia e todos os que me acompanharam pelos momentos compartilhados.

Ao querido amigo e parceiro Paulo que compartilhou comigo as aventuras de um doutorado. Obrigada pelas trocas, pelas conversas, pela amizade. Sucesso sempre, amigo!

A todos os meus amigos pela torcida e carinho, em especial, Adriana, Antonio, Carla, Leandro, Kátia, Mônica, Rita.

A toda uma rede de apoio, as queridas Mônica e Flávia por estarem com meu filho nos momentos em que precisei e a Simone, Bruna, Humberto, Diana, Flora e ao grupo mulheres criativas que me ajudaram com cuidados especiais. Gratidão!

Por vezes sentimos que aquilo que fazemos não é senão uma gota no mar.

Mas o mar seria menor se lhe faltasse uma gota.

Madre Teresa de Calcuta

RESUMO

ALCÂNTARA, Alessandra Cristina Bittencourt. *Novos caminhos: o ensino de línguas para fins específicos no bacharelado LEANI - Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais*. 2021. 357 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

A partir do processo de análise de necessidades, fundamental aos conceitos de Línguas para Fins Específicos, LinFE, (HUTCHINSON; WATERS 1987; DUDLEY-EVANS E ST. JOHN 1998; CELANI 2005, 2009; RAMOS 2004, 2005, 2017; PALTRIDGE 2015) esta pesquisa tem como proposta desenvolver um projeto de ensino de língua inglesa no bacharelado de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais (LEANI) no Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ). Acredita-se não haver como apresentar uma abordagem de línguas para fins específicos sem investigação e reflexão acerca dos materiais didáticos (CELANI 2002; RAMOS, 2004, 2005; TOMLINSON 2011). Além da abordagem de LinFE, os modelos pedagógicos das metodologias ativas (MORAN 2015; CAMARGO E DAROS 2018) dão suporte a este trabalho que, de modo geral, visam trabalhar a autonomia do aluno. Por ser um curso diversificado, com cinco núcleos centrais, o bacharelado LEANI em seu projeto pedagógico sugere uma formação inter e multidisciplinar, por isso demanda uma abordagem que não valorize apenas a área de negócios. Dessa forma, o objetivo da pesquisa é desenvolver uma proposta pedagógica para o ensino de língua inglesa no curso LEANI, a partir do levantamento das necessidades dos alunos e do curso, baseada: i) nos pressupostos do ensino de línguas para fins específicos, e ii) na busca da autonomia, tendo o aluno como centro do processo de ensino-aprendizagem, a fim de capacitá-lo para diferentes contextos. Do ponto de vista metodológico, esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, que se insere na pesquisa-ação. A pesquisa apresenta quatro fases: análise do material didático do curso, planejamento da oficina, a oficina LEANI in Action e reflexão. A coleta de dados foi realizada por meio de questionários para alunos pesquisadores e para os alunos participantes da oficina, entrevistas para professores do curso, egressos e uma profissional pública e diário de pesquisa para os pesquisadores. Para a análise dos resultados, adota-se o modelo teórico-metodológico de Bortoni-Ricardo (2008), da análise por asserções. Os resultados sugerem que a proposta pedagógica de ensino de língua inglesa da oficina atende melhor às necessidades do bacharelado LEANI por estar fundamentada na abordagem de LinFE, levando em conta as necessidades dos alunos e do curso com base na construção do conhecimento e da colaboração em busca pela autonomia.

Palavras-chave: LinFE. Material didático. Metodologias ativas. LEANI.

ABSTRACT

ALCÂNTARA, Alessandra Cristina Bittencourt. *New paths: teaching language for specific purposes in LEANI bachelor's degree*. 2021. 357 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

Starting from the process of needs analysis, fundamental to the concepts of Languages for Specific Purposes, LSP, (HUTCHINSON AND WATERS, 1987; DUDLEY-EVANS AND ST. JOHN, 1998; CELANI, 2005, 2009; RAMOS 2004, 2005, 2017; PALTRIDGE 2015) this research aims to develop an English language teaching project in the bachelor of Foreign Languages Applied to International Negotiations (LEANI) at the Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ). We believe that it is not possible to present an approach to languages for specific purposes without research and reflection on teaching materials (CELANI 2002; RAMOS, 2004, 2005; TOMLINSON 2011). In addition to the LSP approach, the pedagogical models of active methodologies (MORAN 2015; CAMARGO AND DAROS 2018) support this work, which, in general, aims to develop the student's autonomy. As the bachelor's degree in LEANI is a diverse course, composed by five learning cores, its pedagogical project suggests an inter and multidisciplinary training, thus it requires an approach that does not value only the business area. Therefore, the general aim of the research is to develop a pedagogical proposal for the teaching of English language at LEANI course from the data collection of the needs of students and the course, based on: i) the assumptions of LinFE teaching, and ii) the search for autonomy, with the student as the center of the teaching and learning process in order to enable them to different contexts. From the methodological point of view, this research adopts a qualitative approach, which is part of action research. The research presents four stages: analysis of the teaching material of the course, workshop planning, LEANI in Action workshop, and reflection. Data were collected through questionnaires for research students and for students participating in the workshop; interviews with professors, graduates and a professional of a public institution; and through the research journals of the team involved in the research. For the analysis of the results, the theoretical-methodological model of Bortoni-Ricardo (2008) – analysis by assertions – was adopted. The results suggest that the pedagogical proposal on English language teaching applied in the workshop better meets the needs of the LEANI bachelor's degree because it is based on the approach of LSP, taking into account the needs of the students and the course, based on the construction of knowledge and collaboration in the search for autonomy.

Keywords: LSP. Teaching material. Active methodologies. LEANI.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Análise de Materiais	57
Figura 2 –	Aprendizagem Baseada em Problemas	78
Figura 3 –	Fases da Pesquisa	91

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Avaliação de Materiais Didáticos	58
Quadro 2 -	Grade Curricular do Bacharelado LEANI.	97
Quadro 3 -	Núcleos do Bacharelado LEANI e Respectivas Disciplinas	99
Quadro 4 -	Participantes da Pesquisa.....	105
Quadro 5 -	Roteiro de Entrevistas com os Professores de Inglês	114
Quadro 6 -	Roteiro de Entrevistas com os Professores dos Núcleos Diversos....	117
Quadro 7 -	Roteiro de Entrevistas com as Professoras do Núcleo de Línguas Estrangeiras	119
Quadro 8 -	Roteiro de Entrevistas com Funcionária Pública	121
Quadro 9 -	Roteiro de Entrevistas com Alunos Egressos.....	123
Quadro 10-	Aula 1 – <i>Day 1</i> : Analisando o Terreno.....	133
Quadro 11-	Aula 2 – <i>Day 2</i> : Reformulando o Trajeto.....	137
Quadro 12-	Aula 3 – <i>Day 3</i> : A Caminho.....	140
Quadro 13-	Aula 4 – <i>Day 4</i> : Caminho das Pedras.....	143
Quadro 14-	Aula 5 – <i>Day 5</i> : Abrindo o Caminho.....	145
Quadro 15-	Análise de Necessidades – professores dos diversos núcleos.....	161
Quadro 16-	Análise de Necessidades - professoras de inglês.....	163
Quadro 17-	Análise de Necessidades - egressos e profissional da área.....	169
Quadro 18-	Necessidade de Aprendizagem – alunos.....	170
Quadro 19-	Necessidades da Situação-Alvo -alunos.....	171
Quadro 20-	Proposta de Ensino de Inglês.....	179
Quadro 21-	Proposta Atual.....	191
Quadro 22-	Questionamento sobre o Material Didático.....	192
Quadro 23-	Asserções.....	195

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABP	Aprendizagem Baseada em Projetos
ABProb	Aprendizagem Baseada em Problemas
ASCRI	Assessoria de Convênios e Relações Internacionais
BIE	Buck Institute for Education
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CARS	<i>Create a Research Space</i>
CBTecLE	Congresso Brasileiro de Línguas na Formação Técnica e Tecnológica
CEFET/RJ	Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca
Covid-19	<i>Corona Virus Disease</i> (Doença do Coronavírus)
DEPES	Departamento de Ensino Superior
EGP	<i>English for General Purposes</i>
ELFE	Ensino de Línguas para Fins Específicos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
EPG	Estrutura Potencial do Gênero
EPT	Educação Profissional e Tecnológica
ESP	<i>English for Specific Purposes</i>
FUNAG	Fundação Alexandre de Gusmão
IFE	Inglês para Fins Específicos
IpC	<i>Peer Instruction</i> – Instrução pelos Colegas
IRBr	Instituto Rio Branco

LC	Linguística de Corpus
LEA	Línguas Estrangeiras Aplicadas
LEANI	Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais
LinFE	Línguas para Fins Específicos
LSF	Linguística Sistêmico-Funcional
NDR	Nível de Desenvolvimento Real
ONGs	Organizações Não Governamentais
ONU	Organização das Nações Unidas
PBL	Project Based Learning
PUC-SP	Portifícia Universidade Católica de São Paulo
REA	Recurso Educacional Aberto
RFEPT	Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica
RI	Relações Internacionais
TDIC	Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação
TECLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TTC	Trabalho de Término de Curso
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UESC	Universidade Estadual de Santa Cruz
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFTPR	Universidade Tecnológica Federal do Paraná
UnB	Universidade de Brasília
ZDP	Zona de Desenvolvimento Proximal

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	17
1	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	23
1.1	LinFE	23
1.1.1	<u>Panorama histórico da abordagem de LinFE</u>	24
1.1.2	<u>Afinal, o que é LinFE?</u>	27
1.1.3	<u>Características</u>	29
1.1.4	<u>Análise de necessidades</u>	33
1.1.5	<u>O professor de LinFE</u>	36
1.1.5.1	As faces do professor de LinFE	36
1.1.5.2	A formação de professores de LinFE	39
1.1.6	<u>Gêneros textuais</u>	43
1.1.7	<u>Novos cenários e perspectivas</u>	49
1.2	Material didático	51
1.2.1	<u>Material didático de inglês para fins gerais</u>	51
1.2.2	<u>Material didático de LinFE</u>	55
1.2.2.1	Seleção de material didático de LinFE	55
1.2.2.2	Elaboração de material didático de LinFE	59
1.3	Metodologias ativas	67
1.3.1	<u>Principais teóricos</u>	68
1.3.1.1	Vygotsky	69
1.3.1.2	Paulo Freire	71
1.3.2	<u>Características das metodologias ativas</u>	73
1.3.3	<u>Tipos de metodologias ativas</u>	74

1.3.3.1	Sala de aula invertida	74
1.3.3.2	Estudo de caso	76
1.3.3.3	<i>Peer instruction</i> - Instrução por Colegas (IpC)	76
1.3.3.4	Aprendizagem baseada em problemas	78
1.3.3.5	Aprendizagem baseada em projetos	79
1.3.4	<u>Metodologias ativas e projetos</u>	84
2	METODOLOGIA DE PESQUISA	86
2.1	O perfil metodológico	86
2.1.1	<u>A pesquisa qualitativa</u>	87
2.1.2	<u>Pesquisa-ação</u>	89
2.2	O contexto de pesquisa	91
2.2.1	<u>O CEFET/RJ</u>	92
2.2.2	<u>O bacharelado LEANI</u>	93
2.2.2.1	O projeto pedagógico do curso.....	96
2.2.2.2	O material didático de inglês.....	100
2.3	Os participantes	102
2.4	Procedimento de coleta e organização dos dados.	105
2.4.1	<u>As técnicas de pesquisa</u>	106
2.4.1.1	Entrevista.....	106
2.4.1.2	Questionário	109
2.4.1.3	Diário de pesquisa.....	110
2.4.2	<u>As fases da pesquisa</u>	112
2.4.2.1	Fase de análise de material didático.....	112
2.4.2.2	Fase de planejamento.....	113

2.4.2.3	Fase: Oficina LEANI <i>in Action</i> : Novos Caminhos.....	126
2.4.2.4	Fase de reflexão	126
3	A OFICINA LEANI IN ACTIONS: AS AULAS	128
3.1	Aula 1 – Day 1: Analisando o Terreno	132
3.2	Aula 2 – Day 2: Reformulando o Trajeto	136
3.3	Aula 3 – Day 3: A Caminho	140
3.4	Aula 4 – Day 4: Caminho das Pedras	142
3.5	Aula 5 – Day 5: Abrindo Caminho	144
3.6	Aulas 6 e 7 – Day 6, Day 7: Caminho mais adequado	145
4	ANÁLISE DOS DADOS	148
4.1	Análise de material didático	149
4.2	As asserções	152
4.2.1	<u>Asserção 1: As necessidades dos alunos e do curso no que se refere ao ensino de língua inglesa são variadas</u>	153
4.2.2	<u>Asserção 2: Os participantes desta pesquisa, podem auxiliar com sugestões, de suas respectivas áreas e experiências</u>	173
4.2.3	<u>Asserção 3: As metodologias ativas auxiliam na criação de contextos autênticos (ou próximos a eles) de aprendizagem</u>	178
4.2.4	<u>Asserção 4: Alunos e professores acreditam que a proposta de ensino de língua inglesa do curso LEANI atende parcialmente as necessidades de aprendizagem</u>	181
4.2.5	<u>Asserção principal: A proposta pedagógica desenvolvida será baseada na produção, na construção do conhecimento a partir da colaboração, na busca pela autonomia, tendo o aluno como centro da aprendizagem, em diálogo com a abordagem de LinFE</u>	193
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	196
	REFERÊNCIAS	203

APÊNDICE A - Roteiro de entrevista professoras de inglês	211
APÊNDICE B - Roteiro de entrevista professores de núcleos diversos	212
APÊNDICE C - Roteiro de entrevista professoras de francês e espanhol	213
APÊNDICE D - Roteiro da entrevista funcionária pública	214
APÊNDICE E - Roteiro da entrevista para alunos egressos	215
APÊNDICE F - Formulário de Inscrição na Oficina.....	216
APÊNDICE G – Exercícios da Oficina (amostra).....	218
APÊNDICE H - Formulário de Avaliação da Oficina.....	220
APÊNDICE I - TCLE Aluno Egresso	221
APÊNDICE J - TCLE Professores	222
APÊNDICE K - TCLE funcionária pública.....	223
APÊNDICE L - TCLE alunos grupo de extensão e monitora.....	225
APÊNDICE M - Termo de autorização para desenvolvimento da pesquisa.	226
APÊNDICE N - Transcrição da entrevista – P1	227
APÊNDICE O - Transcrição da entrevista – P2	235
APÊNDICE P - Transcrição da entrevista – P3	246
APÊNDICE Q - Transcrição da entrevista – P4	256
APÊNDICE R - Transcrição da entrevista – P5	270
APÊNDICE S - Transcrição da entrevista – P6	278
APÊNDICE T - Transcrição da entrevista – PI1	288
APÊNDICE U - Transcrição da entrevista – PI2	299
APÊNDICE V - Transcrição da entrevista – PI3	305
APÊNDICE W - Transcrição da entrevista – PF	316
APÊNDICE X - Transcrição da entrevista – E1	324

APÊNDICE Y - Transcrição da entrevista – E2	328
APÊNDICE Z - Transcrição da entrevista – E3	334
APÊNDICE AA - Transcrição da entrevista – E4	338
APÊNDICE BB - Transcrição da entrevista – FP	341
APÊNDICE CC - Transcrição da entrevista – PE	354

INTRODUÇÃO

O ensino de línguas é um tema bastante discutido em congressos, em publicações, em pesquisas de um modo geral. Entretanto, a abordagem do ensino de Línguas para Fins Específicos (LinFE) em um curso de graduação é ainda pouco explorada, em se tratando de uma proposta inovadora, o assunto torna-se ainda mais restrito.

Um dos espaços onde esse assunto impera é o bacharelado LEANI, Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais, do CEFET/RJ, Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca¹. Com a missão formar um profissional dialógico, que se diferencia daquele de formação tradicional em línguas, o LEANI tem perfil multidisciplinar e prepara o aluno para atuar em diferentes contextos do mundo contemporâneo, incluindo o conhecimento de diferentes culturas e questões organizacionais. Os núcleos centrais deste curso consistem em: Línguas Estrangeiras; Linguagem, Cultura e Sociedade; Negociações Internacionais; Turismo e Eventos; e Administração, Economia e Direito. Tais núcleos delimitam as áreas de atuação profissional, que são muito abrangentes e permitem ao futuro profissional a escolha entre uma extensa gama de oportunidades no mercado de trabalho.

No decorrer da graduação, total de oito semestres, o aluno tem a oportunidade de aprimorar seus conhecimentos, sua vivência cultural e sua competência comunicativa em sua língua materna e em mais três línguas adicionais²: inglês, espanhol e francês. O curso possui processo seletivo para ingresso anual e há a opção de eleger matérias não obrigatórias em outras diferentes línguas, como italiano, alemão e libras. Dessa forma, espera-se que o aluno desenvolva não somente o conhecimento das três línguas adicionais, mas também de suas respectivas culturas, de políticas linguísticas e de saberes do mundo corporativo (OLIVEIRA, SILVA JÚNIOR, ALCÂNTARA, 2017).

Esse contexto de um curso plural e diversificado foi o estímulo para iniciar as primeiras questões do processo de investigação deste estudo com a finalidade de atender às necessidades dos alunos e do curso no que se refere ao ensino da língua inglesa.

¹ O nome da instituição é citado por se tratar da única a ofertar o bacharelado LEANI no estado do Rio de Janeiro. Além disso, ao tratar do contexto de pesquisa mais à frente, serão abordadas a história do curso e sua implementação em uma instituição tecnológica com tradição nos cursos de engenharia.

² “O uso do termo “adicional” traz vantagens porque não há necessidade de se discriminar o contexto geográfico [...] ou mesmo as características individuais do aluno (segunda ou terceira língua). Nem mesmo os objetivos para os quais o aluno estuda a língua precisam considerados nessa instância” (LEFFA, 2014).

A minha trajetória no Departamento de Ensino Superior (DEPES) do CEFET-RJ iniciou-se no segundo semestre de 2014, quando solicitei transferência de campus, de Itaguaí para o Maracanã. Embora atuando como professora de inglês para fins específicos no CEFET/RJ desde 2010, e anteriormente na Fundação de Apoio às Escolas Técnicas (FAETEC), de 2003 a 2010, deparei-me, principalmente, com a dificuldade de selecionar material didático para o bacharelado LEANI. Inicialmente, por não conhecer o curso e, logo depois, por perceber que o material utilizado nas aulas não supria as necessidades de aprendizagem e da situação-alvo, na qual o aluno iria se inserir no futuro, no mercado de trabalho.

Ressalto que o curso LEANI do CEFET-RJ foi implementado no primeiro semestre de 2014 e seu projeto pedagógico foi discutido com professores do campus Maracanã. Nesse projeto, os professores optaram por trabalhar com a abordagem de LinFE e com o ensino das três línguas adicionais de forma semelhante, sugerindo a adoção de livros importados. Atualmente, o material utilizado nas aulas de língua inglesa é um livro de negócios que tem como objetivo ensinar habilidades comunicativas para a área.

Fato é que o ensino de línguas no LEANI estava mais próximo das abordagens trabalhadas em cursos livres, com o material didático ditando desde o conteúdo até a metodologia, e distante do trabalho feito em cursos de graduação que, de modo geral, visa atender às necessidades dos alunos e do curso, buscando desenvolver autonomia e senso crítico. Além dessa minha percepção, pude notar também a insatisfação de alunos em sala de aula com o material didático voltado para negócios. Por propor uma formação inter e multidisciplinar, o bacharelado LEANI demanda uma abordagem que não valorize apenas a área de negócios, mas também flexibilize os tópicos tratados por todos os núcleos do curso. Não há, contudo, registro de livros ou apostilas em inglês para uma área tão diversificada como essa.

A partir das questões observadas, resolvi pesquisar e desenvolver uma proposta de ensino de língua inglesa que incorpore as contribuições de alunos, dos egressos, de professores da instituição e de uma profissional atuante em áreas do curso. A principal motivação para o desenvolvimento desta tese é atender às necessidades dos alunos e do curso LEANI no âmbito de ensino-aprendizagem de língua inglesa, para que a formação esteja mais próxima da proposta do curso. O desejo é que os alunos deste curso possam se apropriar da língua com autonomia e criticidade, e sejam capazes agir socialmente em diversos contextos, como, negócios, ONGs (Organizações não Governamentais), tradução, organização de

eventos, revisão de textos, mediação de conflitos, entre outros (OLIVEIRA, SILVA JÚNIOR, ALCÂNTARA, 2017).

O objetivo da pesquisa é desenvolver uma proposta pedagógica para o ensino de língua inglesa no curso LEANI, a partir do levantamento das necessidades dos alunos e do curso, baseada: i) nos pressupostos do ensino de línguas para fins específicos, e ii) na busca da autonomia, tendo o aluno como centro do processo de ensino-aprendizagem, a fim de capacitá-lo para diferentes contextos. Tal objetivo desdobra-se nos objetivos específicos descritos a seguir.

- Analisar a proposta de ensino de língua inglesa atual do bacharelado LEANI.
- Identificar as necessidades dos alunos e do curso LEANI.
- Investigar como os professores dos diversos núcleos do curso LEANI podem contribuir com o desenho de uma proposta de ensino de língua inglesa do curso.
- Avaliar como as metodologias ativas, com base no desenvolvimento da autonomia e na construção do conhecimento, podem auxiliar nas atividades de língua inglesa do bacharelado LEANI, levando em consideração os pressupostos de LinFE.
- Levantar quais gêneros textuais são importantes no desenho de uma nova proposta de ensino de língua inglesa no curso LEANI.

Como já fora mencionado, o LEANI possui cinco núcleos diferentes de conhecimento, por isso, a seleção e/ou elaboração de material didático deve partir de questões abordadas em todas as áreas que permeiam o curso, tendo como base a abordagem de LinFE (CELANI 2005, 2009; RAMOS 2004, 2005, 2017; PALTRIDGE, 2015) a partir do processo de análise de necessidades (HUTCHINSON; WATERS 1987; DUDLEY-EVANS E ST. JOHN, 1998; RAMOS 2004; VIAN JR, 2008; ONODERA, 2010; PALTRIDGE, 2015). Pretendo, portanto, apresentar uma proposta pedagógica baseada nos pressupostos de LinFE, no processo de análise de necessidades do público-alvo e nas metodologias ativas (MORAN 2015; CAMARGO E DAROS 2018), com a contribuição de alunos e professores do curso.

A partir daí, lançam-se os seguintes questionamentos:

- Por que a atual proposta pedagógica de ensino e aprendizagem de língua inglesa não atende às necessidades do bacharelado LEANI?

- Qual a proposta pedagógica que melhor atende às necessidades do bacharelado LEANI?

Tais questões guiarão o desenvolvimento da pesquisa. Acredito, contudo, que outras indagações podem surgir no decorrer processo investigativo.

Para responder às perguntas de pesquisa e atingir os objetivos propostos, este trabalho organiza-se da seguinte maneira. O capítulo 1, Fundamentação Teórica, traz uma Revisão de Literatura, primeiramente, a partir dos conceitos de LinFE (HUTCHINSON; WATERS, 1987; DUDLEY-EVANS E ST. JOHN, 1998; CELANI, 2005, 2009; RAMOS, 2005; PALTRIDGE, 2015), suas características, e as questões relativas à análise de necessidades do curso e dos alunos, tais como, o trabalho do professor, a seleção e elaboração de material didático, o desenvolvimento do trabalho com gêneros e ainda os cenários mais recentes.

Evidenciamos, portanto, que alunos se tornam parte principal do processo em vez de membros periféricos. Os professores devem ter acesso às suas comunidades imaginárias (PALTRIDGE, 2016), ou seja, à visão que esses alunos têm sobre o ideal de aprendizagem de uma língua adicional, tornando o processo de ensino-aprendizagem mais próximo da realidade desejada por eles.

Visto que a principal premissa da referida abordagem é a análise de necessidades, é importante não apenas que o professor faça o levantamento da real necessidade dos alunos para atuarem na situação-alvo, mas também que os alunos estejam cientes de quais são as necessidades deles. Como afirma Onodera (2010), não há como pensar em LinFE sem fazer o levantamento de necessidades, as quais podem ser entendidas, como aquilo que o aluno objetivamente precisa aprender na língua-alvo para que possa empregá-la em situações futuras (VILAÇA, 2010). As necessidades podem ser identificadas e delimitadas por meio de habilidades linguísticas, competências, funções comunicativas, tópicos lexicais, entre outros fatores. Além disso, também podem ser subdivididas em necessidades, carências e desejos.

Para tanto, faz-se necessário selecionar uma abordagem de línguas que considere investigação e reflexão acerca do papel do professor e dos materiais didáticos utilizados. Uma vez levantadas as necessidades de aprendizagem, o professor deve desenhar o curso e decidir sobre qual material será utilizado. Para Tomlinson (2011), o material didático pode ser definido como qualquer coisa que possa ser utilizada para facilitar o aprendizado de uma língua, incluindo livros didáticos, vídeos, livros paradidáticos, pôster, jogos, sites da internet, interações via celular, entre outros meios. Celani (2002) adverte que é preciso conscientização sobre a inadequação de materiais padronizados, principalmente na produção de materiais

preparados para fins específicos. Propõe pensar o material didático com uma visão ampliada e sugere complementar e/ou elaborar material específico para atender ao contexto singular que esta comunidade linguística demanda.

Ainda no capítulo 1, são apresentadas algumas teorias de gênero textual que foram aplicadas ao ensino de LinFE, como o modelo de Swales (1981, 1990, 2000) com artigos acadêmicos conhecido como CARS (do inglês *Create a research space* - “Crie um espaço de pesquisa”), a escola de Sydney que define o gênero a partir de interações sociais, da análise do contexto situacional e cultural, Hasan (1989) com a Estrutura Potencial do Gênero (EPG) e Martin (1992), cuja teoria parte dos conceitos de Halliday de contexto de situação e de registro, e as metafunções.

Em virtude das concepções adotadas neste estudo, são destacadas: a teoria de Bakhtin (2003, 2006); e a perspectiva de análise de sistema de atividade (composto pelos conjuntos de gêneros que constituem, por sua vez, o sistema de gêneros) da cadeia proposta por Bazerman (2005). Ainda nesse viés, destaca-se a proposta pedagógica de Ramos (2004) e seu modelo de trabalho de LinFE com gêneros. Apresentamos ainda os cenários mais atuais dos trabalhos na área de LinFE.

Visitamos os conceitos de material didático (TOMLINSON, 2004; 2011), abordando questões mais amplas de inglês para fins gerais (LEFFA, 2003; ALMEIDA FILHO, 2015) que, de certa forma, influenciam o material de fins específicos (HUTCHINSON; WATERS, 1987; DUDLEY-EVANS E ST JOHN, 1998; RAMOS, 2004; LIMA-LOPES e RAMOS, 2004), e tópicos relacionados ao material de LinFE, sua seleção e elaboração.

Outra teoria de suporte deste trabalho tem como base as metodologias ativas (BACICHI e MORAN, 2018; MORAN, 2015; CAMARGO e DAROS, 2018), que visam, entre outras questões, trabalhar a autonomia do aluno. Segundo Moran (2015), os alunos precisam de se envolver em atividades complexas a fim de que possam tomar decisões e avaliar resultados a partir de materiais relevantes. O autor afirma que a melhor forma de aprender é combinando, de maneira equilibrada, atividades, desafios e informações contextualizadas. De acordo com Castro (2019), as metodologias ativas têm o objetivo de estimular a autoaprendizagem e a curiosidade do estudante para pesquisar, refletir e analisar possíveis situações a fim de tomar decisões de maneira a chegar à solução de um problema de maneira autônoma. A autora afirma que o aluno é o centro das ações educativas – assim como na abordagem de LinFE – e o professor é orientador e facilitador do processo ensino-aprendizagem. O conhecimento é construído colaborativamente a partir de ações educativas. Ainda nesta perspectiva, ao longo do capítulo, serão apresentadas: as características das metodologias ativas; os principais teóricos,

dentre eles, Vygotsky (1998) e Paulo Freire (1996) com o desenvolvimento de uma pedagogia autônoma e crítica; e os tipos de metodologias ativas (CAMARGO e DAROS, 2018), como sala de aula invertida, estudo de caso, aprendizagem por pares (*peer instruction*), aprendizagem baseada em problemas e aprendizagem baseada em projetos.

No capítulo 2, Metodologia, trataremos do perfil metodológico, do contexto da pesquisa e dos procedimentos de coleta e organização dos dados, da apresentação de suas características e da definição do contexto no qual esta pesquisa se insere. Para cumprir os objetivos, os caminhos metodológicos desta pesquisa qualitativa, optei pela pesquisa-ação (THIOLLENT, 2009). Os dados foram gerados a partir das seguintes técnicas: questionário, diário de campo e entrevista. A pesquisa desenvolveu-se no CEFET-RJ, campus Maracanã, no curso de graduação LEANI, Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais, em uma oficina de inglês para negociação, “LEANI in Action: Novos Caminhos” com atividades remotas. A pesquisa apresentou quatro fases: fase de análise de material didático, a fase de planejamento, a fase da oficina LEANI in Action e a fase de reflexão e contou com a participação de alunos, alunos egressos e professores do curso e uma profissional atuante em áreas do curso.

No capítulo 3, apresentamos uma descrição das aulas da oficina que elaboramos a partir do levantamento das necessidades feita com os participantes desta pesquisa através das técnicas mencionadas.

O capítulo 4 é dedicado à Análise e Discussão dos Dados. Analisamos o livro didático de língua inglesa voltado para negócios a partir dos critérios de Ramos, (2003) e nos pautamos nas acepções teórico-metodológicas de Bortoni-Ricardo (2008) sobre asserções nos quais os objetivos da pesquisa são retomados. Dessa forma, o termo “asserção” será utilizado em vez de “hipótese”, por considerar este último inadequado à natureza qualitativa. A análise será feita, portanto, por meio de assertivas a partir dos objetivos desse trabalho.

Nas considerações Finais, apresentamos uma reflexão sobre a pesquisa e abordamos suas limitações e contribuições.

Ressaltamos que a pesquisa foi construída por mim e um grupo de alunos pesquisadores. Todos eles são ou foram alunos do curso LEANI e auxiliam em projetos de língua inglesa. Dessa forma, escrevo o texto na primeira pessoa do plural. Outro ponto a ser destacado na tese é o diálogo entre teoria e prática ao longo do texto.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O objetivo deste capítulo é apresentar a visão da literatura acerca dos pilares que sustentam a pesquisa em questão: LinFE (HUTCHINSON; WATERS, 1987; DUDLEY-EVANS E ST. JOHN, 1998; CELANI 2005, 2009; RAMOS, 2005; PALTRIDGE, 2015), material didático (LEFFA, 2003; ALMEIDA FILHO, 2015; HUTCHINSON; WATERS, 1987; DUDLEY-EVANS E ST JOHN, 1998; RAMOS, 2004; LIMA-LOPES e RAMOS, 2004) e metodologias ativas (BACICHI e MORAN, 2018; MORAN, 2015; CAMARGO e DAROS, 2018). Para tanto, começamos o capítulo tratando de LinFE. Apresentamos o panorama histórico da abordagem, em seguida a sua definição, suas características, a análise de necessidades, questões relacionadas às funções do professor e sua formação, tratamos ainda de gêneros textuais e, por último, dos novos cenários. Em seguida, abordamos o material didático através das seguintes subcapítulos: material didático para fins gerais, material didático de LinFE, subdividido em seleção de material didático de LinFE e elaboração de material didático de LinFE. Por fim, tratamos das teorias que fundamentam as metodologias ativas: metodologias ativas e seus principais teóricos – Vygotsky (1998) e Paulo Freire (1996) são os destaques do trabalho –, as características das metodologias ativas, os principais tipos de metodologias ativas e as metodologias ativas e projetos.

1.1 LinFE

Antes de iniciar as discussões acerca do assunto, ressaltamos que a sigla LinFE, línguas para fins específicos, é comumente conhecida no Brasil como língua (inglês) instrumental. Na verdade, Ramos (2012)³ sugere a mudança na terminologia, de língua instrumental para LinFE, com o intuito de desmistificar a abordagem que ficou amplamente conhecida pelo ensino de leitura. Em vários trabalhos, a depender do autor e da época em que o texto foi escrito, outras siglas aparecem: *ESP*, *English for Specific Purposes*, no Brasil, e

³ LinFE é a sigla recomendada pela professora Doutora Rosinda de Castro Guerra Ramos na sua palestra de abertura do II Congresso Nacional de Línguas para Fins Específicos, realizado em São Paulo, em setembro de 2012; anteriormente, denominado XXIV Seminário Nacional de Inglês Instrumental e XII Seminário Nacional de Línguas Instrumentais (ROSSINI; BELMONTE; CARVALHO 2012).

ainda é um termo utilizado, sua correlação para a língua portuguesa seria IFE, Inglês para Fins Específicos. Um outro termo utilizado no Brasil, principalmente pelos estudos de pesquisa feitos na Universidade de Brasília, é ELFE, Ensino de Línguas para Fins Específicos citado, por exemplo, nos trabalhos de Guimarães (2014) e Brito (2016).

Nesta pesquisa, o termo LinFE foi escolhido por nós por se tratar de um trabalho que vai além da língua inglesa. Porém, em alguns momentos utilizamos a sigla IFE quando nos referimos a alguma citação ou algo muito específico do contexto da língua inglesa.

O ensino de línguas para fins específicos (LinFE) tem desenvolvido pesquisas na área da Linguística Aplicada com publicações, monografias, dissertações e teses (CELANI, 2005; 2009, RAMOS, 2005; 2009; 2017; PINTO, 2002; ALCÂNTARA, 2013, 2019; ROSSINI E BELMONTE, 2015; SILVA JÚNIOR, 2019; RIBEIRO, 2020; ONODERA, 2020; entre outros). Podemos também destacar novas iniciativas na área como o livro de Silva Jr (2019) que traz capítulos que dialogam entre os campos profissionais em que as línguas para fins específicos são requeridas e o seu percurso e o perfil no Instagram⁴ de Ribeiro (2021) onde ela produz conteúdo sobre a abordagem de LinFE, inspirada na sua tese defendida recentemente, em 2020, a fim de contribuir com formação de professores. Além disso, temos espaço para trabalhos na área de LinFE no Congresso Brasileiro de Línguas na Formação Técnica e Tecnológica, CBTecLE, que acontece a cada dois anos, sediado nas Faculdades de Tecnologia do Estado de São Paulo, FATECs. Ressaltamos, porém, que o último congresso de LinFE aconteceu em 2015 no CEFET/RJ, ou seja, estamos há seis anos sem qualquer encontro nacional da área. Assim como a revista *The ESPECIALIST* deixou de ser uma publicação exclusiva de trabalhos de fins específicos e passou a contemplar artigos sobre diferentes áreas da Linguística Aplicada.

1.1.1 Panorama histórico da abordagem LinFE

O uso de línguas estrangeiras para fins específicos tem uma longa história cujo início vem desde a época dos Impérios Grego e Romano (DUDLEY-EVANS E SAINT JOHN, 1991) e segundo Howatt (1984, p. 6-7), há registros de que os primeiros livros didáticos para o ensino de inglês destinavam-se às classes mercantilistas e seus textos baseavam-se no inglês para negócios da época. Assim, em 1415 (BLOOR, 1997, p. 1), antes do surgimento da

⁴ <https://www.instagram.com/>

imprensa, já circulavam entre os comerciantes cópias manuscritas de textos com diálogos que continham o vocabulário próprio dos mercadores de lã ou de produtos agrícolas.

Segundo Hutchinson e Waters, (1987, p. 6-7), no final da Segunda Guerra Mundial, verificou-se o surgimento de uma era de grande expansão científica, técnica e econômica. Tal expansão criou “um mundo unificado e dominado por duas forças - tecnológica e comercial - que em seu progresso contínuo geraram rapidamente uma demanda por uma língua internacional”. Por várias razões, a mais notável foi o poder econômico dos Estados Unidos no pós-guerra, o inglês assumiu essa função. Com o domínio norte-americano após a Segunda Guerra Mundial, o inglês tornou-se então a língua internacional do comércio e da tecnologia.

A abordagem de LinFE passou por cinco fases diferentes de desenvolvimento (HUTCHINSON; WATERS, 1987). A primeira, que data entre as décadas de 60 e 70 do século passado, chamada de fase de análise de registro, tinha como foco a identificação de características gramaticais e lexicais de textos de áreas diversas. A segunda fase, a análise do discurso ou análise retórica, enfatizava a forma como as sentenças eram usadas no discurso para a produção de significado, trabalhando os padrões textuais e os meios pelos quais eles eram construídos. Na terceira fase, as atenções voltam-se a identificação da situação-alvo, ou seja, a situação em que os aprendizes necessitam utilizar a língua. O centro do processo de aprendizagem passa a ser o aluno, ao contrário de um curso de inglês geral, em que o professor é quem dita “como” e “o que” ensinar (RAMOS, 2001). A quarta fase da abordagem surge nos anos 80 e se caracteriza pela tentativa de uma análise mais profunda, que vai além da superfície da língua, enfocando os processos cognitivos que permeiam o uso dela – a ênfase é dada às habilidades e estratégias de interpretação. E finalmente, a quinta fase de desenvolvimento é centrada no processo de aprendizagem e na identificação de como se dá esse processo.

No Brasil, o surgimento da abordagem de LinFE⁵ acontece na década de 70, quarta fase de da abordagem, a partir do “Projeto Nacional de Ensino de Inglês Instrumental” a partir da PUC-SP com a coordenação da professora Maria Antonieta Alba Celani. É relevante destacar que o projeto envolveu em torno de 20 universidades, além de escolas técnicas em todo o país durante algumas décadas. Para Ramos (2005), “essa abordagem não nasce de uma visão de linguagem e ensino-aprendizagem mais tradicional e sim de uma nova percepção de linguagem”.

⁵ Nesse surgimento, utilizava-se no Brasil o termo língua instrumental.

O desenvolvimento do “Projeto Nacional de Ensino de Inglês Instrumental” tratava dos novos trabalhos, dos avanços das pesquisas daquele momento. Porém, no final dos anos 70 ao ano de 2000, muitos trabalhos eram voltados para leitura, pois havia ainda muitas instituições que faziam essa relação. Na verdade, isso não era resultado do que estava acontecendo no projeto, mas indicou como se leva tempo para desenvolver conceitos e maneiras de olhar para propostas atuais (CELANI, 2008). De fato, ensinar inglês para fins específicos não é somente o ensino de leitura. Ressaltamos que, naquela época, na quarta fase de LinFE, a nomenclatura utilizada era de língua instrumental. Ainda é comum, a oferta de cursos de “inglês instrumental”, que são geralmente voltados para o desenvolvimento da habilidade leitora.

Um outro mito que sobrevive até hoje também se relaciona com o “Projeto Nacional de de Ensino de Inglês Instrumental” está associado à metodologia que naquele momento foi empregada, a adoção da língua materna para ensinar a habilidade de leitura. Além desses, mitos também foram criados, "IFE⁶ é o mesmo que Inglês Técnico"; "Gramática não é ensinada"; "O uso de dicionário não é permitido". (RAMOS, 2008, p. 74-75).

Após diversas questões, como as citadas acima de cristalização de mitos e crenças, foi recomendada por Ramos (2012) a adoção do termo Línguas para Fins Específicos, LinFE, como já foi mencionado. Esta abordagem pode ser caracterizada por buscar suprir as necessidades e lacunas apresentadas pelos aprendizes que os impedem de cumprir tarefas eficientemente na situação-alvo, tanto na área acadêmica quanto profissional além de ser centrada nos alunos (ROSSINI, A. M. Z. P.; BELMONTE, J.; CARVALHO, K. R. R., 2012, p.175).

Entender a história da abordagem, principalmente seu percurso no Brasil, é essencial para percebermos a associação tão forte e presente do “mito da leitura”. Muitas vezes, temos a impressão que ficamos no passado e, por isso, é necessário que as pesquisas em LinFE sejam divulgadas e ampliadas para que a abordagem possa se livrar das amarras e conceitos errôneos do passado.

Neste sentido, a tese que apresentamos contribui para quebrar os principais mitos ainda vigentes no contexto de LinFE. Esta pesquisa tem como objetivo desenvolver uma proposta de ensino de inglês baseada nas necessidades apontadas por alunos, professores do curso e profissionais da área. Tal levantamento visa auxiliar na elaboração das ementas e, conseqüentemente nos planejamentos das aulas e pode direcionar para um trabalho com

⁶ Inglês para Fins Específicos

qualquer habilidade ou, ainda, com o desenvolvimento de todas as habilidades ao mesmo tempo. Além disso, quebrando outro mito, as aulas da oficina são ministradas em língua inglesa e não na língua materna por entendermos que o público-alvo precisa desenvolver a habilidade oral e de compreensão auditiva. Os alunos podem usar dicionários e são incentivados a criar um glossário. A gramática é trabalhada de acordo com as necessidades apontadas pelo grupo a partir do trabalho com gêneros textuais. Podemos afirmar que a associação que a pesquisa faz entre LinFE, gêneros textuais e metodologias ativas é de grande contribuição para a quebra dos mitos de LinFE e, de forma geral, aproxima a sala de aula a contextos práticos relacionados ao bacharelado LEANI.

Passamos a seguir para definição da abordagem.

1.1.2 Afinal, o que é LinFE?

Os autores de fora do Brasil utilizam o termo *ESP*⁷, *English for Specific Purposes*, por causa do contexto em que pesquisam. Porém, tratamos aqui da abordagem de LinFE, que não é direcionado apenas para o ensino da língua inglesa. Entendemos que os estudos em LinFE são direcionados para qualquer língua, inclusive a língua portuguesa.

Antes de partirmos para tratar da definição de LinFE, é importante trazermos a tona o termo abordagem, utilizado nesta tese. Huntchinson e Waters (1987) afirmam que LinFE é uma abordagem, pois não é um produto, ou um tipo de língua, ou metodologia, ou um tipo de material didático. Abordagem é um termo utilizado de forma mais abrangente que engloba pressupostos teóricos acerca da língua e da aprendizagem. Segundo Almeida Filho (2005, p.17) abordagem é:

Um conjunto de disposições, conhecimentos, crenças, pressupostos e eventualmente princípios sobre o que é linguagem humana, língua estrangeira, e o que é aprender e ensinar uma língua alvo envolvendo também as concepções de homem ou pessoa humana, de sala de aula e dos papéis representados de professor e de aluno de uma nova língua (ALMEIDA FILHO, 2005, P. 17).

Podemos concluir, de acordo com Almeida Filho (2005), que todas as ações do professor em relação ao processo de ensino e aprendizagem refletem a sua abordagem, desde o desenho do curso até a própria execução das aulas. LinFE, segundo Huntchinson e Waters (1987), é uma abordagem de aprendizagem de língua baseada nas necessidades do aluno, ou

⁷ IFE, em português

seja, todas as questões como planejamento e material didático, são fundamentadas a partir delas. Ramos (2005) apresenta os princípios que definem a abordagem: aprendizagem centrada no aluno, levantamento de necessidades dos alunos como ponto de partida para o planejamento do curso, temas e conteúdos do curso relacionados às áreas de atuação do aprendiz.

Línguas para fins específicos é uma abordagem de ensino de línguas destinada a um público específico, que possui objetivos e necessidades específicas. Segundo Hutchinson e Waters (1987), Waters (1988), Anthony (1997), Gatehouse (2001), LinFE é uma abordagem de ensino de língua, em que todas as decisões, como conteúdo e método, são baseadas na razão do aluno para aprender. É direcionada por razões específicas e aparentes para a aprendizagem, ou seja, ela é centrada no aluno (RAMOS, 2005, p. 112). Tais objetivos e necessidades são definidos e alcançados através da situação-alvo em que se utilizará a língua. Outro aspecto adicionado por Ramos refere-se ao planejamento de curso. Este é desenhado para satisfazer as necessidades do aluno, portanto, aprender a língua significa aprendê-la para o desempenho de tarefas específicas em contextos específicos. Porém, para que isto ocorra, os objetivos têm que ser claramente definidos.

Hutchinson e Waters (1987) afirmam ainda que línguas para fins específicos é definido geralmente como uma abordagem que inicia o desenho do curso com o seguinte questionamento: Por que estes aprendizes necessitam aprender uma determinada língua adicional? Segundo Belcher (2009, p. 1) há um “compromisso com o objetivo de oferecer ensino de língua que seja direcionado aos próprios propósitos específicos dos alunos”, isso é o que distingue a abordagem de LinFE de outras abordagens para o ensino de uma língua. Esta seria, então, a principal premissa da referida abordagem, a análise de necessidades. É importante que o professor conheça a real necessidade dos alunos para atuarem na situação-alvo usando uma língua adicional. Fazer o levantamento entre o conhecimento que o aluno possui em determinada língua adicional e o que precisa adquirir, ou seja descobrir a lacuna que precisa ser preenchida é primordial em um trabalho com a abordagem de LinFE.

Para isso, torna-se crucial buscar definir o termo inglês para fins específicos.

Na denominação *English for Specific Purpose* a **palavra purpose, finalidade, parece ser o termo crucial, indicando que esse tipo de ensino se encontra nos objetivos que procuramos alcançar** (...) os diferentes fins para os quais o aluno necessita de inglês podem ser facilmente percebidos e definidos, possibilitando assim, uma visão das habilidades que serão necessárias à consecução daqueles fins. (CELANI, 1981, grifo dos autores)

A partir da definição de Celani (1981) e de todas as outras citadas, podemos afirmar que LinFE é uma abordagem de ensino de línguas que tem o aluno como centro do processo de ensino e aprendizagem a partir de suas necessidades. Entender as necessidades de aprendizagem é o primeiro passo para desenhar um curso e para que isso aconteça é essencial que façamos a análise de necessidades utilizando as ferramentas possíveis. Além desse processo, acreditamos no trabalho em parceria. A parceria com aluno é essencial para que juntos possamos ao longo ir adequando o que é ensinado, para que ele possa trazer e sugerir questões pertinentes ao seu contexto; ter consciência do trabalho que é desenvolvido faz do aluno autor, um ser ativo, no seu processo de aprendizagem.

1.1.3 Características⁸

As principais características da abordagem de LinFe, de acordo com Hutchinson e Waters (1987, p. 6), são: consciência do aprendiz do propósito para o qual ele aprende a língua e a satisfação das suas necessidades. Complementando tais características, Strevens (1988, p. 2) define quatro características absolutas: ser desenhado para ir ao encontro das necessidades do aprendiz; relacionar os temas e tópicos do seu conteúdo com atividades, disciplinas e profissões particulares; centrar-se na língua apropriada para essas atividades em termos de sintaxe, léxico, discurso, semântica etc.; estar em contraste com o inglês geral. Strevens ressalta, ainda, duas características variáveis: a abordagem de fins específicos pode relacionar-se a todas as habilidades indiscriminadamente; e pode ser ensinada de acordo com qualquer metodologia pré-ordenada, embora se acredite que a metodologia comunicativa seja a mais apropriada.

Portanto, Strevens caracteriza a abordagem de fins específicos pela necessidade do aluno em aprender conteúdos específicos relacionados ao seu estudo ou trabalho. Porém, para que este objetivo seja alcançado não é necessário que o programa de curso enfatize apenas as habilidades que deverão ser aprendidas ou ainda, utilize-se de uma metodologia pré-determinada. Hutchinson e Waters (1987, p. 18- 19) corroboram essa ideia afirmando que não há uma metodologia específica; o que há são metodologias aplicadas ao ensino de LinFE. É

⁸ Trechos atualizados da minha dissertação, *Análise do gênero portuário NOR sob a ótica da linguística* (2013).

importante ressaltar que o ensino de LinFE não deve ser visto como um produto, e sim uma abordagem em aprendizagem de língua, na qual as decisões sobre metodologia ou conteúdo devem ser fundamentadas nas necessidades e desejos do aprendiz.

Dudley-Evans e St John (1998, p. 4- 5) ressaltam duas características absolutas do ensino de línguas para fins específicos: ser desenhado para satisfazer as necessidades dos aprendizes, assim como Strevens relatou, e usar a metodologia e as atividades subjacentes à disciplina a que a língua para fins específicos serve. Estes autores ainda apontam quatro características variáveis: LinFE pode estar relacionado a disciplinas específicas de ensino; permite, em situações específicas de ensino, utilizar metodologia diferente do ensino de línguas para fins gerais; é desenhado para aprendizes adultos ou em cursos de graduação ou em situações de trabalho profissional e é usado com alunos principiantes, intermediários e/ou avançados.

Holmes (1981, p.8) também destaca algumas características importantes: as necessidades dos alunos são os fatores mais importantes no planejamento de um curso de fins específicos; o programa de curso deve facilitar a prática de estratégias que os alunos precisam desenvolver; o uso da visão de mundo, ou seja, o conhecimento prévio do aprendiz, da sua capacidade de raciocínio, dos seus conhecimentos linguísticos advindos da língua-mãe, de modo que ele se baseie no que já sabe, ponto de partida para a aprendizagem, e nas razões para aprender inglês.

Partindo do princípio de que a abordagem de fins específicos tem como objetivo atender às necessidades do aluno, vale mencionar a preocupação dos professores com a elaboração do curso: “elaborar um curso é uma questão de fazer perguntas gerais e específicas, teóricas e práticas para fornecer as bases lógicas para os processos subsequentes de elaboração de currículo, escrita de materiais, ensino e avaliação” (HUTCHINSON; WATERS, 1987, p. 21). Algumas dessas perguntas serão respondidas através de pesquisas; outras ficam por conta da experiência do professor ou até mesmo de sua intuição, de modo que os fatores que afetam a elaboração de um curso são a visão de linguagem (o quê?), a visão de aprendizagem (como?) e a análise de necessidades (quem? por quê? onde? quando?).

Sendo assim, os professores que trabalham com a abordagem de LinFE devem se preocupar em desenvolver cursos apropriados para seus alunos a fim de que possam “funcionar” adequadamente na situação-alvo, que é a situação em que os alunos utilizarão a língua que estão aprendendo. Segundo Ramos (2005), os temas e conteúdos escolhidos para o curso são relacionados às áreas de atuação do aluno (acadêmicas ou

profissionais). Ou seja, a língua utilizada terá que ser apropriada em termos de léxico, gramática, discurso e outros, a essa área de atuação. Isto implica dizer que a língua é vista como meio para um desempenho eficaz na situação-alvo.

Dessa forma, a elaboração de um curso de LinFE deve primeiramente identificar a situação-alvo, ou seja, a situação em que o aluno irá atuar. As características identificadas na situação-alvo formarão o programa do curso de LinFE. Este processo é conhecido como análise de necessidades. Ressalto que a análise de necessidades não é somente a análise da situação-alvo e a análise do que o aluno não sabe e precisa aprender, é necessário que o professor analise o que o aluno já sabe, quer dizer, é importante levar em consideração o conhecimento que o aluno possui em relação à língua e aos assuntos abordados. Segundo Dudley-Evans e St Johns (1998, p. 125), um dos aspectos da análise de necessidades é o preenchimento da lacuna entre o que o aluno sabe e o que ele precisa aprender. Hutchinson e Waters (1987, p. 56) corroboram essa ideia, afirmando que é importante que o professor identifique o que os alunos já sabem, para então decidir o que eles necessitam aprender.

Na abordagem de LinFE, pode-se identificar também a mudança de papel entre aluno e professor. O professor não é visto como única e principal fonte do saber. Ramos (2001) afirma que o professor passa a ser o orientador de tarefas. Em alguns cursos, os alunos podem ter mais conhecimento sobre o assunto do que o próprio professor. O aluno deve ser conduzido a agir de forma autônoma, contribuindo com o seu conhecimento e experiência para o desenvolvimento do curso. Portanto, o professor passa a mediar a relação ativa do aluno com o conteúdo através dos conhecimentos, da experiência e dos significados que os alunos levam para a sala de aula.

Hutchinson e Waters (1987, p. 16) propõem uma divisão da abordagem de fins específicos: o Inglês para Fins Acadêmicos, que tem como objetivo atender às necessidades dos alunos que necessitam da língua para estudos acadêmicos; a segunda divisão seria o Inglês para Fins Ocupacionais, que visa atender às necessidades de uso da língua em contextos de trabalho e pode ser subdividida em Inglês para Fins Vocacionais e Inglês Vocacional como língua adicional.

Dudley-Evans e St John (1998, p. 7) propõem uma subdivisão nas áreas anteriormente divididas por Hutchinson e Waters (1987, p. 16): no âmbito de Inglês para Fins Acadêmicos encontramos Inglês para Ciências e Tecnologia, Inglês para Fins Médicos, Inglês para Fins Jurídicos e Inglês para Finanças e Economia; na área de Inglês para Fins Ocupacionais, os autores a dividem em Inglês para Fins Profissionais, subdividida em Inglês para Fins Médicos e Inglês para Fins de Negócios, e Inglês para

Fins Vocacionais, subdividida em Inglês Vocacional e Inglês pré-vocacional. Pode-se perceber que algumas áreas como a Medicina, por exemplo, podem ser classificadas como acadêmica ou ainda como profissional. O que determina a área na qual elas se encontram é sua aplicação na prática. Ou seja, o curso de inglês pode preparar o aprendiz para utilizar a língua no contexto de estudo ou acadêmico, sendo classificado, dessa forma, como um curso de Inglês para Fins Acadêmicos. Porém, se o curso tem como objetivo o uso da língua para atuação em contexto profissional, sua classificação é de um curso de Inglês para Fins Ocupacionais.

Dentro da classificação mencionada acima, o curso de inglês para fins específicos do bacharelado LEANI pode ser classificado como um curso de Inglês para Fins Ocupacionais, onde os alunos são expostos a situações de trabalho profissional. Com a finalidade de atender às necessidades destes alunos, analisar a proposta de ensino da língua inglesa é fundamental para o curso, visto que os alunos devem ser expostos a mostras de língua real utilizada no contexto profissional.

Não podemos deixar de mencionar os cursos de LinFE que não estão na área acadêmica ou profissional. Há cursos variados desde ensino de línguas voltado para crianças até cursos de línguas para idosos⁹. Ressaltamos que o fato de identificarmos vários cursos com características da abordagem de LinFE, sejam eles das áreas profissionais, acadêmicas ou outros cursos específicos, não sabemos se os professores que estão a frente dos mesmos assumem a identidade LinFE, se reconhecem os cursos como de fins específicos.

As características de LinFE são importantes para este trabalho. Dentre as apresentadas, consideramos duas de suma importância: um desenho de curso que atenda às necessidades, pois é a partir deste esboço que as aulas são planejadas, o material é escolhido e/ou elaborado; e a consciência do aluno em relação às necessidades de aprendizagem e o seu propósito. Acreditamos que o aluno deve participar efetivamente do processo de aprendizagem, ele deve ser parceiro, também responsável por sua aprendizagem, nessa caminhada.

Apesar de termos apontado nesta seção a importância do processo de análise de necessidades. Tratamos a seguir, mais detalhadamente, da principal premissa de LinFE.

⁹ Como por exemplo, ocorre na UERJ - UNATI (Universidade da Terceira Idade)

1.1.4 Análise de necessidades

LinFE é uma abordagem de ensino na qual “todas as decisões sobre conteúdo e método são baseadas nas razões pelas quais o aluno precisa aprender” (HUTCHINSON; WATERS, 1987, p. 19). Para descobrir esses motivos, é essencial que se faça um levantamento das necessidades. Além disso, sabemos que o processo de análise de necessidades é determinante no desenho de um curso visto que ele estabelece todas as questões que envolvem esse desenho.

Para Alcântara, Oliveira e Oliveira (2019), a análise de necessidades é fundamental para estabelecer parâmetros no trabalho com Línguas para Fins Específicos (LinFE). Ramos (2004) aponta que é essencial fazer um levantamento e um estudo dos gêneros para que então o planejamento, o desenvolvimento de cursos e as unidades didáticas seja implementado.

A abordagem de LinFE é caracterizada por um ensino baseado em necessidades reais (ou previstas) de aprendizagem e duas palavras são elementos centrais para a compreensão desta modalidade: necessidade e especificidade (VILAÇA, 2010, p.5). O termo especificidade também é abordado por Arantes, Deusdará e Brenner (2016, 2018) nos trabalhos com refugiados, por se tratar de uma realidade muito particular, diferente do campo de um estrangeiro, que tem condição mais genérica. Acreditamos que o contexto do curso LEANI também seja bem diferente da realidade dos cursos de graduação de modo geral. Um curso com variados núcleos, com projeto inter e multidisciplinar, que visa preparar um profissional diferenciado.

Onodera (2016) ressalta que a análise de necessidades é o primeiro passo para pensarmos no desenho de um curso. Ademais, Vian Jr. (2008) apresenta um conceito em relação à diferença do ensino de línguas para fins específicos e gerais.

A análise de necessidades é o fator primordial que distingue o ensino instrumental do ensino de línguas para fins gerais. Isso não significa que nos cursos de línguas para fins gerais os alunos não possuam necessidades; o fato é que, nos cursos instrumentais, os aprendizes são, geralmente, conscientes de suas necessidades. (VIAN JR., 2008, p. 143)

Quando tratamos de análise de necessidades, não podemos deixar de apresentar a distinção que Hutchinson e Waters (1987) fazem entre as necessidades da situação-alvo (em inglês, *target needs*) e as necessidades de aprendizagem (em inglês, *learning needs*). As necessidades da situação-alvo condizem com o que o aprendiz precisa saber para atuar eficazmente em uma situação específica. Já as necessidades de aprendizagem representam a

maneira pela qual o aprendiz aprende os itens linguísticos, as habilidades e as estratégias que precisa usar (CARVALHO, 2012, p. 53-54). Além disso, a análise de necessidades traz três conceitos muito importantes que ajudam a conceber e embasar a atual pesquisa: necessidades, desejos e lacunas:

- Necessidades de aprendizagem (*needs*): o que o aprendiz deve saber para atuar na situação-alvo de forma eficiente. Possui as características: discursivas, linguísticas, funcionais e lexicais;
- Desejos (*wants*): o que o aprendiz quer ou acha que precisa aprender; e
- Lacunas (*lacks*): a distância entre o que o aprendiz já sabe e o que deve saber.

Tais conceitos trazem uma análise mais aprofundada de como e por que utilizar a abordagem de LinFE.

Hutchinson e Waters (1987, p. 55) retratam, como mencionamos, o desejo dos alunos como algo que deve ser levado em consideração no processo de análise de necessidades. Vale atentar que nem sempre o desejo dos alunos vai ao encontro as expectativas dos professores. Além disso, nem sempre haverá relação entre necessidades e desejos, já que as necessidades podem ser estabelecidas por professores de áreas técnicas, por profissionais atuantes no mercado de trabalho, por departamentos de empresas (VIAN JR, 2008).

Além disso, Paltridge (2015) sugere aos professores que aprendam sobre as “comunidades imaginárias” dos alunos atribuindo importância a quem eles querem se transformar a partir de uma língua adicional. Quando tratamos de comunidade imaginária, seja ela acadêmica ou profissional ou de qualquer outra natureza, estamos tratando das identidades imaginárias dos alunos, de cada um deles. O papel do professor é ajudar os alunos a atingir seus objetivos de aprendizagem, colocando-os realmente na frente e no centro da análise de necessidade. Os alunos tornam-se parte principal do processo, e não membros periféricos, de modo que possam fazer suas comunidades imaginárias mais próximas da realidade que desejam. É primordial ajudá-los a tornar-se quem eles almejam ser através da língua adicional. Dessa forma, podemos dizer que o ensino é de fato centrado no aluno.

Ter foco na identidade quando se fala em ensino e aprendizagem em línguas para fins específicos tem um importante papel a desempenhar, pois traz à tona questões de mudança social segundo Paltridge (2015). A análise da visão dos alunos sobre o seu ideal de segunda língua tem como objetivo ajudar aos alunos na construção de uma visão para quem eles querem ser através de uma língua adicional e como podem atingir ao objetivo (PALTRIDGE,

2015), como abordamos. Sabemos que levantar dados de cada aluno, do seu propósito e da sua comunidade imaginária não deve ser uma tarefa fácil. Para que o professor acesse as informações referentes às percepções dos alunos de suas identidades em desenvolvimento, Paltridge (2015) sugere que eles elaborem atividades como: autobiografia educacional/acadêmica, diário reflexivo sobre o uso da língua, relatórios baseados em entrevistas com colegas de classe sobre os objetivos de aprendizagem e, também, projetos de sondagem colaborativa. Os dados coletados podem fazer os professores refletirem acerca, não somente do que é oferecido em termos de conteúdo, mas também, da forma como é ofertado, ou seja, o grau no qual os professores apoiam a construção dos alunos em relação à visão que eles têm deles mesmos. O autor também enfatiza que os professores podem dar um melhor retorno aos alunos em relação ao trabalho deles quando sabem aonde cada aluno quer chegar, o que quer fazer e quem deseja tornar-se através da língua adicional.

Para analisar as necessidades, segundo Abdalla (2019), as ferramentas mais utilizadas para fazer o levantamento são as entrevistas e os questionários. Há outros meios de analisar as necessidades como, visitas e acompanhamento diário das atividades profissionais. Labella-Sanchez *et al.* (2019) relatam que o questionário tem como propósito de compreender para que e/ou em quais situações a língua adicional é utilizada no que tange o desempenho de atividades de forma geral. As autoras apontam a grande vantagem desse instrumento: traz respostas rápidas ao professor que, na maior parte das vezes, não tem muito tempo para adequar seu curso e material à realidade do contexto profissional dos alunos. Porém, a aplicação de questionários apresenta limitações quando o professor necessita de informações mais detalhadas, como por exemplo a identificação de gêneros textuais relacionados a um determinado contexto.

Além do questionário, Labella-Sanchez *et al.* (2019) sugerem, a partir do trabalho de Long (2005), a entrevista estruturada ou semiestruturada em complementação ou substituição aos questionários. As entrevistas semiestruturadas são apropriadas para que se possa compreender um contexto no qual o professor não consegue observar diretamente os participantes da pesquisa. Outra vantagem dessa ferramenta é que há possibilidade de inserção de perguntas, de esclarecimentos sobre algum ponto duvidoso, caso o professor ache necessário. As autoras ressaltam a importância de elaborar de um roteiro que compreenda bem o contexto profissional, identificar dos gêneros textuais que circulam nesse dado contexto, quais objetivos e ações podem ser realizados a partir dele (LABELLA-SANCHEZ *et al.*, p. 159, 2019).

Não podemos esquecer que a análise de necessidades é um processo e, por isso, pode possuir várias etapas. Como ressaltam Valente e Caldas (2021, no prelo) a análise de necessidades pode possuir algumas etapas anteriores ao desenvolvimento do curso, algumas durante o desenrolar do curso e outras após a conclusão. Na tese que apresentamos, em alguns momentos a oficina precisou ser reavaliada, replanejada de acordo com as necessidades que percebemos nas aulas, no contato com os alunos participantes.

A importância do processo de análise de necessidades no curso LEANI, ou em qualquer outro, relaciona-se a um desenho de um curso mais alinhado aos alunos, às suas necessidades, e à própria situação-alvo, como já mencionamos na subseção anterior.

Após abordar questões sobre a análise de necessidades, tratamos do professor de LinFE que é parte essencial nesse processo.

1.1.5 O professor de LinFE

Sabemos que o professor desempenha papel importante no processo de ensino e aprendizagem em qualquer contexto. Porém, na abordagem de línguas para fins específicos, o professor tem destaque em todo o processo, principalmente na pesquisa que se inicia com a análise de necessidades, no desenho do curso e na questão da oferta de um material didático que se relacione com essas necessidades. Portanto, abordaremos a seguir as funções do professor de LinFE e sua formação.

1.1.5.1 As faces do professor de LinFE

Quando falamos nas faces do professor de LinFE, estamos tratando das suas diferentes e múltiplas funções. Segundo Hutchinson e Waters (1987, p. 157), o papel do professor de língua para fins específicos assume muitas faces, pois ele atua também nas áreas de análise de necessidades, planejamento do curso, consultoria, produção ou adaptação de material e avaliação. Vian Jr (2015) afirma que o professor de fins específicos desempenha diversas tarefas e sua função não envolve apenas ministrar aulas. Por essa razão, Dudley-Evans e St John (1998, p. 13) utilizam o termo *practitioner*, ao qual podemos traduzir como profissional

de línguas. Os autores apresentam, ainda, vários papéis a serem desempenhados pelo profissional: professor, elaborador do curso e fornecedor de materiais, colaborador, pesquisador e avaliador.

Para Dudley-Evans e St John (1998), não há diferenças radicais entre a metodologia utilizada no ensino de inglês para fins gerais e no IFE. Existe, no entanto, uma diferença fundamental que afeta a metodologia: o professor da abordagem de fins específicos não está na posição de ser o principal conhecedor do conteúdo do material, como os demais. Alunos podem saber mais sobre o conteúdo especializado do que o professor. O professor deve, portanto, recorrer ao conhecimento do aluno para gerar uma comunicação genuína. Anthony (2003, p. 3) acrescenta a necessidade da colaboração dos alunos principalmente quando não há participação dos professores especializados, uma vez que estão mais familiarizados com o conteúdo especializado dos materiais do que o professor de da abordagem de fins específicos. Notamos, pois, uma mudança crucial nos papéis de professor e de aluno. Segundo Robinson (1991, p. 3), ambos se tornam colaboradores, ficando o aluno também responsável pelo seu próprio desenvolvimento. Na verdade, esse item deveria ser regra em qualquer contexto educacional, o professor como facilitador da aprendizagem.

Entretanto, para Hutchinson e Waters (1987, p. 163), o professor de LinFE tem de dominar conhecimento dos princípios fundamentais especializados e/ou técnicos. Ele não deve se tornar um professor da especialidade, ou seja, da área técnica do curso, por exemplo, mas deve possuir um conhecimento sólido dos desenvolvimentos teóricos e práticos de LinFE, para ser capaz de tomar decisões quando for necessário.

Dudley-Evans e St John (1998, p. 16) acreditam no trabalho do professor de LinFE a partir da colaboração com especialistas, os professores das áreas técnicas. Ramos (2005) acrescenta que o professor, além de colaborador, passou a ser também cooperador, já que há necessidade de compartilhar experiências e de negociar conhecimentos. O professor de LinFE deve negociar, portanto, com os professores especialistas, com os alunos e com o próprio material.

Dudley-Evans e St John (1998) reforçam a ideia de que os professores de LinFE devem ir além do primeiro estágio, o de análise de necessidades – análise da situação alvo, para observar o mais longe possível as situações nas quais os alunos usam habilidades identificadas e analisam determinados textos. Como parte desse processo, o professor deve pesquisar com o objetivo de entender o discurso de textos utilizados pelos alunos.

Dentre as funções do professor de LinFE, além do planejamento do curso, está o desenvolvimento de materiais. Para Dudley-Evans e St John (1998), é quase impossível lançar

mão de um livro específico sem a utilização de material suplementar e, às vezes, não há nem mesmo material publicado adequado para determinadas necessidades identificadas. No caso do bacharelado LEANI, percebemos que não há material publicado que atenda a um curso tão amplo, com várias áreas, voltado para alunos de um curso de graduação. Segundo Jolly e Bolitho (1998, p. 111), o material produzido pelo professor tem maior chance de sucesso se bem elaborado. Sendo assim, quanto mais distantes do contexto estão os autores dos materiais, maior a probabilidade de ser menos eficaz. Os professores entendem melhor a necessidade dos alunos e conhecem seus estilos de aprendizagem. A vantagem do professor produzir o próprio material está diretamente ligado ao processo de análise de necessidades, ao fato de conhecer os alunos e o contexto no qual eles estão inseridos.

Além das múltiplas faces do professor de LinFE já mencionadas, Dudley-Evans e St John (1998, p. 16) destacam que o profissional de LinFE está frequentemente envolvido em vários tipos de avaliação, incluindo a testagem de alunos e a avaliação de cursos e de materiais de ensino. Tais avaliações devem ser feitas durante, ao final e até mesmo depois do término do curso. Segundo os autores, o procedimento avaliativo deve acontecer por meio de discussão e análise contínua de necessidades, podendo, inclusive, ser usado para adaptar o currículo.

Acreditamos que os professores são, todos, pesquisadores. Pesquisamos desde tópicos mais simples que afetam a nossa sala de aula aos mais complexos. Quando tratamos das funções dos professores de LinFE, percebemos que essas faces são de todos os professores, ou pelo menos, deveriam ser. Funções como planejamento, elaboração do curso, seleção de material, avaliação fazem parte do cotidiano de um professor. Nossa única observação à respeito desses papéis é em relação à análise de necessidades que, muitas vezes em um âmbito mais geral, possa não acontecer. Muitas escolas apresentam os seus currículos que “devem” ser seguidos e, por isso, a análise de necessidades não faça parte do trabalho do professor. As lacunas acabam surgindo a partir do desenrolar das atividades, do andamento das aulas.

Após tratar das funções do professor de LinFE, discorreremos sobre a sua formação que está diretamente associada ao seu trabalho em sala de aula.

1.1.5.2 A formação de professores de LinFE

Elaborar um panorama sobre formação do docente de línguas, especialmente tendo como objetivo refletir sobre a área de IFE, não é algo simples. Segundo Stutz (2015), existe uma certa fragilidade sobre os aspectos relacionados a formação inicial de professores de inglês.

Magalhães (2002) ressalta a ineficácia do aporte teórico e de sua transposição para a prática. As pesquisas em formação contínua/continuada de professores vêm, crescentemente, discutindo como a formação pré-serviço do professor e não o prepara para a diversidade e a complexidade dos contextos em que atuará como profissional. Assim, o trabalho com línguas para fins específicos e a respectiva produção de material didático é um dos assuntos pouco ou nunca abordado.

Tomando por base um levantamento conduzido por mim e por Ricardo Benevides de Oliveira, (ALCÂNTARA; OLIVEIRA, 2018), em conversas com colegas professores, cujos dados serão expostos a seguir, em algumas das principais instituições públicas do Rio de Janeiro, foi verificado que os cursos de Letras, em grande maioria, não possuem disciplinas voltadas para o trabalho com IFE ou LinFE, especialmente relacionadas a perspectivas contemporâneas. Na maioria das universidades, o trabalho aparece de modo pontual em disciplinas de metodologia e prática de ensino ou são oferecidas apenas a disciplina de língua inglesa instrumental para leitura.

Neste nosso trabalho, em 2018, que não foi publicado por motivos alheios à nossa vontade, entrevistamos professores de língua inglesa que nos deram informações sobre a grade curricular de sua formação. Em duas universidades do Rio de Janeiro, não havia naquele momento um trabalho consistente para formação de professores em LinFE. Uma das instituições oferecia na disciplina de prática de ensino, o desenvolvimento de um trabalho voltado para habilidade de leitura. Embora, essas instituições não ofereçam cursos de LinFE para formação de professores, elas ofertam disciplinas fora da área de Letras, em cursos diversos, a fim de atender a necessidade da situação-alvo, ou seja, o mercado de trabalho. Podemos citar cursos de Inglês Instrumental para RI¹⁰, Direito, Tecnologia da Informação, entre outros. No CEFET/RJ, temos duas disciplinas optativas para alunos dos cursos de Engenharia, Inglês Instrumental I e II com foco direcionado para leitura de textos da área.

¹⁰ Relações Internacionais

Já na UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), em 2018, percebemos políticas que tornam o trabalho com LinFE mais consistente, visto que a universidade oferece disciplinas de línguas para fins específicos na graduação, na pós-graduação e na extensão. Na graduação, existem disciplinas de Língua Inglesa para fins específicos voltadas para alunos dos cursos de Letras, Direito, Relações Internacionais e Tecnologia da Informação. Especificamente para graduandos em Inglês, é obrigatório cursar a disciplina Enfoque Instrumental e Ensino da Língua Inglesa. Nesse curso são apresentadas as premissas básicas da área de LinFE e são realizadas atividades práticas que auxiliem na formação docente de inglês para trabalhar na área. Trabalho parecido é realizado no curso de especialização em Linguística Aplicada: Inglês como Língua Estrangeira, cujo público-alvo são professores de inglês, por meio da disciplina de Tópicos Especiais na Abordagem Instrumental. No mestrado, a oferta da disciplina de Ensino de LinFE e o uso de Tecnologias em Língua Estrangeira busca atualizar profissionais que desejam atuar ou que já atuam na área. No eixo da extensão, a UERJ oferece cursos de extensão, como Línguas para Fins Acadêmicos. É possível ainda considerar o curso de extensão de Inglês para Terceira Idade como um curso de LinFE, ainda que aprendizes e estagiários não tenham consciência disso. Essa visão se sustenta no fato de que os desejos, as necessidades e as lacunas dos aprendizes idosos são levadas em consideração pelos estagiários de iniciação à docência no planejamento das aulas e na elaboração de materiais didáticos. Ressaltamos, contudo, que essa grande variedade de cursos de LinFE encontrada na UERJ só veio a existir porque os professores, sobretudo do setor de Inglês, desenvolvem um trabalho voltado para a área, iniciando o curso pelo levantamento de necessidades e, a partir dele, pensando no desenho do curso, no planejamento das aulas, no material. Alguns dos professores de Inglês da UERJ participaram de projetos renomados de Inglês para Fins Específicos nas últimas décadas.

No LEANI, que não é um curso de formação de professores, tínhamos uma disciplina de Línguas para Fins Específicos com propósito de situar o aluno nas questões da abordagem e na própria identidade do curso. Atualmente, a disciplina de *Planejamento e Consultoria Linguística*, foi adaptada e possui também características voltadas para a parte de consultoria linguística.

O cenário apresentado pela maioria das universidades dificulta a reflexão aprofundada nos espaços formativos de professores, que acabam por associar LinFE aos mitos e crenças que circulam em vez de ampliar visões sobre a abordagem como área de pesquisa. Uliana (2018) fez um levantamento de pesquisas na área e afirma que o professor, frequentemente, não se sente preparado para atuar nesse contexto e que a formação não é contemplada na

maioria dos cursos de Letras. Podemos perceber, com o levantamento feito pela autora em 2018, que há necessidade de formação de professores em LinFE, visto que as universidades oferecem cursos de inglês para áreas específicas.

Coadunam com esses estudos Cristóvão e Beato-Canato (2016), que também analisaram a formação de professores nos contextos do Paraná e do Rio de Janeiro. Segundo elas, “a formação para o trabalho com línguas para fins específicos não é contemplada na grande maioria dos cursos de Letras, apesar da demanda cada vez maior” (CRISÓVÃO E BEATO-CANATO, 2016, p. 58). As pesquisadoras investigaram também, na base CAPES, ocorrências a partir dos termos “formação de professores” e “línguas para fins específicos” e foi constatado que há pouca pesquisa na área. Vilaça (2010) destaca ainda que, por um lado, é fácil encontrar justificativas favoráveis a esta abordagem, mas por outro, é pequena a quantidade de cursos voltados para fins específicos e para a reflexão sobre a abordagem na formação de professores de língua inglesa e destaca:

A formação de professores para *ESP* também requer um olhar mais aprofundado. É fácil constatar que muitos graduandos em Letras e professores em serviço pouco conhecem essa abordagem de ensino. Muitas vezes as discussões e práticas relacionadas ficam restritas à oficinas e minicursos em eventos acadêmicos ou profissionais, quando poderiam e deveriam ser mais diretamente integradas ao currículo de como elemento constituinte da formação de professores. (VILAÇA, 2010, p.10-11.)

Para Vian Jr (2015), o profissional de LinFE deve lidar com linguagens específicas de acordo os aprendizes, cujas necessidades esperam ser atendidas, o que pressupõe uma noção de reflexividade. Enfatiza que as diversas tarefas desempenhadas pelo professor de LinFE e sua respectiva abordagem é relevante nos currículos de Letras. Alerta que fora do contexto do Projeto Nacional de Ensino de Inglês Instrumental, que investia fortemente no desenvolvimento de materiais e na formação do professor, há raras investigações sobre a formação do professor que atuará nesse contexto.

Um primeiro problema ... raros são os cursos de Letras em que são oferecidas disciplinas de formação teórico-prática sobre os princípios de línguas para fins específicos, bem como sobre seu cabedal metodológico. Ou seja, desde o início de sua formação há uma dissociação entre esses dois elementos. (VIAN JR, 2015, p.201)

Partindo do princípio de que a formação do professor de língua para fins específicos é negligenciada desde sua formação inicial (BERTOLDO, 2003) – seja pela escassez de bibliografia, poucas horas de estudo, ou nenhuma disciplina na graduação dedicada a orientar o trabalho com LinFE – faz-se necessário mapear necessidades dos professores em seu

cotidiano e buscar contribuir com sugestões e dados que orientem a inserção ou a ampliação do ensino com foco no trabalho com LinFE empregado em muitas escolas. Esta tese contribui, através das entrevistas com professores de línguas adicionais do bacharelado LEANI, para o mapeamento das necessidades relacionadas a formação em LinFE. Acreditamos que com a apresentação dessa pesquisa para os professores do curso LEANI, ou seja, com a devolutiva, grupos de estudo ou de reflexão sejam formados com o propósito de alinhamento do ensino das línguas adicionais ancoradas na abordagem de LinFE.

Além de levantar as necessidades dos professores sobre o trabalho com LinFE, é relevante justificar a mudança na grade de alguns cursos de licenciatura em Letras, com a introdução de estudos direcionados para o estudo de produção de material didático voltado para esses contextos.

A necessidade de uma reflexão mais ampla e profunda sobre o processo de formação do futuro professor de língua estrangeira em cursos de Letras é questão que tem sido apontada e discutida na literatura. Isso se deve ao fato de que o modelo de formação tradicionalmente praticado nos contextos institucionais destes cursos, de maneira geral, não tem dado conta de preparar este profissional para atender às demandas e necessidades de aprendizagem dos alunos da rede regular de ensino como apontava, já em 1981, Antonieta Celani. (CASTRO, 2009, p.249.)

Cabe ainda destacar essa carência da formação diante da necessidade profissional no atual cenário educacional brasileiro, em que a Rede Federal de Ensino apresentou larga expansão, sobretudo da Educação Profissional, Científica e Tecnológica-EPT. Em 2002, contava com 140 unidades e em 2011, 562 (PACHECO, 2011, p.6), há também outras redes escolares onde o ensino profissional e técnico é oferecido, reforçando a justificativa para pensar a atuação destes professores de línguas.

Almeida Filho (2008) ressalta a importância de se investigar a orientação das práticas formação de professores em LinFE¹¹ no âmbito das instituições tecnológicas:

Quando abrimos uma busca por compreender o estado da arte do ensino de línguas em instituições tecnológicas nos deparamos com a ausência de projetos de investigação dessa modalidade no país, com a escassez de revistas especializadas, de livros e artigos produzidos para orientar novas práticas nessa especialidade e de iniciativas de formação adequada de professores para esse contexto. Não obstante essas limitações severas, indicadoras de que aí temos uma área carente de cuidados e iniciativas urgentes, as FATECs¹² e os CEFETs não param de crescer em todo o país. É essa a equação que nos desafia a encontrar um caminho mais consciente e seguro de desenvolvimento na concepção de sua natureza, nas competências buscadas e nas materialidades desse ensino de línguas em ambientes de formação tecnológica. (ALMEIDA FILHO, 2008, p. 4-5)

¹¹ Este autor prioriza a sigla “ELFE” (Ensino de Línguas para Fins Específicos)

¹² Faculdades de Tecnologia do Estado de São Paulo.

Sobre a realidade do bacharelado LEANI, curso de uma instituição tecnológica, eu sou a única professora de inglês lotada não somente no curso como no ensino superior da instituição. Vale mencionar que há dois setores de Línguas Estrangeiras¹³, um do ensino médio-técnico, com quatro professoras de língua inglesa, e outro do ensino superior, com duas professoras de espanhol, duas professoras de francês e uma professora de inglês. Entre os professores de inglês que passaram pelo curso LEANI, seis ao total, levando em conta a disciplina de Cultura dos Países Anglófonos, seja por colaboração, advindos de outros departamentos e/ou campi ou professores contratados, três tem formação e trabalhos em LinFE, os outros apresentam conhecimento superficial da época dos trabalhos com estratégias de leitura. Percebemos que há urgência na formação desses professores.

Tratamos, a seguir, da relevância do trabalho com gêneros textuais na abordagem de LinFE. Porém, ressaltamos que a formação docente é de suma importância no que tange os gêneros textuais. Os professores que não se orientam em relação ao desenvolvimento da abordagem continuam presos aos mitos e as estratégias de leitura, por exemplo. Podemos afirmar que a aplicação de gêneros textuais nas aulas de LinFE é uma grande contribuição para a área.

1.1.6 Gêneros textuais

Esta pesquisa não tem como objetivo adotar uma perspectiva única de gênero. Serão abordadas as teorias que podem auxiliar o trabalho em sala de aula com os alunos, sobretudo dando ênfase aos teóricos que influenciaram os trabalhos em LinFE. De início, será apresentado um resumo sobre a teoria de Bakhtin (2003, 2006), visto que a sua influência no tópico, gênero, é de suma importância. Em seguida, destacamos a questão dos estudos de gênero na abordagem de LinFE, Swales (1990), na área de fins específicos, é uma referência essencial, principalmente na proposta de gêneros textuais de Ramos (2004), amplamente difundida nas escolas técnicas e universidades. Por sua vez, a teoria de Bazerman (2005) contribui para os estudos de LinFE e também para esta pesquisa, já que a cadeia de gêneros de negociação foi levantada a partir dela. Além das teorias supracitadas, também serão

¹³ No CEFET/RJ, os departamentos de línguas adicionais (espanhol, francês e inglês) mantêm a nomenclatura línguas estrangeiras.

destacados os estudos de Bhatia (1993) e Halliday (1985) pela influência nos trabalhos de LinFE.

Bakhtin (2006) afirma que gêneros são “tipos relativamente estáveis de enunciados”, unidades reais de comunicação discursiva. Na teoria bakhtiniana, os gêneros são divididos entre primários e secundários. Os primários são considerados mais simples, fazem parte do cotidiano e tem a comunicação imediata como condição para sua formação, exemplos deles são: receita culinária e lista de compras. Os gêneros secundários, por sua vez, “surtem das condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado” (BAKHTIN, 2006, p. 263). Romance e drama, gêneros provenientes da produção literária, são exemplos de gêneros secundários. O autor faz, portanto, uma ampliação da noção de gêneros. Bakhtin também reconhece o enunciado como unidade de comunicação verbal. Para Carvalho (2005), Bakhtin passa a integrar à sua definição o componente social na medida em que o enunciado de um falante precede ou antecede o de um outro.

Eggins (2004) enfatiza que, para Bakhtin, a comunicação é possível porque o uso da linguagem se torna habitado. Os gêneros foram desenvolvidos para economizar tempo e energia, de certa forma, não seria possível originar um gênero durante o processo de fala, por exemplo. Em seus estudos, Bakhtin relata que o reconhecimento de gêneros orais se dá por causa de uma estrutura composicional previsível, “se não existissem os gêneros do discurso e se não dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo da fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível”. (BAKHTIN, 2003, p. 304).

Belcher (2006) e Paltridge (2019) são dois pesquisadores da área de LinFE e têm trabalhos sobre o desenvolvimento de gêneros especificamente nessa abordagem. Para Belcher (2006), LinFE pode ser considerado uma escola de estudo de gêneros. A autora afirma que a abordagem abraçou duas escolas dessa teoria: a Escola de Sydney e a Nova Retórica. A Nova Retórica tem foco nas ações retóricas tipificadas baseadas em situações recorrentes na situação-alvo. Já a Escola de Sydney traz como principal contribuição a teoria de Halliday, a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF).

Segundo Paltridge (2019), o estudo baseado em gênero surge como resposta ao processo de ensino da escrita. O trabalho de Swales (1990) aparece, a princípio, com foco na escrita acadêmica. O modelo *Create a Research Space (CARS)* – “Crie um Espaço de Pesquisa” – teve grande repercussão nos estudos de LinFE. Swales, no entanto, foi mudando a sua visão em relação ao objetivo do gênero conforme suas pesquisas evoluíram. Inicialmente, sugeria que o gênero possuía um objetivo, mas logo percebeu que poderia assumir múltiplos.

Na teoria de Swales, o gênero associa texto e contexto a partir de um propósito comunicativo, que motiva sua realização e é compartilhado com a comunidade discursiva que o reconhece, molda e transforma (SWALES, 1990; BHATIA, 1993).

Para que um gênero seja reconhecido nesta proposta (SWALES, 1990), além da identificação da comunidade discursiva e do propósito comunicativo, é necessário o reconhecimento da organização retórica da mensagem, feita através de blocos retóricos com seus movimentos e passos. Os movimentos são classificados como obrigatórios ou opcionais. Por sua vez, os elementos constituintes dos passos são opcionais (SWALES, 1990), determinados pelo contexto, pelas pistas linguísticas do texto, por itens lexicais explícitos e por elementos de coesão. No Brasil e no exterior, a proposta de análise de gêneros de Swales (1990) foi amplamente utilizada nas universidades, em razão do foco na escrita acadêmica.

Além de Swales, Paltridge (2015) aborda brevemente a Escola de Sydney e os conceitos de estrutura esquemática de Martin e Rose. Para Belcher (2006), a Escola de Sydney traz a contribuição da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) de Halliday, que tem como pontos principais o contexto – apresentado como campo, relação e modo – e as dimensões discursivas ideacional e interpessoal. A LSF de Halliday (1985) tem a função e a semântica como base da linguagem e da atividade comunicativa, sendo a língua influenciada pelo contexto social – contexto de situação. Segundo Neves, “é fundamental a noção de contexto: a produção (o texto) insere-se necessariamente na situação em que se instaura o discurso (o contexto)”. Na perspectiva de hallidayana, o texto ocorre em dois contextos: *i*) cultural, tipo textual que varia conforme a situação e/ou necessidade cultural; gênero, isto é, tipos de atividades sociais comuns; e *ii*) situacional, tipo textual que varia conforme o uso; registro, ou seja, a realização do gênero.

Na perspectiva da LSF, os gêneros estão, portanto, relacionados à cultura em que são criados, surgem para atingir um propósito comunicativo. Nesta teoria, os gêneros se movimentam através de estágios, são reconhecíveis pelos participantes, são dinâmicos e se transformam de acordo com seus propósitos. Há, porém, gêneros mais fixos e previsíveis na sua estrutura por causa da falta de necessidade de mudança em seus propósitos (ALCÂNTARA, 2013). Além da estrutura esquemática de Martin e Rose, a LSF apresenta conceitos da teoria da Estrutura Potencial do Gênero de Hasan (1994). Há vários trabalhos com gêneros textuais que se fundamentam na LSF, como o de Motta Roth (1995), em sua pesquisa com resenhas acadêmicas, e Vian-Jr (1997; 2009) em seu trabalho com vídeos institucionais e, respectivamente, sua pesquisa sobre EPG e o ensino de línguas.

No contexto de IFE, os estudos de Bhatia (1993) também surgem com foco em gêneros de escrita profissional, como cartas de apresentação e relatórios legais. O autor não apresenta uma regra rígida no trabalho com gêneros na sequência *text-first* ou *context-first*. Pelo contrário, sugere que o pesquisador, professor, é quem deve determinar qual sequência trabalhará primeiro. O que vai de fato comandar tal escolha são seus objetivos. Contribuindo nesta perspectiva, em seu trabalho, Paltridge (2016) enfatiza as etapas de condução de análise de gêneros escritos estabelecidas por Bhatia.

Outro teórico importante para IFE é Bazerman (1997), ele afirma que o gênero é como uma moldura da ação social. A proposta de Bazerman (2005) é baseada nos conceitos de sistema de atividades, sistema de gêneros e conjunto de gêneros. Labella-Sanchez (2014, p. 643) assegura que todos esses conceitos são instrumentos importantes para analisar como as pessoas criam novas realidades de significação, experimentam relações e produzem conhecimentos por meio do uso de textos em determinados sistemas de atividade. O trabalho da autora sobre o levantamento de gêneros textuais de língua espanhola no setor imobiliário tem como alicerce a análise de sistema de atividade. Compõe-se pelos conjuntos de gêneros que constituem o sistema de gêneros e visa a permitir: (1) a identificação dos gêneros que constituem o contexto profissional; e (2) a observação da forma como esses gêneros se relacionam entre si em tal sistema. Tal análise permite ao professor conhecer os gêneros importantes para determinado contexto e, ainda, selecionar quais podem vir a compor o seu material didático. Além disso, é possível determinar o conteúdo que deve ser trabalhado com os alunos a partir dos gêneros pesquisados.

Resumimos a teoria de Bazerman (2005) da seguinte forma: o conjunto de gêneros é formado pelos textos produzidos por alguém no exercício de uma atividade, ou seja, os gêneros são utilizados a fim de desempenhar um determinado papel. A partir do momento que os gêneros são identificados, as atividades que um profissional deve desempenhar também passam a ser conhecidas.

Bazerman (2005) auxilia esta pesquisa no que diz respeito ao levantamento dos gêneros relacionados à negociação, selecionados através do processo de análise de necessidades. A cadeia de gêneros do contexto pesquisado ajudou na seleção de material, assim como na determinação do conteúdo a ser trabalhado na oficina, detalhada no capítulo de metodologia.

Belcher (2006) aponta ainda grande contribuição da Linguística de Corpus (LC) associada aos trabalhos com gêneros textuais na abordagem de LinFE, pois há entendimento da língua baseada empiricamente e utilizada para fins específicos. Uma das vantagens da

teoria de LC está na compilação e análise dos dados. Paltridge (2019) afirma que as investigações por computador também têm auxiliado o trabalho com análise de gêneros, sobretudo, em razão da variação entre o inglês falado e o inglês escrito. A LC torna-se, portanto, grande aliada nos trabalhos na sala de aula de IFE.

Neste estudo, entretanto, não foi adotada essa perspectiva porque seria necessária uma introdução, mesmo que breve, de LC para os alunos. Além disso, o trabalho com programas da LC deve ser previamente orientado e necessita de um acompanhamento inicialmente presencial, conforme apontado pela experiência das aulas de Tradução & Versão em Língua Inglesa do curso LEANI.

Apesar de apresentar diferentes perspectivas de trabalhos com gêneros, Paltridge ressalta que há críticas referentes aos estudos discutidos. A principal delas é incentivar os alunos a procurarem por padrões em textos. Paltridge (2016) sugere que os modelos de gêneros sejam entendidos como flexíveis, como protótipos que aceitam variações. Segundo ele, é importante aprender sobre gêneros e não apenas compreendê-los como produto. Os gêneros podem sofrer variações na própria estrutura do texto e/ou ao longo do tempo, e para compreendê-los é essencial considerar esse aspecto.

Ramos (2004) traz uma importante contribuição para aplicação de gêneros nas aulas de LinFE e, sobretudo, para esta pesquisa. Sua teoria engloba principalmente o trabalho de Swales (1990) e a LSF de Halliday (1985). O objetivo de sua proposta é apresentar um modelo para implementação de gêneros textuais em sala de aula de língua inglesa para fins específicos. Trata-se de mostrar um gênero autêntico, ensinar os alunos a reconhecer seus componentes e, ao mesmo tempo, fazer com que se apropriem desse conhecimento para seu uso prático, sem que o trabalho em sala de aula leve a uma aprendizagem fragmentada ou estanque. Ramos fundamenta a parte de gênero com os trabalhos de Martin (1984, 2000), Swales (1990) e Bhatia (1993, 2001).

Ramos (2004, p. 115) designa o gênero como “um processo social dinâmico, com um ou mais propósitos comunicativos, altamente estruturado e convencionalizado, reconhecido e mutuamente compreendido pelos membros da comunidade em que ele rotineiramente ocorre”. Além disso, entende que ele opera não só dentro de um espaço textual, mas também discursivo, tático (estratégico) e sociocultural. O ensino de gênero na sala da aula, segundo Ramos (2004), implica uma pesquisa prévia sobre o gênero a ser ensinado, a fim de este mesmo gênero se aplicar às necessidades adequadamente. A autora sugere alguns objetivos a serem seguidos a fim de estimular no aluno o desenvolvimento de estratégias. Ressalta ainda que os exemplos de gêneros devem ser autênticos.

Ramos (2004) apresenta a proposta e suas três fases:

- apresentação: visa criar condições para que o gênero seja observado amplamente. Contextualizar o gênero a partir do contexto de situação e de cultura sob dois conceitos, conscientização e familiarização;
- detalhamento: contempla um viés amplo, mas passa a tratar de aspectos mais específicos, pois foca no trabalho com a organização retórica dos textos e nas suas características léxico-gramaticais, visando a conduzir o aluno a usar e vivenciar componentes na prática; e
- aplicação: composta por duas etapas, consolidação (a retomada de ideia do conceito como um todo) e apropriação (visa fazer a transferência do gênero para situações da vida real).

A proposta de Ramos, como é conhecida entre os professores de LinFE, é primeira proposta pedagógica concreta desenvolvida utilizando conceituações de gênero (Martin, Swales e Bhatia). De acordo com a proposta, o professor deve desenvolver atividades que exponham os alunos a exemplares reais de um determinado gênero e, posteriormente, deve criar situações nas quais ele seja efetivamente usado. A proposta, além de buscar o desenvolvimento por meio do ensino de gêneros, preocupa-se em fazer com que o aluno se atente ao uso da linguagem como prática social.

Uma outra grande contribuição da autora está em subsidiar professores de LinFE, criadores de curso e elaboradores de material didático com uma sugestão para o ensino de línguas adicionais. A questão da implementação de uma proposta pedagógica auxilia professores na produção de material didático, principalmente na área de ensino de LinFE, em que as necessidades dos alunos e o objetivo da situação-alvo são norteadores na elaboração do curso. De fato, há inúmeros materiais prontos que não atendem à realidade do contexto e às necessidades dos alunos. Produzir materiais é uma tarefa difícil que necessita de tempo (HUTCHINSON; WATERS, 1987), Ramos tenta auxiliar os professores com sua proposta.

Atualmente, com o desenvolvimento das novas tecnologias, com materiais desenvolvidos on-line, com uma crescente ampliação de materiais elaborados para fins acadêmicos e ocupacionais, a proposta de Ramos ainda é de grande relevância para os estudiosos e professores de LinFE, e de línguas de forma geral. Seus estudos apresentam um modelo pedagógico que se preocupa em utilizar a linguagem com prática social, levando em consideração o contexto de cultura e o contexto de situação onde os gêneros circulam. É importante destacar, porém, que a proposta pode ser modificada, ampliada, de acordo com as necessidades de aprendizagem. Nesta pesquisa, a proposta de Ramos é adotada. Ela aparece

auxiliando na composição das aulas a fim de atender às necessidades dos alunos da oficina de língua inglesa. Trabalhamos os gêneros primeiro oralmente, levantando questões e construindo conhecimento. Fizemos perguntas e os alunos iam respondendo de acordo com as observações que faziam. Utilizamos a teoria de Vygotsky para desenvolver as atividades. Na parte de detalhamento, trabalhamos apenas o que foi necessário de acordo com a análise que fazíamos das respostas orais dos alunos, das observações que eles faziam sobre os gêneros e dos trabalhos escritos.

Apresentamos a seguir o cenário atual da abordagem de LinFE, dos trabalhos e pesquisas recentes.

1.1.7 Novos cenários e perspectivas

A complexidade do mundo contemporâneo convida à reflexão sobre as múltiplas formas de interação, a partir disto, coadunado com Souza (2016) que advoga acerca da necessidade de ressignificar a visão atual sobre ensino-aprendizagem de línguas para fins específicos e convida a pensá-la sob o viés da complexidade. É preciso, pois, pensar quais concepções de linguagem orientam as práticas

Em palestra realizada em 2017, durante o Simpósio de Espanhol nos Institutos Federais, Ramos (2017)¹⁴ propôs que os professores de LinFE reflitam sobre seus alunos de modo a incorporar questões como: responsabilidade social; respeito à diversidade cultural e intercultural de modo ético; e manejo das relações interpessoais de modo socialmente justo. Evidenciamos, portanto, as possibilidades de avançar e de incorporar questões complexas na abordagem de LinFE.

Em relação a novos contextos, destacamos o trabalho com o Bacharelado em Línguas Aplicadas às Negociações Internacionais – LEANI, meu contexto de atuação, que traz uma proposta diferente das áreas tradicionais de atuação profissional em línguas. O curso apresenta uma proposta multidisciplinar, aliando a área de línguas estrangeiras com outras, como: turismo, direito, relações internacionais etc. e busca a formação de internacionalistas. (SILVA JR, OLIVEIRA, ALCANTARA, 2017)

¹⁴ Palestra proferida no dia 02 de junho de 2017 no simpósio Ensino de Espanhol nos Institutos Federais no CEFET/RJ

Rossini e Belmonte (2015) apontam diversas questões fruto de pesquisas recentes e apresentam novas possibilidades que ampliam as perspectivas na área de LinFE. Destacam: pesquisa no ambiente de trabalho, inclusão de aspectos socioculturais (além da pesquisa etnográfica) para auxiliar na compreensão dos contextos e participantes, e investigação a partir da análise de necessidades não somente sobre quem é o aprendiz, mas sobre quem ele quer se tornar por meio da língua.

Partindo de um viés mais crítico, de novos paradigmas, novos cenários, novas necessidades e, conseqüentemente novos caminhos, Ramos (2015) revisita a abordagem de LinFE cercada de crenças e mal entendidos que se construíram no decorrer de seu desenvolvimento no Brasil como por exemplo: inglês para leitura, inglês técnico, que é uma abordagem utilitária sem considerar o indivíduo como um todo. Com tantos mitos ainda presentes na academia, percebe-se que muitos professores desconhecem a abordagem. Uma das questões importantes nesse trabalho refere-se exatamente ao reducionismo da abordagem de LinFE à uma perspectiva voltada para as estratégias de leitura (única e exclusivamente), tratando o aluno como recipiente passivo a partir de atividades que desenvolvem habilidades de compreensão leitora. Segundo Ramos (2015), os estudos em línguas para fins específicos vêm se ampliando em diversas áreas, como a de Estudos de gêneros (SWALES, 1981; 1990; 1981; 1990; BATHIA, 2004; HYLAND, 2004), Linguística de Corpus (FLOWERDEW, 2011; SCOTT E TRIBBLE, 2006), Análise de necessidades (LONG, 2005), dos direitos (BENESH, 1999/2001), Identidade (cultural) – central para a Análise de Necessidades (BELCHER e LUKKARILA, 2011), Língua em contextos de língua estrangeira (Mauranen, 2011) para o entendimento de uso global da língua e multiletramentos. Alguns outros pontos têm sido também desenvolvidos em LinFE como o inglês como língua franca principalmente na área de negócios onde a língua inglesa é utilizada para comunicação entre pessoas de nacionalidades diferentes, perspectivas etnográficas em inglês para fins específicos (Paltridge, 2016), “*Cyber Genres*¹⁵” (Belcher, 2009), além dos avanços na tecnologia e estudos sobre linguagem em comunidades de prática, entre outros.

Como o ensino de LinFE é centrado no aprendiz, é necessário pesquisar caminhos onde tais alunos possam construir naturalmente uma linguagem voltada para atender suas necessidades; e desenvolver uma pedagogia para um grupo específico (JOHNS; PALTRIDGE; BELCHER, p. 1, 2011). Atualmente, as mídias de massa e digitais estão incorporadas no nosso cotidiano seja profissional ou pessoal. Na verdade, elas fazem parte da

¹⁵ Gêneros cibernéticos ou gêneros virtuais (tradução nossa)

nossa sociedade visto que nosso padrão não é mais o impresso (Rojo, 2013), basta olharmos a nossa volta para perceber uma diversidade de linguagens, mídias e culturas. Partindo dessa premissa, da relevância das novas tecnologias no âmbito pessoal e profissional, tendo como referência as necessidades do bacharelado LEANI, ancoradas em questões como conhecimento prévio e autonomia, as metodologias ativas, que serão apresentadas na seção 1.3, como um modelo pedagógico que pode ser trazer benefícios ao ensino de LinFE.

A seguir, passamos para discussão sobre escolha, adaptação e elaboração de materiais didáticos para fins gerais e específicos.

1.2 Material Didático

Nesta seção, apresento principalmente questões sobre seleção e elaboração de material didático, importantes para área de fins específicos. Na abordagem de línguas para fins específicos (LinFE), é mais comum professores elaborarem ou adaptarem materiais em virtude da questão principal da teoria: a análise de necessidades. A partir dela, todo o processo de elaboração de um curso se desenvolverá. Vale ressaltar que tanto a escolha quanto a elaboração de material didático são tarefas difíceis. Porém, antes de tratar das questões sobre seleção e elaboração de material para fins específicos, serão apresentadas a definição, a importância e a visão de alguns autores de inglês geral sobre material didático, analisando quais ponderações servem para a abordagem de LinFE.

Tomlinson (2004, p. xi) define como material didático “qualquer coisa que ajude a ensinar aprendizes de línguas”. Ou seja, o material didático pode se apresentar em diferentes formatos: livro texto, apostila, livro de exercício, fotocópia, formulário eletrônico, parágrafo escrito no quadro negro ou no whiteboard, aplicativo utilizado em aulas remotas atualmente.

1.2.1 Material didático de inglês para fins gerais

Diferentemente do objetivo de IFE, o ensino de Inglês para Fins Gerais, em inglês *English for General Purposes (EGP)*, prioriza a língua em termos gerais, como o próprio termo define. Para Hutchinson e Waters (1987), o que distingue o inglês para fins específicos

de inglês para fins gerais não é apenas a existência da necessidade, mas a consciência dessa necessidade. Por sua vez, o ensino de inglês geral é encontrado em muitas escolas e nos cursos livres. Cabe ressaltar, contudo, que o ensino de inglês nas escolas, em especial as de Ensino Médio, é voltado, na maioria das vezes, para a prova do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), ou seja, para atender a uma necessidade específica. Neste trabalho, optou-se pelo enfoque no material didático de inglês geral pela importância do tema na área de ensino de línguas de modo geral e pelas reflexões importantes para a abordagem de LinFE.

Primeiramente, será abordada a questão da implementação de material. De acordo com Leffa (2003), há três situações básicas na implementação de um material didático, quais sejam:

1. Material usado pelo próprio professor;
2. Material usado por um outro professor;
3. Material usado diretamente pelo aluno sem a presença de um professor.

O autor ressalta que a principal diferença entre o material preparado pelo próprio professor e o material preparado por um outro professor é que no primeiro caso, quando há dúvidas, erros ou mal-entendidos, o próprio professor pode resolver o problema, ao passo que um outro professor certamente não conseguirá fazer o mesmo. De fato, isso pode ocorrer, há atividades, por exemplo, nas quais é preciso do gabarito para entender a proposta, noutras, mesmo com as respostas, ainda restam dúvidas sobre a questão.

Por outro lado, há vários autores que defendem a utilização do material didático, do livro didático. Richards (2001) apresenta vantagens: estruturação e padronização das aulas, oferecimento de diferentes recursos de mídia, manutenção da qualidade, maior eficiência na administração do tempo pelo professor, apelo visual da produção e possibilidade de guiar ou treinar o professor. Richards é, além de professor e pesquisador, um famoso autor de livro didático de língua inglesa. Em seu texto, embora apresente também desvantagens e limitações na adoção de um material, trata o livro didático como um componente chave dos programas de língua.

Cunningsworth (1995, p.7) também defende o livro didático. Para ele, esse tipo de material tem “múltiplos papéis”, servindo como:

- recurso para apresentação de materiais (falado e escrito);
- fonte de atividades para prática do aluno e interação comunicativa;
- fonte de referência para os alunos sobre gramática, vocabulário, pronúncia etc.;

- programa de ensino;
- recursos para uma aprendizagem auto direcionada ou trabalho de auto acesso;
- suporte para os professores menos experientes que ainda precisam adquirir confiança.

O’Neil (1982) destaca o uso do livro didático como base de aula; a qualidade desses materiais; e a relação entre o conteúdo, o professor e o aluno. Segundo sua perspectiva, os livros possuem a capacidade de orientar o ensino e o aprendizado, mas podem também limitar o conhecimento, engessando essas dinâmicas. O autor pontua a existência de um lugar comum no processo de aprendizagem, apesar de os grupos atendidos serem diferentes, o que torna viável utilizar livros como suporte. Outro fator vantajoso para O’Neil em relação ao livro didático é a possibilidade de os alunos consultarem o que virá adiante, isso pode ser mais confortável para eles, trazendo motivação e maior preparo.

Almeida Filho (2015), por sua vez, compreende que o livro didático exerce papel importante na condução das aulas e no processo de aquisição da língua pelos alunos. Ressalta, contudo, o fato de que, quando se adquire um material pronto, adquire-se também uma filosofia de ensino, que pode ser adaptada somente até certo ponto. Os apostilados são mais flexíveis, possuem a vantagem do baixo investimento e são mais adaptáveis conforme surgem as necessidades. Na análise do autor, adotar um material é partir do pressuposto de que ele atende, em grande parte, as necessidades de um determinado contexto, ainda que se faça necessário algum incremento ou corte nesse material.

O livro didático apresenta, sim, algumas vantagens no trabalho em sala de aula, como já forma mencionado pelos autores supracitados. Uma das quais observo é que os alunos conseguem acessar mais facilmente às informações, talvez, por uma questão de organização da estrutura do livro didático, que geralmente se repete a cada lição. Outra questão que se deve considerar é o fato de que muitos colegas professores têm pouco tempo para organizar um material, e o livro didático se apresenta como alternativa para cumprir o planejamento.

Em relação às desvantagens, O’Neil (1982) trata da limitação e do engessamento das dinâmicas dos livros didáticos. Embora sobressaia, de modo geral, a mesma configuração em todas as lições, e isso possa até ser compreendido como vantajoso (seja pela organização de conteúdos, seja pelas tarefas), apresenta-se também ser prejudicial, pois os alunos podem se cansar da configuração, dos mesmos tipos de exercícios, da mesma apresentação e ordenação de atividades.

Corroboro a visão de Almeida Filho (2015) sobre a questão de o livro seguir como guia do professor, muitas vezes quase uma “bíblia”. De modo geral, pela minha observação, tanto em escolas como em cursos livres, a adoção de determinado material pressupõe também a adoção de uma metodologia, e de conteúdos a serem trabalhados. O professor pode fazer adaptações ao material, mas percebo, pela experiência nos lugares onde trabalhei, que existe uma pressão dos alunos, dos responsáveis ou até mesmo da própria instituição para que o material seja integralmente trabalhado, página por página. Apesar de o professor ter mais liberdade para adaptar e complementar o livro didático nas escolas, existe um certo controle sobre o que é trabalhado na aula, muitas vezes seguindo um planejamento elaborado por um coordenador ou supervisor da instituição.

Em outros momentos, segundo Dudley Evans e St John (1998), há imposição de adoção de material didático em algumas instituições, questão que também será abordada mais à frente, em materiais para LinFE. Acredita-se que o material como orientador do processo de aprendizagem pode garantir um ensino de qualidade que independa do trabalho docente. Ademais, o material pode dar ao professor possibilidades de aprendizagem em relação à metodologia em que o livro está ancorado.

Defendo que o professor não deve ser comandado pelo livro didático ou por qualquer outro material. Ele é responsável por estabelecer temas, metodologia, conteúdos, tarefas, projetos importantes para o seu grupo de alunos, além do próprio desenho do curso. Percebemos que alguns docentes carecem desse tipo de formação e exemplo de prática pedagógica. Mesmo os professores menos experientes devem continuar sua formação através de fontes diversificadas e não apenas ter um livro didático como base das suas aulas. É importante ressaltar que não se pode deixar a cargo do livro didático o estabelecimento de diretrizes do processo de ensino e aprendizagem.

No cenário atual, destaca-se também a importância da pesquisa na internet. Há várias páginas de dicionário, gramática, atividades, materiais diversos, confiáveis, que tanto o aluno quanto o professor podem ter como fonte de referência mais ampla do que o próprio livro didático.

Em suma, o livro didático é um dos recursos ou uma das fontes que auxiliam no processo ensino e aprendizagem da língua adicional, porém deve ser utilizado de forma crítica, como qualquer outro material didático. Para que isso aconteça, o professor deve desenhar o curso, planejar as aulas, escolher a metodologia e fazer uso do livro didático com base na análise de necessidades. O livro didático não é o guia que deve ser seguido às cegas.

1.2.2 Material didático de LinFE

Como já fora mencionado anteriormente, a abordagem de LinFE tem como base o processo de análise de necessidades. Após o levantamento, há várias etapas importantes a serem percorridas, duas delas são: desenhar o curso e avaliar o material didático. O material ideal para uma aula de fins específicos é aquele que vai ao encontro das reais necessidades do grupo. Ele pode ser selecionado entre uma gama de opções, pode ser um livro, uma apostila ou ainda um conjunto de materiais existentes que auxiliem os alunos a alcançarem seus objetivos e satisfazerem suas necessidades. A produção de material visa a atender as especificidades de um determinado grupo, e questões pertinentes àquela realidade, que talvez não seja recorrente. Por isso, muitos professores de LinFE são a favor da produção de material, apesar do trabalho dispendioso que possa demandar.

1.2.2.1 Seleção de material didático de LinFE

Ao dissertar sobre material didático, é importante reiterar que, na abordagem de LinFE, as necessidades dos alunos e da situação-alvo são determinantes para a escolha. O material que o professor vai utilizar em suas aulas deve apresentar a língua real, como é utilizada em seu contexto. Segundo Dudley-Evans e St John (1998), Lima-Lopes e Ramos (2004), os materiais são importantes por terem a missão de levar ao aluno insumo linguístico relevante e na quantidade necessária para realização de suas tarefas.

Outro ponto observado por Dudley-Evans e St John (1998, p. 170-172) é a função que o material didático exerce no contexto de aprendizagem, segundo os autores, este deve:

1. ser usado como fonte de conhecimento linguístico, maximizando a expansão da língua;
2. ajudar na aprendizagem, estimulando processos cognitivos, não os mecânicos;
3. servir como fonte de motivação, ser desafiador, oferecendo novas ideias e informações, incentivando a diversão e a criatividade; e
4. ser usado como referência para estudo posterior, de modo que sejam completos, autoexplicativos e com *layout* bem planejados, organizados de maneira clara e objetiva através de sumário e índice.

Materiais didáticos elaborados, prontos, costumam não atender à realidade do contexto e as necessidades dos alunos. Celani (2000) afirma que há avanços nesta área graças justamente à conscientização sobre a inadequação desses materiais padronizados. Exemplo disso é uma prática comum entre os professores que elaboram materiais para as suas aulas e costumam compartilhá-los. No que se refere às melhorias, é possível também achar atualmente livros de inglês de qualidade, produzidos por editoras nacionais e internacionais para diversas áreas profissionais e também para a área acadêmica.

Antes dessa escolha do material, no entanto, há outras questões a serem levantadas no desenho de um curso. Às vezes, a preocupação recai sobre os temas a serem abordados, mas é relevante analisar como os assuntos serão abordados e quais o objetivo dos materiais e do seu público-alvo. Isto significa dizer que os profissionais devem estar atentos a vários aspectos ao avaliar o material que pretende utilizar.

Quando se elabora um livro para ser comercializado, Hutchinson e Waters (1987, p. 96) afirmam que esse material para um curso de LinFE “tem que ser adequado às necessidades dos alunos, professores e patrocinadores”. No entanto, considerando o processo de análise e o levantamento das necessidades, desejos e lacunas, é difícil selecionar um material que atenda plenamente determinado grupo de alunos. O livro didático é escrito para um público generalizado, com necessidades pesquisadas por seus autores que nem sempre estão próximos ao público que utilizará o material.

Sobre os livros de negócios em inglês, tratando do contexto no qual atuo, percebo que boa parte das publicações são voltadas para pessoas que trabalham na área e não para estudantes universitários. Acreditamos que as pessoas tendem a fazer cursos de inglês para negócios quando já estão no mercado de trabalho. Então, certas questões, para os alunos que ainda não trabalham na área, tornam-se difíceis de serem resolvidas, visto que eles ainda não fazem parte daquele contexto.

A seleção de materiais envolve, portanto, escolhas e decisões (DUDLEY-EVANS e ST JOHN, 1998). Para fazer boas escolhas, é preciso ter bons critérios, nos quais se basearão as decisões. Critérios numerosos, tais como alunos, papel dos materiais, língua, tópicos e apresentação. Segundo os autores, três perguntas podem nortear a seleção:

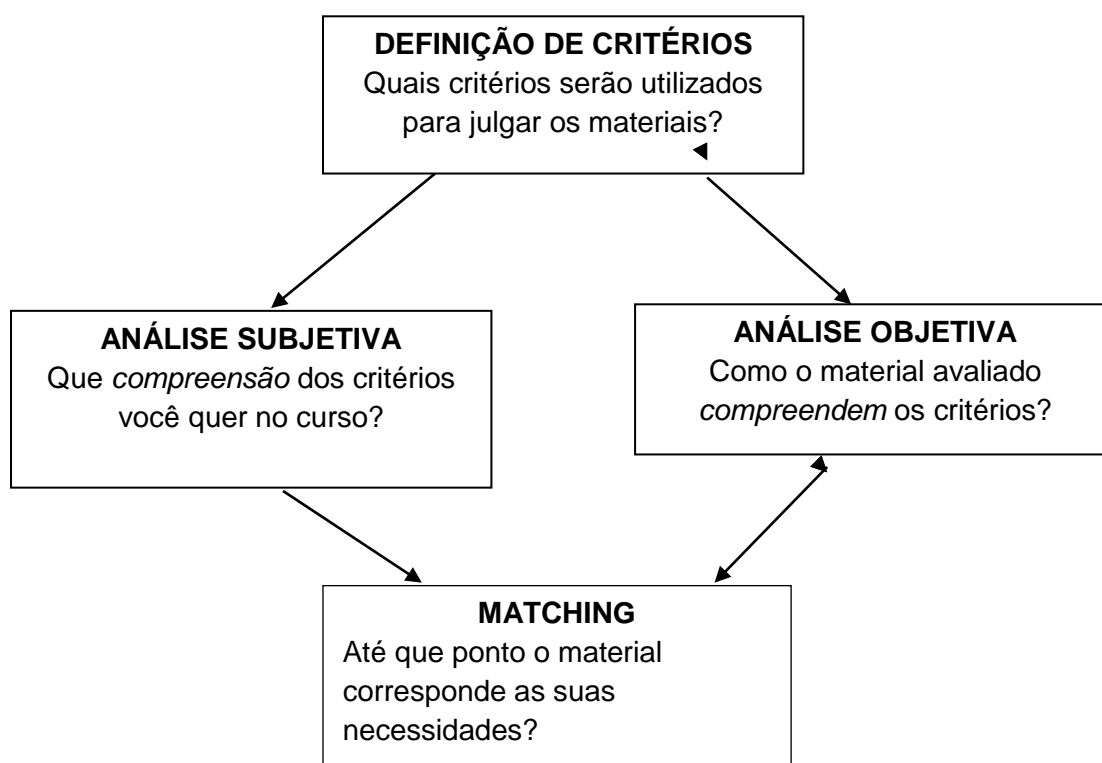
1. Os materiais vão estimular e motivar?
2. Em que proporção o material combina com os objetivos de aprendizagem estabelecidos e com os seus objetivos de aprendizagem?
3. Em que proporção os materiais apoiam a aprendizagem?

Dudley-Evans e St John (1998) mencionam ainda outros elementos que podem influenciar, como a imposição de materiais pela instituição de ensino e/ou o acesso ao material pelos alunos, ou seja, um bom material não será de grande valia se os alunos não puderem ter acesso a ele. Finalmente, destacam a importância da criatividade ao utilizar materiais disponíveis. Para eles, o professor pode colocar uma nova perspectiva no material e revelar possibilidades.

Hutchinson e Waters (1987, p. 96) definem a avaliação de material didático como o ato de “julgar a adequação do mesmo a um propósito específico”. É possível avaliar o material a partir de duas perspectivas. A primeira está relacionada à proposta do material, observar se as unidades e atividades estão cumprindo os objetivos propostos. A segunda está relacionada ao professor, sua turma e suas necessidades. Os autores destacam que é importante sempre confrontar o que os materiais oferecem com aquilo de que o professor busca e os alunos precisam.

Na avaliação, é importante que se estabeleçam critérios que direcionem os professores. Hutchinson e Waters (1987) dividem o processo de análise de materiais em quatro passos:

Figura 1- Análise de materiais



Fonte: Adaptado de HUTCHINSON; WATERS, 1987 p.98

Partindo dessa proposta, Ramos (2003) elabora uma lista de itens que devem ser considerados na avaliação de materiais didáticos:

Quadro 1- Avaliação de Materiais Didáticos

1. Público-alvo
2. Objetivos da unidade / do curso / do livro
3. Visões de linguagem
4. Visões de ensino-aprendizagem
1. O que os materiais contêm em termos de: <ol style="list-style-type: none"> a. Conteúdo: conhecimento sistêmico, textual etc. b. Textos: gêneros, autenticidade, assunto, informações não verbais etc. c. Atividades: objetivos, instruções, tipos etc.
2. Como o material é explorado? <ol style="list-style-type: none"> a. O que se pede/espera que os alunos façam? b. O que se pede/espera que o professor faça? c. O material atinge os objetivos propostos?
3. Diagnóstico final

Fonte: RAMOS, 2004. Adaptado pela autora.

Ramos (2004) aconselha observar se os objetivos do material estão de acordo com os objetivos propostos para o curso que ministrado. Ou seja, o material “ensina” o que se pretende abordar nas aulas. Não é incomum encontrar materiais que “dizem” ensinar algo, mas que, na verdade, “ensinam” outra coisa. Outro ponto de alerta são as teorias de linguagem que subjazem às propostas, uma vez que, no planejamento de um curso, intuitivamente ou não, será adotada uma ou outra teoria, o que implica diferentes formas de ver e definir a linguagem. Não se deve escolher materiais que se fundamentam em teorias não compatíveis. Tal questão que pode ser difícil para alguns professores que precisam de orientação na formação. Segundo os autores, se o professor está filiado a uma visão sociointeracionista da linguagem, é incoerente lançar mão de materiais que possuam somente exercícios de repetição e tradução descontextualizada ou de exercícios escritos mecanizados. Ressaltamos que há técnicas, como *drills*, que podem ser utilizadas de forma contextualizada e comunicativa. Os *drills* podem ser utilizados em livros didáticos, por exemplo, a partir de repetição de frases ou expressões relacionados a uma determinada tarefa.

Outro aspecto destacado por Ramos (2004) é a análise de conteúdo, que diz respeito não só à informação, mas à forma como ela é apresentada aos alunos e ao tipo de

conhecimento exigido. Na análise do conteúdo, podemos perceber se as instruções são escritas de forma coerente, se os textos são adequados à faixa etária, ao interesse e ao nível de conhecimento dos alunos, e, finalmente, se os tipos de atividade condizem com a necessidade. Os conhecimentos sistêmico, textual e de mundo formam, portanto, fator primordial na análise de material, ajudando a decidir sobre a adequação à realidade do aluno ou sobre o oferecimento de atividades que façam sentido em seu desenvolvimento profissional, acadêmico e (ou) intelectual (RAMOS, 2004).

Lima-Lopes e Ramos (2004) também dão destaque ao diagnóstico. A partir desse critério, podemos concluir que o processo de avaliação de materiais termina com a implementação do curso: “caso desejemos usar um material, devemos pensar qual seu lugar no nosso curso, e quais adaptações precisam ser feitas” (Lima-Lopes e Ramos 2004, p. 3).

Levando em conta os critérios e as condições apontadas pelos diversos autores sobre seleção de material didático e o contexto pesquisado, neste trabalho, analisamos o livro de negócios atualmente adotado pelo curso LEANI, a partir da lista de itens sugeridos por Ramos (2003), e baseando no processo de análise de materiais de Hutchinson e Waters (1987). Destacamos que a análise do livro didático é importante para a pesquisa, mas não é o seu objetivo principal.

Além dos demais critérios acima elencados relativo à seleção prévia de materiais, ainda é importante ressaltar que, na avaliação, é necessário, posteriormente, julgar se foram atendidas ou não às necessidades em sala de aula, ou se o material precisará de adaptações. Para Hutchinson e Waters (1987), a avaliação de material é um processo de combinação, no qual se busca a solução que melhor se encaixe às necessidades dos alunos – retomando, então, os resultados da análise de necessidades. Ou seja, avaliar para poder escolher ou produzir o melhor material possível, julgando sua aplicabilidade a um dado contexto de ensino-aprendizagem.

Tendo abordado a questão da seleção e avaliação de materiais, o próximo assunto a ser apresentado é sua elaboração.

1.2.2.2 Elaboração de material didático de LinFE

Antes de tratar especificamente sobre a elaboração de matérias de LinFE, destaca-se a proposta de Masubara (1998, p. 247, 248) sobre a ordenação dos estágios relacionados ao

desenho de um curso. O autor propõe deixar como um dos últimos estágios do processo a seleção e a elaboração de materiais. Seu modelo sugere seguir a seguinte ordem: análise de necessidades, metas e objetivos; elaboração do programa do curso, metodologia e materiais; e, finalmente, testagem e avaliação.

Afirma ainda que, ao se adotar um determinado livro, há possibilidade de algumas etapas do curso não terem sido consideradas, uma vez que os autores de livros nem sempre consideram os estágios de análise de necessidades, especificações de objetivos, elaboração do programa do curso e escolha de uma metodologia. Tais estágios, considerados de suma importância, neste caso, saem do domínio do professor para o dos autores de materiais.

Inicialmente, considero relevante abordar a elaboração de materiais, pois muitos professores de LinFE fazem isso tendo em vista as necessidades dos alunos e da situação-alvo. Segundo Hutchinson e Waters (1987, p. 106), há também uma tradição estabelecida de que professores de LinFE produzem *in-house materials*, ou seja, materiais elaborados por esses profissionais. No entanto, apenas alguns professores possuem conhecimento para o desenvolvimento destes.

De acordo com Ramos (2008), o professor e a produção de materiais andam juntos. Um exemplo da preocupação com a capacitação docente para preparação de materiais instrucionais começou com o “Projeto Nacional de Ensino de Inglês Instrumental” da PUC-SP, associado a diversas universidades do Brasil e a Centros de Educação Técnica da rede federal. Além de cursos presenciais, o projeto também ofertou o curso híbrido, “Inglês Instrumental para o Sistema de Educação Profissional”, que auxiliou vários professores de inglês das escolas técnicas com a abordagem de LinFE e com a elaboração de materiais para leitura e exercícios.

Também contribuem para esta reflexão a assertiva de Dudley-Evans e St John (1998), pois acabam com o mito de que todo professor de LinFE tem de ser escritor de seu próprio material. Afirmam que apenas alguns bons professores são também bons elaboradores. Segundo eles, os docentes que trabalham com LinFE devem ser capazes de selecionar, modificar e complementar o que está disponível, usando criatividade para suprir necessidades dos alunos.

Dudley-Evans e St John (1998) acrescentam também a possibilidade de se trabalhar com material gerado pelos alunos. Segundo os autores, há maior envolvimento e comprometimento deles quando isso ocorre, pois podem trazer para a sala de aula textos que precisam compreender ou textos que consideram interessantes. Consequentemente, se sentirão

mais motivados. Os autores trabalham ainda com a possibilidade de pedir aos alunos que criem atividades baseadas no material que eles mesmos selecionaram.

De acordo com a minha prática em sala de aula, percebo que os alunos dos cursos técnicos subsequentes de nível médio, que já se encontram no mercado de trabalho relacionado à área do curso, fazem a ponte entre a empresa e a escola. Eles trazem materiais reais, retirados do contexto profissional, e também informações valiosas para aprendizagem de inglês para fins específicos. Outro exemplo, são os alunos de graduação que trazem questões de disciplinas de outras áreas do bacharelado LEANI em que conseguem fazer relação com a língua inglesa. Podemos citar as simulações que acontecem nas disciplinas da área de Negociação Internacional. O próprio grupo que trabalha comigo auxiliando nesta pesquisa e em trabalhos anteriores constitui a materialização exemplar desta técnica.

Quanto à abordagem da produção de material didático, torna-se impossível não tratar da autenticidade. Ramos (2008) relata que, antigamente, os materiais usados em sala de aula eram livros que enfatizavam vocabulário, frases descontextualizadas e, às vezes, textos não autênticos. Esse é um assunto discutido por Robinson (1980), para quem nem todo material autêntico é relevante, principalmente se a comunicação falhar, ou seja, se o aluno não conseguir entender a língua exposta.

Hutchinson e Waters (1987) têm um posicionamento mais extremo, o primeiro passo para eles é definir o termo: “autenticidade não é uma característica do texto nele mesmo: é uma característica de um texto em um determinado contexto” (HUTCHINSON; WATERS, 1987, p. 159). Ou seja, um texto sozinho não tem valor, pois é uma mensagem de um escritor direcionada a um determinado leitor. Enfatizam: para que um texto seja verdadeiramente autêntico, ele deve estar no contexto em que foi escrito. Consequentemente, qualquer texto trabalhado na sala de aula de LinFE é não autêntico, pois não faz mais parte do seu contexto original. Entretanto, os autores relatam que o professor de fins específicos não deve preocupar-se em trabalhar com um texto autêntico, a atenção deve recair sobre o papel desempenhado pelo texto no processo de aprendizagem, “o que o professor quer que o texto faça?” (HUTCHINSON; WATERS, 1987, p. 160). Tal questionamento deve nortear a seleção do texto mais apropriado.

No trabalho em desenvolvimento com os alunos do curso LEANI, foi decidido que o material autêntico tem de ser levado para a sala de aula a fim de que o aluno se aproprie da língua com a qual vai se deparar futuramente na situação-alvo em que deve atuar. Mesmo que o material esteja fora do seu contexto, ele não deixa de ser real. Esse material vai ajudar o grupo a desenvolver projetos, elaborar tarefas, fazer estudos de caso, simulações e, também,

vai se aproximar do contexto autêntico a partir da análise de seus propósitos comunicativos. Na verdade, levantar os propósitos comunicativos, os objetivos do material, estabelecer o seu contexto e esmiuçar a língua faz com que o aluno crie condições de se apropriar dela.

A partir do momento que se percebe a necessidade de elaborar materiais, deve-se levar em consideração três aspectos abordados por Ramos e Santos (2004, p. 1):

- direitos autorais: os materiais escolhidos podem ser usados livremente ou necessitam de autorização?
- autoria: dar crédito à autoria, caso o material escolhido tenha sido elaborado por colegas;
- linguagem usada nos enunciados de instruções: sempre lembrar que a clareza é imprescindível.

A seguir, apresento, de acordo com Ramos e Santos (2004, p. 1-3), os procedimentos para elaboração de materiais didáticos.

1) Pensar a ambientação do curso:

- a) presencial e/ou online?
- b) presencial com o uso de computador (Software e/ou Internet)?

Os autores ressaltam que a ambientação está diretamente relacionada à montagem do programa do curso, pois, a partir dela selecionam-se as atividades que podem ser realizadas e também os tipos de interação desejados entre professor-aluno-material.

2) Pensar o curso, ou seja, verificar questões que advêm da análise de necessidades prévia:

- a) quem são os alunos?
- b) para que precisam da língua-alvo?
- c) quais são as restrições (o que já sabem e o que precisam aprender; duração do curso; condições materiais, etc.)
- d) quais as necessidades priorizadas?
- e) qual/quais a(s) habilidade(s) priorizada(s) e qual o nível de desenvolvimento desejado?

3) Pensar o programa do curso:

- a) qual/quais gênero(s) será/serão trabalhado(s)?
- b) serão trabalhados para a compreensão? Para a produção? Ou ambos?
- c) que níveis de desenvolvimento dessa(s) habilidade(s) comunicativa(s) será/serão necessário(s)?
- d) qual o sequenciamento (a ordem das partes do curso, o que contém cada unidade etc.)?

Antes da elaboração de uma unidade didática, é importante reunir textos representativos para desenvolver uma análise genérica do material selecionado para as atividades. Os aspectos que devem ser considerados nesta análise são os seguintes:

4) Analisar o(s) gênero(s):

a) levantar características do contexto cultural e de situação do gênero estudado:

- a intenção/ propósito do autor (qual a intenção do autor?; qual a finalidade do texto?; o que o autor quer com esse texto?);
- os participantes (quem escreve/fala com quem?; quais as relações sociais entre os participantes?);
- a circulação do gênero (onde e quando foi produzido?; quais as condições de produção?; qual a relevância desse texto para a audiência?); e
- o assunto (de que trata o texto?)

b) levantar aspectos linguísticos:

- a organização retórica do texto (quais são os movimentos e passos desse gênero?);
- as características léxico-gramaticais do gênero (qual o propósito comunicativo que compõem cada parte da organização retórica?; quais são as palavras ou expressões que marcam a construção dessas partes?; qual é o léxico referente a especificidade do assunto tratado?; qual é o léxico-gramatical relevante para esse gênero?).

5) Pensar na elaboração das unidades:

a) material elaborado pelo professor. Procedimentos:

- selecionar exemplos do(s) gênero(s) a ser trabalhado, de acordo com os objetivos do curso/unidade/atividade;
- adequar as atividades ao sequenciamento das fases (familiarização, detalhamento e aplicação).

b) material disponível, já existente, previamente avaliado (há necessidade de adaptações? Quais?).

6) Pensar na elaboração das atividades:

- a) decidir sobre os tipos de atividades a serem desenvolvidas: pergunta/resposta; diálogos; preenchimento de lacuna; resumo; tarefas; simulação; projetos, etc.
- b) decidir como as atividades serão desenvolvidas: controlada, não controlada, colaborativa, solução de problemas etc.

Na oficina que apresentamos nesta pesquisa, utilizamos os procedimentos para elaboração de materiais didáticos (RAMOS E SANTOS, 2004). Apesar de não termos elaborado uma apostila, os procedimentos nos auxiliaram no desenvolvimento das atividades como por exemplo as simulações, os exercícios de gramática contextualizada.

Hutchinson e Waters (1987, p. 107-109) afirmam que o material didático deve fornecer estímulo à aprendizagem, ajudar a organizar o ensino e a aprendizagem, refletir uma visão da natureza da linguagem e da aprendizagem, bem como fornecer modelos de uso

adequado da língua. Os autores, então, propõem um esboço para a elaboração de materiais. O objetivo é dar uma estrutura coerente para a integração de vários aspectos da aprendizagem, o qual consiste em quatro elementos:

a) Input: texto, diálogo, vídeo, diagrama. O input oferece:

- motivação para as atividades;
- modelos corretos de uso da língua;
- tópico para comunicação; e
- oportunidades para os alunos utilizarem o conhecimento prévio tanto na língua quanto no assunto.

b) Foco do conteúdo (“content focus”): conteúdos não linguísticos devem ser explorados para gerar comunicação significativa na sala de aula.

c) Foco da linguagem (“language focus”): o objetivo é possibilitar que os alunos utilizem a língua. Em language focus os alunos têm a chance de deixar a língua em “pedaços”, estudar como ela funciona e praticar juntando-a novamente.

d) Tarefa (“task”): o último propósito de aprendizagem da língua é o seu uso. Os materiais devem ser desenhados de modo que conduzam a tarefas comunicativas em que os alunos utilizem o conteúdo e o conhecimento de língua que construíram através da unidade.

Vários autores, Hutchinson e Waters (1987), Dudley-Evans e St John (1998), Lima-Lopes e Ramos (2004) consideram relevante destacar a motivação para atividades. Segundo Leffa (2003), “a atividade deve ser prazerosa para o aluno, despertar sua curiosidade e mantê-lo interessado no assunto, mesmo depois que tenha terminado”. Na verdade, manter a motivação tem sido um dos grandes desafios para os professores de maneira geral. Dudley-Evans e St John (1998, p. 170) ressaltam que, ao servir como fonte de motivação, os materiais devem ser desafiadores, partindo do conhecimento de mundo e de língua do aluno.

Outro ponto abordado por Lima-Lopes e Ramos (2004) é o pouco tempo para o ensino de língua para fins específicos em sala de aula. Geralmente, as aulas de línguas adicionais possuem carga horária reduzida nas escolas e em cursos de graduação. Porém, o curso LEANI, bacharelado em línguas estrangeiras, possui várias disciplinas de línguas¹⁶ com carga satisfatória. Porém, acreditamos que o material didático deve desenvolver a autonomia do aluno no desenvolvimento da própria aprendizagem. Conseqüentemente, há necessidade de que os materiais também estimulem o estudo individual. Segundo Edge e Wharton (1998, p.

¹⁶ Na seção 2.2, sobre o contexto de pesquisa, apresentaremos a grade curricular do bacharelado LEANI.

295), a autonomia do aluno diz respeito a torná-lo também responsável pela aprendizagem. Mais importante do que um objetivo a ser atingido, a aquisição da autonomia é um processo contínuo que requer esforço individual e coletivo no contexto de sala de aula. Os aspectos essenciais para aquisição da autonomia são as habilidades, ou seja, as técnicas instrumentais e as atitudes em relação ao estudo. Os alunos devem ser estimulados a se distanciarem gradualmente da dependência dos professores, das salas de aula e dos livros. Através de direcionamento, os estudantes tornam-se, paulatinamente, mais conscientes do que eles estão fazendo em sala de aula, de como individualmente estão aprendendo e de como eles podem ajudar sua própria aprendizagem fora da sala de aula e longe dos livros.

As autoras afirmam que o material deve não somente desenvolver a autonomia do aluno como também auxiliar no desenvolvimento do professor. Dentro também da perspectiva de Paulo Freire (1996) sobre o princípio da autonomia, que também será abordada no capítulo de Metodologias Ativas, o aluno deve direcionar a sua aprendizagem, ser responsável pela sua trajetória, pela sua história. O melhor caminho para que o aluno seja autônomo é o da pesquisa, uma vez que através dela, o aluno vai alcançar o conhecimento.

Hutchinson e Waters (1987) sugerem ainda que o modelo para elaboração de materiais pode ser expandido, alguns pontos podem ser adicionados ao núcleo, como por exemplo, a inclusão de um projeto ao final da tarefa, ou até mesmo, um input adicional.

Segundo Ramos (2008), um aspecto positivo no âmbito do ensino de línguas é a participação de professores bem-preparados para produzir materiais, sobretudo, quando se trabalha com a perspectiva baseada em estratégia-habilidade que guiou a produção de materiais. Os professores tornaram-se capazes de elaborar seus cursos, independente da adoção de um livro texto, que era geralmente usado como guia para o planejamento de um curso.

Hutchinson e Waters (1987) relatam que a escrita de materiais deve ser considerada como último recurso, quando outras possibilidades de fornecimento de materiais se esgotaram. Os autores sugerem algumas possibilidades:

- a) A base comum entre alunos que aparentemente são de especialidades diferentes. Além disso, deve-se questionar se as necessidades dos alunos são significativamente diferentes de outros grupos da instituição.
- b) A real necessidade de um novo conjunto de materiais; a segunda alternativa seria verificar materiais já publicados.
- c) Adaptação de materiais já existentes.
- d) A última possibilidade é tentar reduzir a área do curso que necessita de novos materiais.

Na atualidade, há trabalhos alinhados a perspectiva interacionista sóciodiscursiva de Schneuwly e Dolz (2004) com gêneros textuais e sequências didáticas como o de Beato-Canato e Cristóvão (2011) ou com unidades didáticas (SILVA JÚNIOR, 2020). Outros baseiam-se na proposta de Ramos (2004) como esta tese. Como mencionamos na seção 1.1.6 sobre gêneros textuais, o objetivo de sua proposta é apresentar um modelo para implementação de gêneros textuais em sala de aula de língua inglesa para fins específicos. Ressaltamos a contribuição de Leffa (2016) que trata da importância do REA, recurso educacional aberto, para compartilhamento de materiais.

Podemos afirmar que elaborar materiais é uma tarefa complexa, por isso é importante, antes desta etapa, analisar materiais existentes para verificar se suprem as necessidades de um dado contexto – se o material não for adequado, talvez ele ainda possa ser adaptado. A seguir, as propostas de Hutchinson e Waters (1987, p.126) para professores que realmente necessitam escrever materiais novos:

- a) Utilize materiais existentes como fonte de ideias.
- b) É melhor trabalhar em grupo.
- c) Não pense que conseguirá escrever materiais perfeitos de primeira.
- d) Não subestime o tempo que necessita para a escrita de materiais.
- e) Preste atenção à aparência dos seus materiais.

As orientações de Hutchinson e Waters (1987) são fundamentais na elaboração. Todas as sugestões são válidas, pois é necessário tempo para pesquisar e desenhar o material. Ressalta-se que, no cenário atual, também é possível contar com a ajuda da internet. Mesmo que o professor não seja habilidoso com as novas tecnologias, pode selecionar um vídeo, uma reportagem, materiais que auxiliem na complementação de atividades. Pode-se ainda, utilizar formulários eletrônicos autocorrigidos para questões simples, ou com arquivos de compartilhamento com os quais os alunos podem trabalhar de forma simples e em colaboração. Enfim, acredito que os materiais digitais auxiliam no processo de elaboração do material.

Assim como a maioria dos autores citados neste trabalho, acredito que o material didático é um pilar importante no processo de elaboração de um curso e também na aprendizagem dos alunos. Em relação ao livro didático, a concepção de Almeida Filho (2015) sobre a aquisição de livro de línguas e filosofia de ensino se encaixam nesta pesquisa. Os livros importados de língua inglesa trazem os conteúdos listados que, muitas vezes, são

seguidos como planejamento pelo professor. Além disso, o livro traz uma metodologia embutida nas atividades, nas lições, as quais são orientadas, na maior parte das vezes, pelo livro do professor. Corroboro, portanto, a questão apresentada por Masubara (1998) sobre a ordenação dos estágios de elaboração de um curso. O livro pode atender às necessidades de um determinado grupo, mas o levantamento das necessidades deve ser feito antes de decidir sobre a adoção de qualquer material didático, seja ele livro ou apostila.

Na próxima seção, apresentamos as metodologias ativas, seus princípios e características que podem auxiliar no trabalho com o bacharelado LEANI.

1.3 Metodologias ativas

O primeiro ponto que abordamos nesta seção relaciona-se ao aspecto diferenciado desta tese. Ao longo da pesquisa, conhecemos poucos trabalhos que alinhavam o ensino de LinFE e as metodologias ativas. Na verdade, conhecemos as metodologias ativas através do trabalho de Castro (2019), professora de língua inglesa de uma instituição militar, em uma apresentação para um grupo de professores e para os alunos do projeto de extensão de inglês no CEFET/RJ em 2019. A partir desse momento, iniciamos, eu e os alunos do projeto, uma pesquisa por este caminho. Em 2020, por causa da pandemia, assistimos à várias conferências, entrevistas remotas. Uma delas foi a de professor de língua inglesa de uma instituição tecnológica que trabalhava com as metodologias ativas. Já em 2021, conheci o trabalho da professora Rabello (2021), em uma apresentação no *YouTube*¹⁷, voltado para formação docente e metodologias ativas. E, por último, tive acesso a tese do professor Onodera (2020) que traz questões de LinFE, de um curso LEA e de aprendizagem baseada em problema.

O interesse pelo trabalho com as metodologias ativas iniciou-se por causa das semelhanças tanto com aspectos que ancoram a abordagem de LinFE, quanto com as próprias questões que embasam o projeto pedagógico do curso LEANI. Em um curso como este, cuja configuração é tão diferente, e com várias áreas distintas a serem desenvolvidas e estudadas, a escolha por uma pesquisa que esteja alinhada a sua proposta inter e multidisciplinar parece a mais adequada. As metodologias ativas surgem, portanto, como apoio a este trabalho, ao

¹⁷ <https://www.youtube.com/>

curso e a abordagem de LinFE com objetivo de desenvolver a autonomia e em busca de um trabalho mais personalizado e direcionado à situação-alvo.

Há vários aspectos nas metodologias ativas aos quais me identifico e também relaciono à minha pesquisa: aprendizagem significativa, autonomia, construção do conhecimento, aprendizagem reflexiva, criticidade, ensino híbrido, aprendizagem baseada em projetos, trabalho em pares e/ou equipes, conhecimento prévio.

Apresentamos a seguir, os principais teóricos que influenciaram as metodologias ativas.

1.3.1 Principais teóricos

Daros (2018) afirma que as metodologias ativas como prática pedagógica datam do início do século XX. Vários autores defendem a inovação das práticas pedagógicas em sala de aula através delas. John Dewey, já nos anos 30, afirmava que a aprendizagem está inserida no contexto diário do aluno, para ele, “a função na educação é de propiciar uma reconstrução permanente das experiências do estudante articulada com a vida” (Daros, 2018, p.8).

Outro estudioso, Kilpatrick (1975, apud DAROS 2018), discípulo de Dewey, defendia que as atividades curriculares fossem baseadas em projetos e se desenvolvessem a partir de problemas reais do cotidiano. O “método de projetos” ficou conhecido no Brasil a partir do movimento da Escola Nova, 1932. Vale lembrar que tinha como objetivo contrapor o ensino tradicional baseado na memorização de conteúdos. O ideal da Escola Nova era ter o aluno como centro do processo de aprendizagem.

Daros (2018), na sua linha do tempo, traz Decroly (1929) como o idealizador dos centros de interesse, para ele, a aprendizagem do aluno deveria se dar a partir dos seus interesses e necessidades, podendo escolher a temática a ser desenvolvida nas aulas. Além dos centros de interesse que coloca o estudante como protagonista do processo de ensino-aprendizagem, Decroly defendia a educação transdisciplinar e o ensino-aprendizagem globalizado.

Daros (2018) acrescenta que Ausubel (1982) também contribui na fundamentação desta abordagem, destaca o conhecimento prévio do aluno como algo que deva ser valorizado para que a aprendizagem seja realmente significativa. Segundo o autor, o aluno deve estar

engajado para aprender, o conteúdo tem de ser significativo, fazer sentido para ele, e precisa estar relacionado à sua vida real.

Daros (2018) menciona vários outros teóricos, pensadores que defenderam metodologias inovadoras para a formação de alunos críticos, reflexivos, inovadores, transformadores, humanizados. Dentre eles, destacam-se ainda Paulo Freire, Montessori, Vygotsky e Bruner. Todos empenhados em fornecer alternativas ao modelo pedagógico tradicional. Nesta pesquisa, tomaremos como base as teorias de Paulo Freire e Vygotsky.

1.3.1.1 Vygotsky

O trabalho com o socio interacionismo faz parte das aulas de língua inglesa do curso LEANI, desenvolvendo a teoria de Vygotsky (1998) há bastante tempo no trabalho que desenvolvo em sala de aula. Na verdade, não podemos afirmar que essa é uma visão compartilhada entre todos os professores de inglês que passaram ou ainda estão colaborando com o bacharelado LEANI.

Na abordagem de Vygotsky (1998), a linguagem torna-se aspecto central, desde sua aquisição, ou seja, os sujeitos incorporam os signos à atividade prática, permitindo a transformação de funções psicológicas superiores, de origem sociocultural (Davis, 2005, p. 45). Vygotsky destaca que tanto a interação social quanto o instrumento linguístico são decisivos para o desenvolvimento. Freitas (1995, p. 161) afirma que, para Vygotsky, o “conhecimento é constituído na interação em que a ação do sujeito sobre o objeto é mediada pelo outro através da linguagem”. Assim, da discussão entre uma ênfase no sujeito ou no objeto, emerge um sujeito interativo.

Segundo Marcondes (2000), a linguagem deve ser vista como modo de interagir socialmente em uma comunidade. Com base nos pressupostos de Vygotsky, percebemos a linguagem com real reflexão da vida, pois, além de traduzir o pensamento, é a base da relação entre os indivíduos, uma forma de expressão, de interação social e de criação para transformação. A partir dela, o sujeito se relaciona com o mundo e vice-versa, constrói-se a própria individualidade. Ela fornece os conceitos, as formas de organização do real, a mediação entre o sujeito e o objeto do conhecimento.

No contexto pedagógico, essa concepção de linguagem encontra obstáculos. Ainda há predominância da memorização, os estudantes leem textos indicados, preenchem páginas com o que lhes é ditado; professores controlam o tema e a participação deles (GALLIMORE e

THARP, 1996). Ressalta-se, no entanto, que a mudança é um processo longo e desafiador. É através da consciência sobre a importância do trabalho em sala de aula e também a partir da visão de linguagem que o professor tem, que se torna possível o desenvolvimento de um aluno capaz de exercer um papel ativo, crítico e consciente, não apenas na sala de aula, mas também no diálogo da vida.

Segundo Vygotsky (1998), a linguagem é condição essencial para a construção do conhecimento. Além dela, a cultura, fornece ao indivíduo os sistemas simbólicos da realidade e permite construir a interpretação do mundo real. Os sujeitos estão em constante processo de recriação e reinterpretação de informações, de conceitos e de significações. Outro elemento importante na construção do conhecimento é o contexto. Para que o desenvolvimento ocorra, é necessário que se estude o mundo social externo, o ambiente social (GALLIMORE e THARP, 1996; TUDGE, 1996).

No que tange ao papel do professor no desenvolvimento da aprendizagem, de acordo com a teoria vygotskyana, ele é essencial. O professor é mediador, colaborador, condutor do processo. Gallimore e Tharp (1996) afirmam que, para que a construção do significado ocorra, o professor deve conduzir conversações instrucionais, fornecendo estruturas e questões capazes de provocar a coleta e a organização de informações. Porém, os autores ressaltam que os professores não o fazem porque não sabem como fazê-lo, pois, jamais foram ensinados. Além disso, os alunos costumam não ter vez em sala de aula, são “ignorados” pelos professores, que “precisam renovar seu entendimento do papel que eles podem exercer na educação das crianças. Eles precisam se dar conta do papel que a linguagem desempenha na aprendizagem.” (TOUGH, 1982, apud GALLIMORE e THARP, 1996).

Para descrever como o desenvolvimento ocorre, Vygotsky introduz o conceito de zona de desenvolvimento proximal (ZDP). Existem dois níveis de desenvolvimento: um real, já adquirido ou formado, que determina o que o aluno já é capaz de fazer por si próprio, nível de desenvolvimento real (NDR); e um potencial, a capacidade de aprender com outra pessoa. É necessário compreender aquilo que o aluno é capaz de fazer sozinho sem ajuda do outro.

Em LinFE, as necessidades dos alunos são levantadas a fim de estabelecer o que já conhecem e o que desconhecem, isso permite alinhar o trabalho com as suas necessidades reais. Conforme a teoria de Vygotsky, deve-se considerar aquilo que o aluno não realiza por si mesmo, mas consegue realizar com o auxílio do outro. A Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) é a distância entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento próximo (Davi, 2005, p. 48). É por intermédio das relações com companheiros mais experientes que as gerações mais novas se apropriam de formas mais abstratas de se pensar. O

aluno não é somente sujeito da aprendizagem, mas aquele que aprende junto com o outro o que seu grupo social produz: os valores, a linguagem e o próprio conhecimento. O ensino, nessa abordagem, consiste no acompanhamento do desempenho através da ZDP, ou seja, ocorre quando o auxílio é oferecido nos pontos da ZDP que requerem assistência.

Fazendo relação com o aluno de LinFE, pode-se afirmar que ele é um sujeito ativo e interativo. Além da mediação pela linguagem, o estudante é reconhecido como ser que dialoga com os participantes de determinado contexto desde o processo de análise de suas necessidades. A voz dos alunos é ouvida, suas necessidades, consideradas, incluindo desejos e lacunas, conforme orienta a teoria de Hutchinson e Waters (1987). Outro ponto importante é que, na sala de aula de LinFE, consideram-se não somente o pré-conhecimento do aluno através da análise de necessidades, mas também as histórias que traz consigo.

No que diz respeito à linguagem da vida real, até o momento, com o livro adotado, não era possível perceber a aplicação da teoria na sala de aula de inglês do LEANI. Na verdade, não era possível relacionar a linguagem utilizada nos livros à da vida real. Isso porque os livros geralmente se pautam na língua empregada pelos nativos americanos ou ingleses, entretanto, o profissional LEANI pode negociar em inglês com pessoas de quaisquer nacionalidades. Por exemplo, o negociante chinês busca uma linguagem mais simples, sem uso de expressões. Embora o livro didático apresente exercícios de compreensão oral com diferentes nacionalidades e sotaques, não percebemos a adoção de uma perspectiva de Inglês como Língua Franca - ILF¹⁸.

Passamos agora para as contribuições de Paulo Freire.

1.3.1.2 Paulo Freire

Outro teórico que contribui com as metodologias ativas é Paulo Freire. Sabemos da sua grande obra para a educação do Brasil e do mundo. Para Freire (1996), o processo de ensino e aprendizagem deve despertar a curiosidade do aluno para que ele possa pensar concreto, pensar a realidade, e dessa forma, ele possa questioná-la a fim de que o conhecimento seja realmente transformador: “ensinar não se esgota no “tratamento” do objeto

¹⁸ “Qualquer uso do inglês entre falantes de diferentes línguas maternas para quem ele é o meio de comunicação escolhido, e frequentemente, a única opção” (SEIDLHOFER, 2011).

ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível”. (FREIRE, 1996, p. 26)

O autor refuta a educação bancária, aquela que propõe uma relação vertical entre professor e aluno, aquela em que o professor é o detentor do saber. Freire prega a relação de participação ativa do aluno no processo de ensino e aprendizagem, uma relação em que professor e aluno aprendem juntos:

[...] nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos de construção e reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Só assim podemos falar realmente em saber ensinado, em que o objeto ensinado é apreendido na sua razão de ser e, portanto, apreendido pelos educandos. (FREIRE, 1996, p. 26)

Outro ponto da teoria de Freire que coaduna com este trabalho se refere ao compromisso com a reflexão crítica. Essa reflexão se inicia pelo processo de “pensar certo”, respeitando o senso comum, o compromisso da escola com a consciência crítica do aluno cuja “promoção” da ingenuidade, ou seja, do “pensar errado”, de forma mecanicista, com memorização de conteúdos, não se faz automaticamente (Freire, 1996, p. 29).

O pensar certo traz como questão importante o respeito pelos conhecimentos que os alunos trazem, muitos desses conhecimentos foram construídos na prática. Freire sugere a discussão com os alunos sobre a razão de ser de alguns desses conhecimentos e saberes em relação com ensino de conteúdo. Em suma, o autor sugere respeito aos saberes do educando (FREIRE, 1996, p. 30).

Freire (1996, p. 43-45) aborda ainda a questão da identidade cultural como fundamental no processo de ensino e aprendizagem. Uma tarefa relevante da prática educacional é dar condições em que todos, professor e aluno, possam se assumir. O autor trata das experiências de vida, como por exemplo da valorização de práticas profissionais, informais, do reconhecimento do valor das emoções, da sensibilidade, da afetividade, da intuição ou adivinhação. Trazemos como exemplo o grupo de quatro alunos pesquisadores deste trabalho, no qual todos são reconhecidos e colaboram a partir das suas experiências individuais como alunos e profissionais e, sobretudo, como seres humanos que detém emoções.

Todas as questões levantadas levam a formação de um aluno autônomo. Para Freire educar para a autonomia significa também um ato político. Dessa forma, propomos um trabalho com os alunos da oficina a partir das sugestões de alunos do curso com tema que envolve a política que enfrentamos no nosso país em relação à pandemia do coronavírus,

Covid-19, sobre a negociação das vacinas para que vidas sejam poupadas. Dentro desse tema, trabalhamos questões como autonomia, conhecimento prévio, reflexão crítica e detalharemos o percurso no capítulo de Metodologia.

1.3.2 Características das metodologias ativas

Nas metodologias ativas, o aprendizado se dá a partir de problemas e situações reais, os mesmos que os alunos vivenciarão ou podem vir a vivenciar na vida profissional, de forma antecipada (Moran, 2015). As metodologias ativas estimulam a aproximação entre professor e os alunos, para que possam expressar suas angústias, dificuldades, opiniões, valorizando, desta forma, a individualidade dos participantes. O intuito é qualificar e enriquecer o trabalho ao longo do desenvolvimento das atividades, mas também estimular a troca de ideias e o aprofundamento de soluções para problemas do cotidiano.

Tem como principal objetivo envolver os estudantes com participação ativa e reconhecimento de suas competências e de sua autonomia. Segundo Moran (2015), os alunos precisam de se envolver em atividades complexas a fim de que possam tomar decisões e avaliar resultados com materiais relevantes. O autor aponta necessidade de ensinar com materiais e comunicações escritos, orais e audiovisuais previamente selecionados ou elaborados, uma vez que são extremamente importantes, mas para ele, a melhor forma de aprender é combinando, de maneira equilibrada, atividades, desafios e informações contextualizadas.

De acordo com Castro (2019), as metodologias ativas têm o objetivo de estimular a autoaprendizagem e a curiosidade do estudante para pesquisar, refletir e analisar possíveis situações para a tomada de decisão de modo a chegar à solução de um problema de forma autônoma. A autora afirma que o aluno é o centro das ações educativas, e assim como na abordagem de LinFE, o professor atua como orientador e facilitador do processo de ensino-aprendizagem, e o conhecimento é construído colaborativamente a partir de ações educativas.

Algumas características e questões que fundamentam as metodologias ativas integram o ensino de línguas há algum tempo. Como afirma Rabello (2021) em uma *live* no *YouTube*, o ensino de línguas está na vanguarda de tópicos como: tecnologias digitais, aprendizagem centrada no aluno, teoria sociointeracionista como abordagem comunicativa, trabalho em pares ou grupos, os *role-plays* (atividade com interpretação de papéis), discussões, debates,

aprendizagem significativa, aprendizagem baseada em tarefas, tempo de fala maior para o aluno (TTT^{19} x STT^{20}).

De acordo com a minha observação, podemos acrescentar os estudos de caso, apresentados em alguns livros, principalmente os de LinFE, além de projetos, muitas vezes interdisciplinares. Muitas dessas atividades são sugeridas em livros didáticos comunicativos de línguas adicionais.

1.3.3 Tipos de metodologias ativas

Há autores que tratam de tipos de metodologias ativas como estratégias ou métodos. Prefiro utilizar o termo “tipos” por entender que, como há diversos exemplos de metodologias ativas listadas em livros sobre o tema, alguns podem ser caracterizados como estratégias, outros como método ou ainda, podem ser atividades. Esta também é a opção de Camargo e Daros (2018), para eles, os tipos de metodologias ativas, em suma, são: sala de aula invertida, estudo de caso, aprendizagem por pares (*peer instruction*), aprendizagem baseada em problemas e aprendizagem baseada em projetos.

1.3.3.1 Sala de aula invertida

Segundo Moran (2015, p. 22), “um dos modelos mais interessantes de ensinar hoje é o de concentrar no ambiente virtual o que é informação básica e deixar para a sala de aula as atividades mais criativas e supervisionadas”. Na sala de aula invertida, o aluno estuda em casa, previamente, temas e conteúdos mais básicos, e a aula torna-se o lugar onde são feitas perguntas, discussões e atividades práticas. De modo geral, em vez de trabalhar a teoria, o professor trabalha a partir das dificuldades dos alunos, geralmente apontadas em um teste de autocorreção, e através da parte prática, a aplicação da disciplina.

¹⁹ *TTT* – *teacher talking time*, tempo de fala do professor.

²⁰ *STT* – *student talking time*, tempo de fala do aluno. Um dos elementos chave de muitas abordagens de línguas é reduzir o tempo de fala do professor ao máximo para dar oportunidades de fala ao aluno.

Para Valente (2018), há dois aspectos importantes na implementação da sala de aula invertida: a produção de material para o aluno trabalhar on-line e o planejamento das atividades a serem realizadas presencialmente. O autor chama atenção para a dosagem no número e no tamanho de vídeos enviados aos alunos no que diz respeito ao material on-line. O professor deve buscar outros recursos como animações, simulações a partir das quais o aluno possa complementar a atividade de casa. Dessa forma, Valente (2018) propõe a integração das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) às atividades curriculares.

A verificação da atividade on-line pode ser feita por meio da realização de testes autocorrigidos, e isso pode auxiliar o professor como mencionado anteriormente. Segundo Valente (2018), todas as propostas de sala de aula invertida sugerem estes testes aos alunos como forma de avaliar se estudou o conteúdo solicitado; e de acessar os pontos de dificuldade na aprendizagem, os quais poderão ser abordados em sala de aula.

Sobre as atividades de sala de aula, Valente (2018) aponta que, primeiramente, o professor deve compartilhar com os alunos os objetivos a serem atingidos na disciplina. Em seguida, proporá atividades que os ajudem na construção do conhecimento, tais como, discussão em grupo, resolução de problemas, *hands on*. Seja qual for a atividade escolhida, na aula presencial, o *feedback* é imprescindível: “a sala de aula assume um papel importante na abordagem pedagógica pelo fato de o professor estar participando das atividades que contribuem para o processo de significação das informações que os estudantes adquiriram estudando on-line (VALENTE, 2018).

A sala de aula invertida é adequada às aulas de língua inglesa do curso LEANI, levando em consideração o fato de que alguns alunos, de certa forma, estão acostumados a ler textos ou fazer atividade extraclasse como acontece em muitos outros contextos. Porém, ressalta-se uma dificuldade quanto a essas tarefas, muitas vezes, os estudantes não fazem atividade de casa de língua inglesa quando há tarefas de outra disciplina. Embora o curso seja de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais, percebo que a língua deixa de ser prioridade quando eles têm uma outra atividade, ou ainda, que não é prioridade em momento algum. Além disso, muitos alunos consideram que já dominam a língua por terem terminado o curso livre de inglês. Para que o trabalho com a sala de aula invertida contribua, é essencial que os alunos se conscientizem da importância da língua inglesa no curso, bem como das atividades relacionadas a ela ou que se sintam motivados.

1.3.3.2 Estudo de caso

O estudo de caso apresenta uma situação problema para que seja resolvido. Conforme Camargo e Daros (2018) é necessário: identificar o problema, analisar evidências, desenvolver argumentos lógicos, avaliar e propor soluções. O estudo de caso é um instrumento de suma importância porque leva ao aluno a raciocinar, argumentar, negociar e refletir.

Segundo Berbel (2011, apud Teixeira, 2018), os alunos devem empregar conceitos já estudados para analisar o caso. A vantagem desse modelo de trabalho é a possibilidade de os alunos manterem contato com questões e situações que podem ser vivenciadas no mercado de trabalho. Ou seja, estudar um caso é a aplicar conteúdos estudados em situações reais. Teixeira (2018) destaca que um caso pode ser analisado antes do estudo teórico de um tema ou de um conteúdo com o objetivo de motivar os alunos para o assunto.

Na sala de aula de inglês do curso LEANI, os livros apresentam “cases” no final das lições, porém eles geralmente são distantes da realidade dos alunos do nosso bacharelado. Nesta pesquisa, as atividades da oficina foram baseadas em estudos de caso a partir do tópico Covid-19.

1.3.3.3 *Peer instruction* – Instrução pelos Colegas (IpC)

Peer Instruction ou Instrução pelos Colegas (IpC) tem sido desenvolvida desde os anos 90 por Eric Mazur, professor da Universidade de Harvard, nos Estados Unidos. Segundo Araújo e Mazur (2013, p. 367), “[...] o IpC pode ser descrito como um método de ensino baseado no estudo prévio de materiais disponibilizados pelo professor e apresentação de questões conceituais, em sala de aula, para os alunos discutirem entre si”. Uma questão essencial para aprendizagem neste tipo de metodologia ativa é a interação entre os alunos.

Eric Mazur (vídeo YouTube, 2014 no canal “Serious Science”) explicou que se via na sala de aula como um artista de Hollywood, o centro das atenções, aquele que entregava o conhecimento. Lecionava exatamente da forma como fora ensinado na universidade, palestrando. Entretanto, ele percebeu que os alunos memorizavam o conteúdo para a prova e não aprendiam de fato o que era “transmitido” nas aulas. O autor afirma que os alunos sabem

das dificuldades para entender algo, o que para muitos professores pode parecer óbvio. Ademais, eles aprendem mais e melhor quando interagem entre si, quando compartilham informações. Na instrução por colegas, assim como em todos os tipos de metodologias ativas, o aluno é o ponto chave do processo de ensino e aprendizagem e a melhor forma de aprender não é apenas ouvindo e, sim, fazendo, pensando e refletindo.

O IpC é desenvolvido por etapas (Araújo e Mazur, 2013), as quais serão apresentadas aqui de forma resumida. Na primeira, o professor seleciona material para os alunos estudarem em casa. A parte fácil é explorada em um momento prévio, extraclasse. Já em sala de aula, os alunos refletem sobre o que foi estudado através de perguntas conceituais. Então, aplica-se, nesse primeiro momento, a sala de aula invertida. Como segundo passo, o professor faz uma breve exposição em sala, seguida de uma pergunta de múltipla escolha para que os alunos respondam individualmente com tempo entre 1-2 minutos. Logo após, o professor analisa as respostas que devem ficar entre 30% e 70% de acerto. A fase seguinte contempla a discussão entre pares ou trios de 2-4 minutos. Então, os alunos dão a resposta após a discussão. Por fim, o professor dá o *feedback*.

A instrução por colegas é alicerçada na teoria socioconstrutivista de Vygotsky que tem a interação social como veículo importante para construir o conhecimento. Outro conceito chave que é adotado pelo IpC é o de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) com colaboração de um par mais competente. Como dito, a ZDP é a distância entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento próximo que o aluno precisa alcançar, perfeitamente observável nesse tipo de ensino.

Para os professores de língua inglesa, a teoria socioconstrutivista está inserida em diversos contextos, escolas, cursos e nos materiais didáticos direcionados pela abordagem comunicativa. Há várias instituições que formam seus professores através de treinamentos, oficinas e cursos fundamentados nesta abordagem. No contexto LEANI, o trabalho com pares, *pair-work*, e grupos é constante, exatamente pela afinidade com teoria socioconstrutivista. O IpC, de certa forma, acompanha minha prática, a partir dos conhecimentos que tenho baseado em teorias de ensino de línguas. Não levamos em consideração as etapas da teoria de Mazur por acreditar que o ensino de língua está além de um “percentual” de acertos ou erros.

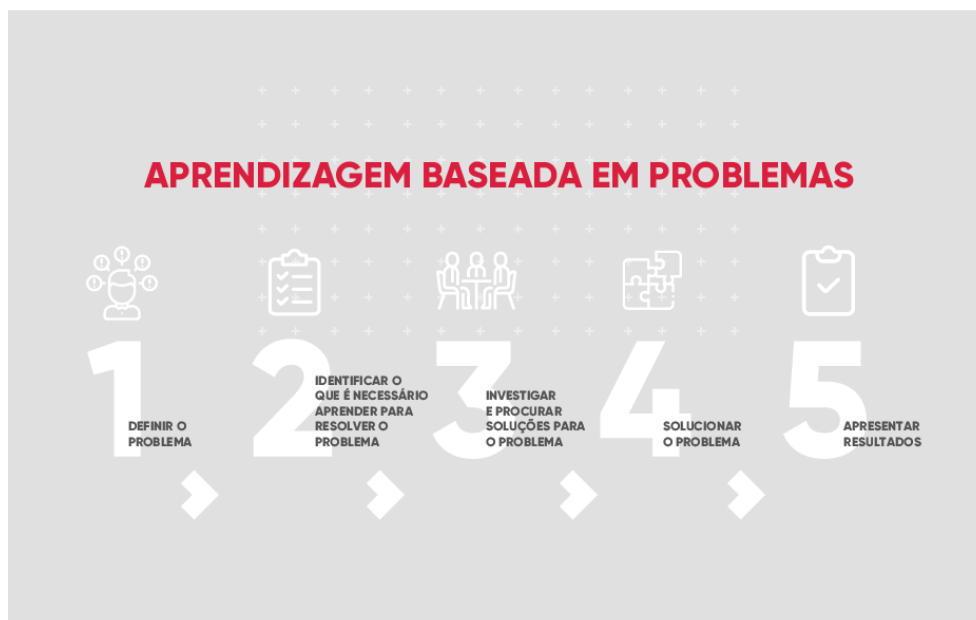
1.3.3.4 Aprendizagem baseada em problemas

De acordo com Ribeiro (2008, p. 11)²¹, a Aprendizagem Baseada em Problemas (ABProb) é

essencialmente uma metodologia de ensino-aprendizagem caracterizada pelo uso de problemas da vida real para estimular o desenvolvimento do pensamento crítico e das habilidades de solução de problemas e a aquisição de conceitos fundamentais da área de conhecimento em questão.

A Aprendizagem Baseada em Problemas é dividida em fases e tem como objetivo compreender o problema a ser investigado a fim de apresentar a síntese dos resultados. (Teixeira, 2018). A ABProb estuda qualquer fenômeno, conteúdo ou disciplina a partir de problemas, de perguntas feitas a respeito desses tópicos.

Figura 2 - Aprendizagem Baseada em Problemas



Fonte: Eduarda Lazzaretti/Grupo A²²

De acordo com a página da internet do Grupo A, a ABProb é focada na parte teórica da resolução de casos e promove a interdisciplinaridade. Ribeiro (2008) salienta dois principais pressupostos da ABProb, quais sejam: a aprendizagem de uma base de

²¹ A referida obra tem como base a leitura do arquivo no *e-reader* Kindle que não segue a paginação da obra original, portanto, a posição no *eBook*, refere-se a página da obra no *eBook*: indicado como (p).

²²Disponível em <https://desafiosdaeducacao.grupoa.com.br/metodologias-ativas/>. Acesso em: 15 dez. 2020.

conhecimentos integrados e estruturados em torno de problemas reais; e o desenvolvimento de habilidades para aprendizagem autônoma e trabalho em equipe, tal como ocorre em situações práticas.

Bacich e Moran (2018) apontam a principal diferença entre a ABProb e a Aprendizagem Baseada em Projeto (ABP), por se confundirem muitas vezes. O propósito da ABProb está na pesquisa de diversas causas possíveis para um problema, em contrapartida, a ABP procura uma solução específica para o problema. A ABProb se propõe à construção de conhecimento através de debates e discussões em grupo. O aluno deve estudar o assunto previamente, antes da aula. Na sala, com colegas e o professor, ele apresenta as dificuldades sobre a que fora estudado.

Ribeiro (2008) também traz contribuições sobre o tema, especificamente no nível superior de ensino. Afirma que o ABProb satisfaz aspectos considerados importantes na educação superior, como uma formação que integra teoria e prática e inclui o mundo do trabalho ao acadêmico como forma de desenvolver habilidades profissionais e cidadãos. O ensino promovido em ABProb é de cooperação entre professor e alunos. Também há responsabilização destes últimos no seu desenvolvimento profissional. Todos trabalham em conjunto a fim de investigar problemas, preferencialmente da vida real, e discutir os resultados, produzindo conhecimento.

Por outro lado, o autor aponta críticas direcionadas à ABProb por não apresentar uma base científica. No entanto, princípios que norteiam a ABProb têm suas raízes no princípio da aprendizagem autônoma de Dewey e na motivação intrínseca de Bruner os quais atuam como uma força interna que leva as pessoas a conhecer melhor o mundo.

ABProb constitui uma fonte ampla para que se apliquem questões reais, e podem auxiliar no trabalho com a língua inglesa no contexto LEANI. Por meio dela, é possível trazer questões observadas na prática para sala de aula e promover discussões em grupos com objetivo de levantar as teorias apropriadas a um determinado contexto. Outro aspecto que contribui de maneira significativa é o trabalho interdisciplinar.

1.3.3.5 Aprendizagem baseada em projetos

Antes de iniciar as questões relacionadas à aprendizagem baseada em projetos (APB), ressalta-se que há uma vasta bibliografia sobre o assunto. Nesta pesquisa, o interesse inicial era desenvolver um projeto em sala de aula com uma turma do curso LEANI. Porém, com o

meu afastamento da instituição para terminar o doutorado e também em função da pandemia, os planos foram alterados. De qualquer maneira, apresento aqui muitas características da APB, tanto na parte teórica quanto na própria aplicação.

De acordo com a página da internet do *BIE*²³, a Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP) ou “*Project Based Learning* (PBL) é uma metodologia de ensino no qual os alunos aprendem pelo engajamento ativo em projetos pessoalmente significativos e autênticos”²⁴. Em uma definição mais acadêmica, aprendizagem baseada em projetos “é uma metodologia de ensino a partir do qual alunos adquirem conhecimentos e habilidades, trabalhando por um período prolongado de tempo, para investigar e responder a uma questão, a um problema ou a um desafio autêntico, motivador e complexo”²⁵. Trata-se de

[...] uma metodologia de aprendizagem em que os alunos se envolvem em tarefas e desafios para resolver um problema ou desenvolver um projeto que tenha ligação com a sua vida fora da sala de aula. No processo, eles lidam com questões interdisciplinares, tomam decisões e agem sozinhos e em equipe. (BACICH; MORAN, 2018, p. 16).

Além disso, Bacich e Moran (2018) destacam que os alunos trabalham habilidades, como pensamento crítico e criativo, desenvolvem aprendizagem colaborativa, baseada no trabalho coletivo, e passam a ter a percepção de que uma mesma tarefa pode ser resolvida de diferentes formas. Os problemas levados para a aula partem da observação dos alunos no mundo em que vivem, eles identificam e buscam soluções para uma determinada questão. A avaliação é processual, através das atividades e na entrega dos projetos.

A ABP tem sido aplicada amplamente nas escolas e universidades do mundo, conforme anunciado na própria página da *BIE*. Há, no entanto, diferença entre um projeto simples e ABP propriamente dita, o primeiro serve para cumprir o conteúdo de uma unidade, com direcionamento total do professor, exposição de todo o conteúdo antes do início do projeto, e explicação de todos os detalhes. Esse tipo de trabalho não pode ser considerado ABP. Segundo a *BIE*, a ABP geralmente necessita de um tempo longo e do trabalho mais autônomo dos alunos, além de ser o veículo para ensinar um conteúdo importante, assim

²³ BIE *Buck Institute for Education* (BIE), entidade norte-americana que congrega pesquisadores e interessados em ABP, vem delineando as bases teóricas da aprendizagem por projeto desde a década de 1990.

²⁴ *Project Based Learning (PBL)* is a teaching method in which students learn by actively engaging in real-world and personally meaningful projects.

²⁵ *Project Based Learning* is a teaching method in which students gain knowledge and skills by working for an extended period of time to investigate and respond to an authentic, engaging, and complex question, problem, or challenge.

como desenvolver determinadas habilidades. Para que o objetivo da ABP seja alcançado, os alunos têm de fazer muito além de relembrar informações, precisam ativar o pensamento para resolver os problemas, trabalhando colaborativamente.

Segundo Bender (2014), quase todos os projetos de ABP estão focados nas questões ou nos problemas autênticos do mundo real. Além disso, a ABP exige amplo trabalho cooperativo, no planejamento de ações. Os alunos devem estar engajados também na solução do problema a fim de elaborar diretrizes para o desenvolvimento de seus produtos (LARMER; MERGENDOLLER, 2010 apud BENDER 2014).

Bacich e Moran (2018) orientam a geração de um produto no projeto de aprendizagem. Em uma sala de aula de humanas, como a do curso LEANI, seria difícil pensar em um produto concreto, próprio de uma disciplina de laboratório, como as engenharias. Porém, tal produto pode ser uma campanha ou uma teoria, por exemplo. Os autores ressaltam a importância de gerar esse produto como oportunidade para aplicar o aprendizado e ainda desenvolver habilidades e competências.

Além de focar em questões autênticas, em problemas reais, no desenvolvimento do pensamento crítico e no trabalho colaborativo, Bender (2014) sugere que para que um projeto seja considerado ABP, ele deve:

- ser pessoalmente significativo para o aluno;
- ter especificação dos papéis dos alunos;
- ter uma questão altamente motivadora;
- ter professores que trabalhem em colaboração com os alunos, definindo a questão orientadora, ou seja, a questão motriz;
- apresentar uma tarefa desafiadora ou complexa;
- fornecer aos alunos uma âncora, que pode ser uma narrativa ou vídeo introdutório, indicando a importância da questão motriz.

O autor também afirma que há vários componentes, ou tipos específicos de atividade, que deveriam estar incluídos para um projeto ser considerado ABP. Para muitos proponentes da ABP, uma *webquest*²⁶ pode ser considerada um exemplo de ensino na ABP. Porém, as

²⁶ WebQuest é um formato de aula orientada em que todos os recursos utilizados para resolver uma tarefa são provenientes da Web. [...] Uma WebQuest é um recurso online elaborado para o desenvolvimento de um projeto de pesquisa. [...] O objetivo deste projeto de pesquisa é resolver uma tarefa, suficientemente desafiadora para despertar nos estudantes a necessidade de solucioná-la, utilizando-se, para isso, de recursos disponíveis na Web (BACICH, Lilian, 2020).

webquests, na maior parte das vezes, constituem um auxílio à pesquisa ou, talvez, um artefato resultante do projeto.

Outra questão que deve ser definida em um projeto é a estruturação de suas etapas: início, meio e fim (TEIXEIRA, 2018), tendo especificados os seguintes componentes:

1. **Tema** → definição da situação-problema; motivação; a problemática deve partir dos alunos; situações reais; projeto interdisciplinar e significativo.
2. **Equipe participante** → comprometimento dos alunos que devem ser agrupados em equipes com tarefas e responsabilidades diferenciadas; planejamento das atividades;
3. **Objetivos** → desenvolvimento de habilidades e competências nos alunos para que consigam transformar a realidade em que vivem; capacidade de interpretar, aplicar o conhecimento em situações concretas, analisar um problema, sintetizar um assunto e avaliar evidências.
4. **Atividade** → devem ser dinâmicas: realização de pesquisas, formulação de hipóteses, definição de estratégias fazem parte de ações que devem ser protagonizadas pelas equipes.
5. **Acompanhamento** → educador atento que questiona, argumenta e desafia os alunos na busca pela resolução do problema. Avaliação contínua.
6. **Conclusão** → resultados ou produtos podem culminar em sites, fotos, exposições, apresentações; intervenção na realidade.
7. **Avaliação** → registros realizados durante as etapas para que a avaliação seja mais autêntica. Os questionamentos devem ter valor sociocultural e possibilitar novas indagações; avaliar para que o aluno reflita sobre o seu próprio desempenho (TEIXEIRA, 2018).

A palavra adequada a ABP é, portanto, flexibilidade. Apesar do BIE afirmar que o período de um projeto é extenso, como fora mencionado anteriormente, para Bacich e Moran (2018) os modelos de implementação podem durar de uma semana a um ano, podem ainda ser restritos à sala de aula ou alcançarem soluções que envolvam temas transversais²⁷. Isso significa dizer que os projetos podem: ter prazos variados, ser curtos ou longos, estar relacionados a um tópico ou disciplina ou ser interdisciplinares; e devem apresentar atividades variadas a fim de atender as necessidades dos diversos alunos.

Os principais modelos, segundo Barich e Moran (2018), serão apresentados a seguir:

1. Exercício-projeto – aplicado em uma única disciplina.

²⁷ Temáticas sobre valores sociais: ética, meio ambiente, saúde, orientação sexual, trabalho, consumo, pluralidade e cultura que devem ser incorporadas aos planos pedagógicos das escolas a fim de proporcionar uma formação integral aos alunos. (<http://portal.mec.gov.br/> - Acessado em 18/03/2020)

2. Componente-projeto – apresentado como atividade acadêmica sem vínculo direto com qualquer disciplina; desenvolvido de forma independente.
3. Abordagem-projeto – apresentado como atividade interdisciplinar como elo entre duas ou mais disciplinas.
4. Currículo-projeto – quando as disciplinas e conteúdos estão a serviço do projeto, e vice-versa; não se identifica uma estrutura formada por disciplinas.

Segundo os autores, os projetos, quando bem elaborados, contribuem para o desenvolvimento de competências cognitivas e emocionais através de diferentes habilidades desde o planejamento até a sua conclusão. São sugeridas as seguintes atividades.

- Atividades para motivação e contextualização: os alunos precisam ter vontade de participar do projeto e de se envolver emocionalmente com ele.
- Atividades de *brainstorming*: os alunos têm de dar ideias, usar a criatividade, ouvir os colegas, escolher o que e como fazer, argumentar e convencer.
- Atividades de organização: os alunos devem saber dividir tarefas e responsabilidades, escolher recursos e elaborar o planejamento.
- Atividades de registro e reflexão: autoavaliação, avaliação de colegas, de reflexão sobre a qualidade dos produtos e do processo, identificação de possíveis mudanças.
- Atividades de melhoria de ideias: pesquisa, análise de ideias de outros grupos, incorporação de boas ideias e práticas.
- Atividades de produção: aplicação para geração de produtos.
- Atividades de apresentação e/ou publicação do que foi gerado: celebração e avaliação final.

No contexto LEANI, pensando em desenvolver um projeto baseado na ABP, a sugestão inicial seria a de um trabalho em conjunto com uma empresa a fim de levar um problema real para a sala de aula, o qual fosse significativo para os alunos e que, efetivamente, pudesse ser resolvido. Os alunos indicariam a(s) solução/soluções para a questão, e a empresa daria a sua avaliação do trabalho. Porém, a única empresa, do ramo de pesquisa de serviços, com a qual temos contato, durante a pandemia, não conseguiu nos ajudar por causa do momento de adaptação ao novo contexto.

Uma segunda alternativa, seria o trabalho com tradução no Programa de Voluntários de uma Instituição Internacional, sugerido por uma funcionária da empresa entrevistada. Entretanto, o desconhecimento sobre quais alunos iriam se inscrever na oficina, impediu-nos de comprometê-los com esse projeto, uma vez que ficaria restrito aos alunos que já tivessem cursado as duas disciplinas de Tradução que estão na grade do sexto e sétimo períodos do curso.

A minha percepção como professora de inglês do LEANI é que, nessa fase, sexto e sétimo períodos, como os alunos estão envolvidos com estágio e a finalização do curso, a participação em oficinas é geralmente bem restrita. Sendo assim, após conhecer o grupo da oficina e pelo tempo de que dispunha para conclusão do trabalho, optei pelo desenvolvimento de um projeto que não contém todas as características da ABP, mas aborda seus fundamentos primordiais. Além da ABP, conseguimos aplicar atividades baseadas em estudos de caso e na sala de aula invertida.

1.3.4 Metodologias ativas e projetos

Um dos objetivos desta pesquisa é avaliar como as metodologias ativas, com base no desenvolvimento da autonomia e na construção do conhecimento, podem auxiliar nas atividades de língua inglesa do bacharelado LEANI, levando em conta os pressupostos de LinFE. Acredito que o trabalho com projetos é uma boa alternativa para atender às necessidades do curso de forma geral. Por isso, destaco a visão de Bacich e Moran (2018, p. 19, 20) sobre os diferentes níveis de desenvolvimento de projetos nos parágrafos seguintes.

Os projetos dentro de cada disciplina podem ser desenvolvidos em uma disciplina especificamente, porém com várias possibilidades (dentro e fora da sala de aula, no início, meio ou fim de um determinado tema). Podem ser construídos a partir de histórias, narrativas, jogos.

Projetos integradores, interdisciplinares, agregam mais de uma disciplina e área de conhecimento. Ajudam os alunos a fazerem a conexão entre disciplinas e geralmente partem de necessidades concretas. Os autores afirmam que os projetos integradores importantes são os que partem do entorno dos alunos, de questões próximas à sua vida, à sua realidade. Quando alunos e professores entram em contato com grupos diferentes e problemas reais, ocorre a aprendizagem-serviço. A combinação de projetos integradores com aprendizagem-serviço, a partir de suporte das tecnologias digitais, é o caminho para o engajamento de estudantes no conhecimento e na mudança de um mundo complexo.

Já os projetos transdisciplinares superam o modelo disciplinar, uma vez que compreende o conhecimento de forma plural. Há um movimento no Brasil – pesquisas na UNIPLAC (Universidade do Planalto Catarinense), UFBA (Universidade Federal da Bahia),

UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) - e no mundo de desenvolvimento de currículos transdisciplinares a partir de problemas, jogos, projetos e desafios.

Em concordância com a colocação dos autores, percebo que no LEANI, nas disciplinas de língua inglesa, os projetos integradores são os que atendem melhor aos objetivos, eles também se encaixam, de forma mais adequada, na proposta do curso e nas possibilidades. Há professores e alunos abertos ao trabalho de cooperação para que a conexão entre disciplinas aconteça. Da mesma maneira, há também uma empresa, na verdade, uma funcionária de uma empresa pública de pesquisa anual de serviços, disposta a auxiliar com questões práticas, desde fornecimento de materiais, de documentos, até visitação a departamentos, entrevistas com funcionários, estágios.

Após apresentar as teorias e os aspectos importantes que embasam este trabalho, passamos para o capítulo de metodologia de pesquisa no qual focamos no paradigma de pesquisa e seus métodos. A pesquisa de campo foi realizada em uma oficina de língua inglesa aberta para alunos do curso LEANI do CEFET-RJ. Para que a oficina acontecesse, fizemos o processo de análise de necessidades com o propósito de alinhar questões trazidas por alunos, neste caso, da oficina, profissionais da área (alunos egressos e uma funcionária pública) e professores do curso. No término da oficina, os alunos pesquisadores, que são alunos que integram o projeto de extensão em língua inglesa e ajudaram no desenho da oficina e planejamento das aulas, e alunos participantes da oficina, aqueles que se inscreveram na atividade, avaliaram a oficina.

2 METODOLOGIA DE PESQUISA

Neste capítulo, discorreremos sobre a metodologia que norteia o presente trabalho. Diante disso, dividimos o capítulo em: perfil metodológico da pesquisa, contexto da pesquisa e procedimento de coleta e organização dos dados. No perfil metodológico, tratamos nas subseções da pesquisa qualitativa e da pesquisa-ação.

Logo após, na segunda seção, tratamos do contexto da pesquisa no qual apresentamos o CEFET-RJ, o bacharelado LEANI, sua proposta pedagógica e o material didático das aulas de língua inglesa e os participantes da pesquisa: onze professores do curso LEANI, quatro alunos egressos e uma profissional atuantes nas áreas do curso e o grupo de alunos pesquisadores, composto por três alunos do bacharelado e uma aluna egressa.

Na terceira seção, apresentamos o procedimento de coleta e organização dispostos da seguinte maneira: primeiro explicamos sobre as técnicas de pesquisa as quais utilizamos, a entrevista, o questionário e o diário de pesquisa; em seguida, estabelecemos as fases as quais esta pesquisa organiza-se, são elas: a fase de análise do material didático, a fase de planejamento, a fase da oficina LEANI *in Action* e a fase de reflexão.

2.1 O perfil metodológico

A pesquisa que apresentamos é de abordagem qualitativa se constituindo como pesquisa-ação. A escolha desse perfil metodológico se justifica porque o presente estudo, pertencente a área de ciências humanas, visa produzir um conhecimento a fim de modificar a prática atual coletivamente, neste caso, para desenvolver uma nova proposta de ensino de inglês do bacharelado LEANI, atendendo às necessidades dos alunos e do curso. Dessa forma, há o envolvimento e colaboração direta de pessoas que fazem parte desse curso. (THIOLLENT, 2011)

2.1.1 A pesquisa qualitativa

Conforme nos apresenta Bortoni-Ricardo (2008), a pesquisa em sala de aula está inserida no campo da pesquisa social e pode ser amparada nos pilares do paradigma quantitativo, derivado do positivismo, ou do paradigma qualitativo, proveniente da tradição epistemológica do interpretativismo.

O paradigma de pesquisa em LA que se encaixa no perfil deste trabalho é o paradigma interpretativista. Este paradigma surgiu como alternativa ao positivismo, para entender como os seres humanos interpretam o mundo à sua volta. Tal paradigma focaliza o processo e o acesso aos fatos se dá através da interpretação dos significados, do mundo a sua volta, havendo assim, segundo Moita Lopes (1994), várias realidades, não apenas uma única realidade. Por esse motivo, é importante perceber como os participantes desta pesquisa, alunos, professores e egressos, interpretam o curso e suas necessidades de aprendizagem em relação à língua inglesa. Para Bortoni-Ricardo (2008, p. 32), “não há como observar o mundo independente das práticas sociais e significados vigentes”.

Na pesquisa interpretativista é o fator qualitativo, o particular que interessa, uma vez que visa compreender determinado contexto e seus participantes, através dos significados sociais construídos. Segundo Moita Lopes (1994), o pesquisador quer entender os significados construídos pelos participantes de um determinado contexto social.

Refletindo sobre a minha participação no trabalho enquanto pesquisadora, me percebo como uma professora inquieta e atenta ao meu contexto. Ao mesmo tempo em que participo da pesquisa, preciso, por exemplo, fazer anotações no diário de pesquisa. Como Bortoni-Ricardo (2008) aborda o pesquisador que adota um paradigma interpretativista em sua pesquisa não é um mero relator passivo, mas um agente ativo.

Para Yin (2016, p. 23), o pesquisador deve ter seis habilidades gerais: "escutar", fazer boas perguntas, conhecer seu tema de estudo, cuidar de seus dados, executar tarefas paralelas e perseverar. Tais habilidades podem ser mais fundamentais do que quaisquer habilidades técnicas específicas. Acreditamos que essas habilidades são relevantes para qualquer pesquisa. Porém, em uma pesquisa qualitativa, o escutar vai além do seu senso de audição e convoca todos os seus sentidos, inclusive suas intuições. Outra questão trazida pelo autor é que escutar não significa ficar calado. O pesquisador ativo de um trabalho qualitativo faz perguntas direcionadas, indaga, questiona, mas deve tentar não influenciar o participante e, dessa forma, falar o que for necessário para a pesquisa.

É importante ressaltar que as escolas têm se comprovado como espaços privilegiados para pesquisas ancoradas pelo paradigma interpretativista de natureza qualitativa (BORTONI-RICARDO, 2008). Yin (2016) aponta a pesquisa qualitativa como forma aceita, talvez dominante, em várias áreas acadêmicas e profissionais.

Yin (2016) também defende a ideia de se considerar cinco características que delimitam uma pesquisa de natureza qualitativa já que para ele é difícil definir de forma singular a pesquisa qualitativa. As características são:

1. Estudar o significado da vida das pessoas nas condições em que elas vivem;
2. Capturar opiniões e perspectivas dos participantes;
3. Abranger condições contextuais - as condições sociais institucionais e ambientais em que as vidas das pessoas se desenrolam;
4. Explicar os acontecimentos por meio de conceitos e já existentes ou emergentes, ou desenvolver novos conceitos;
5. Coletar, integrar e apresentar dados de diversas fontes de evidência como parte de qualquer estudo.

Articular tais características em um estudo qualitativo parece que não é uma tarefa muito fácil. Porém, trazemos pontos que associam essas características a pesquisa que tem por objetivo elaborar uma nova proposta pedagógica de língua inglesa no bacharelado LEANI.

O primeiro ponto é que a pesquisa tratada aqui reflete o ensino de inglês em um curso de graduação, LEANI, com participantes, alunos e professores que pertencem ao contexto real. Devemos levar em consideração também o fato de que esses participantes trazem suas visões, opiniões a partir de significados que são dados aos eventos que fazem parte do contexto em que atuam;

Além disso, as condições contextuais são consideradas no trabalho. Neste momento, o contexto de aprendizagem foi modificado devido a pandemia da Covid-19. Passamos a ter aulas remotas, online, com materiais razoavelmente adaptados para esse modelo, além de repensar “regras” acordadas para a oficina. Estar ciente das condições contextuais de uma pesquisa qualitativa é de suma importância, pois essas condições podem afetar as pessoas e o ambiente que você está estudando. É válido lembrar que estamos trabalhando com uma pesquisa que tem como foco a vida real dos seus participantes;

Por último, a pesquisa teve como embasamento teorias que consideramos pertinentes ao trabalho neste contexto que abarcam os processos sociais; tivemos, ainda, a oportunidade de trabalhar com dados fornecidos por professores e alunos do curso, alunos egressos, uma profissional da área e diferentes técnicas de pesquisa, entrevista, questionário e diário de pesquisa.

Em concordância com Yin (2016), entendemos que a pesquisa qualitativa possui variações, dentre elas: o estudo de caso, a etnografia e a pesquisa-ação. Neste trabalho, nos apoiamos no campo teórico da pesquisa-ação sobre o qual discorreremos na próxima seção.

2.1.2 Pesquisa-ação

A pesquisa-ação é um método de investigação, um caminho ou um conjunto de procedimentos que serve para interligar conhecimento e ação, ou extrair da ação novos conhecimentos (THIOLLENT, 2011, p. 8). É o modo como a pesquisa se organiza orientada por fins práticos a partir de uma ação e da interação entre os pesquisadores e as pessoas envolvidas em um trabalho.

Thiollent (2011) define a pesquisa-ação como:

“um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo” (THIOLLENT, 2011, p. 20).

Dessa forma, a pesquisa-ação pressupõe a participação não apenas dos pesquisadores, mas também dos participantes em torno de uma ação, na forma de uma intervenção com mudanças na situação investigada (THIOLLENT, 1987).

Com apoio dessas questões, justificamos a escolha deste perfil de pesquisa. Primeiramente, nos pautamos no desenvolvimento de um trabalho prático, de uma proposta de ensino de língua inglesa para o bacharelado LEANI, a partir da identificação de um problema relacionado ao contexto real dos participantes, a atual proposta de ensino não atende às necessidades do curso e da situação-alvo. Em seguida, trazemos a colaboração desses participantes na questão investigada, professores, alunos participantes da oficina, alunos pesquisadores, alunos egressos e a profissional da área auxiliaram no levantamento das necessidades. Os alunos participantes não só assistiram, mas envolveram-se nas aulas da oficina, avaliaram e refletiram sobre as propostas, a atual e a construída colaborativamente. Os alunos pesquisadores participaram das entrevistas com professores, já os alunos egressos e a profissional da área colaboram, em parceria comigo, professora pesquisadora; no desenho

da oficina, auxiliaram durante as aulas oficina principalmente investigando sobre as necessidades de aprendizagem dos alunos participantes e, também, na avaliação do trabalho direcionado a uma reflexão sobre as propostas. Afirmamos, então, que a pesquisa é praticada pelos participantes do contexto e que visa uma mudança nas disciplinas de língua inglesa do curso LEANI a partir de uma nova proposta de ensino.

Thiollent (2006, p. 152) defende a produção do conhecimento como uma construção que responde a diferentes demandas e que ocorre com interação de diferentes agentes, especialistas, laboratórios, academias, firmas, estados etc. Yin (2016) enfatiza a adoção de um papel ativo por parte do pesquisador ou uma colaboração ativa com os participantes do estudo.

Na nossa investigação, existe uma demanda por parte dos alunos e minha também, desde 2018, quando o grupo de extensão²⁸ passou a contar com colaboradores, para que possamos construir e produzir conhecimento juntos. A partir do momento que percebemos a necessidade de mudança da proposta pedagógica, passamos a interagir com professores, principalmente os da área de negociações internacionais que é a base do curso. E com esta pesquisa, conseguimos ampliar as interações com mais alunos, professores e uma profissional da área.

Para Tripp (2005), a pesquisa-ação é vista como um tipo de investigação-ação, que tem como base um ciclo cujo objetivo é melhorar a prática. O ciclo consiste em planejar, implementar, descrever e avaliar a mudança. Thiollent (2009) aborda as fases de desenvolvimento de uma pesquisa-ação a partir de sua característica cíclica. A qualquer momento uma etapa pode ser retomada, reavaliada e adequada ao processo:

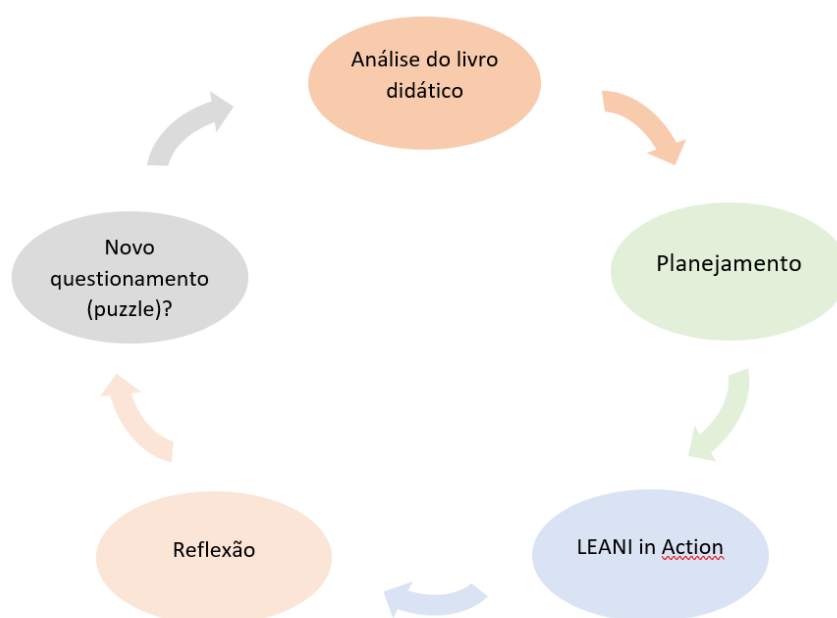
“O planejamento de uma pesquisa-ação é muito flexível..., não segue uma série de fases rigidamente ordenadas. Há sempre um vaivém entre várias preocupações a serem adaptadas em função das circunstâncias e da dinâmica interna do grupo de pesquisadores no seu relacionamento com a situação investigada.” (THIOLLENT, 2009, p.51).

Dick (2000) parte do princípio que o desenvolvimento de uma investigação baseada na pesquisa-ação deve executar uma série de etapas, de acordo com sua natureza cíclica. Apesar de diferentes variações em torno do ciclo, o autor pontua que toda pesquisa deve incluir pelo menos as etapas de reflexão, planejamento e ação.

²⁸ Grupo de extensão de inglês existe desde 2016, com bolsista, com o objetivo de pesquisar questões relacionadas ao bacharelado LEANI e o ensino de língua inglesa. Em 2020, ano em que a instituição estava sob intervenção, não conseguimos renovar o projeto. Porém, mantivemos nossas reuniões e estudos.

Considerando a perspectiva de Thiollent (2009), sobre as fases cíclicas da pesquisa-ação e seu planejamento flexível, dividimos a pesquisa nas seguintes fases: análise do livro didático, planejamento, a oficina LEANI *in Action* e a reflexão que levará a um novo questionamento.

Figura 3 – Fases da pesquisa



Fonte: A autora, baseado em Thiollent (2009)

Apesar das fases desta pesquisa estarem aparentemente bem delineadas, lembramos que em uma pesquisa-ação as fases podem ser retomadas e reavaliadas no processo.

A seguir, apresentamos o contexto de pesquisa.

2.2 O contexto de pesquisa

A presente pesquisa foi desenvolvida no CEFET/RJ, campus Maracanã, no curso de graduação LEANI, Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais, em uma oficina de inglês para negociação, “LEANI in Action: Novos Caminhos” com atividades

remotas pelo aplicativo *Teams*²⁹. Portanto, dividimos o contexto de pesquisa em duas partes: a primeira parte trata do CEFET/RJ, do bacharelado LEANI, sua proposta pedagógica e o material didático utilizado nas aulas de inglês, e na segunda parte, descrevemos os participantes.

2.2.1 O CEFET/RJ

O CEFET/RJ, antes conhecido como a escola técnica Celso Suckow da Fonseca³⁰, assim como as escolas técnicas de Minas Gerais e Paraná, foi nomeado centro tecnológico em 1978 pela Lei 6.545 de 30 de junho de 1978. Com essa nomeação, esses Centros passam a assumir o status de instituição de ensino superior e passam a oferecer cursos de graduação e pós-graduação.

O CEFET/RJ oferece regularmente cursos de ensino médio e de educação profissional técnica de nível médio, cursos de graduação, incluindo cursos superiores de tecnologia, bacharelados e licenciaturas, cursos de mestrado e doutorado, além de atividade de pesquisa e de extensão, estas incluindo cursos de pós-graduação *Lato Sensu*, entre outros.

O ensino de línguas adicionais na instituição não tem data precisa. Devido à junção de currículos entre a educação profissional e o segundo grau de formação geral – atualmente Ensino Médio – proposto pela LDB (Lei de Diretrizes e Base), no 5.692/1971, a educação secundarista passou a ser técnica³¹. Com isso, pela primeira vez na história, as línguas adicionais, ou melhor, o inglês, fez parte da formação do currículo do ensino profissional. Logo, podemos afirmar que o inglês esteve presente como língua adicional recomendada no CEFET/RJ, pelo menos, desde a aprovação da LDB. Porém, há uma política de oferta de idiomas desde a existência da antiga Escola Técnica Nacional, em 1942, no que hoje conhecemos como CEFET/RJ.

²⁹ <https://www.microsoft.com/pt-br/microsoft-teams/>

³⁰ A história do CEFET/RJ inicia-se em 1917 como Escola Normal de Artes e Ofícios. Fiz um recorte na história da instituição abordando o período em que passou a se chamar escola técnica Celso Suckow da Fonseca com cursos de graduação.

³¹ Depois disso tivemos novas mudanças curriculares e essa unificação não perdurou até hoje.

Desde 2005, O CEFET/RJ possui um projeto de transformação em Universidade Tecnológica na área das Ciências Aplicadas. O projeto se espelha nos parâmetros que fizeram o CEFET/PR virar a Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UFTPR) avalizada por Luiz Inácio Lula da Silva, Presidente da República naquele período, 2005. Com foco na possibilidade de seguir os passos da coirmã, o CEFET/RJ passou a se interessar por cursos de outras áreas de conhecimento, diferentes das engenharias. Dessa forma, a instituição permitiu a aprovação e criação do bacharelado LEANI, no ano de 2014 o qual detalharemos a seguir.

2.2.2 O bacharelado LEANI³²

O histórico dos cursos de Bacharelado em LEA (Línguas Estrangeiras Aplicadas) começa na Universidade de Rochelle, na França, no ano de 1990. No Brasil, a Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), em Ilhéus, é a pioneira em sua oferta a partir do ano de 2002. O segundo curso do país tem início em 2009 na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), no campus de João Pessoa. Em 2011, a Universidade de Brasília (UnB) inicia as atividades do Bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação, projeto diferenciado em relação aos cursos da UESC e UFPB. Atualmente, na Europa, principalmente em Portugal e na Espanha, já existe oferta de Cursos de Mestrado Profissional em Línguas Estrangeiras Aplicadas, com linhas de pesquisa sobre Comércio e Relações Internacionais, Tradução e Estudos Linguísticos Aplicados.

A implantação do curso de bacharelado LEANI no CEFET/RJ representa o resgate do papel formador e da presença da língua adicional no histórico das escolas da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, RFEPT. Desde o início da década de setenta, as escolas técnicas federais e os CEFET(s) participaram do Projeto Nacional de Ensino de Inglês Instrumental coordenado pela Professora Doutora Maria Antonieta Alba Celani (PUC-SP), cujo objetivo era desenvolver a habilidade da leitura em língua adicional dos estudantes universitários e do ensino técnico a partir do desenvolvimento das estratégias de leitura, da noção de gênero discursivo e do conceito de análise de necessidades. O projeto visava ensinar, basicamente, naquele momento, a língua inglesa por meio das necessidades mapeadas

³² As reflexões apresentadas nesta seção integraram o artigo A inserção do Bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas no cenário do CEFET-RJ: histórico e papel dos idiomas, publicado em 2017.

dos alunos, que contribuíssem para sua atuação consciente no mercado de trabalho com vistas à sua inserção, de maneira crítica, nas interações sociais e culturais determinadas na vida em sociedade. (CELANI, 2002).

A participação do CEFET/RJ como instituição multiplicadora do Projeto da PUC-SP, desde a origem do programa, em torno de 1978, reforça o compromisso e a competência da instituição para oferecer um curso superior em área próxima, objetivando a formação de profissionais atuantes em diferentes contextos do mundo empresarial mediante o uso de línguas adicionais e do conhecimento técnico de negociações internacionais.

O projeto pedagógico do bacharelado LEANI foi apresentado ao CEFET/RJ pela Coordenação de Línguas Estrangeiras, única na instituição em 2007, por iniciativa do professor de espanhol, Antonio Ferreira da Silva Júnior, após verificar a oferta de cursos de Licenciatura em Letras/Espanhol na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica desde o ano de 2006. O propósito do projeto era de proporcionar crescimento à área de línguas adicionais na estrutura interna da instituição.

O Bacharelado LEANI reforça o papel social da instituição em formar profissionais capazes de aplicar conhecimentos técnicos, científicos e de natureza humana às atividades de produção e serviços de acordo com a dinâmica social de desenvolvimento do país. Desde a implantação do LEANI, notamos que o mesmo contribui para a democratização do acesso à educação pública, o desenvolvimento científico-tecnológico e o atendimento de um campo profissional em fase de expansão na cidade do Rio de Janeiro e país.

O fato de não existir esse curso no Rio de Janeiro foi um fator decisivo para a aprovação do projeto pelos Conselhos dirigentes do CEFET/RJ, já que a instituição pôde inovar e se diferenciar das demais existentes no Estado. A aprovação do projeto gerou algumas dúvidas porque, num primeiro momento, entendeu-se que a proposta era de um curso de Letras, mas, no decorrer do primeiro ano de oferta, a concepção de uma formação internacionalista através do viés da linguagem foi se tornando mais compreensível à comunidade interna.

No projeto de curso, o qual abordaremos na próxima subseção, espera-se que o acadêmico LEANI desenvolva o conhecimento de três línguas adicionais (inglês, espanhol e francês), de suas respectivas culturas, de políticas linguísticas e de saberes do mundo corporativo (mediante contato com conhecimentos advindos da Administração, Economia, Direito, Turismo e Negociações Internacionais). O objetivo do curso acaba sendo a formação de um profissional conhecedor de diferentes culturas e questões organizacionais. O projeto pedagógico possibilita uma maior integração dos Departamentos de Ensino Superior da

própria instituição, já que a matriz curricular propõe disciplinas existentes em outros cursos de Graduação, como, por exemplo, no curso de bacharelado em Administração, otimizando recursos humanos e espaço físico, além de promover a interação entre alunos com diferentes olhares acadêmicos.

O egresso do curso atende a um perfil profissional buscado por muitas empresas em nossa sociedade global e intercultural: um profissional mais flexível, dinâmico, apto a promover o diálogo e trocas internacionais. Isso implica em promover uma formação de nível superior mais articulada entre os processos socioculturais, políticos, tecnológicos e econômicos do Brasil e a política exterior.

A ausência de profissionais no mundo dos negócios com amplo domínio de diferentes línguas adicionais, o conhecimento técnico advindo da área de Políticas Linguísticas, Administração, Economia, Direito e cultura geral, a possibilidade de expansão de convênios com universidades estrangeiras, Institutos e Embaixadas, a experiência do CEFET/RJ na área internacional mediante sua Assessoria Internacional e a experiência do corpo docente no tocante ao ensino de idiomas foram argumentos positivos para a aprovação do projeto e criação do Curso de Bacharelado LEANI no ano de 2014.

O Curso de bacharelado LEANI pretende formar bacharéis aptos a entrar no mercado de trabalho com as seguintes qualificações básicas: conhecimento, vivência cultural e competência comunicativa nas três línguas adicionais e em técnicas de negociações internacionais, além da capacidade para assessorar, mediar e coordenar ações que implicam os diversos tipos de diálogo, troca e intercâmbio internacional, de natureza comercial e não-comercial, no contexto das organizações contemporâneas.

Tal bacharelado também propõe desafios para seu corpo docente no exercício diário de relacionar, principalmente, as novas dinâmicas do mundo das organizações e das negociações internacionais à formação em linguagens. Podemos afirmar que esta tese nasceu da inquietação em relação aos desafios propostos pelo curso. Ela tem o compromisso de atender às necessidades do curso a partir da investigação de situações nas quais o profissional LEANI terá que comunicar-se em inglês. Sua contribuição nesse âmbito parte da pesquisa com materiais autênticos, com atividades de simulação baseadas em fatos reais, ou seja, com o trabalho da língua usada no contexto das negociações internacionais e de outras áreas do bacharelado LEANI.

2.2.2.1 O projeto pedagógico do curso

Antes de tratar do curso LEANI e da sua proposta pedagógica, apresentamos a definição de projeto pedagógico que nos identificamos.

Segundo Paiva (2005):

[...] o projeto do curso deveria ser o carro chefe para garantir a qualidade do ensino. No entanto, a análise dos projetos revela o predomínio de currículos organizados de forma tradicional, em torno de disciplinas, além de a maioria não apresentar coerência entre os objetivos e o perfil do egresso. As ementas e programas se escoram em bibliografia desatualizada, a teoria não dialoga com a prática, e a metodologia é ainda centrada no professor, dentro do modelo de transmissão de conhecimento. (PAIVA, 2005).

O projeto pedagógico de um curso é o plano global que define a proposta educativa a ser realizada. Trata-se de um processo colaborativo que vai se aperfeiçoando e se concretizando na caminhada.

Paiva (2005) nos alerta da necessidade constante de revisão dos programas e conteúdos indicados. Em nosso caso, o bacharelado LEANI define-se como um curso inter e multidisciplinar em que a atualização e a complementação entre as áreas de formação tornam-se indispensáveis. O projeto pedagógico acaba sendo entendido como um gênero responsável pela definição de uma concepção única de formação por parte dos docentes de um curso e, também, um elemento norteador da discussão do perfil de profissional desejado para tal área de atuação. No tocante ao curso LEANI, não é fácil compreender esse perfil por conta da proposição da junção entre a área de linguagens e a área internacionalista e da resposta dos poucos egressos que estão no mercado de trabalho.

Desde o seu início, as formas de ingresso no curso são: classificação junto ao SiSU - ENEM, transferência externa, transferência *ex-offício* (destinado a funcionários públicos federais e militares quando em mudança de cidade ou estado), convênio com órgãos governamentais de fora do país com os quais o Brasil mantém acordo. O funcionamento do curso é integral de 7h às 16h25 de segunda à sexta. Ressaltamos que o PPC, Projeto Pedagógico do Curso, vem sofrendo modificações como, alteração de ementas, mudança de carga horária de disciplinas, inserção de disciplinas, mudança no regulamento de estágio. Dessa forma, como o documento ainda não é público, trazemos informações divulgadas pela

página do curso³³, construída por alunos do curso para divulgá-lo, que já configuram o desenho atual. A carga horária atual do curso é distribuída da seguinte forma:

- a) Disciplinas Teóricas e Práticas – carga horária de 3.060 horas;
- b) Disciplinas optativas obrigatórias – carga horária de 360 horas;
- c) Atividades Acadêmico-Científico-Culturais – carga horária de 120 horas.
- d) Estágio – carga horária de 390 horas;

Apresentamos a grade curricular atual do curso após mudanças:

Quadro 2- Grade Curricular do Bacharelado LEANI.

Primeiro Período	Segundo Período	Terceiro Período	Quarto Período
Língua Espanhola I	Língua Espanhola II	Língua Espanhola III	Língua Espanhola IV
Língua Inglesa I	Língua Inglesa II	Língua Inglesa III	Língua Inglesa IV
Língua Francesa I	Língua Francesa II	Língua Francesa III	Língua Francesa IV
Produção Textual Acadêmica	Introdução às Políticas Linguísticas	Fundamentos de Marketing	Cultura Hispânica
Linguagem e Sociedade	Direito Constitucional	Direito Internacional Público	Administração de Varejo
Identidades Culturais I	Identidades Culturais II	Identidades Culturais III	Direito Internacional Privado
Introdução à Gestão	Filosofia e Ética Aplicadas as RI's	Teoria das RI's I	Gestão Empreendedora
Formação da Sociedade Brasileira	História das RI's	Introdução ao Turismo e à Hospitalidade	Teoria das RI's II
Introdução às RI's			

³³ <https://www.leani.com.br/grade-curricular>

Quinto Período	Sexto Período	Sétimo Período	Oitavo Período
Língua Espanhola V	Língua Espanhola VI	Língua Espanhola: Tradução x Versão	Estágio Supervisionado
Língua Inglesa V	Língua Inglesa VI	Língua Inglesa: Tradução x Versão	Trabalho de Conclusão de Curso
Língua Francesa V	Língua Francesa VI	Língua Francesa: Tradução x Versão	
Culturas Francófonas	Organização e Gestão de Eventos I	Organização e Gestão de Eventos II	
Turismo e Sociedade	Cultura dos Países de Língua Inglesa	Organizações Internacionais e Integração Regional	
Planejamento e Consultoria Linguística	Estudos de Teorias da Tradução	Projeto TCC	
Análise da Política Externa Brasileira	Metodologia Científica		
Economia Política Internacional	Estratégia Empresarial		
Sociologia Aplicada às Negociações Internacionais	Macroeconomia		
	Teorias e Técnicas de Negociação		

Fonte: Página da internet do Bacharelado LEANI, 2021, adaptado pela autora da tese.

A divisão de disciplinas é feita por núcleos articuladores/profissionais, como já mencionamos: núcleo de Línguas Estrangeiras; núcleo de Linguagem, Cultura e Sociedade; núcleo de Negociações Internacionais; núcleo de Turismo e Eventos; e núcleo de Administração, Economia e Direito. Relacionamos o quadro abaixo com os núcleos do bacharelado LEANI e as disciplinas que os integram: (quadro baseado no PPC de 2017, porém com atualizações feitas por mim e pelo grupo de alunos pesquisadores).

Quadro 3 - Núcleos do Bacharelado LEANI e Respectivas Disciplinas

Núcleo de Línguas Estrangeiras	Núcleo de Linguagem, Cultura e Sociedade	Núcleo de Negociações Internacionais	Núcleo de Turismo e Eventos	Núcleo de Administração, Economia e Direito
Língua Espanhola I a VI	Produção Textual Acadêmica	Formação da Sociedade Brasileira	Introdução ao Turismo e à Hospitalidade	Introdução à Gestão
Cultura Hispânica	Linguagem e Sociedade	Análise da Política Externa Brasileira	Turismo e Sociedade	Direito Constitucional
Língua Espanhola: tradução x versão	Introdução às Políticas Linguísticas	Introdução às Relações Internacionais	Organização e Gestão de Eventos I	Direito Internacional Público
Língua Inglesa I a VI	Identidades Culturais I, II e III	História das Relações Internacionais	Organização e Gestão de Eventos II	Direito Internacional Privado
Cultura dos países de Língua Inglesa	Metodologia científica	Teoria das Relações Internacionais I e II		Fundamentos de Marketing
Língua Inglesa: tradução x versão		Teoria e Técnicas de Negociações Internacionais		Administração de Varejo
Língua Francesa I a VI		Filosofia e Ética Aplicada às Negociações Internacionais		Gestão Empreendedora
Culturas Francófonas		Sociologia Aplicada às Negociações Internacionais		Macroeconomia
Língua Francesa: tradução x versão		Organizações Internacionais e Integração Regional		Estratégia Empresarial
Planejamento e Consultoria Linguística				Economia Política Internacional
Estudos de Teoria da Tradução				

Fonte: A autora, 2021, adaptado do PPC, (2017)

Nas línguas adicionais existe a possibilidade de realização de um exame de aproveitamento de estudos para a isenção de disciplinas do núcleo de Línguas Estrangeiras que integram a grade até o terceiro período. As disciplinas de língua inglesa correspondentes a isenção são: Língua Inglesa I, Língua Inglesa II e Língua Inglesa III. Há uma prova no primeiro mês de cada semestre para o aluno que tenha se inscrito. O exame é constituído de duas etapas: prova escrita e prova oral. Ambas as provas têm caráter eliminatório, com exigência da nota mínima 7,0 (sete) para aprovação. Ressaltamos que não é permitido requerer o exame para disciplinas já cursadas ou para aquelas em que o aluno tenha sido reprovado. A coordenação do curso e o professor da disciplina entram em acordo sobre a constituição de uma banca, que é geralmente composta por 2 (dois) professores, à qual competirá elaborar, aplicar e avaliar o exame.

Pensando na proposta deste trabalho, acredito que as isenções nas disciplinas de língua inglesa não deveriam mais acontecer. Se queremos algo que vá ao encontro do projeto pedagógico do curso, que atenda às premissas de LinFE e traga algo prático para a sala de aula, não faz sentido que tenhamos provas de isenção.

Entre os objetivos do curso presentes no projeto estão: (a) dotar o discente de conhecimento linguístico em três línguas estrangeiras com vistas a sua comunicação em diferentes situações e contextos (empresas de diferentes setores de atividade, recepção de eventos, acompanhamentos de grupos, tradução, exposições orais, redação de textos); (b) possibilitar uma reflexão junto ao discente das diferentes linguagens e saberes do mundo contemporâneo; (c) apresentar o conhecimento como um saber dialógico e interdisciplinar; (d) dotar o discente de competências do mundo do trabalho: capacidade de negociação e gerenciamento, assessoramento empresarial, intermediação de conflitos, coordenação de processos, elaboração e desenvolvimento de projetos, conhecimento sócio-político de diferentes culturas, promoção do intercâmbio comercial e cultural; (e) levar o discente a uma reflexão entre o mundo das negociações internacionais e o universo linguístico.

Por conta da natureza do curso e seu caráter de conhecimento aplicado, pautamo-nos na abordagem de LinFE para desenhar e organizar a oferta das línguas adicionais na matriz curricular. É importante ressaltar a relevância da abordagem de línguas para fins específicos no planejamento didático das línguas no LEANI, já que a pluralidade de contextos possíveis para a atuação do profissional é múltipla.

2.2.2.2 O material didático de inglês

O Bacharelado LEANI adota um material para as disciplinas de língua inglesa voltado para negócios. O material didático escolhido por mim e PII³⁴ integra um curso compacto comparado aos materiais existentes no mercado com carga horária de 80-90 horas. Ele apresenta estrutura modular com lições flexíveis que podem ser organizadas e adaptadas de acordo com o planejamento do professor.

A série a qual tratamos é composta por quatro níveis: pré-intermediário, intermediário, intermediário-avançado (*upper intermediate*) e avançado. Ela segue o Quadro Comum

³⁴ Primeira professora de inglês entrevistada (PII)

Europeu de Referência para Línguas (*Common European Framework of Reference for Languages – CEFR*)³⁵ do nível *BI* (intermediário) ao *CI* (proficiente). Cada coleção contém livro do aluno, livro digital de exercício (*e-workbook*), livro do professor com CD-ROM que possui diferentes recursos (material extra, provas, áudios do livro e vídeos) e CD de aula. O preço em média atualmente do livro do aluno, em 2021, é de R\$217,00.

Ressaltamos que no curso LEANI não utilizamos o material do pré-intermediário. Somente a língua inglesa demanda um conhecimento prévio do idioma na entrada ao curso, nível básico da língua³⁶. Porém, recebemos alguns alunos sem essa noção do idioma. Sobre a série, ela é dividida anualmente: o livro do nível intermediário é utilizado no primeiro ano do curso com os primeiro e segundo períodos, o intermediário-avançado acompanha o segundo ano do curso com os terceiro e quarto períodos, e o material avançado segue no terceiro ano do curso com os quinto e sexto períodos. No sétimo período, a disciplina de inglês que faz parte da grade do curso é a de Tradução & Versão em Língua Inglesa, a qual não há adoção de material.

Outra questão importante é que este não o primeiro material didático a ser adotado no curso. Inicialmente, em 2014, a equipe de língua inglesa³⁷ sugeriu a adoção de um livro didático com foco em contextos profissionais. Porém, em 2015, após a minha chegada, percebemos a necessidade de mudança que logo em seguida aconteceu com a adoção de um material focado em negócios e utilizado nas seis disciplinas de língua inglesa. Ao desenvolver pesquisas junto aos discentes e docentes ao longo dos primeiros anos, foi verificado que o material didático não atendia muitas das necessidades neste contexto como por exemplo: o foco voltado para profissionais já atuantes e não para alunos em formação, direcionamento da maioria dos tópicos para negócios, não atendendo as demandas dos diversos eixos como turismo, marketing ou negociações. E ainda, por ser muito denso, havia pouco espaço para complementação. (ALCÂNTARA, 2016).

No capítulo de análise, examinamos o livro com base nos critérios de Ramos (2003). A seguir, tratamos da caracterização dos participantes da pesquisa.

³⁵ O Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas (*Common European Framework of Reference for Languages – CEFR*) é um padrão internacionalmente reconhecido para descrever a proficiência em um idioma. É uma forma de descrever quão bem você fala e entende uma língua estrangeira[...]. <https://www.britishcouncil.org.br/quadro-comum-europeu-de-referencia-para-linguas-cefr>

³⁶ Essa informação consta no material de divulgação e na página do curso.

³⁷ Nesse período, o curso não contava com um professor de inglês no departamento do curso LEANI, tínhamos duas professoras colaboradoras lotadas na coordenação de ensino médio.

2.3 Os participantes

A pesquisa foi desenvolvida no CEFET/RJ campus Maracanã no curso de graduação LEANI, Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais. Em relação ao ensino de inglês no curso, eu, pesquisadora proponente, sou a única professora lotada no departamento para atuar com as disciplinas da referida língua: Língua Inglesa de I à VI e Tradução & Versão. Atualmente, o curso tem a colaboração de uma professora substituta de inglês, já que estou em afastamento para terminar o doutorado.

Para a pesquisa, contamos com a participação de professoras de língua inglesa que auxiliam o curso LEANI ou já o fizeram no passado, uma lotada no departamento de ensino médio do CEFET/RJ e outra trabalhando em um Instituto Federal no Sul do país atualmente. A terceira docente atuou como professora substituta de língua inglesa do curso LEANI por um semestre.

Os demais professores participantes desta pesquisa foram dois professores que atuam no núcleo de Negociações Internacionais, que têm demonstrado interesse em desenvolver projetos interdisciplinares e multidisciplinares; dois professores do núcleo de Linguagem, Cultura e Sociedade, uma professora do núcleo de Administração, Economia e Direito e duas professoras do núcleo de Línguas Estrangeiras e, ainda, um professor do curso de bacharelado em Administração. Todos os professores foram convidados por aplicativo de mensagem e, logo que aceitaram, receberam um e-mail com hora e data acertada para a entrevista. Tivemos onze professores participantes na pesquisa.

Há dois grupos de alunos na pesquisa. Um deles integra os alunos denominados participantes, são seis alunos do bacharelado LEANI, sendo quatro do segundo período, uma do sexto e um aluno da turma de 2016 que inscreveram-se na oficina. Ressaltamos que os alunos do primeiro ano do bacharelado LEANI não foram convidados para participar deste trabalho, pois eles não teriam ainda uma visão concreta e clara do curso. Porém, quatro alunos pediram autorização para se inscrever, e como a procura foi baixa, tivemos 13 alunos inscritos, decidimos que eles poderiam participar. Com esses alunos, o convite para participar da pesquisa foi feita através da divulgação da oficina nas redes sociais do curso.

O outro grupo de alunos é formado por três alunos e uma aluna egressa que participaram de projetos de extensão de língua inglesa no CEFET/RJ. Como tenho projetos de extensão de língua inglesa relacionados ao curso desde 2016, os alunos pesquisadores começaram a formar uma equipe desde que iniciaram a participação nesses projetos. A

primeira iniciou em 2017, atualmente é egressa do bacharelado LEANI, faz mestrado em Administração em uma instituição superior particular e trabalha atualmente como analista de mercado de capitais. O segundo participa conosco desde 2018, está entrando no oitavo período do bacharelado, em julho de 2021, egresso do curso de graduação de Física na modalidade licenciatura da UERJ, fez mestrado no CEFET-RJ em Ciência Tecnologia e Educação, é professor de inglês em uma escola e em um grande curso livre de ensino de línguas do Rio de Janeiro. O terceiro participante também está no grupo desde 2018 e, também, é aluno de oitavo período. Ele é egresso do curso de graduação em Administração do CEFET-RJ. Já a quarta integrante foi a última a chegar ao grupo. Iniciou em 2020 quando estivemos juntas na monitoria de inglês. Ela foi a participante que esteve presente em praticamente todas as fases, digo, acompanhando de perto as entrevistas, aulas, reuniões. Embora, no ano passado, ela estivesse mais tímida, a participação dela em 2021 foi valorosa em virtude do compartilhamento de suas opiniões e visões a partir de um olhar cuidadoso em tudo. Os alunos que hoje caminham comigo vieram da extensão, com exceção da última integrante que era monitora de inglês do curso. É importante informar que todos os alunos, participantes e pesquisadores, sem exceção, são maiores de idade, adultos entre 18 e 30 anos.

O grupo de alunos pesquisadores coordenados participou das fases da pesquisa, auxiliando desde a divulgação das atividades até a sugestão das mesmas. Este grupo planejou, e registrou a experiência vivenciada no projeto e suas interpretações em um diário de pesquisa. As informações passadas por este grupo em reuniões ou pelo grupo de *Whatsapp*³⁸ foram importantes para a pesquisa, pois eles já tiveram ou ainda possuem participação ativa em projetos de língua inglesa no curso LEANI ou em monitoria ou no Centro Acadêmico do curso. Portanto, eles têm experiência no curso e, também, em pesquisas, além de possuírem interesse em contribuir para o aprimoramento do mesmo.

Além dos alunos, uma funcionária de empresa pública, formada em Letras, que atua na área de coordenação de cursos e passou por diversos departamentos na empresa como o de Tradução e o de Relações Internacionais participou da pesquisa. Nos conhecemos em um evento da APLIERJ³⁹ e passamos a nos reunir com intuito de fortalecer o trabalho empresa e universidade. A partir desse contato mais próximo, a convidei para a entrevista que integra esta pesquisa.

³⁸ <https://www.whatsapp.com/?lang=en>

³⁹ Associação de Professores de Língua Inglesa do Estado do Rio de Janeiro

Todos os participantes receberam uma sigla no lugar de nomes a fim de manter o anonimato na pesquisa como determina a UERJ. A sigla de todos os professores que colaboraram é P. Os professores dos diversos núcleos, assim como o professor do curso de Administração, com exceção dos professores do núcleo de Línguas Estrangeiras, receberam um número a partir da ordenação da entrevista, por exemplo, P1, foi o primeiro professor a ser entrevistado. Já para os professores de inglês adicionamos a letra I e um número, então PI1, foi a primeira professora de língua inglesa a ser entrevistada. Para mim, escolhemos PP, professora pesquisadora. As professoras de espanhol e francês, receberam a sigla PE e PF respectivamente.

Os alunos que participaram da oficina receberam a sigla A, seguido de um número, de A1 a A6. Ressaltamos que A1 e A6 são alunos mais antigos, das turmas de 2016 e 2018 respectivamente. Já A2, A3, A4 e A5 são alunos do segundo período do curso, ingressaram em 2020. Esses alunos não tiveram aula com o livro didático, pois a professora que me substitui neste momento deve estar se baseando em materiais diversificados para negócios. Quanto aos alunos pesquisadores, escolhemos AP seguido de um número, por ordem de entrada nos projetos de língua inglesa. Dessa forma, AP1, foi a primeira aluna a participar em um projeto comigo.

Para os alunos egressos, a sigla escolhida foi E seguido de um número de acordo com a ordem de entrevistas. E, por fim, para a profissional da área, funcionária pública, escolhemos FP porque a letra P ficou condicionada aos professores, para não causar confusão.

Apresentamos um quadro com resumo dos participantes e suas respectivas siglas.

Quadro 4- Participantes da Pesquisa

Participante	Sigla
Professor diversas áreas	P + número → P1, P2, P3, P4, P5, P6
Professora de inglês	PI+ número → PI1, PI2, PI3
Professora de espanhol	PE
Professora de francês	PF
Professora pesquisadora	PP
Aluno participante (oficina)	A + número → A1, A2, A3, A4, A5, A6
Aluno pesquisador	AP + número → AP1, AP2, AP3, AP4
Egresso (aluno)	E + número → E1, E2, E3, E4
Funcionária Pública	FP

Fonte: Autora, 2021.

Concluindo a descrição do contexto, dou prosseguimento a seção sobre coleta e organização dos dados.

2.4 Procedimento de coleta e organização dos dados

A partir das considerações relacionadas, para que seja possível apresentar uma nova proposta e responder as perguntas de pesquisa:

- “Por que a atual proposta pedagógica de ensino e aprendizagem de língua inglesa não atende as necessidades do bacharelado LEANI?”
- “Qual a proposta pedagógica que melhor atende as necessidades do bacharelado LEANI?”,

Utilizamos técnicas de investigação como entrevistas baseadas no modelo de Daher (1998), um questionário inicial e outro de avaliação final e o diário de pesquisa docente e discente (dos alunos pesquisadores). Para facilitar a organização do trabalho e o entendimento de todos os participantes, dividimos a pesquisa em quatro fases que serão detalhadas mais a frente. A seguir, explicamos melhor a divisão dessas partes. Portanto, a seção é dividida em: as técnicas de pesquisa, onde apresentamos as entrevistas, os questionários e os diários; e as

fases da pesquisa que são: a análise do material didático, o planejamento, a oficina LEANI *in Action* e a fase de reflexão.

2.4.1 As técnicas de pesquisa

A primeira técnica utilizada na pesquisa foi a entrevista. Fizemos entrevistas semiestruturadas por chamada de vídeo gravada, com seus roteiros baseados nos critérios propostos por Daher (1998), todos os professores que participaram da pesquisa, a funcionária pública e quatro alunos egressos atuantes nas áreas. Em seguida, disponibilizamos na divulgação da oficina um link de um questionário de análise de necessidades elaborado em um formulário eletrônico para os alunos do bacharelado LEANI que se inscrevessem na oficina. Como instrumento de reflexão, o diário deveria ser a ferramenta utilizada do início ao fim da pesquisa. Porém, o diário discente acabou sendo transformado em um diário “guiado”, onde os alunos responderam as perguntas elaboradas por mim na maioria das vezes.

Como forma de analisar as necessidades dos alunos e do curso a partir de diferentes visões, apresentamos, primeiramente, a entrevista.

2.4.1.1 Entrevista

A entrevista é uma das estratégias mais utilizadas no processo de trabalho de campo, segundo Minayo (2016). Elas podem fornecer dados primários: informações diretamente construídas no diálogo com indivíduo entrevistado e tratam da reflexão do próprio sujeito sobre a realidade em que vive.

Ademais, como aponta a autora (MINAYO, 2016), devemos atentar para as seguintes considerações práticas em qualquer entrevista: apresentação, menção do interesse da pesquisa, apresentação de credencial institucional, explicação dos motivos da pesquisa, justificativa da escolha do entrevistado, garantia do anonimato e sigilo e conversa inicial. Acreditamos que todos esses itens são de extrema importância em uma entrevista, mas a justificativa de escolha do candidato foi um ponto chave em algumas das nossas entrevistas. Alguns colegas não percebiam a relação da pesquisa com a participação deles.

Segundo Yin (2016) há dois tipos de entrevistas: as entrevistas estruturadas que listam perguntas, assim como um questionário formal. O objetivo desse tipo de entrevista é, geralmente, fazer um levantamento ou, ainda, integrar uma pesquisa de opinião. Por outro lado, as entrevistas qualitativas são as mais utilizadas em pesquisa qualitativa, onde as perguntas mais importantes são abertas. O autor afirma que o pesquisador não deve seguir um roteiro rígido uma vez que as perguntas devem ser diferentes de acordo com o contexto da entrevista.

Minayo (2016) amplia a classificação das entrevistas, são elas: sondagem de opinião (baseada em questionário estruturado), semiestruturada (combinação de perguntas abertas e fechadas), aberta ou em profundidade (dão mais profundidade às reflexões), focalizada (destinada a esclarecer apenas um determinado problema) e projetiva (usa dispositivos visuais para que o entrevistado possa discorrer sobre o que ver ou ler). Percebemos que as entrevistas referidas por Minayo (2016) como sondagem de opinião e semiestruturadas, são definidas por Yin (2016) como estruturadas e qualitativas. Nesta pesquisa, utilizarei o termo semiestruturada para as entrevistas que fizemos.

Sobre o papel do pesquisador, há duas questões apontadas por Yin (2016) que são relevantes para esta pesquisa: ele deve manter-se neutro e fixar limites. Porém, a questão da neutralidade é discutida, pois parece irreal. Na verdade, o próprio autor conclui que o que deve ser evitado é um comportamento tendencioso. Sobre os limites nessa pesquisa, com o distanciamento físico decorrente da Pandemia de Covid-19, a qual estamos desde março de 2020, e também do meu afastamento das atividades do curso para concluir o doutorado, fixar limites nas entrevistas foi praticamente impossível. Por isso, as entrevistas que integram este trabalho são longas, com duração média de uma hora cada uma.

Yin (2016) revela que, em geral, os melhores trabalhos de campo são os mais simpáticos e que melhor se relacionam com os entrevistados. A inter-relação, que contempla o afetivo, o existencial, o contexto do dia a dia, as experiências e a linguagem do senso comum no ato da entrevista é condição essencial do êxito da pesquisa qualitativa. Diante da colocação feita pelo autor, podemos garantir que as entrevistas foram leves e a simpatia não faltou ao grupo de pesquisadores.

Yin (2016) sugere que o pesquisador tenha um protocolo de entrevista. Esse protocolo deve ser baseado em um pequeno subgrupo de temas com intuito de produzir uma conversa guiada. Se for necessário, o pesquisador pode manter um roteiro escrito para amparar a entrevista. Minayo (2016) firma o roteiro como apoio claro para uma entrevista. Dessa forma, a entrevista assegura que suas questões serão cobertas na conversa.

Rocha *et al* (2004) trazem à tona um panorama mais complexo relacionado às entrevistas. Segundo os autores, há três momentos distintos:

- momento da preparação da entrevista; produção de um roteiro que conduz uma “interação antecipada” com o entrevistado;
- momento da realização da entrevista: conversa baseada nas bases de um roteiro sólido que visa atualizar textos produzidos anteriormente;
- momento que segue a entrevista: escolha sobre um corpus o qual trabalhará a partir dos textos produzidos.

Os autores mencionados tratam do “material excedente” em uma entrevista. Segundo eles, Rocha *et al* (2004), sempre haverá pontos em uma entrevista que não foram perguntados ou questões que ultrapassam a entrevista. Em vista disso, a intervenção do pesquisador é necessária e para isso é preciso ter os critérios previamente estabelecidos, no momento de preparação da entrevista. É importante perceber que em uma pesquisa os objetivos da entrevista não podem se confundir com os objetivos da pesquisa. Para os autores, “a entrevista não é o corpus de análise, mas sim o campo de circulação de determinados discursos, campo esse que será recortado conforme os objetivos da pesquisa” (ROCHA *ET AL*, 2004, p. 14).

Neste trabalho, fizemos entrevistas semiestruturadas, que foram recortadas a partir das asserções da pesquisa, com seus roteiros baseados nos critérios propostos por Daher (1998) com definição de objetivo, problema, hipótese e perguntas. Informamos que o termo hipótese no roteiro será substituído por asserção por se tratar de uma pesquisa qualitativa com a possibilidade de alteração durante o processo de pesquisa e por se alinhar também com o trabalho de Bortoni-Ricardo (2008).

As entrevistas com os professores, egressos e com a profissional da área são de extremo valor. A partir dos critérios de Daher (1998), estabelecendo os objetivos das entrevistas, conseguimos ter acesso a informações diversas as quais não seria possível chegar sem as entrevistas.

A seguir, tratamos do questionário como técnica de pesquisa fundamental para analisar as necessidades dos alunos.

2.4.1.2 Questionário

Em uma pesquisa qualitativa, nem sempre encontramos questionários como forma de investigação dos dados. Minayo (2010) encontra um lugar de complementaridade dos questionários, que a princípio, não são de caráter aprofundado. Além de ter essa relação de complementaridade, os questionários neste trabalho foram utilizados como forma de ter acesso aos dados de várias pessoas em um curto período de tempo.

Como afirma Gil (2008), o objetivo de um questionário está na tradução dos objetivos da pesquisa em questões específicas. Segundo o autor:

O questionário é uma técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc. (GIL, 2008, p. 120)

De início, planejamos elaborar dois questionários para os alunos participantes da oficina pelo aplicativo *Google Forms*⁴⁰, em um formulário eletrônico. O primeiro deles, enviado na fase de planejamento da oficina, foi pensado com vários propósitos: de criar aproximação com esses alunos, levantar questões sobre a atual proposta pedagógica de ensino de língua inglesa do curso LEANI, fazer a análise de necessidades inicial dos alunos em relação à aprendizagem de inglês a fim de ajudar no planejamento das atividades da oficina, obter informações sobre a associação de inglês com outras disciplinas para desenvolver uma proposta multi ou interdisciplinar, e ainda, fazer a inscrição na oficina. Ressaltamos que nesse primeiro formulário, o aluno interessado em se inscrever na atividade recebeu o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), Apêndice L. Para responder às perguntas do questionário, que eram abertas e fechadas, o aluno teve que marcar a concordância em participar da pesquisa. Ressaltamos que tivemos a oportunidade de estender os pontos do questionário em conversas com os alunos nas aulas e perceber de perto suas necessidades principalmente na oficina desenvolvida.

No entanto, o segundo questionário foi planejado para ser utilizado na fase de reflexão, última fase da pesquisa, e teve como meta avaliar a oficina e compará-la às atividades de sala de aula regular. As perguntas foram abertas a fim de possibilitar aos alunos ampla liberdade de resposta.

⁴⁰ <https://www.google.com/forms/about/>

2.4.1.3 Diário de pesquisa

Diante de técnicas diversas de análise de dados, escolhi o diário como uma forma não só de registrar os acontecimentos, conversas importantes, selecionar e resumir textos, mas principalmente como forma de refletir sobre a pesquisa e o caminho percorrido nela. De acordo com Dornellas e Irala (2013), “o diário pessoal é concebido para efetuar registros escritos experimentados por seu autor, nos quais são permitidas as inserções subjetivas e valorativas de quem os escreve” e, como complementam Zaccarelli e Godoy (2010), serve, ainda, para promover a reflexão propriamente dita, pois permite a investigação de processos mentais mais detalhados.

Os autores (Zaccarelli e Godoy, 2010) contribuem com um texto que traz as diversas formas assumidas pelos diários e suas variações: levantamentos de dados pré-estabelecidos, experimentos, pesquisas qualitativas e etnográficas, espontâneos ou feitos por solicitação. Porém, conforme colocado pelos autores, é relevante que tenhamos atenção as quatro características que constituem um diário de modo geral: a) a regularidade do registro; b) ser pessoal; c) ser contemporâneo: os registros feitos no momento ou perto o suficiente do momento em que os eventos ou atividades ocorreram; d) ser um registro propriamente dito: os apontamentos gravam o que o indivíduo considera relevante e importante e podem incluir o relato de eventos, atividades, interações, impressões e sentimentos. De certa forma, percebemos que o diário pode ser para algumas pessoas algo simples e para outras, uma atividade complexa. Isso vai depender da afinidade com a escrita, com a rotina e organização de cada um.

É preciso informar que existe uma identificação particular com o diário. Eu tenho o hábito de escrever e deixar registrado as minhas reflexões sobre diferentes tópicos, até mesmo questões da minha vida pessoal. Eu encaderno folhas usadas somente de um lado para ter um caderno com folhas sem linha. Embora a escrita não pareça muito organizada porque elaboro uma estrutura semelhante aos dos mapas mentais⁴¹ e sigo escrevendo as minhas reflexões e observações, o diário, principalmente, o de pesquisa, é importante para mim. O formato assemelhado aos mapas mentais no diário me ajuda a lembrar das reflexões sobre determinada atividade. Posso afirmar que meu diário é muito pessoal, somente eu entendo a organização

⁴¹ “Mapas Mentais são utilizados para otimizar a memorização a partir da representação visual de conceitos e ideias de forma simplificada, organizando as informações e, assim, contribuindo para o aprendizado.” <https://neilpatel.com/br/blog/mapas-mentais-o-que-e/>. Acessado em 15 de maio de 2021

dele. Dessa forma, me amparo na contribuição de Yin (2016, p. 156): “os registros nesse diário não precisam ser cumpridos ou conter frases completas. Esses registros também podem conter abreviaturas e siglas pessoais suas, contanto que posteriormente você entenda o que elas significam”.

Acredito que essa identificação com o diário tenha relação com a minha profissão, afinal professores escrevem a maior parte do tempo. Como afirmam Dorneles e Irala, (2013, p. 17), “a escrita é uma tecnologia central para o exercício de ser professor”. Estamos acostumados com a rotina de documentos, diários, avisos, planejamento entre outras escritas.

Neste contexto, o diário foi utilizado em todas as fases da pesquisa. Salientamos que, eu e os alunos pesquisadores, inicialmente, acordamos em fazer uso de um diário de pesquisa. A proposta inicial era de que esses alunos anotassem qualquer questão que chamasse a atenção deles em relação à análise de necessidades para que pudéssemos desenhar a oficina ou ainda qualquer ponto que contribuísse com esta pesquisa. O primeiro objetivo era trazer as reflexões para as reuniões semanais para ajudar no desenvolvimento da pesquisa e também (re)avaliar o trabalho. Destacamos que esses encontros não foram incorporados nos dados da pesquisa. Preferimos usar o diário para registrar nossas reflexões.

O meu diário foi feito nas minhas folhas encadernadas, mas os alunos tiveram a opção de escrever seus diários em cadernos, em arquivos word, ou ainda em algum aplicativo online. Na verdade, os deixei bem à vontade para não inibir ou interferir na escrita deles. Porém, havíamos combinado que o diário deveria ser enviado para o *Google Drive*⁴², onde compartilhamos os nossos arquivos. Logo percebi a dificuldade que eles tinham em passar as observações que estavam nos cadernos ou em folhas avulsas para a nuvem por falta de tempo, principalmente. Resolvi, então, solicitar o registro das principais questões da pesquisa que apresento no desenvolvimento das fases. Devo relatar que dois dos alunos fizeram o upload dos diários de pesquisa onde refletiram sobre as reuniões do nosso grupo e as entrevistas as quais acompanharam. De modo geral, o diário que temos no *Google Drive* ficou semelhante a um questionário onde eu coloquei perguntas que considero essenciais dentro de cada momento da pesquisa. De qualquer forma, eles fizeram seus diários “guiados”, alguns com apontamentos simples, outros com narrativas. Em suma, dois alunos enviaram seus diários, suas anotações e também fizeram o diário “guiado”, os outros dois responderam somente às questões do diário “guiado” as quais descrevo nas fases da pesquisa.

⁴² <https://www.google.com/drive/>

Zaccarelli e Godoy (2010) destacam as desvantagens na utilização do diário com as quais corroboro. O primeiro deles é o de convencer os participantes a escrever os diários durante o decorrer da pesquisa com o mesmo interesse do início. De fato, no nosso contexto, não percebi a falta de vontade dos alunos pesquisadores na escrita e, sim, um afastamento do texto pelo acúmulo de atividades que se acumularam, principalmente neste período de pandemia, que teve início em 16 de março de 2020 e continua até hoje, 2021. Outra desvantagem apontada se refere ao nível de detalhamento da escrita do diário que pode desestimular os participantes. Nesse caso, eu não solicitei uma escrita detalhada ou resumida. Conversei apenas sobre escrever as observações e pontos que levavam a reflexão deles em relação aos objetivos da pesquisa. Acredito que os participantes deveriam ficar livres para elaborar seus diários.

A seguir, abordamos as fases da pesquisa. Nelas, trazemos os pontos referentes à organização dos dados.

2.4.2 As fases da pesquisa

A fim de facilitar a organização dos dados e o entendimento de todos os participantes, dividimos a pesquisa em quatro fases: a fase de análise do material didático; a de planejamento, que é período de preparação da oficina; a fase *LEANI in Action*, ou seja, a etapa do desenvolvimento da oficina com as aulas remotas e atividades; e a fase reflexão, que é a fase do projeto onde refletimos e avaliamos todo o trabalho. A seguir, explicamos melhor a divisão dessas partes.

2.4.2.1 Fase de análise de material didático

A fase de análise de material didático foi a primeira a qual percorremos. Apesar de conhecer o material em profundidade, a análise a partir de critério de Ramos (2003) para avaliação foi importante para perceber, de fato, os pontos positivos e negativos do material. A análise completa do material didático encontra-se no capítulo de análise desta pesquisa.

Seguimos para a segunda fase da pesquisa, Planejamento.

2.4.2.2 Fase de planejamento

O Planejamento é uma fase exploratória, de interação com os participantes. Nela, trabalhamos com um questionário de análise de necessidades elaborado em um formulário eletrônico disponível para os alunos do bacharelado LEANI que se inscreverem nas oficinas; fizemos entrevistas semiestruturadas por chamada de vídeo gravada, com seus roteiros baseados nos critérios propostos por Daher (1998), com três professoras de inglês que colaboraram no curso LEANI, com professores dos demais núcleos do curso, dois professores que atuam no núcleo de Negociações Internacionais; dois professores do núcleo de Linguagem, Cultura e Sociedade, uma professora do núcleo de Administração, Economia e Direito, duas professoras do núcleo de Línguas Estrangeiras, uma de francês e outra de espanhol e um professor do bacharelado de Administração. Além dos professores, entrevistamos uma funcionária pública e quatro alunos egressos atuantes nas áreas do curso como já fora mencionado. Todos os participantes receberam o TCLE (Apêndices 9 à 12) de acordo com as normas da UERJ, a fim de preservar o anonimato dos mesmos.

Este projeto foi pensado originalmente para uma execução presencial, entretanto, com a necessidade de afastamento físico em decorrência da pandemia mundial de COVID-19 fez-se necessário adequar tal proposta para uma versão que comporte sua realização remotamente. Dessa forma, a oficina foi realizada na plataforma digital, *Teams*, onde as atividades remotas do CEFET-RJ acontecem. A comunicação para esclarecimentos e dúvidas foram feitas através do aplicativo de mensagem instantânea, *whatsapp*, para garantir uma troca rápida e eficiente com o grupo de alunos e uma integrante do grupo de alunos pesquisadores ou ainda na própria plataforma *Teams* por onde todos podemos nos comunicar.

Como primeiro passo, fizemos uma entrevista por chamada de vídeo com gravação pela plataforma *Teams* ou *Meet* (Google) com o qual os participantes estivessem mais familiarizados. Todas as entrevistas da pesquisa foram conduzidas por mim, mas com acompanhamento de até dois alunos do grupo de extensão, com a permissão do entrevistado. As chamadas de vídeo tinham como objetivo garantir uma integração maior, mais próxima de uma entrevista presencial. Porém, a imagem de qualquer participante não foi e nem será usada na pesquisa. Como já mencionamos, as entrevistas contaram com a participação de três professoras de língua inglesa que auxiliam o curso LEANI ou já o fizeram no passado. A entrevista objetivou levantar informações sobre a visão dos professores de língua inglesa que colaboraram com o curso LEANI em relação a prática pedagógica vigente, as necessidades de

aprendizagem e da situação-alvo, sobre a construção de uma futura proposta de ensino, além de abordar o trabalho com os pressupostos de LinFE. Para essa entrevista foram elaboradas nove perguntas divididas em quatro partes, seguindo os critérios propostos por Daher (1998): com definição de objetivo, problema e, nesta pesquisa, asserção. Informamos que o termo hipótese no roteiro foi substituído por asserção pela possibilidade de alteração durante o processo de pesquisa e por se alinhar também com o trabalho de Bortoni-Ricardo (2008) como informamos na seção 2.4.1.1. Este roteiro também está disponível no Apêndice A.

Quadro 5 – Roteiro de Entrevistas com os Professores de Inglês

	OBJETIVO	PROBLEMA	ASSERÇÃO	PERGUNTA/ROTEIRO
Formação e experiência	Verificar como formação e experiência auxiliam no desenvolvimento de uma proposta para o ensino de inglês no bacharelado LEANI.	Como a formação e experiência influenciam no desenvolvimento de uma proposta para o ensino de inglês?	A formação e a experiência em sala de aula de língua inglesa contribuem para uma visão ampla sobre uma proposta de ensino de inglês em um curso de graduação.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Fale um pouco sobre a sua formação acadêmica. Onde estudou? Qual o curso? Quando? Fez alguma especialização? 2. Onde trabalhou antes de dar aula em uma instituição federal de ensino? 3. Qual é/foi a sua função/cargo na instituição? Há quanto tempo trabalha/trabalhou nela? Além de dar aula, quais outras atribuições você tem/teve na instituição?
Opinião dos professores em relação à proposta de ensino de inglês atual	Levantar informações sobre a visão dos professores em relação a proposta de ensino de língua inglesa atual.	Como os professores veem a proposta atual de ensino de língua inglesa?	As professoras de inglês que auxiliam/auxiliaram no curso LEANI acreditam que o livro didático não deve ser o principal guia em uma aula de língua inglesa.	<ol style="list-style-type: none"> 4. O que você acha da atual proposta de ensino de língua inglesa do curso LEANI baseada na adoção de um livro didático?

Abordagem de LinFE	Analisar se o professor trabalha com a abordagem de ensino de LinFE e sua principal premissa, a análise de necessidades	Os professores adotam a abordagem de LinFE?	As professoras de língua inglesa apresentam diferentes visões e crenças sobre o ensino de LinFE. Elas apresentam trabalho parcialmente amparado na abordagem.	<p>5.Você tem alguma formação na abordagem de LinFE? Fale um pouco sobre como adquiriu conhecimento da abordagem.</p> <p>6.Você trabalha com os pressupostos de Línguas para Fins Específicos? Caso negativo, em qual abordagem baseia as suas aulas?</p> <p>7.Você fez algum levantamento de necessidades dos alunos e/ou da situação-alvo antes de iniciar o trabalho no curso LEANI? Se afirmativo, de que forma?</p> <p>8.Quais são as necessidades de aprendizagem dos alunos e do curso LEANI?</p>
Nova proposta de ensino de língua inglesa	Identificar, de acordo com a experiência dos professores, como podem colaborar no desenvolvimento de uma nova proposta de ensino de língua inglesa no curso LEANI.	De que forma os professores de inglês podem ajudar no desenvolvimento de um projeto de ensino da língua?	As professoras colaborarão com conhecimento que possuem sobre metodologia de ensino de língua inglesa, gêneros textuais, e interdisciplinaridade.	<p>9. Em sua opinião, qual seria a melhor proposta de ensino de língua inglesa para curso LEANI?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Metodologia - Conteúdo - Projeto interdisciplinar - Principais pilares da proposta

Fonte: A autora com base em Daher (1998), 2020.

Ainda na fase de planejamento, na tentativa de reunir olhares variados de professores atuantes no curso LEANI para expandir o conhecimento sobre o papel do professor na

formação de disciplinas interdisciplinares e suas relações com a língua inglesa, foram convidados dois professores de Relações Internacionais, atuantes no núcleo de Negociações Internacionais, um professor do núcleo de Turismo e Eventos, dois do núcleo de Linguagem, Cultura e Sociedade e a professora do núcleo de Administração, Economia e Direito e ao professor do curso de Administração. O professor do núcleo de Turismo e Eventos foi convidado para a pesquisa, mas, no período das entrevistas, ele não conseguiu participar por problemas familiares. As entrevistas com os professores dos diversos núcleos foram conduzidas de forma similar à das professoras de língua inglesa, por plataforma ou aplicativo digital, para levantar dados nessa fase, seguindo os mesmos critérios de Daher (1998) mencionados anteriormente. O objetivo desta entrevista é considerar a opinião dos professores dos quatro núcleos citados acerca de como percebem o papel formativo das disciplinas de língua inglesa nas suas respectivas áreas, já que se trata de uma abordagem LinFE, levantar as necessidades do curso e da situação-alvo, neste caso, o mercado de trabalho, levando em consideração a aprendizagem da língua inglesa e investigar a possibilidade de desenvolver um projeto em conjunto (inter ou multidisciplinar) de forma a melhor adequar a tal abordagem. Para esse grupo de professores, foram elaboradas sete perguntas, divididas em três partes. O roteiro também está disponível no Apêndice B.

Quadro 6 – Roteiro de Entrevistas com os Professores dos Núcleos Diversos (Negociações Internacionais, Linguagem, Cultura e Sociedade, Administração, Economia e Direito)

	OBJETIVO	PROBLEMA	ASSERÇÃO	PERGUNTA/ ROTEIRO
Formação e Experiência	Verificar como formação e experiência auxiliam no levantamento de necessidades da situação-alvo.	Como a formação e experiência influenciam no levantamento de necessidades da situação-alvo?	A formação e a experiência dos professores dos núcleos de Negociações Internacionais, Linguagem, Cultura e Sociedade e Administração, Economia e Direito auxiliam bastante no conhecimento das necessidades do mercado de trabalho.	<p>1. Fale um pouco sobre a sua formação acadêmica. Onde estudou? Qual o curso? Quando? Fez alguma especialização?</p> <p>2. Você tem alguma formação em inglês? Fez algum curso, intercâmbio ou estudou durante sua graduação? Fale um pouco sobre a experiência.</p> <p>3. Onde trabalhou antes de ser professor em uma instituição federal? Como foi a sua experiência?</p> <p>4. Há quanto tempo trabalha nesta instituição de ensino? Qual é a sua função/cargo? Quais são suas atribuições além de dar aulas?</p> <p>- Relatar a experiência na instituição de ensino, atuação no LEANI, as disciplinas que leciona.</p>

Análise de necessidades	Analisar as necessidades dos alunos e do curso LEANI em Negociações Internacionais, Turismo e Eventos e Linguagem, Cultura e Sociedade e Administração, Economia e Direito no que se relacionam com aprendizagem de língua inglesa.	O que deve ser trabalhado com os alunos do curso LEANI em língua inglesa em conjunto com outras áreas?	Os professores devem fazer referência às áreas de importação e exportação, diplomacia, eventos e ao terceiro setor para atuação. Alguns professores citarão temas sociais de importância global.	5. Quais são as necessidades dos alunos e do curso LEANI na sua área de ensino em relação à aprendizagem de língua inglesa? - Gêneros textuais importantes - Projetos interdisciplinares - Temas relevantes - Situações de negociação em inglês importantes para o profissional LEANI
Projeto ou proposta de trabalho inter ou multidisciplinar	Investigar sobre a possibilidade de fazer um projeto em conjunto com as disciplinas da área de Negociações Internacionais/ Turismo e Eventos/ Língua Inglesa e o planejamento dele.	Quais projetos são possíveis trabalhar em conjunto com língua inglesa e Negociações Internacionais/ Turismo e Eventos/ Linguagem, Cultura e Sociedade e como desenvolvê-lo?	Os professores devem propor um projeto baseado em leitura de textos acadêmicos nas respectivas áreas, de temas relevantes para os alunos e um trabalho prático como simulações de negociação.	6. De que forma é possível trabalhar com uma proposta multi e/ou interdisciplinar com as disciplinas de Negociações Internacionais e de Língua Inglesa? 7. Você pode colaborar com o planejamento de atividades que visam um trabalho multi e interdisciplinar das disciplinas de Negociações Internacionais e de Língua Inglesa? Como você desenvolveria tal planejamento?

Fonte: A autora, com base em Daher (1998), 2020.

A fim de fazer a análise de necessidades em todas as áreas, levando em conta a própria proposta do curso, entrevistamos duas professoras do núcleo de Línguas Estrangeiras, núcleo ao qual eu pertencço. O objetivo é levantar opiniões acerca da proposta atual de ensino de línguas do curso que deve ter como premissa a abordagem de LinFE apoiada na adoção de um livro didático. Além disso, é importante fazer o levantamento de necessidades e pesquisar a

respeito de uma proposta ou projeto envolvendo as línguas adicionais. A entrevista foi conduzida de acordo com as anteriores, na plataforma *Teams* e seguindo os critérios de Daher (1998). Para as professoras de francês e espanhol, foram elaboradas dez perguntas, divididas em quatro partes (Apêndice C).

Quadro 7 – Roteiro de Entrevistas com as Professoras do Núcleo de Línguas Estrangeiras

	OBJETIVO	PROBLEMA	ASSERÇÃO	PERGUNTA/ROTEIRO
Formação e experiência	Verificar como formação e experiência auxiliam no desenvolvimento de uma proposta para o ensino de línguas inter e multidisciplinar no bacharelado LEANI.	Como a formação e experiência influenciam no desenvolvimento de uma proposta inter e multidisciplinar?	A formação e a experiência contribuem para uma visão ampla sobre uma proposta de ensino inter e multidisciplinar em um curso de graduação.	<p>1. Fale um pouco sobre a sua formação acadêmica. Onde estudou? Qual o curso? Quando? Fez alguma especialização?</p> <p>2. Onde trabalhou antes de vir para uma instituição federal de ensino?</p> <p>3. Qual é a sua função/cargo na instituição? Há quanto tempo trabalha nela? Além de dar aula, quais outras atribuições você tem na instituição?</p>
Opinião dos professores em relação à proposta de ensino de inglês/línguas atual	Levantar informações sobre a visão dos professores em relação a proposta de ensino de línguas atual.	Como os professores veem a proposta atual de ensino de língua?	Os professores de línguas adicionais que atuam no curso LEANI acreditam que o livro didático auxilia no processo de aquisição de uma língua adicional.	4. O que você acha da atual proposta de ensino de línguas adicionais do curso LEANI baseada na adoção de um livro didático?

Abordagem de LinFE	Analisar se o professor trabalha com a abordagem de ensino de LinFE e sua principal premissa, a análise de necessidades	Os professores adotam a abordagem de LinFE?	Os professores de línguas adicionais apresentam diferentes visões e crenças sobre o ensino de LinFE. Seguem parcialmente o trabalho baseado em LinFE.	<p>5. Você tem alguma formação na abordagem de LinFE? Fale um pouco sobre como adquiriu conhecimento da abordagem.</p> <p>6. Você trabalha com os pressupostos de Línguas para Fins Específicos? Caso negativo, em qual abordagem baseia as suas aulas?</p> <p>7. Você fez algum levantamento de necessidades dos alunos e/ou da situação-alvo antes de iniciar o trabalho no curso LEANI? Se afirmativo, de que forma?</p> <p>8. Quais são as necessidades de aprendizagem dos alunos e do curso LEANI?</p>
Projeto ou proposta de trabalho inter ou multidisciplinar	Investigar sobre a possibilidade de fazer um projeto das disciplinas de línguas francesa ou espanhola em conjunto com inglês.	Quais projetos são possíveis trabalhar em conjunto com língua inglesa e línguas francesa ou espanhola e como desenvolvê-los?	Os professores devem propor projetos multilíngues.	<p>9. De que forma é possível trabalhar com uma proposta multi e/ou interdisciplinar com as disciplinas de línguas francesa ou espanhola e de Língua Inglesa?</p> <p>10. Você pode colaborar com o planejamento de atividades que visam um trabalho multi e interdisciplinar das disciplinas de línguas francesa ou espanhola e de Língua Inglesa? Como você desenvolveria tal planejamento?</p>

Fonte: A autora, com base em Daher (1998), 2020.

Na sequência, a funcionária pública foi entrevistada. Ela foi professora universitária do curso de Letras e atuou, também, no curso de Relações Internacionais (RI) de uma universidade pública do Rio de Janeiro. A entrevista da funcionária foi importante para a pesquisa, visto que o curso LEANI tem diversas semelhanças com o curso de RI. Atualmente, ela coordena o setor de cursos da empresa em que trabalha e possui experiência nos

departamentos de Tradução e Relações Internacionais. O objetivo da entrevista foi investigar a real necessidade da situação-alvo. É importante mencionar que a entrevista seguiu a partir de dúvidas e questionamentos que surgiram ao longo desse processo. Para esta entrevista foram elaboradas sete perguntas, divididas em duas partes como pode ser observado no Quadro 8 (Apêndice D).

Quadro 8 – Roteiro de Entrevistas com Funcionária Pública

	OBJETIVO	PROBLEMA	ASSERÇÃO	PERGUNTA/ROTEIRO
Formação e experiência	Verificar como formação e experiência auxiliam no levantamento de necessidades da situação-alvo.	Como a formação e experiência influenciam no levantamento de necessidades da situação-alvo?	A experiência nas áreas de Tradução e RI auxiliam bastante no conhecimento das necessidades do mercado de trabalho.	1. Fale um pouco sobre a sua formação acadêmica. Onde estudou? Qual o curso? Quando? Fez alguma especialização? 2. Onde trabalhou antes de vir para esta empresa? Qual a sua função? Como foi a sua experiência? - Abordar a experiência como professora de inglês em uma universidade pública. 3. Há quanto tempo trabalha nesta empresa? Qual é a função e missão da sua empresa? 4. Qual o seu cargo atual e o que faz? Quais outros cargos já teve na empresa e quais foram os departamentos? - Relatar a experiência na empresa

Análise de necessidades	Investigar sobre a necessidade da situação-alvo, ou seja, analisar o que é necessário aprender em inglês para atuar no mercado de trabalho em termos concretos como os gêneros a serem estudados.	Quais são as necessidades de aprendizagem em língua inglesa para atuar nos setores de tradução e RI da sua empresa?	O profissional LEANI precisa aprender os gêneros relacionados à área de Negociação, aprender os termos da referida área e a própria negociação em inglês. Gêneros como reunião, ata, email e a prática com atividades de estudo de caso são importantes nas áreas.	<p>5. Por que o inglês é necessário nos setores de Tradução e RI na sua empresa?</p> <p>- Como, onde, quando e com quem a língua inglesa é usada?</p> <p>- Áreas de conteúdo</p> <p>6. O que um profissional LEANI precisa aprender para atuar nas áreas de RI e Tradução na empresa em que você trabalha?</p> <p>7. Quais situações comunicativas e gêneros são importantes em língua inglesa para atuar nas áreas de tradução e RI?</p>
-------------------------	---	---	--	---

Fonte: A autora, com base em Daher (1998), 2020.

Por último, conseguimos entrevistar quatro alunos egressos atuantes em áreas do curso LEANI e que utilizam ou já utilizaram a língua inglesa no trabalho. O objetivo da entrevista foi reunir informações sobre a necessidade de uso da língua inglesa na situação-alvo, na empresa em que trabalham e sobre a proposta de inglês do bacharelado LEANI. Foram elaboradas quatro perguntas, divididas em duas partes como pode ser observado no quadro 9 (Apêndice A). Os alunos egressos foram escolhidos de acordo com a atuação deles no mercado de trabalho, ou seja, se trabalham nas áreas do curso e se utilizam a língua inglesa nesse contexto.

Quadro 9 – Roteiro de Entrevistas com Alunos Egressos

	OBJETIVO	PROBLEMA	ASSERÇÃO	PERGUNTA/ROTEIRO
Opinião dos alunos egressos em relação à proposta de ensino de inglês atual	Levantar informações sobre a visão dos alunos em relação à proposta de ensino de língua inglesa atual	Como os alunos veem a proposta de ensino de língua inglesa?	Há diferentes visões no que tange a utilização de um livro didático em uma aula de língua inglesa: - o livro didático não corresponde as expectativas, pois é maçante, repetitivo; - o livro didático pode ser adaptado, considerando outros materiais disponíveis na internet.	1. Qual é a sua opinião sobre a proposta de ensino de língua inglesa do curso LEANI baseada na adoção de um livro de didático?
Análise de Necessidades	Investigar sobre a necessidade da situação-alvo, ou seja, analisar o que é necessário aprender em inglês para atuar no mercado de trabalho.	O que um profissional LEANI precisa aprender em língua Inglesa para atuar no mercado de trabalho ou ainda na empresa em que você atua?	O profissional LEANI precisa aprender os gêneros relacionados à área de Negociação, aprender os termos da referida área e a própria negociação em inglês.	2. O que um profissional LEANI precisa aprender em inglês para atuar na empresa em que você trabalha? - Empresa onde trabalha; - Como, onde, quando e com quem a língua inglesa é usada; - Áreas de conteúdo, gêneros, tarefas.

Projeto ou proposta interdisciplinar ou multidisciplinar	Identificar, de acordo com a experiência do aluno no curso e/ou no mercado de trabalho, as disciplinas que se relacionam com a de língua inglesa no sentido de se fazer um trabalho multi e/ ou interdisciplinar.	De que forma podemos trabalhar com outras disciplinas?	As disciplinas dos núcleos de Negociações Internacionais e de Turismo.	<p>4. De acordo com a experiência que você tem agora, quais disciplinas podem ser associadas à língua inglesa para auxiliar em uma proposta de ensino multi ou interdisciplinar?</p> <ul style="list-style-type: none"> - União de disciplinas de diferentes núcleos com o ensino de língua inglesa - Contribuição de outras disciplinas para o ensino de língua inglesa. - Projeto ou proposta de alinhamento de disciplinas.
--	---	--	--	---

Fonte: A autora, com base em Daher (1998), 2020.

Outro instrumento utilizado nesta fase é o diário de pesquisa dos alunos pesquisadores integrantes do projeto de extensão e o meu. Os alunos pesquisadores acompanharam as entrevistas e, por isso podiam anotar qualquer questão que chamasse a atenção deles em relação à análise de necessidades para que pudéssemos desenhar a oficina ou ainda qualquer ponto que contribuísse com esta pesquisa. Porém, como mencionei, fiz perguntas direcionadas aos alunos pesquisadores a fim de facilitar o registro nos diários. Seguem as questões de orientação desta fase:

- O que você destacaria da entrevista do professor/profissional/ aluno egresso em termos de contribuição para a nossa pesquisa?
- De acordo com o que foi exposto, há alguma atividade/tarefa/tema que você possa sugerir para a elaboração da oficina?
- Anotações livres

Após entrevistarmos os professores, alunos egressos e a funcionária pública, enviamos um questionário de análise de necessidades pelo *Google Forms* para os alunos inscritos na oficina, com TCLE (Apêndice L). As perguntas do questionário foram as seguintes: (Apêndice H).

1. Por que você faz o bacharelado LEANI?
2. Como você acha que aprende melhor inglês: lendo, ouvindo, repetindo, assistindo a vídeos...?
3. Quais são as fontes de aprendizagem de inglês disponíveis para você?
4. Qual é o seu nível de inglês? Como considera o seu desenvolvimento na língua (exemplo: lê bem, fala razoavelmente, tem dificuldade para compreender)?
5. O que você acha da proposta atual de ensino de língua inglesa do curso LEANI?
6. Qual é a sua opinião sobre o material didático utilizado nas aulas?
7. Qual é a sua necessidade de aprendizagem em língua inglesa e o que gostaria de aprender nessas aulas?
8. O que é importante aprender em inglês no curso para que possa atuar como profissional LEANI futuramente?
9. Quais disciplinas podem ser associadas à língua inglesa para auxiliar em uma proposta de ensino multi ou interdisciplinar?

Ressaltamos que a divulgação da oficina foi feita através da página do curso LEANI e pelas redes sociais do Centro Acadêmico e da monitoria de inglês do curso, pois, desde o início da pandemia, o contato com os alunos tem acontecido principalmente por esses canais.

Após fazer o levantamento das necessidades apontadas nesta fase, desenhamos a oficina conforme a nossa percepção; simulações baseadas em tema atual, a pandemia de Covid-19, e o trabalho com gêneros que circulam em uma negociação e questões que podem influenciar uma negociação, como o discurso e a cultura. A partir desse esboço, pesquisamos por materiais introdutórios dos assuntos, todos avaliados pelo grupo de alunos pesquisadores. O material utilizado nas aulas foram slides preparados por mim, vídeos e páginas da internet relacionadas aos assuntos. Mesmo com o desenho da oficina “pronto”, deixamos espaço para uma adaptação ou replanejamento de atividades de acordo com a análise de necessidades que ia continuar em curso durante as aulas. Retomamos as informações sobre a oficina: foram sete encontros pela plataforma TEAMS, sendo quatro deles em março e três em abril, com aulas às sextas-feiras, de 16h às 18h30. Exploraremos em detalhes as aulas no capítulo sobre a oficina LEANI *in Action*.

2.4.2.3 Fase: Oficina LEANI *in Action*: Novos Caminhos

Antes de abordar as aulas, tratamos do único instrumento utilizado na fase exploratória, o diário de pesquisa para os alunos pesquisadores e pra mim. O diário desses alunos é um registro das oficinas, das atividades, de observações sobre o uso de metodologias ativas e sobre o desenvolvimento da nova proposta de ensino de inglês. Através dele, serão analisadas as interpretações dos participantes, levando em conta as informações que eles considerarem importantes nas oficinas e em todo o desenvolvimento da pesquisa. O diário de pesquisa docente, do qual tenho feito uso, tem proposta similar nesta fase mais uma vez, mas, além de aspectos descritivos e reflexivos, ele é utilizado para captar também as minhas impressões. Ele contém desde anotações de leituras e bibliografias sugeridas até observações minuciosas a respeito da atividade sugerida. As questões sugeridas para o diário foram:

1. O que você achou das atividades de hoje?
2. Há alguma sugestão de acordo com as necessidades percebidas?
3. As metodologias ativas têm contribuído nas aulas? Se sim, de que forma?
4. Anotações livres

Nesta fase, após analisar as informações obtidas no questionário e nas entrevistas da fase anterior, desenvolvemos, eu e os alunos pesquisadores, uma oficina com uma nova proposta de ensino de língua inglesa.

2.4.2.4 Fase de reflexão

Na fase Reflexão, no último dia da oficina, fizemos um debate, no dia 16 de abril, e enviamos posteriormente, o questionário de avaliação através de um formulário eletrônico para os alunos que participaram da oficina a fim de levá-los a reflexão acerca da proposta que é atualmente trabalhada em sala de aula e a nova proposta desenvolvida. As questões enviadas para este segundo questionário foram as seguintes:

1. O que você achou da proposta de ensino de inglês trabalhada na oficina? Quais foram as vantagens e desvantagens da proposta?

2. Qual é a proposta de ensino de inglês que melhor atende as suas necessidades e as da situação-alvo (do curso LEANI)? Por quê?

Além da avaliação dos alunos que participaram da oficina, os alunos pesquisadores e eu fizemos nossas observações no diário de pesquisa sobre as mesmas questões enviadas no questionário. Logo após o recebimento dos questionários de avaliação e das informações contidas nos diários, o processo de análise dos dados da pesquisa foi iniciado.

No próximo capítulo, descrevemos as aulas da oficina LEANI *in Action* que tiveram como objetivo oferecer um trabalho mais prático, voltado para questões reais ou próximas a elas levando o aluno a pesquisar e refletir sobre o tema e a ter mais autonomia.

3 A OFICINA LEANI IN ACTION: AS AULAS

A oficina “LEANI *in Action*: Novos Caminhos” foi pensada como alternativa ao desenvolvimento de atividades fora das aulas regulares do curso LEANI. A proposta inicial era de elaborar uma ou mais oficinas *online* com duração total de doze a vinte horas a depender da análise de necessidades inicial e em processo que poderia levar a uma diminuição ou extensão da carga horária. A oficina foi planejada por mim, professora pesquisadora, e pelos alunos pesquisadores. Pensamos em oferecer a oficina durante o mês de março, mas percebemos a necessidade de adicionar mais aulas. Dessa forma, a oficina aconteceu entre os dias 5 de março e 16 de abril, das 16h às 18h30, com duração de 17 horas e 30 minutos de aulas online e em média 10 horas de atividades para casa. Inicialmente, dois alunos pesquisadores, o AP3 e a AP4, acompanharam as aulas. Os outros dois integrantes do projeto tinham compromissos acadêmicos e profissionais. Porém, a partir da terceira aula somente a aluna pesquisadora 4 (AP4) conseguiu estar presente em todas as aulas. O AP3 e sua família tiveram Covid-19, por isso o aluno precisou se afastar por um período.

Antes das aulas acontecerem, os alunos do projeto fizeram a divulgação da oficina nas redes sociais, *Facebook*⁴³ do bacharelado LEANI e *Instagram* do Centro Acadêmico do curso. As inscrições foram feitas através de um questionário eletrônico no *Google Forms* que tinha como objetivo identificar os participantes e fazer o levantamento das necessidades. É importante mencionar que antes de preencher tal formulário era necessário estar de acordo com o TECLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) a fim de participar da pesquisa.

Para dar início à oficina e ao seu planejamento, tivemos que escolher a plataforma de trabalho porque todas as aulas foram dadas remotamente. Optamos pela plataforma *Teams* da Microsoft porque é a que o CEFET/RJ utiliza nas suas aulas e por acreditarmos que ela fosse a mais fácil para os alunos. Essa plataforma oferece vários recursos, porém eu não me senti segura e preparada para fazer uso de muitos deles. De início, criei uma equipe com o nome da oficina, “LEANI *in Action*: Novos Caminhos”. Em seguida, adicionei todos os alunos pesquisadores como proprietários do canal, com exceção da AP1 que por já ter concluído o curso de graduação conosco não possuía mais um e-mail da instituição, CEFET/RJ, vinculado à plataforma, por isso ela teve que participar como convidada. Informamos que apesar da aluna egressa integrante do projeto não poder acessar como proprietária da equipe para agendar reuniões ou fazer qualquer modificação nos arquivos ou ainda inserir postagens, ela

⁴³ <https://www.facebook.com/>

teve acesso às pastas e a todo o conteúdo da oficina. Qualquer sugestão dada pela aluna pesquisadora para a oficina foi passada através do *Google Drive*, onde nós, eu e os alunos pesquisadores, compartilhamos o nosso planejamento, diários e outros arquivos importantes para este trabalho.

Além desses participantes, adicionei os treze alunos inscritos como membros da equipe. Nessa equipe, criei pastas na aba arquivos. Nela, abrimos subpastas relacionadas aos dias da oficina, *Day 1*, *Day 2*, *Day 3*, *Day 4* e *Day 5*. Nas pastas, fazíamos o *upload* de arquivos que seriam trabalhados nos respectivos dias, por exemplo, na subpasta *Day 1*, colocamos todo o material utilizado no primeiro dia de aula, o arquivo em PDF da aula, o vídeo sobre a importância do discurso e dos sete passos de Cullen⁴⁴ de uma negociação, outros dois arquivos em PDF: Gêneros Textuais: uma proposta de aplicação em cursos de inglês para fins específicos (Ramos, 2004) e o conteúdo da postagem *Getting the hang of discourse analysis*⁴⁵⁴⁶. Abrimos ainda duas subpastas: *e-mail* e *agenda* com dois exemplares de cada gênero. Além dos arquivos, outro recurso da plataforma bem utilizado pelo grupo foi a aba das postagens. Lá comunicamos aos membros sobre arquivos postados, e-mails enviados e avisos de modo geral. Os alunos participantes também escreviam mensagens e anexavam arquivos nas postagens.

De início, pretendíamos nos comunicar pelo *Telegram*⁴⁷ com o objetivo de facilitar nosso diálogo quanto a avisos urgentes, mas parte dos alunos não possuía o aplicativo de mensagens. Após a terceira aula, a AP4 criou um grupo no *Whatsapp*, outro aplicativo de mensagens, porém mais popular a fim de compartilhar informações sobre as atividades em grupo. Além da equipe no *Teams* e do grupo no aplicativo *Whatsapp*, criamos, a partir da segunda aula, um e-mail exclusivo da oficina com o objetivo de acompanharmos juntas, eu e a AP5, os trabalhos enviados pelos alunos. Utilizamos, ainda, com o grupo de alunos, o *Google Drive*, para desenvolver trabalhos em conjunto compartilhando o mesmo arquivo a fim de produzir trabalhos de forma colaborativa e, quando necessário, simultaneamente.

O material utilizado nas aulas da oficina foi: arquivo com apresentação das aulas, arquivo com as tarefas de casa, exemplares de gêneros discursivos, páginas da internet com

⁴⁴ Tim Cullen é professor da *Saïd Business School*, a Escola de Negócios de Oxford <https://www.sbs.ox.ac.uk/oxford-answers/rules-negotiation> (acessado em 02/02/2021).

⁴⁵ Retirado da página <http://www.politicseastasia.com/studying/getting-the-hang-of-discourse-theory/> (acessado em 21/01/2021).

⁴⁶ Tradução nossa: Compreendendo a Análise do Discurso

⁴⁷ <https://telegram.org/>

textos, exercícios e vídeos (alguns sugestivos, outros obrigatórios). Como escolhemos trabalhar a partir da escolha de um tema, Covid-19 e da cadeia de gêneros que compõem uma negociação: e-mail, *agenda* (pauta de reunião), reunião, *meeting minutes*(ata) e relatório, ancoramos o nosso planejamento principalmente na proposta de Ramos (2004), que sugere um modelo de didatização dos gêneros discursivos. Ressaltamos que não elaboramos material escrito para todas as fases apresentadas por Ramos. Por exemplo, na fase de apresentação, para contextualizar o gênero, partíamos dos exemplares e íamos levantando questões sobre tal gênero com auxílio do conhecimento prévio dos alunos e das observações que eles faziam sobre o exemplar que estava sendo apresentado. Seguimos nessa direção também na fase de detalhamento, nas questões relacionadas ao desenvolvimento do trabalho com a língua, escolhas linguísticas, características léxico-gramaticais e com os movimentos retóricos de um dado gênero. Íamos explorando os comentários trazidos pelos alunos através da observação do exemplar. Quando os alunos apresentaram dúvidas, elaboramos exercício complementar, indicamos páginas da internet para pesquisa do tópico e seguimos reavaliando. Na fase de apropriação, os alunos tinham que colocar a mão na massa, ou seja, durante toda a oficina, eles escreveram quatro e-mails, quatro pautas de reunião, três atas, dois relatórios e participaram de três reuniões. Acreditamos que com a ajuda da internet, não foi necessário elaborar materiais da forma como os livros fazem, seguindo um roteiro amarrado. Ramos, em uma *live*⁴⁸ recente com a professora Ribeiro, abordou exatamente a questão da internet como forma de minimizar o trabalho com elaboração de materiais a partir de páginas disponíveis para pesquisa e exercícios, por exemplo.

Apresentamos a seguir o trabalho desenvolvido na oficina, na composição das aulas. Ressaltamos a base das aulas: os pressupostos de LinFE, principalmente o processo de análise de necessidades, a cadeia de gêneros de Bazerman, a teoria de Vygotsky no que se refere à interação e à construção do conhecimento com ajuda de par(es) mais competente(s), as técnicas e estratégias que envolvem as metodologias ativas, a proposta de Ramos (2004) que tem como objetivo a aplicação de gêneros textuais em sala de aula.

Ramos traz questões que considera imprescindíveis para o trabalho a partir de sua orientação: contextualizar o texto; não tratar as estruturas genéricas como prescritas e sim, variáveis; levar exemplares de gêneros autênticos para a sala de aula; e trabalhar com atividades que levem os alunos a interagir, pois o indivíduo se constitui através das trocas

⁴⁸ *Live* “Prática LinFE: conversa com a referência da área” no dia 27/05/2021 às 20h no instagram @prof.elza_linfe.

com seus pares. Outro ponto importante é o desenvolvimento da autonomia já levantado por Paulo Freire e, também, fundamentado em LinFE.

Para o planejamento inicial da oficina, levamos em conta a análise de necessidades feita previamente com os alunos participantes da oficina, com o grupo de alunos pesquisadores através dos diários e comentários nas reuniões do projeto de extensão, das entrevistas com os professores, egressos e com a funcionária pública. Como as necessidades são muito variadas e específicas dado o contexto do curso, trabalhamos dentro das possibilidades de uma oficina curta que atendesse ao tema a ser desenvolvido nas aulas.

O tema geral da oficina escolhido pelos alunos pesquisadores foi a Covid-19. A escolha desse tópico se deu por ser atual, por ser uma questão mundial e por ter a negociação das vacinas como um problematizador no nosso país, principalmente na ocasião do planejamento da oficina. Além da Covid-19, tratamos de outros temas que percebemos que ajudariam na composição da simulação final de negociação de vacinas entre o ministério da saúde e as indústrias farmacêuticas. Tópicos e atividades relacionadas às disciplinas de Negociação Internacional, Introdução às Políticas Linguísticas, Administração e Identidades Culturais.

Abordamos a importância do discurso para um negociador, ou seja, da situação que envolve a comunicação em um determinado contexto, das etapas de uma negociação baseadas em inglês voltado para diplomacia, da importância da língua inglesa na negociação no viés de língua franca, isto é, do inglês como língua comum em contextos internacionais, e do *World Englishes*⁴⁹, da relevância da cultura no contexto de uma negociação (*communication styles*). Por fim, trouxemos a *SWOT Analysis*⁵⁰, ou a análise *SWOT*, como forma de cada aluno avaliar a sua atuação na simulação final. A análise *SWOT* ficou como tarefa opcional, visto que alguns alunos não dominavam o conteúdo, ou não se lembravam dele. Segundo os alunos pesquisadores, a análise *SWOT* é trabalhada no início do curso pelos professores de administração. No nosso caso, ela foi importante para avaliar as vantagens e desvantagens de cada um dos atores na negociação de vacinas. Na aula 5, detalharei mais sobre esse tópico.

Todos esses assuntos foram levantados e sugeridos nas reuniões com o grupo de alunos pesquisadores, além das questões trazidas pelos professores do curso, alunos, egressos

⁴⁹ Utilizado atualmente para fazer referência ao inglês como língua mundial; uma variedade pertencente a todos os seus usuários. (LONGARAY; LIMA, 2010)

⁵⁰ Em português, análise ou matriz FOFA – é um método de planejamento estratégico que engloba a análise de cenários para tomada de decisões, observando 4 fatores. São eles, em inglês: *strengths, weaknesses, opportunities e threats*. Em português: forças, oportunidades, fraquezas e ameaças.
<https://resultadosdigitais.com.br/blog/analise-swt/>

e pela profissional da área. Pensamos em questões interdisciplinares que já tivessem sido trabalhadas nas disciplinas de origem ou que fossem importantes para o aluno de LEANI.

3.1 Aula 1 – Day 1: Analisando o Terreno

O primeiro dia da oficina, *Day 1*, aconteceu em 5 de março de 2021. Eu e AP4 nos falamos um pouco antes da aula começar para que eu testasse os slides e vídeos. É importante mencionar que esse procedimento se repete em todos os dias de aula da oficina e que todas as aulas foram dadas por mim, auxiliada pela AP4, que pôde acompanhar e dar suporte nas aulas. Às 16h, entramos na sala reservada para o canal “LEANI *in action*: Novos Caminhos” e nos deparamos com três alunos. Enquanto aguardávamos a maior parte do grupo, fomos conversando e explicando um pouco mais sobre a oficina. Após quase 30 minutos de conversa, tínhamos cinco alunos na sala, A1, aluno da turma de 2016; A3, A4 e A5, alunos do segundo período, turma de 2020; e A6, aluna de sexto período, turma de 2018; além de nós três, eu, AP3 e AP4, proprietários da equipe. Dos treze alunos inscritos, nominalmente, eu conhecia apenas três deles.

O objetivo do primeiro dia era apresentar a oficina, o projeto de extensão e seus integrantes, apesar de somente dois alunos pesquisadores estarem presentes, conhecer os alunos e perceber suas necessidades ao longo da aula, além de seguir o planejamento da oficina para o dia que segue abaixo no quadro 10. Não apresento aqui o planejamento feito por mim e pelos alunos pesquisadores, porque ele está inserido na descrição das aulas. Na verdade, fizemos um planejamento, mas o que segue abaixo é a execução das atividades na aula. Ressaltamos que não conseguimos dar conta de todas as atividades planejadas para o primeiro dia.

Quadro 10 - Aula 1 – Day 1 – Analisando o Terreno

ATIVIDADES	OBJETIVO PARA PESQUISA	DESCRIÇÃO
<p>- Sala de aula invertida: comentar sobre as 5 questões do questionário eletrônico</p>	<p>- Identificar as necessidades do grupo em relação à Análise do Discurso (AD): o que sabem e o que concluíram do texto.</p> <p>- Proporcionar aos alunos trabalho interdisciplinar com apoio das metodologias ativas</p>	<p>- Ler e assistir ao vídeo <i>Getting the hang of discourse analysis</i>, disponível na página http://www.politicseastasia.com/studying/getting-the-hang-of-discourse-theory/, como tarefa a ser feita em casa enviada pelo <i>Whatsapp</i> e plataforma <i>TEAMS</i>. O texto também foi postado em PDF.</p> <p>- Discutir as questões enviadas para casa através do formulário eletrônico, <i>google forms</i>, enviado pelo <i>Whatsapp</i> pela plataforma <i>Teams</i>.</p>
<p>- Debate sobre negociação e análise do discurso (AD).</p>	<p>- Discutir sobre a importância da AD para um negociador.</p>	<p>- Passar o vídeo inserido na postagem <i>Getting the hang of discourse analysis</i>, na página http://www.politicseastasia.com/studying/getting-the-hang-of-discourse-theory/ que ficou pra casa. disponível também no YouTube: https://www.youtube.com/watch?v=NpJhICZczUQ&feature=youtu.be</p> <p>- Discutir sobre a importância da análise do discurso para um negociador internacional.</p>
<p>- Análise de <i>tweets</i> políticos.</p>	<p>- Analisar o discurso dos tweets situando o contexto de cada um e como tais discursos podem afetar a sociedade.</p>	<p>- Analisar <i>tweets</i> políticos selecionados pelos alunos pesquisadores. Na primeira atividade, os alunos tinham que situar o contexto dos tweets. Após, interpretaram o discurso debatendo sobre como o discurso, no caso político, pode afetar a sociedade - pergunta que retiramos do texto <i>Getting the hang of discourse analysis: how do the things that people say affect society?</i>. A atividade integra o arquivo em PPT/PDF, elaborado para a aula.</p>
<p>- Debate em grupo: negociação, estágios da negociação e gêneros discursivos de uma negociação.</p>	<p>-Levantar as necessidades sobre negociação e seus estágios a fim de perceber o que os alunos sabem em relação ao tópico.</p> <p>- Proporcionar aos alunos trabalho interdisciplinar.</p>	<p>- Discutir questões sobre negociação, seus estágios e os gêneros de uma negociação: o que é negociação; quais são os estágios de um processo de negociação; o que devemos levar em conta (em termos de língua) quando estamos em uma negociação.</p> <p>- Assistir ao vídeo sobre os sete passos de uma negociação de acordo com Cullen, professor da <i>Saïd Business School</i>, a Escola de Negócios de Oxford. http://live-canvas.eu/en/learning-area/full/24/6/1/stages-in-negotiation</p>
<p>- Apresentação dos estágios de negociação com base na teoria de Ford e Luksetich (2016).</p>	<p>- Apresentar os estágios de uma negociação com base no Inglês para Fins Diplomáticos.</p>	<p>- Explicar sobre os estágios de negociação e seus autores. A atividade integra o arquivo em PPT/PDF, elaborado para a aula.</p>

<p>Debate sobre os gêneros importantes em uma negociação</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Introduzir ou revisar a noção de gênero discursivo - levantamento de necessidades. - Explorar com o grupo os gêneros importantes em uma negociação. 	<ul style="list-style-type: none"> - Levantar questões sobre o que é necessário aprender em termos de linguagem para negociar; quais gêneros são importantes em uma negociação: <i>What do you think we need to learn (in terms of language) in order to negotiate?</i>
<p>Gênero discursivo: <i>e-mail</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Levantar necessidades de aprendizagem do gênero discursivo e-mail 	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentar as principais definições de gênero para este trabalho: Bakhtin(1997), Bazerman (2005), e Ramos (2004). - Mostrar exemplar do gênero e-mail e fazer perguntas sobre o contexto de circulação do referido gênero; sobre suas características; para que serve; que tipo de informação pode aparecer em um e-mail comercial; qual a sua estrutura, seus movimentos; qual linguagem encontramos/utilizamos em um email; por que o e-mail seria um gênero - Mostrar mais um exemplar de e-mail comercial. A atividade integra o arquivo em PPT/PDF, elaborado para a aula.
<p>- Gênero pauta de reunião</p>	<ul style="list-style-type: none"> -Levantar necessidades de aprendizagem do gênero discursivo pauta de reunião 	<ul style="list-style-type: none"> - Mostrar exemplar de uma pauta de reunião e fazer perguntas sobre o contexto de circulação do referido gênero; sobre suas características; para que serve; que tipo de informação pode aparecer em uma pauta de reunião; qual a sua estrutura, seus movimentos; qual linguagem encontramos/utilizamos em uma pauta de reunião; por que a pauta seria um gênero. A atividade integra o arquivo em PPT/PDF, elaborado para a aula.
<p>Dever de casa</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Revisar e aplicar o conteúdo estudado; - Desenvolver autonomia. 	<ul style="list-style-type: none"> - Observar exemplares de e-mail e pauta de reunião na pasta <i>day 1</i> (dia 1): movimentos, características, linguagem utilizada; Pesquisar mais informações e exemplares de pauta de reunião, <i>agenda</i>; há a sugestão de um <i>link</i> com informações sobre pauta de reunião e exemplares para que os alunos pudessem pesquisar em casa. https://www.indeed.com/career-advice/career-development/how-to-write-a-meeting-agenda; Escrever um e-mail curto com oferta de vacina apresentando a pauta para uma futura reunião (enviar a um colega para que esse colega pudesse dar um feedback colaborando com dicas e correção e que enviasse o email para o remetente com cópia pra mim); Assistir as sugestões de vídeos listados no arquivo PPT/PDF sobre vacinação; Iniciar pesquisa cultural com informações sobre negociação com americanos e chineses para a simulação final.

Fonte: A autora, 2021

A sequência de atividades no primeiro dia não seguiu conforme havíamos planejado. A primeira atividade, sala de aula invertida, fizemos oralmente porque nem todos os alunos conseguiram acessar a tempo o questionário online no *Google Forms*, porque enviamos o link do exercício com apenas quatro dias de antecedência. De qualquer maneira, os alunos presentes participaram ativamente da tarefa respondendo as perguntas do formulário oralmente. Uma das alunas, a A4, enviou mensagem escrita pelo *chat* avisando sobre falha na sua internet, por isso não participava oralmente e, também, não conseguia abrir a câmera. Por isso, neste dia, A4 se comunicou com o grupo através de mensagens. No debate sobre negociação e importância do discurso, tive problemas para passar o vídeo para os alunos, *Introduction to discourse analysis*^{51,52}. Demorei um pouco, talvez por falta de treinamento, por isso fiquei tensa, mas depois de alguns longos minutos, consegui acessar o vídeo e seguir com o debate. Na terceira atividade, para analisar os *tweets*⁵³, os alunos participaram bastante trazendo o contexto em que a postagem do *Boris Johnson*, primeiro-ministro britânico, e do *Donald Trump*, presidente dos Estados Unidos entre janeiro de 2017 e janeiro de 2021, estavam inseridos e suas influências. Em seguida, passamos para o debate sobre negociação e seus estágios que foi muito importante dado que A6, aluna de sexto período do curso LEANI, levou para o grupo a importância do discurso para um negociador. Destacamos que há várias correntes que organizam os estágios de forma diferente, com mais ou menos (sub)divisões, mas o processo de negociação é essencialmente o mesmo. Nós trabalhamos com base na teoria de Ford e Luksetich (2016) sobre negociação em inglês, em um livro para o ensino de inglês para fins diplomáticos (FRIEDRICH, 2016). Sobre os gêneros trabalhados na aula 1, partimos das etapas iniciais da teoria de Ramos (2004) percebendo quão familiarizados os alunos eram com os gêneros discursivos e-mail e pauta de reunião, fizemos perguntas sobre contexto, características, movimentos. O trabalho, naquele momento, foi oral. Em seguida, eu coloquei na tela um exemplar de e-mail e a partir dele fomos explorando o gênero discursivo que era familiar aos alunos. Por outro lado, com o gênero discursivo *agenda*, a pauta de reunião, percebemos que os alunos apesar de terem um exemplar, pareciam ter dúvidas. Eu acredito que a palavra *agenda*, em inglês, tenha causado alguma confusão e, também, que a

⁵¹ <https://www.youtube.com/watch?v=NpJhICZczUQ&feature=youtu.be>

⁵² Tradução nossa, Introdução à análise do discurso

⁵³ Tweet é o nome utilizado para designar as publicações feitas na rede social do Twitter.[...] A ideia do tweet na rede social é uma comparação com a sequência de pequenas publicações que os usuários do Twitter fazem, já que só é possível apenas a postagem de textos com até 140 caracteres[...] O Twitter é uma das redes sociais mais populares do mundo, são gerados milhões de tweets diariamente, facilitando a comunicação das pessoas...
<https://www.significados.com.br/tweet/>

pauta de uma reunião não seja um gênero tão familiar, apesar de simples. Como havia mencionado inicialmente, não conseguimos fechar a primeira aula conforme o planejamento. Pretendíamos chegar à cadeia de gêneros de Bazerman (2005), mas como atrasamos um pouco o início para aguardar os participantes e tivemos problemas com o primeiro vídeo, o tempo ficou curto. Porém, como avaliação desse primeiro dia, eu, AP3 e AP4, fizemos uma reunião logo após a saída dos alunos da plataforma e concluímos que a aula foi muito colaborativa, com a participação ativa dos alunos e discussões construtivas principalmente quando tratamos da importância do discurso. O ponto negativo, mas superado, foi o entrave com o vídeo que não aparecia na plataforma *Teams* para ser compartilhado. Ressalto que a reunião com os alunos pesquisadores após a aula aconteceu todos os dias da oficina. AP4 participou de todos os encontros, AP3 das aulas 1 e 2 e AP1, embora não estivesse conosco nas aulas, participou desses encontros após as aulas 3, 4 e 5.

3.2 Aula 2 – Day 2: Reformulando o Trajeto

Na aula 2, seguimos o mesmo roteiro, passei as atividades antes com AP4 a fim de revisar o material e checar se tudo estava funcionando na plataforma. Logo no início da aula, fomos surpreendidas com a presença de apenas três alunos, A1, A3 e A4, além de AP3. Durante o decorrer das atividades, A6 deixou uma mensagem na aba postagens informando que estava no trabalho e que não conseguiria participar nesse dia. Na verdade, tínhamos a expectativa que mais alunos inscritos aparecessem, já que no primeiro dia dois alunos justificaram suas ausências, mas isso não aconteceu. Iniciamos a aula abordando questões do dever de casa, sobre dúvidas e ressaltamos a importância do trabalho colaborativo. Os alunos fizeram as atividades de casa, uma delas era mais complexa, pois além de escrever um e-mail, eles tinham que dar sugestões colaborativas no e-mail de um colega abordando questões referente ao gênero, ao uso da língua ou até mesmo fazer alguma correção. Segue abaixo o resumo do segundo dia de oficina, realizado no dia 12 de março de 2021.

Quadro 11 - Aula 2 - Day 2: Reformulando o Trajeto

ATIVIDADES	OBJETIVOS PARA PESQUISA	DESCRIÇÃO
Cadeia de Gênero (Bazerman)	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentar gênero como ação social e a noção de cadeia de gênero (Bazerman, 2015); - Levantar com os alunos informações sobre o contexto e o conhecimento prévio de negociação a partir da proposta de Ramos (2004) e, dessa forma, fazer um <i>brainstorming</i> sobre os gêneros e as ações que compõem uma negociação. 	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentar do gênero como ação social: ações e os gêneros envolvidos no processo de seleção de um emprego. - Levantar com os alunos a cadeia de gêneros de negociação e suas ações: Escrever e ler email e/ou fazer uma chamada telefônica > escrever a pauta > fazer uma reunião > escrever a ata > escrever um relatório ou e-mail. A atividade integra o arquivo em PPT/PDF, elaborado para a aula.
<ul style="list-style-type: none"> - Revisão dos estágios de negociação com base na teoria de Ford e Luksetich (2016) e apresentação dos gêneros e ações envolvidos nos estágios de uma negociação. 	<ul style="list-style-type: none"> - Revisar os estágios de uma negociação com base no Inglês para Fins Diplomáticos. - Levantar com os alunos a partir do conhecimento prévio os gêneros envolvidos nos estágios de negociação. 	<ul style="list-style-type: none"> - Revisar os Estágios de uma negociação e abordar os gêneros - Pré-negociação – email e pauta; - Estágio “fórmula” (<i>Formula Stage</i>) - reunião e ata; - Estágio Detalhado ou Final (<i>Detailed Stage</i>) - reunião, ata e relatório. <p>A atividade integra o arquivo em PPT/PDF, elaborado para a aula.</p>
Revisão sobre o gênero e-mail	- Revisar o gênero e-mail	- Retomar o gênero discursivo e-mail revisando-o oralmente
Reunião	<ul style="list-style-type: none"> - Levantar as necessidades do gênero reunião e construir com os alunos os movimentos de uma reunião e a língua utilizada com base na teoria de Ford e Luksetich (2016). 	<ul style="list-style-type: none"> - Contextualizar e detalhar o gênero reunião a partir de perguntas sobre o mesmo. - Apresentar as etapas/movimentos de uma reunião e levantar com os alunos frases/expressões adequadas a cada movimento. <p>Apresentação > aproximação > confirmação dos objetivos > confirmação da pauta > estabelecimento de posições > apresentação de proposta > concessões > introdução de ideias > estabelecimento do acordo.</p>
Atividade: <i>Hands on: Is it time to come back to school?</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Avaliar como os alunos constroem o gênero reunião a partir dos movimentos estudados, da língua para que seja possível analisar as necessidades: o que é necessário reforçar e o que já sabem. 	<ul style="list-style-type: none"> - Fazer uma simulação no contexto CEFET/RJ e Covid-19: “é hora de voltar pra escola?” - Dividir o grupo em 2, um a favor e outro contra o retorno das aulas. - Estabelecer os objetivos e a pauta da reunião.
- World Englishes	- Trabalhar com tema relevante ao ensino da língua inglesa e da	- Levantar questões <i>sobre World Englishes</i> a partir do círculo de

	negociação, e também interdisciplinar, disciplina: Introdução às Políticas Linguísticas (2º período).	Kachru (1992). A atividade integra o arquivo em PPT/PDF, elaborado para a aula.
- Inglês como língua franca	- Trabalhar com tema relevante ao ensino da língua inglesa e da negociação, e também interdisciplinar – disciplina: Introdução às Políticas Linguísticas (2º período).	- Comparar Inglês como Língua Franca e <i>World Englishes</i> . - Relacionar questões sobre comunicação; analisar estratégias produtivas para compreender o inglês falado por estrangeiros.
Dever de casa	1. Trabalhar questões críticas através da análise do discurso 2. Analisar as necessidades através de exercício de <i>if-clauses</i> para perceber a dificuldade dos alunos 3. Levantar com os alunos o contexto e o conhecimento prévio sobre <i>meeting minutes</i> (ata) e <i>report</i> (relatório); 4. Trabalhar com inglês de forma simples, linguagem clara e sem vocabulário complexo (<i>plain English</i>).	- Fazer exercícios com frases utilizadas em uma reunião; - Fazer exercício de <i>if-clauses</i> ; - Estabelecer o contexto onde circulam <i>meeting minutes</i> e <i>report</i> e analisar exemplares. - Assistir vídeo sobre <i>plain English</i> em relatório: https://www.youtube.com/watch?v=ul6Sh2LVT2M&ab_channel=ELCOpenOnlineCourses

Fonte: A autora, 2021.

Na segunda aula da oficina, a primeira atividade foi pensada para introduzir a noção de cadeia de gênero de Bazerman (2005). Como primeiro passo, utilizamos um arquivo em PPT/PDF, conversamos sobre os gêneros discursivos que envolvem a candidatura para uma vaga de emprego e suas ações levando em consideração as informações trazidas pelos alunos. Em seguida, fizemos o mesmo trazendo para o contexto de uma negociação. Abordamos a cadeia de gênero de uma negociação e suas ações a partir de perguntas para que os alunos pudessem, com a ajuda uns dos outros, construir conhecimento. Um deles, A1, aluno já em fase de conclusão do bacharelado LEANI, já tinha feito um curso, em uma renomada instituição de ensino superior privada, sobre negociação e estudado sobre o assunto, os outros alunos participavam a partir do que conseguiam inferir do contexto de negociação, apesar de não terem tido qualquer disciplina que abordasse o assunto no LEANI até aquele momento.

Após tratar dos estágios de uma negociação, fizemos uma revisão do gênero discursivo e-mail a fim de refletir mais sobre o gênero e, através da cadeia de gêneros, fazer um link com o gênero reunião. A partir das questões apresentadas por Ramos (2004), iniciando pela familiarização do gênero, abordamos as características, os movimentos e a linguagem utilizada em uma reunião formal de acordo com os parâmetros do livro *de inglês voltado para fins diplomáticos* (FRIEDRICH, 2016), do capítulo de Inglês para Negociação. Ressaltamos

aqui que, apesar do livro ser voltado para Diplomacia, apresenta os estágios de uma negociação de forma semelhante aos apresentados por outros autores da área de negociação no âmbito geral. A diferença aparece na divisão desses estágios. Alguns autores dividem o processo de uma negociação em mais os estágios e/ou subestágios, outros menos, mas na minha análise, os trabalhos que li eram bem semelhantes à teoria apresentada pelo livro de inglês para fins diplomáticos. Além disso, por ser um material voltado para o ensino de inglês para fins específicos, as questões de língua estavam presentes, o que não acontece com um material de negociação que foca basicamente nos estágios. A linguagem utilizada em uma negociação pode ser bem ampla.

A aula sobre reunião seguiu da seguinte forma, conforme apresentamos os movimentos, pedimos aos alunos exemplos de linguagem formal, tal como, sugestões de como se apresentar em uma reunião formal. Os alunos davam as sugestões e nós colocávamos as nossas e as sugeridas pelo material (as quais achamos pertinentes ao contexto), e assim íamos construindo em conjunto.

Em seguida, fizemos uma atividade prática sobre retorno das aulas presenciais naquele momento da pandemia da Covid-19 no CEFET/RJ, onde os alunos teriam que fazer uma reunião e definir os objetivos dela e sua pauta. Os alunos eram representantes da comunidade acadêmica, um aluno, um professor e um membro da direção da instituição. Eles ficaram atentos aos estágios de negociação e ao uso da linguagem formal. Por fim, tratamos de questões interdisciplinares que os alunos já tinham estudado: *World Englishes* e Inglês como Língua Franca. Ativamos o conhecimento prévio dos alunos através de conversa sobre os temas e levantando questões importantes em conjunto.

Por último, explicamos melhor sobre a simulação final, sobre o propósito da oficina e sobre o dever de casa. No final da aula, os alunos fizeram muitos elogios à oficina. A1 falou da importância de trazer questões de negociação para a sala de língua inglesa e que sempre esperou um trabalho baseado nessa linha em todas as línguas no curso LEANI. Os outros alunos também se manifestaram e se colocaram em relação à oficina no que se refere à identificação com o trabalho e a aprendizagem de inglês.

Em relação às atividades assíncronas, A2 comentou que quando viu os deveres de casa do primeiro dia de oficina pensou “esse *workshop* tem *work* mesmo!”. Ele estava se referindo às muitas atividades de casa do primeiro dia de aula da oficina. A partir desse comentário, percebemos que seria mais apropriado diminuir a quantidade de deveres para casa, pois o grupo de alunos parece que teve essa mesma sensação. Na nossa avaliação, minha, do AP 3 e da AP4, a aula 2 também teve atividades que desenvolveram a colaboração, a participação e a

construção da autonomia, por isso, a aula fluiu melhor. Eu, particularmente, me senti mais segura ao utilizar a plataforma e também na relação com o grupo de alunos.

3.3 Aula 3 – Day 3: A Caminho

A terceira aula aconteceu no dia 19 de março de 2021. Novamente, passei a aula com a AP4, mas não pude contar com a presença do AP3, que estava com Covid-19. Para a nossa surpresa, um aluno pediu para participar da oficina pela primeira vez. Ele fez a inscrição, mas no período próximo ao início da oficina, o pai dele, infelizmente, faleceu de Covid-19. Havíamos combinado, eu e os alunos pesquisadores, que os alunos participantes poderiam ter uma falta durante todo o período da oficina porque as atividades tinham sequência e, de certa forma, muitas delas eram dependentes de outras. Porém, levando em consideração a justificativa de A2 para a ausência nas duas primeiras aulas, eu, após conversar com AP4, autorizei a sua participação. Dessa forma, A2 passou a integrar o grupo de alunos, A1, A3 e A4, que seguiu até o final da oficina e contou, ainda, com a ajuda da AP4 que se colocou à disposição para sanar dúvidas das aulas 1 e 2.

Quadro 12- Aula 3 - Day 3: A Caminho

ATIVIDADES	OBJETIVOS PARA PESQUISA	DESCRIÇÃO
- <i>Meeting Minutes</i> (ata)	- Levantar informações sobre o contexto, conhecimento prévio a partir da proposta de Ramos (2004) e suas fases (apresentação, detalhamento e aplicação) e, dessa forma, refletir em conjunto sobre os movimentos e linguagem utilizada no gênero <i>meeting minutes</i> .	- Levantar questões em conjunto sobre o gênero textual <i>meeting minutes</i> : contexto; movimentos; observação de um modelo para perceber a língua que é utilizada em relação à gramática, vocabulário. Material: exemplar do gênero discursivo ata em PDF.
- <i>Report</i> (relatório)	- Levantar informações sobre o contexto, conhecimento prévio a partir da proposta de Ramos (2004) e das suas fases (apresentação, detalhamento e aplicação) e, dessa forma, refletir em conjunto sobre os movimentos e linguagem utilizada no gênero <i>report</i> .	- Levantar questões em conjunto sobre o gênero textual relatório: contexto; movimentos (<i>introduction, findings, conclusion and recommendations</i>); observação de um modelo para perceber a língua que é utilizada em relação à gramática, vocabulário. Material: exemplar do gênero discursivo relatório em PDF. - Discutir as dicas para a escrita de relatório (página do British

		<p>Council), https://learnenglish.britishcouncil.org/skills/writing/intermediate-b1/a-report-on-a-student-meeting A atividade integra o arquivo em PPT/PDF, elaborado para a aula. - Assistir ao vídeo e debater sobre <i>Plain English</i> https://grammar.yourdictionary.com/style-and-usage/report-writing-format.html A atividade integra o arquivo em PPT/PDF, elaborado para a aula.</p>
- <i>Communication Styles</i> (estilos de comunicação)	- Discutir a importância da cultura em negociação internacional; - Trabalhar com tema relevante ao ensino da língua inglesa e da negociação, e também interdisciplinar – disciplina: Introdução às Políticas Linguísticas (2º período).	- Abordar e discutir questões sobre estilos de comunicação (<i>communication styles</i>): <i>High context communication</i> (cultura de alto contexto) e <i>Low context communication</i> (cultura de baixo contexto). A atividade integra o arquivo em PPT/PDF, elaborado para a aula.
Dever de casa: <i>Wedding Case</i>	- Praticar os gêneros estudados na oficina em um contexto de simulação próximo ao real; - Reavaliar as necessidades - Preparar para a simulação final.	- Estudar o caso sobre um casamento planejado para 300 convidados e por causa da restrição estabelecida pela prefeitura por causa da Covid-19, tal evento não pode mais acontecer na data marcada. Os atores da simulação: advogados e uma empresa de assessoria matrimonial. - Escrever email com pauta, se preparar para reunião, escrever ata e relatório. A atividade integra o arquivo em PPT/PDF, elaborado para a aula.

Fonte: A autora, 2021

Iniciamos a aula 3 trazendo as atividades de casa da aula 2 como ponto de partida. Ressalto que a atividade de *if-clause* foi apontada por A1 e A4 como uma provável necessidade de aprendizagem. Dessa forma, elaborei uma atividade simples e enviei um link do *British Council*⁵⁴ que trata do assunto de forma específica de inglês para negócios. Além disso, fomos observando como os alunos se saíam nas atividades orais. Trouxemos um arquivo com erros ou termos não apropriados ao contexto, que anotamos durante a participação dos alunos na atividade *Is it time to come back to school?* da aula 2. Apresentamos as questões a serem reformuladas para que o grupo pudesse ajudar na

⁵⁴ O *British Council* (lit. Conselho Britânico) é uma instituição pública do Reino Unido, um instituto cultural cuja missão é difundir o conhecimento da língua inglesa e sua cultura mediante a formação e outras atividades educativas. Além disso, essa entidade pública cumpre uma função relevante para melhorar as relações exteriores do Reino Unido. https://pt.wikipedia.org/wiki/British_Council [Acessado em 10 de janeiro de 2021]

“correção”, mas não informamos os nomes dos alunos que usaram a língua inapropriada ao contexto. O objetivo da atividade era que os alunos pudessem solucionar esses problemas.

Em seguida, a partir do exemplar disponível na pasta *Day 3*, referente à terceira aula, trabalhamos com os exemplares de ata e relatório. Da mesma forma como foram trabalhados os outros gêneros, partimos do direcionamento da proposta de Ramos (2004), apresentação, detalhamento e apresentação. Todas as etapas eram feitas oralmente com a participação dos alunos, construindo em conjunto a partir da observação deles, com exceção da de apropriação. Sobre o gênero discursivo relatório, tratamos da questão do *plain English*, ou seja, a utilização de uma linguagem mais simples, que além de ser sugerido por algumas empresas, seria mais apropriado para o trabalho com alunos do segundo período do curso. Além disso, selecionamos um exemplar de relatório simples a fim de atender o grupo de alunos do segundo período.

Logo após, tratamos de questões sobre cultura e negociação, sobre *communication styles*, os estilos de comunicação⁵⁵ (Ford e Luksetich, 2016): na cultura de alto contexto, a comunicação é mais indireta, a informação está no contexto físico ou internalizada no indivíduo. As pessoas que são de países de cultura de alto contexto utilizam com frequência a linguagem corporal, o tom de voz e a postura para se comunicar. Exemplos de países de cultura de alto contexto: Japão, China, países africanos; já na cultura de baixo contexto, a comunicação é mais assertiva e direta, as mensagens são explícitas e claras e sem ambiguidade. Exemplos de países de cultura de baixo contexto: Reino Unido, EUA, Alemanha, Austrália. Essas questões são importantes para um negociador internacional, para a atividade final dessa oficina e contribuem para um trabalho interdisciplinar.

Como dever de casa, os alunos se prepararam para a simulação *wedding case* descrita no quadro aula 3. Avaliamos, eu e AP4, o terceiro dia como uma aula produtiva e colaborativa, apesar das poucas atividades práticas. Trouxemos tópicos importantes e gêneros que faltavam para completar a cadeia de gêneros de uma negociação.

3.4 Aula 4 – *Day 4*: Caminho das Pedras

⁵⁵ Tradução nossa para o termo *communication styles*.

Antes de iniciarmos a aula 4, eu e AP4 conversamos um pouco sobre o estudo de caso que seria trabalhado na aula. Reservamos essa aula com o objetivo de, também, fazer um treinamento para a simulação final a fim de que os alunos pudessem praticar mais os gêneros estudados e tirar dúvidas. O estudo de caso desta simulação foi baseado em uma experiência de um casal da minha família que pretendia se casar em uma determinada data e teve o evento adiado duas vezes por causa das restrições feitas pela prefeitura da cidade do Rio de Janeiro em virtude do aumento do número de casos de Covid-19. AP3 também relatou que seria padrinho de um casamento e que a cerimônia fora adiada pelo mesmo motivo. Segue abaixo o resumo da aula 4.

Quadro 13 - Aula 4 – Day 4: Caminho das Pedras

ATIVIDADES	OBJETIVOS PARA PESQUISA	DESCRIÇÃO
Simulação: <i>Wedding Case</i>	- Fazer a simulação de um estudo de caso baseado em uma situação real utilizando os gêneros estudados na oficina: e-mail, Email, reunião, <i>meeting minutes</i> e relatório.	- Participar da simulação do estudo de caso, <i>Wedding Case</i> . Divisão da turma se dividiu em dois grupos: 2 advogados representando o casal de noivos e 2 gerentes de uma empresa de assessoria matrimonial representando os fornecedores. Questão principal: Com a pandemia, a festa deve acontecer ou não? Quais são os direitos do casal baseados no contrato de serviços?
Dever de casa: Preparação para o estudo de caso final - Covid-19: <i>Negotiating vaccines in Brazil</i> (Covid-19: A Negociação de Vacinas no Brasil)	- Praticar os gêneros discursivos estudados na oficina baseado em um contexto de simulação real; - Desenvolver autonomia	- Trocar emails para a simulação final - Pesquisar sobre a cultura dos atores aos quais cada aluno representaria. Os alunos devem pesquisar sobre seus atores a fim de participar de forma mais fiel possível ao contexto.

Fonte: A autora, 2021.

A experiência com a simulação “*wedding case*” foi muito boa de acordo com a nossa avaliação. Os alunos se prepararam para a atividade levando em conta o contexto em que estava inserido. Além da troca de e-mails com inserção da pauta da reunião que fora feita como atividade de casa, os alunos puderam participar de uma reunião, executando os seus movimentos, escreveram a ata e um relatório no momento da aula pelo *google drive* compartilhando o mesmo arquivo. Essa simulação foi importante para reavaliar as necessidades de acordo com os gêneros trabalhados na oficina, as questões levantadas nas aulas e para que os alunos percebessem como seria a atividade final. Lembramos que todas as atividades, com exceção de alguns exercícios de casa, estavam inseridas na questão da pandemia de Covid-19 por ser o tema da oficina. Acreditamos que, apesar do assunto estar

presente no dia a dia, seria necessário aprender palavras e termos na língua inglesa, por isso disponibilizamos vídeos e *links* de páginas na internet que abordavam o tema.

3.5 Aula 5 – Day 5: Abrindo o Caminho

Para a aula 5, no dia 2 de abril de 2021, eu e AP4 falamos rapidamente porque a simulação final foi pensada e reavaliada algumas vezes nas nossas reuniões com o grupo de alunos pesquisadores por causa do contexto de Covid-19, que mudava e também por causa do número de participantes que não foi o mesmo que estava inscrito na oficina inicialmente. Dessa forma, não havia mais qualquer acerto a ser feito.

Essa simulação foi baseada na situação difícil em que o Brasil se encontrava em relação à negociação de vacinas. Os alunos pesquisadores acharam o tema importante e válido para os alunos do bacharelado LEANI por se tratar principalmente de uma negociação internacional, por envolver questões políticas e de uma pandemia de um vírus novo.

Antes do início da simulação, apresentamos o estudo de caso com informações adicionadas por nós e pelos alunos, que incluíram a pesquisa que fizeram sobre os atores e a cultura de negociação deles. É importante ressaltar que os estudos de caso são geralmente reais ou baseados em casos reais, mas geralmente o contexto é apresentado aos alunos por completo. No nosso caso, inserimos as informações pesquisadas pelos alunos participantes da oficina em um estudo de caso sugerido pelos grupos de alunos pesquisadores que são ou foram alunos do bacharelado LEANI. Dessa forma, o estudo de caso foi construído colaborativamente com a participação de todos os integrantes da oficina. Vale ressaltar que o conteúdo sobre a cultura de negociação dos atores do estudo de caso enviado pelos alunos participantes da oficina foi checado por mim antes da aula, apesar do envio tardio da pesquisa por parte dos alunos.

Os atores envolvidos na simulação foram: o ministro da saúde, um representante da FioCruz, um representante da empresa multinacional *Johnson & Johnson* (farmacêutica *Janssen*) e um representante da farmacêutica *Sinovac Biontech*. Antes da aula 5, os alunos enviaram-nos as cópias dos e-mails trocados entre os atores do estudo de caso. O objetivo da atividade, além de praticar o gênero em questão, era marcar a reunião, estabelecer os objetivos e a pauta da reunião. A atividade da aula 5 segue descrita no quadro abaixo.

Quadro 14 - Aula 5 – Day 5: Abrindo o Caminho

ATIVIDADES	OBJETIVOS PARA PESQUISA	DESCRIÇÃO
- Simulação do estudo de caso: Covid-19: <i>Negotiating vaccines in Brazil</i>	- Participar de uma simulação baseada em um estudo de caso próximo ao real praticando/aplicando os gêneros discursivos da cadeia de gêneros de uma negociação levando em consideração as questões culturais e de discurso estudadas na oficina; - Desenvolver autonomia - Desenvolver senso crítico	- Participar da simulação do estudo de caso, Covid-19: <i>Negotiating vaccines in Brazil</i> . Atores: ministro da saúde, representante da FioCruz, representante da Johnson & Johnson, representante da Sinovac. Questão principal: alcançar a melhor negociação de vacina para Covid-19 (considerar a alta demanda por vacinas no cenário global, além de questões relacionadas ao preço, a quantidade, prazos e garantias).
Dever de casa	- Praticar os gêneros discursivos, ata e relatório.	- Escrever <i>meeting minutes</i> (ata) e relatório da reunião

Fonte: A autora, 2021.

Na nossa reunião pós-aula, eu e AP4 avaliamos a aula 5, a simulação, como excelente, apesar da negociação das vacinas não ter sido fechada. Os alunos se transformaram nos atores do caso a partir das pesquisas que fizeram e das notícias políticas que circulavam na época sobre o assunto. No nosso planejamento, os alunos escreveriam a ata e o relatório na aula, assim como fizeram na simulação *wedding case*, mas como a negociação das vacinas não foi concluída, os alunos acabaram fazendo um esboço da ata na aula e terminaram a atividade como tarefa de casa pelo *google drive* compartilhando o arquivo. Os alunos nos enviaram os gêneros ata e relatório três dias após a simulação. Conseguimos retirar as questões “problema” para levar para a aula 6 para que eles pudessem sugerir as correções.

3.6 Aulas 6 e 7 - Day 6, Day 7: Caminho mais adequado

Na aula 6, primeiramente, eu e AP4 levamos algumas questões do estudo de caso final para os alunos ajudarem na correção ou na escolha do que fosse mais apropriado em termos de língua em relação aos gêneros trabalhados e a simulação como um todo. Logo após, iniciamos a avaliação final da oficina levando às seguintes questões apresentadas no capítulo de metodologia:

1. O que você achou da proposta de ensino de inglês trabalhada na oficina?
2. Quais foram as vantagens e as desvantagens da proposta da oficina?
3. Qual é a proposta de ensino de inglês que melhor atende às suas necessidades e as da situação-alvo (do curso LEANI)? Por quê?

Além da avaliação da oficina, a aula foi basicamente um relato sobre algumas questões que os alunos, A2, A3 e A4 estavam vendo na disciplina de Língua Inglesa II. Eles reafirmaram que conseguiram aprender mais na oficina do que na disciplina de inglês. A1, por ser um aluno em fase de conclusão do curso, trouxe novamente a sua expectativa em relação ao que esperava aprender no bacharelado LEANI nas disciplinas de língua adicional, inglês, francês e espanhol. Segundo ele, o caminho que esperava seguir era nesse sentido, do diálogo com temas do curso.

Além da discussão em sala sobre a oficina, enviamos também um formulário *Google* com as mesmas perguntas com o objetivo de ter esse registro escrito e, ainda, captar algo que os alunos tivessem esquecido de mencionar na aula ou não quisessem falar conosco. Após o debate, os alunos sugeriram que fizéssemos uma avaliação individual, pois queriam saber exatamente o que podiam melhorar no que se refere à aprendizagem de língua inglesa. Dessa forma, marcamos a aula 7 com horários individuais de atendimento: A1, às 16h, A3, às 16h40, A2, às 17h20 e A4, às 18h. Porém, A1 teve um problema particular e tivemos que remarcar o seu atendimento individual para a semana seguinte.

Na aula 7, na avaliação individual, levamos em consideração principalmente questões como participação, autonomia, senso crítico, colaboração, uso da língua e produção. Além disso, orientamos os alunos sobre o direcionamento em relação à aprendizagem da língua inglesa de acordo com a necessidade de cada um.

A proposta de planejar uma oficina em que os alunos pudessem participar de uma simulação considerada relevante pelo grupo de alunos pesquisadores envolve vários pontos que considero importantes para o ensino da língua inglesa além dos pressupostos de LinFE que foram a base da pesquisa. A cadeia de gêneros de Bazerman (2005) foi de extrema relevância para que pudéssemos perceber a correlação dos gêneros discursivos em uma negociação. A proposta de Ramos (2004) proporcionou o trabalho com os gêneros discursivos a partir de sua apresentação até a apropriação deles. A partir dessa apropriação, conseguimos reavaliar as necessidades de aprendizagem dos alunos. Trabalhamos com a concepção de Vygotsky (1998; 2001), na maior parte das vezes, oralmente, a partir da construção do conhecimento, pois aprendemos com o outro.

Outro ponto importante refere-se à autonomia de Freire a partir da participação ativa dos alunos, da forma como conseguiam fazer uso das questões aprendidas e das pesquisas feitas como tarefa de casa. As técnicas e as estratégias das metodologias ativas estiveram presentes com o estudo de caso, com a sala de aula invertida e com aspectos da aprendizagem baseada em projetos como no desenvolvimento atividades significativas, motivadoras e desafiadoras. Os alunos puderam também dividir responsabilidades, pesquisar sobre o tema e tomar decisões colaborativamente. Além disso, eles participaram de atividades de autoavaliação e avaliação do grupo com as atividades de correção de erros, nas aulas finais onde podiam avaliar suas habilidades e competências e, por fim, a própria análise *SWOT*.

Para resumir a oficina em número de participantes, tivemos treze alunos inscritos. Porém, o número máximo de alunos em uma das aulas da oficina, a aula um, foi de seis alunos. Entre os seis alunos, quatro concluíram. Chegamos a enviar um formulário na tentativa de descobrir o motivo pelo qual alguns alunos nunca apareceram nas aulas. Infelizmente, não tivemos resposta. Acreditamos que, muitas vezes, os alunos se inscrevem em atividades, principalmente as gratuitas, e quando chega o momento de participar, percebem que estão cheios de atividades na graduação e no estágio, por isso acabam por não participar. Tivemos notícias apenas das duas alunas que chegaram a frequentar a oficina. Uma delas ficou doente e a outra estava tentando fazer as aulas no horário de trabalho e não conseguiu acompanhar.

Percebemos que o detalhamento da oficina já nos mostra a análise de alguns dados. Porém, passamos para o capítulo de análise dos dados, onde essa investigação é mais clara, completa e ancorada nas asserções.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo tem por propósito analisar as respostas dos participantes em relação às técnicas utilizadas na pesquisa, alicerçando tais impressões ao conceito de asserção (BORTONI-RICARDO, 2008). As técnicas utilizadas foram: entrevistas semiestruturadas com **onze** professores, quatro egressos e uma profissional da área; um questionário inicial de inscrição e análise de necessidades para os alunos participantes da oficina, 6 alunos participantes da fase inicial da pesquisa, e um questionário final de avaliação para o 4 alunos participantes concluintes da oficina e também para os quatro alunos pesquisadores; e o diário de pesquisa para os alunos pesquisadores e para mim, a pesquisadora que conduz este trabalho.

A análise está organizada em duas seções. Na primeira, examinamos o material didático utilizado no bacharelado LEANI a partir dos critérios listados por Ramos (2003). Na segunda seção, analisamos as asserções baseadas nas acepções teórico-metodológicas de Bortoni-Ricardo (2008). Essa seção foi dividida em cinco subseções que contemplam as asserções relacionadas aos objetivos específicos e a última referente ao objetivo principal de acordo com a seguinte ordenação:

Asserção 1: As necessidades dos alunos e do curso no que se refere ao ensino de língua inglesa são variadas.

Asserção 2: Os participantes desta pesquisa podem auxiliar com sugestões, de suas respectivas áreas e experiências.

Asserção 3: As metodologias ativas auxiliam na criação de contextos autênticos (ou próximos a eles) de aprendizagem.

Asserção 4: Alunos e professores acreditam que a proposta de ensino de língua inglesa do curso LEANI atende parcialmente as necessidades de aprendizagem.

Asserção principal A proposta pedagógica desenvolvida será baseada na produção, na construção do conhecimento a partir da colaboração, na busca pela autonomia, tendo o aluno como centro da aprendizagem em diálogo com a abordagem de LinFE.

Ressaltamos que, de acordo com os objetivos da pesquisa, sendo as asserções relacionadas a eles, deveríamos ter seis asserções. Porém, durante a pesquisa, percebemos que uma das asserções se relacionava a dois dos objetivos. Dessa forma, a asserção 1 está associada aos seguintes objetivos:

- *Identificar as necessidades dos alunos e do curso LEANI*

- *Levantar quais gêneros textuais são importantes no desenho de uma nova proposta de ensino de língua inglesa no curso LEANI.*

Passamos, então, para a primeira seção deste capítulo.

4.1 Análise do material didático

Como parte deste trabalho, que trata de uma proposta de ensino diferente da que é aplicada no curso, analisamos o material a partir dos critérios listados por Ramos (2003) por considerarmos a mais completa em relação às questões apontadas por outros autores, como Hutchinson e Waters (1987) e Dudley-Evans e St John (1998).

Informamos na descrição sobre o contexto que a coleção utilizada no curso possui quatro níveis, cada um dos níveis possui um conjunto de materiais, livro do aluno, livro de exercício digital, livro do professor e CD com diferentes recursos. Cada livro de um conjunto de materiais possui oito lições, baseadas em temas de negócios, administrativos, que se dividem em seis módulos:

- *About business* - Contém informação sobre o tema da lição, questões de vocabulário também aparecem neste módulo. O objetivo é trabalhar com a compreensão geral de textos e de vocabulário;
- *Vocabulary* - Contém palavras e frases importantes relacionadas ao tema através de exercícios.
- *Grammar* - Contém pontos gramaticais importantes para o tema estudado. A prática de gramática está relacionada a situações de negócios considerando o tema. Há exercícios contextualizados e outros que se referem aos temas propostos pelo material, mas não estão contextualizados.
- *Speaking* - Contém exercícios para desenvolver compreensão e habilidades orais considerando situações de negócios.
- *Writing* - Contém exercícios escritos voltados para documentos da área de negócios como, por exemplo, relatórios, curriculum vitae, ata.
- *Case Study* - Contém situações de resolução de problemas reais de negócios, segundo o livro.

No final do livro do aluno, há exercícios gramaticais, além daqueles presentes nos módulos, referentes a cada lição. Os exercícios são, na maioria das vezes, de completar frases, sublinhar respostas corretas e correlacionar colunas.

Para análise com mais detalhes, trago os critérios de Ramos (2003). De acordo com a autora, são seis os critérios de seleção de material didático e o diagnóstico final. Fizemos a avaliação de acordo com as informações encontradas na página da editora e com as nossas observações a partir da utilização do material, eu como professora, do meu ponto de vista, e os alunos pesquisadores, de acordo com a percepção deles.

1. Público-alvo - O livro é direcionado para estudantes universitários da área de negócios. De qualquer forma, o livro pode ser utilizado por adultos que estejam trabalhando na área. Em uma busca que fizemos na internet⁵⁶, em páginas de livrarias e comércio eletrônico, identificamos algumas pessoas que utilizam o livro para estudar sozinhas, como um *self-study guide*, e avaliam bem a experiência.

2. Objetivo do livro/da coleção - O material tem como objetivo oferecer habilidades necessárias aos alunos para que possam se desenvolver no cenário de negócios internacionais

3 e 4. Visões de linguagem e visões de ensino-aprendizagem - A visão de linguagem e de ensino-aprendizagem são baseadas na abordagem comunicativa. A linguagem é o veículo para expressão de significado funcional. As dimensões semântica e comunicativa da língua são enfatizadas. O objetivo da aprendizagem da língua é aprender a expressar as funções comunicativas e as categorias de significado.

5. O que os materiais contêm em termos de: conteúdo do material, textos, atividades - O livro apresenta temas importantes para a área empresarial, seguindo de exercícios relacionados aos tópicos. Como já foi mencionado, as lições se dividem em módulos e a progressão de conteúdo nas lições ocorre de modo adequado, de maneira geral. Como o livro tem característica modular, o professor pode customizar as aulas de acordo com as necessidades do contexto. O material apresenta atividades pré-comunicativas, voltadas para a prática de elementos linguísticos que compõem a competência gramatical, por exemplo, atividades de preenchimento de lacunas; e atividades comunicativas, funcionais e de interação, que estão relacionadas a fluência e visam a comunicação de ideias e informações, como por exemplo, os *role plays*⁵⁷ e os estudos de caso. O material traz também alguns gêneros importantes para a área. Os textos não são autênticos, pelo menos não há qualquer

⁵⁶ https://www.amazon.com/ref=nav_logo

⁵⁷ Atividade de conversação na qual simulamos uma situação imaginária e/ou nos colocamos no lugar de outra pessoa (definição nossa).

menção a isso, mas são diversificados tanto em relação ao tipo quanto aos tópicos e, de modo geral, interessantes. Há um foco muito específico com negócios que é o objetivo do material. O material apresenta boa qualidade gráfica. Os objetivos das atividades são claros, por isso acreditamos que o material permite o estudo individual.

6. Como o material é explorado (O que se pede/espera que os alunos façam? O que se pede/espera que o professor faça? O material atinge os objetivos propostos?) - É esperado que o aluno participe das atividades pré-comunicativas e comunicativas de modo que possa desenvolver habilidades linguísticas na área de negócios. O professor deve orientar e engajar os alunos nessas atividades. O material atinge os objetivos dentro do que é proposto.

7. Diagnóstico final - Para o bacharelado LEANI, o livro atende parcialmente as necessidades porque há várias áreas do curso que não são contempladas pelo material. Por ser uma formação inter e multidisciplinar, o curso demanda uma abordagem que não valorize apenas negócios, como já falamos, mas também flexibilize tópicos abordados nos núcleos de Linguagem, Cultura e Sociedade, de Negociações Internacionais, de Turismo e Eventos e o de Administração, Economia e Direito. Conforme aponta a análise, em um curso com necessidades variadas por causa das diferentes áreas, apresenta singularidades nessas áreas. Os temas e gêneros são diversos, por isso a adoção de um material didático não é indicada. Em suma, embora o material seja adaptável, sua adoção não é essencial, pois há uma necessidade de complementação extensa e de alto investimento por parte dos alunos.

Conforme a análise apresentada, levando em consideração as necessidades da situação-alvo, percebemos que para o bacharelado LEANI, que possui especificidades peculiares, contar com o auxílio da internet para selecionar materiais, não exatamente exercícios prontos, mas vídeos ou textos, que possam trazer questões atuais, de acordo com o momento em que o curso esteja ocorrendo, relacionando os temas do curso, talvez seja mais significativo e motivador. Temas relacionados à política e economia estão em constante fluidez e são primordiais no bacharelado. Dessa forma, adotar uma coleção que tem a mesma estrutura das lições por três anos, tratando de negócios, é pouco motivador e, possivelmente, cansativo. Enfim, trabalhar com elementos reais, digo, atuais, pertencentes a um dado momento, dentro do contexto do curso e com a participação ativa dos alunos, como por exemplo, em pesquisas ou execução de tarefas, talvez seja uma boa opção para um curso que possui caráter interdisciplinar.

Após a análise do material didático do curso, discutimos na segunda seção, as asserções desta pesquisa.

4.2 As asserções

Conforme mencionamos, a análise desta pesquisa foi feita a partir de asserções (BORTONI-RICARDO, 2008) com a finalidade de estabelecer relação entre as informações colhidas e as asserções através das técnicas utilizadas. Lembramos que as asserções foram organizadas logo após a definição dos objetivos da pesquisa.

Bortoni-Ricardo (2008) faz uso dos termos *confirmada* e *não confirmada* para indicar quando uma asserção condiz ou não com a interpretação das respostas colhidas. Entretanto, nesta pesquisa, utilizaremos os termos *mantida*, e *não mantida* respectivamente a fim distanciarmos ao máximo do conceito de hipóteses, enfatizamos desta forma a maior flexibilidade de alterações das asserções, a partir dos resultados encontrados. Sendo assim, utilizaremos o termo *modificada* quando uma asserção, por alguma razão, tiver sido alterada no desenrolar da pesquisa.

Para orientar o leitor, fizemos uma transcrição ortográfica, separamos trechos, excertos das transcrições, dos questionários e dos diários incluídos no corpo do texto. Além disso, sublinhamos palavras e trechos chaves dos excertos.

Lembramos neste capítulo, as siglas para identificar os participantes. Para os professores dos núcleos do bacharelado LEANI foi a letra P maiúscula e um número que indicava a ordem da entrevista, exceto para as professoras do núcleo de Línguas Estrangeiras. Dessa forma, P1, professor do núcleo de Linguagem, Cultura e Sociedade foi o primeiro a ser entrevistado; P3 é professor do mesmo núcleo; P2 e P4 são professores do núcleo de Negociações Internacionais; P5 é professora do núcleo de Administração, Economia e Direito; P6 é professor do curso de Administração do CEFET/RJ. Para as professoras do núcleo de Línguas Estrangeiras, usamos PF, para francês e PE, para espanhol. PI foi a sigla utilizada para as professoras de inglês, PI1, PI2 e PI3. Utilizamos a letra E para os egressos seguidos dos números 1, 2, 3 ou 4, a depender da ordem da entrevista; FP para a funcionária pública, profissional da área. Com o grupo de pesquisadores, escolhemos AP, para os alunos, seguido de um número, 1, 2, 3 ou 4, cuja ordem dependeu da entrada no projeto de extensão de língua inglesa. Assim, AP1 foi a primeira aluna a integrar o projeto de língua inglesa, em 2017. A sigla que utilizamos para mim, foi PP, professora pesquisadora.

A partir deste ponto, damos seguimento a análise das asserções.

4.2.1 Asserção 1: As necessidades dos alunos e do curso no que se refere ao ensino de língua inglesa são variadas

Nesta subseção, temos o maior número de participantes e, conseqüentemente, dados disponíveis na pesquisa. As questões relacionadas à análise de necessidades foram levantadas com todos os participantes. Dessa forma, começamos a análise pelas entrevistas, primeiro, com os professores de diferentes núcleos do curso LEANI, depois com as professoras de língua inglesa que colaboraram com o curso, em seguida, apresentamos as entrevistas com os alunos egressos e a funcionária pública.

Em relação às necessidades dos alunos e da situação-alvo, podemos concluir que a asserção se mantém a partir das entrevistas dos participantes. A pergunta que fizemos foi relacionada às necessidades, mas especificamos gêneros, temas, atividades, enfim qualquer situação de aprendizagem que fosse importante para o contexto LEANI e se relacionasse com a língua inglesa. Apresentamos a seguir as declarações dos professores do núcleo de Linguagem, Cultura e Sociedade, P1 e P3. Vejamos a colocação de P1 sobre temas e textos.

P1: [...] principalmente, a leitura de artigos científicos, de qualquer leitura semelhante a isso, né? Então artigo científico, o capítulo de livro que são os materiais de base que eu utilizo, né? [...]Então, algumas temáticas em políticas linguísticas, [...]

Para P1, os alunos precisam ler textos acadêmicos como artigos e capítulos de livro. Uma sugestão de temas seria a de políticas linguísticas, visto que vários dos textos originais são em inglês.

Abaixo, P3 apresenta a sua visão sobre as necessidades dos alunos e do curso. P3 enfoca tanto na questão identidade como da diversidade cultural e linguística, verifiquem a quantidade de vezes que a palavra diversidade aparece em seu discurso.

P3: [...] a questão das identidades e da cultura. E, obviamente, todas as vezes que os alunos entendem a diversidade cultural e a diversidade hereditária que está por de trás do ensino de qualquer língua, isso aí é ponto positivo pro profissional LEANI. [...] Que é em primeiro lugar a diversidade, e quando eu digo diversidade é a humana e a linguística. [...] mas no nosso caso, no ensino de uma língua, os preconceitos linguísticos, né?

AP2 participou da entrevista de P3 e conseguiu fazer um elo entre os temas citados:

AP2 (diário): *Entretanto, um ponto interessante são os tópicos diversidade linguística e preconceito linguístico no contexto da língua inglesa, levantados pelo docente. O campo dos Estudos Culturais é muito importante para que se tenha uma postura profissional mais crítica e refletida no âmbito internacional. Há uma relevância muito grande deste campo para quem vai atuar com o universo do Terceiro Setor nas RI/NI ou com áreas de relação interculturais como turismo, tradução ou publicidade, por exemplo.*

Nesse primeiro momento, tanto P1 quanto P3 trazem uma visão reduzida da língua adicional. De qualquer forma, os temas levantados pelos professores são relevantes para que o aluno seja mais crítico (FREIRE 1996; BACICH e MORAN 2018; BENDER 2014), como já colocado por AP2. Pensando em um trabalho associado às metodologias ativas para desenvolver autonomia e senso crítico (FREIRE 1996; BACICH e MORAN 2018; DAROS 2018; RIBEIRO 2008; BENDER 2014) os temas podem ser importantes.

P1 e P3, como mencionamos, são do núcleo de Linguagem, Cultura e Sociedade. Percebemos que os professores, embora sendo do mesmo núcleo, relataram diferentes necessidades que se relacionam. Podemos dizer que as especificidades do núcleo de Linguagem, Cultura e Sociedade são baseadas em temas linguísticos e culturais com base na leitura dos seguintes gêneros leitura de artigo científico e temas sobre diversidade cultural e preconceito linguístico.

Apresentamos a seguir as informações que obtivemos a partir das entrevistas com P2 e P4, professores do núcleo de Negociações Internacionais. Comentaremos brevemente as informações dos professores após os excertos, mas a discussão será feita após o último deles. Vejamos a visão que P2 tem do ensino de inglês para negócios.

P2: *Não é preterir, também, um conhecimento de um inglês mais corporativo, business, mas, na balança, seria também contemplar uma visão mais voltada para as instituições internacionais e pra outros nichos do que seriam as negociações além das empresas, mas levando em conta, também, a participação da sociedade civil, de outros atores, aí, novos atores fora dos mais tradicionais. Não só das empresas, mas do campo diplomático*

P2 revela como necessidade as questões voltadas para as instituições internacionais também no campo da diplomacia. Levar para a sala de aula de inglês as negociações fora do contexto empresarial, de *business*. O professor tem uma percepção que as aulas de inglês são voltadas somente para negócios. Essa questão talvez tenha relação a adoção de um livro de inglês para negócios.

Outro ponto interessante mencionado por P2 que tem relação com sua formação mais humanista:

P2: [...] *mas como uma língua que possibilita, também, muitas vezes pra um brasileiro ter contato e ter um diálogo mínimo de inserção internacional em países africanos, na Ásia, também essencial, né? [...] Uma leitura pós-colonial, decolonial⁵⁸, enfim, que seja, que envolva, também, uma percepção do uso da língua inglesa, também fora desses contextos de origem. Algo que é bastante interessante, né?*

A questão trazida por P2 trata da incorporação e percepção da língua inglesa que é falada em países asiáticos, africanos, ou seja, países que estão fora do eixo principal Estados Unidos e Reino Unido.

P2 aponta uma questão do seu núcleo que pode ser trabalhada com os pontos sugeridos por P3 de identidade e cultura. Temos necessidades diferentes que se entrelaçam. AP2 já havia nos dado uma amostra dessa ligação.

Seguimos a partir daqui com os excertos de P4 que traz outras sugestões na área de negociações internacionais.

P4: *Você pode fazer uma simulação de uma negociação empresarial, você pode fazer uma simulação da ONU, você pode fazer uma simulação de Estado maior soviético. Você pode fazer uma simulação de International Trading de comércio exterior.*

A primeira colocação de P4 se refere às simulações. Ele relata a necessidade de atividades com simulações variadas em que a preparação do estudo de caso é importante, pois cada simulação possui regras específicas, no caso de instituições internacionais, por exemplo, que é completamente diferente de uma negociação empresarial.

A segunda parte do trecho, P4 sugere uma disciplina que temos como optativa no curso.

P4: *[...] é o inglês instrumental. [...] “inglês instrumental para leitura” alguma coisa do gênero, tem tanto tempo que não vou lembrar. Em Londres, isso se chamava... Como que era? Acho que era inglês acadêmico, escrita acadêmica, alguma coisa do gênero...*

⁵⁸ O pensamento decolonial é uma alternativa (ao pensamento colonial) para dar voz aos povos subalternos e oprimidos (www.politize.com.br).

PP (diário): *Temos a disciplina de Inglês para Fins Acadêmicos que raramente é ofertada por causa da minha carga horária. Mas temos refletido sobre incorporar noções básicas do assunto logo no início do curso para atender uma demanda interna.*

O segundo ponto apontado pelo professor vem da sua experiência como aluno de inglês. Ele aponta o inglês para fins acadêmicos como área importante na aprendizagem dos alunos LEANI a fim de que possam ler e escrever em inglês. Este é ponto importante, e já havíamos percebido a necessidade. Chegamos a oferecer uma vez a disciplina optativa de Inglês para Fins Acadêmicos. De qualquer maneira, entendemos que é necessário analisar melhor a necessidade e ver se é possível trabalhar com alguns artigos em inglês e com escrita de *abstract*, por exemplo. Outra vantagem de atender essa necessidade em uma disciplina obrigatória se dá ao fato de que os alunos passarão a ter maior familiaridade com o gênero artigo científico e todos os outros gêneros acadêmicos, muito importantes em um curso de graduação.

Vejamos as questões de RI que são levantadas por P4.

P4: *[...]pode escolher as carreiras de Estado, pode ser diplomata... [...] Esse inglês governamental era chamado na minha época como "inglês diplomático". Quando você pega uma prova do Rio Branco... É aquele inglês, é um inglês muito específico! Muito específico! Esse inglês diplomático que você acha muita literatura no site FUNAG, Fundação Alexandre de Gusmão, ele inclusive tem manuais, tá?*

Podemos perceber que no trecho acima, P4 traz necessidades mais específicas de RI, como o inglês diplomático. Ele menciona o Instituto Rio Branco (IRBr) que é a escola diplomática do Brasil e trata da formação e do aperfeiçoamento de funcionários do Ministério das Relações Exteriores⁵⁹. Ressaltamos que a prova do IRBr requer muita preparação por ser considerada de extrema dificuldade.

Destacamos que, para atender a necessidade revelada pelo professor, os alunos devem estar em períodos mais avançados do curso. Pela minha percepção, é necessário um conhecimento mais amplo das disciplinas de negociações internacionais. Apontamos mais uma necessidade variada dentro do mesmo núcleo.

Outro ponto citado por P4 tem relação com os tempos atuais que vivemos.

⁵⁹ <http://www.institutorio Branco.itamaraty.gov.br/historia>

P4: [...] *Uma outra possibilidade é para a diplomacia. Ter que trabalhar com RI em um município, ou em um estado. Por exemplo, agora com a COVID, durante essa pandemia, tá? O governador de São Paulo está tendo que negociar direto com a China.*

Além disso, um outro cenário de atuação é a diplomacia⁶⁰, no sentido de negociar com órgãos fora do Brasil. O exemplo citado foi a negociação direta entre o governo de São Paulo e a China. Estamos tratando da internacionalização de estados e municípios.

Seguem as colocações do P4 sobre um setor amplo de atuação profissional.

P4: [...] *O terceiro setor, e aí eu vou agrupar muita gente. É onde se encontram as ONG's. [...] Mas, no que diz respeito a inglês, que tenham capacidade de participar de reuniões, que tenham capacidade de fazer relatórios, que tenham capacidade de redigir e responder textos.*

Em relação às ONGs, Organizações Não Governamentais, podemos afirmar que elas são amplas e possuem carências diferentes. Entretanto, as necessidades levantadas mais comuns são reuniões, redação de relatórios, produção de textos em inglês de modo geral. Ressaltamos que os gêneros e as atividades mencionadas por P4 não são limitados ao terceiro setor, mas comuns a diferentes áreas, incluindo a de negócios.

Outra necessidade apontada por P4 é conhecida por nós, vejamos.

P4: [...] *outro nicho que é diplomacia corporativa. Que é business mesmo, tá? Mas eu acho que os nossos alunos não vão atuar tão cedo nesse setor, porque pra você ser um diplomata corporativo, e quer atuar com business aplicado normalmente, você precisa ter alguns anos de formado.*

O nicho de atuação do profissional LEANI citado por P4 é diplomacia corporativa que tem como necessidade de aprendizagem o inglês para negócios. O bacharelado LEANI adota um livro importado da área empresarial, como já mencionamos. O que não significa dizer que atendemos às necessidades. Com base nas questões que alguns dos teóricos da área (CELANI, 1981; HUTCHINSON; WATERS, 1987; DUDLEY-EVANS E ST JONHS, 1998; BELCHER, 2009) tratam, e que corroboramos, é necessário um levantamento das necessidades da situação-alvo e do grupo de alunos para desenhar um curso. Somente após essa fase, podemos afirmar se o livro atende ou não as necessidades. Apesar de P2 perceber tal necessidade, ele acredita que devemos voltar nossos olhares para outros setores de maior empregabilidade.

⁶⁰ condução dos negócios estrangeiros de uma nação

Ressaltamos que, apesar da necessidade parecer diferente das outras, há gêneros, na área de negócios que são utilizados em outras áreas também. Podemos citar relatórios, e-mails, atas. Esses gêneros circulam, por exemplo, na área diplomática.

Por último, P4 cita a área de comércio exterior, provavelmente a mais relevante para o profissional LEANI atualmente.

P4: [...] Ah! Já ia me esquecendo da mais importante: comércio exterior. [...] Tem tantos setores para atacar, mas o comércio é o que mais emprega. [...] Sim, há todo um pacote de documentos muito específico, eles precisam por exemplo saber lidar com as invoices, casa (apólice de seguro), com o que mais? O pacote documental ele é realmente grande. [...] eles vão naturalmente ter que vender os produtos. E aí entram todas as modalidades... Coisas diárias, né? Troca de e-mail, reuniões, relatórios e blá, blá, blá. Mas assim comércio exterior pelo menos esses 3 ou 4 documentos aí são essenciais para a área.

P4 traz a área de comércio exterior e seus documentos específicos, *invoice*⁶¹, entre outros, além dos gêneros empresariais como necessidades importantes para a área que oferece mais empregos. O profissional LEANI precisa ler esses documentos, além de ter que lidar com diferentes tipos de comunicação, como e-mails e negociações orais, visto que ele vai vender produtos. Porém de acordo com um trecho do diário de AP4 que segue abaixo:

AP4 (diário): O professor citou Comex⁶² como uma necessidade do profissional LEANI em relação ao inglês, mas o curso em si aborda muito pouco o tema, quase nada. Então, não sei até que ponto as matérias de língua inglesa conseguiriam trabalhar isso sozinhas.

A aluna reflete sobre um problema que temos no curso. O Comércio Exterior (*Comex*) é dado como setor de alta empregabilidade no nosso estado. Não há disciplina no curso LEANI sobre Comércio Exterior. É oferecida uma optativa no curso de graduação em Administração. Concluímos que a reflexão da aluna é pertinente, visto que a disciplina inexistente no curso e que há uma necessidade importante de ser vista pelo Núcleo Docente Estruturante (NDE) que atua no processo de consolidação e atualização do projeto pedagógico do curso.

Sobre a necessidade da língua inglesa na área, há uma lista de documentos importantes como as faturas, conhecimento de embarque, guia de remessa (*packing list*). A necessidade referente ao *Comex* é bem específica.

⁶¹ **Invoice** é o termo em inglês utilizado no mercado internacional para se referir ao que conhecemos aqui no Brasil como nota fiscal. (<https://www.confidencecambio.com.br/blog/o-que-e-invoice/>)

⁶² Comércio Exterior

Os professores do núcleo de Negociações Internacionais, P2 e P4 apresentam necessidades variadas. Verificamos que P4 apresentou uma gama de oportunidades para atuação do profissional LEANI e, conseqüentemente, as diversas necessidades que variam conforme o contexto. Ressaltamos que a negociação internacional é um pilar importante do curso e é o que apresenta mais variedade em relação às necessidades de aprendizagem da língua inglesa para atuar nas diferentes situações.

Passamos para a entrevista com P5, professora de Direito, do núcleo de Administração, Economia e Direito. Ela traz informações diferentes das que foram vistas até aqui. As necessidades abordadas pela professora nos fizeram refletir sobre a visão que tem da língua inglesa no curso.

P5: [...] seria trabalhar esses vocabulários mais ligados ao mercado, né? [...]Então, acho que na parte do inglês seja por prospecção dos negócios internacionais ou utilizar uma prestação de serviço para algumas empresas, seja enfim... Nessa parte de compra e vendas, de imóveis, seja em algum outro negócio. [...] Então acho que seria interessante nas escolhas dos textos trazer, sim, alguns temas mais do dia a dia que envolvessem questões mais práticas, que pudessem ajudar o aluno a enxergar e perceber e ter de fato um certo perfil. [...] Mas, textos de jornal mesmo... Times, especialmente o Times, né? Textos curtos.

Percebemos aqui, mais uma vez, a visão, de língua a serviço de uma disciplina com a indicação de leitura de textos e aprendizagem de vocabulário da área econômica.

A partir das colocações de P5, AP1 sugere o trabalho integrado entre os núcleos com projetos, por exemplo. É importante esse trabalho em conjunto, com disciplinas que parecem distantes do inglês. Ler um texto de uma determinada área em inglês pode ser o pontapé inicial, mas a colaboração entre disciplinas e áreas deve acontecer.

AP1 (diário): Acho pertinente trabalhar atualidades e questões corporativas com os alunos. [...] trabalhar projetos integrados possa suprir um pouco dessas limitações.

P5 recorda sobre um gênero importante para o curso LEANI.

P5: [...] Ele não vai fazer a redação desse contrato, né? E até se ele fizer, depois vai passar tudo pelo jurídico, mas eu acho importante ele conhecer esses termos, alguns desses termos das partes. Entender minimamente esse funcionamento jurídico, né? Mais global, de princípios, das fontes do direito...

De acordo com a professora de Direito, P5, as necessidades estão mais ligadas à área da economia. Então, o vocabulário ligado ao mercado econômico e textos curtos de jornais internacionais como o *The New York Times* são relevantes. Ela traz exemplos também de transações internacionais, ou ainda, em negociações no Brasil que envolvam pessoas de outros países.

Além disso, a professora comenta sobre os contratos internacionais quando eu pergunto a respeito. P5 parecia que não ia comentar sobre o gênero discursivo contrato, mas como já havíamos conversado pelos corredores do CEFET/RJ sobre o assunto, logo indaguei. Para o profissional LEANI, é essencial conhecer os termos e o funcionamento jurídico. Porém, a P5 relata que não é pertinente a redação desse documento por parte de um especialista LEANI. As colocações da professora em relação às necessidades são bem diferentes das colocadas pelos professores anteriores. Por se tratar de uma profissional ligada à área jurídica, suas pontuações, em relação às necessidades dos alunos, diferem muito das mencionadas pelos professores anteriores.

Além da P5, entrevistamos também o professor das disciplinas de Administração do bacharelado LEANI que não é integrante do colegiado do curso. Logo, a seguir, trago a minha observação e a do AP3 que acompanhou a reunião e trabalha na área.

P6: *É, então, pro ensino da minha matéria mesmo eu não tenho essa necessidade. O ensino do marketing não tem essa necessidade, porque é como eu falei lá no início as palavras em inglês que nós utilizamos já são de conhecimento público de quase todo mundo.*

PP (diário): *Primeiro professor que fala de uma não necessidade de inglês. Sua ideia de língua ainda está relacionada ao aprendizado de vocabulário, algo que remete ao inglês técnico de antigamente, das listas de palavras...*

AP3 (diário): *Disse que não existe uma necessidade direta do inglês com as matérias, porque em Marketing as palavras em inglês já foram incorporadas ao vocabulário do português.*

O aluno não expressou a sua opinião, mas em reunião, concluímos que essa entrevista nos deu poucas informações para a pesquisa. Esperávamos ter sugestões mais práticas já que estamos tratando da área de Administração. Quando penso na área, imagino os cursos de MBA, *Master of Business of Administration*, que, geralmente, trazem trabalhos bem práticos para a sala de aula.

Na área de administração, segundo P6 a língua inglesa não é necessária. O professor não percebe qualquer necessidade de aprendizagem da língua inglesa relacionada à Administração, especificamente, Marketing. Acreditamos que a avaliação do professor foi feita a partir do vocabulário necessário para a área, que segundo ele já é falado em inglês.

As necessidades dos alunos e do curso através das lentes dos professores de diferentes áreas são apresentadas resumidamente no quadro a seguir, de acordo com os núcleos do curso.

Quadro 15 - Análise de Necessidades – professores dos diversos núcleos

Núcleos do Curso LEANI	Necessidades Levantadas Temas	Necessidades Levantadas Atividades	Necessidades Levantadas Gêneros
Linguagem, Cultura e Sociedade	Políticas Linguísticas, questões de Identidade e Cultura, Preconceito Linguístico, Diversidade Linguística/Global <i>English/World English</i> ;	Leitura de livros.	Artigos científicos (leitura), debate
Negociações Internacionais	Diversidade linguística.	Tradução/resumo de documentos, transcrição de debates, simulações, leitura do manual FUNAG de língua inglesa, análise de cenários, negociações.	debate, reuniões, e-mails, <i>relatórios</i> , <i>invoices (apólice de seguro)</i> , gêneros da área corporativa, artigos de opinião, periódicos.
Turismo e Eventos	Não houve entrevistados.	Não houve entrevistados.	Não houve entrevistados
Administração, Economia e Direito	Administração: Sem informação	Administração: Sem informação	Administração: Sem informação
	Direito: Temas relacionados à economia.	Direito: leitura sobre meio corporativo, investimento, atualidades, mercado e meio privado.	Direito: e-mail, contrato, artigos de jornal

Fonte: A autora, 2021.

As entrevistas com os colegas dos diferentes núcleos foram relevantes para que pudéssemos também apresentar o contexto do ensino de língua inglesa no curso e nossas indagações. Muitas vezes, já havíamos procurado colegas com intuito de melhorar o ensino de inglês trazendo um caráter interdisciplinar de acordo com o próprio projeto do curso. Porém, as respostas eram muito pontuais como, por exemplo, retirar um artigo qualquer de um livro X. Desta vez, conseguimos levantar necessidades relevantes levando em conta a abordagem de LinFE e fazendo conexões com atividades e projetos interdisciplinares.

A seguir, apresentamos os trechos nos quais as professoras de língua inglesa abordam as necessidades. A professora de inglês 1 (PI1) não atua mais no CEFET/RJ, mas colaborou com o curso LEANI desde o início do curso em 2014 até a sua saída da instituição em 2018. Em relação às necessidades, a professora traz questões do curso no seu início, em 2014.

PI1: [...] *Porque quem vai dizer também quais são as necessidades desse aluno, em relação a temas, seriam os professores de relações internacionais porque são as duas grandes colunas do curso. [...]*

PI1 não fala sobre as necessidades de fato, embora ela tenha atuado no LEANI entre 2014 e 2019. Conseguimos concluir a partir do trecho selecionado que as necessidades devem ser levantadas em conjunto com os professores de RI, que são aqueles que abordam questões mais direcionadas às negociações. Nos termos dos autores de LinFE (HUTCHINSON; WATERS, 1987; DUDLEY-EVANS E ST JONHS, 1998; BELCHER, 2009), a análise de necessidades tem relação com a situação-alvo. Porém, é fundamental saber como fazer essa análise e não deixar de lado as necessidades dos alunos e, também, das outras áreas do curso.

Entrevistamos PI2 que foi professora substituta na instituição no segundo semestre de 2019. Ela não conseguiu fazer o levantamento de necessidades segundo a sua avaliação. Suas considerações, de certa forma, nos surpreenderam:

PI2: *Agora assim, de cabeça, eu não lembro de muitos detalhes, né? [...] Mas, especificamente, assim, o que eles (alunos) apontaram eu não teria como te dar uma resposta hoje que eu te desse certeza do que eu estou falando (risos).*

PI2 relata que não teve tempo para fazer a análise de necessidades como deveria. Como a docente atuou por um semestre no curso, ela informou que conversava com alunos para descobrir o que os docentes de outras áreas estavam trabalhando, mas não teve tempo de fazer um trabalho em conjunto. Como colocado acima, ela não conseguiu se recordar de questões específicas das conversas apontadas pelos alunos. Assim como PI1, ela não conseguiu falar sobre as necessidades.

PI3 falou boa parte da entrevista a respeito de análise de necessidades. Divide as incertezas do trabalho com gêneros discursivos e fala de fins específicos de um tempo remoto, de um mito cristalizado no contexto de LinFE.

PI3: *Agora, eu utilizo a questão da coesão, da coerência, a marca do discurso, o valor semântico deles, todos os pressupostos que entram na ideologia linguística do inglês para fins específicos! [...] o trabalho de*

gênero comigo não é muito marcante, não. Mas, eu comecei a perceber essa necessidade, [...] que precisava escrever uma ata de reunião.

PI3 foi a única professora de língua inglesa que se arriscou a falar das necessidades. Ela traz questões de LinFE, do mito do ensino baseado em estratégias de leitura (CELANI 2008; RAMOS, 2008). Ela aborda também a questão do trabalho com gêneros discursivos, assunto o qual conversamos bastante ao longo da última passagem da professora pelo LEANI. Acreditamos que a inclusão dela no projeto de extensão de 2019 a fez perceber melhor as necessidades do curso. Mesmo trazendo exemplos de um gênero da área de negócios, percebemos mudança no olhar da professora em relação às necessidades do curso.

Sobre a necessidade de escrever uma ata, afirmamos que é uma necessidade já citada por P4 quando tratou da área de negócio, ou diplomacia corporativa. Apresentamos o resumo das necessidades segundo as professoras de inglês;

Quadro 16 - Análise de Necessidades - professoras de inglês

Professoras de Inglês	Necessidades Levantadas
PI1	Temas sugeridos por professores de R.I.
PI2	PI2 não menciona nenhuma necessidade
PI3	Gênero; Estratégia de leitura, trabalho com coesão, coerência, gêneros discursivos de negócios

Fonte: A autora, 2021.

As entrevistas com as professoras de língua inglesa nos levaram a perceber que a abordagem de LinFE ainda não é clara para duas delas, por isso acreditamos que foi difícil falar das necessidades de aprendizagem dos alunos e da situação-alvo. PI3 chegou a mencionar o ensino de gêneros discursivos, acreditamos que, por causa de conversas que tivemos a respeito das atividades relevantes para os alunos. Ela fez relação das necessidades com as estratégias de leitura e o trabalho de LinFE que foi a base no passado. Acreditamos que a falta de aperfeiçoamento mais recente na área leva a maioria dos professores a ter essa visão baseada nos mitos de LinFE. Já PI2, como ficou apenas seis meses na instituição, não conseguiu perceber quais seriam as necessidades do contexto, apesar de fazer uma pesquisa em LinFE. Segundo ela, o tempo foi curto para este trabalho e, sabemos, que é um trabalho

complexo. Concluímos que as professoras de inglês que participaram da pesquisa, de modo geral, não perceberam as necessidades do bacharelado LEANI.

A seguir, trazemos as necessidades apresentadas pelos alunos egressos e pela profissional de uma empresa pública que atuam ou já atuaram em alguma área ou função na qual o profissional LEANI se enquadra. A primeira egressa (E1) a ser entrevistada trabalha em uma empresa internacional de comércio eletrônico, *e-commerce*, no setor que dá suporte às lideranças da empresa, segundo ela, *business partner*⁶³, uma consultora interna. Dividimos os trechos da entrevista da egressa 1 (E1) para melhor entendimento. Sobre as necessidades em relação ao mercado de trabalho e principalmente na sua atuação, a egressa manifesta as seguintes questões.

E1: [...] a questão da variabilidade linguística. [...] a quantidade de pessoas da minha empresa que tem o inglês como primeira língua é minúscula, a gente acaba aprendendo a se entender sabendo que o que está sendo dito não está gramaticalmente correto ou com a melhor ortografia.

Percebemos que E1 aborda a variação linguística levando em consideração a dificuldade de comunicação entre pessoas que não têm a língua inglesa como língua materna. Essa questão é relevante para o curso. Um exemplo é a atuação da China no comércio internacional. O problema é comum em empresas que possuem uma equipe multinacional, ou seja, formada por pessoas de diferentes nacionalidades.

No segundo exemplo da E1, ela aborda uma questão controversa em relação à opinião de um professor.

E1: Se houvesse espaço para o professor falar de diferentes setores do mercado, [...] então, vocabulário de marketing, por exemplo.

Neste ponto, a egressa traz a língua dos diferentes setores do mercado como uma necessidade porque o profissional LEANI pode atuar em diferentes áreas, diferentes contextos. Porém, percebemos uma contradição de acordo com o posicionamento de um professor em relação ao marketing. Segundo P6, não há necessidade de aprendizagem de inglês na área porque os termos são em inglês. Vamos considerar a necessidade apontada pela E1 como uma necessidade a mais na análise, apesar da expressão *diferentes setores* ser muito ampla. Ao mesmo tempo, a egressa exemplifica *vocabulário de marketing*. Ressaltamos mais

⁶³ é um profissional estratégico para estreitar laços entre as áreas de Recursos Humanos e Negócios
<https://fia.com.br/blog/business-partner/>

uma vez a importância de se conhecer o contexto no qual o vocabulário, neste caso, de marketing se aplica, ou seja, algo que vá além da listagem de palavras.

Na terceira parte do trecho, a egressa aborda alguns gêneros.

E1: [...] email, muito... chamadas, reuniões presenciais ou por Skype são super comuns também.[...] o documento mais comum era nota fiscal (risos) porque eu fazia também o processo de reembolso. [...] Ainda tenho contato com contratos[...]. Oferta de trabalho que é um modelo muito padrão. Antes do contrato você recebe um documento oficial que é uma “oferta de trabalho” [...] Tem, por exemplo, o Código de Ética [...], Políticas de Compliance⁶⁴, coisas assim... [...] Um gênero totalmente aleatório que eu também lido muito é o Organograma da empresa, [...] tem que elaborar um PPT, normalmente em inglês...

E1 trata dos gêneros corporativos comuns, já citados por professores e de documentos mais específicos como oferta de trabalho, código de ética e política de *compliance*. É possível perceber que os gêneros mais comuns foram citados anteriormente pelo P4, mas os gêneros mais específicos, não, como por exemplo; oferta de trabalho, código de ética, políticas de *compliance*.

No próximo excerto, a segunda egressa (E2) entrevistada aborda as necessidades de uso da língua inglesa em um hotel cinco estrelas do Rio de Janeiro. Dividimos os trechos em duas partes. Vamos atentar para informação que parece não fazer sentido no que diz respeito o setor no qual a aluna egressa atua.

E2: [...] a gente faz muito atendimento pelo telefone, em que a gente faz vendas, tira as dúvidas [...] tudo por telefone, mas conversando com o cliente. O canal principal de atendimento é por telefone e, também, por email. [...] perguntar qual era o objetivo da pessoa, se eu poderia ajudá-la, saber explicar bem como é o funcionamento do local onde eu trabalho, como é o funcionamento do Rio. Esse vocabulário era bem importante. A parte do email é mais para a parte da leitura. [...] Mesmo assim, em hotelaria, o inglês não é obrigatório.

E2 traz as atividades relacionadas à função dela como funcionária do setor de reservas de uma rede nacional de hotéis. Sobre os e-mails, é importante esclarecer que a empresa possui convênio com outras do setor de reserva que geralmente possuem páginas na internet que fazem as reservas dos clientes. A egressa recebe os e-mails dessas empresas com informações sobre as reservas, por isso ela relata que a habilidade necessária é a de leitura. A egressa dá detalhes sobre as atividades da sua função. Entretanto, mesmo com tantas tarefas a

⁶⁴ conjunto de medidas, procedimentos, rotinas, definidos para fazer cumprir a legislação, as **políticas** e as diretrizes estabelecidas para os negócios. <https://www.sienge.com.br> > blog > politica-de-compliance

serem executadas em inglês, ela nos revela que, de modo geral, os funcionários não precisam ter formação em língua inglesa.

Abaixo, ela adiciona mais informações.

E2: *Tenho acesso mais a documentos de contratos de evento. Também tenho acesso ao voucher que é a confirmação da reserva. [...] É um modelo pré-pronto, já pré-programado. Durante a pandemia a gente teve um documento oficial em português e inglês, com os protocolos que estavam sendo seguidos para a hospedagem no hotel [...]*

A egressa aborda no segundo excerto gêneros mais específicos de hotelaria. Trata de modelos pré-prontos, algo que parece comum em alguns setores, por exemplo, o portuário. Um documento novo nesse contexto, que surgiu na pandemia, foi o protocolo de higiene e segurança.

Percebemos mais uma vez gêneros e atividades que ainda não tinham sido abordadas por outros participantes.

E3 nos trouxe relatos sobre o estágio que fez em um órgão público federal da área internacional. No momento da entrevista, o egresso estava trabalhando em um projeto como instrutor de inglês. Seguem as suas percepções.

E3: *De atividade eu vou começar citando uma que já acontecia e que me ajudou bastante que eram os meetings em língua inglesa e que tinham por objetivo tirar uma ideia daquele meeting para aplicar dentro do contexto empresarial. [...] ... simulações diplomáticas para discutir assuntos de cunho global, nacional que trouxe uma variação muito interessante que foi discutir esses assuntos em língua inglesa.*

E3 não retratou as necessidades de fato. Ele falou de atividade que o ajudaram no estágio. Mas não sabemos se ele participou de reuniões em língua inglesa no órgão público federal. Portanto, não vamos considerar os exemplos citados, embora as reuniões e simulações já configurem como necessidades.

A última aluna a ser entrevistada foi a egressa 4 (E4) também da turma de 2015. Ela estava atuando com atendimento internacional em uma atração turística na região portuária do Rio de Janeiro.

E4: *No dia a dia, uso uma linguagem polida, [...] Muita coisa que eu aprendi no LEANI. [...] Coisas de questão financeira de cartão e transação... Extrato, estorno... Coisas que eu não lembro de ter estudado no LEANI [...] De atendimento e hospitalidade que eu acho que a gente não praticou muito na época. [...] com relação a documentos eram mais programas, [...] explicar o roteiro.*

A egressa aponta necessidades novas e também específicas da função como a parte financeira relacionada a pagamento, contato com a empresa de cartão de crédito, que foi relatada na entrevista em trecho posterior; sobre hospitalidade, o roteiro turístico. Além disso, ela nos fala das questões ausentes no curso.

Temos duas egressas nesta pesquisa atuantes na área de turismo. Percebemos através das colocações feitas por E4 as lacunas não preenchidas nas aulas de língua inglesa. Apesar de termos conhecimento da existência de lacunas, esse é um dos motivos dessa pesquisa, a aluna egressa faz essa análise. Acreditamos que as lacunas dificultam a execução de tarefas na situação-alvo (HUTCHINSON; WATERS 1987; ROSSINI, A. M. Z. P.; BELMONTE, J.; CARVALHO, K. R. R., 2012).

Por último, temos a contribuição da funcionária pública, que enriquece a pesquisa, já que ela fez parte de departamentos de RI e Tradução na empresa em que trabalha. Em tradução, a necessidade nesta empresa é *verter*.

FP: *O site do (nome da empresa pública) era o nosso trabalho, vertemos para o inglês semanalmente, as notícias que saem a toda hora. [...] Então, a gente pegava os termos específicos do (nome da empresa pública)... [...] tinham coisas que eram passíveis de ambiguidade ou de mais de uma resposta, em tradução isso acontece. Então, a gente montou um glossário.*

A profissional menciona a versão como prática comum no departamento de tradução da empresa e a construção de um banco de dados, um glossário, com termos específicos que podem ser traduzidos de forma diferente. A profissional relata uma necessidade ainda não trazida pelos outros participantes.

No departamento de RI, a funcionária relata os desafios que enfrentou de forma positiva, vejamos.

FP: *E aí, fui para relações internacionais e quais eram as atividades lá? [...] Tanto você verter ou traduzir de português para inglês e vice e versa [...] E-mails, assessorava meu chefe, porque tinha um inglês limitado [...] Do ponto de vista do conteúdo e da representação internacional. [...] Algumas vezes atuei como intérprete mesmo, simultânea e consecutiva. [...] E assim, ir nessas reuniões que envolviam gente de fora e gente da casa e eu tinha que atuar, uma vez foram 5 gringos um de cada lugar (**nome de duas Instituições Internacionais**) e um jornalista e não tinha americano, né? Então, eu tinha que traduzir para os jornalistas, de jornal escrito, o que eles falavam. E eu via as perguntas [...].*

FP relatou de forma clara as necessidades, traduzir, verter, ler e escrever e-mail, interpretar, no sentido de trabalhar como intérprete, e assessorar o chefe que inclui uma gama de atividades diferentes pelo fato do chefe não ter domínio da língua inglesa. Portanto, parece que FP era um “faz-tudo”. Na nossa percepção, ela deve ter negociado com os representantes internacionais no lugar do seu chefe.

Um outro ponto mencionado é quando ele traz interações com pessoas de nacionalidades diferentes, sem a inclusão de americanos. Ela passa uma noção de dificuldade ou desafio em se comunicar com essas pessoas. Podemos fazer o intercâmbio com a necessidade apontada por P2 em ter a inclusão da língua inglesa fora do eixo dos países tradicionais.

A profissional contribui com necessidades comuns, já apresentadas, mas também, com a necessidade de tradução, intérprete e, de modo geral, assessoria ao chefe com questões de língua inglesa não específicas.

A seguir, apresentamos um quadro com resumo das necessidades pesquisadas junto aos alunos egressos e à profissional da empresa pública, que será identificada como FP. Assim como mencionamos anteriormente, os trechos das entrevistas que correspondem a este tópico serão adicionados.

Quadro 17 - Análise de Necessidades - egressos e profissional da área

Profissional	Empresa	Necessidades levantadas no mercado de trabalho		
		Temas	Atividades	Gêneros
E1	Empresa brasileira de tecnologia (e-commerce) / RH Internacional	variações linguísticas, marketing	Vocabulário de apresentação da empresa.	email, código de ética, política de <i>compliance</i> , formulário de proposta de trabalho, contrato de trabalho, atas, organogramas
E2	Hotel de uma rede brasileira no setor de reserva	Área financeira, turismo, negócios	Vocabulário turismo, negócios; prática oral sobre o funcionamento de um hotel.	Reunião, e-mail, Falar sobre o funcionamento do hotel, emails, contratos de eventos, <i>vouchers</i> , política de cancelamento, protocolos (pandemia)
E4	Atração Turística (atendimento geral - internacional)	Área financeira, formalidade da língua	Atendimento, dar orientações sobre a atração e a cidade, registro formal da língua, vocabulário financeiro	Roteiro turístico
FP	Departamentos de Tradução e RI ⁶⁵		Tradução, e versão, assessoramento a negociadores, comunicação com estrangeiros, participação em eventos.	Acordos de cooperação.

Fonte: A autora, 2021.

De acordo com os profissionais acima, as necessidades de aprendizagem de inglês para atuação no mercado de trabalho são bem amplas. Entre elas estão: o uso do registro formal da língua e suas variações, reuniões, documentos como e-mail, atas, relatórios, simulações diplomáticas. Embora E2 e E4 trabalhem com Turismo, as necessidades são diferentes quase na sua totalidade, a não ser pela área financeira que aparece tanto no contexto de E2 quanto do E4. De modo geral, as necessidades trazidas pelos entrevistados são variadas, apesar de apresentarem alguns pontos semelhantes.

⁶⁵ Atualmente, a funcionária é coordenadora de cursos em um instituto público da administração federal, mas na entrevista, falou do contexto anterior de trabalho no mesmo instituto.

Após as entrevistas com os professores e profissionais da área, um formulário foi enviado aos alunos do curso que tinham interesse em participar da oficina com um texto de autorização da pesquisa, o termo de consentimento livre e esclarecido, TECLE (Apêndice L) e perguntas sobre as necessidades de aprendizagem. Os alunos participantes foram quatro integrantes do segundo período, um aluno da turma de 2016 (A1) e uma aluna da turma de 2018 (A6). Ressaltamos que uma das alunas do terceiro período (A5) e A6 não concluíram a oficina, porém participaram da fase de levantamento de necessidades e da primeira aula, momento em que conversamos inicialmente sobre o assunto. Inserimos aqui as perguntas e respostas dos alunos em um quadro a fim de facilitar a leitura. Entretanto, vamos nos concentrar nesse momento nas questões sobre levantamento das necessidades a fim de nos levar a manutenção ou não da asserção 1. Vamos atentar para a diferença entre as respostas de A1 e A6 e o restante dos alunos.

Quadro 18 - Necessidade de Aprendizagem – alunos

	<i>5. Qual é a sua necessidade de aprendizagem em língua inglesa e o que gostaria de aprender nessas aulas?</i>
A1	<i>Para meus objetivos pessoais e profissionais gostaria de aprender como <u>conduzir uma reunião</u>, <u>fazer negociações em inglês</u> e como <u>posicionar argumentos de maneira educada</u>.</i>
A2	<i>Acho que minha necessidade não é urgente, mas é sempre bom <u>praticar e aprimorar</u>, gosto sempre de ver <u>vocabulário</u>.</i>
A3	<i>Praticar <u>conversação</u>.</i>
A4	<i>[...]então é muito importante que saibamos <u>falar nesse idioma</u>. Além do fato que o profissional de RI's se valerá dele como língua franca.</i>
A5	<i>Treino de <u>conversação</u></i>
A6	<i><u>Argumentação, debates, simulações de negociações, cultura de povos, mais disciplinas para treinar tradução</u>.</i>

Fonte: A autora, 2021.

Além da vontade de aprimorar a língua com aulas voltadas à aprendizagem de vocabulário e atividades de conversação, A1 apresenta desejos semelhantes ou próximos às necessidades listadas por professores do curso e profissionais da área como, aprender a conduzir uma reunião, fazer negociações em inglês e como posicionar argumentos de maneira

educada, assim como A6, que se remete a debates, simulações, questões sobre cultura e tradução. Os outros alunos relataram questões mais genéricas em relação à língua como, praticar, aprimorar vocabulário, falar fluentemente. Percebemos que os alunos do segundo período apresentam necessidades mais gerais e os veteranos, trazem necessidades específicas de áreas do curso. Podemos constatar que os alunos mais antigos no curso LEANI têm uma visão mais esclarecida sobre o curso, por isso conseguem perceber as necessidades específicas.

Passamos para a pergunta sobre a situação-alvo porque acreditamos que os alunos podem também nos ajudar nesse quesito, apesar de não estarem inseridos no mercado de trabalho.

Quadro 19 - Necessidades da Situação-Alvo - alunos

	<i>8. O que é importante aprender em inglês no curso para que possa atuar como profissional LEANI futuramente?</i>
A1	<i><u>Argumentação, escrita de relatórios e leitura analítica de contratos.</u></i>
A2	<i>Além do <u>vocabulário de negócios</u>, acho importante aprender como fazer uma boa <u>redação</u>, redigir um <u>e-mail</u> em inglês etc.</i>
A3	<i><u>Vocabulário específico e utilização formal da língua.</u></i>
A4	<i>Eu acredito que a <u>pronúncia</u> deva ser bem clara. [...]Eu penso que devemos <u>aprender o idioma como um tudo</u> e não separando em vocabulário de negócios e vocabulário geral.</i>
A5	<i>Acho que um foco para <u>diplomacia</u> seria muito bom.</i>
A6	<i><u>Simulações de negociações, debates sobre atualidades, cultura de povos, treinar tradução.</u></i>

Fonte: A autora, 2021.

Mais uma vez, os alunos apresentaram necessidades abordadas por professores do curso e profissionais da área: argumentação, escrita de relatórios e leitura analítica de contratos, redação de e-mail, utilização formal da língua, simulações, tradução.

A partir das respostas dos alunos que participaram da oficina podemos perceber que as necessidades são variadas, quatro deles apresentaram questões relacionadas ao bacharelado

LEANI, dois deles, A1 e A6, trataram de necessidades bem específicas. Entretanto, A4 percebe a aprendizagem de língua inglesa no curso como algo generalizado, inglês para fins gerais. Verificamos que na visão dos alunos participantes as necessidades são variadas sendo algumas bem específicas das áreas do curso e outras generalizadas.

De acordo com os dados que temos até aqui, a asserção 1 *as necessidades dos alunos e do curso no que se refere ao ensino de língua inglesa são variadas*, se mantem após a análise dos resultados. Acreditávamos que as necessidades seriam variadas de acordo com o contexto de atuação. De acordo com os dados levantados dos professores de áreas diversas e profissionais que trabalham na área, as necessidades variam de políticas linguísticas, questões de identidade e cultura, comércio exterior, análise de cenários, uso formal da língua, acordos de cooperação, gêneros diversos empresariais a questões atuais com a pandemia que interfere, por exemplo, no funcionamento de um hotel, modificando contratos e políticas de cancelamento. Com as professoras de língua inglesa, não conseguimos informações específicas, apenas que alguns gêneros seriam importantes, como a ata. Acreditamos, pela análise, que o trabalho com o material didático adotado era o apoio das participantes.

Podemos afirmar a partir da análise que há várias necessidades específicas e por isso elas são variadas. Assim como afirmam os teóricos, a análise de necessidades é o primeiro passo que define o desenho de um curso (HUTCHINSON; WATERS 1987; DUDLEY-EVANS E ST JONHS 1998; VIAN JR 2008; ONODERA 2010). Para Vian Jr (2008), é o fator que diferencia LinFE do ensino de línguas para fins gerais. Na verdade, ela estabelece os parâmetros no trabalho com LinFE (ALCÂNTARA, OLIVEIRA E OLIVEIRA, 2019) a partir do momento que passamos a entender melhor o contexto da situação-alvo e as reais necessidades dos alunos. Devemos considerar os três conceitos de análise de necessidades: necessidade de aprendizagem, desejos e lacunas (HUTCHINSON; WATERS 1987; DUDLEY-EVANS E ST JONHS 1998) para que o desenho de um curso de LinFE possa ser delineado. As necessidades e lacunas devem ser preenchidas para que os alunos possam atuar efetivamente na situação-alvo futuramente (ROSSINI, A. M. Z. P.; BELMONTE, J.; CARVALHO, K. R. R., 2012).

No contexto do curso LEANI, entendemos que o curso possui necessidades que são baseadas nas singularidades (ARANTES *et al.*, 2016, 2018) de cada área de atuação.

Alicerçados na análise de necessidades, conseguimos entender as singularidades de cada área e levantar temas e gêneros importantes para a situação-alvo. Segundo Bazerman (2005), a partir do momento que os gêneros são identificados, as atividades que um profissional deve desempenhar também passam a ser conhecidas. Saber trabalhar com gêneros

discursivos e entender o funcionamento deles é importante para ter um alinhamento com uma proposta mais autônoma. Percebemos com a entrevista de E2, que gêneros novos podem surgir, como o protocolo da Covid-19.

Entendemos que a análise da asserção 1 foi de grande relevância para esta pesquisa, pois sabemos que todo processo de desenho de um curso se inicia pela análise de necessidades. Essa análise de necessidades não acaba aqui, mas é o pontapé inicial para seguir em um outro caminho.

4.2.2 Asserção 2: Os participantes desta pesquisa podem auxiliar com sugestões, de suas respectivas áreas e experiências

A asserção que seria apresentada nesta seção era a seguinte: *os professores dos diversos núcleos do curso LEANI podem auxiliar com sugestões, informações e o conhecimento mais específico de suas respectivas áreas*. Porém, ela foi modificada. Apresentamos observações notáveis, dos alunos pesquisadores que acompanharam os professores nas entrevistas, da funcionária pública e de uma egressa. Todos nos presentearam com o olhar nas questões práticas para o curso LEANI e que, algumas vezes, complementam o panorama dos professores. Por isso, eu reformulei a asserção durante as entrevistas: *Os participantes desta pesquisa (professores, alunos pesquisadores, a profissional da área e egressos) podem auxiliar com sugestões, informações e o conhecimento mais específico de suas respectivas áreas e experiências*.

Para a análise da segunda asserção, começamos com os professores do núcleo de Linguagem, Cultura e Sociedade, P1 e P3. P1 relembra uma atividade que fez em colaboração com P11 e um professor na RI.

P1: [...] Tem maneiras simples [...] fazer seminários ou outra... em que eles pudessem apresentar os textos em inglês [...]

Em um primeiro momento, P1 recomendou trabalhos, como ele mesmo disse, “mais simples”. P3 traz temas importantes para o curso.

P3: [...] *eu trabalho com, é... Culturas e hábitos, e religiosidade... [...] Cultura de uma maneira geral, pra gente refletir a respeito disso. Como é a política, como é a religiosidade, como é a vestimenta! [...] um trabalho em conjunto de análise de texto. Eu tenho certeza que haveria outras possibilidades [...].*

P1 e P3 sugerem trabalhos com textos de modos diferentes. P1 fala dos seminários, ou seja, os alunos apresentam textos em inglês. Fizemos esse tipo de trabalho no primeiro ano do curso com auxílio de um professor de RI que não está mais no curso. Por outro lado, P3 menciona uma linha de análise de textos. Acreditamos que algo mais próximo a um debate. A língua inglesa aqui aparece como ferramenta de apoio ao conteúdo, a um tema.

AP2, que acompanhou a entrevista de P3, consegue vislumbrar um futuro trabalho com a língua inglesa sendo o ponto para diálogo interdisciplinar.

AP2 (diário): *Isto pode ser um ponto favorável ao nosso ideal interdisciplinar, onde o inglês pode estar presente nesta articulação onde as RI/NI e Estudos Culturais se enriquecem mutuamente e nutrem uma perspectiva de curso mais voltada para a atuação do profissional ante as questões de múltiplas naturezas enfrentadas no mundo hoje.*

Os trechos a seguir trazem a ótica do P1 sobre atividades mais complexas.

P1: [...] *fazer sessões de debates ali, né, nas simulações em língua estrangeira, em inglês. [...] por que não incluir temáticas que envolvem políticas linguísticas, por exemplo? Como o tema da simulação pudesse ser algo envolvendo políticas linguísticas ou... entre outras discussões?*

P1 colabora com olhar voltado para a sua área e para as simulações. AP4 acompanhou a entrevista.

AP4 (diário): *Simulações que incluíssem debates sobre a língua inglesa, que trabalhassem o fator negociação internacional e a produção de políticas linguísticas pelo mundo seriam uma proposta que uniria alunos com diversos interesses dentro do curso.*

P1 apresentou uma nova articulação em relação ao trabalho com a língua inglesa com simulações e debates a partir de temas políticas linguísticas e as negociações internacionais. Podemos perceber aqui sugestões mais práticas, como debates a partir de simulações com temas referentes à área de Linguagem. P1 e AP4 trouxeram uma sugestão a partir de um tema específico que pode ser pensada a partir dos modelos das metodologias ativas.

P2, do núcleo de Negociações Internacionais, também sugere a simulação como forma de trabalho em conjunto.

P2: *[...]no quinto período, ou no sexto período tentar desenvolver uma simulação em inglês, [...] de qual o conhecimento esperado e que se tem do aluno ao concluir o curso com o uso da língua, né?*

Percebemos, mais uma vez, a simulação como proposta de trabalho com a língua inglesa. Os pontos relevantes trazidos pelo professor se referem ao momento dessa simulação que deve ser quando o aluno está mais maduro em relação às disciplinas e ao curso e sobre o objetivo de aprendizagem de inglês no final do curso.

Vejam o ponto de vista de AP2.

AP2 (diário): *[...] ao descrever sua experiência acadêmico-profissional, alguns gêneros/tarefas do contexto prático de sua área de atuação, [...] como clipping de notícias, transcrições, resumos (summaries), plenárias e reuniões. [...] Talvez algum projeto envolvendo produção textual com ênfase em tradução/versão [...] o uso de recursos cinematográficos para abordar assuntos de RI, como documentários. A partir destes filmes, pode-se abordar temas de forma interdisciplinar e iniciar atividades como debates, controversas simuladas (simulações/role-playing) e redação position papers⁶⁶, summaries ou relatórios finais, por exemplo.*

AP2 percebe os gêneros e tarefas importantes para a área a partir do trecho em que professor relata a sua vida acadêmica e profissional. Porém P2 não as sugere para o contexto LEANI. O aluno consegue fazer relação entre as questões teóricas apresentadas pelo professor e as práticas também vivenciadas pelo próprio professor profissionalmente. Dessa forma, o aluno sugere projetos que alinhem RI e a língua inglesa, além do uso de documentários para tratar de temas interdisciplinares, simulações e redação de gêneros discursivos.

Vejamos as considerações de P4, também professor do mesmo núcleo sobre uma disciplina prática, optativa, raramente ofertada.

P4: *“Mas há a ideia também, que quando se bem estruturar quando for possível, essa disciplina de “Análise de Cenário e Relações Internacionais” ser reofertada. [...]Essas simulações, essas análises de cenários demandam que eles produzam documentos prévios, relatórios, análises posteriores. Eles precisam, portanto, produzir materiais. Não apenas se engajar na simulação. Portanto, negociando, falando, criando, criando consensos. Advogando uma certa causa.”*

⁶⁶ documentos produzidos por instituições ou empresas com o objetivo de apresentar seu posicionamento sobre determinado assunto <http://www.crosscontent.com.br/position-paper-o-que-e-e-quando-ele-e-importante-para-sua-instituicao/>

Notamos que P4 retoma a ideia de ofertar uma disciplina prática que trabalha com simulações a partir da análise de cenários, mas sugere um trabalho em conjunto em língua inglesa. Nessas simulações, os alunos precisam ter participação ativa, produzindo materiais e se engajando nas ações, negociando. Tal proposta é muito semelhante a qual apresentamos na oficina desta pesquisa, pois tem o aluno com participante ativo em todos os momentos. O ponto chave trazido pelo professor é a oferta de uma disciplina e dois professores. Acreditamos que esse deve ser um caminho de integração entre as áreas do curso.

AP1 fez vários apontamentos sobre as sugestões de A1.

AP1 - diário: *Mas eu acrescentaria que os alunos poderiam ser "treinados" para a atividade do período seguinte [...] Outra sugestão é o trabalho com os manuals de RI desde o primeiro período, não uma leitura somente pelo conteúdo, mas aplicada ao ensino de inglês, visando a cobrir as habilidades na língua, mas também exercitando o conteúdo de RI numa proposta multi e interdisciplinar.*

AP1 sugere a oferta da disciplina de análise de cenários em dois semestres: o inglês seria oferecido um semestre antes para que os alunos pudessem se preparar para as atividades. Porém, é necessário levar em conta o processo de análise de necessidades que vai determinar o melhor momento para ofertar a disciplina. Outra recomendação é o trabalho com manuais de RI que não foi indicado pelos professores do núcleo, mas parece fazer sentido. Temos que levar essa proposta aos professores do núcleo para analisarmos a necessidade.

P6 traz também uma atividade prática, porém fora da instituição, em Administração.

P6: *Na minha área de negócios existem competições internacionais. Então, por exemplo, [...] uma competição ibero-americana de simulação de negócios, de jogos.*

P6 propõe competições internacionais, os jogos de empresa, exercício de tomada de decisão onde os participantes assumem o papel de administradores. Na verdade, é uma simulação, mas bem específica de área de Administração. Os trabalhos reais são mais significativos e motivadores para os alunos (AUSUBEL, 1982; DAROS, 2018; RABELLO, 2021). Aqui, temos o exemplo da língua utilizada na prática fora do ambiente de sala de aula.

PP (diário): *Lembrei das atividades que temos pensado em desenvolver em associação com instituições internacionais - como em trabalhos de tradução.*

Entrevistamos também uma professora de francês, atual coordenadora do curso, (PF) e outra de espanhol (PE), também já esteve no cargo. Na pesquisa, a contribuição delas aparece neste momento, com sugestões de trabalho cooperativo. Porém, os resultados dessas entrevistas me fizeram perceber que precisamos conversar sobre a proposta do curso, uma proposta de ensino de línguas, e o que desejamos alcançar.

PF sugere às disciplinas de Cultura de Língua Inglesa e Francesa uma aproximação.

PF: *Eu acho que a matéria de cultura é excelente pra fazer esse intercâmbio, de fato! Essa questão da colonização é bem interessante também!*

PF consegue fazer a relação com uma de nossas disciplinas. A contribuição é específica das disciplinas de línguas. Tivemos a impressão que PF vai refletir sobre vários pontos que temos aqui na pesquisa.

PE traz uma experiência prática com acompanhamento de P4 no Itamaraty⁶⁷.

PE: *[...] grupos de discussão em Inglês e Espanhol. [...] a ideia era que um grupo discutisse em inglês, outro grupo em espanhol, como se a gente tivesse uma apresentação na língua para a gente trabalhar estratégias da tradução, porque eles tiveram a teoria, no semestre anterior...*

PE relata a experiência de uma atividade que aconteceu ao Itamaraty, em uma visita técnica. Os alunos puderam fazer grupos de discussão, um de língua inglesa e outro, de língua espanhola. Esse tipo de ação possibilita a participação de grupos de discussão aproximando os alunos ao contexto real que é o que propomos nesta pesquisa (AUSUBEL, 1982; DAROS, 2018; RABELLO, 2021).

Percebemos que, também, há abertura para um trabalho em conjunto com as professoras de línguas.

E4, egressa do curso, cogita fazer uma parceria entre a empresa onde trabalha e o curso LEANI. Deu exemplo da organização de um evento internacional em um hotel.

E4: *[...] trabalhar com Organização de Eventos e Marketing, acho que as disciplinas de Eventos talvez também caibam... A organização de um evento internacional... Lá, a gente recebe alguns eventos internacionais, por exemplo, (nome de uma organização americana de luta) em que a maioria das pessoas que vão negociar e visitar o hotel [...].*

⁶⁷ Órgão do poder executivo responsável por estabelecer e manter relações diplomáticas com Estados e organismos internacionais.

Na minha análise, é uma parceria a ser pensada logo que a pandemia acabe. Ajudar na organização de um evento internacional nos possibilita trabalhar com as bases importantes dessa pesquisa: LinFE, a partir da necessidade específica da área de Turismo e metodologias ativas, com base em uma atividade significativa do contexto real (AUSUBEL, 1982; DAROS, 2018, RABELLO, 2021) que ainda pode ser planejada a partir de um projeto colaborativo. Porém, para tanto, é preciso ter uma parceria com os professores do núcleo de Turismo, com o hotel e analisar as especificidades da organização de eventos para o profissional LEANI. Esse tipo de atividade caracteriza-se como aprendizagem a serviço associado a um projeto integrador/interdisciplinar (BACICH e MORAN, 2018).

Os mesmos pressupostos teóricos mencionados acima, LinFE e metodologias ativas, podem ser aplicados ao excerto de P6 quanto a participação em competições internacionais de Administração. O aluno tem a oportunidade de participar de uma atividade prática, fora da sala de aula, interagindo com pessoas de diferentes países, a depender da competição. Questões como interação e autonomia (FREIRE, 1996) são habilidades desenvolvidas nesse tipo de exercício.

Podemos afirmar que os professores dos diversos núcleos apresentaram sugestões dentro de suas áreas e, além disso, relevantes e diversificadas. Dessa forma, a asserção e é mantida. As contribuições variaram de leitura de textos e apresentação de seminários à participação em competições internacionais. Acreditamos que apontar as necessidades é de extrema importância, mas nos ajudam a concretizar esse trabalho e auxiliar em relação à direção que devemos apontar.

Podemos perceber a contribuição dos participantes com atividades interdisciplinares como está descrito no PPC do curso, “procura-se restabelecer a interdisciplinaridade relacionando os conteúdos das diversas disciplinas que compõem o curso” (PPC, 2017, p. 30)

4.2.3 Asserção 3: As metodologias ativas auxiliam na criação de contextos autênticos (ou próximos a eles) de aprendizagem

Os resultados apresentados foram retirados do questionário de avaliação da oficina, o qual os alunos participantes e os alunos pesquisadores responderam. Somente esse grupo poderia passar as informações referentes ao trabalho com as metodologias ativas na oficina.

De acordo com os dados da pesquisa, a asserção 3 se mantém. Vamos perceber ao longo desta subseção termos como autonomia, prática, mundo real, contexto real nos excertos dos alunos. No questionário de avaliação da oficina, A1, A2 e A3 fazem os seguintes relatos:

Quadro 20 - Proposta de Ensino de Inglês

	Qual é a proposta de ensino de inglês que melhor atende às suas necessidades e as da situação-alvo (do curso LEANI)?
A1	<i>A principal vantagem é o desenvolvimento de diferentes técnicas de maneira autônoma e colaborativa... [...] trabalha situações reais do universo fora de sala de aula (mercado de trabalho)</i>
A2	<i>[...] acho bem mais interessante quando colocamos nosso <u>inglês em prática, quando sai da teoria.</u></i>
A3	<i>A que foi trabalhada na oficina porque enfatiza a <u>prática.</u> Mas também porque ela é mais adaptável às necessidades dos alunos e mais compatível com a <u>realidade do mercado de trabalho.</u></i>
A4	<i>A vantagem foi <u>praticar o inglês em uma situação que será comum a todos aqueles que optarem pela carreira de internacionalista</u></i>

Fonte: A autora, 2021.

A partir das respostas dos alunos, percebemos que a asserção se mantém. Apesar de, como mencionei anteriormente, eles perceberam que a oficina ofereceu uma aproximação a um contexto real que passa a ter valor significativo na aprendizagem (AUSUBEL 1982; DAROS 2018; RABELLO 2021).

Os alunos pesquisadores trouxeram as suas opiniões, mais aprofundadas, no questionário de avaliação final. Vejamos que AP1 aborda questões sobre interação multifocal e ajustes necessários como acontece no contexto real.

AP1: *Penso que a proposta [...] seja justamente de tirar esse olhar unidirecional, focado no conteúdo prescritivo e no binário "certo/errado" trazido pelo livro, e tentar aproximar os alunos do mundo real, onde ajustes são necessários e as interações são multifocais. [...] Portanto, uma proposta como a desta oficina, focada em ação, autonomia e colaboração, e trazendo conteúdos relevantes de outras disciplinas [...].*

Pontos chaves das metodologias ativas foram citados por AP1 que determinaram a aproximação ao mundo real. A proposta foi baseada na produção e ação desde a abordagem com gêneros discursivos até a pesquisa autônoma que fizeram.

AP2 faz relação das atividades da oficina com a situação-alvo.

AP2: [...] *alternativa que proporciona aos alunos a experiência de um ensino da língua inglesa em seu uso prático, contemplando algumas das atividades compreendidas pelo seu futuro contexto de atuação profissional* [...]

AP4 foi a única aluna pesquisadora que acompanhou todas as aulas. Ela faz menção a produção e construção do conhecimento.

AP4: [...] *é esperado que possamos trabalhar mais com a produção de conhecimento, e menos com a pura absorção e reprodução de conteúdos. A autonomia do aluno nesse processo realmente o prepara para a constante aprendizagem* [...].

Sobre as vantagens da oficina, vejamos as questões enfatizadas por AP4.

AP4: *Trabalhamos temas que interessam os alunos para além do estudo de inglês; - Trabalhamos gêneros extremamente importantes para a vida profissional, mas que raramente são abordados estruturalmente em aula e isso gerou uma construção conhecimento concreto para os alunos (para mim, inclusive); - Trabalhamos contextos atuais (vacinação, eventos durante a pandemia) na oficina, que prendiam a atenção e geravam interesse por parte dos alunos; - Trabalhamos com um grupo pequeno, o que permitiu uma interação mais próxima entre os participantes.*

A aluna pesquisadora resume pontos-chaves da oficina e mostra como os conceitos das metodologias ativas estavam inseridos no nosso trabalho: conteúdo importante profissionalmente, gêneros discursivos; tema atual e interessante para os alunos; construção do conhecimento “concreto”, eu diria, que foi determinante no andamento das aulas, principalmente no que se refere à interação, participação e colaboração.

De modo geral, a minha percepção reflete sobre a participação dos alunos nas atividades a partir do trabalho com as metodologias ativas.

PP (diário): *O trabalho com as metodologias ativas foi bem proveitoso. Todos se engajaram nas atividades: os pesquisadores, eu e os alunos, no planejamento das atividades, e os alunos participantes da execução delas. [...] As simulações baseadas em estudos de caso foram um sucesso!*

Percebemos que os alunos participaram ativamente das simulações. Os casos eram estudados, dois deles, como tarefa de casa. Os alunos participantes pesquisaram sobre o tema e sobre os papéis que deviam desempenhar nas atividades. As discussões foram muito

interessantes e, se não controlássemos o tempo, as simulações seguiriam sem hora para acabar.

Podemos afirmar que as metodologias ativas auxiliam na criação de contextos reais a partir de atividades práticas relacionadas ao contexto autêntico (AUSUBEL 1987; DAROS 2018; RABELLO 2021) levando em conta temas interessantes, gêneros importantes, atividades colaborativas e de interação (VYGOTSKY, 1998) com objetivo de tornar o aluno um ser autônomo (FREIRE, 1996) com participação ativa no processo de ensino-aprendizagem. Chegamos ao entendimento de que a asserção é mantida. Todas as colocações nos levam a perceber que, mesmo não utilizando todas as técnicas, estratégias e tipos de metodologias ativas, a criação de contextos aproximados aos autênticos, foi possível através dos estudos de caso, debates, simulações.

4.2.4 Asserção 4: Alunos e professores acreditam que a proposta de ensino de língua inglesa do curso LEANI atende parcialmente as necessidades de aprendizagem

Quanto a proposta de ensino de língua inglesa atual, conforme já destacamos, ela é baseada em um material didático de inglês para fins específicos direcionado para a área de negócios. Dessa forma, quando falamos na proposta atual, que adotada no bacharelado LEANI desde o início do curso, estamos nos referindo ao trabalho com base no material adotado. Ressaltamos mais uma vez que em geral os materiais didáticos de língua inglesa importados já trazem embutidos as principais diretrizes do desenho de um curso, como metodologia e conteúdo (ALMEIDA FILHO, 2015).

De acordo com os dados analisados, as opiniões dos participantes sobre a proposta atual são variadas. Vamos iniciar a análise pelos dados das entrevistas das professoras de inglês. Relembramos que o curso LEANI está utilizando seu terceiro material didático. O primeiro livro era voltado para o ensino de inglês para adultos, o segundo era um material de negócios, assim como o atual. As professoras fazem menção aos materiais anteriores. Primeiro a professora de inglês traz para a pesquisa questões bem do início do curso.

PI1 - [...] a gente optou começar com o livro de inglês mais geral. Então, eu acho, não posso falar pela outra turma né? Mas para o pessoal do básico, eu diria que funcionou bem porque eles realmente precisavam desse conhecimento mais básico mesmo! [...]

A PII relembra a adoção do primeiro livro de inglês do curso. Ela avaliou bem o material, levando em conta que, no início, em 2014, a primeira turma era muito heterogênea. Havia alunos que não tinham noções básicas da língua, apesar de termos em edital a questão do conhecimento básico de inglês. Notamos que a professora acreditou não haver possibilidade de um trabalho mais voltado para o bacharelado LEANI, uma vez que os alunos precisavam de uma base de inglês para isso. A afirmação de que *eles realmente precisavam desse conhecimento mais básico* é um mito em LinFE. Na verdade, isso acontece quando se considera LinFE uma abordagem pragmática e utilitária, sendo possível apenas para aqueles que dominam o “básico” (CELANI, 2008; RAMOS, 2005). Podemos desenhar um curso voltado para atender as necessidades em qualquer nível para qualquer grupo de alunos.

PII e PI3 foram as professoras da primeira turma. Elas fizeram um teste de nivelamento e dividiram as turmas. Na minha percepção, a análise de necessidades parou aí. Dessa forma, as professoras analisaram o nível de proficiência dos alunos em relação à língua inglesa. Precisamos levar em conta as necessidades reais do aluno, desejos e lacunas, e também as necessidades da situação-alvo, antes de desenhar o curso e pensar no material. (HUTCHINSON; WATERS, 1987, RAMOS, DUDLEY-EVANS E ST JONHS ,1998). Na verdade, não advogo contra o material didático, neste caso o livro adotado, sou a favor de um material que atenda ao contexto no qual atuamos para que possamos ter profissionais mais preparados para a situação-alvo. Além disso, o material didático faz parte de uma das etapas do desenho do curso, mas não deve ser o primeiro passo. O ponto inicial desse desenho é a análise de necessidades (CELANI, 1981; HUTCHINSON; WATERS, 1987, RAMOS, DUDLEY-EVANS E ST JONHS ,1998; BELCHER, 2009)

Embora PII tenha avaliado o livro didático de inglês geral para adultos como adequado naquele momento, ela revela que o material elaborado pelo professor é o ideal.

PI1: *E, assim, eu acredito que o material autoral, a gente fazer o nosso próprio material, é o melhor dos mundos! Eu acredito que esse realmente é o caminho. [...] O problema do material autoral é que normalmente a gente tá sobrecarregado com outras coisas, né? [...] A menos que a gente tivesse uma carga horária específica para se dedicar a preparar esse material!*

O problema apontado por PII chama a atenção dos alunos pesquisadores.

AP3 (diário): *No CEFET/RJ não é possível o professor colocar em seu ponto horas trabalhadas para a realização de materiais didáticos.*

AP4 (diário): [...] referente à contabilização de horas exclusivas para a criação e preparação de material didático, o que não ocorre no CEFET, e que seria um grande facilitador para que a produção de materiais focados na experiência multidisciplinar do LEANI possa ocorrer.

Percebemos que, embora a PII não fale do LEANI especificamente, ela traz a questão de elaboração de material como a melhor alternativa para ensinar língua. Porém, ela aponta os problemas relacionados ao tempo necessário para debruçar-se nessa tarefa. Tal ponto é trazido também por Hutchinson e Waters (1987, p. 126), “elaborar materiais é uma tarefa complexa”. Os autores sugerem a adoção ou adaptação de materiais existentes ou, ainda, tê-los como fonte de ideias por causa, principalmente do tempo que deve ser dedicado a elaboração de material. Ramos e Santos (2004) apresentam uma série de procedimentos para elaboração de material que devemos levar em conta quando pensamos em um material feito sob medida. Portanto, não devemos subestimar o tempo (HUTCHINSON; WATERS, 1987). Isso afeta de certa forma a questão abordada nessa asserção.

Por mais que a professora acredite que um material elaborado seja melhor para um determinado grupo, para atender de fato suas necessidades, não é fácil partir para um trabalho autoral (HUTCHINSON; WATERS, 1987). Podemos afirmar que esse seria o melhor caminho para atender as necessidades do curso LEANI. Porém, mais uma vez, não esquecendo de iniciar pela análise de necessidades e não partir para elaboração de uma apostila baseada no livro atendendo, por exemplo, a gramática necessária para o nível. Estarmos cientes que processo de análise de necessidades é importante para darmos o primeiro passo em direção a uma proposta de ensino mais acertada que envolva as etapas de um desenho de curso coeso, e nisso o material didático está incluído.

Compreendemos a partir dos trechos da PII que, apesar da boa experiência com o primeiro material, que supria as necessidades básicas de aprendizagem daquele grupo de alunos da turma de 2014, o material autoral ainda é mais indicado em qualquer contexto para uma proposta de ensino de língua inglesa. De qualquer maneira, o livro adotado em 2014, de acordo com PII, supriu as necessidades daquele grupo por conta das necessidades básicas de aprendizagem dos alunos. Na nossa visão, faltou uma análise ampla das necessidades, principalmente da situação-alvo. Acreditamos que o livro didático sozinho não supria as necessidades, mas não podemos afirmar como o trabalho foi direcionado, se houve alguma ocorrência que mudasse o rumo das aulas, se havia material complementar.

PI2 esteve no LEANI por um semestre como professora contratada. As suas considerações são importantes levando em conta que a professora tem formação em LinFE.

PI2: *Pra mim, que não tinha ainda uma visão ampla sobre qual era a realidade do LEANI, o livro foi de certa maneira um feixe de luz, né? Um lugar para começar. Então, eu olhava as unidades e via o que tinha de ideia ali, o que o aluno precisava abordar, já que tinha um livro, né? O que eles precisavam trabalhar... E dali eu buscava outras fontes mais atualizadas. Eu geralmente não trabalhava com o livro do início ao fim. [...] Mas em relação, assim, ao mais robusto mesmo do assunto... Eu buscava em outras fontes.*

Analisaremos o excerto acima logo após as observações de AP4 que percebeu um posicionamento diferente da professora em relação às outras.

AP4 (diário): *Ela já tinha familiaridade com a abordagem LinFE, o que facilitou um pouco o processo em termos de ela tentar entender o LEANI um pouco antes de colocar projetos em prática. Ela indicou que utilizava o livro como “faixe de luz” de onde ela buscava ideias para atividades extra-livro e mais atuais.*

Uma questão recorrente nas entrevistas é que o livro é um guia. Entretanto PI2 utilizou o livro como ponto de apoio, já que conhecia pouco sobre o curso LEANI e precisava, de certa forma, se organizar. Cunningsworth (1995) já indicava o livro como suporte para professores com pouca experiência. Porém, podemos observar que PI2 também traz a questão da mesclagem de atividades, mas trata de buscar temas e atividades em fontes mais atuais. O material pode ser uma fonte de ideias e, ainda adaptado (HUTCHINSON; WATERS, 1987). Ela aborda as desvantagens do livro didático que trouxemos no capítulo teórico deste trabalho, seção 1.2, sobre material didático: temas não atuais e distantes do mundo do aluno, materiais não autênticos (HUTCHINSON; WATERS, 1987; RAMOS, 2008; ROBINSON, 1980). Defendemos o uso de material autêntico (real) com o objetivo de levar para o aluno a língua que ele, provavelmente, vai se deparar no contexto em que pretende atuar.

Entendemos que PI2 trabalhou com base no livro, mas buscava material autêntico. Podemos concluir que o livro servia como o programa do curso, seu planejamento se baseava nele. A professora tentou sair da proposta de ensino baseada no livro, e conseguiu parcialmente. Como ela não tinha experiência no curso e estava tentando entender suas necessidades, usou o livro como amparo para as suas aulas. De qualquer forma, PI2 teve como proposta de ensino de língua inglesa um programa de curso baseado no livro didático a partir de sugestão de suas atividades. Percebemos, como a professora mesma informou, que a análise de necessidades não foi considerada naquele primeiro momento. Como já mencionamos, argumentamos a favor de uma proposta baseada no levantamento das necessidades (CELANI, 1981; HUTCHINSON; WATERS, 1987, DUDLEY-EVANS E ST JONHS, 1998; BELCHER, 2009).

Precisamos contextualizar o excerto a seguir de PI3. A professora teve participações em épocas diferentes no curso. Em 2014, com a primeira turma, que foi dividida com PII, PI3 ficou com o grupo mais avançado de alunos. Com a adoção de um livro de inglês geral básico para adultos, acreditamos que ela não tenha conseguido trabalhar da mesma forma que PII, ancorada pelo mesmo livro didático. A PI3 apenas menciona que nessa época não sabia exatamente qual seria o livro inicial do curso, talvez por não conhecer o curso LEANI de fato. Vejamos suas pontuações entre o material didático e a proposta baseada no livro didático.

PI3 – E ali, era o curso que a gente não fazia a menor ideia do que é um livro inicial. [...] Na verdade, de 2016 para 2018 eu senti uma diferença, mas não era algo como em 2014! Em 2016 parece que a coisa começou a gente ver ficar mais claro, e eu entro, fico com a (nome da PP) e vejo o que ela estava fazendo. 2018 quando eu entro já entrou já, não com a solução, mas com um olhar de “o que eu posso fazer com o que eu já tenho?”. Com a ideia que eu tenho, entendeu? [...]

Percebemos aqui uma relação forte entre o livro didático e a proposta de ensino de língua. Como a professora não sabia qual seria o livro inicial, ela se sentiu perdida sem esse “guia”. Mais uma vez, a análise de necessidades seria essencial para definir o rumo (CELANI, 1981; HUTCHINSON; WATERS, 1987, RAMOS, DUDLEY-EVANS E ST JONHS ,1998; BELCHER, 2009).

Ela comentou ainda sobre as participações mais recentes no curso, onde ela conseguiu perceber a proposta do curso em si.

PI3 - [...] Aquele primeiro livro era muito ruim! Era chato, a coisa não rendia, horrorosa... Esse segundo livro que nós usamos, (nome livro atual), ele não dá pra pincelar na íntegra! [...] Eu até acho interessante a manutenção de livro pelo menos até o nível II, mas daí pra frente acho que deveria ser um material criado! Porque na verdade o processo de criação demora muito! [...]

No exemplo acima, PI3 fala dos livros de negócios. Ela também trata da mesclagem de materiais, porém de outra forma: adotar o livro atual no primeiro ano do curso, nas disciplinas de Língua Inglesa I e II e, a partir do terceiro período, trabalhar com material produzido. Ela traz também a questão do tempo gasto para elaborar material. A questão é apontada por Hutchinson e Waters, (1987), como tratei na análise de PI1. Na nossa percepção, a proposta do trabalho com o livro somente no primeiro ano se deve ao esgotamento do material em si, da repetição da estrutura do livro com a mesma organização – a professora disse “já deu” em relação ao uso do material por um ano. Para PI3, o livro atende parcialmente a proposta do

curso, porque ela entende “negócios” como uma necessidade, mas as necessidades do curso LEANI são amplas. O livro aparece novamente como guia de um planejamento, das aulas (ALMEIDA FILHO, 2015). Trazemos na pesquisa, seção 4.1, uma análise do material didático utilizado no curso LEANI e concluímos que ele não atende as necessidades.

Após analisar o olhar das professoras sobre a proposta baseada no material, percebi em um dos diários a reflexão de AP1 sobre as negociações e as línguas.

AP1 (diário): *Creio que assim surja o "business" como muleta para que os professores, especialmente de línguas, consigam tangenciar uma área com a qual não possuem muito contato. É uma estratégia inicial necessária, porém não suficiente para as demandas do curso; mas que corre o risco de passar do status de solução temporária para modelo definitivo.*

AP1 tem uma percepção importante sobre o curso de modo geral. Entendemos aqui que o trabalho com a língua voltada para negócios é o lugar onde os professores de línguas conseguem alcançar pela falta, também, de uma definição que vem das negociações, pois precisamos entender quais noções básicas de negociação são essenciais no curso. Para a aluna, essa seria a justificativa de uma proposta atual fundamentada em negócios, que no curso ocorre com base no material didático. Como estamos tratando de um curso amplo e com uma proposta pedagógica inter e multidisciplinar, desenhar o curso de língua inglesa a partir das necessidades se torna um grande desafio.

Sobre a visão das professoras de inglês em relação à proposta de ensino de língua inglesa no bacharelado LEANI, percebemos que cada uma teve uma opinião: PI1 acredita que o material atendeu ao grupo de 2014, mas acreditamos que faltou analisar as necessidades amplamente. Embora ela tenha trabalhado com os três materiais adotados, ela se referiu apenas ao material de inglês geral, não mencionou os livros de negócios. Acreditamos que ela tenha enxergado o primeiro material como o que teve resultado com os alunos em termos de aprendizagem.

PI2, embora utilizasse o livro como apoio, listou as desvantagens do uso de livro didático. A professora, por ter formação em LinFE, percebeu que o material não atendia aos pressupostos da abordagem, como por exemplo o uso de textos reais, mas como ainda estava entendendo as necessidades, acabou partindo para um trabalho de flexibilizar o livro e os materiais que pesquisa para utilizar nas aulas.

Já PI3, pela sugestão de adoção do material no primeiro ano, acreditamos que ele atende parcialmente as necessidades do contexto LEANI de acordo com suas colocações.

Tratamos a seguir da visão dos egressos em relação ao material de língua inglesa do curso. Todos os egressos deste grupo tiveram acesso a dois materiais diferentes, E1 e E3 estudaram com o primeiro e segundo livros do curso, um de inglês geral para adultos e o outro de negócios; já E2 e E4 estudaram com o segundo e o terceiro livros do curso, ambos de negócios, um bem denso, voltado para pessoas que já trabalhavam na área e outro, analisado nesta pesquisa, na seção 4.1, voltado para alunos e bem mais enxuto. Os egressos têm visões diferentes. A E1 nos surpreendeu quando nos informa não lembrar do livro didático.

E1: *[...] mas eu acredito que dava uma perspectiva interessante no sentido de estruturar a aula... [...] no mercado de trabalho, eu não sei dizer se eu uso o que a gente viu nos livros ou se eu uso mais o que a gente acabava descobrindo por conta própria. [...] tinha muitos materiais que a gente usava em sala que eram trazidos pelos professores, não é (nome PP)? Que eu acho que isso acabava sendo muito mais marcante, muito mais bem aproveitado do que os principais conteúdos do livro que era mais geral...*

No seu diário, AP1 resume a posição de E1 sobre a proposta baseada no livro didático.

AP1: *É interessante com o material didático adotado foi lembrado mais como ferramenta de estruturação e norteamento das aulas, mas conteúdos e atividades extras e pesquisadas com maior independência tiveram maior importância.*

E1 não lembrou do livro. Para ela, as atividades significativas estavam relacionadas às atividades práticas, de interação, apresentação de trabalhos e o trabalho colaborativo. Questões que se relacionam com o que defendemos nesta pesquisa. Elaborar uma proposta de ensino de língua inglesa a partir da análise de necessidades auxiliada pelos modelos pedagógicos das metodologias ativas a fim de que seja significativa para o aluno considerando questões como interação a partir da construção do conhecimento, colaboração e autonomia (VYGOTSKY 1998; FREIRE 1996; AUSUBEL 1982; DAROS 2018; RABELLO 2021).

O livro serviu como orientador, mas ela não lembra de aplicar qualquer conteúdo do livro em seu trabalho. Acredito que a aluna tenha se referido ao livro como guia, que orienta o processo de aprendizagem (O'NEIL, 1982), mas, segundo esse autor, pode engessar dinâmicas. Tais dinâmicas tendem a se tornar desinteressantes para alunos principalmente quando não condizem com suas necessidades. No contexto trazido pela aluna, percebemos que a proposta baseada no livro não atendeu as necessidades do mercado de trabalho e, também, as suas necessidades de aprendizagem a partir do momento em que ela coloca que não se lembra do material.

A segunda egressa a ser entrevistada, E2, assim como E1, pertenceu a turma de 2014. Vejamos suas considerações sobre seu desejo e de seus colegas a respeito de uma abordagem mais voltada para as negociações internacionais.

E2: [...] Acho que as pessoas focavam bastante nisso, em conteúdos sobre a cultura de outros países, sobre as negociações em si, sobre acontecimentos que estavam ocorrendo naquela época, matérias, livros que fossem mais atuais também com relação à Política Internacional...

E2 deixa claro que a proposta de ensino de inglês baseado no livro não era o desejado. Para ele, uma abordagem voltada para as áreas do curso era mais significativa. De fato, o aluno deve estar motivado e engajado em aprender. O conteúdo deve ser significativo e relacionado com a vida real (AUSUBEL, 1982; DAROS, 2018 RABELLO, 2021). O primeiro passo para o aluno estar engajado ao curso é analisar as necessidades como venho advogando. Se pularmos essa etapa, não saberemos sobre os desejos dos alunos, sobre as necessidades de aprendizagem e do contexto. Após o processo de análise, determinamos o panejamento, o material didático, a metodologia e todas as questões referentes ao desenho do curso também já explicitadas. (HUTCHINSON; WATERS, 1987, MASUBARA, DUDLEY, RAMOS)

E3 também menciona a necessidade de alinhar a língua inglesa com outras disciplinas.

E3: [...] algo (o livro didático) que podia se alinhar ainda mais com as outras disciplinas que a turma estava tendo no momento. [...] faltava essa pegada de Direito, RI, Cultura de uma forma geral... [...] então para a matéria de Administração ele supria bastante o que a gente precisava. Também supria bem a área de Turismo, não tanto quanto o âmbito empresarial, mas ainda faltava ter um alinhamento com Direito, com RI, com cultura também [...]

Para E3, a proposta do livro, neste caso do curso, atendia parcialmente as necessidades porque se alinhava a algumas disciplinas como de Administração e Turismo. Na verdade, não percebemos em nenhum dos livros de inglês o alinhamento com esse nicho. Além disso, acreditamos que o egresso pode ter confundido a área de Administração com questões administrativas em um livro de negócios, como os documentos comuns, ata e e-mail. Vimos, mais uma vez, o atendimento parcial da proposta baseada no livro didático em relação às necessidades na visão de E3 pelas questões relacionadas à área negócios. Porém, podemos afirmar que o material didático não se alinhava as disciplinas de Administração e de Turismo.

E4 foi a última egressa a participar das entrevistas. Ela me surpreendeu com seus apontamentos sobre o livro didático por acreditar que ele corresponde as suas necessidades.

E4: [...] o vocabulário do livro didático que a gente usou, eu não utilizo no dia a dia. [...] ao meu ver no sentido de carreira ou com o que eu realmente quero, aquilo (o livro) condizia com o queria. Me ajudou também no TCC. [...] Enfim, ele não deixava nada a desejar, inclusive achava ele muito denso, tem muitas informações relevantes que talvez, no contexto do LEANI, a gente não visualizasse para que a gente ia usar, principalmente no começo. No começo a gente não visualizava, agora como ex-aluna eu vejo a prática acontecendo só que em carreiras que eu gostaria de estar seguindo agora.

E4 é a única egressa que acredita, agora, após inserida no mercado de trabalho, que o livro didático atende às necessidades de carreiras que ela almeja, além de tê-la apoiado em diversos trabalhos em inglês, inclusive no TCC. O material é um orientador de estudos (O'NEIL, 1982), é algo organizado onde se pode localizar as informações necessárias. Ela relata que enquanto era aluna, não se identificava com o material e com as questões que estava estudando. Enxergamos aqui um caso de que o material não atendia às necessidades do contexto da sala de aula e nem as do contexto atual. Na época em que a egressa era aluna do curso, o material não fazia sentido para ela e para o grupo de alunos. De certa forma, podemos afirmar, mais uma vez, que o material não era significativo, sem correlação com o mundo real, no caso dela como aluna do curso. Como já foi tratado, o material deve ter conexão com a vida real, por isso passa a ser significativo (AUSUBEL, 1982; DAROS, 2018, RABELLO, 2021).

Porém, agora, como profissional inserida no mercado que vislumbra uma determinada carreira, o material estará de acordo (quando esse momento chegar). Podemos perceber que se trata de uma área a qual a aluna não ingressou. Entendemos que o material que a aluna retratou foi o segundo que utilizamos, um material mais denso com uma proposta voltada para profissionais atuantes na área de negócios. De fato, as informações relevantes são para pessoas que estão na área. Além disso, o livro traz apenas o foco para a área de negócios.

Em suma, podemos dizer que, para três dos egressos, a proposta baseada no material didático não atende as necessidades de aprendizagem e do curso LEANI. Entendemos que o material não é adequado para o aluno; não apresenta questões das diversas áreas do curso, disponibiliza algumas relacionadas a questões administrativas, de negócios; e, ainda, as atividades práticas e de interação não foram percebidas no material. Já para um dos egressos, o livro atende parcialmente as necessidades, porque ele apresenta questões de algumas áreas do curso. Para nós, o material didático traz as questões de negócios. De qualquer forma, se a

área é de Administração ou Negócios, pelo entendimento do participante, há um atendimento parcial.

Nos exemplos apresentados a seguir, tratamos dos dados dos alunos participantes da oficina. Como temos seis alunos apenas, colocamos os exemplos em um quadro a fim de facilitar a leitura e organização.

Antes de analisarmos, é importante retomar as informações sobre os alunos participantes da oficina. A1 e A6 são alunos mais antigos, das turmas de 2016 e 2018 respectivamente. Já A2, A3, A4 e A5 são alunos do segundo período do curso, ingressaram em 2020. Esses alunos não tiveram aula com o livro didático, por isso apresentam opiniões sobre uma proposta voltada para negócios que eles imaginam. Acreditamos que a professora que não foi incluída nesta pesquisa porque era recém-chegada no curso, que me substitui neste momento esteja se baseando em materiais diversificados para negócios. Dessa forma, trago as respostas dos alunos do segundo período como ilustração para a pesquisa, mas não vou levá-las em conta neste momento porque, como informamos, eles não utilizaram o livro didático.

No questionário, perguntamos sobre a proposta atual como podemos verificar no quadro:

Quadro 21 – Proposta Atual

	12. O que você acha da proposta atual de ensino de língua inglesa do curso LEANI com a adoção de um livro didático de negócios?
A1	<i>O <u>livro possui exercícios e vocabulário interessantes</u> para o objetivo de cursos, mas <u>seu uso em excesso limita a disciplina a algo mais "cursinho"</u> do que aulas de ensino superior.</i>
A2	<i>Ao mesmo tempo que <u>concordo, por nos ensinar o vocabulário de business</u>, <u>discordo, pois eu acho que não devíamos nos limitar somente a isso.</u></i>
A3	<i>Boa.</i>
A4	<i>Acho que <u>de acordo com a nossa realidade</u> porque <u>o aluno de LEANI não está totalmente necessariamente irá ingressar na carreira de negócios.</u></i>
A5	<i>Acho <u>interessante</u> pois não tenho muito conhecimento da área técnica de negócios em inglês e <u>sinto que poderia ser muito útil para um futuro emprego.</u></i>
A6	<i>Acho que o livro utilizado atualmente não se aplica a todas as habilidades que precisamos aprimorar, bem como <u>sinto falta de mais conversação e situações para construção de argumentos.</u></i>

Fonte: A autora, 2021.

A1 e A6 tiveram várias aulas em que utilizaram o livro adotado pelo curso. A1 acredita que o livro possui exercícios que são úteis ao objetivo do curso, porém percebe que o ensino de inglês ancorado nele não faz parte de uma proposta de curso superior. Entendemos que para A1 a proposta não atende às necessidades, apesar dos exercícios que considera relevantes, uma vez que o curso LEANI é de graduação.

A6 também não apoia o ensino de inglês com foco no livro didático. Ela compreende que o material não atende as necessidades, que é preciso trabalhar mais a conversação e construção de argumentos. Pontos relevantes em um curso que tem as negociações internacionais como um pilar.

A fim de complementar a pergunta acima e de ter dados adicionais sobre a proposta, indaguei diretamente sobre o material didático.

Quadro 22 - Questionamento sobre o Material Didático

	13. Qual é a sua opinião sobre o material didático utilizado nas aulas?
A1	<i>Os materiais são ótimos como apoio e reforço, sobretudo gramatical, porém não deveriam ser "guias" da disciplina.</i>
A2	<i>É bom, alguns professores mesclam com outras informações.</i>
A3	<i>Não usamos um material didático específico (inglês II) o que não acho bom.</i>
A4	<i>Não gosto muito. Acho muito disperso porque o material vem mudando constantemente e também acho que é muito pouco para podermos avançar no inglês</i>
A5	<i>Eu não cheguei a ver o material sendo utilizado.</i>
A6	<i>Poderia ser mais específico em relação aos núcleos do curso. Poderia haver algumas disciplinas introdutórias e eletivas voltadas a desenvolver habilidades específicas, como <u>conversação em inglês, leitura em inglês, produção textual para diferentes necessidades</u>, porque acaba que o curso regular de inglês foca muito em gramática.</i>

Fonte: A autora, 2021.

Da mesma forma, vou fazer referência apenas aos dados de A1 e A6 para essa questão que complementa a anterior. A1 relata que o livro não poder ser uma bíblia a ser seguida, assim como Almeida Filho (2015) defende.

A6 preferia um material mais específico, em concordância com as diversas áreas do curso. Além de desenvolver habilidades específicas para atender a diferentes singularidades. Assim como A1, a aluna percebe o livro como material de aprendizado de gramática.

A1 e A6 entendem que o livro didático deixou muito a desejar a partir do momento que o enxergam como um material de apoio gramatical. Percebemos que os alunos tem uma visão do curso além dos negócios e de integração das áreas, com o determina o PPC (2017) do curso, embora mais focada nas negociações internacionais.

Concluimos que, para os alunos, a proposta baseada no livro didático não atende às necessidades. Como temos ressaltado na pesquisa, análise de necessidades é processo fundamental na elaboração de uma proposta de ensino de línguas e em todo o desenho dela (CELANI, 1981; HUTCHINSON; WATERS, 1987; DUDLEY-EVANS E ST JONHS, 1998; BELCHER, 2009).

Em suma, levando em consideração os alunos e professores, entendendo a proposta atual com base no livro didático, a asserção não está mantida. Percebemos que a visão da maioria dos participantes é de que a proposta não atende as necessidades do curso.

4.2.5 Asserção principal: A proposta pedagógica desenvolvida será baseada na produção, na construção do conhecimento a partir da colaboração, na busca pela autonomia, tendo o aluno como centro da aprendizagem, em diálogo com a abordagem de LinFE

Trouxemos para o final do capítulo a asserção principal por perceber que as análises das asserções anteriores nos ajudariam. Neste trecho, os diários, meu e dos alunos pesquisadores, e os questionários finais, dos alunos participantes e dos alunos pesquisadores são analisados. Vários trechos analisados que configuram as asserções anteriores já mantem a asserção principal, como por exemplo: (a oficina) *ênfatiza prática*, (tem como vantagem) *o desenvolvimento de técnicas de maneira autônoma e colaborativa*.

Vejam como AP4 enxerga a questão da autonomia

AP4: *(trabalho com base) [...] na autonomia, nesse processo, ultrapassa a duração de um curso de graduação.*

Percebam as reflexões de AP1 e AP3 sobre as necessidades apontadas. A seguir apresento um trecho do meu diário e, após faço a análise.

AP1 (questionário de avaliação): *Acredito que a proposta foi bem estruturada levando em consideração a análise de necessidades do curso e dos alunos, as lacunas do material adotado, os apontamentos trazidos pelos professores, e as contribuições dos ex-alunos que já se encontram no mercado de trabalho.*

AP3 (questionário de avaliação): *A principal vantagem a meu ver é poder trabalhar a língua junto aos gêneros e necessidades envolvidos na atuação e no interesse do aluno do curso.*

Percebam na minha reflexão os desafios encontrados.

PP (diário): *A proposta desenvolvida foi a que conseguimos desenhar depois de muitas reuniões [com os alunos pesquisadores] – base em LinFE e metodologias ativas. Foi difícil de fechar. Eu via os gêneros, logo percebi a cadeia, mas a simulação demorou a ser resolvida. [...] Temos muitas variáveis, número de alunos, internet que pode falhar, material mínimo - não sabemos as condições de impressão ou internet – tentar conteúdo disponível na internet sobre os assuntos. Muitos desafios!*

Tive dúvidas em relação à proposta para fechar a simulação. Porém, sempre deixei claro as bases dela, as quais não abri mão, LinFE e, também, as Metodologias Ativas que me

ajudaram a compor as atividades práticas e trazem teóricos as quais me alinho há bastante tempo, Freire (1996) e Vygotsky (1998) importantes nesta pesquisa.

Afirmamos que a proposta desenvolvida para a oficina LEANI *in Action* foi primeiramente baseada nos pressupostos de LinFE a partir do processo de análise de necessidades (HUTCHINSON; WATERS, 1987; DUDLEY-EVANS E ST JONHS, 1998; BELCHER, 2009). Percebemos, pelo número de participantes na pesquisa, que o levantamento de necessidades foi amplo uma vez que professores, egressos, alunos e uma funcionária de uma empresa pública participaram.

A partir dos resultados, escolhemos trabalhar com simulações com foco em negociação, visto que foi uma das atividades mais sugeridas na pesquisa. Escolhemos um tema principal que se relacionasse ao contexto atual e que nos possibilitasse fazer uma negociação entre países diferentes. Covid-19 foi o tema escolhido para trabalharmos todas as atividades práticas da oficina. Os gêneros discursivos foram escolhidos com base na cadeia de uma negociação. A interação acontecia em todo momento verbalmente e através de atividades escritas compartilhadas. Além disso, trabalhamos com questões importantes para um negociador como, a importância do discurso, da cultura, da língua inglesa no âmbito da língua franca e do *world English*. Os alunos produziram desde o primeiro dia, participaram de debates, escreveram e-mails, pautas de reunião, atas, relatórios; participaram de reuniões de negociação sobre o retorno às aulas, a realização de uma festa de casamento na pandemia previamente quitada e a negociação final sobre venda de vacinas entre órgãos do governo e farmacêuticas. Por fim, para a construção do estudo de caso, os alunos participantes da oficina tiveram que pesquisar sobre o ator o qual iriam representar, como negociam e a cultura. Foi uma grande atividade de desenvolvimento de autonomia e cooperação entre todos os participantes.

Sabemos que a proposta foi baseada nas questões da asserção principal e, de acordo com os resultados, percebemos que ela se mantém.

Apresentamos a seguir um quadro relacionando cada uma das asserções à situação em consonância com a análise dos dados a fim de resumir as questões levantadas nesta tese.

Quadro 23 - Aserções

Aserção	Situação
1: As necessidades dos alunos e do curso no que se refere ao ensino de língua inglesa são variadas	Mantida
2: Os participantes desta pesquisa, podem auxiliar com sugestões, de suas respectivas áreas e experiências	Mantida
3: As metodologias ativas auxiliam na criação de contextos autênticos (ou próximos a eles) de aprendizagem	Mantida
4: Alunos e professores acreditam que a proposta de ensino de língua inglesa do curso LEANI atende parcialmente as necessidades de aprendizagem	Não mantida
Principal: A proposta pedagógica desenvolvida será baseada na produção, na construção do conhecimento a partir da colaboração, na busca pela autonomia, tendo o aluno como centro da aprendizagem, em diálogo com a abordagem de LinFE	Mantida

Fonte: A autora, 2021.

Nas considerações finais, apresentaremos nossos encaminhamentos, procurando responder às perguntas que motivaram este estudo, assim como refletir sobre os novos caminhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Onde há um caminho, há uma escolha.

(Provérbio chinês)

O objetivo desta pesquisa foi desenvolver uma proposta pedagógica para o ensino de língua inglesa no curso LEANI, a partir do levantamento das necessidades dos alunos e do curso, baseada: i) nos pressupostos do ensino de línguas para fins específicos, e ii) na busca da autonomia, tendo o aluno como centro do processo de ensino-aprendizagem, a fim de capacitá-lo para diferentes contextos.

Na primeira parte, apresentamos uma revisão dos conceitos de LinFE, línguas para fins específicos, visto que esta pesquisa se passa em um curso que se caracteriza em tais conceitos. Apesar de percebermos que a abordagem LinFE não é utilizada pela maioria dos professores de línguas adicionais que passam ou estão lotados no curso, o bacharelado LEANI é um curso que possui necessidades e características específicas. Apresentamos um breve panorama histórico, as características e focamos na principal premissa da abordagem de LinFE que é a análise de necessidades. Tratamos das diversas funções do professor de fins específicos e de sua formação que influencia diretamente em uma proposta pedagógica de ensino. Abordamos também os gêneros discursivos que influenciaram a abordagem. E, por fim, apresentamos os novos cenários, ou seja, uma visão mais atualizada das pesquisas que tem sido desenvolvidas em LinFE.

Quando falamos de uma proposta de ensino baseada em LinFE, não podemos deixar de lado o material didático. Neste trabalho, fazemos uma compilação sobre as vantagens e desvantagens do material didático e abordamos a relevância da seleção e elaboração de material de línguas para fins específicos.

Logo após, tratamos de uma visão geral sobre as metodologias ativas que embasaram este trabalho a partir de conceitos como autonomia, senso crítico, colaboração, construção de conhecimento e interação e ainda ofereceram técnicas e modelos pedagógicos para esta pesquisa. Os principais teóricos dos quais nos ancoramos foram Freire (1996) e Vygotsky (1998). Os tipos de metodologias ativas utilizadas foram a sala de aula invertida e o estudo de caso. Seguimos também orientações da instrução por pares, da aprendizagem baseada em problemas e da aprendizagem baseada em projetos.

Na segunda parte da tese, apresentamos o tipo de pesquisa, o contexto do curso LEANI, os procedimentos de coleta e organização dos dados. Inicialmente, analisamos o

material didático de acordo com as orientações de Ramos (2003). Depois, entrevistamos professores e egressos do curso e uma profissional atuante na área. Em seguida, enviamos um link para os alunos do curso a fim de que pudessem se inscrever na oficina e, também, responder ao questionário de análise de necessidades. Com as respostas em mãos, partimos para o planejamento da oficina LEANI *in action*. A seguir, oferecemos a oficina de forma remota entre os meses de março e abril de 2021. Passamos, então, para fase de reflexão e novos questionamentos surgiram no ciclo da pesquisa.

A análise de dados foi organizada por asserções, termo apresentado por Bortoni-Ricardo (2008). As asserções nos ajudaram a entender os dados e suas relações. Analisamos cinco asserções no total. Através dos resultados dessa análise, entendemos que a proposta pedagógica da oficina foi baseada na produção, na construção do conhecimento a partir da colaboração, na busca pela autonomia, tendo o aluno como centro da aprendizagem, baseada na abordagem de LinFE.

Para responder a primeira questão de pesquisa “Por que a atual proposta pedagógica de ensino e aprendizagem de língua inglesa não atende às necessidades do bacharelado LEANI?”, iniciamos uma análise do livro didático trabalhado no curso. A análise nos mostrou que o material voltado para área de negócios não atende às necessidades do curso, principalmente pelo fato do curso LEANI possuir diversas áreas as quais o material não abarca. Na verdade, chegamos à conclusão de que o livro dá conta da parte de negócios, mas que talvez outras áreas não estejam sendo devidamente trabalhadas.

Para entendermos melhor até que ponto o material didático atendia ao público-alvo do curso de bacharelado LEANI, como segundo passo, entrevistamos as professoras de inglês que de alguma forma já colaboraram no curso e os alunos egressos. Além disso, aplicamos um questionário de análise de necessidades para os alunos participantes da oficina. De acordo com a análise das respostas das entrevistas e dos questionários, concluímos que os alunos e os egressos acreditam que a proposta baseada no livro didático não atende às necessidades do curso, porque não é uma proposta voltada para um curso superior e, principalmente, não apresenta questões das áreas do curso.

Por outro lado, percebemos que as professoras de inglês acreditam que o livro atende parcialmente tais necessidades, seja amparando com temas e estudos de caso ou sendo utilizado em um período do curso, por um ano. Acreditamos que mesmo que o livro didático de negócios fosse o material mais apropriado no assunto e para o curso, entendemos que aprender inglês no curso LEANI vai muito além de “aprender componentes lexicais de termos relativos à negócios ou ainda aprender uma linguagem específica para escrever um relatório

ou algo semelhante” (VIAN JR, 2008). Entendemos que o curso é amplo e as questões de negócios trazidas pelo livro didático podem ser incorporadas às atividades em conjunto com as diversas áreas.

Após definirmos que a proposta atual não atende às necessidades a partir das respostas dos participantes, planejamos uma oficina com os resultados da análise de necessidades feita com os alunos, com as sugestões dadas por professores dos diferentes núcleos, por egressos e pela profissional da área através das entrevistas e com as observações dos alunos pesquisadores em seus diários.

Partimos para responder à segunda questão de pesquisa “Qual a proposta pedagógica que melhor atende às necessidades do bacharelado LEANI?”

Buscando desenvolver uma proposta pedagógica mais adequada ao curso de bacharelado LEANI, desenvolvemos a oficina LEANI *in action*. Nessa oficina, escolhemos trabalhar a partir de simulações, pois elas foram apontadas como uma necessidade por professores, alunos e egressos. Abordamos também temas citados por professores e alunos como a questão da importância do discurso para um negociador e questões culturais que podem influenciar uma negociação. O tema principal da oficina foi a Covid-19 e a simulação final foi a negociação de vacinas no Brasil. Os materiais trabalhados foram alguns elaborados para atender as necessidades que surgiram durante a oficina, outros selecionados na internet. Os slides produzidos foram baseados nas teorias que trabalhamos, por exemplo, sobre cadeia de gêneros de negociação. Todos eles foram elaborados por nós, grupo de pesquisadores. Um destaque da pesquisa foi o trabalho construído com a participação dos alunos na aula através da observação de gêneros desde sua contextualização, estrutura até os pontos mais importantes sobre língua e produção com base na proposta de Ramos (2004). E, por fim, o trabalho com interação e colaboração com debate, simulação, estudos de caso, produção de gêneros a partir de documentos compartilhados e na construção do estudo de caso final com a participação de alunos pesquisadores e alunos participantes da oficina, e minha também.

Na oficina, conseguimos associar algumas sugestões práticas dos professores, como o exemplo de P4 na disciplina de Análise dos Cenários, e ainda articular sugestões de alunos participantes. Optamos pelas bases de LinFE e metodologias ativas com o objetivo de atender as necessidades do aluno e do curso LEANI com atividades práticas relacionadas ao contexto de atuação e, conseqüentemente, mais motivadoras. De fato, a escolha por uma proposta elaborada em conjunto confirma as informações apontadas pelos alunos participantes da oficina e pesquisadores de que a proposta da oficina é melhor para o contexto LEANI, por diversos motivos: “é adaptável às necessidades”, “é mais compatível com o mercado de

trabalho”, “tangencia diferentes campos do curso (turismo, marketing, terceiro setor) e áreas temáticas”, “dialoga com disciplinas ofertadas possibilitando o exercício da interdisciplinaridade”, “traz vivência dos alunos”, “é focada na ação, autonomia e colaboração”, “é uma proposta de ensino mais abrangente e realista para a atuação do aluno LEANI”. Podemos concluir que a proposta sugerida atendeu às necessidades do grupo com o qual trabalhamos. Ela pode servir de parâmetro para o trabalho com outras pessoas, mas não será replicada da mesma maneira, pois os contextos variam, os alunos serão outros e assim, as necessidades, também, serão diferentes.

Para que possamos conjugar a proposta da oficina ao curso, há vários passos a serem percorridos. O primeiro deles é a elaboração de novas ementas que estão sendo timidamente rascunhadas por mim com a ajuda dos alunos pesquisadores e professores das diversas áreas. Um dos desafios é pensar nos projetos que podem ser inseridos nos documentos. Na prática, precisamos da contrapartida da instituição, a contratação de um professor de inglês para o bacharelado LEANI, assim como acontece com as línguas espanhola e francesa. Apesar disso, seguimos trabalhando, eu e o grupo de alunos com o propósito de melhorar o ensino da língua inglesa no curso.

Sobre as limitações da pesquisa, em primeiro lugar podemos colocar a pandemia de Covid-19 que influenciou muito o trabalho da oficina. Tivemos que nos adaptar ao trabalho remoto porque as oficinas tinham sido pensadas para acontecer de forma híbrida, mas com boa parte da carga horária em sala de aula. Além disso, a oficina iniciaria em março de 2020, exatamente quando a pandemia começou. Nós ficamos aguardando o retorno das aulas presenciais. Havia uma informação inicial de que as aulas voltariam em três meses. Enfim, em outubro, o CEFET/RJ decidiu pelo trabalho remoto.

Tivemos que rever o esboço da oficina que à princípio teria carga horária maior. Percebemos que alunos e professores da instituição estavam se adaptando às especificidades do ensino remoto. Os alunos pesquisadores me sugeriram passar a oficina para o ano seguinte, pois acreditavam que naquele momento os alunos estavam sobrecarregados com os trabalhos e ainda se adaptando a situação. Dessa forma, a oficina acabou acontecendo em março de 2021 e ficamos com o tempo muito curto de trabalho. Tivemos que mudar o rumo da oficina e correr contra o tempo.

A pandemia também trouxe outras questões que atingiram os participantes da pesquisa, como o próprio vírus da covid-19 que atingiu a um aluno e a familiares de alunos. De fato, escrever uma tese na pandemia foi desafiador. Porém, tínhamos a certeza, que o

trabalho tinha que ser feito e que podíamos mostrar que apesar da pandemia, as pesquisas têm que acontecer.

Outro fator que acho que também foi uma questão difícil, foi a duração das entrevistas. Elaboramos várias perguntas, todas faziam sentido para pesquisa. Porém em algumas entrevistas, as respostas se prolongaram demais e acabaram gerando longas transcrições. De qualquer maneira, as entrevistas foram muito boas para que eu pudesse rever os colegas e compartilhar a pesquisa.

Outra limitação da presente pesquisa é que não foi possível abordarmos a questão de interdisciplinaridade, como seria a proposta inicial. O PPC do curso não faz menção a uma definição ou a uma linha de trabalho a ser desenvolvida. Dessa forma, resolvemos entender a interdisciplinaridade como a integração de disciplinas. Nesse sentido, apresentamos na seção 1.3 uma definição de projetos interdisciplinares. Porém, acreditamos que deve haver uma discussão com o colegiado do curso LEANI a fim de definir o trabalho nesse sentido.

As contribuições da pesquisa associam-se primeiramente ao curso LEANI. Acreditamos que a pesquisa pode ajudar ao colegiado do curso a pensar em uma proposta alinhada ao PPC levando em conta o caráter interdisciplinar descrito no documento. Além disso, a pesquisa vai contribuir para que o grupo de professores construam trabalhos em conjunto, mais voltados ao contexto de atuação do profissional LEANI, com projetos práticos. De certa forma, percebemos que a pesquisa já reverbera no curso. Dois dos alunos pesquisadores participaram de uma atividade no curso onde convidaram os professores para discutir o PPC do curso, principalmente a integração das disciplinas.

Acreditamos também que a proposta desenvolvida contribuiu para que os alunos sejam mais participantes no curso e se envolvam em pesquisas. Todos os alunos pesquisadores desta pesquisa são provenientes da monitoria e de projetos de extensão de língua inglesa que desenvolvemos no CEFET/RJ. Portanto, podemos afirmar que a extensão é um espaço de produção de conhecimento significativo onde os alunos podem desenvolver habilidades de pesquisa. Estamos formando pesquisadores, meninos e meninas curiosos e inquietos que buscam conhecimento e caminhos para solucionar problemas. Eles fizeram essa pesquisa acontecer de fato, abraçaram e se dedicaram ao trabalho. Com eles, aprendi muito sobre o curso. Não podemos deixar de mencionar a importância do incentivo do CEFET/RJ em trabalhos de extensão.

Outra contribuição que podemos encontrar na pesquisa é a relevância da análise de necessidades no desenho de um curso. Sugerimos uma proposta para o ensino de língua inglesa apoiada nas metodologias ativas (MORAN 2015; CAMARGO E DAROS 2018), na

cadeia de gêneros (BAZERMAN, 2005), na proposta de Ramos (2004). Entretanto, outras propostas são alinhadas a abordagem de LinFE, como exemplo, trabalho de Beato-Canato (2011) com sequências didáticas. Enfim, advogamos a favor de uma proposta que atenda a situação alvo e ao grupo de alunos.

A propósito, não podemos esquecer que os modelos das metodologias ativas e suas técnicas motivaram os alunos, aproximando-os a contextos reais tornando-os mais autônomos e participativos a partir de atividades práticas e pesquisas. Devemos mencionar que muitas práticas das metodologias ativas, como afirma Rabello (2021) estão incorporadas na sala de aula dos professores de línguas. Mas os modelos das metodologias ativas estimulam a autoaprendizagem e a curiosidade do aluno. O aluno aprende a analisar situações para chegar à solução de um problema de forma autônoma (CASTRO, 2019).

Uma contribuição trazida por PII é pensar na formalização de elaboração de material didático no CEFET-RJ a fim de que haja carga horária disponibilizada para esse fim. Mas, por outro lado, podemos pensar nas ferramentas que temos disponíveis, em materiais da internet como vídeos, filmes, artigos, em formulários online, que podemos utilizar, materiais que utilizamos na oficina com os alunos. Enfim, pensar em alternativas enquanto não temos o ideal da formalização.

Outro ponto importante na pesquisa é perceber que a formação em LinFE é essencial para que os professores entendam os contextos nos quais atuam. Os professores devem trabalhar a partir do processo de análise de necessidades de forma a conduzir melhor seus alunos no processo de ensino e aprendizagem. Esperamos que com a reforma das licenciaturas, para readequação dos cursos superiores de licenciatura, este ponto seja levado em consideração. Para os professores de línguas adicionais do bacharelado LEANI, cursos de formação continuada devem ser levados em consideração. Os professores, para se manterem informados e ativos, ou ainda conhecerem a abordagem LinFE, precisam estar dispostos a dar continuidade a sua formação nesse âmbito. O trabalho com fins específicos não se resume a adoção de um material que tenha como foco uma determinada área, como por exemplo a de negócios. Precisamos ampliar a noção que os professores têm sobre a abordagem.

A participação de todos os integrantes deste trabalho culminou em uma pesquisa que vai continuar graças as informações detalhadas que conseguimos. A pesquisa foi de fato colaborativa e os alunos foram essenciais nesse caminho. Eles realmente são o centro do processo de ensino e aprendizagem.

Esta análise aponta para futuros desdobramentos, a seguir apresentados. Em primeiro lugar, vamos rever as ementas de língua inglesa do curso e reformulá-las com base

interdisciplinar de acordo com os resultados desta pesquisa. Um segundo ponto é ampliar a pesquisa para o ensino de línguas adicionais, francês e espanhol, a partir dos dados das entrevistas com as respectivas professoras. Podemos pensar em uma proposta alinhada nas três línguas. Outro desdobramento é o trabalho associado à empresas. Tivemos a sugestão de participar da organização de um evento internacional em um hotel. Acreditamos que trabalhos de aprendizagem-serviço (BACHICH e MORAN, 2018) devem ser ampliados em convênios com empresas de diferentes setores.

Para finalizar, posso afirmar que a pesquisa me transformou. Pude compreender a importância do trabalho colaborativo com os alunos pesquisadores, que fielmente me deram as mãos para desenvolver esta tese. Além disso, percebi quão entusiasmados e motivados os alunos ficam, alunos pesquisadores e participantes, quando participam ativamente de uma atividade, como nas simulações, como protagonistas do processo de ensino e aprendizagem. Os alunos pesquisadores ajudaram a planejar as atividades e os alunos participantes se envolveram nelas, pesquisando sobre o tema, sobre culturas e até mesmo incorporando personagens. A construção do trabalho com os alunos me moveu e me trouxe até aqui, caminhamos juntos. Como ponto para reflexão, concluímos, apesar de não ser uma conclusão, que a pesquisa não está fechada, e sim, em processo. Afinal de contas, como uma pesquisa-ação, não sabemos onde isso vai dar, mas o processo, a pesquisa, continua firme e forte.

REFERÊNCIAS:

- ABDALLA, Glória Cortés. Ensino de espanhol para o curso de secretariado executivo: análise de necessidades e desafios atuais. *In: SILVA JÚNIOR, Antonio Ferreira Da. Línguas para fins específicos: revisando conceitos e práticas*. Campinas, SP: Pontes Editores, p. 117-132, 2019.
- ALCÂNTARA, A. C. B. Análise e elaboração de material didático de língua inglesa para o curso LEANI. *In: SEMANA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, 2016, Rio de Janeiro. Anais...* Rio de Janeiro: CEFET-RJ, 2016.
- ALCÂNTARA, A. C. B. *Análise do gênero NOR sob a ótica da linguística sistêmico-funcional*. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- ALCÂNTARA, A. C. B.; OLIVEIRA, R. B. S. ; OLIVEIRA, J. P. A relevância da análise de necessidades para o design de cursos. *In: SILVA JÚNIOR, Antonio Ferreira da. Línguas para fins específicos: revisando conceitos e práticas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019. p. 85-98.
- ALMEIDA, FILHO, J.C.P. Dimensões Comunicativas no Ensino de Línguas. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.
- ALMEIDA FILHO, J.C.P. de. Escolha e produção de materiais didáticos para o ensino de língua com aquisição. *In: ALMEIDA FILHO, J.C.P. de. Quatro estações no ensino de línguas*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.
- ANTHONY, Laurence. English for specific purpose: What does it mean? Why is it different? 1997. Disponível em: <http://www.antlab.sci.waseda.ac.jp/abstracts/ESParticle.html> Acesso em: 10 nov. 2006.
- ANTHONY, Laurence. Defining English for specific purposes and the role of the ESP practitioner. 2003. Disponível em: <http://www.antlab.sci.waseda.ac.jp/abstracts/Aizukiyo97.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2006.
- ARANTES, P. C. C.; DEUSDARÁ, B.; BRENNER, A. K. Língua e alteridade na acolhida a refugiados: por uma micropolítica da linguagem. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v.13, n.2, p. 1196-1207, abr./jun. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2016v13n2p1196/32092>. Acesso em: 01 dez. 2020.
- ARANTES, P. C. C.; DEUSDARÁ, B.; BRENNER, A. K. “É um problema de todo mundo”: conceitos, métodos e práticas no ensino de português para refugiados. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 15, n. 3, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2018v15n3p3226>. Acesso em: 01 dez. 2020.
- ARAÚJO, I. S.; MAZUR, E. Instrução pelos colegas e ensino sob medida: uma proposta para o engajamento dos alunos no processo de ensino-aprendizagem de física. *Cad. Bras. Ens. Fís.*, v. 30, n. 2, p. 362-384, 2013. Acesso em: jan. 2021.
- BACICH, Lilian; MORAN, José (org.). *Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática*. Porto Alegre: Penso, 2018.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BASTURKMEN, Helen. *Ideas and options in English for specific purposes*. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 2006.
- BAZERMAN, C. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. São Paulo: Cortez, 2005.
- BELCHER, D. English for specific purposes: Teaching to perceived needs and imagined futures in worlds of work, study, and everyday life. *TESOL quarterly*, v. 40, n. 1, p. 133-156, 2006. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/40264514>. Acesso em: 02 out. 2019.
- BELCHER, D. What ESP is and can be: An introduction. In: BELCHER, D. (ed.). *English for specific purposes in theory and practice*. Michigan: ELT, 2009. p. 1-20.
- BENDER, William N. Envolvendo os alunos por meio da aprendizagem baseada em projetos. In: BENDER, William. *Aprendizagem baseada em projetos para o século XXI*. Porto Alegre: Penso, 2014.
- BERTOLDO, E. S. Linguística aplicada e formação de professores de língua estrangeira. In: FREITAS, Alice Cunha de; CASTRO, Maria de Fátima F. Guilherme de (org.). *Língua e literatura - ensino e pesquisa*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2003. v. 1, p. 123-142.
- BHATIA, V. *Analysing genre: language use in professional settings*. London: Longman, 1993
- BUCK INSTITUTE FOR EDUCATION. *What is Project Based Learning (PBL)?* Disponível em: <https://www.buckinstitute.org/education/>. Acesso em: 2 fev. 2021.
- BLOOR, M. The English language and ESP teaching in the 21st century. In: MEYER, F.; BOLIVAR, A.; FEBRES, J.; SERRA, M. B. (ed.). *ESP in Latin America*. Bogotá: Universidad de los Andes; CODEPRE, 1997.
- BORTONI-RICARDO, S.M. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola, 2008.
- CAMARGO, F.; DAROS, T. *A sala de aula inovadora: estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo*. Porto Alegre: Penso Editora, 2018.
- CARVALHO, Gisele de. Gêneros como ação social em Miller e Bazerman: o conceito, uma sugestão metodológica e um exemplo de aplicação. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- CARVALHO, K. R. R. Análise de Necessidades de aprendizagem de alunos de Língua Inglesa em um curso de Letras. *The ESPecialist*, v. 33, n. 1, p. 45-65, 2012.
- CASTRO, A. C. R. *Curso de metodologias ativas para a aprendizagem* (bases pedagógicas e práticas). Rio de Janeiro: Contraponto Projetos Educacionais, 2019.
- CELANI, M. A. A. O ensino de inglês instrumental em universidades brasileiras. *Revista virtual The ESPecialist*, São Paulo, v. 3, 1981.
- CELANI, M. A. A. Relevância da linguística aplicada na formulação de uma política educacional brasileira. In: FORTKAMP, M.B.M.; TOMITCH, L.M.B. (org.) *Aspectos da linguística aplicada*. Florianópolis: Insular, 2000.
- CELANI, M. A. A. *Professores e formadores em mudança: relato de um processo de reflexão e transformação da prática docente*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

- CELANI, M. A.A; FREIRE, M. M.; RAMOS, R. de C. G. (org.). *A abordagem instrumental no Brasil: um projeto, seus percursos e seus desdobramentos*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: EDUC, 2009.
- CELANI *et al.* *ESP in Brazil: 25 years of reflection and evolution*. Campinas: Mercado de Letras, 2005.
- CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes; BEATO-CANATO, Ana Paula Marques. A formação de professores de línguas para fins específicos com base em gêneros textuais. *DELTA*. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, v. 32, p. 45-74, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/delta/v32n1/0102-4450-delta-32-01-00045.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2017.
- CUNNINGSWORTH, A. *Choosing your coursebook*. Oxford: Heineman, 1995.
- DAHER, M. Del C. F. G. Quando informar é gerenciar conflitos: a entrevista como estratégia metodológica. *The ESPecialist*, São Paulo, v. 19, n. esp., p. 287-303, 1998.
- DAROS, Thuine. Metodologias ativas: aspectos históricos e desafios atuais. In: CAMARGO, Fausto; DAROS, Thuine. *A sala de aula inovadora*. Porto Alegre: Penso, 2018.
- DAVIS, C. Piaget ou Vygotsky: uma falsa questão. *Revista Viver: Mente e Cérebro, Coleção Memória da Pedagogia*, Segmento-Duetto, São Paulo, n. 2, p. 38-49, 2005. (Coleção memória da pedagogia, 2).
- DICK, B. *A beginner's guide to action research*. 2000. Disponível em: <http://www.scu.edu.au/schools/gcm/ar/arp/guide.html>. Acesso em: 8 de maio de 2021.
- DORNELES, C; IRALA, V. B. O Diário de formação em um programa de iniciação a docência: imaginários e dilemas dos escreventes. In: REICHMANN, Carla L. (org.). *Diários reflexivos de professores de línguas: ensinar, escrever, refazer (- se)*. Campinas, SP: Editores, 2013
- DUDLEY-EVANS; SAINT JOHNS, *Developments in English for specific purposes*. Cambridge : Cambridge University Press, 1998.
- EDGE, J.; WHARTON, S. Autonomy and development: living in the materials world. In: TOMILINSON, B. *Materials development in language teaching*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- EGGINS, Suzanne. *An introduction to systemic functional linguistics*. 2nd edition, New York: continuum, 2004.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 38. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2004.
- FREITAS, M. T. *Vygotsky & Bakhtin*. Psicologia e educação: um intertexto. São Paulo: Ática, 1995.
- GALLIMORE, Ronald; THARP Roland. O pensamento educativo na sociedade: ensino, escolarização e discurso escrito. In: MOLL, Luis C. *Vygotsky e a educação: implicações pedagógicas da psicologia sóciohistórica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 161-199.
- GATEHOUSE, Kristen. *Key Issues in English for Specific Purpose (ESP) Curriculum Development*. 2001. Disponível em: <http://www.iteslj.org?Articles/Gatehouse-ESP.html>. Acesso em: 14 nov. 2006.
- GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo : Atlas, 2008.

- GRABE, WILLIAM; KAPLAN, ROBERT. (ed.). *Introduction to applied linguistics*. Reading, Mass.: Addison-Wesley, 1991.
- HEWINS, Martin. *A history of ESP through "English for Specific Purposes"*. 2002. Disponível em: http://www.esp-world.info/Articles_3/Hewings_paper.htm. Acesso em: 18 out. 2005.
- HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional language*. London: Edward Arnold, 1985.
- HASAN, R. The structure of a text. In: HALLIDAY, M.A.K.; HASAN, R. *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- HOLMES, John. *What do we mean by ESP?* Projeto de Ensino de Inglês Instrumental em Universidades Brasileiras. Working Paper 2. São Paulo: PUC-SP, 1981.
- HOLMES, John. The Teacher as Researcher. In: CELANI, M. A. A.; DEYES, F.; HOLMES, J. L.; SCOTT, M. R. *ESP in Brazil: 25 years of revolution and reflection*. São Paulo: Mercado de Letras, 2005. p. 343-392.
- HOWATT, A. P. R. *A history of English language teaching*. Oxford: Oxford University Press, 1984.
- HUTCHINSON, T.; WATERS, A. *English for specific purposes: a learning-centered Approach*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- JOHNS, A. N.; PALTRIDGE, B.; BELCHER, D. *Introduction: new directions in English for specific purposes research*. Michigan: ELT, 2011. Disponível em: <http://www.press.umich.edu/titleDetailDesc.do?id=371075>. Acesso em: out. 2019
- JOLLY, David; BOLITHO, Rod. A framework for materials writing. In: TOMLINSON, Brian. *Materials development in language teaching*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p. 90-115.
- LABELLA-SÁNCHEZ, Natalia. Análise de necessidades com base em gênero para orientar a produção de material didático em espanhol: gêneros profissionais do ramo imobiliário. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 14, p. 635-660, 2014.
- LABELLA-SÁNCHEZ, N.; DESTEFANI, D. C. E.; TELLES, R. O uso de entrevistas semiestruturadas como base para uma análise de necessidades voltada para a identificação de gênero de texto. In: SILVA JÚNIOR, Antonio Ferreira Da. *Línguas para fins específicos: revisando conceitos e práticas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019. p. 155-170.
- LEFFA, V. J. Como produzir materiais para o ensino de línguas. In: LEFFA, Vilson J. (org.). *Produção de materiais de ensino: teoria e prática*. Pelotas: EDUCAT, 2003. p. 13-38.
- LEFFA, V. J.; IRALA, V.B. o Ensino de outras línguas na contemporaneidade. In: LEFFA, V. J.; IRALA, V.B. *Uma espiadinha na sala de aula: ensinando línguas adicionais no Brasil*. Pelotas: Educat, 2014. p. 21-48
- LIMA-LOPES, R.; RAMOS, R. de C. G. *Avaliação de materiais*. ESPtec – Inglês Instrumental para o sistema de educação profissional de nível técnico. Curso online. PUCSP/VITAE. 2004. Disponível em: http://www.cogae.dialdata.com.br/vitae/999/1/2/midiateca/upload/BancoLeitura_AvaliacaoMateriais.pdf. Acesso em: 13 ago. 2005.
- MARCONDES, D. *Filosofia, linguagem e comunicação*. São Paulo: Cortez. 2000.

- MINAYO, M. C. de S. Técnica de pesquisa. In: Técnicas de pesquisa: entrevista como técnica privilegiada de comunicação. In: MINAYO, M. C. de S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010. p. 261- 297.
- MINAYO, M. C de S. *O desafio do Conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde*. 8ª ed. São Paulo: Hucitec; 2004.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016
- MAGALHÃES, M. C. C. O professor de línguas como pesquisador de sua ação: a pesquisa colaborativa. In: GIMENEZ, T. (org.). *Trajetórias na formação de professores de línguas*. Londrina: UEL, 2002. p. 39-58.
- MARTIN, J. R. *Context: register, genre and ideology. English texts – systems and structure*. Philadelphia;Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1992.
- MASUHARA, Hitomi. What do teachers really want from coursebooks? In: TOMLINSON, Brian. *Materials development in language teaching*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p. 239-260.
- MAZUR, Eric. *Peer Instruction for Active Learning – Canal Serious Science*, 18 jun. 2014. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Z9orbxoRofl>. Acesso em: 20 mar. 2021.
- MORÁN, José. Mudando a educação com metodologias ativas. In: SOUZA, Carlos Alberto de; MORALES, Ofelia Elisa Torres (org.). *Convergências midiáticas, educação e cidadania: aproximações jovens*. Ponta Grossa, PR: Foca Foto-PROEX, UEPG, 2015. (Coleção Mídias Contemporâneas, 2). Disponível em: http://www2.eca.usp.br/moran/wpcontent/uploads/2013/12/mudando_moran. Acesso em: 03 julho 2019.
- MOTTA-ROTH, D. Rhetorical features and disciplinary cultures: a genre-based study of academic book reviews in linguistics, chemistry and economics. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995.
- OLIVEIRA, R. B. S. ; SILVA JÚNIOR, A. F; ALCÂNTARA, A. C. B. A inserção do Bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas no cenário do CEFET-RJ: histórico e papel dos idiomas. *SEDA - Revista de Letras da Rural/RJ*, v. 2, p. 43-55, 2018.
- O'NEILL, Robert. Why use textbooks? *ELT Journal*, v. 36, n. 2, p. 104-111, 1982.
- ONODERA, Jorge. *Análise de necessidades do uso da Língua Inglesa na execução de tarefas em uma empresa multinacional*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - PUC, São Paulo, 2010.
- ONODERA, Jorge. Análise de Necessidades: inglês para árbitros de Triathlon-Rio 2016. *Revista Intercâmbio*, São Paulo, v. 32, p. 84-101, 2016.
- PACHECO, E. *Institutos Federais: uma revolução na educação profissional e tecnológica*. São Paulo: Fundação Santillana, Editora Moderna, 2011
- PALTRIDGE, B. Developments in English for specific purposes research. *JALT OnCUE*, v. 9, n. 2, p. 73-85, 2015.
- PEREZ, Olívia Cristina. O Que é Interdisciplinaridade? Definições mais comuns em Artigos Científicos Brasileiros. *Interseções*, [Rio de Janeiro], v. 20, n. 2, p. 454-472, dez. 2018.

- PINTO, Márcia Mathias. *O inglês no mercado de trabalho do secretário executivo bilíngue: uma análise de necessidades*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- PLATAFORMA A. *Metodologias ativas: O que é? Como aplicar e as mais conhecidas. Desafios da Educação* - site. Disponível em: <https://desafiosdaeducacao.grupoa.com.br/metodologias-ativas/>. Acesso em: 7 abr. 2021
- RABELLO, Cintia. *Metodologias ativas no ensino de graduação*. Canal no Youtube: Práticas e diálogos: experiências de ensino-aprendizagem. Acesso em: 12 abr. 2021.
- RAMOS, R. C. G. Afinal, o que é esse tal de ESP? In: SEMINÁRIO NACIONAL DE INGLÊS INSTRUMENTAL, 15.; SEMINÁRIO NACIONAL DE LÍNGUAS INSTRUMENTAIS, 3., 2001, Ilhéus. *Anais...* Ilhéus: Universidade Estadual de Santa Cruz, 2001.
- RAMOS, R. C. G. Instrumental no Brasil: a desconstrução de mitos e a construção do futuro. In: FREIRE, M. M.; ABRAHÃO, M. H. V.; BARCELOS, A. M. F. (org.). *Linguística aplicada e contemporaneidade*. São Paulo: ALAB; Campinas: Pontes, 2005.
- RAMOS, R. C. G. Gêneros textuais: proposta de aplicação em cursos de Língua Estrangeira para Fins Específicos. *The ESPecialist*, v. 24, n. 2, p. 107-129, 2004.
- RAMOS, R. C. G. Esp in Brazil: history; new trends and challenges. In: KRZANOWSKI, M. (ed.). *English for academic and specific purposes in developing, emerging and least developed countries*. 1.ed. Canterbury: IATEFL, 2008. v. 01, p. 68-83.
- RAMOS, R. C. G. A história da abordagem instrumental na PUC-SP. In: CELANI, M.A.A.; RAMOS, R.C.G.; FREIRE, M.M. (org.). *A abordagem instrumental no Brasil: um projeto, seus percursos e seus desdobramentos*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: EDUC, 2009.
- RAMOS, R. C. G. Afinal, O que é LINFE? In: CONGRESSO NACIONAL DE LÍNGUAS PARA FINS ESPECÍFICOS, 2., 2012, Tatuapé. *Anais...* São Paulo: FATEC-Tatuapé, 2012.
- RAMOS, R. C. G. Tendências de ensino de inglês para fins específicos em contextos profissionais. In: SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS EM INGLÊS AERONÁUTICO, 1., 2015, São José dos Campos, SP. *Anais...* São José dos Campos, SP: [s.n.], 2015.
- RAMOS, R. C. G. Gênero, IFA e design de cursos: relato de uma experiência. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 33, n. 3, p. 787-810, 2017.
- RAMOS, R. de C. G.; SANTOS, V. B. M. P. dos. *Procedimentos para a Elaboração de Material Didático*. ESPtec – Inglês instrumental para o sistema de educação profissional de nível técnico. Curso online. São Paulo: PUCSP/VITAE, 2004. Disponível em: http://www.cogae.dialdata.com.br/vitae/999/1/2/midiateca/upload/U5_P1_Texto1_Procedimentos.pdf. Acesso em: 13 ago. 2005.
- RIBEIRO, E. M. D. A. M. A contribuição do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ) na formação de professores de Línguas para Fins Específicos. 2020. 197f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- RIBEIRO, L. R. C. *Aprendizagem baseada em problemas (PBL): uma experiência no ensino superior*. São Carlos: EdUFSCar, 2008. e-book Kindle.
- RICHARDS, J. C. *The role of textbooks in a language program*. Cambridge, UK: Cambridge University Press. 2001. Disponível em: http://www.cup.org.br/articles/articles_21.html. Acesso em: 8 jul. 2005.

- RICHARDS, J. *The role of textbooks in a language program*. Disponível em: <http://www.professorjackrichards.com/wp-content/uploads/role-of-textbooks.pdf>. Acesso em: 04 out. 2017.
- ROBINSON, P. *ESP today: a practitioner's guide*. Hertfordshire: Prentice Hall International, 1991.
- ROBINSON, P. *ESP (English for Specific Purpose)*. Oxford; New York: Pergamon Press, 1980. p. 1-40.
- ROJO, R. (org.). *Escola conectada: os multiletramentos e as TICs*. São Paulo: Parábola, 2013.
- ROSSINI, A. M. Z. P.; BELMONTE, J. Panorama do ensino-aprendizagem de línguas para fins específicos: histórico, mitos e tendências. In: LIMA-LOPES, R. E. de.; FISCHER, C. R.; GAZOTTI-VALLIM, M. A. (Orgs.). *Perspectivas em Línguas para Fins Específicos: Festschrift para Rosinda Ramos*. Coleção: Novas Perspectivas em Linguística Aplicada, v. 41. Campinas: Pontes Editores, 2015.
- VALLIM, M. A. (org.). *Perspectivas em Línguas para Fins Específicos: Festschrift para Rosinda Ramos*. Campinas: Pontes Editores, 2015. p. 347-359.
- ROSSINI, A. M. Z. P. ; BELMONTE, J. ; CARVALHO, K. R. R. O ensino do gênero contratos internacionais em um curso de inglês para fins específicos na área jurídica. *The Specialist*, São Paulo, v. 33, p. 173-191, 2012.
- ROCHA, Décio O S SANT'ANNA, V. L. A. ; DAHER, Maria Del Carmen F González ; da . A entrevista em situação de pesquisa acadêmica: reflexões numa perspectiva discursiva. *Polifonia* (UFMT), Cuiabá, v. 8, p. 161-180, 2004.
- SCHÖN, D.A. *Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2000
- SEIDLHOFER, B. *Understanding English as a lingua franca*. Oxford: Oxford University Press, 2011.
- SILVA JÚNIOR, Antonio Ferreira da. O ensino de espanhol num centro federal de educação tecnológica: articulando saberes. *Revista FACEVV*, v.5, p. 13-22, 2010.
- SILVA JÚNIOR, Antonio Ferreira da. Unidade didática para aula de espanhol no contexto da pandemia Covid-19. *Revista Linguagens & Letramentos*, Cajazeiras, PB, v. 5, n. 1, jan./jun. 2020.
- SOUZA, Andréa Braga. Complexidade e línguas para fins específicos: tecendo um diálogo conceitual. *The ESPECIALIST*, São Paulo, v. 37, n. 1, p. 31-53, dez. 2016.
- STREET, Brian. *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- STREVEENS, P. ESP after twenty years: a re-appraisal. In: TICKOO, M. L. (ed.): *ESP: state of the art*. [S.l.]: SEAMEO Regional Language Centre, 1988. P. 1-3. (Anthology series, 21).
- STUTZ, Lidia. (org.). *Modelos didáticos de Gêneros Textuais: As construções dos alunos professores do PIBID Letras inglês*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014. (Coleção Educação e Linguagem, 10).
- SWALES, J. *Genre analysis*. Cambridge: CUP, 1990.
- TEIXEIRA, Karyn Liane. Aprendizagem baseada em projetos: estratégias para promover a aprendizagem significativa. In: FOFONCA, E; BRITO, G. da S.; ESTEVAM M.; CAMAS,

- N. P. V. (org.). *Metodologias pedagógicas inovadoras: contextos da educação básica e da educação superior*. Curitiba: Editora IFPR, 2018. v. 2, p.47-56.
- TOMLINSON, Brian. *Materials development in language teaching*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p. viii-xiv.
- TOMLINSON, Brian. *Materials development in language teaching*. 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press. 2011.
- TOMLINSON, Brian; Masuhara, H. (ed.). *Applied linguistics and materials development*. London: Continuum. 2012.
- TUDGE, J. Vygotsky, a zona de desenvolvimento proximal e a colaboração entre pares: implicações para a sala de aula. In: MOLL, Luis C. *Vygotsky e a educação: implicações pedagógicas da psicologia sócio-histórica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 151-165.
- VALENTE, J. A. A sala de aula invertida e a possibilidade do ensino personalizado: uma experiência com a graduação em midialogia. In: BACICH, L; MORAN, J. (org.). *Metodologias ativas para uma educação inovadora*. São Paulo: Penso Editora, 2018.
- VIAN JR 2008 A análise de necessidades no ensino de inglês em contextos profissionais. *The ESpecialist*, v. 29, n. 2, 2008.
- VIAN JR, O. Conceito de gênero e análise de textos e vídeos institucionais. 1997. 129 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.
- VIAN JR, O. Estruturas potenciais de gênero na análise textual e no ensino de línguas. *Linguagem e (Dis)curso*, v. 9, n. 2, p. 387-410, 2009.
- VIAN JR, O. A formação inicial do professor de línguas para fins específicos. In: LIMA-LOPES, R.; FISHER, C.R.; GAZOTTI-VALLIM (org.). *Perspectivas em Línguas para Fins Específicos: Festschrift para Rosinda Ramos*. Campinas: Pontes Editores, 2015. p. 187-208.
- VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Versão organizada por COLE, Michael *et al*, tradução José Cipolla Neto *et al*. São Paulo: Martins Fontes. 1998.
- VYGOTSKY, L. S. *Psicologia pedagógica*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes. 2004.
- VILAÇA. Márcio L.C. English for specific purposes: fundamentos do ensino de inglês para fins específicos. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*, n. 34, 2010.
- WATERS, Alan. ESP - Back to the Future!. *The ESP*, São Paulo, v. 9, n.1-2, p. 27-43, 1988.
- ZACCARELLI, Laura Menegon; GODOY, Arilda Schmidt. Perspectivas do uso de diários nas pesquisas em organizações. *Cad. EBAPE.BR*, v. 8, n. 3, set. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1679-39512010000300011>. Acesso em: 10 fev. 2020.

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista para professores de inglês

Parte 1 – Agradecimento pela participação.

Parte 2 – Breve explicação e descrição da entrevista.

Parte 3 - Explicação sobre o termo de consentimento.

Parte 4 - Perguntas.

	OBJETIVO	PROBLEMA	ASSERÇÃO	PERGUNTA/ROTEIRO
Formação e experiência	Verificar como formação e experiência auxiliam no desenvolvimento de uma proposta para o ensino de inglês no bacharelado LEANI.	Como a formação e experiência influenciam no desenvolvimento de uma proposta para o ensino de inglês?	A formação e a experiência em sala de aula de língua inglesa contribuem para uma visão ampla sobre uma proposta de ensino de inglês em um curso de graduação.	1. Fale um pouco sobre a sua formação acadêmica. Onde estudou? Qual o curso? Quando? Fez alguma especialização? 2. Onde trabalhou antes de vir para uma instituição federal de ensino? 3. Qual é a sua função/cargo na instituição? Há quanto tempo trabalha nela? Além de dar aula, quais outras atribuições você têm na instituição?
Opinião dos professores em relação à proposta de ensino de inglês atual	Levantar informações sobre a visão dos professores em relação a proposta de ensino de língua inglesa atual.	Como os professores veem a proposta de ensino de língua inglesa?	Os professores de inglês que auxiliam atualmente no curso LEANI acreditam que o livro didático não deve ser o principal guia em uma aula de língua inglesa.	4. O que você acha da atual proposta de ensino de língua inglesa do curso LEANI baseada na adoção de um livro de <i>business</i> ?
Abordagem de LinFE	Analisar se o professor trabalha com a abordagem de ensino de LinFE e sua principal premissa, a análise de necessidades	Os professores adotam a abordagem de LinFE?	Os professores de língua inglesa apresentam diferentes visões e crenças sobre o ensino de LinFE. Alguns seguem o trabalho baseado em LinFE, porém outros apresentam trabalho parcialmente amparado na abordagem.	5. Você tem alguma formação na abordagem de LinFE? Fale um pouco sobre como adquiriu conhecimento da abordagem. 6. Você trabalha com os pressupostos de Línguas para Fins Específicos? Caso negativo, em qual abordagem baseia as suas aulas? 7. Você fez algum levantamento de necessidades dos alunos e/ou da situação-alvo antes de iniciar o trabalho no curso LEANI? Se afirmativo, de que forma? 8. Quais são as necessidades de aprendizagem dos alunos e do curso LEANI?
Nova proposta de ensino de língua inglesa	Identificar, de acordo com a experiência dos professores, como podem colaborar no desenvolvimento de uma nova proposta de ensino de língua inglesa no curso LEANI.	De que forma os professores de inglês podem ajudar no desenvolvimento de um projeto de ensino da língua?	As professoras colaborarão com conhecimento que possuem sobre metodologia de ensino de língua inglesa, gêneros textuais, multiletramentos e interdisciplinaridade.	9. Na sua opinião, qual seria a melhor proposta de ensino de língua inglesa no curso LEANI? - Metodologia - Conteúdo - Projeto interdisciplinar - Principais pilares da proposta

APÊNDICE B – Roteiro da entrevista para professores dos núcleos diversos (negociações internacionais, linguagem, cultura e sociedade, administração, economia e direito)

Parte 1 – Agradecimento pela participação.

Parte 2 – Breve explicação e descrição da entrevista.

Parte 3 - Explicação sobre o termo de consentimento.

Parte 4 --Perguntas.

	OBJETIVO	PROBLEMA	ASSERÇÃO	PERGUNTA/ROTEIRO
Formação e experiência	Verificar como formação e experiência auxiliam no levantamento de necessidades da situação-alvo.	Como a formação e experiência influenciam no levantamento de necessidades da situação-alvo?	A formação e a experiência dos professores dos núcleos de Negociações Internacionais, Turismo e Eventos, Linguagem, Cultura e Sociedade e Administração, Economia e Direito auxiliam bastante no conhecimento das necessidades do mercado de trabalho.	1. Fale um pouco sobre a sua formação acadêmica. Onde estudou? Qual o curso? Quando? Fez alguma especialização? 2. Você tem alguma formação em inglês? Fez algum curso, intercâmbio ou estudou na universidade? Fale um pouco sobre a experiência. 3. Onde trabalhou antes de ser professor em uma instituição federal? Como foi a sua experiência? 4. Há quanto tempo trabalha nesta instituição de ensino? Qual é a sua função/cargo? Quais são suas atribuições além de dar aulas? - Relatar a experiência na instituição de ensino
Análise de necessidades	Analisar as necessidades dos alunos e do curso LEANI em Negociações Internacionais, Turismo e Eventos e Cultura no que se relacionam com aprendizagem de língua inglesa.	O que deve ser trabalhado com os alunos do curso LEANI em língua inglesa em conjunto com outras áreas?	Os professores devem fazer referência às áreas de importação e exportação, diplomacia, eventos e ao terceiro setor para atuação como analista internacional. Devem citar temas sociais de importância global.	5. Quais são as necessidades dos alunos e do curso LEANI na área de Negociações Internacionais em relação à aprendizagem de língua inglesa? - Gêneros textuais importantes - Projetos interdisciplinares - Temas relevantes - Situações de negociação em inglês importantes para o profissional LEANI
Projeto ou proposta de trabalho inter ou multi disciplinar	Investigar sobre a possibilidade de fazer um projeto em conjunto com as disciplinas da área de Negociações Internacionais/ Turismo e Eventos/ Linguagem, Cultura e Sociedade e Língua Inglesa e o planejamento dele.	Quais projetos são possíveis trabalhar em conjunto com língua inglesa e Negociações Internacionais/ Turismo e Eventos/ Linguagem, Cultura e Sociedade e como desenvolvê-lo?	Os professores devem propor um projeto baseado em leitura de textos acadêmicos na respectivas áreas de temas relevantes para os alunos e um trabalho prático como simulações de negociação.	6. De que forma é possível trabalhar com uma proposta multi e/ou interdisciplinar com as disciplinas de Negociações Internacionais e de Língua Inglesa? 7. Você pode colaborar com o planejamento de atividades que visam um trabalho multi e interdisciplinar das disciplinas de Negociações Internacionais e de Língua Inglesa? Como você desenvolveria tal planejamento?

APÊNDICE C - Roteiro de entrevista para professoras de francês e espanhol

Parte 1 – Agradecimento pela participação. Parte 2 – Breve explicação e descrição da entrevista.		Parte 3 - Explicação sobre o termo de consentimento. Parte 4 --Perguntas.		
	OBJETIVO	PROBLEMA	ASSERÇÃO	PERGUNTA/ROTEIRO
Formação e experiência	Verificar como formação e experiência auxiliam no desenvolvimento de uma proposta para o ensino de línguas inter e multidisciplinar no bacharelado LEANI.	Como a formação e experiência influenciam no desenvolvimento de uma proposta inter e multidisciplinar?	A formação e a experiência contribuem para uma visão ampla sobre uma proposta de ensino inter e multidisciplinar em um curso de graduação.	1. Fale um pouco sobre a sua formação acadêmica. Onde estudou? Qual o curso? Quando? Fez alguma especialização? 2. Onde trabalhou antes de vir para uma instituição federal de ensino? 3. Qual é a sua função/cargo na instituição? Há quanto tempo trabalha nela? Além de dar aula, quais outras atribuições você tem na instituição?
Opinião dos professores em relação à proposta de ensino de inglês/línguas atual	Levantar informações sobre a visão dos professores em relação a proposta de ensino de línguas atual.	Como os professores veem a proposta atual de ensino de língua?	Os professores de línguas adicionais que atuam no curso LEANI acreditam que o livro didático auxilia no processo de aquisição de uma língua adicional.	4. O que você acha da atual proposta de ensino de línguas adicionais do curso LEANI baseada na adoção de um livro didático?
Abordagem de LinFE	Analisar se o professor trabalha com a abordagem de ensino de LinFE e sua principal premissa, a análise de necessidades	Os professores adotam a abordagem de LinFE?	Os professores de línguas adicionais apresentam diferentes visões e crenças sobre o ensino de LinFE. Seguem parcialmente o trabalho baseado em LinFE.	5.Você tem alguma formação na abordagem de LinFE? Fale um pouco sobre como adquiriu conhecimento da abordagem. 6.Você trabalha com os pressupostos de Línguas para Fins Específicos? Caso negativo, em qual abordagem baseia as suas aulas? 7.Você fez algum levantamento de necessidades dos alunos e/ou da situação-alvo antes de iniciar o trabalho no curso LEANI? Se afirmativo, de que forma? 8.Quais são as necessidades de aprendizagem dos alunos e do curso LEANI?
Projeto ou proposta de trabalho inter ou multidisciplinar	Investigar sobre a possibilidade de fazer um projeto das disciplinas de línguas francesa ou espanhola em conjunto com inglês.	Quais projetos são possíveis trabalhar em conjunto com língua inglesa e línguas francesa ou espanhola e como desenvolvê-los?	Os professores devem propor projetos multilíngues.	9. De que forma é possível trabalhar com uma proposta multi e/ou interdisciplinar com as disciplinas de línguas francesa ou espanhola e de Língua Inglesa? 10. Você pode colaborar com o planejamento de atividades que visam um trabalho multi e interdisciplinar das disciplinas de línguas francesa ou espanhola e de Língua Inglesa? Como você desenvolveria tal planejamento?

APÊNDICE D - Roteiro de entrevista para funcionária pública

Parte 1 – Agradecimento pela participação.

Parte 2 – Breve explicação e descrição da entrevista.

Parte 3 - Explicação sobre o termo de consentimento.

Parte 4 --Perguntas.

	OBJETIVO	PROBLEMA	ASSERÇÃO	PERGUNTA/ROTEIRO
Formação e experiência	Verificar como formação e experiência auxiliam no levantamento de necessidades da situação-alvo.	Como a formação e experiência influenciam no levantamento de necessidades da situação-alvo?	A experiência nas áreas de Tradução e RI auxiliam bastante no conhecimento das necessidades do mercado de trabalho.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Fale um pouco sobre a sua formação acadêmica. Onde estudou? Qual o curso? Quando? Fez alguma especialização? 2. Onde trabalhou antes de vir para esta empresa? Qual a sua função? Como foi a sua experiência? <ul style="list-style-type: none"> - Abordar a experiência como professora de inglês em uma universidade pública. 3. Há quanto tempo trabalha nesta empresa? Qual é a função e missão da sua empresa? 4. Qual o seu cargo atual e o que faz? Quais outros cargos já teve na empresa e quais foram os departamentos? <ul style="list-style-type: none"> - Relatar a experiência na empresa
Análise de necessidades	Investigar sobre a necessidade da situação-alvo, ou seja, analisar o que é necessário aprender em inglês para atuar no mercado de trabalho em termos concretos como os gêneros a serem estudados.	Quais são as necessidades de aprendizagem em língua inglesa para atuar nos setores de tradução e RI da sua empresa?	O profissional LEANI precisa aprender os gêneros relacionados à área de Negociação, aprender os termos da referida área e a própria negociação em inglês. Gêneros como reunião, ata, email e a prática com atividades de estudo de caso são importantes nas áreas.	<ol style="list-style-type: none"> 5. Por que o inglês é necessário nos setores de Tradução e RI na sua empresa? <ul style="list-style-type: none"> - Como, onde, quando e com quem a língua inglesa é usada - Áreas de conteúdo 6. O que um profissional LEANI precisa aprender para atuar nas áreas de RI e Tradução na empresa em que você trabalha? 7. Quais situações comunicativas e gêneros são importantes em língua inglesa para atuar nas áreas de tradução e RI?

APÊNDICE E - Roteiro de entrevista para alunos egressos

Parte 1 – Agradecimento pela participação.

Parte 2 – Breve explicação e descrição da entrevista.

Parte 3 - Explicação sobre o termo de consentimento.

Parte 4 --Perguntas.

	OBJETIVO	PROBLEMA	ASSERÇÃO	PERGUNTA/ROTEIRO
Opinião dos alunos egressos em relação à proposta de ensino de inglês atual	Levantar informações sobre a visão dos alunos em relação a proposta de ensino de língua inglesa atual	Como os alunos veem a proposta de ensino de língua inglesa?	Há diferentes visões no que tange a utilização de um livro didático em uma aula de língua inglesa: - o livro didático não corresponde as expectativas, pois é maçante, repetitivo; - o livro didático pode ser adaptado, considerando outros materiais disponíveis na internet.	1. Qual é a sua opinião sobre a proposta de ensino de língua inglesa do curso LEANI baseada na adoção de um livro de didático?
Análise de Necessidades	Investigar sobre a necessidade da situação-alvo, ou seja, analisar o que é necessário aprender em inglês para atuar no mercado de trabalho.	O que um profissional LEANI precisa aprender em língua Inglesa para atuar no mercado de trabalho ou ainda na empresa em que você atua?	O profissional LEANI precisa aprender os gêneros relacionados à área de Negociação, aprender os termos da referida área e a própria negociação em inglês.	2. O que um profissional LEANI precisa aprender em inglês para atuar na empresa em que você trabalha? - Empresa onde trabalha; - Como, onde, quando e com quem a língua inglesa é usada; - Áreas de conteúdo, gêneros, tarefas.
Projeto ou proposta interdisciplinar ou multidisciplinar	Identificar, de acordo com a experiência do aluno no curso e/ou no mercado de trabalho, as disciplinas que se relacionam com a de língua inglesa no sentido de se fazer um trabalho multi e/ ou interdisciplinar.	De que forma podemos trabalhar com outras disciplinas?		4. De acordo com a experiência que você tem agora, quais disciplinas podem ser associadas à língua inglesa para auxiliar em uma proposta de ensino multi ou interdisciplinar? - União de disciplinas de diferentes núcleos com o ensino de língua inglesa - Contribuição de outras disciplinas para o ensino de língua inglesa. - Projeto ou proposta de alinhamento de disciplinas.

APÊNDICE F - Formulário de inscrição na oficina (Modelo para formulário eletrônico)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Esta oficina faz parte da pesquisa intitulada ‘NOVOS CAMINHOS: O ENSINO DE INGLÊS PARA FINS ESPECÍFICOS NO BACHARELADO LEANI’, conduzida por Alessandra Cristina Bittencourt Alcântara. Este estudo tem por objetivo apresentar uma proposta pedagógica para o ensino de língua inglesa no curso LEANI (Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais) que tenha como base os pressupostos do ensino de línguas para fins específicos alinhado às metodologias ativas.

Você pode se inscrever na oficina por fazer parte do corpo discente do curso LEANI e, dessa forma contribuir para o desenvolvimento de práticas pedagógicas de língua inglesa aplicadas ao curso. Sua participação é importante, mas não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo. As aulas acontecerão nos dias _____, de ____ às ____h na plataforma _____.

Caso sinta algum desconforto, sinta-se à vontade para não participar mais da oficina ou da pesquisa. Ou ainda, considere a possibilidade de não responder alguma pergunta do questionário inicial ou final ou não participar de alguma fase do estudo. Destaco que a participação não é remunerada nem implicará em gastos. Caso haja alguma despesa, como cópia de materiais, a professora pesquisadora arcará com os custos.

A pesquisa é qualitativa e será desenvolvida a partir de análise de experiências coletivas, interações, com aulas na(s) oficina(s) remota(s), com produção de material, com foco em práticas pedagógicas das metodologias ativas como aprendizagem baseada em tarefas, aprendizagem baseada em projetos e, principalmente, os estudos de caso. Sua participação nesta pesquisa consistirá em auxiliar na coleta de dados a partir do processo de análise de necessidades respondendo aos questionários inicial e final. É importante mencionar que o questionário inicial e o de avaliação final foram elaborados de forma a serem respondidos remotamente em formulário eletrônico. O primeiro questionário diz respeito ao levantamento de questões que visam analisar as necessidades do curso, alunos e situação-alvo, ou seja, analisar as especificidades que irão delimitar a proposta pedagógica da oficina de língua inglesa. E, no final, o questionário tem o objetivo de avaliar a oficina que apresenta a nova proposta de ensino de inglês e a proposta atual do curso.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação. A professora pesquisadora se comprometeu a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos.

Seguem os telefones e o endereço institucional da pesquisadora responsável e do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, agora ou a qualquer momento.

Contatos da pesquisadora responsável:

Alessandra Cristina Bittencourt Alcântara

E-mail alessandra.alcantara@cefet-rj.br

Telefones (21) _____ ou (21) 2566-2938.

Endereço Institucional: Av. Maracanã, 229, bloco: E, 2º andar - Coordenação de Línguas Estrangeiras Aplicadas do Ensino Superior, Maracanã - Rio de Janeiro, RJ

Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524, sala 3018, bloco E, 3º andar, - Maracanã - Rio de Janeiro, RJ, e-mail: etica@uerj.br - Telefone: (021) 2334-2180.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa. Dessa forma,

() concordo em participar () não concordo em participar

Caso você queira participar da pesquisa e da oficina, complete os dados abaixo e responda ao questionário a seguir pra que possamos aprimorar o ensino de língua inglesa no curso LEANI.

E-mail: _____

Nome completo: _____

Telefone: _____

Matrícula: _____

Última disciplina de língua inglesa cursada: _____

QUESTIONÁRIO DE ANÁLISE DE NECESSIDADES

1. Por que você faz o bacharelado LEANI?
2. Como você acha que aprende melhor inglês, lendo, ouvindo, repetindo, assistindo à vídeos...?
3. Quais são as fontes de aprendizagem de inglês disponíveis pra você?
4. Qual é o seu nível de inglês? Como considera o seu desenvolvimento na língua (exemplo: lê bem, fala razoavelmente, tem dificuldade pra compreender...)?
5. O que você acha da proposta atual de ensino de língua inglesa do curso LEANI com a adoção de um livro didático de negócios?
6. Qual é a sua opinião sobre o material didático utilizado nas aulas?
7. Qual é a sua necessidade de aprendizagem em língua inglesa e o que gostaria de aprender nessas aulas?
8. O que é importante aprender em inglês no curso para que possa atuar como profissional LEANI futuramente?
9. Quais disciplinas podem ser associadas à língua inglesa para auxiliar em uma proposta de ensino multi ou interdisciplinar?

APÊNDICE G - Exercícios da oficina (amostra)

If- Clauses

Before answering the questions, read the explanation on British Council website

<https://learnenglish.britishcouncil.org/grammar/intermediate-to-upper-intermediate/conditionals-1>

<https://learnenglish.britishcouncil.org/grammar/intermediate-to-upper-intermediate/conditionals-2>

Answer the following questions. Write down at least 3 sentences for each question.

What "changes" would you like to make in the COVID-19 scenario in Brazil? (For instance, If people were more responsible, we would be in a better situation...)

Sua resposta

What will you do when everybody gets fully vaccinated?

Sua resposta

What would you have done if you had known about Covid-19 before the virus had spread around the world?

Sua resposta

Enviar

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. [Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Política de Privacidade](#)

Google Formulários

Email and agenda

This form is to help you with the genres we studied on our first class. The idea of the exercises is to prepare you for the simulation. We are going to correct it in class. ;)

Rewrite the sentences using formal language

I want to know about your proposal

Sua resposta _____

I am really excited about our next meeting.

Sua resposta _____

More and more employees are engaged in this project.

Sua resposta _____

You have to send an email to your boss

Sua resposta _____

Genres: Email and agenda

Dear students, let's study about the email and the agenda structures. Are they rigid or more flexible genres? What do you think? Let's talk about it on our next meeting.

What is a professional email like? What is its structure?

- Introduction and conclusion
- List of items and signature
- Subject, salutation, body, closing/signature
- Salutation, body, closing/signature

APÊNDICE H - Formulário de avaliação da oficina para alunos
(apresentado no último dia da Oficina e enviado por email)

Avaliação da Oficina LEANI in Action: Novos Caminhos

Querid@ alun@ pesquisador@,
Seguem abaixo algumas perguntas referentes à avaliação da oficina LEANI in Action a qual você participou desde o planejamento. Precisamos da sua colaboração a fim de que possamos refletir e aprimorar o ensino de língua inglesa no curso LEANI.
Agradecemos a sua participação na pesquisa,
Profa. Alessandra.

***Obrigatório**

E-mail *

Seu e-mail _____

O que você achou da proposta de ensino de inglês trabalhada na oficina?

Sua resposta _____

Quais foram as vantagens e desvantagens da proposta da oficina?

Sua resposta _____

Qual é a proposta de ensino de inglês que melhor atende às suas necessidades e as da situação-alvo (do curso LEANI)? Por quê?

Sua resposta _____

Uma cópia das suas respostas será enviada para o endereço de e-mail fornecido

Enviar

APÊNDICE I - TCLE aluno egresso

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada 'NOVOS CAMINHOS: O ENSINO DE INGLÊS PARA FINS ESPECÍFICOS NO BACHARELADO LEANI', conduzida por Alessandra Cristina Bittencourt Alcântara. Este estudo tem por objetivo apresentar uma proposta pedagógica para o ensino de língua inglesa no curso LEANI (Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais) que tenha como base os pressupostos do ensino de línguas para fins específicos, alinhado às metodologias ativas.

Você foi selecionado(a) por ter feito parte do corpo discente do curso LEANI e, dessa forma poder contribuir para o desenvolvimento de práticas pedagógicas de língua inglesa aplicadas às negociações internacionais. Sua participação é importante, mas não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo.

Ressalto que toda pesquisa possui riscos, mesmo que mínimos como cansaço ou até mesmo limitação tecnológica para responder questionários eletrônicos. Caso sinta algum desconforto, sinta-se à vontade para não participar mais da pesquisa. Ou ainda, considere a possibilidade de não responder alguma pergunta da entrevista. Destaco, ainda, que a participação não é remunerada nem implicará em gastos. Caso haja alguma despesa, a professora pesquisadora arcará com os custos.

A pesquisa é qualitativa e será desenvolvida a partir de análise de experiências coletivas, interações, com aulas em curso de extensão, com produção de material, com foco em práticas pedagógicas das metodologias ativas como aprendizagem baseada em tarefas e os estudos de caso. Sua participação nesta pesquisa consistirá em auxiliar na coleta de dados a partir do processo de análise de necessidades com uma entrevista que será gravada. As questões visam analisar as necessidades do curso, alunos e situação-alvo, ou seja, analisar as especificidades que irão delimitar a proposta pedagógica da(s) oficina(s) de língua inglesa proposta por esta pesquisa.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação. A professora pesquisadora se compromete a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos.

Caso você concorde em participar desta pesquisa, imprima o documento já assinado por mim, , rubrique na primeira folha, coloque a data e assine na segunda, escaneie e envie para o meu email uma via apenas, mantenha outra com você. Caso isso não seja possível, me comprometo a levar e pegar o termo, em duas vias, na sua casa. Seguem os telefones e o endereço institucional do pesquisador responsável e do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, agora ou a qualquer momento.

Contatos da pesquisadora responsável:

Alessandra Cristina Bittencourt Alcântara

E-mail alessandra.alcantara@cefet-rj.br Telefones (21) _____ ou (21) 2566-2938.

Endereço Institucional: Av. Maracanã, 229, bloco: E, 2º andar - Coordenação de Línguas Estrangeiras Aplicadas do Ensino Superior, Maracanã - Rio de Janeiro, RJ

Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524, sala 3018, bloco E, 3º andar, - Maracanã - Rio de Janeiro, RJ, e-mail: etica@uerj.br - Telefone: (021) 2334-2180.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa, e que concordo em participar.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de ____.

Assinatura do(a) participante: _____ Assinatura da pesquisadora : _____

APÊNDICE J - TCLE professores

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada 'NOVOS CAMINHOS: O ENSINO DE INGLÊS PARA FINS ESPECÍFICOS NO BACHARELADO LEANI', conduzida por Alessandra Cristina Bittencourt Alcântara. Este estudo tem por objetivo apresentar uma proposta pedagógica para o ensino de língua inglesa no curso LEANI (Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais) que tenha como base os pressupostos do ensino de línguas para fins específicos, alinhado às metodologias ativas.

Você foi selecionado(a) por fazer parte do corpo docente do curso LEANI ou ter colaborado com o curso LEANI dando aulas. Dessa forma, você pode contribuir para o desenvolvimento de práticas pedagógicas de língua inglesa aplicadas às negociações internacionais. Sua participação é importante, mas não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo.

Toda pesquisa possui riscos, mesmo que mínimos como cansaço ou até mesmo limitação tecnológica para responder questionários eletrônicos. Caso tenha algum desconforto, sinta-se à vontade para não participar mais da pesquisa. Ou ainda, considere a possibilidade de não responder alguma pergunta da entrevista. Além disso, é importante ressaltar que a participação não é remunerada nem implicará em gastos. Caso haja alguma despesa, a professora pesquisadora arcará com os custos.

A pesquisa é qualitativa e será desenvolvida a partir de análise de experiências coletivas, interações, com aulas em oficina(s) remota(s), com produção de material, com foco em práticas pedagógicas das metodologias ativas como aprendizagem baseada em tarefas e estudos de caso. Sua participação nesta pesquisa consistirá em auxiliar na geração de dados a partir de uma entrevista que será gravada. As questões levantadas visam analisar as necessidades do curso, alunos e situação-alvo, a fim de delimitar a proposta pedagógica da(s) oficina(s) de língua inglesa proposta por esta pesquisa.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação. A professora pesquisadora se compromete a tornar os dados públicos nos meios acadêmicos e científicos e os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos.

Caso você concorde em participar desta pesquisa, imprima o documento já assinado pela pesquisadora, rubrique na primeira folha, coloque a data e assine na segunda, escaneie e envie para o email da própria pesquisadora que segue abaixo. Caso isso não seja possível, a pesquisadora se compromete a levar e pegar o termo, em duas vias, na sua casa. Seguem os telefones e o endereço institucional do pesquisador responsável e do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, agora ou a qualquer momento.

Contatos da pesquisadora responsável:

Alessandra Cristina Bittencourt Alcântara

E-mail alessandra.alcantara@cefet-rj.br Telefones (21) _____ ou (21) 2566-2938.

Endereço Institucional: Av. Maracanã, 229, bloco: E, 2º andar - Coordenação de Línguas Estrangeiras Aplicadas do Ensino Superior, Maracanã - Rio de Janeiro, RJ

Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com a pesquisadora responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524, sala 3018, bloco E, 3º andar, - Maracanã - Rio de Janeiro, RJ, e-mail: etica@uerj.br - Telefone: (021) 2334-2180.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa, e que concordo em participar.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de _____.

Assinatura do(a) participante: _____ Assinatura da pesquisadora: _____

APÊNDICE K - TCLE funcionária pública**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidada a participar, como voluntária, da pesquisa intitulada ‘NOVOS CAMINHOS: O ENSINO DE INGLÊS PARA FINS ESPECÍFICOS NO BACHARELADO LEANI’, conduzida por Alessandra Cristina Bittencourt Alcântara. Este estudo tem por objetivo apresentar uma proposta pedagógica para o ensino de língua inglesa no curso LEANI (Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais) que tenha como base os pressupostos do ensino de línguas para fins específicos, alinhado às metodologias ativas.

Você foi selecionada por ser servidora de uma empresa pública que oferece possibilidades de inserção de um profissional LEANI e, dessa forma poder contribuir para o desenvolvimento de práticas pedagógicas de língua inglesa aplicadas às negociações internacionais. Sua participação é importante, mas não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo.

Ressalto que toda pesquisa possui riscos, mesmo que mínimos como cansaço ou até mesmo limitação tecnológica para responder questionários eletrônicos. Caso sinta algum desconforto, sinta-se à vontade para não participar mais da pesquisa. Ou ainda, considere a possibilidade de não responder alguma pergunta ou não participar de alguma fase do estudo. Destaco, ainda, que a participação não é remunerada nem implicará em gastos. Caso haja alguma despesa, a professora pesquisadora arcará com os custos.

A pesquisa é qualitativa e será desenvolvida a partir de análise de experiências coletivas, interações, com aulas em oficina remota, com produção de material, com foco em práticas pedagógicas das metodologias ativas como aprendizagem baseada em tarefas e estudos de caso. Sua participação nesta pesquisa consistirá em auxiliar na coleta de dados a partir de uma entrevista que será gravada. As questões levantadas visam analisar as necessidades do curso, alunos e situação-alvo, ou seja, analisar as especificidades que irão delimitar a proposta pedagógica da oficina de língua inglesa proposta por esta pesquisa.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação. A professora pesquisadora se compromete a tornar os dados públicos nos meios acadêmicos e científicos e os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos.

Caso você concorde em participar desta pesquisa, imprima o documento já assinado pela pesquisadora, rubrique na primeira folha, coloque a data e assine na segunda, escaneie e envie para o email da própria pesquisadora que segue abaixo. Caso isso não seja possível, a pesquisadora se compromete a levar e pegar o termo, em duas vias, na sua casa. Seguem os telefones e o endereço institucional do pesquisador responsável e do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, agora ou a qualquer momento.

Rubrica do participante

Rubrica do pesquisador

Contatos da pesquisadora responsável:

Alessandra Cristina Bittencourt Alcântara

Email alessandra.alcantara@cefet-rj.br Tel. (21) _____ ou (21) 2566-3022 no Depto. Línguas Estr. Apl.

Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524, sala 3018, bloco E, 3º andar, - Maracanã - Rio de Janeiro, RJ, e-mail: etica@uerj.br - Telefone: (021) 2334-2180.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa, e que concordo em participar.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de _____.

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura da pesquisadora : _____

APÊNDICE L - TCLE alunos grupo de extensão e monitora**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada 'NOVOS CAMINHOS: O ENSINO DE INGLÊS PARA FINS ESPECÍFICOS NO BACHARELADO LEANI', conduzida por Alessandra Cristina Bittencourt Alcântara. Este estudo tem por objetivo apresentar uma proposta pedagógica para o ensino de língua inglesa no curso LEANI (Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais) que tenha como base os pressupostos do ensino de línguas para fins específicos, alinhado às metodologias ativas.

Você foi selecionado(a) por fazer parte do corpo discente do curso LEANI e auxiliar com estudos e projeto de extensão de língua inglesa. Dessa forma, você pode contribuir para o desenvolvimento de práticas pedagógicas de língua inglesa aplicadas às negociações internacionais. Sua participação é importante, mas não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo.

Ressalto que toda pesquisa possui riscos, mesmo que mínimos como cansaço ou até mesmo limitação tecnológica para responder questionários eletrônicos. Caso sinta algum desconforto, sinta-se à vontade para não participar mais da pesquisa. Ou ainda, considere a possibilidade de não participar de alguma fase. Destaco, ainda, que a participação não é remunerada nem implicará em gastos. Caso haja alguma despesa, a professora pesquisadora arcará com os custos.

A pesquisa é qualitativa e será desenvolvida a partir de análise de experiências coletivas, interações, com aulas em oficina(s), com produção de material, com foco em práticas pedagógicas das metodologias ativas como aprendizagem baseada em tarefas e os estudos de caso. Sua participação consistirá em apoiar o processo de análise de necessidades dos alunos e do curso LEANI em todas as fases da pesquisa desde a divulgação da(s) oficina(s) até a avaliação final da(s) oficina(s). Além disso, você fará anotações em um diário eletrônico a fim de destacar questões que considere importantes para o estudo.

Ressalto que os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação e a de todos os envolvidos. Por isso, não podemos divulgar nomes ou qualquer característica que comprometam o anonimato dos participantes. A professora pesquisadora se compromete a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos.

Caso você concorde em participar desta pesquisa, imprima o documento já assinado pela pesquisadora, rubrique na primeira folha, coloque a data e assine na segunda, escaneie e envie para o email da própria pesquisadora que segue abaixo. Caso isso não seja possível, a pesquisadora se compromete a levar e pegar o termo, em duas vias, na sua casa. Seguem os telefones e o endereço institucional do pesquisador responsável e do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, agora ou a qualquer momento.

Contatos da pesquisadora responsável:

Alessandra Cristina Bittencourt Alcântara

E-mail alessandra.alcantara@cefet-rj.br Telefones (21) _____ ou (21) 2566-2938.

Endereço Institucional: Av. Maracanã, 229, bloco: E, 2º andar - Coordenação de Línguas Estrangeiras Aplicadas do Ensino Superior, Maracanã - Rio de Janeiro, RJ

Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524, sala 3018, bloco E, 3º andar, - Maracanã - Rio de Janeiro, RJ, e-mail: etica@uerj.br - Telefone: (021) 2334-2180.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa, e que concordo em participar.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de _____.

Assinatura do(a) participante: _____ Assinatura da pesquisadora : _____

APÊNDICE M – Termo de autorização para desenvolvimento da pesquisa**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DESENVOLVIMENTO DE PESQUISA NA
INSTITUIÇÃO**

Venho por meio deste documento, dar ciência de que a pesquisadora ALESSANDRA CRISTINA BITTENCOURT ALCÂNTARA está autorizada a desenvolver o projeto intitulado 'NOVOS CAMINHOS: O ENSINO DE INGLÊS PARA FINS ESPECÍFICOS NO BACHARELADO LEANI', no campus Maracanã. Declaro, para os devidos fins, que estou ciente de que a pesquisadora supracitada é do quadro efetivo do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET-RJ) e desenvolve atividades de pesquisa neste campus. Caso necessário, a qualquer momento, a pesquisadora poderá ter o termo de autorização cancelado, se comprovada que as atividades causaram algum prejuízo para esta instituição ou para os participantes envolvidos no estudo.

**MARCELO DE
SOUSA
NOGUEIRA** Assinado de forma
digital por MARCELO
DE SOUSA NOGUEIRA
Dados: 2020.04.16
17:32:49 -03'00'

Marcelo de Sousa Nogueira

Diretor-Geral *Pro Tempore* CEFET-RJ

APÊNDICE N - Transcrição da entrevista – P1
(Professor do Núcleo de Linguagem, Cultura e Sociedade)

PP: Bom, assim, primeiro, assim, a gente quer te agradecer por topar participar. É sempre um grande prazer ter você com a gente.

P1: O prazer é todo meu.

PP: Então, assim, primeiro agradecer. Segundo, assim, te falar que essa entrevista, ela faz parte da minha pesquisa de doutorado, essa pesquisa começa no CEFET, começa dentro de projetos de extensão que eu tive lá atrás. Começa ainda com a minha primeira orientanda, que foi a Amanda. E a gente começa o trabalho de descoberta, né? Primeiro, assim, que o curso é esse, que para mim era tão novo e como é que o inglês podia ajudar esses alunos na caminhada acadêmica e principalmente profissional deles. E quando eu iniciei no curso o curso era um curso que adotava, e adota o livro didático e aquilo me incomodava um pouco, porque eu sempre achei, assim, que o curso de graduação é um curso que preza muito por uma pesquisa, por uma questão de a gente ter os profissionais autônomos que os alunos se tornassem mais autônomos, né? E o livro é sempre muito previsível. Ele nem sempre atende o que... o que é esperado pela gente, pelos alunos. Então aí começa a minha caminhada com uma proposta mesmo pedagógica, talvez. Talvez também seja muito forte falar em proposta pedagógica, mas uma proposta, mesmo, de ensino de língua inglesa. E eu começo a conversar muito com esses meninos, não só com os colegas, mas, principalmente, com os alunos. E, aí, eu achei um grupo que abraçou isso e que achava, assim, que eu estava no caminho certo. A gente tem muitas incertezas, né? Assim... a gente... Ainda mais quando você é sozinho num curso, o único professor sozinho, então gera muita, muita incerteza. Será esse mesmo caminho? E esses alunos, assim, abraçaram e começaram a pesquisar junto comigo. Então, assim, por isso é uma pesquisa é... colaborativa mesmo. Eu tenho, aí, a ajuda deles, sempre, de vocês. Eu tenho uma pessoa que trabalha numa empresa que também ajuda a gente sempre que a gente precisa. E é isso, essa é a ideia.

É... eu te mandei por e-mail aquele termo de esclarecimento de pesquisa falando, assim, da preservação do anonimato. As suas informações, elas vão ser divulgadas somente academicamente dentro dessa pesquisa e vão ajudar a gente na construção de uma nova proposta. É exatamente para isso que a gente vai utilizar as informações. Sobre o anonimato, é importante falar que eu cito o nome do CEFET na pesquisa e vou citar porque eu tenho que falar sobre LEANI enquadrar LEANI dentro de um centro tecnológico e falar como é que esse curso aparece dentro desse centro tecnológico. Então eu vou ter que falar da história do CEFET, da história do curso, também. Você está aí?

P1: ... O seu áudio cortou bastante. Tá picotando muito. Eu estava conseguindo acompanhar, mas agora, picotou de vez.

AP4: É, deu problema no áudio.

PP: Vocês ouviram até que parte? (...)

P1: (...) Só para você saber, eu ouvi direitinho até você (...) ia mencionar o nome do CEFET, porque faz parte da rede tecnológica. Daí para frente eu não ouvi mais.

PP: Isso, isso. Na verdade, a inserção do curso dentro de um centro tecnológico. Então, eu menciono o CEFET na minha pesquisa. O curso, o CEFET, enfim, ele é mencionado. Bom, acho que é, basicamente, isso. Explicar o que é a pesquisa, explicar porque que esses alunos estão aqui. Acho muito importante. A nome da aluna tá aí? Não vejo a (nome da aluna).

AP4: Estou aqui, firme e forte.

PP: (risos) Se não me ouvirem, é só falar. Então, eu dividi o roteiro de entrevista em três blocos. Então, eu tenho um bloco que fala de formação e experiência. Eu tenho o segundo bloco, que é relacionado a análise de necessidades e o terceiro bloco, que fala de uma proposta de um projeto, de uma proposta futura. Eu, quando enviei para você, destaquei algumas questões. Não sei se você leu, mas, assim, eu destaquei algumas questões, que era só para ficar mesmo... para saber que aquilo ali era relevante. Então, assim, primeiro a gente queria saber um pouco da tua formação acadêmica, onde você estudou, que curso você fez, se fez alguma especialização.

P1: (inaudível) Eu vi que você mandou o roteiro, mas eu preferi não ler, porque, se não, eu acho que eu ia ficar meio... “preparando aula”, então eu preferi não ler. Aí eu achei melhor saber daqui... mais espontaneamente.

Bom, então você me agradeceu, eu também te agradeço pelo convite. Para mim é muito legal poder contribuir com você, minha colega de trabalho, minha amiga pessoal e também poder participar de um projeto que tem a ver com o nosso bacharelado, que, enfim, é o meu lugar de trabalho, eu gosto bastante de trabalhar lá. Então, me motivo muito a participar, aqui, com você e contribuir da maneira que eu puder. Bom, então a minha formação é toda na área de Letras... depois que eu saí do ensino médio, eu fiz a graduação em Letras (inaudível), entrei para Português e Literaturas e depois fiz um processo interno de transferência passei a fazer Português-Espanhol. Eu estudei na (*nome universidade pública*) e na (*nome universidade pública*), então, a gente faz bacharelado e licenciatura. Então eu cumpri o bacharelado. Aí, precisei ficar mais um ano na universidade para terminar os créditos da formação de professores. É... é para falar de formação e experiência, né?

PP: Aham... É, a formação... primeiro eu vou te perguntando da formação acadêmica, e vou...

P1: Tá. Então... Aí, depois de... acho que uns dois anos, mais ou menos, talvez um pouquinho menos. Eu fiz um curso de especialização na (*nome universidade pública*) que era voltado para professores de espanhol. Naquele momento, isso era... isso foi no ano de 2000 e eu fiz a seleção em 2004 e comecei a estudar em 2005. A gente ainda falava muito de língua instrumental, que é uma nomenclatura que, entre professores de espanhol, a gente usa muito. Até hoje. Quero dizer, “a gente” não, porque hoje em dia, eu nem dou aulas de espanhol. Mas eu sei que as professoras de espanhol mantêm essa nomenclatura. Então o curso era um curso de língua espanhola instrumental. Então era para ensinar o espanhol de maneira instrumental para a leitura. E aí fiz esse curso de especialização da (*nome universidade pública*). Aí a (*nome universidade pública*) me abriu, enfim, um campo de conhecimento, de pesquisa, novo que me fez voltar, depois de um tempo, para o mestrado. Aí eu voltei para a (*nome universidade pública*), fiz um mestrado no Programa de Letras Neolatinas. Enfim, aí, esse é um programa que se divide em duas áreas e cada uma delas em várias áreas. Então, a minha área era estudos linguísticos voltados para o espanhol. Então, fiz um... fiz um mestrado, na (*nome universidade pública*), voltado para a formação de professores e... identidade do professor de espanhol. Era essa a... esse era o recorte temático, né? E aí depois... depois disso, fiz o doutorado. Depois, também... em geral, eu acho que foi sempre um intervalo de dois anos entre uma formação e outra. Um ano e meio, dois anos. E aí, depois fui pra (*nome universidade privada*), porque, no meio do mestrado, eu comecei a me interessar muito pelos estudos de gênero e sexualidade, né?... dentro dos estudos linguísticos. Eu fiz uma disciplina no mestrado e, aí, era uma disciplina que tinha muito a ver com problemáticas sociais, e incluídas aí as questões de gênero e sexualidade. E... e aí eu não tinha como trocar de temática naquele momento, então eu terminei a apresentação no tema que tinha... que eu tinha iniciado e dali para frente eu comecei a ler muito, comecei a participar de congressos, então, no doutorado, eu fui para... pros estudos de gênero e sexualidade, mas ainda no caminho dos estudos linguísticos. Aí, então, em 2012 eu comecei o curso de doutorado na (*nome universidade privada*) do Rio, que é um espaço maravilhoso... não que os outros não sejam maravilhosos. Estudar na PUC (inaudível), estudar sem pagar a mensalidade, porque é uma universidade privada, né? Poder usufruir daquele campus, daquela biblioteca, daquela formação... Foi tudo muito, muito bom. Então, terminei em 2016. É uma tese voltada, e aí... saí completamente de um interesse voltado para a formação de professores. Foi uma tese sobre identidades sociais, sobre a identidade da homossexualidade masculina. E... foi isso. Então essa foi a... esse foi.. os cursos de formação principais.

PP: E... inglês. Fez alguma coisa? Você tem... fez alguma... algum curso? Não sei, muitas pessoas fazem intercâmbio... Você fez alguma coisa relacionada ao inglês?

P1: Não. Não, nunca fiz. Eu... a minha experiência como... com o inglês, né... É sempre no papel de aluno iniciante, intermediário... Então eu já fiz alguns vários cursos, mas... é... e não me considero uma pessoa proficiente em inglês. Eu, quando preciso, só quando eu preciso, eu leio coisas em inglês, mas não tenho condições de manter uma conversa e, nem com muita facilidade, acompanhar pela escuta, assim... Aí, enfim, como o inglês aparece na vida de todo mundo, né, vou captando uma coisa ou outra, entendo pelo contexto, mas, às vezes, acabo entendendo equivocadamente. Então não me considero uma pessoa proficiente em inglês porque, também, não tive um tempo longo de formação na língua.

PP: (Nome do professor) por conta da necessidade, né?

P1: É. Só quando... No doutorado, por exemplo, vivia esse desafio semanalmente, porque... mais no doutorado, né... eram muitas leituras em inglês. E aí eu precisava não só ler pra compreender, mas pra apresentar, pra incluir as discussões na tese. Aí eu tenho uma sorte, que é o meu companheiro que, entre outras coisas, também é professor de inglês. Então ele me ajudou muito e eu tinha uma colega de turma de doutorado, nós entramos juntos, que ela é professora de inglês e aí ela... ela tinha... Ela fazia uma espécie de fichamento dos textos e ela sempre me passava, então eu lia junto com as coisas, com as anotações dela. Isso me ajudava muito, mas era um

desafio, assim, porque eu nem sou um leitor muito rápido. Eu leio... sobretudo se eu tiver que estudar, eu leio devagar. Se eu tiver que ler em inglês, ((risos)) O que vocês devem ler em uma hora, eu demoro um dia inteiro se eu puder me dedicar, sabe, pra um texto de dez páginas.

PP: ((risos)) **Entendi.. E experiência profissional então... Anterior ao CEFET, o que você fez?**

P1: Eu dei aula de tudo o que a minha formação possibilitou, então de Português, Literatura, de Português para Estrangeiros, de Espanhol, de Literatura Espanhola. E aí passei pela experiência docente de quase todos nós. Então, muito tempo, como professor de cursos livres de espanhol. Em um deles trabalhei, também, como professor de Português para Estrangeiros. Trabalhei em algumas empresas como professor. Antes de entrar no CEFET eu era professor do Estado, de Português e Literatura e fui professor também de uma universidade privada no interior do Rio, chamada... antes, ela chamava Universidade Severino Sombra. Hoje acho que ela se chama Universidade de Vassouras. Fica na cidade de Vassouras, né? Então, eu pedi demissão de lá, porque entrei no CEFET. Então foi isso. Cursos livres, educação básica, principalmente ensino médio. Tive uma pequena experiência com o ensino fundamental, mas foi muito pequena e... isso.

PP: **E há quanto tempo você está no CEFET?**

P1: É... doze anos? A gente está em 2020, né? Então, 2012 anos. Gente, 12 anos! Que loucura, né? Completei, em agosto, 12 anos.

AP4: Já é um pré-adolescente no CEFET (risos)

PP: ((risos)) **pré-adolescente dá trabalho, né? (risos)**

P1: É verdade! Aí a gente já se acha né?

PP: **E, assim, qual é a sua função, suas atribuições, né, além de dar aula. Como é que é a tua experiência no CEFET?**

P1: Bom, sobretudo como professor, né, mas em alguns momentos, atuei também em algumas coordenações. Antes de ser professor do Maracanã, eu fui professor seis... durante seis anos no CEFET de Nova Friburgo. O meu concurso foi pra lá, né, e aí, por um semestre, eu atuei como coordenador do curso de turismo. Foi uma experiência muito, muito breve, né? Então atuei ali na coordenação do... Lá eu era lotado no colegiado de turismo. Ainda lá no CEFET, lá em Friburgo, eu também coordenei uma... um curso de especialização voltado para professores. E eu atuei ao longo de um bons anos na especialização. A sigla que a gente nem sei seus ainda, mas é a COLAT. Acho que hoje a COLAT chama CGLAT que a coordenação de lato sensu. E aí eu fui professor de alguns cursos no Maracanã e lá em Friburgo, e coordenei duas vezes e meia, né? então coordenei um curso lá... um curso inteiro em Friburgo, a metade de um aqui no Rio, que era o curso de ensino de línguas, é? Foi quando... uma das vezes que o Antônio se afastou, né, ele deixou a coordenação comigo. E aí, depois, numa outra turma eu assumi a coordenação completa, que foi a última turma que a gente teve. Fora isso, todas as outras atribuições são relacionadas à docência. Atuo na extensão, mas não com o projeto, mas como professor de curso de extensão. Dentro do departamento atual do DELEA, eu faço parte do NDE, núcleo docente estruturante, que é uma atuação docente, mas não exatamente. E... Acho que só. Ah! Desenvolvi durante um semestre? É, um semestre, um PIBIC com a Maria Paula, nossa primeira aluna formada. Então, ela foi minha bolsista de PIBIC durante um semestre, em dois mil e... O LEANI começou em dois mil e catorze, né? Foi em 2014, no segundo semestre.

PP: **É... você tá no curso desde o primeiro semestre, desde o início, né?**

P1: Desde o início.

PP: **É... vamos falar um pouquinho, agora, assim de... A gente vai para a segunda parte, que a gente chama de análise de necessidades. Então a gente vai... eu vou tentar buscar, assim, analisar as necessidades dos alunos do curso em relação à aprendizagem de língua inglesa. Mas vendo o que que a tua área pode... pode contribuir. O que a gente pode achar aí, dentro da tua área. Então, a primeira pergunta que eu faço... Acho que é a única pergunta de fato é quais seriam as necessidades dos alunos do curso na sua área de ensino em relação à aprendizagem de língua inglesa. Do que eu falo? Eu falo, assim, de gêneros importantes. Há algum gênero, que você veja dentro da sua área, que seja interessante aprender em inglês? Temas relevantes, algum tipo de projeto, alguma situação de aprendizagem, tarefas em inglês importantes. Talvez, é... você visualizasse que o inglês que pra eles o inglês seria importante nessa tua área, digamos.**

P1: Uhum.. É, bom, eu talvez não seja o participante que vai te dar mais informações sobre isso, mas vou te dizer o porquê eu não... eu mesmo não... por conta da minha, da minha não proficiência em inglês, eu não incluo textos em inglês ou outras necessidades em inglês nas minhas disciplinas. Eu já até fiz isso. Então, eu acho que

eu vou contar dessa experiência e também de coisas que eu acho que podem... que poderiam entrar, apesar de não entrarem. Então, eu... no início... no primeiro ano do LEANI, as duas disciplinas mais voltadas para linguística, as duas primeiras, elas tinham outro nome. Não sei se a (*nome da aluna*), quando estudou comigo, se já eram os nomes novos.

A1: Acho que já eram os nomes novos.

P1: Então elas chamavam um nome mais genérico, que era Estudos da Linguagem II e Estudos da Linguagem II. E aí, eu... essa disciplina eu dividi as duas... eu dividi...ela era uma matéria de dois professores. Éramos eu e a (*nome professora*), a (*nome professora*), professora de inglês do Ensino Médio. A (*nome professora*) também tem formação em linguística. Então a gente tinha interesses em comum, tem interesses em comum e aí fizemos juntos. Então o que a gente... O que a gente fez? O curso foi todo dado em português. Quando as aulas da (*nome professora*), se eu não me engano, precisaria pegar nos arquivos para ver. Mas eu acho que tinha como leitura algumas leituras prévias, algumas leituras em inglês, mas em Estudos da Linguagem II, que hoje se chama Introdução às Políticas Linguísticas, a gente pediu... a gente fez uma interdisciplinaridade, muitas aspas nisso, né? com (*nome PII*), a (*nome PII*) ainda era professora, né? Então a gente... Era com a (*nome PII*) e com a (*nome PE*). A gente pediu que os alunos... a gente pediu para eles fazerem a avaliação final em forma de seminário e, ao invés de apresentar em português, eles... uma parte apresentou em inglês e outra parte apresentou em espanhol. E aí a gente pediu a participação da (*nome PE*) para avaliar com a gente, ali, os dados da aula em espanhol e da (*nome PII*) para avaliar, e elas levaram isso em conta na avaliação delas também. Então, pensando nessa experiência e pensando em algumas possibilidades que eu vejo, dadas as minhas... considerando as minhas limitações, eu acho que é, principalmente, a leitura de artigos científicos, de qualquer leitura semelhante a isso, né? Então artigo científico, o capítulo de livro que são os materiais de base que eu utilizo, né? Eu acho que é que é bacana porque tem alguns... alguns textos que são de algumas discussões que a gente faz, que são... é... cuja fonte tá em inglês. Então, algumas temáticas em políticas linguísticas, por exemplo, têm alguns autores fundadores, aí, de algumas discussões que, se a gente quiser ler os textos originais têm que ir lá no inglês, porque nem tudo está produzindo. Nem tudo está traduzido. Então eu acho que é isso, assim, em termos de necessidades mesmo para disciplinas como as minhas, é... é a leitura. Uma das matérias é uma matéria de produção textual em português, que é a primeira. Então, enfim, ali a gente está trabalhando mesmo a produção de textos em português. Não (*inaudível*) Mas as outras matérias teóricas, um pouco por aí. Um pouco a leitura mesmo de textos.

PP: **Entendi.**

P1: Textos acadêmicos.

PP: **Eu tô anotando porque eu faço...**

P1: Era isso que você queria saber, (*nome PP*)? Eu não sei se respondi a sua pergunta.

PP: **É. É... assim, e também, assim, tem algum tema relevante, que você acha, assim, que daria para a gente fazer um link? Porque a gente...**

P1: Sim, sim. Super.

PP: **A gente fez um trabalho com temas sociais. Eu fiz na turma que atualmente seria a turma do** (*nome AP2*). **Acho que sétimo período. A gente fez, por exemplo, um trabalho com temas sociais, mas eu deixei que eles escolhessem esses temas. Então, de repente, assim, poderia ser uma coisa que conciliasse com o que você, de repente, pudesse estar fazendo em sala. A gente pudesse estar trabalhando, também, algo que você está vendo em sala. Tem algum tema?**

P1: Isso com certeza. Tem sim, principalmente para uma das disciplinas, que é essa a que eu me referi, a de Introdução às Políticas Linguísticas. Na ementa dessa disciplina, a gente faz um... a gente constrói, assim, um mapeamento das imagens de língua, das línguas que compõem o LEANI. Então, a gente começa com as línguas do Brasil, o português, línguas indígenas, a libras e depois passeia, um pouco, pelos discursos que constroem o sentido do inglês, o sentido do espanhol, o sentido do francês. Então a gente, pra fazer isso, as discussões são todas pautadas em autores brasileiros, que são professores de inglês, na maioria, né, que falam sobre Global English, aquelas outras expressões, o World English, World Englishes. O Rajagopalan faz ali uma... Então eu acho que, assim, não sei se essa é... eu imagino que, em alguma medida, vocês devem fazer esse... devem passar por isso, né, mas essa é uma discussão que é uma matéria do segundo período. Então é uma temática legal de ser trabalhada em inglês, imagino, né, com leituras de autores em inglês. Eu gostaria muito de trabalhar com um autor que eu acabo lendo sempre por tradução ou por referência a ele, que é o (*inaudível*). E aí... ele é um autor que tá sempre nas referências dos textos que leio. Eu já... existem algumas traduções do que ele escreveu. Então,

eu acho que é... pra esse debate é um... é um autor bem interessante. E... no semestre passado, eu comecei a assumir a disciplina de tradução, de Teorias de Tradução e aí também tem algumas... alguns... alguns movimentos... divisões sobre tradução. Tem uma... tem muita coisa produzida pelo pessoal dos Estados Unidos. Principalmente, as pessoas começam a pensar a tradução como um processo de produção cultural. Então, traduzir o texto é traduzir uma nova cultura e tem muita gente que debate, por exemplo, como é que a gente traduz sentidos de gênero que são diferentes em sociedades diferentes, sentidos de raça que são pensados em sociedades diferentes. E aí tem uma autora. Eu vou confirmar, eu posso confirmar no celular aqui, agora. Eu acho que ela chama Patrícia Collins, e ela é uma autora que eu também acabo apresentando aos alunos, assim, por referência ou porque tem um texto dela, que é muito emblemático, traduzido pro português, mas eu acho que é uma outra autora também bacana pros alunos conhecerem mais coisas que estejam escritas. É esse o nome? Você conhece, (*nome PP*)?

PP: **Não conheço. Patrícia Collins? Não conheço.**

P1: Eu vou confirmar, aqui, se é ela mesma. É isso mesmo: Patrícia Hill Collins.

PP: **A gente chegou... Eu cheguei a trabalhar com eles sobre *Global English* e trabalhando com eles, com o *Global English*, foi o que me levou, assim, a perceber que o livro não estava realmente cumprindo o papel que a gente precisava.**

P1: Tá picotando, (*nome PP*). Não deu pra entender.

PP: Melhorou? Sim? Estão me ouvindo?

P1: (*nome PP*), tá ruim.

PP: **Ainda está ruim?**

A1: Não deu pra ouvir.

PP: **Vejo e ouço vocês bem. Vocês estão me ouvindo, não?**

P1: Agora, melhorou.

A1: Agora, melhorou um pouco.

P1: Você que trabalhou com eles *Global English* e aí acabou.

P1: Melhorou

A1: Melhorou

PP: **Qualquer coisa, se piorar, vocês me avisam que eu desativo a câmera. Dizem que, quando a gente desativa a câmera, melhora muito, né? Alguém me falou que no *Teams*, às vezes, dá mais travadas e que melhora um pouco quando você desativa a câmera.**

É... Eu trabalhei com *Global English* e foi lendo bastante sobre *Global English* que eu consegui perceber que o livro realmente não estava cumprindo o papel dele. (*problemas de conexão*) Escutaram?

P1: Ih, travou de novo.

A1: Você tá falando alguma coisa?

PP: **Estava...**

A1: Não tô ouvindo nada, não.

PP: **Não ouviu nada? Vou desativar a câmera, tá?**

P1: É melhor.

A1: É. Ficou em silêncio agora.

PP: **Vê se melhorou.**

P1: Acho que... Parece que melhorou.

A1: Parece que sim.

PP: **Parece que sim? (...) Foi trabalhando com *Global English*, que eu percebi bastante, que o livro não estava cumprindo o papel dele. Foi... foi lendo com os alunos e percebendo que a questão... o livro estava muito direcionado para quem vai trabalhar basicamente com um americano, né, com os Estados Unidos. Um inglês extremamente rebuscado, cheio de expressões idiomáticas, né? Então, foi... Trazendo esses textos de *Global English*... Mas, assim, voltando à entrevista. É... projetos futuros. Assim, você acha que é possível a gente trabalhar com uma proposta multidisciplinar, interdisciplinar, não sei, com língua inglesa? Você acha que existe essa possibilidade?**

P1: (*nome PP*), assim, eu acho que sim. Eu acho que sim, eu acho que sim, de uma maneira mais simples e sim, também, de uma maneira mais elaborada. Tem maneiras simples que são, por exemplo, coisas como essa que eu contei, que eu fiz com a (*nome PII*). De trabalhos, né, em que os alunos tenham que fazer seminários ou outra... Sobretudo seminários, em que eles pudessem apresentar os textos em inglês, e aí contar com a participação de

uma professora de inglês para acompanhar essa apresentação e tudo mais. Como eu disse a você, possivelmente, né, eu não compreenderia toda a apresentação, mas eu tenho em conta... principalmente porque eles estariam falando sobre uma temática que é do meu conhecimento. Isso, em termos de língua instrumental, isso coloca a gente em uma possibilidade de entendimento lá na frente. Então, eu conheço... reconheceria muitos termos, isso seria bem possível. É... Agora, eu acho que também têm possibilidades, assim, mais elaboradas é... de inter e multidisciplinaridade, né? Eu acho que... Me ocorre agora pensar nos projetos dos colegas de relações internacionais, os projetos de simulação, as atividades de simulação, né? Eu acho que é um espaço bastante, bastante emblemático, bastante característico do que é o LEANI e eu acho que daria uma... Me ocorre, por exemplo, pensar, né? Os colegas de relações internacionais que montam todo aquele todo aquele cenário, orientam os alunos na montagem daquele cenário. É... Eu acho que daria, como os alunos mesmos já fizeram, para fazer sessões de debates ali, né, nas simulações em língua estrangeira, em inglês. E eu fico pensando, por exemplo, por que não incluir temáticas que envolvem políticas linguísticas, por exemplo? Como o tema da simulação pudesse ser algo envolvendo políticas linguísticas ou... entre outras discussões? Então, eu não sei. Eu acho que essa é uma coisa que demanda mais elaboração, demanda mais planejamento, né, junto com os outros professores. Mas eu acho que sim. Acho que é uma... inclusive porque é uma... É uma questão que foi levantada pelos alunos naquele último encontro. Um encontro que a gente... que eles fizeram, né? Não sei se a (*nome AP4*) estava presente num evento do ano passado. Foi ano passado?

PE: **Foi, foi. Foi a turma do (*nome AP2*), do (*nome AP3*).**

P1: Isso, isso. Então era um evento que a ideia

A1: DR LEANI.

P1: Isso, DR LEANI. Era meio pensar como... como fazer mais, como construir mais interdisciplinaridade. E aí, lá naquele evento, a gente discutiu muito que, apesar de parecer... de ser uma vontade... de parecer ser uma vontade dos alunos, trabalhos interdisciplinares, lá mesmo, alunos e professores chegaram à conclusão de que, de vez em quando, quando se promove uma pequena interdisciplinaridade, é um dificultador para todo, inclusive para os alunos que pedem. Isso só mostra como que a interdisciplinaridade, na minha visão, é uma coisa que a gente fala tanto, mas a gente implementa porque ela dá muito trabalho e às vezes não é por falta de disposição que a gente vê como um trabalho difícil de fazer. É porque demanda estrutura, demanda agenda, demanda objetivos em comum, demanda muita coisa. E aí eu acho que é meio isso. Sim, eu acho que há possibilidades, né? A gente tem um departamento no qual a interdisciplinaridade está quase pronta. A gente tem, como colegas de trabalho, pessoas de formação muito diferente da nossa. Tem gente formada em direito, relações internacionais, em sociologia, em letras. E eu acho que isso já ajuda muito, né, a pensar. Mas é um grande desafio quando a gente vai pensar essas ideias mais elaboradas, né? As mais simples, que é, por exemplo, essa da avaliação, eu acho que é mais possível, né?

PP: **Sim. Você já respondeu minha... a próxima pergunta, mas aí, eu só vou... É... você falou sobre a questão das políticas linguísticas, né, você falou da questão da tradução. Então, acho que as disciplinas que a gente poderia trabalhar um projeto, de repente, seria essa de Introdução às Políticas Linguísticas e na disciplina de Teoria da Tradução, não é isso? É...**

P1: É, talvez mais... talvez mais evidentemente na de políticas linguísticas, porque tem um tópico que fala sobre inglês. Tem um momento do curso, justifica, pelo menos ali, umas três semanas, só falando... só falando sobre o inglês, sobre é... as línguas que se misturam com inglês, também, que em algum momento a gente discute sobre as línguas híbridas. O *Spanglish*, aquela do francês, né, que chama "*français*", então o inglês meio perpassa, né. A gente fala sobre a língua inglesa em alguns momentos do curso, então acho que é uma matéria bem bem, bem bem pronta, assim, pra esse movimento interdisciplinar com essa disciplina, com a disciplina de inglês.

PP: **E essa disciplina, ela é oferecida no segundo período, isso?**

P1: No segundo período, isso.

A1: Gente, já faz isso tudo de tempo que eu tive essa disciplina? Não é possível. (risos)

P1: É, pois é, passa rápido. Não viu aqui? Eu me dei conta agora que eu tô há doze anos no CEFET. (risos)

PP: **E, aí, esse período seria, então, o melhor período para o desenvolvimento de um projeto com essa disciplina, né? Então, essa disciplina sendo ofertada, de repente, a gente conseguiria, aí, costurar um projeto.**

P1: Acho que sim. Sim.

PP: **É, porque à medida, assim, que a gente vai conversando, né, assim, a ideia é construir mesmo, fazer um planejamento de todo o curso, né, do Inglês, e, aí, a gente poder fazer um link com essas disciplinas. E aí, é muito importante a gente saber “quando”, né?**

P1: Sim.

PE: **Eu... e aí, vou citar uma questão, eu tive... quando eu tava com uma turma no quinto período, Inglês V, né, eu conversei com (nome P4), justamente porque ele fazia exatamente muito esse movimento de simulação, né? Aí eu falei pra ele “Ah, vamos fazer com a turma em inglês? Vou pagar a turma quinto período” e ele virou para mim e falou (nome PP), eles ainda não estão preparados” (risos). E aí assim, isso é importante. A gente saber o momento em que esse aluno vai estar preparado para a gente fazer um projeto, né? Porque eu fiz um projeto com temas sociais, né, mas fiz esse projeto com eles no quinto período e eles que me deram esses temas, mas se pudesse linkar isso, né, e conseguir esse apoio do professor, a gente fazer um trabalho em conjunto, seria mais fácil para todo mundo, de repente. Então, essa essa.... Por isso, esse levantamento, né? E muito bom assim, de saber que a gente daqui a pouco vai tá fazendo um trabalho juntos, viu? (risos) Essa é a ideia.**

P1: Ah, que bom! Legal! Acho que vai ser ótimo. Vai ser ótimo.

PP: **Essa é a ideia e a part...**

P1: eu acho que tem uma.... tem um... Tem um... Nessa matéria de introdução, eu fico, toda hora, vou renovando, assim, a bibliografia, né? Mas tem muita coisa que é feita por pesquisadores de letras e quase todos esses professores são... e eu fico buscando também outras vozes, né? Falar de políticas linguísticas também por outras formações, vindos de outras formações, mas tem muita coisa que é produzida por pesquisadores de letras e são professores de inglês, quando falam de inglês especificamente. E aí, eu acho que é muito... poderia, pode ser muito bacana, ouvir da voz, da experiência do professor de inglês, como que essas coisas... como é que esses sentidos de inglês internacional, *World English*, *World Englishes*, inglês global, enfim, a gente vai tentando entender ali, mas só que nem eu sou professor de inglês e nem... quer dizer, na verdade até alguns alunos são professores de inglês, eles contribuem muito com as suas experiências, mas poder discutir isso com... comigo, que tô ali, tentando conceituar com eles, nessa ideia das políticas linguísticas e também com o professor, com a professora de inglês, que, enfim, tá no exercício da língua, acho que é super bom. Pode ser muito interessante.

PP: **É isso, amigo.**

P1: É isso?

PE: **É, a contribuição, assim, é essa mesma. É isso que a gente a gente busca. Vou te agradecer de novo. Quero saber da (nome AP4), se ela tem alguma coisa a colocar.**

A1: Não, é isso mesmo. Eu ia... Eu tava pensando num negócio, mas, agora, me surgiu outra dúvida. Porque aí, eu não sei, Por exemplo, quando você dava aula de produção textual, no iníciozinho do período. A gente colocar o resumo em inglês também. Talvez esse seja um ponto que, talvez a gente pudesse juntar as duas.

P1: É, talvez.

A1: mas é, pode, mas é um negócio muito pequeno também, estão não sei até que ponto seria... mas é só isso.

PP: **É, quando eu cheguei no LEANI, eu cheguei no segundo período, no segundo semestre de 2014, a informação que me deram, né, que as professoras de inglês me passaram é que os alunos precisavam muito aprender a escrever artigo em inglês. Aí eu falei assim “Como?? Eles já escrevem artigo em inglês?”, “É, eles precisam aprender a escrever artigo, nanana” e, na verdade, quando eu entrei na sala de aula, eles queriam aprender, na verdade, a escrever resumo (risos).**

Todos: (Risos)

PP: **Eles estavam buscando, né? Porque alguma disciplina pediu que eles escrevessem um artigo, eles tinham que escrever um artigo, mas eles não conseguiam. Estavam aprendendo a escrever o artigo e eram uma dificuldade para eles montarem, escreverem o resumo, no segundo período do curso. Disso eu me lembro bem.**

P1: Imagino que seja a disciplina do (nome professor colaborador). Em geral, o (nome professor colaborador) na matéria do primeiro período, não é isso, (nome AP4)?

PP: **Isso, isso.**

A1: Uhum!

P1: Ele pede como trabalho final um artigo.

A1: É o pânico geral (risos)

P1: Que é o pânico geral, né? (risos)

A1: Traumatizante (risos)

PP: E aí, Mas, (*nome PI*), queria te agradecer. Obrigada.

P1: Nada!

PP: **É muito importante a tua participação aqui com a gente e... se eu precisar, eu vou ter que te chamar de novo. (risos) Mas, a princípio...**

P1: Tá bom! (risos)

PP: **É, se surgir alguma dúvida, mas, a princípio, é só essa entrevista, mesmo.**

P1: Beleza, te agradeço também pela oportunidade de conversar.

A1: Obrigada, (*nome PI*)!

APÊNDICE O - Transcrição da entrevista – P2 (Professor do Núcleo de Negociações Internacionais)

PP: Tá bom? Mas, aí o vídeo faz com que a gente se veja, mate saudade e tenha uma interação mais próxima de uma entrevista, né?

P2: Mais humana, né?

PP: É, pois é, pois é. É... Então, assim, primeiro eu queria te agradecer. É super importante, assim, a participação dos professores. A gente já vem falando há algum tempo, né, a gente já vem conversando há algum tempo. É... Então, assim, é super importante a tua participação. A entrevista, eu já... eu enviei o roteiro justamente, assim, para que você pensasse um pouquinho e para que você soubesse o rumo dela. Qual o rumo que ela vai tomar. Eu te mandei, também o termo que eu até tô pedindo para que os professores não assine agora.

P2: Sim, tranquilo!

PP: Tá? Porque assim...

P2: Tá.

PP: ... talvez a pesquisa mude de nome, mas, assim, tudo que tá ali vai ser respeitado, né. Então, assim, o teu anonimato, as informações só vão ser compartilhadas, enfim, academicamente, cientificamente... e... é... A única coisa, realmente, que vai aparecer ali é o nome do CEFET, porque é muito importante a gente colocar o LEANI dentro do CEFET. Como é que um curso como o LEANI foi parar em uma instituição tecnológica, né, em uma instituição das engenharias? Então, é muito importante situar o LEANI dentro do CEFET. Então o CEFET vai aparecer ali. É... eu tenho a participação de alunos nesse projeto. É um projeto colaborativo, então, assim, eu tô ouvindo vocês, professores, e os alunos, né? Então, eles estão há muito tempo comigo, aí, nessa caminhada e me ajudam bastante. Eles têm uma visão, eu acho que muito melhor do que a minha, em determinados momentos, em relação ao curso. Então a participação deles é muito importante. Eu vou seguir mais ou menos o roteiro da entrevista é... se em algum momento tiver uma questão, a gente vai perguntar. Eles também podem perguntar. Eu deixei isso aberto a eles. É... e aí a gente vai batendo um papo, tá bom?

P2: Tá joia.

PP: P2, sobre a sua formação acadêmica. Então, assim, o que você fez, onde estudou? Fez alguma especialização? Qual é a tua formação acadêmica?

P2: Bom, eu entrei, na verdade, no vestibular num ano complicado, acho que foi 2002, para fazer Ciências Sociais na (*nome de universidade pública*) e eu também fiz um período de Relações Internacionais na Estácio. Então, foi um ano que teve várias greves, os vestibulares atrasaram e acabou que eu cursei os seis meses na (*nome de universidade pública*), acabei gostando bastante de teoria social e, quando abriu o curso na (*nome de universidade privada*) eu fiquei um pouco... né... balanceado e defini por fazer o vestibular para Relações Internacionais na (*nome de universidade privada*). Eu até hoje não sei se é assim, mas havia, nesse momento, uma prova... é... habilitante, ou seja, se você não passasse, você nem poderia fazer o restante do vestibular, da língua inglesa, o que é, também, a meu ver, um filtro social... ruim, mas levava em conta, também, o fato de que várias disciplinas... enfim, essa experiência, também, do instituto de Relações Internacionais da (*nome de universidade privada*) de ter o mestrado e o doutorado antes da graduação e que levou, aí... né... a eu ter, na graduação – hoje em dia, eu acho que se mudou, um pouco, isso, também – muitas vezes disciplinas em que todos os textos eram em inglês. Todos. Isso gerava, também, apesar do conhecimento dos alunos, uma... uma aversão em alguns poucos momentos, né? Um colonialismo acadêmico, mas, também, eu acho que foi uma experiência, nesse sentido, passar conhecimento crítico em inglês, que não existe na área, em grande medida, em português. E eu diria, também, que a experiência dos países latino-americanos é um pouco similar também, né? Boa parte do conhecimento mais crítico, mais atualizado também da área de R.I. tem sido feito em inglês.

Então... fiz a graduação, né... Acho que, levando em conta, principalmente, essa questão do uso do inglês, as aulas não eram dadas em inglês, né. Em determinados momentos recebia convidados e as palestras eram em inglês... Enfim, você não tinha uma restrição com relação ao uso da língua.

Passsei um ano, também, trabalhando. Fui, né, após a graduação, em 2007, que eu trabalhei nos jogos pan-americanos. É... usei mais o espanhol, eu diria, mas acho que inglês, também, em determinado momento foi importante.

Entre no mestrado, obviamente acho que aí, principalmente o inglês é condição mínima para a entrada. Aí, eu acho que fica mais difícil, também, você ter conteúdos, principalmente em português, para substituir na pós-graduação. Então acho que foi central o conhecimento de inglês. E... posteriormente, eu fiz, também, uma pós vinculada ao meu trabalho na (*nome de uma grande empresa*): Integração energética na (*nome de universidade pública*). Era um curso, também, de... um perfil mais corporativo, em que vários colegas de empresas latino-americanas, principalmente aí da... Colômbia, Peru, América Central vieram pro Rio para estudar. Eles passaram aqui um ano tendo aula de português também... Enfim, então, eu acabei usando mais o espanhol nesse curso. Acho que não teve um uso tão intenso do inglês, mas também, né, a área de energia... enfim, a área que eu tive

mais contato e trabalhei... é... nesse período envolvendo tanto essa pós de integração energética e um MBA que eu fiz na (*nome de curso de finanças corporativas de universidade pública*), também, um vínculo maior, talvez, com américa latina e com espanhol, né? Então, se eu ponderasse, aí, também, com relação à minha trajetória mais profissional, eu diria que... nesse sentido, o espanhol também foi bastante relevante como uma língua, né, de uso contínuo.

PP: **Entendo...**

P2: É... Enfim, depois eu posso detalhar um pouco mais isso com relação à trajetória profissional, né?

PP: **Aham.**

P2: É... Então, enfim, eu acho que mais no sentido da formação, não sei se vocês... Levantou, aí, alguma dúvida, alguma questão... Era basicamente isso com relação ao ponto um.

PP: **O teu mestrado foi em que?**

P2: Foi na área de Relações Internacionais, né. A minha tese foi sobre o processo de integração de infraestrutura na América do Sul.

PP: **Uhum.**

P2: Principalmente.

PP: **Ok, certinho...**

P2: É...

PP: **É... e... a... Você falou que, já na universidade, tinha um teste de habilitação em língua inglesa e... o teu inglês, você fez curso antes? Você tem alguma formação anterior?**

P2: Aham. É, sim. Aí, eu acho que eu deveria ter começado um pouco...por essa parte, né?

PP: **Uhum.**

P2: Eu... até tô aqui na casa dos meus pais, né, que meus pais moram em Niterói. É... meus pais trabalharam na (*nome de empresa pública*), na empresa de avião, talvez vocês um pouco mais novos não tiveram, aí, (risos) tanta oportunidade de... de viajar pela (*nome de empresa pública*), mas meu padrasto foi piloto e minha mãe era comissária de bordo. Então, desde já muito cedo, eu tive essa experiência e poder viajar com eles para alguns lugares e, quando eu tinha 12-13 anos, eu morei com eles nos Estados Unidos, em Los Angeles, porque eles faziam voos pro Japão. Então... o voo sair aqui do Brasil até Narita, Tóquio envolve aí... um dia, então você tinha um grupo, também, de pilotos e comissários que ficavam estacionados em Los Angeles para fazer só esse voo pro Japão. Então, foi uma experiência, vamos dizer, de intercâmbio, né, apesar de estar com meus pais, eu estudei na escola pública lá, fiz... o curso que... tinha já alguma formação, mas, também, né, muito jovem. Aprendi, né. Minha base de inglês foi basicamente essa, né, de ter essa experiência que envolveu fazer a... sexta série e a sétima série lá. Então... Talvez no final da sétima série, eu poderia sair, né, do que eles tinham, lá, como uma aula de English as a Second Language, né. Acho que é muito comum o ESL, que a gente fazia. E aí, boa parte dos meus colegas era da Coreia do Sul, tinha um outro colega, também, latino-americano, uma colega africana, uma brasileira, era mais ou menos a composição da turma. É... Então, eu tive, também, essa experiência de fazer disciplinas, né, vamos dizer, é... História, Matemática, Ciências, tudo também, da sexta e da sétima série em inglês. Parte dos...

PP: **Nossa...**

P2: Parte dos conteúdos, até a escola, aqui, era mais avançada, eu diria, em relação à Matemática, né, principalmente, mas em relação a outros, também, é... tive alguma dificuldade, enfim. Mas, no geral, foi uma experiência pra mim, também. É... Não só com relação ao aprendizado de inglês, mas de ter cursado a sexta e a sétima série lá e depois voltado sem nenhum problema. Então, quando eu voltei pra cá, foi até uma coisa... enfim, mais até de formalizar, também... Na época, acho que... não sei se ainda é muito comum, talvez ainda seja, talvez até eu acho que o AP2 trabalhou lá na (*nome de escola privada*). Eu fui fazer... vamos dizer, ter um diploma de inglês... é... após esse retorno.

PP: **Uma certificação?**

P2: Hã?

PP: **É uma certificação ou você foi fazer um teste de... eles chamam “teste de nivelamento”.**

P2: É, eu fui fazer... É, eu fui fazer o teste, e aí, quando eu voltei na sétima série, né, eu tava, obviamente, um pouco mais avançado do que... o que era, né, o esperado, vamos dizer, dessa idade pro inglês e eu acabei ficando... é... Eu lembro que eu tava na sétima série e os meus colegas de... é... de inglês, eles tavam no segundo ano, no terceiro ano.

PP: **Uhum.**

P2: Eram mais velhos do que eu. E aí eu... (barulho de motocicleta)

PP: **Foi aqui. (risos)**

P2: Barulho! (risos)

PP: **É porque eu não tenho como usar o fone, se não, não grava com o celular. (risos)**

P2: Tá joia! É... Aí, eu me lembro, também, que... logo depois. Talvez eu tava no primeiro ano ou no segundo ano, eu fiz essa prova... Acredito que ainda seja válida, né, tenha algum prazo de validade, dum certificado desses de Cambridge, né.

PP: **Uhum.**

P2: Acho que era o CAE, na época. E... Enfim, em termos de formação de inglês, eu acho que eu carreguei, principalmente, essa experiência da vivência, né, do intercâmbio, enfim. Eu fiquei lá, no todo, 2 anos, né. Então...

PP: **É... experiência muito rica, né?**

P2: Isso foi acho que essencial, né? Acho que... numa idade, também, não sei vocês, né, principalmente a PP tem mais experiência, uma idade boa pra se aprender as línguas, né?

PP: **Sim, sim, sim.**

P2: Que você já tá alfabetizado. A minha irmã, por exemplo, ela é... foi... ela nem chegou a ser alfabetizada, fez o jardim de infância lá, então ela não teve essa mesma possibilidade de trazer... voltar pra cá com o aprendizado de inglês que... que eu tive oportunidade.

PP: **É... muito...**

P2: É... e aí, nesse sentido, até, em algumas... alguns momentos de trabalho, né, eu fiz mais cursos de espanhol e, depois, de francês, em função de ter essa base em inglês e alguns colegas, muitas vezes precisam, primeiro ter essa base em inglês pra depois ter acesso a esses outros cursos, né, isso é algo, talvez no mundo corporativo, que... por esse ponto de vista, o aprendizado de línguas do LEANI, possibilita, né, de uma forma mais avançada do que algumas outras formações que, né, muitas vezes esse conhecimento de inglês ainda é mais difícil, né. Então, eu acho que, no caso da (*nome de uma grande empresa*), né, que eu tive essa experiência, muitos engenheiros, muitas vezes com uma formação é... né, avançada, ou mesmo em idade mais avançada, estavam lá fazendo curso de inglês ainda. Enfim, não sei se...

PP: **Respondeu! (risos)**

P2: Respondi? (risos) Fui longo demais, também?

PP: **Não, acho que respondeu. Alguma questão, AP2?**

AP2: Não, então. É... Voltando pra parte da universidade... Então, pelo que eu entendi você teve é... na universidade, a ênfase na questão de língua foi mais no inglês, certo? Você tinha mais essa... essa vivência com a língua inglesa no contexto da universidade, da graduação e... esse inglês, né, que era com o qual você tinha contato lá... os professores davam as suas aulas, os textos, enfim. É... Tinha alguma... algum foco de aplicação no contexto de atuação profissional dentro de R.I. ou era só algo mais... mesmo... no sentido de você ler o texto em inglês... num aspecto mais didático mesmo? Ou tinha alguma aplicação... uma preocupação voltada de fato pra aplicação... pra ação profissional em R.I.? Não sei se ficou claro.

P2: Bom, durante a graduação, acho que o mestrado também se espera isso, a língua inglesa era quase que... assim, não das aulas em si, né. Fora o mestrado, eu lembro de ter tido aulas com professores convidados, enfim, eles davam aula em inglês, a gente tinha que também escrever, ao final, algum artigo, alguma coisa também que eles pudessem corrigir em inglês, mas é... Era quase que a língua que também, né, em parte, algumas disciplinas mais avançadas, eu tendo, também, a utilizar mais textos em inglês. É... um uso que seria quase que de supor que o aluno, né, que o ouvinte, que o receptor dessa... dessa... informação seria também, né, teria um conhecimento integral, total, da língua, né. Então, durante a graduação, isso era um problema, sim. Não foi tanto um problema pra mim, claro, né, se tem uma dificuldade, alguns termos mais técnicos, enfim, mas, muitas vezes, os professores passaram textos de teoria social, de metodologia científica, de conteúdos avançados, muitas vezes pra gente entender mesmo em português e inglês. Então, acho que, desse ponto de vista, é... Na graduação também, claro, uma ou outra disciplina com o enfoque mais prático envolvia mais um conhecimento teórico, né, o que seria uma gramática, também, das Ciências Sociais, né, da Filosofia, enfim, das Relações Internacionais no ponto de vista amplo, aí, também, em que era basicamente hegemônico o uso do inglês.

PP: **Certinho? É... eu vou passar, P2, pra tua experiência profissional, né, antes de entrar pro CEFET. Você já comentou alguma coisa, mas, é... qual é a tua experiência profissional?**

P2: Tá, então, até com o uso do inglês eu tive uma experiência como estagiário no (*nome de ONG voltada às Relações Internacionais*), em fazer clipping de notícias. Não sei se vocês têm, mais ou menos, uma ideia do que era, mas eu fazia uma leitura de jornais brasileiros, também alguns aí é... principalmente da América Latina, europeus e dos Estados Unidos e selecionava né... era basicamente um trabalho também que já, como estagiário, levou esse uso do inglês. Então, eu também já tinha esse interesse na carreira acadêmica, principalmente mais no final da graduação. Tive a experiência de fazer algo que os colegas aqui, a gente não teve ainda... talvez só algum exercício, mas... de fazer uma simulação, de participar de uma simulação também em inglês. Duas vezes em Brasília, o AMUN, America's Model United Nations. E... também pra... como eu comentei esse trabalho que eu tive dos Jogos Panamericanos... Algum uso maior, né, os colegas também trabalhavam... alguns eram da área mesmo, também, de Relações Internacionais da (*nome de universidade privada*), que também tinham, né, algum conhecimento em inglês, mas o uso do espanhol prevalecia. E assim que eu entrei no mestrado eu tive, também uma experiência profissional de trabalhar numa ONG, no (*nome de ONG*), que também usava muito espanhol, mas eu percebi que, até pelo perfil de outros colegas que vinham, por exemplo, da área de economia, também pessoas um pouco mais velhas, nesse sentido que... tenho uma colega que tinha conhecimento de francês mais elevado, estudou no colégio, não sei, não falava bem o inglês nesse período... Eu percebia que, muitas vezes, pra

essa necessidade de de traduzir um documento, de participar de uma reunião com o uso do inglês... É... Essa experiência na ONG, no (*nome de ONG*), trabalhando com concorrentes internacionais, o uso... né, o conhecimento que eu tinha em inglês era um diferencial, também, nesse sentido. Eu diria, também, que, em outros países da América Latina, é uma realidade ainda similar, ou até, nesse sentido, menos avançada do que no Brasil. Então, me recordo, né, por exemplo, de, em determinado momento, pra participar de uma conferência na Itália, o fato de eu conhecer um pouco melhor o inglês do que outros colegas e já tá, também, vamos dizer, participando desse processo de traduzir documentos em português, inglês, espanhol, de participar de plenários, de reuniões em que era essencial, né, não só falar, mas também ter um conhecimento, né, da conjuntura, do que tava sendo discutido, também é... um diferencial. Enfim, eu trabalhei.... Até hoje colaboro, em alguma medida, com o (*nome de ONG*), enfim, com algumas redes que permanecem ativas com relação a isso que... enfim... envolvem... Só um instante que me chamaram aqui no celular. Perdão. É... que envolvem, aí, um trabalho com movimentos sociais, com grupos que... é um ponto que eu queria talvez ressaltar, né: Não é que eu acredite que isso não apareça muitas vezes nas disciplinas de vocês, associadas, aí, à aplicação das negociações internacionais, mas parte de uma gramática, né, do uso de conceitos, até, também, muitas vezes de uma tolerância com relação ao não-uso da língua inglesa, desse desconhecimento, de tudo que envolve, né, esse segmento que seria de organizações da sociedade civil, de movimentos sociais, que também faz parte, vamos dizer, das negociações internacionais, mas não é nessa leitura mais business, mais corporativa, mais do que seriam negociações pra empresas, né. Mais a ideia de... é... mais ampla de instituições internacionais, organizações internacionais em que você teria, aí, né, a participação, também, de grupos, de organizações, de atores coletivos que não são exatamente empresas ou corporações, enfim, e que muitas vezes a gente tem esse quase sinônimo de “inglês para negócios”, né? Eu acho que é um ponto que, talvez, em termos de acesso, do que circula pela internet, em termos de cursos também, algo que, a balança, poderia ter uma maior ênfase. Enfim, também envolvendo, né, o sistema (*nome de organismo internacional multinacional*), a complexidade hoje que a gente tem das organizações internacionais. Isso é um ponto que, né, talvez eu já tenha até colocado para PP em algum momento, mas acho que é importante. É... Bom, então, também temos, de experiência profissional, além do (*nome de ONG*), como eu comentei, eu trabalhei na Superintendência Internacional da (*nome de uma grande empresa*). Boa parte dos projetos envolvia vínculos com países da América do Sul, da América Latina, mas por exemplo, também, contatos e experiências que envolviam as relações da Superintendência Internacional com países africanos, né. Então, fora um ou outro país em que o francês é essencial, também a língua inglesa era algo importante na.... nesse vínculo, nesse uso cotidiano. Então, me recordo, por exemplo, de ter a experiência de contratar uma consultoria ou até... não acho que não era nem uma escola de idiomas, acho que era realmente uma empresa voltada pra traduzir uma revista da (*nome de uma grande empresa*). E, aí, a tradução veio pra gente quase que como uma tradução de Google Tradutor, sem nenhuma contextualização e nós, lá da superintendência, tivemos que resolver, basicamente, a tradução e passar, um pouco, aquilo, né... Tava uma tradução basicamente ao pé da letra, sem nenhum contexto, né, uso de termos que traduzidos não faziam nenhum sentido, também, pra... pra um leitor não brasileiro ou mesmo até para um leitor que não trabalhava na empresa, enfim, uma linguagem muito amarrada. Então, foi essencial, também. Acho que é um pouco o que se espera de um profissional internacionalista, com relação ao que era o perfil de pessoas que trabalhavam comigo, mais engenheiros, né. Não tanto sociólogos ou com esse vínculo com os movimentos sociais, né, engenheiros, economistas, né. Um diferencial, também, de você ter um conhecimento em inglês vasto pra trabalhar e principalmente escrever, né. Os engenheiros, o pessoal de exatas... o AP2, que é... que fez essa transição... era da física, né, talvez tenha essa percepção assim. Têm, obviamente, engenheiros, gente que tem uma formação mais em exatas que tem muita facilidade na escrita, mas outras também, pra escrever um parágrafo, seja em português, seja em inglês, parece que têm um atraso, né. A linguagem dos números, enfim, acaba sendo mais confortável. Eu tive, também, uma experiência, assim, de ter... é... ter o caminho aberto por falar inglês em alguns momentos no trabalho em que isso foi, né, um diferencial. É... Bom, acho que, com relação a esse ponto....

PP: É, P2, eu acho que essa tua experiência é super vasta e, assim, eu, particularmente, assim, desconhecia e acho que você pode ajudar a gente pra caramba! (risos) É... quando você falou da sua... do seu trabalho com tradução de documentos, né. Assim, é... A gente hoje em dia né... Hoje, não. Há muito tempo, a gente já vem procurando documentos da área pra que eu pudesse trabalhar em sala com eles, né. Documentos que fossem reais, né, e não aquelas coisas que aparecem nos livros didáticos, né, de business. Que... exatamente isso que você falou, o inglês pra negócios é o inglês exatamente voltado, entre aspas falando, pro inglês pra quem tá dentro de uma empresa, mas, assim, analisando profundamente, tá um pouco distante daquilo do que a gente precisa pro LEANI, entende? Então, assim, eu conversei algum tempo atrás, por exemplo, com a P5 e a P5 falou: “olha, seria importante que eles lessem contratos, por exemplo. Eles não vão escrever contratos, mas que eles interpretassem contratos.”, mas, assim, nem ela mesma tem acesso a esses contratos. Nós... Eu e AP2, por exemplo, andamos, corremos muito atrás, aí conseguimos, assim, alguns modelos prontos, né. Não são contratos mesmo porque esses contratos você não acha, mas uns modelos semelhantes. É... Mas, assim, é muito interessante, assim, que a gente consiga trabalhar com

essa linguagem real, né? Pra que eles consigam... Pra que eles saibam lidar com isso. Então, assim, acho que você, de repente, assim, pensando num projeto futuro, é uma pessoa que pode avaliar isso pra gente, né? Porque o mercado de trabalho é muito importante, né?

P2: Aham.

PP: Não adianta eu começar, aqui, a procurar por textos que eles nunca vão trabalhar, ou nunca né... Então, o ideal é que a gente tente encaixar o máximo possível, né, na própria área, né? Então, eu acho que, assim, a tua experiência é uma experiência super vasta, super rica pro curso e eu acho que pra gente, assim, é... A gente vai falar mais pro final, né, sobre um projeto futuro.... Eu acho que super se encaixa, assim, pra ajudar a construir....

P2: Aham.

PP: ...um projeto desse tipo. E o que você falou... Que você falou assim que “o inglês pra negócios só voltado, assim, pra empresa” é o que a gente tenta fugir atualmente. A gente fez um projeto com temas sociais um tempo atrás, trabalhou dentro de sala, mas vai sempre muito... é... do que eles me passam. Eles, alunos, me passam. Então, eu acho que é uma... O projeto tem... A minha ideia, né, é abrir essa porta, mesmo, pra que a gente possa construir um outro ensino de inglês dentro do LEANI, né? Essa é a minha proposta, né. E eles abraçaram isso; eles também sentiram a mesma coisa, né. Principalmente... digo: parte dos alunos, né? Principalmente, assim, os alunos que já têm alguma experiência lá fora, né, e que... enfim. Eu consegui uma adesão bem bacana, assim, dos alunos. Mas é muito bom saber dessa tua experiência, assim, que eu desconhecia, né. Eu vejo sempre você muito abraçado com os projetos, enfim, de organizações diferentes, né, mas não sabia dessa tua... dessa tua experiência, assim. Muito... Muito bacana, assim, pra gente.

P2: Beleza. Bom, é... Eu lembro que eu contribuí, até... eu resgatei, não sei se eles já tiveram acesso, os textos que eu te mandei... Eu vi a data e era 2017... uma pastinha. O que eu poderia fazer é... mas, enfim, eu tenho total confiança em você, né, é... Eu poderia compartilhar um material mais bruto, eu acho. Até de documentos que eu usei ou, assim, de algumas bases que você possa, também, ter textos mais atualizados, mas com relação a alguns materiais que eu tenho de uso mais de trabalho, eu não digo nem de movimentos sociais, da ONG, não, mas, principalmente, da (*nome de uma grande empresa*), teria essa necessidade, de repente, de adaptar e não usar o material é... como ele tá agora.

PP: É, (...)

P2: Não digo nem por segredo, mas enfim você sabe como essas coisas são, de circular... “Ah, tá vendo, tá vazando documento”, enfim. Mas eu posso fazer uma pastinha, sim, né, com o material. Você avalia o que que poderia ser. Nas redes internacionais a gente tinha essa experiência, uma necessidade de traduzir pro inglês e o espanhol e, em alguns casos também do espanhol pro português, né... do inglês pro português eu acho que era mais remoto, mas traduzir do espanhol pro português. É... Também alguns materiais que eu acho que ajudam bastante, até podem ajudar vocês nas outras línguas, né, no espanhol, no francês...

PP: Ah, será ótimo pra gente!

P2: Eu, quando fiz o concurso pro LEANI, eu achava assim: bom, acho que agora vai ter um curso que vão traduzir diretamente do inglês pro francês, do inglês pro espanhol... (risos) né? Eu comentava, às vezes, um pouco isso com a PE, ela ficava um pouco assustada (risos)

PP: (risos)

P2: Enfim, mas acho que é, né? Um avanço que é bastante interessante, né? Eu tenho, às vezes, essa prática de, às vezes, tentar ver os filmes com legenda em espanhol, ou, né, o filme em inglês com a legenda em inglês pra dar uma reforçada, enfim. Então, é algo que também me... em alguma medida, me interessa. (inaudível)... a fugir do roteiro, né, agora eu tenho algumas experiências aqui com relação a... não sei se é um ponto também que precise se alongar tanto, mas já que você entrou também, é... a gente estaria o que? No ponto quatro? No ponto cinco?

PP: É, você falou da sua experiência, ponto quatro e a gente acabou entrando um pouquinho já no cinco, né? E... sobre documentos, P2, eu tenho muita experiência com documentos assim. Eu trabalhei com portos, né. Então, eu recebi muitos documentos da Vale e a gente teve que adaptar todos esses documentos para trabalhar com... Tirar nome das pessoas, tirar nome da empresa, né? Então, a gente inventava uma empresa, inventava as pessoas. Por isso, tenho bastante experiência. A gente sabe que, assim, pra... Há problemas jurídicos inclusive se você fizer um material desses circular com nomes e com... Então, assim, eu tenho bastante experiência com essas questões. A gente entrou um pouco no ponto cinco, que a gente fala das necessidades do curso... é... O que, na verdade, em inglês, um aluno LEANI precisa na sua área? O que que você diria assim: “Poxa, se ele soubesse isso, ou aquilo”. É... Temas relevantes, gêneros importantes... A gente acabou de falar de documentos, né? Então, gêneros importantes, projetos que você ache que sejam viáveis, situações de aprendizagem, tipo algum cumprimento de tarefa em inglês, né. O que que na sua área você vê como importante para um profissional LEANI, para um aluno do curso LEANI aprender em inglês?

P2: Tá. Bom, eu acho que esse ponto que eu comentei da... Não é preterir, também, um conhecimento de um

inglês mais corporativo, business, mas, na balança, seria também contemplar uma visão mais voltada para as instituições internacionais e pra outros nichos do que seriam as negociações além das empresas, mas levando em conta, também, a participação da sociedade civil, de outros atores, aí, novos atores fora dos mais tradicionais. Não só das empresas, mas do campo diplomático. É... Esse conhecimento em inglês, assim, eu acho, também, que... também acho importante; não vou desvalorizar o conhecimento teórico na área de ciências sociais em inglês. Eu acho que as RI ainda dependem muito disso, mas o nível, né, que eu percebo, por exemplo, em... é... perdão. O nível que eu percebo, por exemplo, em artigos de opinião, de... sei lá, periódicos como The Guardian, New York Times, enfim, é... The Economist... Enfim, imagino que você já utilize, também, algumas dessas bases... São o que, talvez, seja esperado você entender, não só o que seria o que tá sendo dito, mas o contexto também envolvendo, né, essa produção de conhecimento em outra língua que envolve, aí, uma capacidade, né, algum conhecimento, também, duma... né, de conceitos, de questões que vão envolver, principalmente, a área de Economia, de Relações Internacionais, né, uma coisa mais generalista também. Algo que, enfim, eu também nunca tive muitos problemas de passar textos nas disciplinas ou pra trabalhos, orientar e os alunos retornarem “ah, não, não entendi nada” ou “esse texto é impossível de ler em inglês. Eu preciso ter acesso em português”. Então, em termos de dificuldades com relação a gêneros textuais no ensino, enfim, eu acho, até que não só pela experiência no curso, mas também do que os alunos trazem de conhecimento prévio em inglês... É... Isso nunca me restringiu, também, a trabalhar o que eu esperava também em termos de gêneros textuais. Não sei se você já... enfim... Até não comentei isso na minha experiência, mas foi algo também que eu fui... deixando um pouco de lado, até de desinteressar mesmo, mas o nível, por exemplo, de inglês das provas do (*nome de instituição de ensino pública*) né, do (*nome de instituição interna a uma universidade pública*), não sei se vocês já tiveram acesso, é, também, eu acho, bastante adequado. Não são provas, né, dentro do concurso, vistas, aí como as mais difíceis. Eu diria, até que quem tem uma boa base em inglês muitas vezes vai preferir fazer, né, um curso. Enfim, ter, aí... Deslocar esse tempo de preparação só pra prova de inglês, mas acho que é um material que... né, já disponível. Acredito, até, que esse ano eu não recomendaria vocês verem a prova. Não sei nem quem tá organizando, né. Mudou essa questão do... Não é mais a (*nome de universidade pública*), né, mas eu até devo ter. Não sei se inglês eu tenho... algumas bases, também, dessas provas pelo menos desde aí, de 2015, 2016 pra trás, que estão aí no site do (*nome de instituição interna a uma universidade pública*). Algumas são discursivas, também, mas acredito que são um material interessante de avaliar pro curso de inglês, né? Os documentos que eu te passei, né, não sei se eu posso... até eu tenho o link ainda. Eu vi que a pasta do Google Drive está ativa; eu posso te... Compartilhar novamente. Uma outra questão que eu acho fundamental quando a gente pensa o ensino de inglês, envolve, né, algo não restrito só aos Estados Unidos e ao Reino Unido, mas como uma língua que possibilita, também, muitas vezes pra um brasileiro ter contato e ter um diálogo mínimo de inserção internacional em países africanos, na Ásia, também essencial, né? Eu tenho um vizinho que trabalha na Fiocruz, numa cooperação com a China e ele está aprendendo chinês. A dificuldade que ele tem pra aprender chinês, muitas vezes o conhecimento que ele teve em inglês, né. Os materiais didáticos são em inglês pra ele aprender chinês. O chinês, muitas vezes, não vai falar português ou espanhol. Ele vai utilizar o inglês pra falar com você. Então, essa dimensão, também, de incorporar... Né, aí pensando, também, em alguns casos mais específicos: do inglês sul-africano, do inglês da Índia. Também de que forma o inglês pode contribuir... Excluindo, aí, talvez, a América Latina ou um outro país das américas que a língua prioritária seja o inglês, mas também é o trampolim para uma inserção a partir do Brasil é essencial, né. Sem esse conhecimento, enfim, fica ainda mais difícil você, também, ampliar o que seria essa dimensão duma cooperação sul-sul, né, de um conhecimento a respeito de outras regiões do mundo, não só... Sem também menosprezar essa importância de conhecer o contexto dos Estados Unidos, do Reino Unido, né, que são países também que são essenciais para construção do sistema internacional moderno, das instituições internacionais, da própria (*nome de organismo internacional multinacional*), enfim. Mas acho que, também, na balança, da mesma forma que esse conhecimento, né... O uso mais prático do inglês pra organizações da sociedade civil, né... Uma leitura pós-colonial, decolonial, enfim, que seja, que envolva, também, uma percepção do uso da língua inglesa, também fora desses contextos de origem. Algo que é bastante interessante, né? Eu, por um acaso, tive uma colega que, enfim, foi até no início do semestre... Ela é italiana, morou muito tempo aqui no Brasil, mas ela teve também a experiência de morar na África do Sul e, aí, ela voltou pro Brasil. Ficou aqui talvez alguns anos. Aí, um pouco antes da pandemia, né, de ter estourado tudo, ela voltou pra Itália. Então, ela mora até em Torino, todo aquele centro do que foi, inicialmente, a crise lá na Itália do coronavírus, enfim. E no momento que ela foi pra Itália, ela deixou comigo vários filmes sul-africanos muito interessantes. Assim, eu não vi todos, né. Devo ter... Quando ela foi embora, ela me deu, assim, uns 8 ou 9 lá que eu escolhi e eu tô com esses filmes, enfim, alguns são um perfil mais documentário, outros, né, também (CHAMADA TRAVOU – INAUDÍVEL) (44:35) Pode ser que seja realmente uma inscrição, também seja vários muito abertos a receber... enfim, estudantes estrangeiros só pra aprender o inglês de lá, enfim. Também tem o uso de outras línguas, mas é só um exemplo, né, talvez, do que possa envolver um tipo de uso da língua que a gente percebe que não prepondera na forma mais tradicional. É... Inglês indiano eu acho que é ainda mais difícil nesse sentido, enfim, mas acho que é um ponto que eu tinha notado aqui que eu acho relevante, né? De destacar neste momento em que vocês estão também abrindo, no seu caso, no

doutorado, uma pesquisa a respeito, né?

PP: **Sei.**

P2: Bom, não sei mais. Acho... Você falou de temas, né? Eu acho que os temas, enfim, acaba tendo uma dificuldade, também, do interesse dos alunos, que acaba sendo muito vasto, né? Então, eu acabo, muitas vezes, fazendo um processo de consulta para saber, também, alguns temas (CHAMADA TRAVOU – INAUDÍVEL) (45:53). É, também, uma diversidade muito grande, que vai envolver, também, talvez um pouco... algo específico numa gramática, do uso de conceitos não só em inglês, mas em outra língua; É... que... de fato, a pessoa vai ter que ralar pra muitas vezes se debruçar com relação a um tema, a uma região, enfim. Acredito que essas dificuldades apareçam, aí, mais pra vocês com relação ao uso coloquial da língua, né?

Bom, não sei se eu já estaria avançando, também, pro ponto seis, se vocês têm alguma dúvida...

PP: **Uhum.**

AP2: Eu só queria... em relação a essa parte de estratégias de aprendizagem, das tarefas... Assim, tendo como base o que você, por exemplo, costumava fazer, o trabalho com a ONG... Tendo isso como base, o que você acha que poderia ser feito a nível de atividade, de tarefa que pudesse ajudar o aluno LEANI a executar e exercer essas funções, por exemplo?

P2: Tá, é... Enfim, uma das questões eu acho que envolve, por exemplo, é... a tradução de declarações, de documentos finais, de documentos políticos, que vão ser construídos, né, muitas vezes a muitas mãos e que a tradução também acho que tem um papel crítico nesse sentido de que muitas vezes uma palavra ou uma discussão que foi desenvolvida em inglês... Em português e espanhol, por exemplo, quando você traduzir pro inglês será que, né, esse tipo de termo... Acho que se coloca uma aprendizagem e um desafio que é bastante interessante.

AP2: Uhum.

P2: É... Eu tenho pensado, né, até com relação a essa questão da nossa retomada das aulas, eu, em determinado momento da pandemia tentei acompanhar uma *live* pra ouvir um professor canadense, né, o Robert Walker e... Enfim, tem gravado, né. Até... especificamente essa fala eu não vi na hora, eu vi a posteriori. É... eu acho que seria um trabalho interessante, também, já que esse conhecimento que tá sendo compartilhado, né... Muitos debates que foram possibilitados pela pandemia e que tão lá no arquivo de três horas do Zoom, né, que também se tentar, muitas vezes, transcrever ou tentar fazer um resumo de algo que tem sido, né, talvez uma forma, como a gente tá aqui, também, nesse sentido de reuniões e debates que acontecem virtualmente. E você também ter uma síntese desse conhecimento... Enfim... Então, até talvez seja um dos autores mais complicados da área de R.I., o Walker, quando eu fui ouvir a palestra, tive que voltar... Não é só assistir, muitas vezes, os vinte minutos ou meia hora da fala ou do debate. É trabalho, ali, também, de persistir, né, entender e sintetizar – um pouco do que eu tentei fazer nas minhas anotações, algumas tão em inglês mesmo – esse conteúdo que agora tem circulado, aí, como produto de uma nova forma de produzir conhecimento, de circular conhecimento que a gente tá... e... Eu também sou um pouco cético que isso não vá... é... que vá acabar, por exemplo, no fim do ano, né, então é algo que tende a continuar. É... Até eu tô tocando nesse ponto, PP, não sei se você chegou a receber... até seria legal... é algo que eu pretendo compartilhar com os alunos, aí, nessa retomada, um material produzido por um colega, também meu colega da graduação, do mestrado na (*nome de universidade privada*), sobre produção de conhecimento nesse contexto pós-pandemia. Enfim, eles fizeram um manual com, né, alguns softwares, algumas bases também relevantes, até trabalhos de etnografia virtual, eu não tinha nem (risos) pensado nessa possibilidade, né... As limitações, as dificuldades que existem em fazer um trabalho, né, nesse sentido, com uso da metodologia da antropologia, da etnografia, né, em contexto... Não sei se contempla, aí, o uso das plataformas ou de entrevistas, deve, eu acho que, ir um pouco nesse caminho, mas é algo novo pra mim nesse sentido também, que acho que é uma síntese também bastante interessante, né. Eu compartilhei com o P1, que gostou bastante do material, acho que principalmente pra incorporar os trabalhos de conclusão de curso, mas tem uma amplitude e uma validade que acho que transcende e pode ajudar, aí, você também a pensar a sua própria pesquisa, né, e a produção de conhecimento nesse contexto que a gente tá vivendo. Então... Vocês querem que compartilhe isso pelo chat, ou mande por e-mail...? O que que... é melhor?

PP: **Isso! Por e-mail? Melhor?**

P2: Tá. Então assim que a gente, de repente, acabar, eu também mando esse material. É... Em termos de projetos, eu até, em determinado momento... Lembra do (*nome de um professor*)? Um professor que era... (INAUDÍVEL 52:43), que teve esse interesse de dar aulas em inglês... Eu não teria uma restrição, também, com relação a isso, em espanhol, também não. Não sei, também, em que medida, é algo que todos os alunos possam ter interesse, mas é uma possibilidade. Se não o semestre inteiro, utilizar algumas das aulas em que esse uso poderia ser uma ferramenta, né, também de incorporar no cotidiano, né? Muitas vezes a gente trava na língua por não usar, né? Escutar muito, mas o ato de falar eu acho que também traz muito da prática, enfim, de algo que muitas vezes eu percebo quando a gente... mesmo em contextos em que... principalmente em outros países europeus que não a Inglaterra, enfim. O uso cotidiano do inglês é mais comum... Talvez fora aqui, alguém que trabalhe com turismo, em que é uma coisa mais *en passant* mesmo, mais cotidiana... que, se organizado, a gente poderia desenvolver. Acho que as simulações, né, também têm uma estrutura, né, de materiais, aí, de aprendizagem já compilada, né,

organizada, são, também, né, acho que um nicho interessante. Eu tive a experiência, até num semestre do ano passado, né? O AP2 fez a disciplina, também, de negociações. Você fazia, também, a disciplina com a PI2? Não, né?

AP2: Fazia!

P2: Foi ótimo, assim, pelo menos no meu ponto de vista... A gente fez a simulação em português, PP, não sei se... Eu lembro que... acho que você teve algum contato, fez essa intermediação, também, com a PI2. A gente fez uma simulação em português e eu passei as atividades em inglês, né. Acho até... Lembrando, assim, vagamente, agora, acho que o AP2 foi um dos alunos que foi muito bem e tal, mas, por exemplo, alguns alunos pegaram um material em português, vamos dizer, já pronto e copiaram praticamente ao pé da letra, passaram pro inglês um pouco meio Google Tradutor, sei lá, e entregaram o trabalho. E aí eu percebi, entendeu? (Risos) Então uma experiência de: peguei lá, puxei, traduzi do inglês pro português e vi que aquele material era um material copiado. Eu passei pra PI2 e falei “PI2, esses três ou quatro, assim... Esse material, enfim, você tem que ponderar na nota que o texto tava excelente, mas era uma cópia corrida dum texto que foi produzido por uma das organizações que a pessoa tava representando na simulação”. Enfim, nem tudo é tão simples, né? Mas, também, por... acho que talvez por ignorar “bom, será que o professor sabe inglês?” (risos) Sabe e aí eu peguei o material e fui ver, assim, chamou a atenção. O uso de algumas palavras específicas, né, a gente sabe, tem alguma experiência aí de captar isso, então..., mas acho que é um desafio, também. Eu lembro que foi muito importante pra mim um momento na graduação participar, por exemplo, de uma simulação em inglês. Eu acho que isso dá uma desenvoltura, uma confiança, também, no uso da língua que é um exercício que, fora, aí, também o respeito aos colegas que não queiram usar, enfim, fazer a atividade da disciplina em outra língua, mas havendo esse consenso, também acho que é um nicho interessante.

E o outro, né, acho que eu já... que eu coloquei aqui envolve principalmente esse acesso a regiões, né, o estudo das regiões, principalmente Ásia, África, Oriente Médio, que a língua inglesa possibilita. Então, trabalhar, também, na balança, muitas vezes, esse contexto de uso do inglês na cooperação sul-sul ou, também, na forma como se desenvolve os negócios em outras regiões que não só as tradicionais e... Não, sei, também, como vocês têm trabalhado filmes, né? A E4... perdão, a PE tem essa disciplina de legendagem. Eu, muitas vezes, vejo um filme e aí vejo que a tradução em português, ela não é ideal. Eu não sei em que medida, também, vocês, seja na disciplina de inglês ou das outras línguas, enfim, têm feito esse trabalho envolvendo ou tradução ou algo mesmo mais de conteúdo com o uso de filmes mesmo. Pode ser documentário, também, mas eu acho que existe muita margem para séries, também, enfim, pra trabalhar conteúdos internacionais e o uso da língua inglesa em vários filmes, né? Também é algo que eu quero, nesse retorno, priorizar, né, como uma das formas de avaliação.

PP: Isso, P2, é... Sobre a simulação que você fez com a PI2, né, foi um pedido meu a ela, né, porque essa turma do AP2, ela já vem, assim, meio que sendo a minha cobaia, né? (risos) Então, eu já vinha trabalhando com projetos com eles e, com a minha saída, ter essa turma voltando prum livro didático, trabalhando aquela “lição a lição”, eu achei que não seria uma boa. E aí eu conversei com ela porque no quinto período, lá atrás, né, eu tinha conversado com o P4 sobre trabalhar simulação em inglês e o P4 tinha falado pra mim que eles estavam muito crus, que parece que a questão da disciplina de vocês começa assim, de pouquinho em pouquinho, né? Ele achou assim “olha eu acho que eles ainda não têm uma base, a gente tem que dar uma base legal desse lado de cá pra que a gente possa fazer esse trabalho com eles”. Aí acabou que no quinto período a gente fez um projeto relacionado a temas sociais. A gente fez um outro projeto, que eu, pra mim, foi um projeto super bacana, rendeu muita coisa, né. A gente teve... falamos de feminismo, racismo, e tudo, todas as outras questões, né, questões sobre suicídio na universidade, muita coisa bacana surgiu, mas a gente não conseguiu fazer lá atrás. E aí, com a entrada da PI2, eu pedi a ela e aí eu acho que coincidiu “olha fala com o P2, vê o que que ele tá fazendo, pergunta o que vai acontecer e tenta, aí, fazer um projeto” porque a ideia do projeto, basicamente, não precisa ser você dando aula em inglês, né, mas aproveitar alguma coisa que você vá fazer, que eu, também, em inglês possa ganhar com isso, né? E todo mundo ganha. Ganhamos eu, você e os alunos, né? Então, assim, a gente tenta trabalhar junto né, unificando a coisa, né, e assim, na tua área, acho que tem muita coisa pra inglês, pra gente aproveitar em inglês, né, digo. Essa é a minha sugestão, né. Então, assim, o que o P1, lá atrás, fazia de dar aulas em inglês, né? É bacana. É legal, mas, assim, não é exatamente um projeto.

P2: Entendi.

PP: Não é uma coisa interdisciplinar. Não é uma coisa, assim, que eu tô trabalhando na minha sala, que você tá trabalhando na tua sala, né? O bacana é a gente conseguir ligar isso, né? Fazer uma liga bacana, porque, assim, o que o livro diz pra mim, o que eu consigo perceber não satisfaz as necessidades do LEANI. Um livro de business não satisfaz as necessidades do curso LEANI. Eu me sinto muito, assim, parecendo que eu tô dando aula num curso de *business* lá no centro da cidade, dentro da empresa, não tem muito curso assim?

P2: Aham.

PP: A impressão que eu tive quando eu caí no LEANI era essa, assim, não parece um inglês na graduação. Entende? Em que a gente busca trabalhar com projeto, com a autonomia do aluno, fazer com que o aluno

pesquise, fazer com que o aluno busque e eu entendi que, dentro do LEANI, embora na universidade os trabalhos sejam muito “cada um na sua”, né, “cada um na sua praia”, né, não dava pra ser. Entende?

P2: Aham.

PP: Pela própria proposta do curso, né? Eu acho que pela própria proposta do curso. Então a ideia dessa reformulação, de ter uma nova proposta de ensino para inglês é essa. É fazer com que a gente consiga, aí, associar e, de repente, assim, “ah, P4, em qual período a gente pode entrar com um projeto na tua área? Ah, é no quinto período? É no sexto período? Ó, eu vou fazer simulação em tal período, hein? Inglês pode entrar aqui comigo, a gente faz um trabalho bacana”. É essa a minha proposta, né? Trabalhar em conjunto com vocês, sabendo o que eu vou trabalhar e que eu possa ajudá-los futuramente, que nós possamos ajudá-los melhor futuramente. Essa é a minha... a minha intenção com o projeto, né, de ligar isso tudo, né? Então, assim, eu acho que você tem um monte...

P2: Tomara.... Você tem alguma informação nova sobre a professora de inglês que tá pra vir? Você conhece ela?

PP: Eu não a conheço, eu sei que ela é amiga da PF, assim, fez algum curso, acho que estudou na mesma faculdade que a PF. É uma professora que vem de uma escola... não é americana, não... talvez britânica... alguma escola dessas, assim, sabe? Tem um... Sei que ela tem um bom conhecimento de literatura. Conversei bastante com ela porque ela estava imaginando que no LEANI o inglês era voltado para leitura e ela tava querendo um livro para planejar as aulas, assim. Eu dei outras ideias pra ela. Eu acho que consegui, de alguma maneira, ajudar, mas eu acho que ela ainda demora a entrar um pouquinho no curso porque a PF falou pra mim que ela ainda não tinha sido chamada, né?

P2: É. Não. Eu... A última informação que eu tive era essa mesmo, mas, de repente, informalmente você talvez tivesse alguma...

PP: Não...

P2: Algum contato.

AP4: Pelo que eu entendi, ela tava pra ser chamada, mas não conseguiram por causa daquele... do exame que tem que fazer antes de entrar. O exame que faz no INSS, essas coisas assim, como não tá nada funcionando, não conseguiram com que ela começasse, fosse realmente chamada.

PP: É, o exame dela é no CEFET, né? O exame dela é no CEFET, no departamento médico. Ela tem que levar os exames por CEFET. Então é... Bom, enfim.

AP4: Era alguma coisa nesse... nessa linha, que ela tinha que fazer o exame ainda mas que ela tava pra fazer logo antes da quarentena, mas não deve ter dado tempo.

PP: Sim...

P2: Sim.

PP: P2, assim, é...

P2: Diga.

AP2: PP, oi (risos), eu vou precisar sair agora rapidinho, que eu vou dar uma aula, mas muito bom tá aqui com vocês, gente. Bom te ver, P2! Obrigado, aí!

P2: Valeu, cara. Boa sorte, aí!

PP: Beijo, beijo!

AP4: Até, AP2! Tchau!

AP2: Valeu, tchau!

PP: P2...

P2: A gente tá terminando, também.

PP: Estamos! (risos) Só dizer pra gente, assim, em que período você acha viável desenvolver projetos associados às suas disciplinas? Com inglês?

P2: Olha, eu diria que a partir do terceiro... Talvez até o segundo, né? Acho que com um ano de curso, também, acho que você ou qualquer professor de inglês já tenha um ano, aí, de experiência, de contato, também, de saber essa filtragem, né?

PP: Aham.

P2: De repente a gente poderia dar uma organizada nesse sentido de... sei lá, no quinto período, ou no sexto período tentar desenvolver uma simulação em inglês, tentar um pouco puxar isso como algo para ser desenvolvido, nesse sentido, com uma orientação, né, de qual o conhecimento esperado e que se tem do aluno ao concluir o curso com o uso da língua, né?

PP: Aham.

AP4: Estou ficando sem bateria (risos).

P2: Tá usando o celular?

PP: Acho que é isso, P2.

AP4: Eu tô. Meu computador não consegue conectar direito, aí eu tenho que fazer pelo celular.

P2: É pesado, né? No meu computador novo até dá, mas o antigo tava travando bastante esse aplicativo do Teams. O P3 também teve problema, que ele comentou comigo.

PP: Ah, é. Eu preferi fazer no Teams porque eu falei assim “Bom, como os professores já tão usando para

reunião, né, imaginei...”

P2: Aham.

PP: **Porque, assim, pelo que eu vejo das pessoas, assim, cada um prefere um aplicativo. Um é o Zoom, outro é o Google Meet, outro é né. Cada um escolhendo um e eu falei assim “Gente, eu vou optar pelo Teams porque eu acho que os professores estão usando já pras reuniões, né?” Então, eu acho que, de alguma forma, devem ter instalado, alguma coisa desse tipo. Eu acho que vai ser... Eu, na verdade, tô usando o Teams... Ontem, né, foi a primeira vez que eu usei. Eu nunca tinha usado.**

P2: Aham.

PP: **Mas P2, queria te agradecer. Super bom te ver.**

P2: Beleza. Olha, eu... tem um barulho estranho...

AP4: Deve ser eu. Deixa eu desligar aqui o som.

P2: É... Só uma questão, enfim, é, também um informe, é algo, também que a gente pode desenvolver. Eu acho que não vai ser no curto prazo também e que tem, talvez, até, uma maior facilidade, por incrível que pareça com o francês do que propriamente pro inglês, né? É... Não sei se vocês se recordam, mas ano passado eu fiz um esforço, também, de ajudar um estudante africano do CEFET, que teve um problema com a polícia federal, atrasou um prazo, tive que pagar uma multa que dava quase três mil reais, enfim. E neste ano, antes da pandemia, eu propus ter um projeto de extensão aprovado de desenvolver, com esses estudantes africanos – nenhum deles é do LEANI, são estudantes, também, principalmente dos cursos de engenharias – um projeto de passar conhecimento para eles sobre as relações África-Brasil e de organizar, deles se organizarem melhor como coletivo dos estudantes africanos do CEFET. Então quem é o bolsista, quem tem liderado isso é o (*nome do aluno*), é um aluno bastante ativo, enfim, alguns conhecem, que até dá aulas de francês, por ser a língua-mãe dele, mas eu sei, também, que existem alunos que a língua-mãe é o inglês. Eu me lembro de um aluno, agora, que é de Gana.

PP: **Uhum.**

P2: Então, assim, é só uma sugestão, algo pra gente pensar – é até um dos alunos que eu não tenho contato. Nem Whatsapp, nem, enfim, mas eu lembro que presencialmente ainda, quando foi possível, a gente fez a reunião, então era alguém que tinha esse conhecimento da língua inglesa – de, possivelmente, chamar para alguma atividade, algo que você também possa ter em mente envolvendo um pouco esse uso do inglês em contextos não tradicionais, né? Mas só tô colocando isso da dificuldade, também, porque tem sido muito difícil organizar essa atividade com eles, né. Então o próprio (*nome do aluno*), que é o bolsista, me relatou, aí, uma dificuldade muito grande na pandemia em termos financeiros, né? Eles estão recebendo essas campanhas do comitê popular, eles são dos grupos que entrou pra pedir as cestas básicas. Até, ele me consultou agora “pô, a gente pode ter acesso ao edital dos alunos pra acesso ao apoio, ao auxílio remoto, aos recursos neste edital que acho que encerrou ontem?” e eu falei “Claro, vocês não têm nenhuma restrição, né? Mas eles ganham uma bolsa muito baixa pra se viver no Rio, né. 600 reais. Então, você imagina, né. Vários deles. O (*nome do primeiro aluno*) eu sei que mora em (*nome de bairro da cidade do Rio de Janeiro*), tudo bem, não é tão distante, mas o (*nome do segundo aluno*), né, que eu ajudei no ano passado, ela morava acho que em (*nome de bairro da cidade do Rio de Janeiro*), bem depois, enfim. Então ele tomava uma hora e meia, duas horas pra ir, uma hora e meia, duas horas pra voltar. Então é um desafio grande, também, mas é um grupo que precisa ter mais visibilidade também no CEFET. Eles comentaram que, começou a pandemia, a ASCRI não deu nenhum informe, enfim. Essa preocupação que eu acho que prevalece nessa... Nem conheço ela, né, essa moça, aí, que agora tá na ASCRI após a intervenção e... o intercâmbio não é só pra fora né? Aqui a gente recebe um grupo grande, também. Tem um ou outro estudante latino-americano, mas a maioria é... são dos países africanos e não tem uma política, não tem uma orientação, enfim, que também possibilite essa socialização essa... como é que é o termo mesmo?... ambientação, enfim, deles no Brasil. Então só pra, também, você também ter um pouco isso mapeado. Até eu acho que pro francês é algo que estaria mais próximo, não só o (*nome do segundo aluno*), o (*nome do primeiro aluno*), também tem o outro aluno congolês, né o (*nome do terceiro aluno*), que são de matriz da língua francesa, mas também poucos, eu diria que talvez uns cinco possivelmente vêm de países africanos em que a língua inglesa é a língua-mãe. Eu tô organizando com o (*nome do primeiro aluno*) um questionário que a gente vai passar para todos os estudantes do PEC-G. Então depois, também, da gente passar esse questionário, enfim, vai tomar um tempinho, mas depois a gente poderia ter, também, uma visão melhor de como trabalhar isso com as línguas, enfim, aí eu te passo também.

PP: **Certo.**

P2: É isso.

PP: **Certo, P2. Me passa direitinho depois que você passar o questionário lá, que você tiver o teu levantamento, né, passa pra gente.**

P2: Tá.

PP: **É... Eu... Pro final de outubro a gente deve montar algumas oficinas e, de repente, ter a participação de um desses meninos seria bem bacana em uma das oficinas.**

P2: É, assim, pode ser por convite né, não sei, mas eles também têm interesses um pouco... têm uma realidade,

assim, não sei se é do conhecimento de vocês, enfim. Muitos são muito religiosos, né, muito religiosos. E, assim, eu não consigo, eu vejo que eles têm um interesse basicamente, né, uma coisa meio extraclasse, é a atuação na igreja, assim. Então, um ou outro desses alunos da matriz francesa, eles têm dado algumas aulas particulares de francês, mas, se pudesse ter alguma mais vinculante, que pudesse interessar a eles, enfim. É um trabalho de formiguinha, porque tem uma questão financeira e agora, com a pandemia. (inaudível) apresentam algumas dificuldades, vocês imaginem aí os estudantes, né, dos cursos de exatas, os professores, né, pelo que a gente conhece, aí, de ter essas aulas online. Alguns têm. Eu conversei pelo Whatsapp com o (*nome do primeiro aluno*), e ele tem, né, algum erro. Não escreve igual um brasileiro em português, enfim, tem alguma dificuldade também com a língua, né, e o que é bastante relativo, assim, também. O programa do PEC-G é bastante interessante, né, nesse sentido. Tem em outras universidades, não é só o CEFET. Eles ficam um ano aprendendo português aqui em uma instituição que não é a que vai alocar eles inicialmente. Então alguns fizeram português na (*nome de universidade pública*) e aí vieram estudar no CEFET, outros até em outras cidades. Então é um programa que vocês imaginem aí, também, que nessa situação que o país tá né – de costas pra África, de costas até para América Latina – não é uma prioridade né.

PP: **Não, sim.**

P2: Então é o esforço de manter, assim, é muito importante, né?

PP: **Sim... mas aí você vai dando notícia pra gente, que se a gente conseguir encaixar alguma coisa...**

P2: Claro, claro. Mas também é um desabafo, aí, a título de informe pra vocês terem conhecimento, mas é isso.

PP: **Tá bom.**

P2: Beleza! Acho que foi...

PP: **Foi ótimo!**

P2: Minha mãe aqui tá... finalizando que daqui a pouco tem que almoçar e tal...

(risos)

PP: **Vai almoçar, P2! Obrigada!**

AP4: A minha também! (risos)

P2: Mas se vocês tiverem, também, alguma outra questão... Ah, outra coisa: mandei por e-mail... eu não sei qual... eu mandei pro que você me mandou por último, acho que é (*e-mail PP*) o google drive, de novo, que você tem, mas eu mandei pro seu e-mail também, (*nome AP4*), e pro (*nome AP2*).

AP4: Ah, tá bom! Obrigada!

P2: O manual da investigação na pandemia e a base do google drive lá dos textos em inglês.

PP: **Obrigada, P2!**

P2: Beleza?

PP: **Obrigada, tá?**

AP4: Obrigada

PP: **Fica com Deus. Se cuida aí, tá?**

AP4: Foi bom te ver!

P2: Valeu, bom fim de semana!

PP: **Bom almoço! Tchau, tchau.**

AP4: Pra você também.

P2: Tchau.

APÊNDICE P - Transcrição da entrevista – P3 (Professor do Núcleo de Linguagem, Cultura e Sociedade)

PP: Vou começar a gravar aqui, vou gravar aqui na plataforma, iniciar a gravação... Acho que foi!

P3: Começou...

AP4: Começou aqui!

PP: Começou?

AP4: Uhum.

PP: Vocês ficaram verdes pra mim, todo mundo. Agora, apareceu... Então, P3, primeiro, assim... Gostaria de te agradecer por aceitar participar com a gente, né? É muito importante, assim, a sua participação, a participação de todos os professores do LEANI para pesquisa! Então assim, a gente tá gravando sua entrevista. A gente não tem qualquer intenção em utilizar o vídeo, a gente precisa do áudio. As informações, assim, serão apenas utilizadas para a minha pesquisa, né? Para a parte acadêmica e também pra gente utilizar assim com o próprio trabalho com o LEANI, para a gente ir mais pra frente e conseguir produzir uma proposta, mesmo, de ensino de inglês que seja baseado aí em projeto mais multidisciplinar ou até interdisciplinar, né? Esse é o objetivo da pesquisa! Eu vou te enviar o termo de consentimento, no qual a gente garante o seu anonimato. E como eu já te falei, essas informações serão divulgadas apenas dentro da minha pesquisa e para um desenvolvimento de um trabalho dentro do LEANI. Basicamente, já falei do anonimato mas eu preciso te falar que eu cito o CEFET na pesquisa, o nome da instituição. Porque eu acho que é muito importante a gente, é, se colocar dentro de uma instituição tecnológica. A gente fala de um curso que é muito diferente dos cursos que temos lá de graduação dentro do CEFET. Então, eu cito o CEFET, eu conto a história do CEFET e falo como o LEANI surgiu no CEFET. Então, a gente vai para as perguntas, eu dividi as perguntas em três partes. Primeiro vou te pedir pra falar um pouquinho sobre a sua formação e sua experiência... Depois a gente vai falar um pouquinho sobre o processo de análise de necessidades, né? O que você acha que é importante a gente inserir em inglês, que a gente poderia de repente, trabalhar com algum tema ou com algum gênero relevante. Então, a tua contribuição. E a terceira parte é saber se a gente consegue associar um projeto no futuro e de que forma talvez, é pedindo pra que você sugira alguma coisa pra gente. Tá bom?

P3: Tá ótimo!

PP: Então a minha primeira pergunta pra você, assim, é queria que você falasse da sua formação acadêmica. Onde você estudou, a sua formação, o que você fez?

P3: Tá! Bem, (*nome PP*), a minha formação é em letras. Eu fiz graduação em português e literatura de língua portuguesa. Acho que não existe nem mais isso dessa forma. Eu estudei na faculdade (*nome de faculdade privada*), fiz a graduação lá, né? Na verdade eu comecei, eu passei pra (*nome de universidade pública*) naquele momento eu precisava trabalhar e a (*nome de universidade pública*) era integral e aí eu optei pela (*nome de faculdade privada*) que era um turno só e fiz lá. E depois quando eu terminei a faculdade (*nome de faculdade privada*) eu fui imediatamente para uma pós na (*nome de universidade pública*) em “Português do Brasil”, porque eu achava que eu ainda não estava preparado, dentro daquilo que estava nas minhas expectativas dentro do ensino, fundamentalmente, de língua portuguesa. E aí, fiz lá essa pós graduação em Português do Brasil que foi muito boa para mim. E era um momento que estavam construindo o Atlas, né? O Atlas Linguístico do Brasil e eu pude trabalhar naquele momento na pesquisa do Atlas do Rio de Janeiro. Trabalhei com um Erribetorflex, que é, na prática não serve pra muita coisa, mas para pesquisa serve para bastante coisa! Foi bem interessante, pra mim. E quando eu terminei a pós graduação, na verdade, no meio da pós graduação eu comecei a dar aula porque durante a graduação em letras, quando chegou no meio da graduação, eu decidi que eu não seria professor. Porque o professor, naquele momento, já era uma profissão muito estigmatizada e muito mal tratada pelos poderes públicos e pela sociedade. E já era uma profissão em que os profissionais já tinham salários muito abaixo da média, as escolas já eram muito sucateadas... E eu resolvi que eu não queria ser professor pra não passar fome, não é? E, só que quando eu fui fazer a especialização, lá na (*nome de universidade pública*), eu tinha uma turma só com professores de língua portuguesa, todo mundo era professor de língua portuguesa... E não tinha ninguém passando fome, entendeu? Era uma galera que fazia um monte de coisa legal, super alto astral e tal. Porque eu também tinha uma visão muito estigmatizada do professor de língua portuguesa, gente muito chata, gente muito careta, gente muito quebrada e eu não queria fazer parte de um grupo de pessoas assim! E

era uma visão realmente estigmatizada porque gente chata há em todo o lugar, né? Gente careta há em todo o lugar, não é? E aí, eu comecei a dar aula e foi um momento muito chocante porque eu tinha vinte e poucos anos, 25 anos e eu trabalhava em uma multinacional francesa e eu ganhava muito bem nessa multinacional, né? Num trabalho de ensino médio, eu ganhava, em torno, de uns vinte salários mínimos naquela época. E eu larguei a multinacional para trabalhar em (*nome de município da Região Metropolitana do Rio de Janeiro*) e trabalhar na prefeitura de (*nome do mesmo município*) e ganhar dois salários mínimos. (risos)

P1: (risos)

P3: E eu nunca me arrependi disso, esse que é o melhor de saber, na verdade... Eu acabei entrando lá na história, dos miseráveis que passam fome, porque uma pessoa que ganha vinte salários mínimos e da noite pro dia passa a ganhar dois salários mínimos e eu morava de aluguel na época e o meu aluguel era de uma salário e meio... É, foi um período bastante caótico mas a vida deu umas reviravoltas, e aí abriu um concurso para (*nome de outro município da Região Metropolitana do Rio de Janeiro*). (*nome do mesmo município*) naquele momento pra quem era especialista ou tinha pós graduação, (*nome do mesmo município*) pagava dez salários mínimos. E aí, eu comecei a dar aula numa escola particular dentro da favela. Isso é uma história muito interessante porque era uma escola particular dentro do (*bairro daquele município*), as pessoas eram muito pobres. A escola obviamente cobrava muito pouco e obviamente pagava muito pouco. Mas, é, no ano seguinte eu já estava ganhando mais do que eu ganhava na multinacional porque fui dar aula numa escola particular de elite, dava aula nessa escola particular dentro da favela, dava aula no município de (*primeiro município citado*) e dava aula no município de (*segundo município citado*). Trabalhava igual a um louco, né? Mas descobri que ser professor era o que eu queria na vida e comecei a ter muito prazer naquilo. E só voltei pra fazer o mestrado dez anos depois, né? Porque eu tinha o sonho de ser mestre, nem sonhava em ser doutor não! Meu sonho era ser mestre! Eu queria ser mestre, eu queria ser mestre e eu na verdade comecei a dar aula na faculdade, porque ainda era possível só com a pós graduação. Ainda não havia essa pressão, como há hoje do MEC por titulação, e um belo dia um professor me chamou e disse “P3, olha, a gente gosta muito de você. Os professores gostam muito de você! Mas você é o único que não tem mestrado, ou você faz o mestrado ou a gente vai ter que te demitir!”. E eu falei “Ué, cara... Mas não é assim! Como é que se faz o mestrado assim...” e ele falou “Não, dá seu jeito! Faz em qualquer lugar, faz esses mestrados aí no Uruguai que você nem vai...” no Uruguai não! Na Argentina, no Paraguai, sei lá onde era! Era um desses países da América Latina que tinha mestrado em que havia umas circunstâncias, meio, muito questionáveis, né? E aí ele me falou “Faz na (*nome de universidade privada*) que é fácil de entrar, faz qualquer coisa...” e aí eu falei “Cara... Eu não vou a essa altura do campeonato pagar para fazer mestrado, a primeira coisa! Não vou pagar para fazer mestrado! E se for para fazer eu quero fazer um de qualidade!”. E o que acontece é o seguinte: Eu já tinha tentado algumas vezes! Tinha tentado com Literatura, Literatura era o meu sonho. E aconteceram umas circunstâncias muito estranhas, porque a primeira vez que eu tentei foi para Educação na (*nome de universidade pública*). Tinham 17 vagas e 600 inscritos, era pior que um vestibular e tal... E aí eu passei, mas não entrei, não fui classificado. E aí depois eu tentei para Literatura na (*nome de outra universidade pública*), eram 16 livros e eu li 15! Caiu o décimo sexto. E aí depois eu tentei pra (*nome de universidade privada*), eram 13, eu li 12... E caiu o décimo terceiro, né? E aí eu falei “Bem, esse troço não é pra mim, não vou ser mestre por questões de já tentei três vezes, é o destino! Não vou fazer!”. E aí quando o cara me deu essa dura eu pensei “Bem, vou tentar pra Língua Portuguesa. Literatura não dá, não passo para Literatura...”. E aí me inscrevi para a (*nome de universidade pública*) que eram 16 livros para (*nome de universidade pública*). Eu li 3 desses e li assim de pegar um capítulo e ler, não li nenhum livro todo! E aí sabe aquelas coisas que a gente não consegue explicar, né? As questões tinham a ver com os capítulos que eu li, com os 3 livros e os capítulos que eu li. E aí, entrei para a (*nome de universidade pública*), fiz o mestrado na (*nome de universidade pública*) em Língua Portuguesa. Fiz um mestrado em Estilística, né? Trabalhei com humor, trabalhei com as crônicas do Luis Fernando Veríssimo. E a minha pergunta era “O que fazia Luis Fernando Veríssimo ser tão lido?”, né? Ele era lido por adultos, adolescentes, doutores, gente pobre, gente rica... E ele era um cara assim, que se ele não fosse de uma família rica... Com os livros que ele vendeu ele teria ficado rico. Só com a quantidade de livros que ele vendeu no Brasil, ninguém consegue vender livro aqui e ganhar dinheiro vendendo livro. E eu queria descobrir qual era a estrutura dele de humor. Como, o quê que fazia rir? O que nas crônicas do Veríssimo despertava prazer. E aí fiz isso, foi um mestrado que eu gostava muito de fazer! Adorei fazer! E aí, no doutorado eu resolvi expandir isso, né? E aí, entreguei uma proposta de retórica do humor! Eu queria investigar se havia uma retórica do humor. E a minha proposta era investigar dentro do botequim, aquele humor que a gente senta lá na mesa do bar, tomar cerveja e rir. Até o humor do Pasquim, do Casseta e Planeta, todos esses humoristas que fizeram muito sucesso no Brasil. E aí, eu tentei pra (*nome de universidade pública*) porque eu tinha feito na (*nome de universidade pública*)! Tinha terminado com o CR altíssimo, com indicação para Publicação, com louvor com tudo isso... E havia 2 vagas e 3 inscritos! Eu tinha certeza que a vaga era minha e tal. Porque tinha um monte de gente na (*nome de universidade pública*)

que queria me orientar e a banca era composta por 3 professores. Um me deu 10, outro me deu 10 e a terceira me arrasou, me arrasou! Disse que o meu projeto era um horror, que eu precisava viver cinco vidas, que eu era um megalomaniaco! Que aquilo não era um projeto de doutorado, que eu era um louco e tal... E me deu 7 que era a menor nota! E aí fiquei com 9 e não entrei! A primeira colocada tirou 10, a segunda 9,5 e eu fiquei em terceiro lugar. E aí, eu peguei o mesmo projeto, não mudei nem uma vírgula e submeti a (*nome de outra universidade pública*), né? Pro Instituto da linguagem da (*nome de universidade pública*) e fiquei em primeiro lugar na (*nome de universidade pública*)! E tive que fazer o doutorado na (*nome de universidade pública*). E, gente... Não foi nada disso que você me perguntou, né? Tô contando aqui uma narrativa enorme, louco, né? (risos)

AP4 e PP: (risos)

P3: Só era pra falar “fiz isso, isso e isso” é a pessoa enlouquece, né? (risos)

PP: **Tá ótimo, P3! (risos)**

P3: Aí, eu entrei para a (*nome de universidade pública*), o professor que me aceitou a minha proposta era dentro da análise do discurso de linha francesa, né? Porque eu tinha trabalhado com Manguot, Foucault, esses autores e tal. E na primeira reunião de orientação ele diz... Eu fui procurá-lo, justamente, porque ele era dessa linha e ele tinha feito um pós-doutorado na França com a Catherine... Aí, não lembro mais o nome dela! É uma teórica, que é da análise de discurso, que é de humor e tal e que tinha feito pós-doutorado com ela! E fui procurá-lo por causa disso e ele disse “Olha, P3, eu te aprovei. Eu acho seu projeto fantástico, mas eu não quero mais orientar essa linha! Eu mudei de linha teórica, agora eu estou trabalhando com sócio operacionismo e eu queria que você mudasse pra piada.” Gente, eu odeio piada! Odeio piada, odeio! (risos)

AP4 e PP: (risos)

P3: E aí, eu falei “Pô, cara, então porque você me aprovou?” Aí ele disse: “Não, porque o projeto é muito bom! Eu gostei do projeto...” e eu “Não gostou! Você tá me dizendo agora que você não quer orientar! E agora, o que eu faço?” né? Pensei então “Ah, eu vou tentar, vou ver como é que é!” Eu tinha estudado sócio operacionismo no mestrado em uma disciplina! Aí, fui tentar e tal e foi um horror, gente, um horror. Fiquei um ano e meio tentando, um ano e meio não... Uns 8 meses. E eu falei “E agora, né?”. E aí, me reuni com meus amigos que eram também todos orientandos dele. Ninguém satisfeito, todo mundo doido pra largar o cara. E aí eu falei “Gente, eu vou largar!”. E aí eles: “Não, você é maluco! Como é que você vai fazer isso? Não se larga orientador, ainda mais no doutorado! Você vai criar uma situação política horrorosa, depois você não vai passar em concurso nenhum! Vai ser uma merda e tal!”. E aí eu: “Gente, não é possível que seja isso...” e aí eles diziam: “É sim, é isso, é isso!”. E aí eu: “Então, vocês esperem que ele vai me dispensar”. E aí, ele pedia uma coisa e eu fazia outra, ele pedia uma coisa e eu fazia outra... E, aí teve uma hora que eu falei “Ah, quer saber de uma coisa? Vou pegar essa teoria do sócio interacionismo e vou enfiar aonde eu quero!”. E não pode, né? Sócio interacionismo é fala e eu joguei no texto escrito. Enlouqueci, joguei no texto escrito e aí mostrei pra ele e ele falou: “Você tá maluco? Isso aí não cabe! Como é que você faz isso?” e aí eu disse: “Pois é, mas eu to indo lá pra um congresso na Paraíba para apresentar isso e eu vou me apresentar lá!”. E aí, ele disse: “Não diz que você é meu o orientando, não põe o meu nome! Isso vai ser um horror!” e tal... E eu fui e apresentei e o povo enlouqueceu, adorou. (risos)

PP: (risos)

P3: E aí, ligaram pra ele de lá e falaram “Nossa! Tem um cara aqui que é seu orientando, a gente olhou o currículo dele e foi brilhante” não sei o quê e eu não falei nada do nome dele! Aí, quando eu voltei ele me chamou para uma reunião e acabou comigo. Ele disse “Eu quero te dizer que...”. Ih, gente... Acho que eu nem podia falar isso numa entrevista, soltei o verbo (risos).

PP e AP4: (risos)

P3: Aí, ele falou: “Eu quero te dizer que os nossos interesses não coincidem mais!” Aí, quando ele falou isso eu falei: “Nossa, pela primeira vez eu concordo contigo! Sério!”. E aí, já tinham quase dois anos de doutorado e eu já estava com a qualificação marcada. E eu falei: “E agora, o que eu faço?” e aí resolvi: “Vou trancar!”. E vou pra Antropologia, vou pra Sociologia, vou para qualquer outro lugar, porque aí eu já tinha... Já estava querendo estudar raças, já estava querendo estudar racismo. Aquela coisa de humor já não me interessava mais. Ele mandou eu ler 300 e poucas piadas. Eu lia as piadas, eu não aguentava mais ouvir falar em piadas e nada daquilo. E aí, subi, fui pro quinto andar para trancar a matrícula, só que eu estava muito nervoso e a galera da secretária era um grupo muito bom, muito bacana, gente muito boa! E aí, eu: “Não, não vou passar essa energia pra esse povo não, vou descer, tomar uma água, relaxar e depois eu vou!”. E aí, quando eu estava descendo pra tomar água eu encontrei um ex-aluno meu da graduação que agora estava fazendo mestrado. Aí, eu contei pra ele e ele me falou: “Você é maluco? Ninguém tranca

doutorado!” e tal... E eu falei: “Cara, não dá, o que eu quero fazer é a Letras não banca e não vou conseguir discutir o que eu tô querendo discutir na Letras...”. E aí, ele: “Conversa com a minha orientadora!”. E aí ele falou quem era a orientadora dele, a (*nome da Orientadora*). Aí eu: “Olha, todo mundo diz que essa mulher é o capeta! As pessoas dizem que passam na porta dela e se benzem, sabe?” e aí ele falou: “É verdade, ela é o capeta! Mas se ela resolver te orientar, ela é maravilhosa, é uma orientadora maravilhosa! Se ela disser que ela aceita o teu projeto você vai ter uma orientadora maravilhosa!”. E aí, eu falei com ela e ela me aceitou. E ela falou: “Como é que eu vou aceitar um cara que está a cinco meses da qualificação, que me diz que não quer mais fazer o que está fazendo e que quer zerar a pesquisa e começar do zero?” e eu falei: “É, é uma loucura, mas se você aceitar... Eu garanto que eu faço!”. Mas eu não tinha nem corpus, gente, eu só sabia que eu queria trabalhar com preconceito, discriminação, com raça, seja o que for... E aí ela falou: “Mas você não tem nem corpus, e tal...”. Mas, no final das contas: Ela me aceitou. Conseguimos prorrogar a qualificação. Eu fiz a tese em 18 meses, né? Que foi o tempo que eu tinha pra fazer, né? E, mas aí eu já estava no CEFET e eu vinha de uma realidade na qual eu trabalhava 48 horas por semana em lugares diferentes. E eu fiz o mestrado dando 48 horas por semana, com um pai canceroso e morrendo e tal... E no CEFET eu dava 16 horas, e aquilo pra mim era pinto, né? Diante do que eu vivia! E aí, eu mergulhei e fiz o doutorado. E aí, o meu doutorado foi a análise discursiva de um documentário, foi aí que comecei a trabalhar com cinema. Eu analisei um filme chamado “Sou feia mas tô na moda!”, né? Que é um filme de uma mulher que vai para a Cidade de Deus entrevistar as funkeiras da Cidade de Deus, vai entrevistar as mulheres que produzem funk na Cidade de Deus e as mulheres que ouvem funk na Cidade de Deus. E naquele momento, eu era uma pessoa extremamente preconceituosa com funk, com tudo que dizia respeito a funk. E quando eu vi esse filme, eu tomei um choque tão grande... Que eu pensei “Putz, que pessoa equivocada e preconceituosa que eu sou!”. E aí, eu chamei um amigo meu que é professor de música na (*nome de universidade pública*) e falei “Cara, você tem que assistir um filme comigo mas não vou te dizer qual é!” porque eu fiquei com medo de dizer e ele não aceitar. Eu falei: “Eu quero que você assista o filme comigo e depois eu quero que a gente tome uma cerveja pra conversar sobre o filme!”. E ele tava ao meu lado e conforme o filme ia avançando ele me cutucava e dizia “Porra, cara, o que é isso? O quê que essa mulher tá falando? O quê que tá acontecendo?”. E a gente saiu pra tomar a cerveja e eu não conseguia falar que o cara já: “Caralho é aquele negócio! Que filme fantástico, como é que a gente não olha isso? Como é que a gente não vê isso? E tal...”. E aí, eu peguei e falei pra ele: “Cara, você acha que isso aí dá uma tese de doutorado?”. E aí, ele: “Cara, isso aí dá uma tese de doutorado, de pós-doutorado e outro doutorado! Pode propor que vai dar e tal!”. E foi isso, meu doutorado foi isso, foi a análise desse filme e aí depois quando eu terminei o doutorado eu caí naquele buraco que as pessoas dizem caí no mestrado. Eu não tinha caído, muita gente que termina o mestrado e entra em depressão, né? Fica mal e tal. E no meu mestrado não aconteceu nada disso comigo gente, eu terminei o mestrado e parecia que eu não tinha terminado nada. E o doutorado quando eu terminei eu caí na angústia. E eu pensei “E agora?”. Eu terminei o doutorado, estou numa instituição Federal, e agora o que eu faço? E aí, foi quando me inscrevi para um concurso na (*nome de universidade pública*). Fui à (*nome de universidade pública*) fazer o concurso, lá em (*nome de município do estado do Rio de Janeiro*). Li, estudei, me preparei... Quando eu cheguei em (*nome do município*), eu me toquei que eu não tinha levado documentação nenhuma, eu tinha deixado em cima da cama. Toda a documentação, aí... Meu companheiro estava comigo e ele falou “Cara, eu vou lá buscar!”. E aí, ele pegou o carro, veio ao Rio, pegou, levou. Só que no que ele pegou, eu me toquei, eu falei: “Gente, meu inconsciente tá dizendo que eu não quero!” né? E isso aí é a maior bandeira do mundo, como que alguém se prepara e deixa toda a documentação numa pasta em cima da cama? E eu falei pra ele “não vai, tem alguma coisa dizendo pra você não ir!”. E aí quando chegou, esbaforido, ele foi lá pra (*nome de universidade pública*). E aí, quando chegou lá ele não me encontrou porque eu não estava lá (risos). Aí ele ligou o celular, me ligou e falou: “P3, cadê você?” e eu falei: “Eu tô na praia, eu não vou fazer o concurso!”. Aí ele: “Você é louco!” pois é... (risos). Aí eu falei: “Eu não quero, cara. Meu inconsciente já falou pra mim que eu não quero. Que eu quero ficar no CEFET.” e aí, pronto! Eu tinha lá reservado a pousada por uma semana inteira, porque o concurso era por uma semana inteira, aí eu fiquei lá. Fui à praia, tomei cerveja que nem um peixe (risos). E aí depois, eu resolvi que eu queria fazer um pós doutorado, com as questões de raça, de racismo. E aí, fui fazer o doutorado com a (*nome da Orientadora*), não sei se vocês conhecem a (*nome da Orientadora*) é uma pesquisadora, ela é (*nacionalidade europeia*) e hoje ela é uma professora da (*nome de universidade pública*). E ela que fez a tradução do livro da Diáspora do Stuart Hall e ela é uma conhecedora com profundidade da teoria e da obra do Stuart Hall e eu queria muito estudar Stuart Hall. E aí, eu fui fazer o pós doutorado com ela, e nesse pós doutorado nós trabalhamos com o documentário do Joel Zito da Silva... Joel Zito Araújo, que é: Cinderelas, Lobos e um Príncipe Encantado. Que é um documentário bastante forte que fala de prostituição no Nordeste e de tráfico de mulheres no Brasil para a Europa. É isso, gente, aí minha formação! Conte uma história enorme, uma narrativa cheia de detalhes... (risos). Mas aí, minha formação é essa. O quarto doutorado foi ali na Comunicação, foi o único momento que eu saí dali das Letras.

PP: É, P3, sua narrativa foi super rica e assim, linda a sua trajetória! (risos)

P3: A pessoa é maluca e gosta de falar e ainda está confinado, aí você dá oportunidades, né? (risos)

PP: De tudo que você falou assim, na multinacional francesa, o que você fazia?

P3: É, eu quando fiz 18 anos eu aprendi a digitar. E eu não sei se existe ainda essa profissão digitadora, né? O digitador era tão valorizado quão ágil ele é. O quão maior o número de, aí esqueci... É, quanto mais rápido você digitasse, mais valorizado você era. E eu me tornei um digitador muito rápido, hoje eu não consigo mais. E essa multinacional era uma empresa que produzia valores, ela era tipo uma casa da moeda, então ela produzia: Ticket alimentação, Cartão de Crédito, Cheques. E havia uma profissão que era, aí gente não vou lembrar o nome. Acho que era Discotecário, acho que era isso. Não era isso não, mas era parecido com isso. Mas essa função era a seguinte: Nós tínhamos que arquivar aqueles rolos de computador, aqueles rolos de fita de computador. Era todo um processo de arquivamento daquilo, e eu era o cara que recepcionava as fitas na empresa. As fitas chegavam ou dos bancos, ou da casa da moeda, de onde fosse... E eu tinha que dar entrada, eu tinha que olhar, registrar, colocar no computador e enviava para a indústria para esses valores serem produzidos. Era isso que eu fazia.

PP: Tá, entendi. Então, a sua atuação não foi como professor e nessa empresa multinacional, né?

P3: É... Não. Eu comecei a trabalhar com 16 anos e o meu primeiro trabalho foi como auxiliar de escritório em uma empresa de móveis. E foi a minha primeira experiência, eu era um menino ainda. E foi uma experiência muito interessante porque eu trabalhava com pessoas muito loucas, muito loucas em todos os sentidos. E, em alguns momentos, além de ser auxiliar de escritório eu tinha que fazer um trabalho de cobrança! Eu fui até a casa dos clientes cobrar o pagamento deles, né? E era tipo um office boy. E isso me levou a conhecer o Rio de Janeiro inteiro, porque naquela época não existia celular, não existia google maps, não existia internet, né? (risos). A gente tinha uma coisa chamada Guia Rex, que era um livrinho que ia desfolhando e ia virar um mapa que era enorme... E eu não conseguia ler mapas, eu não sabia quando tinha que ir pra esquerda e direita. Eu olhava o mapa e não sabia onde eu estava! E tenho uma experiência da qual eu nunca mais esqueci, que foi um dia que eu precisava ir a Campo Grande. E eu não tinha noção de onde era Campo Grande e não sabia como chegar. E eu olhei o Guia Rex e ele mandava eu sair, pegar um ônibus, descer num lugar pegar um outro ônibus e outro. E eu saí da empresa, fui a minha casa, sentei no chão, chorei, chorei, chorei... E depois que eu chorei tudo que tinha pra chorar eu saí e disse “vou achar esse lugar!”. E fui. Aí, foi um momento da minha vida que foi de grande aprendizado fundamentalmente de encarar desafios e vencer desafios. E aí, só depois dessa empresa foi aí que eu comecei a digitar, né? E aí, também... Tem um monte de história maluca, se deixar eu vou falar e não vou acabar nunca mais. Eu nunca tinha visto um computador na minha vida e eu tinha uma prima que era digitadora. E ela falou: “Eu vou arranjar um lugar para você trabalhar como digitador”. Aí eu falei: “Mas, como é que vou fazer isso? Eu nunca digitei!” e ela: “Não, deixa comigo!”. Aí um dia ela me ligou e ela falou: “Ó, consegui um trabalho pra você, na Lapa, na rua do Riachuelo. Você vai pegar 1 hora da manhã e vai até as 6!” e eu falei: “Vamo bora! Desempregado que eu não vou ficar!”. E gente, eu era evangélico da Assembléia de Deus e eu tinha medo de tudo! Tinha medo do demônio, do capeta, de tudo isso... E eu descia na Central do Brasil e ia até a Lapa a pé, meia noite, sabe? (risos). E eu lembro do dia, o primeiro dia, que eu vi uma travesti na minha vida! Eu nunca tinha visto e quando eu virei na rua do Riachuelo eu vi uma travesti de espartilho preto, com um cabelo enorme, assim, armado! É um cílio imenso e eu jurava que eu tinha visto o capeta, gente, eu jurava que eu tinha visto o demônio. E aí, eu fui lá. E minha prima tinha me dito o seguinte: “Olha, todo o teclado (existem dois teclados para digitador) você vai sentar e vai falar pro seu supervisor o seguinte: Não foi esse teclado no qual eu trabalhei! Independente do que seja! Porque você vai precisar de um tempo para se adaptar e ele vai te ensinar e você vai aprender!”. Aí, óbvio, minha prima maluca e eu desorientado fui lá e falei isso pro cara. Ele disse: “Olha, sua prima (*nome da prima*) que te mandou aqui, ela disse que você é um bom digitador!” e eu quieto. Aí ele foi e me pediu pra ligar e eu não sabia ligar o computador, e aí ele: “Você não conhece essa máquina não?” Aí eu: “Não, nunca vi essa”, aí ele: “Tá bem, pode digitar!”, aí ligou o computador e eu disse: “só tem um problema, eu nunca vi esse teclado!”. E ele falou “ah, não, mas daqui a pouco você pega e tal!”. Aí comecei a digitar e tá o cara me olhando. Passaram 2 horas e o cara veio, nunca me esqueço, ele veio por trás de mim, abaixou e falou baixinho no meu ouvido “A sua prima é uma filha da puta, você nunca viu um teclado na sua frente!” (risos) e eu gelei. Aí ele falou: “Não tem erro não, você vai aprender! Fica aí, vai no teu ritmo! Daqui a pouco você aprende!”. E eu me tornei o mais ágil de todos os digitadores da empresa. E depois fui trabalhar numa empresa só de digitação, que era na Praça Saens Peña. Ela tinha duas filiais, uma na Praça e uma no Jacaré. E eu trabalhei nas 3! E dali eu fui para a empresa francesa e dali me tornei professor e trabalhei no município de (*nome de município da Região Metropolitana do Rio de Janeiro*), no município de (*nome de outro município da Região Metropolitana do Rio de Janeiro*), no Estado do Rio de Janeiro, no CEFET e em várias outras instituições privadas.

PP: E quando é que começa a sua história com o CEFET?

P3: Aí, o que aconteceu foi o seguinte, né? Eu, em 2003, resolvi fazer o doutorado. E logo que eu me inscrevi para o doutorado logo abriram as inscrições para o CEFET, duas vagas. E eu pensei “Putz, isso obviamente é carta marcada! Obviamente já tem quem vai passar nesse concurso, mas eu quero passar na primeira fase!”. Porque quando você faz um concurso federal, não sei se o AP2 e se a AP4 sabem, você é aprovado em qualquer uma das fases aquilo vale ponto para qualquer outro concurso que você vá fazer no futuro! Então eu falei “Vou fazer, porque aí pelo menos eu pego essa pontuação da primeira fase e vou acumulando isso para ter pontos, para quando eu terminar o doutorado, para fazer uma inscrição, um concurso para uma universidade pública e poder passar!”. E aí, veio a prova do CEFET que é um horror, foi a pior prova que eu fiz na minha vida. Era múltipla escolha, 40 questões e eu saí me sentindo a pessoa mais burra, mais ignorante, mais estúpida do mundo! Saí com vergonha, pensando “Gente, pra quê que eu vim fazer isso, que vergonha! Não vou passar nessa merda por nada!”. E aí saiu o gabarito e aí quando saiu o gabarito eu queria morrer porque eu tinha errado 11 questões numa prova só de língua portuguesa, né? E aí, eu falei: “Pronto! Não vou entrar mesmo!”. Só tinha acertado 29, não vou entrar mesmo! E aí, gente, esqueci! Esqueci... Deixei pra lá! E aí, para a minha surpresa, quando saiu o resultado da primeira fase eu estava em terceiro lugar! E eu fiquei: “Gente, eu acho que eu sou uma anta! Mas tem gente muito mais anta do que eu!” (risos). Porque eram duas vagas para 172 inscritos e eu pensei “gente, como eu fiquei em terceiro lugar nesta prova?”. Só que eu fiquei em terceiro lugar empatado com o 11, né? E só podia ir para a segunda fase os 10 primeiros, né? Mas ao que me parece, duas pessoas empataram em primeiro lugar e três no segundo lugar! E nós fomos 15 para a segunda etapa. E aí quando eu fui lá para a segunda etapa o dia que eu, no dia que eu sorteei o ponto, eu queria morrer! Não queria voltar nunca mais, porque o ponto era “O Papel Identitário na Literatura Contemporânea”, uma coisa assim. E eu falei: “Gente, esse povo é maluco, como é que a literatura tem identidade? Como é que se fala disso? Como é que se dá uma aula sobre isso?” Era um nome maior, era: Literatura Contemporânea Brasileira. Aí, eu entrei no carro, peguei o papel e rascunhei uma coisa que veio na minha cabeça! Na hora tive um insight e rascunhei, aí fui pra casa e fiz, preparei... E aí, mandei pra um amigo meu que era da literatura e uma amiga que era da literatura também! Aí meu amigo me ligou e falou: “P3, isso tá uma merda! Você não vai passar com isso... Com isso aí você não vai passar em lugar nenhum!”. E aí, eu falei: “Cara, ferrou, porque...”

GRAVAÇÃO INTERROMPIDA

P3: E aí, fui lá... Corri e comprei o livro, comi o livro e o livro fez assim na minha cabeça: Pá! Abriu minha cabeça! E aí, o meu amigo vai e me manda a aula que ele tinha preparado pra mim! Quando eu li a aula dele, gente, eu não sabia nada do que ele tava falando na aula, eu liguei pra ele e falei “Cara, te agradeço muito! Mas eu não tenho condição de usar isso aí que você tá falando, eu vou seguir minha intuição e vou fazer o que eu tenho aqui!” e ele falou: “Você vai passar vergonha!”. Quando ele falou “Você vai passar vergonha!” me matou, eu larguei tudo e fui dormir. Eu falei: “Ah, não vou... Não vou, fazer esse concurso!”. Aí, tinha um outro amigo meu que tava super ligado e tal e quando deu uma hora da manhã esse amigo me ligou e falou: “P3, a aula tá pronta?” e eu falei: “Cara, não vou fazer...”, aí ele falou: “Não vai fazer porque?” Aí eu falei: “Ah, porque esse tema não dá, (*nome do amigo*) falou que tá uma merda.”. Aí ele virou pra mim e falou: “Você é muito egocêntrico, né, P3? Você está com medo de ser reprovado, é isso? Porque você nunca foi reprovado na vida, né? E aí, não pode ser agora né?” Aí, eu fiquei na minha! E ele continuou: “Deixa de ser babaca, cara. Essa segunda fase não tem reprovação. Você pode ficar desclassificado, mas você não vai ficar reprovado, deixa de ser idiota! Põe esse teu orgulho de lado e vai lá, receber um “não” da banca. Eu tenho certeza que não vai ser isso, mas vai!”. E aí, eu fui fazer a prova, gente... Mas eu estava tão nervoso, mas tão nervoso que eu não consegui dar a aula em pé! Eu dei aula sentado, né? E todo mundo sabe que não se dá uma aula para uma banca sentado. Só que eu não conseguia, minha perna estava tremendo. Se eu desse aula em pé ia ser um escândalo. E eu sentei, dei a minha aula... Sentado. E aí, no final eu terminei falando pra banca o seguinte: “A literatura, ela se quer negra, ela se quer feminina, ela se quer gay, ela se quer religiosa, ela se quer latina, ela se quer americana, ela se quer iraniana, ela se quer chinesa, africana... E vocês me pedem pra falar de perfil de identidade? Façam-me o favor!” e fui embora! Eu tinha certeza que eu já estava reprovado, gente! Eu tinha certeza (risos)! Então, joguei! E quando veio o resultado eu estava em primeiro lugar! E aí, entrei. E quando eu virei amigo do povo eu perguntei: “Mas como vocês me aprovaram, naquilo? O quê que aconteceu?” e aí eles me falaram: “P3, de todos os candidatos você era o mais seguro, você era o mais tranquilo, você era o mais relaxado... E você estava tão relaxado que você nos surpreendeu e nos deu aula sentado!”

PP: (risos)

P3: (risos) E aí, eu pensei “Ou eu sou um excelente ator ou eu sou um esquizofrênico!”. E aí, eu comecei a dar aula no CEFET, né? E aí entrei pro CEFET em 2004, em (*nome de município da Região Metropolitana do Rio de Janeiro*) e fiquei em (*nome do município*) por um ano e meio. E aí, fui convidado a me retirar de (*nome do município*), né? Porque causei alguns problemas lá, por questionar um monte de coisas lá que eu

não concordava. E vim pro Rio, né? E assim, eu amava (*nome do município*), eu amava os alunos de (*nome do município*). Amava dar aula em (*nome do município*)! E tinha o maior receio de vir pro Rio, eu ouvi dizer que os alunos eram elitistas, que os alunos não sabiam o quê, que os alunos não sabiam o que lá! E, gente, eu amei dar aula no Rio. E alguns meses foram suficientes para eu me apaixonar por estar no Rio. E o que aconteceu é que: eu cheguei no CEFET em 2005 e em 2005 o CEFET foi processado por que ele não cumpria a PEC 639! Que é a lei de inclusão da história africana e afro-brasileira... E era exatamente o que eu estava estudando, era o que eu tinha interesse. E eu me ofereci pra ajudar a instituição no que fosse necessário! E aí, fiz algumas exigências em troca da minha ajuda... Que era a criação de um grupo de pesquisa certificado pelo CNPq, né? Ligado às questões raciais e a criação do NEAB (Núcleo de Pesquisa e Estudos Afro-Brasileiros). E nunca houve oposição, e a partir disso aí nós criamos o núcleo, nós criamos a pós graduação, depois criamos o mestrado, né? Eu saí duas vezes. Uma vez fui para a (*nome de universidade pública*), no Ceará, fui ser pró-reitor lá! Fiquei lá dois anos, aí voltei, aí saí de novo... fui pra Brasília ser assessor da Ministra (*nome da ministra*). E tô aqui já contando os dias pra minha aposentadoria que eu pretendo que seja em breve. É isso, minha história do CEFET resumida.

PP: E do LEANI, quando é que você começa? Como é que você foi parar no LEANI?

P3: Então, e aí quando eu voltei de Brasília... Na verdade, eu já conversava sobre o LEANI com o (*nome do professor*) desde que ele começou a rascunhar, desenhar... Ele me falou que estava querendo criar uma graduação e eu fiquei super empolgado, né? E eu fiquei muito empolgado com a disciplina Identidades Culturais, né? E falei pra ele que adoraria estar no LEANI, estar nessa disciplina. E quando eu voltei de Brasília eu conversei com o (*nome de outro professor*) e eu contei que eu tinha muita vontade de trabalhar no LEANI, né? Que eu queria ir pro LEANI pra dar essa disciplina. E aí, ele conversou com a PE, né? Viu as possibilidades e tal. E aí eu fui pro LEANI, tô lá! Foi uma história sem grandes, é, sem grandes narrativas. É isso!

PP: Você chegou no LEANI em que ano?

P3: Eu voltei de Brasília em 2016... Eu não sei se foi 2016 ou 2017.

PP: E a sua atuação no CEFET atualmente, P3? Você tá com quais disciplinas do LEANI, onde é que você está atuando?

P3: Então, eu tô dando aula, nesse semestre que a gente interrompeu mas que vai voltar em breve, eu tô dando aula de Identidades Culturais III, eu dou aula de Planejamento Linguístico ainda não sei direito o nome daquela disciplina, gente (risos). Você sabe, AP4?

PP: É a disciplina de fins específicos!

AP4: É, é isso... Eu não, eu não consigo achar aqui... Você acabou de me adicionar pra aula, acabou não, né? Tem umas semanas, mas é Planejamento... Ah, é isso aí, você sabe qual é, né?

P3: É, é... É a que era de Fins Específicos e mudou o nome! E tem uma disciplina no LEANI optativa que é de identidade discursiva e cinema e no mestrado eu estou dando uma disciplina de Cinema Negro, de antirracismo, que vai terminar agora e logo em seguida eu vou dar uma disciplina de pesquisa em Cinema Negro. E aí, fecha esse semestre. E além disso, eu lidero um grupo de pesquisa que é Racismo e Cine... Não, desculpa. É Racismo, Discurso e Cinema. E só isso!

AP4: A turma é Planejamento e Consultoria Linguística!

P3: É isso, essa consultoria é que meu cérebro não...

AP4: É, não vai!

P3: (risos)

PP: E falando, agora, um pouquinho do teu trabalho no LEANI e do que a gente pretende fazer no futuro com o ensino de inglês, né? Você percebe, assim, dentro da sua disciplina, dentro do papel da sua disciplina no LEANI, quais as necessidades desses alunos, das necessidades do próprio curso em relação a aprendizagem de inglês, na sua área? Tem alguma coisa... Algum tema, alguma atuação de aprendizagem, tarefa... Algum gênero específico? Digo, gênero textual. Você percebe que a gente poderia ajudar em alguma coisa, os alunos na sua área, e com o inglês?

P3: Ô, PP, eu acho o seguinte: O ensino de língua, de qualquer língua, eu acho que ele traz um monte de acréscimos para cognição. Eu acho não! Isso é provado cientificamente que você aprender uma língua estrangeira corresponde a você desenvolver fórmulas aritméticas, corresponde a você desenvolver textos argumentativos, corresponde a tudo isso... Então, partindo disso aí também é útil. Então, eu vou falar das duas disciplinas que eu trabalho e posso falar também inclusive das que eu trabalho como optativa! A minha

disciplina, ela foca fundamentalmente a questão das identidades e da cultura. E, obviamente, todas as vezes que os alunos entendem a diversidade cultural e a diversidade hereditária que está por de trás do ensino de qualquer língua, isso aí é ponto positivo pro profissional LEANI. E assim, eu não vou falar somente da minha disciplina porque eu só consigo olhar isso como um todo, né? Eu acho que, obviamente, as nossas disciplinas elas se complementam na formação desses estudantes e também no fortalecimento cognitivo deles, né? É, na minha disciplina eu tento fundamentalmente levar para eles algumas questões é, que eu acho que são fundamentalmente ideais para qualquer profissional, mas principalmente para profissionais que trabalham com humanos. Que é em primeiro lugar a diversidade, e quando eu digo diversidade é a humana e a linguística. Eu fico sempre extremamente preocupado com os preconceitos que os estudantes, de maneira geral, as pessoas de maneira geral desenvolvem em relação a variados fatores, mas no nosso caso, no ensino de uma língua, os preconceitos linguísticos, né? Os preconceitos com a língua! Eu vejo às vezes pessoas hiper preocupadas com pronúncia, as pessoas hiper preocupadas se a criatura está pronunciando é o “th” de uma forma ou de outra... Numa ilusão, gente, numa ilusão! Nós, com raríssimas exceções, vamos falar com sotaque. Raríssimas exceções, às vezes a gente tem uma fantasia que não fala com sotaque! E porque às vezes a gente encontra gente gentil, é, nativos gentis que dizem: “Nossa, seu sotaque é perfeito!”. É mentira, gente! As pessoas precisam se tocar disso! Eu fico lembrando de quando eu fui estudar francês com uma francesa, né? E ela cismava com meu R, cismava com meu R. Um dia ela me deu um esporro e falou que meu R era de alemão. E aí, eu olhei pra ela e falei: “Minha querida, você tá no Brasil há oito anos! E você fala português como uma francesa e você vai querer que eu fale francês como um francês? Eu vou falar francês como um brasileiro! Você precisa estudar linguística!” falei pra ela (risos). Porque é isso, e eu acho também que eu adoro passar pra eles, tanto o AP2 quanto a AP4 vão lembrar, que é... Ah, eu vou lembrar o nome do filme, gente!

AP4: (risos)

P3: É aquele da França, dos franceses! “Nós Somos Franceses” é fantástico, né? A mulher vai pesquisar franceses que nasceram na França e tal e que são de origens diferentes e que são discriminados e tal. Eu acho que um dos pontos do ensino da língua precisa trazer pro nosso curso essa diversidade! É entender, eles precisam entender que a língua é viva, né? E que a língua, ela sofre com um fator preponderante que é o fator humano! E que se os humanos são diferentes... Se a gente não fala igual Rio e Niterói, se existe diferença da fala do Rio para Niterói, como é que a gente vai esperar que todo mundo aprenda francês, que aprenda inglês, fale todo mundo da mesma forma? É, eu acho que é fundamental entender que a comunicação está acima de tudo! Não sei se era isso que você estava me perguntando e não sei se satisfaz a sua pergunta!

PP: **Eu acho que, assim, a tua fala é até assim uma coisa que a gente, na turma, fala bastante... A turma do AP2 é uma turma, assim, que a gente fala, debate, muita coisa, já vem trabalhando muita coisa né? Porque a gente vê no aluno uma busca do inglês perfeito! O aluno se cobra em uma coisa que nem a gente tá preocupado com isso, né? Não existe isso, né? E ficam baseados muitos e muitas vezes assim, no próprio livro didático! E tentar decorar todas aquelas expressões idiomáticas que talvez nunca usem, entende?**

P3: Isso é bem interessante, eu tenho aqui amigos que estudam em cursos renomados e tal. E que quando viajam ficam loucos porque não aprenderam a falar do dia a dia!

AP2: Sim!

P3: Aprenderam a fala do livro didático, e aí chegam lá... Um amigo meu me falou, uma vez ele me ligou e falou “Cara, eu devia ter aprendido os phrasal verbs, porque é só isso que se fala aqui, não se fala outra coisa...” (risos). Entendeu?

AP2: Sim, e acho que outra questão da diversidade tem muito a ver com essa realidade da negociação em si mesmo, né? É um ambiente muito plural, então dificilmente você vai falar, você vai negociar como um nativo, né? Você vai falar com indiano, com um cara da Nigéria...

P3: Exatamente! Cara, você chega na Inglaterra e você tem um país que é realmente multicultural! E aí, você tá falando... Tem um primo meu que trabalha em Manhattan e ele diz que passa tempos só falando com hispanos! Porque o trabalho dele o leva a falar somente com hispanos!

PP: **E hoje em dia se negocia muito com chinês também!**

P3: Exatamente!

PP: **E o inglês pro chinês precisa ser aquele inglês muito limpo, muito claro, muito básico, né? Não é aquele inglês que as pessoas imaginam todo enrolado, não é aquele inglês que a gente vê lá na CNN, na televisão, naqueles programas... Então, assim, essa conscientização é muito importante! Porque o**

aluno, ele tem essa expectativa, do inglês não sei... High Top! Desse aí que eles imaginam na cabeça deles, né? É uma expectativa que eles têm!

P3: Pois é, só uma coisinha... Eu tô estudando inglês com uma mulher que veio de Uganda. Uma refugiada que veio pro Brasil, eu fiquei curiosíssimo e fui estudar com ela. Gente, nas primeiras aulas eu não entendia nada! E aí, depois o seu ouvido vai se acostumando e você vê que não tem muita diferença não, mas tem uma coisa ali no ritmo, na melodia e tal...

PP: Sim, e como você falou: Nós somos assim! No Rio de Janeiro, nós temos a linguagem, você mesmo falou do filme da... Da Cidade Deus, né? A gente é muito diferente, acho que isso que a gente precisa trabalhar, mesmo!

P3: É, exato!

PP: É, em uma perspectiva de um trabalho conjunto, P3, você acha que é possível planejar? Você acha que é possível ter uma proposta em inglês? Você acha que em que linha a gente consegue manter um trabalho desse tipo? Eu fiz um trabalho com os meninos, na Inglês V, que foi sobre temas sociais. Eles fizeram um trabalho bem bacana, eles fizeram um ótimo trabalho! Um grupo falou sobre racismo, outro sobre feminismo, foram temas bem relevantes, assim, mas isso foi tudo muito conversado com eles. Mas você acha que a gente poderia fazer um trabalho, bolar alguma coisa, você tem em mente assim alguma proposta visível?

P3: Ô, PP, existe um momento da disciplina que eu trabalho com, é... Culturas e hábitos, e religiosidade... E cultura mais de uma maneira geral nos países e normalmente eu peço pra eles analisarem tanto o número da população, religião preponderante, cultura... Cultura de uma maneira geral, pra gente refletir a respeito disso. Como é a política, como é a religiosidade, como é a vestimenta! E aí, é fundamental isso, né? E a partir disso, acho que temos algumas questões. Eu não utilizo textos de línguas estrangeiras. Normalmente, quando aparece um ou outro, é espanhol que a gente traz. Mas seria uma possibilidade, um trabalho em conjunto de análise de texto. E no momento me parece... Eu tenho certeza que haveria outras possibilidades, mas tem que pensar com calma, refletir, amadurecer!

PP: Você falou desse momento da disciplina, sobre a questão de culturas e hábitos em geral, mas quando seria esse momento da disciplina, em P3?

P3: Peraí, deixa eu só responder uma coisa aqui, só um minutinho...

P1: **Claro!**

(PAUSA)

P3: Eu não lembro aqui, acho que foi no terceiro período que eu fiz isso...

PP: Uhum!

P3: Mas foi só uma vez que eu fiz e não sei em que turma foi.

AP4: Esse dos países, foi no terceiro período, Identidades Culturais.

P3: Foi na sua turma?

AP4: Foi na minha turma, foi!

AP2: Na minha turma, se eu não me engano, você trabalhou com movimentos sociais...

P3: Movimentos sociais, foi!

AP2: E falando disso, ontem até estava falando, com o P2 e ele falou muito sobre os movimentos internacionais, falando sobre ONG e terceiro setor. E aí, eu fiquei pensando, assim, nesse link, né? Porque na área de RI eu acho que o P2 trabalha um pouco essa pegada. E eu achei legal, porque eu consigo fazer hoje em dia essa conexão: do que ele fala com o que você trabalhou com movimentos sociais.

P3: Ai, que maravilha! Fico feliz!

AP2: Achei interessante, isso! Um adendo, eu queria te falar!

P3: Ótimo!

PP: Deixa eu abrir aqui! É, isso, P3! Assim, a gente pensa exatamente em fazer um projeto aí futuro em que a gente possa trabalhar mais essa realidade, entendeu? E que a gente possa colocar pro aluno o que realmente é importante dentro do LEANI, né? E juntar com vocês!

P3: Ótimo!

PP: É o que o AP2 acabou de falar sobre conversar com o P2, anotar as sugestões e ver quando a gente pode trabalhar isso, né? Qual seria o período adequado, né? E é bom, porque agora eu vou estar expert em várias áreas!

P3: Eu acho que essa sua pesquisa será fantástica e muito útil no programa, tô torcendo aí pra você fazer muito sucesso e fazer uma pesquisa linda!

PP: Ah, muito obrigada, P3, te agradeço por participar com a gente... E qualquer coisa, te chamo de volta! Tá bom? (risos)

P3: Tá bom, querida, beijos!

PP: Beijo grande, muito obrigada! Tchou, tchau!

AP2: Obrigada, tchau!

APÊNDICE Q - Transcrição da entrevista – P4 (Professor Núcleo de Negociações Internacionais)

PP: Então, (*nome P4*)... Primeiro, a gente queria te agradecer mais uma vez por sempre estar colaborando com a gente. É sempre assim, é muito bom compartilhar as coisas com você e aprender também, né? Por isso que a gente tá aqui! Então, primeiro é te agradecer e segundo é te falar do “Termo de Consentimento de Pesquisa” que foi enviado e que, a gente assim... Vai manter o anonimato, as suas informações, tudo que a gente conversar aqui eu vou aplica-las na minha pesquisa... E futuramente para um projeto de ensino de inglês no LEANI. Eu tô ressaltando, assim, que na minha pesquisa de doutorado o nome CEFET, a instituição CEFET, aparece porque eu acho muito importante a gente situar o LEANI dentro de uma instituição tecnológica. Dentro de uma instituição tradicionalmente das engenharias, né? Então assim, eu falo do CEFET historicamente e falo de como o LEANI foi parar no CEFET. Então, eu falo do CEFET, falo do curso LEANI pra que a gente possa saber, assim, qual é essa importância do curso dentro do CEFET. Então, e em terceiro lugar eu queria agradecer as meninas, as alunas, esse grupo, né? Que é um grupo que vem comigo na extensão. A (*nome AP4*) chegou um pouquinho depois com a monitoria, é um grupo, assim, bem empenhado em ajudar nessa questão do ensino de inglês, né? Assim, vou falar por mim de inglês mas acredito que seja assim no ensino de línguas de forma geral. Então, é muito importante a participação e elas estão aqui no sentido de: Elas estão em sala de aula. A (*nome AP1*) já esteve em sala de aula, né? Então talvez conheçam um pouco mais das questões que você colocar, um pouco mais do que eu. E aí elas vão me ajudar a construir esse trabalho, tá? Eu dividi o roteiro de entrevista em 3 partes, você vai falar da tua formação e experiência. Depois a gente fala um pouco de análise de necessidades, o quê que seria importante para esse aluno aprender inglês... O que você acha, quais seriam as suas sugestões. E a terceira parte seria uma parte para um futuro projeto. Se a gente conseguia fazer um trabalho aí no futuro em conjunto. Então, dividi dessa forma. Como a gente tá num modo remoto, né? A interação na entrevista vai acontecer, mas eu vou sempre esperar você terminar de falar, você sinalizar pra gente que terminou de falar. Se eu tiver alguma dúvida, eu vou anotar e vou te perguntar depois. Então vou sempre assim: Fazer primeiro a pergunta, esperar, não vou te interromper porque essa interação remota é um pouquinho diferente, né? Tudo bem?

P4: Existe uma função maravilhosa aqui no Teams que é a de levantar a mão, né?

PP: É ótima, ótima...

P4: Então, se eu levantei a mão eu sei que você falou alguma coisa que eu quero te interromper ali. Então, me interrompa a qualquer momento, por favor. Eu falo, às vezes, prolixamente e o meu medo é que eu leve vocês a se perderem. Então, se houver alguma questão ou me interrompam ou levantem a mão e a gente para, tá?

PP: A gente fez isso, o (*nome AP2*) usou muito bem isso, esse recurso... Acho que foi ontem, ele usou bem esse recurso. E é muito interessante, né? Como a gente consegue driblar, né? Com essas plataformas, essas ferramentas. (Pausa) Então vou começar te perguntando pela tua formação. Tua formação acadêmica, qual o curso que você fez, se fez alguma especialização... Como é que você trilhou aí o teu caminho acadêmico?

P4: Bom, em primeiro lugar é sempre um prazer colaborar com vocês. Eu acho que essa troca é fundamental, e eu não tenho nenhuma dúvida que, não apenas a pesquisa no Brasil mas, no ensino ele acaba ganhando bastante também! Com esse tipo de interação, então, parabéns pela pesquisa! Muitas das vezes a gente observa pesquisas que ficam muito em cima da torre de marfim, rebatendo aspectos teóricos excessivamente quando na verdade... Enfim, a teoria pela teoria ela tem o seu valor, não tenho nenhuma dúvida quanto a isso mas quando eu vejo uma pesquisa que de fato tem um fim muito claro... Um fim de aplicação, de mudança, de realidade educacional, fico bastante entusiasmado com essas propostas de intervenção a nossa realidade educacional, eu acho que nós precisamos mais desse tipo de pesquisa, desse tipo... Eu diria: De esforço! Mas sem grandes delongas, é um prazer colaborar, tô sempre aqui, contem comigo sempre! A minha formação foi integralmente, da graduação ao doutorado, dentro da grande área de ciência política e relações internacionais. Aqui no Brasil, a CAPES, ela categoriza RI e Ciência Política dentro de uma grande área de informação, tanto é que: tanto faz quando você publica lá os principais periódicos, existe uma classificação que se chama “Ciência Política e RI”. Então a minha graduação foi em relações internacionais, mestrado foi relações internacionais e o doutorado poderia ter sido RI mas acabou sendo em ciência política... Embora, no caso, a do Brasil existam cátedras em que a RI fique dentro do curso de ciências políticas. Então, eu poderia dizer que, na maior parte das vezes, dentro de ciência política você pode ter, como é o caso, o programa que eu fiz: RI. Na verdade, se desse um passo no passado, as RI's nascem no Atlântico Norte, nascem ao mesmo tempo no ano de... Ali no pós guerra primeira guerra, entre 1918 e 1919, nos EUA e no Reino Unido no mesmo ano. E nascem dentro da ciência política. A ciência política pode ser considerada uma espécie de mãe das relações internacionais e sociologia é a avó. A ciência política desses

países, na maior parte das vezes, acabou sendo um desdobramento de dentro da sociologia. Embora eu sei que os cientistas políticos não gostam muito que fale sobre isso. Mas minha formação foi inteira em RI. A área de relações internacionais cresceu muito nos últimos 20-30 anos, é uma área nova no Brasil. A minha geração é a primeira geração que teve a oportunidade de estudar: graduação, mestrado e doutorado na mesma área. O primeiro curso de graduação no final dos anos 80, no Rio de Janeiro especificamente, no Estado do Rio. Nós teremos os primeiros cursos de RI, nós teremos uma exceção nos anos 80-90, mas a maior parte surge nos anos 2000. Então é uma realidade de fato dos anos 2000. As primeiras Universidades Públicas só vão aceitar esse curso de relações internacionais, sobretudo, a partir do ano de 2010 em diante... Isso significa que se o aluno quisesse fazer RI, como foi o meu caso no começo dos anos 2000, ele ia pro exterior ou ele fazia uma universidade privada, que era muito caro naquela época. Hoje naturalmente há uma democratização, um acesso que não havia no começo dos anos 2000. Ou cursava RI na (*nome de universidade pública*) que foi o primeiro curso do Brasil lá dos anos 80. O primeiro programa de universidade, de doutorado, é apenas nos anos 2000 aqui no Rio de Janeiro. Ou seja, se alguém quisesse cursar mestrado ou doutorado, ele teria um título, por exemplo, de doutor só em 2010... Ontem, portanto. Então é um curso muito recente... Porque eu tô divagando um pouco sobre a minha formação, mas também sobre a área? Porque a área de fato ela é uma importação do mundo anglo saxão, logo a principal literatura, as principais discussões elas não deixam de ser reféns em algum grau do que está sendo feito na ponte, eu diria ali, Washington-Londres. Portanto, a importância da língua inglesa é tão grande quanto a da língua portuguesa. Eu diria que o profissional em RI, é um profissional que atua em uma carreira internacional e não domina a língua inglesa, ele certamente não sobrevive a um ano. Ele vai mudar de área. E isso me faz... Eu interrompo nesse momento, nesse último ponto, como aqui nós chegamos até o LEANI em termos de formação. Porque veja, a minha formação foi inteirinha em RI/Ciência Política e de repente eu tô num curso chamado "Línguas Estrangeiras às Negociações Internacionais". É importante que a gente diga que em muitos lugares "Negociações Internacionais" acaba assim... Quase que sinônimo de relações internacionais. Eu particularmente acho, embora há colegas que discordam de maneira saudável, que assim como na Europa o curso é chamado "Línguas Estrangeiras Aplicadas às Relações Internacionais" acho que faria mais sentido para a nossa realidade. Por uma razão muito simples: Relações Internacionais é uma área consolidada é uma área conhecida no mundo inteiro. E na prática os grandes nichos de atuação do LEANI em alguma medida já estão previstos em uma graduação de RI, sem a profundidade que nós temos no LEANI, sem as ferramentas que nós temos... E o mais importante: sem recorte linguístico cultural que o LEANI dá. Em alguma medida eu poderia brincar e falar que o LEANI pra mim é uma espécie de RI do século XXI, ou uma espécie de Relações Internacionais 2.1. Porque veja, os nossos alunos na sua grande maioria vão competir com alunos egressos de uma graduação de RI. Então se você pegar, com raras exceções, os colegas ao lado dos nossos egressos tem formando em relações internacionais. Não estou dizendo que eles não podem concorrer com o aluno que fez letras, e outras áreas... Foge um pouco do que diz respeito à modalidade. Mas no que diz respeito a Relações Internacionais o nosso aluno, eu não tenho nenhuma dúvida, ele tem uma formação melhor e mais aprofundada do que uma formação que um internacionalista. É por isso que eu sempre disse, que o egresso em LEANI, ele é em essência um internacionalista... Muito mais capacitado que o aluno que fez RI, que não tem esse aporte de línguas aplicadas, de conhecimento cultural, não tem. E ele não deixa de navegar nessa grande área de relações internacionais. Acho que falei demais nessa introdução, né?

PP: (Risos)

P4: Mas acho que é importante eu dizer como é que eu vejo essa formação dialogando de alguma forma com o nosso LEANI.

PP: **Acho ótimo, (*nome P4*), porque é uma visão que eu particularmente, não sei as meninas, não tenho. Com RI a minha experiência foi com uma turma da (*nome de universidade pública*), mesmo assim, eu estando como estagiária de doutorado, né? Eu acompanhei uma turma de RI e não tenho essa experiência e não consegui ter essa visão que você tem. Então pra mim é muito importante você trazer pra gente essa visão aí que você tem, mas que eu assim... Olhando assim de fora, quando a gente vê o curso de RI, o que eu via na (*nome de universidade pública*) foi assim o consumo muito teórico, muitos textos relacionados à política, pelo menos naquele período ali, se não me engano acho que era quarto período. Terceiro ou quarto período, foi o que eu consegui assim, perceber. E realmente assim nossos alunos, acho, que tem uma bagagem enorme, né? Um foco assim, parece que é bem amplo pras coisas. É, sobre tua experiência de trabalho, (*nome P4*), antes do CEFET em que você atuou? O quê que você fez?**

P4: Apenas para complementar o seu ponto, e já responder a sua questão, as relações internacionais têm alguns grandes nichos de atuação, vamos falar mais a frente na hora de falar de empregabilidade, que vai refletir na especialidade das universidades. Então se você pega por exemplo a (*nome de universidade pública*) e a (*nome de outra universidade pública*) elas possuem, por exemplo, as grades curriculares muito similares porque, em ambos os casos, o departamento de RI, tanto da (*nome de universidade pública*) quanto da (*nome de outra universidade pública*), é um desdobramento do departamento de História. Mais especificamente o de "História das RI 's". Então o foco ali de fato é a política internacional, é a preparação para as carreiras de Estado,

sobretudo diplomacia. E não há essa pegada, eu diria, do mundo privado, que você verá em uma universidade privada. Em uma (*nome de três instituições de ensino superior privadas*)... Que te prepara para o mercado de trabalho muito melhor do que uma pública, eu não tenho nenhuma dúvida. A pública tem professores mais qualificados, a pública tem muito mais pesquisa, mas tem uma pegada mais teórica em termos de empregabilidade. E vai refletir na academia, sobretudo carreiras de Estado. Se você pega uma privada, ela vai preparar esse garoto, essa garota, pra trabalhar com comércio exterior, pra trabalhar com business, com internacionalização de negócios, é uma outra pegada. Eu tendo a ver que o LEANI não definiu o foco, eu acho que isso não é ruim, isso é bom porque permite os alunos através das eletivas a terem um foco. Eles tem um foco. O que eu não concordo é com essa coisa de que o LEANI é muito diferente de RI, é diferente de RI não tenho nenhuma dúvida... Mas em termos de empregabilidade nossos egressos vão concorrer, sobretudo, com os egressos de RI. Pelo que eu tenho visto dos nossos egressos, daqueles que eu tenho um pouco mais de proximidade, a maior parte dos colegas de trabalho vem de RI, alguns de Economia, da Adm e muito pouco de Letras, por exemplo. Então, isso talvez nos ajude a repensar um pouco o nosso próprio curso. Mas é claro, só quem vem de RI ou tem sido introduzido nesse mercado, eu acho que vai conseguir ter um pouco essa visão um pouco mais maior. Com relação a minha formação, com relação a minha experiência, perdão... Se confunde um pouco com a formação porque lá na graduação, no meio da graduação eu tive a oportunidade de passar uma temporada na Europa, intercâmbio né? E isso abriu um pouco os horizontes profissionais. E ali em dois anos acadêmicos, consegui fazer ali um certo intercâmbio em três países: França, Espanha e Inglaterra. E foi extraordinário porque me propiciou uma maior proximidade com os idiomas. Anteriormente, eu já havia morado nos EUA durante um bom período. Mas a minha primeira experiência acadêmica de fato com a língua inglesa foi quando passei essa temporada na Inglaterra, mais especificamente em Londres. E a partir daí eu já comecei a ter alguns questionamentos, sobre o que eu queria de fato no mercado de trabalho, ou um trabalho em uma instituição privada... Uma empresa, enfim, em uma Holding de comércio exterior, enfim, eu comecei a ter alguma dúvida. E quando eu volto da Europa, eu tenho ali um ano, um ano e meio, para terminar a graduação. Eu tive a possibilidade de atuar profissionalmente em duas áreas. Era um momento que o país estava economicamente muito bem, tínhamos aquela euforia dos grandes eventos internacionais... As graduações de RI começam a se proliferar naquele momento, os projetos se proliferam. E eu consegui, eu trabalhei durante algum tempo numa empresa de telecomunicações, é uma empresa norte americana que atuava aqui no Brasil. E dentro dessa empresa de Telecom eu atuava numa parte que eles davam o nome de International Belling, “belling” de faturamento. E basicamente o que eu fazia ali era intermediar as relações da filial com do Rio com os bancos dos Estados Unidos, mais especificamente o Chase Manhattan, de Nova Iorque. E também intermediava em relação com alguns clientes, né? Assunto dos clientes maiores, rolou algum tipo de contato. Então veja bem, eu trabalhava numa parte nitidamente internacional que lidava com finanças. Lá eles não pegaram ninguém de finanças, pegaram de RI, porque tem que conhecer idiomas obviamente, tinha que redigir muitos textos, tinha que redigir relatórios, muita troca de email, né? Naquela época não tinha essa coisa de Teams, Zoom, não tinha nada disso. Foi uma experiência muito boa até aí, mas logo eu vi que não era exatamente o que eu queria, né? Eu era muito jovem e quis mudar, e aí eu tive uma segunda oportunidade de trabalhar com esporte! Na área do Esporte, mas na prática realmente eram negociações internacionais. E aí, eu tive oportunidade de trabalhar durante os jogos Pan Americanos em 2007. E naquela época havia uma carência muito grande de profissionais que falassem idiomas, e eles precisavam de profissionais que falassem pelo menos três idiomas. E que pudessem se comunicar com alguma fluidez, né? Então, era um trabalho que você não escrevia quase nada mas você falava e participava de reuniões, interação e recebia delegações estrangeiras o tempo todo. Então assim, eu acabei sendo chefe de protocolo de negociações internacionais, muito jovem, né? Mas eu tinha mão de obra e você precisava de alguém que falasse português também, então não adiantava importar, por exemplo, um americano ou um britânico que falasse francês... Não adiantava! Porque você também tinha que saber falar português pra negociar com a burocracia aqui no Rio de Janeiro, tá? Foi um trabalho muito legal, porque ali eu trabalhei com protocolo e negociações internacionais. Então, eu recebia muitas delegações estrangeiras, né? Eu era aquele cara que, por exemplo, imagina você numa final de vôlei de praia em Copacabana, Brasil e EUA, né? Você precisava de alguém pra recepcionar as autoridades diplomáticas né? Alguém que conhecesse o protocolo, alguém que conseguisse lidar com uma linguagem apropriada, alguém que soubesse apresentar as pessoas certas, enfim... Tinha que ter alguém pra fazer isso! E quando havia jogos precisava de alguém para organizar o ambiente, desde colocar as bandeiras adequadas, preparar os hinos que iriam ser tocados, até visitar uma lista diplomática de quem, por exemplo, viria amanhã visitar, né? As forças de segurança que iriam fazer, obviamente... Os países que iriam, se os seus embaixadores estavam em um lugar seguro. Os secretários iam pra ter certeza que não haveria nenhum constrangimento, que os lugares estavam reservados. Que a empresa estaria presente, enfim... Foi um trabalho muito legal, eu diria que eu aprendi o que eu levaria anos pra aprender na prática lendo e estudando em casa. Extrai casos pra vida inteira! Mas é um trabalho que sugava a sua alma, porque às três da manhã o seu telefone toca porque o cônsul de algum país está com algum problema e as pessoas acham que você tinha que resolver! Você não tinha, mas às vezes você resolvia pra evitar um incidente maior. Então, era um trabalho muito legal mas muito desgastante e eu vi que não era bem aquilo que eu queria seguir. Embora no

final, eu tivesse tido o convite pra seguir, né? Trabalhando nesse mundo... O problema de trabalhar nesse mundo é que eu teria que mudar de país, e eu teria que acompanhar os próximos jogos, né? E eu sabia que provavelmente teria que ir pra China, e naquele momento eu não queria, tá? Tive a possibilidade de seguir na carreira mas eu já estava vendo o que eu queria assim, pela vida acadêmica. E aí, foi aí que eu fui pra mestrado, e eu acho que o mestrado foi muito agitado, por que ali e comecei a ter contato com pain points, com o grande centro de pesquisa... No próprio mestrado eu tinha a possibilidade de voltar com pros EUA, então passei assim uma temporada em pesquisa de novo nos EUA. Foi muito bacana, porque eu tive um contato muito legal com o The National Archives, que são os maiores arquivos de pesquisa do planeta, em Washington - DC (Distrito Federal). Então, foi muito legal e ali eu me encontrei. Fazer pesquisa, participar de evento acadêmico... Estar sempre naquela novidade de alunos novos, viagens novas, projetos novos. Eu falei “aqui eu vou ser feliz”. E desde então, eu nunca mais tive dúvida que de fato aquilo é o que me deixava contente o tempo inteiro ou quase o tempo inteiro, né? Tem muito mais desafios, né? Você sabe melhor do que eu...

PP: **Sim...**

P4: Mas de fato é o que me trazia felicidade. Então, termino o mestrado e retorno e vou pro doutorado, e já assim que eu saio... Na verdade no final do mestrado já surge a primeira proposta pra eu começar a lecionar. Então, desde muito jovem eu comecei a dar aula, a pesquisa em si também nunca sai, porque eu saí do mestrado já com o doutorado aprovado! Eu saí da graduação também já tendo sido aprovado no mestrado. Então, foi... Eu terminava o ciclo anterior com a vaga já no seguinte, então tive muita sorte! E também comecei a dar aula, então durante o doutorado inteiro eu dei aula... O que é um desafio enorme, você sabe disso! E desde o final do mestrado portanto eu atuei em várias universidades privadas, várias universidades... Naturalmente tive oportunidades de atuações pontuais em universidades do exterior também! Muito bacana! O último ciclo que eu tive foi na universidade de Harvard, em Cambridge, ali do lado de Boston. Foi uma experiência muito bacana que tive como professor convidado, professor visitante. E naturalmente quando um professor é convidado, seja no nível que ele está, em uma universidade americana ele tem uma pesquisa, ele sempre tem uma pesquisa ativa. Mais recentemente também eu estava em um processo de negociação pra voltar pros EUA, você sabe, a cada 5 anos parece que nós temos direito de tirar um ano sabático, né? E aí eu tive algumas propostas e uma proposta que eu gostei muito foi pra ser professor durante esse período. E aí naturalmente eu iria, provavelmente, linkar isso como pós-DOC, né? Embora eu ache que tranquilamente eu poderia ir só como professor convidado, devido essa lei que diz que a cada 5 anos você tem esse direito! Mas provavelmente eu iria me submeter a um projeto de pesquisa, então iria como professor da faculdade, professor em pós-DOC, tanto faz. Então eu iria voltar agora para os EUA, estava negociando, mas aí veio a pandemia e enfim... Jogou tudo no ralo, né? Não tenho a menor ideia de quando eu poderei ter essa possibilidade, mas é uma possibilidade! Isso vai acontecer, então logo que o CEFET permita, já que há uma lei que me garante esse direito, né? O professor, ele precisa, de tempos em tempos, se reciclar. Conhecer uma nova universidade, novos métodos, conhecer novas pesquisas... E acho que para a instituição é bom ter um professor seu atuando em uma grande universidade do exterior também. De alguma forma isso promove a instituição, promove o curso nesses centros né? Então basicamente é isso, eu tive ali uma aproximação com o mercado de RI, com o mercado privado, tive a experiência de continuar. Mas vi que não era exatamente muito o que eu queria... Logo entrei nessa parte de pesquisa, ensino e pesquisa, e nunca mais saí, né? E acho que não vou sair, acho que é daí pra lá. Eu acho!

PP: **(risos)**

P4: Né? Até porque de tempos em tempos a gente sempre se repensa e a vida nos traz cada surpresa, né?

PP: **Verdade, verdade... Mas eu acho que, eu pelo menos, acho assim que o caminho acadêmico é muito bom por causa disso. Justamente, porque você está pesquisando, tem a possibilidade de mudar, né? Olhar o trabalho do outro também, né? Olhar também assim pra perspectiva do aluno! Acho que isso é muito bom, muito interessante. Acho que a gente pode construir cada vez mais trabalhos colaborativos e ir pesquisando, né? E vendo o quê que tá acontecendo e ir renovando. Eu acho que, pelo pouquinho que eu te conheço, eu acho que você ainda vai ser muito feliz na vida acadêmica! E sobre inglês, (nome P4)? Tua experiência com a língua inglesa é só em intercâmbio, como é que você aprendeu inglês? Como é que... RI geralmente, se tem esse pressuposto, de que o aluno pra entrar em RI ele tem que ter algum conhecimento da língua, como é que funciona?**

P4: Essa é uma pergunta excelente que acaba revelando um certo dilema da área, um dilema clássico. Não é um dilema expresso, as pessoas não gostam de debater isso. Que é a urgência de conhecer a língua inglesa para se cursar uma graduação internacional. Uma das grandes carreiras internacionais. E quando eu falo em “carreiras internacionais”, quando falo internacionalmente não me refiro apenas ao aluno que faz RI mas ao aluno que faz o LEANI. O aluno LEANI pra mim é um internacionalista muito mais qualificado.

PP: **Sim.**

P4: Pra mim o LEANI é mais do que uma graduação de RI, não é uma graduação de RI mas é mais. Tem dentro uma graduação de RI, eu diria que tem 80% ou mais, ali dependendo da grade. Por que isso revela um debate clássico e pouco expressado? Porque é o seguinte: Quando eu fazia graduação, até aquele momento você tinha que fazer... Você tinha que ter proficiência pra entrar na graduação, tá? Eu peço desculpas porque a lindinha não para de latir, vem cá, fica calma!

AP4: Ela quer participar (risos)

P4: Vem cá, meu amor, fica calma. A mamãe já tá voltando. Desculpa, ela está muito nervosinha, ô pobrezinha, então tô morrendo de pena dela, desculpe!

PP: (risos)

P4: Voltando, então tem esse debate! Naquela época você tinha que mostrar um exame de proficiência e você tinha que ir até a faculdade pra mostrar, tinha alguma coisa do gênero. A minha geração em diante eles começaram a flexibilizar isso, né? E há aqueles que defendem “Ah, por que democratiza!”. De fato democratiza, mas por outro lado a universidade tem que ofertar essa formação pra quem não tem! Porque é uma, é um engodo você falar pra um aluno de RI que ele vai ter uma atuação profissional de sucesso se ele não domina os idiomas. E mais do que isso... Se ele não fez rede ao longo da graduação! Não adianta, é uma ilusão você falar pra um garoto hoje que vai para uma privada, vai pagar mil, dois mil reais de mensalidade, que não domina a língua inglesa, que ele vai sair e que ele vai ser diplomata! Ou que ele vai trabalhar numa grande mundial, ele não vai! Exceto se ele se esforçar, porque essas privadas na maior parte das vezes não dão essa formação! O LEANI dá, e esse é o grande diferencial do LEANI, tá? Então como que eu aprendi inglês né? É, obviamente cursinhos, como acho que quase todos da minha geração, mas eu ainda tive a oportunidade de fazer intercâmbio, né? Então eu passei uma boa temporada com os meus amigos no (Nome da escola), lá no extremo norte dos EUA. Passei uma boa temporada no glorioso estado do Wyoming, que eu adoro. Um período muito bacana, e eu acho que nós estávamos num bom momento econômico. As pessoas... Eu gosto muito dos wyomingensis, né? Me receberam muito bem, a minha família lá foi extraordinária. E eu acho que eu aprendi inglês de verdade lá! Porque quando eu cheguei no aeroporto eu vi que eu não sabia falar inglês. E eu achei que eu sabia! “Ah mas você fez 25 anos de (nome de escola privada de línguas), fiz 17 anos de (nome de outra escola privada de línguas)” meu amigo, minha amiga, quando te jogarem num lugar... Veja meus pais escolheram o Wyoming né? Não existia um imigrante! Eu era o único estrangeiro da cidade! Não tem um hispânico na cidade, então eu era o mais moreno da cidade. Então, isso significa dizer que ou você aprende ou você morre de fome. Claro que não, porque eu tinha família e tal! Mas, tive que aprender de fato lá. Só que eu tive a sorte, porque depois veio a faculdade e a faculdade tinha algumas cadeiras de língua inglesa, tá? Hoje essas universidades realmente não tem. Mas na minha graduação eu tive, eu acho que “Inglês aplicado às relações internacionais”, eu tive “inglês aplicado às negociações internacionais”. E cheguei na parte que era business por business, que eu tive “inglês aplicado ao comércio exterior”. Eram tratados como coisas diferentes. Então ao longo da graduação eu tive poucas cadeiras, eram talvez 4 ou 5, que eram “Ingles 1 e 2”, tinha alguma coisa do gênero... Mas naturalmente era um ambiente muito cosmopolita naquela época, do que é hoje. Eu acho que hoje é menos. Nós tínhamos muitos eventos em inglês, tínhamos aulas em inglês, tá? O que era extraordinário, as aulas serem integralmente em inglês com os professores americanos! E tinha os brasileiros, mas não importa a nacionalidade, o que importa é que era em inglês, bem dizer. No mestrado é diferente, eu acho que provavelmente metade do mestrado inteiro foi em inglês. Então no mestrado não tinha pra onde correr. E aí era um desafio grande, eu acho que a minha turma inteira tinha morado em algum país de língua inglesa e mesmo assim todos nós tínhamos, tivemos muitas dificuldades porque você tinha matérias ultra teóricas com professores nativos. Então era um grau de especificidade muito difícil. Eu tive muita dificuldade. Confesso pra você que as primeiras aulas, pra mim foram muito dolorosas. Mas enfim, sobrevivi. E aí de volta pros EUA, de volta pro doutorado e aí as coisas começam a ficar mais naturalizadas. Embora, eu nunca vou ser um nativo. Eu nunca vou chegar próximo do conhecimento de um nativo. Sempre vou ser brasileiro, não é?

PP: Uhum.

P4: Então, é eu nem preciso dizer, na minha área você tem que ler, pelo menos ler e escrever em inglês com alguma naturalidade. Não vou falar fluência porque esse termo vai ser complicado em RI. Mas é, até mesmo para quem quer ter uma carreira internacionalizada. “Ah, eu quero ser professor residente em uma universidade americana”, “Eu quero fazer um projeto em conjunto com tal universidade...”. Se você não conseguir se comunicar minimamente bem, como é que você vai ser aceito em uma universidade? Como é que você vai ser convidado? Né? Não é! Então, enfim, aí a língua inglesa é elemental. E acho que nós, professores, temos um papel fundamental que é entregar aos nossos alunos o que eu tive muito pouco. E os meus alunos com os professores, na graduação de RI, não tiveram. Por quê o quê que as universidades fizeram? Retiraram as cadeiras de línguas... Porque os professores eram caros, pra universidade privada. Na pública é difícil conseguir esse professor, tem que fazer concurso. Pegar professor emprestado de departamento. A (nome de universidade

pública), por exemplo, tinha uma ou duas cadeiras no máximo, eu imagino. É difícil conseguir esse professor qualificado! No caso das privadas isso não é problema, são 50 alunos numa pública. Você precisa dividir, você tem muitos professores e você é um aluno que não sabe falar nada... E você é um avançado que voltou do exterior, como é que você faz? Tira, tira... Vamos fingir que todo mundo aqui fala inglês e fala espanhol, né? E aí vai o professor que enche os alunos de literatura inglesa, ou não dá essa literatura e finge que tá tudo bem. Então, essa questão que se um professor levanta talvez ele não vai admitir. Ou seja, eu acho que nesse caso houve uma democratização por baixo. A democratização é bem vinda, é fundamental. Mas eu acho que perdemos em qualidade. Eu não vejo outra saída a não ser, a gente tem que ofertar para esses alunos. Se o aluno não teve a condição, a gente sabe que é caro, a gente sabe que é difícil ter essa formação antes da faculdade. Mas tem que ofertar isso pros alunos como o LEANI faz! Esse projeto, por isso que eu sou um entusiasta desse projeto, por isso que eu brinco falando que o LEANI não deixa de ser um tipo de RI 2.1., é mais do que RI! Muito mais, mas também é o que hoje são as relações internacionais. Câmbio e desligo!

PP: (Risos) Eu acho que é muito importante né, a tua fala sobre a importância do aprendizado em inglês, sobre a importância da língua, né? Dentro da área, e assim... De fato você falou das universidades particulares né? Que recebem alunos que não sabem nada de inglês. A gente do LEANI também tem esses dilemas, né? Geralmente eles tem uma certa base, né? Mas a gente tem muitos alunos que precisam de ajuda. Isso aí é uma batalha. Assim, como professora única de inglês do curso, acho que devia ter mais gente. Mas enfim, a gente vai adaptando e fazendo do jeito que a gente consegue, né? Mas isso é uma realidade, o desnível na língua, ela tá sempre presente. Desde lá da escola, lá atrás no início até a graduação. Uma graduação acontece exatamente isso, a gente vai ter gente que tem formação, que já viajou, que fez intercâmbio e a gente vai ter gente que não teve oportunidade de aprender. Muita gente que traz o inglês, a gente tem alguns alunos que vem com o inglês da escola, que se esforçam muito, inclusive, muito! E tentam aí... A (*nome API*) participou de um projeto comigo a muito tempo atrás que a gente fez um curso paralelo mesmo de inglês básico, né? Para que esses alunos pudessem se matricular e ter um embasamento da língua. Porque muitas vezes assim, eles ficam tentando aprender, tem aluno que vai e participa de projetos dentro da igreja e aprende inglês na igreja. Então assim, realmente a gente precisa se fortalecer mesmo. É super necessário. A pergunta seguinte... (*nome API e AP4*), vocês querem falar alguma coisa? Não. É, a pergunta seguinte, assim, eu queria que você falasse pra gente da sua trajetória na CEFET, né? Quando você chegou, as disciplinas que você leciona, queria que você traçasse assim o perfil. Quais são as suas atribuições, além de sala de aula você tem alguma, alguma outra coisa que você... Algum outro papel que você desempenhe? Queria que você falasse um pouquinho do contexto CEFET.

P4: Eu cheguei no CEFET, ano que vem faz cinco anos, então acho que 2016. Cheguei na CEFET em 2016, portanto eu completo aí cinco anos na instituição. E eu cheguei antes da primeira turma, eu acho, se formar. Então, acho que acompanhei um pouquinho de cada turma. E pude observar como o curso também se desenvolveu ao longo dos últimos cinco anos e se desenvolveu também de forma maravilhosa. Eu acho que pra uma turma, nós temos um curso cada vez melhor. Eu acho que em termos de mão de obra nós temos de fato, professores extraordinários. Acho que a mão de obra é a melhor possível. Embora, a gente precise de mais colegas em algumas áreas, né? Mas o material humano que nós temos é de excelência! A gente sempre quer mais, obviamente. Mas isso é um ponto diferencial do nosso curso. Como que foi essa trajetória né? Desde 2016, eu lectionei as disciplinas, eu vou chamar aqui mais teóricas. Assim como aquelas que eu vou chamar aqui de mais práticas. Vou explicar isso... Quando eu falo em disciplinas mais teóricas são aquelas que o MEC estabeleceu como base para qualquer curso de RI. Eu sei que o LEANI não é um curso de RI, mas dentro do núcleo de RI obviamente a gente respeita certas observações. Porque seja nos EUA, Brasil, Europa são disciplinas consideradas “mãe”. Por exemplo, “História das RI 's”, “Teoria das RI 's” que são lecionadas em qualquer país do planeta. São opções que vão ajudar os alunos. Digamos que um aluno queira seguir numa área mais aplicada de negociação! É difícil demais ajudá-los a compreender o mundo. A ter uma formação humanista que os ajude a tomar decisões. Então essas disciplinas mais teóricas, eu e o Professor (*nome P2*) que estive conosco, nos dividimos, né? Essas disciplinas, principalmente “História”, “Teoria das RI 's 1 e 2”, “Filosofia Aplicada”, o que mais? “Constituições de Regimes Internacionais”. Enfim, esse tipo mais teórico, que vai ter Harvard, que vai ter em Oxford e tal, tal, tal... Até a nomenclatura nós tivemos a intenção de manter próxima a original. E as disciplinas práticas... (latidos ao fundo) Só vou dar uma bronca na Lindinha, com licença! Lindinha... Mas voltando, as disciplinas práticas! Que disciplinas são essas? São disciplinas que de alguma forma podem ajudar os alunos em algum nicho de atuação profissional específico das RI 's. Há vários nichos nas RI's... Mas no meu caso, por exemplo, teve uma disciplina que eu lectionei chamada “Organizações Internacionais”, essa disciplina que acaba como eletiva, ela tinha o objetivo de ajudar o aluno que quisesse seguir ou pelo terceiro setor ou pelas O.I.'s. Essas organizações abrem editais anualmente, algumas semestralmente... Então é uma disciplina específica para um determinado setor, uma determinada saída, né? Pros alunos que quisessem seguir nessa área. E tem também uma outra disciplina, que eu acho muito legal, que é “Análise de

Cenários e Simulações Internacionais” que é uma disciplina bastante prática que o objetivo é que os alunos simulam o tempo inteiro alguns ambientes negociais nos quais eles possam se encontrar. Então ao longo dessa disciplina nós tivemos seis casos, seis jogos ou seis games, né? Esses casos/jogos refletiam desafios distintos e mas que eles tinham de alguma forma ser expostos a esses desafios. Essa disciplina era o maior barato, bastante mais prática. Com o componente expositivo/teórico muito menor. Além disso, então, portanto as disciplinas teóricas são obrigatórias para um aluno de RI, que não é pro LEANI. Porque o LEANI, porque o LEANI é bem expositivo mas de alguma forma trouxe esse núcleo de RI. Algumas disciplinas mais práticas, e aí naturalmente aquelas com as quais nós já tínhamos alguma proximidade, eu também trouxe, (*nome P2*) também trouxe. E outras disciplinas dialogam com a minha pesquisa, diretamente com a minha pesquisa. Essa disciplina mais prática de análise de cenário e de simulações internacionais na época que eu peguei também dialogava com o projeto de pesquisa que eu tinha, sobre negociações internacionais. E acabou dando naquele artigo sobre Londres. Mas as outras disciplinas que foram acertadas a posteriori são disciplinas que dialogam com a pesquisa que eu faço naquele momento, né? Então recentemente, por exemplo, eu ofertei "Política Nacional Contemporânea 1" e agora tô ofertando a disciplina 2. Dialogou com os últimos dois artigos que eu publiquei e tem um terceiro que vai ser publicado agora, já está na fase de edição, sobre o tema. Então são duas disciplinas que de alguma forma resultaram em três artigos publicados, né? E é provável que eu vá ofertar no futuro disciplinas sobre a relação Brasil e EUA. Por boas razões, a primeira é que há uma proposta, uma possibilidade de projeto nos EUA. Se a CEFET permitir, se der tudo der certo dentro desse sabático que tenho direito existe uma possibilidade de eu ir para os EUA como professor visitante, então esse projeto também seria desenvolvido lá. E eu também vou agora desenvolver um projeto com a (*instituição pública de cultura*) sobre centenário. Nós vamos completar agora duzentos anos de independência e há um interesse que se revise as relações Brasil e EUA, nesse momento. Então tem tudo a ver. Então, é muito provável que eu volte a ofertar disciplinas como, não sei, “Relações Brasil e EUA”... Disciplinas que de fato dialoguem com o que estou pesquisando naquele momento. Posso pegar o que eu estou publicando de artigo nos últimos 5 anos e quase sempre ofertei uma disciplina do que eu estava pesquisando. Pro ano que vem, idem! Nem sempre dá, por exemplo, tô agora terminando um projeto, que inclusive é no PIBIC-CEFET, por dois anos que é sobre pensamento internacional brasileiro. É especificamente um período mais histórico. Não ofertei nenhuma disciplina sobre isso... Mas eu ofertei também em uma disciplina um pouco lateral, que foi “História da Política Externa Brasileira” 1 e 2. Então, eu tento! Nem sempre é possível, mas eu tento além das disciplinas obrigatórias/teóricas, uma ou outra disciplina mais prática que eu acho interessante, ofertar disciplinas que dialoguem com o que eu estou estudando naquele momento. E além disso, uma coisa que eu gosto e me dedico muito é a pesquisa, todos nós, né? A pesquisa é a extensão. Esses últimos anos nós tivemos laboratório de RI que é um projeto de extensão. Que fez as mais variadas atividades nos últimos 5 anos. Nós tivemos muita coisa realmente, cada ano com intensidade diferente do outro, com recursos variados... O que também vai refletir no produto final. O Laboratório já fez atividades como cursos, como viagens, visitas técnicas, enfim. Fizemos várias atividades legais. O próprio site do LEANI foi criado porque era um projeto do Laboratório, então logo no primeiro ano “tem que ter um site”. Então, logo eles “Vamos criar um site, que apresente o curso”. Tivemos aí vários projetos que foram escalados dentro do Laboratório, né? As próprias simulações, enfim. A gente não sabe como vai ficar os próximos anos do Laboratório... Temos muitos orientandos na extensão. Temos dois bolsistas, tem muitos voluntários, mais de dez. E o que eu mais fiz talvez, além disso, foi pesquisa, conversas, eventos e publicação. Você sabe que publicação é uma coisa que toma muito tempo. Para você ter um artigo publicado em uma boa revista, você precisa às vezes de anos de pesquisa. Pra quem faz muita pesquisa você precisa ficar só nisso pra você conseguir fazer muito! Pesquisa é uma coisa que toma um tempo gigante do nosso tempo e que cada vez faz-se menos, porque cada vez tem mais trabalho na pesquisa. Mas dentro da pesquisa sempre orientei esse grupo, sempre tive orientandos. E sempre participei de grupos de pesquisa. Aqui, acolá, enfim, no Brasil e fora. Todo grupo de pesquisa tem essas redes que a gente não pode perder, porque se perde... E são essas redes que de alguma forma nos dão essas oportunidades de estar no exterior. Às vezes as pessoas olham e falam “Ah, você só dá aula?”. E aí eu digo pra ele “Olha, dar aula é o meu menor trabalho.” Dar aula pra mim, de verdade, é um prazer. Eu não vou falar que é divertido porque alguém pode interpretar mal. Apesar, dar aula pra mim é muito prazer, eu gosto, sabe? Porque às vezes a gente tá cansado, etc... Mas no geral, dar aula é um trabalho gratificante. Então, eu sempre falo “só dá aula?”, dar aula pra mim é uma parcela pequena! Porque fora da sala de aula você tem que carregar a pesquisa, você pesquisa muito. Porque se você não tem muita pesquisa, você não tem muita base pra ter sala de aula... E a gente tem que se comunicar, sem contar a orientação. Eu agora, se eu somar o tanto de orientando devo estar com uns vinte, ou até mais, né? Então, soma o que você tem em orientação, seja: PIBIC, seja orientação, seja TCC, seja orientação assim solidária do cara que tá fora e te pede ajuda. Pesquisa, vem publicação, ou seja é um trabalho invisível mas que toma um tempo gigantesco. É coisa que se você tem que trabalhar 40 horas... A gente não trabalha 40 horas jamais! 60 horas pra lá, só que invisível, né? Então quando vem alguém “Ah, você só dá aula?”. É complicado como responder, né? Mas como você pode ver desde lá do começo, a gente tá sempre metido em um monte de projeto. Extensão. TCC... Enfim, todos nós, né? E o inglês nisso, né? Não preciso nem dizer, as principais fontes estão em português. Como é o caso é aplicado no Brasil,

né? Mas interferência mercadológica tá tudo em inglês, no caso é que... Como por exemplo, tive agora esse projeto de negociações internacionais como no caso foi com os EUA. É óbvio que a linguagem primária vai ser em inglês. Esse projeto vai ser em inglês. Aliás, os últimos foram em inglês. Mas a partir de agora a aplicação não é mais em português, aplicação também vai ter que ser em inglês. A língua inglesa ela não é importante, ela é vital. Sem ela não toca o trabalho, né? Então, é isso! Câmbio e desligo.

PP: (risos) **É, mas é por aí mesmo, e o pior é assim “Ah, mas quantos artigos você escreveu esse ano?” Aí você fala assim “Ah, dois”, “Só?”. Mas pra você escrever dois artigos...**

P4: É muito!

PP: **Você rala, rala...**

P4: É muito, é muito.

PP: **Eu acho também que o mundo acadêmico às vezes é um pouco perverso, né? Porque foi o que você falou é um trabalho invisível. E outra questão do “só dar aula” eu acho que tem muita relação com muita gente assim que tem uma atividade, que seria a atividade principal dela, e ela dá aula por... Aquele dar aula assim, sabe... Vou ali, falo o que eu sei, e... Então o só dar aula muitas vezes tem muita relação com isso, né? Com você chegar lá e falar um pouco da tua experiência prática, não sei, não sei exatamente o que é que as pessoas pensam. Mas pra dar aula tem muito trabalho por trás, né? É muita coisa. Desde os pequenininhos, eu sempre falo que professor que dá aula pra criança pequenininha, olha... Mas tem que ter planejamento, olha tem que ter toda... Olha, meu deus do céu! Senhor! (Risos) (*nome P4*), vamos falar então da nossa sala de aula, assim das nossas reais necessidades, assim, o quê que na tua opinião um aluno LEANI, né? Um futuro profissional, ele precisa saber inglês mas assim voltado para sua área, você tem essa sugestão de gêneros... A gente se for trabalhar com gêneros, né? Existem gêneros ditos empresariais, que são o e-mail. Próprios gêneros orais que são participação em reunião. É, mas assim é gêneros mais específicos, temas importantes, projetos que talvez fossem interessantes, tarefas, né? Situações de aprendizagem, né? Tarefas que talvez eles precisassem saber em inglês. Então, assim, como é que você analisa isso? Dentro do cenário da tua área, como é que isso funcionaria?**

P4: Pois é, né? Essa é a pergunta de um milhão de dólares, como se diz né? Eu acho que vocês professores devem ter um dilema muito grande de por onde começar, ou que priorizar porque o curso é tão amplo, com tantas possibilidades... As vezes acaba tenho nenhuma possibilidade, vamos dizer né? Pro aluno centrado, pro aluno com uma boa formação, isso funciona. Ele tem muitas possibilidades, ele tem uma boa formação e ele pode tentar abarcar muitas dessas possibilidades. Mas pra quem não tem, chega do zero, vocês professores têm uma função vital, né? É isso, isso é uma excelente pergunta. Eu vou te dar dois exemplos pra gente começar a pensar. O primeiro exemplo é: Quando eu chego no primeiro período, na disciplina de introdução às relações internacionais, é uma disciplina introdutória... Você introduz o que é o profissional de RI, onde que ele pode atuar, o que são os meios de atuação. A gente analisa ainda conceitos teóricos básicos, vê um pouco de introdução à história das RI 's. Então, é uma introdução tudo, básica. Sempre que eu passava, nem fazia isso com as últimas turmas, mais, mas sempre que eu passava uma literatura para uma turma primária, em língua inglesa, eles tinham dificuldade. Então, começa com uma manual básico de introdução às RI 's, tô começando do primeiro período. É um manual clássico de introdução aos RI 's, que eles no mundo inteiro a maior parte deles me relatava dificuldade de entender. Isso fez com que no passar do tempo eu focasse em fontes de língua portuguesa. Por ali o mais importante pra mim é que eles conseguissem acompanhar as definições. Embora, se conseguisse acompanhar em língua estrangeira seria melhor pra eles. Mas por exemplo, os manuais de introdução às RI 's, eu posso te mandar um pra você... Com certeza você já deve conhecer, mas posso te mandar pra desengano de consciência. Eles tinham dificuldade! Não é um manual com uma linguagem... Não é um texto teórico! É um texto muito bem feito, muito didaticamente. Então começa por aí, vou te dar um segundo exemplo de dificuldade com a língua inglesa... Quando eu ofereci essa disciplina de análise de cenários de relações internacionais, a ideia é que ela fosse lecionada em língua inglesa. Então eu preparei todos os casos em inglês, todo o material em inglês, mas nas duas primeiras aulas os alunos pediram pra ser em português. Então, é naquela época eu lembro que alguns mandaram e-mail, alguns conversaram com a maioria da sala... Eles não queria expor isso em grupo, se sentiam um pouco encabulados, porque eles achavam que iriam aprender melhor, e se sentiriam mais à vontade em fazer com a língua portuguesa. E aí, conversando com os inscritos, porque não é uma disciplina que pode ter 40 alunos, então é uma disciplina que o aluno ele tem papel negocial, ele precisa de fato trabalhar em equipes pequenas. Eu não podia, por exemplo, deixar 40 inscritos. Então, eu permiti na época 20, mas já era uma turma grande! Já uma disciplina que tem uma dificuldade com uma turma menor. E tinha que ter o espaço apropriado! Tinha que ter mesa, onde eles pudessem se organizar em equipes. Depois, tinha que ter uma mesa maior se houvesse uma negociação em forma de conferência. Então, já é uma outra dificuldade por ser uma disciplina mais prática. Recentemente, por exemplo, na (*nome de fundação privada da área do ensino superior*)... Eu dei, deve ter o quê? Um ano, um ano e meio. Eu dei um curso igual o da (*nome*

daquela fundação), o mesmo curso eu dei na (*nome daquela fundação*)... E ele naturalmente tinha toda uma infraestrutura. Tinha salas menores, onde as pessoas podiam trabalhar em equipes. Havia uma sala maior em forma de anfiteatro, onde eles podiam depois, as equipes se encontravam! Então o resultado, por exemplo, desse curso no CEFET é muito diferente do resultado desse curso que eu dei na (*nome daquela fundação*). E eu não tô dizendo por conta da língua em si, a língua é a maior barreira! Mas há outras além da língua. Então, essas duas dificuldades foram muito encontradas, a qual eu adiciono as simulações! Né? Quando a gente fala em simulação... Eu tenho trabalhado muito pouco, por conta da pandemia, mas antes da pandemia eu já havia reduzido as minhas simulações porque eu tô com outro projeto de pesquisa. E o (*nome P2*), parece que começou a fazer algumas simulações. Então, eu parei de fazer por hora. Mas algumas simulações, quando a gente fala em simulação, as pessoas acham que é a mesma coisa. Mas não é, você pode fazer simulação de quase tudo! Você pode fazer uma simulação de uma negociação empresarial, você pode fazer uma simulação da (*nome de organismo internacional multinacional*), você pode fazer uma simulação de Estado maior soviético. Você pode fazer uma simulação de International Trading de comércio exterior. Cada simulação demanda uma preparação pra isso, você tem que preparar o caso. As que a gente mais trabalha são as simulações da (*nome de organismo internacional multinacional*), porque são as mais fáceis também. Porque tem mais material, porque podem ser feitas em língua portuguesa, porque os alunos já fizeram isso no ensino médio... É mais fácil! E perde-se menos tempo. Esse curso específico, não! A gente pega um caso específico, por exemplo, o caso em que duas multinacionais, uma chinesa e norte americana, negociavam sobre litígio. E esse é um de vários casos. E cada caso precisa de uma adaptação. Por isso que é um semestre inteiro para estudar 5 ou 6 casos. Tinham muita dificuldade na língua inglesa, assim como as simulações, tinham muita dificuldade. Então, eu acho que, sendo direto ao ponto, o primeiro desafio é que eles consigam, não sei se essa expressão ainda existe, tá? Mas na minha época se chamava disso, que é o inglês instrumental. Desculpe se o termo está equivocado. Mas naquela época, a minha professora de língua inglesa dava aula pra gente e lia os textos e tal, chamados “inglês instrumental para leitura” alguma coisa do gênero, tem tanto tempo que não vou lembrar. Em Londres, isso se chamava... Como que era? Acho que era inglês acadêmico, escrita acadêmica, alguma coisa do gênero...

PP: Inglês para fins acadêmicos!

P4: Por aí, é isso! E pra ajudar a gente a ler os textos e escrever, acho que esse é o primeiro desafio. Agora, o que eu entendi lá no final do curso, quando o aluno tem que estar no mercado de trabalho, o que tem que estar esperto: a minha área. Bom, a minha área... Ele já sabe que o profissional LEANI concorre com o de RI, no mínimo igual-igual. No mínimo. Mas, com o tempo vai perceber que há muitos diferenciais que fazem dele um internacionalista 2.1. Não tem nenhuma dúvida quanto a isso, tá? Esse garoto, essa garota, brilhante do nosso LEANI: Pode escolher as carreiras de Estado, pode ser diplomata... Essas de Estado demanda o inglês, né? E aí, na época esse inglês, oficial... Esse inglês governamental era chamado na minha época como “inglês diplomático”. Inclusive, o inglês diplomático até uns anos atrás eu via ali umas propostas de curso, não vejo mais a muito tempo. Esse inglês diplomático é um inglês que eles não utilizavam. Você quer ver uma coisa? Quando você pega uma prova do Branco, segunda fase de língua inglesa. É aquele inglês, é um inglês muito específico! Muito específico! Esse inglês diplomático que você acha muita literatura no site **FUNAG, Fundação Alexandre de Gusmão**, ele inclusive tem manuais, tá? Inclusive tem o manual da **FUNAG** de língua inglesa especificamente pra isso! Esse inglês, é um inglês muito específico! É, hoje apenas 20 vagas são ofertadas anualmente pro Itamarati. Há outras cadeiras de Estado? Há, mas estamos numa crise e há poucas vagas! É uma possibilidade! Uma outra possibilidade é para a diplomacia. Ter que trabalhar com RI em um município, ou em um estado. Crescentemente estados e municípios estão se internacionalizando. Por exemplo, agora com a COVID, durante essa pandemia, tá? O governador de São Paulo está tendo que negociar direto com a China. A prefeitura de Recife está tendo que negociar com a (*nome de universidade pública*). Quem faz isso? A secretaria de RI! A subsecretaria, a coordenadoria... Isso há em muitas cidades. Só em São Paulo, você tinha o último censo, 67 cidades com no mínimo um acesso internacional. Então, isso é um nicho! De novo, estamos em crise, os estados e municípios estão contratando pouco... Estão, mas é um nicho que empregava muito bem, de 3-4 anos pra cá, não. Então, essa geração tá sofrendo mas é uma empregabilidade possível. O terceiro setor, e aí eu vou agrupar muita gente. É onde se encontram as ONG 's. É onde se encontram o que eu vou chamar aqui de, me desculpe eu sei que não é a melhor definição, mas as câmaras de comércio. Poderia ser as de comércio exterior, mas eu não sei como está isso. Esse terceiro setor, é muito temático, eu acho que ele tende a procurar profissionais muito dinâmicos. Mas, no que diz respeito a inglês, que tenham capacidade de participar de reuniões, que tenham capacidade de fazer relatórios, que tenham capacidade de redigir e responder textos. Nós temos vários alunos trabalhando nesse terceiro setor, né? Por exemplo, nós temos vários, você conhece vários deles. Mas recentemente, fiquei bastante feliz, quando o Thomaz, que é o meu orientando de PIBIC, conseguiu por exemplo um estágio nesse gênero na (*nome de fundação privada do ensino superior*). E aí quando a gente foi ver, a chefe dele foi minha colega de faculdade. Enfim, sentava do meu lado, viajando, participando de simulações, enfim... E todo mundo de RI, ele era o único LEANI ali. E conversando com ele eu entendi exatamente isso, ele conversa muito bem, tem participado de entrevistas, enfim. Então é um inglês que é um

inglês empresarial, realmente. O que eu acho, eu poderia falar aqui um outro nicho que é diplomacia corporativa. Que é business mesmo, tá? Mas eu acho que os nossos alunos não vão atuar tão cedo nesse setor, porque pra você ser um diplomata corporativo, e quer atuar com business aplicado normalmente, você precisa ter alguns anos de formado. E uma empresa não quer botar um egresso numa posição dessa, mas eles vão deixar lá, provavelmente você pode ir após um MBA ou um mestrado. Nas faculdades de RI fala-se muito desse setor, mas é um setor muito ilusório, caí entre nós para quem saí da faculdade. Você imagina a (*nome de corporação privada da área da mineração*) pegando um jovem de 22 anos e botando pra negociar com o prefeito? Não vai, né? Ou pra negociar com a (*nome de corporação petrolífera*), não vai! Ele pode até auxiliar, mas não vai! Mas de fato é uma carreira promissora que eles vão chegar, não agora, vão passar por um mestrado, um MBA, e aí o inglês aplicado... Eles vão ter que rever isso, né? Outro setor, é o inglês acadêmico, porque eu gosto sempre de falar da academia? Porque a academia não é “só dar aula”, e se fosse já justificaria! Né? O inglês acadêmico. Mas o inglês acadêmico, ele não apenas vai ajudar esses alunos a ler e ver bibliografia e se preparem pras disciplinas... Como prepara pro mestrado! Eu tendo a ver que a gente tá sofrendo aqui, uma certa... Um certo fenômeno que se observou lá na Europa no final dos anos 80. Quando eles fizeram aquele ajuste das comunidades européias, as graduações eram maiores, eles enxugaram poucas graduações. E eles criaram aquelas coisas de mestrado 1 e mestrado 2, né? E que na verdade, pelo menos um aluno que quer seguir competitivo não faz o mestrado ovalar. Então na verdade emenda no mestrado 1, e muitos fazem mestrado 2. Então, eu tendo a ver que nas áreas internacionais. De que a competitividade vai exigir mestrado com MBA. Então eu acho que o número de alunos que seguirão pra mestrado-MBA, aumenta significativamente. Então o inglês acadêmico é fundamental. Fazem prova pra entrar no mestrado, de proficiência. Muitos deles já tem projetos, e eu recebo com alguma frequência pedidos de muitos alunos de cartas de recomendação, mas sobretudo pra revisar projetos. E aí, eu parto, porque às vezes você não está revisando um projeto, às vezes você está revisando correções de língua inglesa. Que não é minha área, que eu não estou capacitado pra isso! Enfim, isso é uma urgência. O que mais eu poderia dizer? Acho que essas são as principais áreas. Eu sei que pode haver um sub-nicho, aqui ou acolá. Mas as grandes áreas das RI 's hoje... Ah! Já ia me esquecendo da mais importante: comércio exterior. Hoje no Rio de Janeiro, sem nenhuma dúvida, o maior empregador das graduações de RI, não vou falar das carreiras internacionais, mas é o comércio exterior. É a cadeia do comércio, que é uma cadeia enorme. Quando eu dava aula nas grandes graduações de RI, os dados chegavam a 80%. No caso do LEANI, talvez, seja o nicho no qual seremos menos competitivos. O nosso alunos ele vai mais com os alunos que saem das públicas e da (*nome de universidade privada*), que tem uma formação humanística mais ampla. Talvez aqueles que puxarem mais pro outro lado vão concorrer com (*nome de instituição privada do ensino superior*) e (*nome de fundação privada do ensino superior*) vida. Mas nós temos aí uma talvez o setor que sejamos menos competitivos, o que não é ruim né? Tem tantos setores para atacar, mas o comércio é o que mais emprega. Inclusive já tivemos uma eletiva de comércio exterior, enfim. E quem quiser seguir isso de fato, eu acho que é uma modalidade na qual há sim, nomenclaturas e terminologias... Isso eu me lembro porque eu tive na faculdade essa cadeira. E eu lembro que eram expressões e palavras e terminologias muito específicas da área. E se eu me lembrar de alguma coisa, só vou me lembrar por causa dessa disciplina, né? Mas pra quem seguir pelo comércio eu acho que é vital conhecer essa nomenclatura.

PP: **Eu fiz algumas anotações aqui, você falou dos manuais de introdução de RI, então pode enviar que a gente quer sim, pra gente dar uma olhada (risos). O inglês instrumental, assim, ele é uma terminologia mais antiga, né? Na verdade, o inglês instrumental seria o que a gente chama hoje de o inglês do LEANI, inglês para fins específicos, né? Já mudou um pouco. Porque o inglês instrumental ele ficou muito atrelado como o inglês voltado para leitura. A gente teve ali na década de 80, um “BOOM” ali das pessoas querendo fazer mestrado, né? Querendo fazer uma pós graduação e aí surgiram muitos cursos que se intitulavam cursos de inglês instrumental somente. E aí muita gente ficou com essa questão de que o inglês instrumental é o inglês voltado para a aprendizagem de leitura. Muitas pessoas precisavam aprender a ler em inglês para poder passar naquela prova de seleção do mestrado, né? Naquela prova específica de inglês. E aí ficou muito atrelado a isso, porque na verdade o inglês instrumental não era só inglês pra leitura. O inglês por exemplo para o garçom, que trabalhava num restaurante muito chique. Vai receber gente de fora, então o cara tem que saber falar o inglês também né? Então é o inglês voltado realmente para o atendimento específico, para uma realidade, para uma necessidade. Então, o nome mudou. E aí lá fora a sigla ficou conhecida como ESP, que é como English for Specific Purposes. Foi o que ficou lá fora. A gente aqui fala muito LinFE, porque pra não ficar muito preso só ao inglês né? A gente vai ter o espanhol, né? Então a gente ficou muito preso a sigla de "Línguas Para Fins Específicos", o instrumental lá de trás, aí mudou um pouquinho. E o inglês para fins acadêmicos seria um braço do inglês instrumental, agora o braço do LinFE, para fins específicos. Agora ele vai atender a uma outra realidade, a realidade acadêmica. E ela vai também abrir os braços dependendo da área, mas seria aí o inglês acadêmico. É, uma dúvida sobre a questão do comércio exterior que você colocou. Você falou de nomenclatura, terminologia específicas, mas os gêneros de forma geral continuam sendo os mesmos? Eles vão ter que fazer relatório, é**

e-mail... No comércio exterior tem documentos mais específicos? Assim, eu conheço de alguma maneira, mas eu acredito que tenham documentos que eles precisam saber lidar, não?

P4: Sim, há todo um pacote de documentos muito específico, eles precisam por exemplo saber lidar com as invoices, casa (apólice de seguro), com o que mais? O pacote documental ele é realmente grande. Claro, anteriormente a esse processo de desembaraço, que vai demandar todos esses documentos, eles vão naturalmente ter que vender os produtos. E aí entram todas as modalidades... Coisas diárias, né? Troca de e-mail, reuniões, relatórios e blá, blá, blá. Mas assim comércio exterior pelo menos esses 3 ou 4 documentos aí são essenciais para a área.

PP: **Ah, entendi... Eu tenho mais uma experiência na área de portos. Eu fiz uma pesquisa em duas empresas. Eu lembro que o The Of Landing, eles falavam muito em “BL”, em português era BL, BL, BL... Lembro muito disso. Tive acesso a alguns documentos dessa área, é sempre um formatinho né? Muito específico, não é nada muito difícil...**

P4: Não!

PP: **Bonitinho.**

P4: Forma de bolo, né?

PP: **É isso! Exatamente!**

P4: Muda nome, muda número, pro país que você mora, mas pessoalmente me parece homogeneizado.

PP: **É, se repetem! É, falamos de temas relevantes, gêneros... Você enxerga algum tipo de projeto que se possa fazer em conjunto, algum tipo de proposta que a gente pudesse envolver a tua área com o inglês? O que você vê?**

P4: Olha, eu acho que eu tenho dois projetos em potencial, assim que essa pandemia permitir que é implementar a ideia desse projeto sobre Brasil e EUA. Mas há a ideia também, que quando se bem estruturar quando for possível, essa disciplina de “Análise de Cenário e Relações Internacionais” ser re-ofertada. Eu acho na verdade, que disciplinas desse gênero teriam que ser mais presentes na formação do aluno, por que são disciplinas “mais práticas”. E disciplinas que eu considerava a possibilidade de aplicar muito do que estão estudando. Mas é muito difícil para nós essa realidade. Precisa ser naturalmente em um espaço físico adequado, não é possível fazer em uma turma de 30, é necessário que seja uma disciplina ao longo de um semestre... Essas simulações, essas análises de cenários demandam que eles produzam documentos prévios, relatórios, análises posteriores. Eles precisam, portanto, produzir materiais. Não apenas se engajar na simulação. Portanto, negociando, falando, criando, criando consensos. Advogando uma certa causa. Então, eu ofereci essa disciplina como disse, mas com uma tremenda dificuldade. Mas eu acho que pro professor é um caos, porque é um trabalho gigantesco. “Ah, mas a gente tá aqui pra trabalhar”, não é isso! Mas é preciso que se tenha uma boa estrutura para que ela seja bem utilizada! Então a gente precisa ter boas salas. Essa disciplina é dada lá naquele lugar chamado “Cozinha de Mármore”, né? É difícil ter cadeira, mesa, isso não existia lá... Era um quadro pequenininho, então se quisesse projetar alguma coisa... Era tudo muito complicado. Então primeiro: A gente tem que ter o espaço físico, segundo a gente tem que ter turmas pequenas. E aí, impacta na carga horária de professor. Então, veja, eu estaria disposto a, por exemplo, tentar superar o desafio de ofertar essa disciplina em língua inglesa. Mas é um desafio gigantesco, realmente. E que eu acho, que talvez aí nós tenhamos que ter inclusive a ajuda de monitores. Pelo seguinte: pra essa disciplina fazer sentido ela teria que ser ofertada no mínimo como duas disciplinas, turma A e B.

PP: **Uhum...**

P4: Pra ter dois professores, digamos que hipoteticamente eu e você ofertássemos conjuntamente. Ou você e o (nome P2), enfim, dois professores! Ela teria que ser duplicada até por uma questão de carga horária. E dentro dessa disciplina, veja, o aluno tem que entender a proposta dessa disciplina. O aluno tem que ir preparado pra entender que não é uma disciplina como ele espera de aulas expositivas. Porque na prática o aluno está mais preparado pro que ele quer na vida acadêmica, que são aulas mais expositivas. O aluno adora que o professor escreva no quadro e que ele copie. Vamos ser muito honestos, a maior parte dos alunos quer isso. Então, uma disciplina dessas, é uma disciplina que ele tem que trabalhar muito. E veja, não é uma disciplina obrigatória, é uma disciplina eletiva. E aí é um aluno que vai ter que trabalhar muito, o resultado na formação dele vai ser extraordinário. Mas quando os nossos alunos têm tempo pra uma disciplina dessas, quando eles na média se inscrevem em 11 disciplinas? vinte? Não sei quantas, mas são muitas! Esse projeto, por exemplo, eu acho que é um projeto que seria muito bem vindo pro aluno que se engajasse. Mas tem que ter engajamento. Porque se ele se inscreve numa matéria dessa e ele não participa, metade da turma não participa, a disciplina não anda. Então, por exemplo, essa disciplina não é uma disciplina... É um projeto, né? Porque preparar isso, enfim! Seria um projeto que a gente poderia eventualmente pensar, e aí eu acho que é a disciplina que coroa parte do que é

LEANI. Porque você tem que ter conhecimento de tantas áreas! E tem que dominar o idioma em que ela vai ser dada. E aí o aluno vai ter que produzir relatório, produzir documento de posição, falar, negociar, defender... Talvez uma disciplina que pro aluno no final da graduação faça ele querer ir pensando na pós graduação. Então, tem muitos desafios que nós precisaríamos pensar, mas é um projeto interessante, eu acho, né? É um projeto mais interessante do que um projeto, por exemplo, que se tem que fazer uma simulação. Porque uma disciplina dá tempo de observar, de analisar, do aluno se preparar para um segundo caso. Talvez a gente nem precise pegar seis casos, como foi o caso da disciplina que ofertei. Talvez possamos pegar quatro casos. Quatro casos em que eles vão ser expostos a desafios distintos, em que habilidades diferentes são requisitadas e temas diversos são manuseados. Não sei, a gente pode pensar nisso. E aí, explica para a turma, seleciona monitor... Porque como eles tem que trabalhar também em time é fundamental ter monitor que auxilie na redação dos documentos. Enfim, você sabe melhor do que eu como deve ser difícil ofertar isso em língua inglesa. Mas, pode ser que seja um projeto muito desafiador, mas pode ser que seja... Talvez, algo que os alunos peçam, né? “Ah, disciplina com mais intencionalidade, projeto conjunto...”. Bacana, se esses alunos que cobram isso se engajarem pode ser que a gente tenha bons resultados ao final. Câmbio, desligo!

PP: **É... Isso que você falou, do engajamento mesmo é muito importante, né? Eu tive um projeto, foi na turma do (nome AP2), foi no quinto período. E a gente fez um projeto muito bacana com temas sociais, os alunos adoraram! E fizeram muita coisa, e no final, assim... Quando foi assim, no semestre seguinte eu fui procurar eles. “Vamos fazer outro projeto, e tudo mais” olha, a turma quase toda falou assim “Vamos, vamos fazer outro projeto! Vamos começar outro projeto!”. E de repente chegou uma aluna atrasada e disse “Gente, vocês lembram do trabalho que a gente teve? Vocês lembram que a gente teve que ficar até tarde escrevendo relatório, nanananam... “. (nome P4), incrivelmente, metade da turma desistiu! (risos) Acredita nisso? E eles ficaram super empolgados com o projeto e tudo, super animados, mas desistiram.**

P4: Então, assim, eles têm uma carga horária também grande...

PP: **(sons de criança) Vai lá, filho, deixa eu continuar aqui.**

P4: Temos, enfim, muitos desafios, né?

PP: **Momento Plim-Plim, é são muitos desafios... Muitos desafios! É assim, é uma construção mesmo. Por isso que no projeto assim, eu chamo os alunos, existe um grupo que já está comigo. Porque assim, é uma construção mesmo. É um trabalho nosso e deles também, que eu acho que eles vão no futuro colher frutos enormes. Essa é a minha opinião, do que ficar naquela aprendizagem do livro didático, daquela coisa do previsível, né? Hoje é assim, amanhã assado, hoje tem aquele deverzinho de casa... Não tô menosprezando o livro didático... Eu acho que alguns momentos a gente precisa dele, né? Mas essa aprendizagem, que é essa aprendizagem muito semelhante do curso de inglês, né? Eu acho que a universidade pode ser muito mais rica, muito mais grandiosa. Trabalhando com a autonomia do aluno, né? Trabalhando com a questão de pesquisa, o aluno também tem que pesquisar na universidade! O aluno também tem que ler na universidade. Isso não fica, o que você exatamente falou... De botar no quadro e o aluno copiar e você falar alguma coisa e o aluno tá lá escrevendo... A gente quer essa participação do aluno, então essa é a minha proposta! A proposta do projeto é essa... Ter a participação do aluno, para que eles possam ajudar e construir a história deles também. Então é basicamente isso. Então assim, é acho já também vinha falando de fazer algo juntos, já há algum tempo a gente vinha conversando. Eu acho que você colocou bem, e realmente assim, é um trabalho árduo, né? É um trabalho que realmente, a gente tem que sentar e conversar. Agora, diz pra mim você exemplificou com esse projeto/disciplina, em qual período você acha que seria viável isso acontecer? Qual seria o melhor período para os alunos? Dentro do teu trabalho assim com eles...**

P4: Olha, quanto mais ao final... Quanto mais leitura, mais experiências com as disciplinas. Eu acho que estão mais preparados em termos de aportes teóricos, né? Mas por outro lado, nesse caso, o conhecimento é inversamente proporcional ao fôlego. Então, lá no começo eles estão com mais fôlego, estão mais empolgados. Embora com um instrumental menor. Então, se o ideal seria ter o fôlego do início e o conhecimento do final, eu acho que esse tempo não existe!

PP: **(Risos)**

P4: Portanto, eu diria que talvez no meio da graduação. Eu diria, que talvez fosse o lugar onde a gente encontrasse essas vias médias, né? Talvez o aluno do quarto período, eu imagino que ele ainda esteja empolgado e já tem alguma introdução aos grandes temas e questões. E talvez fosse algum lugar que isso pudesse ser pensado. Eu não sei, por outro lado, o que diz respeito ao conhecimento linguístico. Você, melhor que eu pode me responder isso. Porque em língua portuguesa foi difícil mas o resultado foi bom ao final. Em língua inglesa os desafios são muito maiores! Então, há de se ver também se eles têm condições de pelo menos tentarem cursar uma disciplina desse grau de exigência. O que não significa dizer que ela não pudesse ser pensada para ser uma

disciplina menos exigente, com menos casos. Para que haja sessões inteiras de preparação. Então, as aulas não necessariamente serão palco! Pode-se ter menos casos. E pode-se ter mais aulas de preparação, pode se ter um trabalho com monitores de forma complementar. Mas em resumo, do ponto de vista de formação nos períodos finais eles fizeram disciplinas importantes de RI, de ADM, de línguas, enfim... Mas tem menos tempo e menos gás. Então, eu acho que talvez no primeiro período pode ser até melhor. Mas ele (o aluno) sabe que terá mais dificuldade, mas talvez ele concorde em ir atrás do tempo perdido. Não, aí não tem tempo perdido porque ele acabou de entrar, né? Mas talvez ele concorde em se dedicar mais. E por um lado ter essa disciplina nos primeiros períodos é uma vantagem né? Porque eu sei que essa disciplina é aquela que força o aluno a aprender muito na marra. Eu sei que professor não gosta de falar disso, mas é engraçado porque os momentos que eu mais tive aprendido com línguas de fato foram os momentos nos quais eu fui jogado no meio dos dragões, né? Eu tive que me virar ali. Eu não sei explicar, não sei se isso é explicável, não sei se isso é mitologia, não sei se é invenção da minha cabeça mas aqueles momentos de apuro “se vira aí, vai lá”, foram os momentos em que eu aprendi. E as simulações me ajudaram muito a melhorar um pouquinho em termos de conhecimento da língua e de retórica. E claro, sempre vou ter deficiências em línguas estrangeiras! Na minha língua mesmo, mas estrangeiras: sempre! Mas essas simulações me ajudaram muito, muito. (*nome P2*) fala a mesma coisa... Talvez tenha também esse fator aprendizagem que seja mais valorizado no começo da graduação, então tem esses fatores. Mas então eu diria que, como uma disciplina eletiva, seria aberto a todos os públicos. Bom, eu acho que é isso! Claro, tudo é muito negociável, tudo é muito pensável. Eu acho que um projeto desse se pensado, se criado de fato, os alunos saberiam de antemão a proposta...

PP: Uhum

P4: Eles já teriam uma ideia do que vai significar ao final, como vai impactar na formação, mas também os desafios... Então acho que no primeiro período compensa muito, e eu acho que os alunos vão ser inteligentes! Não ser espertos, para saber aí fazer esse cálculo. Câmbio e desligo!

PP: Deixa só eu dar uma conferida, (*nome P4*), aqui... Eu assim, também em termos linguísticos acho que quarto... Quarto, quinto período é bom, é bem bacana de se fazer um projeto desses grandes e acho que é exatamente isso! Eu acho que falamos de tudo, amigo. Acho que falamos de tudo. Queria saber se (*nome API e AP4*) tem alguma pergunta.

AP4: Pergunta não, acho que o (*nome P4*) foi super completo aí, eu até tinha algumas perguntas mas ele já foi respondendo pelo caminho (risos). E obrigada pela participação, realmente foi muito construtivo!

P4: Lembrei de uma coisa, sabe como essa disciplina é dada nos EUA? Eles espelham as turmas, isso é uma coisa legal. Porque você pode... Tem várias formas de espelhamento. Mas aqui como a gente poderia fazer pensando nisso: turma A e B, e as semanas são alternadas. Então uma semana eu estou na turma 1 e você na turma 2, e vice e versa. Há tarefas para serem cumpridas até a simulação em si. E na simulação as turmas se unem, né? Porque as turmas são grupos e têm papéis. Então você vai para um auditório, algo maior e aí que o circo pega fogo! Então, aqui dá pra funcionar como a gente não tem anfiteatro e sala de negociação... Dá pra funcionar com espelhamento talvez! Eu só lembrei disso aqui porque não foi como eu fiz, na primeira turma. Mas com um segundo professor eu acho que é legal isso de espelhar essas turmas. E na prática, cada semana o professor está numa turma, na A ou na B, de acordo com o cronograma de trabalho. Então, não sei, pode ser que seja interessante para os alunos ter dois professores, um de RI e outro de língua inglesa. Pode ser que tenha certa dinâmica que seja aí um atrativo para os alunos. Tô pensando aqui.

PP: Mas eu acho que é isso, a ideia do projeto, né? Da pesquisa é essa mesma, fazer a gente pensar mesmo, né? No que a gente pode fazer em conjunto aí no futuro. Eu acho que, esse tempo todo que eu venho trabalhando com os alunos e fazendo pesquisa com o material didático, porque quando eu chego no LEANI, pelo menos pela pesquisa que eles fizeram com os professores de línguas. Ficou determinado que o ensino de línguas era “Língua para Negócios”, né? E quando você vai ver um livro ou um material desse, assim, isso não atende exatamente a realidade da gente, né? Não é isso, sabe? Conversando com você e com outros professores... Assim, temos muito mais a oferecer. Então, eu acho que trabalhando em conjunto e em projetos, né? Eu acho que a pesquisa em si faz a gente crescer e ir para outros lugares. (*nome API*), alguma questão?

AP1: Não, eu acho que ele respondeu tudo. Igual ao que a (*nome AP4*) falou “Ele foi respondendo uma por uma” (Risos).

PP: (*nome P4*), te agradeço, muito obrigada, foi ótima a conversa, o papo, a entrevista! Nem foi tão nos moldes acadêmicos, acho que a gente se soltou a beça e isso é muito bom, acho que tem um lado assim excelente! Muito bom ter você como parceiro, que sempre está colaborando com a gente... E a gente aqui vai aprendendo! Tá bom?

P4: Eu aprendi muito com vocês, sempre aprendo, né? Aprendi, por exemplo, que todas as minhas nomenclaturas já estão erradas!

PP: **(Risos)**

P4: Mas sempre aprendo muito com vocês, e enfim vamos manter, aí, esse diálogo. Acho que assim que a pandemia terminar a gente pode pensar em apresentar uma primeira versão desse projeto. E no momento também que for adequado pra você, eu sei que o foco tem que ser realmente na tese, não tenho nenhuma dúvida... Mas uma hora a tese acaba.

PP: **Tem que acabar! (Risos)**

P4: Esse que é o pior: Tem que acabar (Risos)!

PP: **Obrigada, (nome P4), obrigada... Grande beijo pra você!**

P4: Obrigada e bom final de semana!

AP1 e AP4: Obrigada!

P4: Sucesso pra vocês, e traga a (nome API) de volta pra nos trazer palestras e contar um pouco do sucesso dela!

PP: **Ela não me escapa, já amarrei o pé dela!**

P4: São duas alunas de ouro e (nome API) já está colhendo esses frutos e vai muito mais longe, não tenho nenhuma dúvida. Beijo!

PP: **Obrigada, beijo! Bom fim de semana!**

APÊNDICE R - Transcrição da entrevista – P5 (Professor do Núcleo de Administração, Economia e Direito)

PP: Então, (*nome P5*), assim, quero te agradecer, né? Acho que você colabora sempre com a gente. A gente já vinha lá atrás batendo um papo, eu acho, sobre o ensino de inglês, né? Enfim, a gente já vinha conversando. Agora a intenção, assim, do projeto é criar mesmo uma oficina que a gente possa né? Associar as disciplinas e fazer alguma coisa mais no âmbito disciplinar ou multidisciplinar. Na verdade, propor algo nesse âmbito, né? Então, enfim, a gente já conversou, a entrevista está sendo gravada. Tem um termo lá de consentimento livre que eles chamam. Então assim, a gente vai manter o anonimato. Eu tô frisando muito bem, (*nome P5*), assim, que o nome do CEFET aparece na minha pesquisa do curso LEANI também. Porque eu acho muito importante também, a gente posicionar o LEANI dentro de uma instituição tecnológica...

P5: Claro, claro...

PP: ...que tem aí uma tradição nas engenharias, né? Então explicar como o LEANI foi parar no CEFET, então ele é citado, o curso é citado e o CEFET também é citado, tá bom?

P5: Ok!

PP: (*nome AP1 e AP4*) me acompanham porque já fazem parte de um projeto comigo de extensão já há algum tempo. Então a intenção é que elas ajudem. E de que forma que eu vou manter, assim, o flow dessa nossa conversa? É, eu tenho um roteiro que eu enviei. Esse roteiro está dividido em três partes. Eu vou te fazendo perguntas e vou pedir pra você responder, e qualquer dúvida eu vou anotar!

P5: Ok!

PP: Porque às vezes essa coisa do remoto, a gente fica interrompendo, né? Então, assim, eu vou deixar você falar, qualquer questão que eu tenha aqui eu vou esperar você acabar, você me sinaliza quando você acabar. E aí a gente te pergunta. Tá bom?

P5: Tá bom!

PP: Então, vamos lá... É a primeira parte do roteiro, assim, é sobre a sua formação e a sua experiência. Então eu queria que você me falasse um pouquinho sobre a sua formação acadêmica, onde você estudou, se fez alguma especialização, o que você fez...

P5: Ok, fiz bacharelado na (*nome de universidade privada*) de Pernambuco. O mestrado foi em Ética e Filosofia Política na (*nome de universidade pública*) de Pernambuco. E tentei conciliar dentro do possível uma carreira pragmática e uma carreira de docente no ensino privado. Então, até o CEFET, excluindo meu primeiro vínculo como professora substituta na (*nome de universidade pública*) de Pernambuco que foi quando iniciei a docência, eu sempre trabalhei em instituições privadas. Então, trabalhei uma época dando aulas para alunos de administração, ciências contábeis, turismo... Depois para alunos de bacharelado em direito, depois para alunos da escola de magistratura trabalhista da oitava região, passei um bom tempo, né? E aí, já a nível de pós graduação. Então tanto para alunos que são juízes ou fazendo atualização, quanto para alunos que passam na seleção e aí tem acesso a escola de magistratura. Então, associado a isso sempre tem experiência prática na advocacia. E na advocacia, trabalhei mais na área empresarial. Foi a área que eu mais atuei. Na área de contratos, empresarial... Então essa vivência pública como servidora efetiva só vim ter no CEFET.

PP: Ok, então você tinha... Você trabalhava em escritório de advocacia?

P5: Na verdade eu construí durante a graduação uma experiência de estágio. Eu estagiei desde sempre, ao contrário do que é recomendado. E fiz também Iniciação Científica e enfim... E lá no curso, na Católica, não tinha essa limitação! Então, você podia ser bolsista já que a mensalidade é bem restritiva para algumas realidades. Então, eu podia juntar a bolsa de Iniciação Científica com a bolsa dos estágios. E aí, na área de estágio eu comecei com o estágio voluntário, depois eu fui para um estágio remunerado na área tributária, na Secretaria Estadual de Fazenda, do Ministério Público Estadual. Depois passei num concurso de estágio na Procuradoria do Estado, depois como estudante de advocacia... E quando me formei, eu passei ainda algum tempo fazendo uma avaliação de que área eu iria seguir, como eu ia, etc... E depois eu resolvi começar com parcerias. Pra mim, é, eu identificava que não valia tanto a pena ficar trabalhando num escritório que eu não tivesse, digamos assim, uma liberdade de trabalho e que não tivesse um horizonte de crescimento. Então, eu acabei optando por trabalhar por conta própria desde o início. Lá no início fiz parcerias na área trabalhista, com um colega. Depois na área tributária, com outro colega. E

depois eu abri meu próprio escritório e aí eu fiquei esses anos com o escritório. Depois uma sócia saiu, mas eu permaneci. E eu fiquei com o escritório até tomar a decisão de vir pro Rio de Janeiro. E aí, quando tomei essa decisão eu já estava no processo de desaceleração do escritório e vim pra cá, porque justamente foi pelas relações que eu construí ao longo da graduação e ao longo da vida profissional. Então assim, eu tenho bastante experiência na advocacia. Acho que vai fazer 15 anos que sou advogada, por aí...

PP: (risos) **O tempo passa!**

P5: (risos) É!

PP: **Formação em inglês: Você tem algum curso? Tem alguma formação? O conhecimento que você tem....**

P5: Eu fiz curso, era "Britânica" que chamava, lá em Recife. Era um curso que era filial da (*nome de escola privada de inglês*), que é uma escola internacional na Inglaterra. Lá em Recife é muito forte a Britânica, que é a (*nome de outra escola privada de inglês privada*), existem algumas linhas de inglês americano, mas o britânico é o mais forte! E fiz o curso completo até o Prep. para o exame de Cambridge. Mas acabei não fazendo, porque aí fui estudar para o vestibular, etc... Eu não concluí os exames de certificação. Eu fiquei com a certificação apenas da (*nome da primeira escola privada de inglês citada*), e aí fiz quatro anos seguidos de curso de inglês. Tive a sorte de estudar com muitos professores britânicos, que iam a peso de ouro, pra Recife ensinar a gente. E aí quando eu concluí eu fiz uma imersão de 5 semanas, com uma família inglesa do Sul da Inglaterra. E aí eu pude ter a vivência não só social, mas a vivência da certificação, mas tinha um prazo... Que era de 5 anos, etc. Aí, eu fui bem avaliada, acho que fiquei com A! Fiquei muito confiante, e aí parei de estudar inglês. Comecei a estudar alemão e francês. Passei um tempo estudando alemão e francês e vivendo com o inglês que eu tinha. Depois de um tempo eu comecei a sentir muita dificuldade em pensar em inglês, muita desconexão com essa prática. E aí, não sempre que eu tive oportunidade eu tinha algum tipo de relação com o inglês, seja com um curso de extensão como aquele que fiz com (*nome de um Professor*)... Como assistir um filme sem legenda, ou tentando ver novamente no original. Mas, depois de passado tanto tempo você meio que se desconecta, mas claro que depois que você começa a falar você começa a se expressar mais. Mas em inglês foi, assim, a primeira língua estrangeira que eu estudei e a única que eu consigo me sentir confortável para me expressar melhor. O alemão eu entendo alguma coisa mais básica, o francês eu entendo mais, mas pra falar eu não me sinto confortável falando em francês e nem alemão, inglês menos... Mas ainda assim eu consigo, principalmente com os estrangeiros, né? Essa foi a minha experiência. E aí no profissional, eu tive a experiência de trabalhar com pessoas que queriam internacionalizar suas empresas no Brasil. E eu cheguei a fazer um prospecto, tudo em inglês, baseado em alguns documentos da (*nome de organização de comércio*) do Canadá e na (*nome de organização de comércio*) de Londres, foi muito fácil em Recife. Na (*nome de organização de comércio norte-americana*) também, eu fui filiada... Meu escritório foi filiado a (*nome de organização de comércio norte-americana*), a gente era sócio. Eu participava das rodas de conversação, das apresentações, apresentações dos negócios. E aí, eu tive essa oportunidade de ajudar na internacionalização dessas empresas fazendo a realização deste prospecto com o meu sócio, que tinha uma vivência com o inglês americano. Então, o documento ficou estranho, mas ficou legível (risos). E a gente teve a oportunidade de trabalhar com algumas cláusulas arbitrais. Mais setoriais, locais... A gente começou a trabalhar com algumas cláusulas arbitrais justamente com essas empresas que estavam fazendo comércio exterior e enfim, trabalhando com a parte de seguros. Então, acabei tendo uma experiência com o inglês na minha vida também em advocacia. Então, tive reuniões só em inglês, tive que apresentar soluções em inglês, fazer prospecto em inglês... É claro, né? Sem me sentir muito confortável, mas enfim, funcionava, né? As pessoas fechavam negócio. Mas, é, lamento ter me ausentado tanto tempo, tantos anos... Desse inglês mais próximo, e aí de tempos em tempos eu tento me reconectar. Porque eu acho que o mais importante de qualquer língua é essa conexão, né? Com a literatura, com cinema, com séries ou conversando com alguém, carnaval. Quase sempre sou a tradutora da turma, quase sempre, principalmente quando é alguém escocês né? Porque o sotaque nem todo mundo entende, enfim... E aí, pra mim é mais tranquilo assim. Mas acabei usando bastante o inglês, mais do que eu imaginava! (risos)

PP: **E o inglês de certa forma está presente na vida da gente, né? Tá mais próximo da gente. Bom, queria saber quando você começou no CEFET. Queria que você falasse dessa sua experiência, um pouco mais, dessa sua experiência acadêmica. Você optou, né? Pela academia, por trabalhar... Por seguir nessa área e não no escritório. Queria que você falasse dessa experiência. Porque você optou por essa carreira, né?**

P5: Teve um fator, que foi um fator preponderante, que foi a minha vinda pro Rio. Então por uma questão pessoal eu precisei vir pra cá. E eu precisei realmente me concentrar, porque a questão do escritório, né? E você demora algum tempo até conquistar conexões e a confiança das pessoas. Eu tive que abrir mão um

pouco da minha rede. Mas ainda em Pernambuco nessa volta, na verdade nessa reflexão: Vou pro Rio... Não vou pro Rio? Eu tive que focar. E eu vi que, apesar de gostar muito de advogar, o que eu me sentia mais satisfeita era com a sala de aula. Apesar do retorno financeiro ser muito pequeno em comparação ao retorno na advocacia. E isso me deixava bastante dividida, mas na época a profissão de docente, pelo menos em Pernambuco, estava em muita alta. Então, não era uma diferença tão grande quanto a que existe hoje. Não só de oportunidades, quanto financeira. Então, o que um bom professor, qualificado, que tivesse determinadas conexões ganhava, era menos que um advogado mas não era tão menos quanto a hoje, entendeu? Então, hoje você tem classes e tem a ver com o mercado também. Aqui no Rio não tem espaço para um advogado mediano. Lá em Pernambuco, ainda tinha bastante espaço. Então aqui no Rio ou você tem aquele advogado que trabalha para alguém, com salários realmente muito abastados, ou você já tá num outro nível que pouquíssimos advogados pernambucanos vão conseguir estar, entendeu? Aqui é mais comum, por exemplo, vou falar de valores pra ficar claro: Não é tão incomum no Rio de Janeiro você encontrar pessoas que ganhem 650 mil por mês trabalhando com advocacia. Em Pernambuco isso é bastante incomum, apesar de ter pessoas que têm um financeiro ainda superior. Mas é bastante incomum no Rio de Janeiro você encontrar profissionais que ganham 15 ou 20 mil por mês, em Pernambuco é mais comum. Então lá, tem espaço para advogados de médio porte, que não são aqueles iniciantes, mas que também não tem esse espaço dentro do judiciário e esse nome pra poder, enfim, cobrar 80 mil por um divórcio, entendeu? Então, houve nessa época uma opção minha de focar na docência. A docência nessa época, em Pernambuco, estava super valorizada, então por mais que ganhasse menos que um advogado mediano ainda assim era muita valorização. Era uma vida bastante confortável. E pra mim foi um choque grande quando vim para o serviço público porque os salários são bastante rebaixados. Apesar de que as condições de trabalho são excelentes, a principal condição não é a estrutura física, mas você ter um aluno que tem um bom nível, vontade de aprender e liberdade para ensinar. Então, isso eu consegui encontrar na CEFET! Alunos de excelente nível, excelente, muitos alunos interessados, muito acima da média que eu estava acostumada e muita liberdade pra gente trabalhar. Qualquer conteúdo em sala que tivesse coerência, fazer disciplina do nosso modo, pode trazer as questões... Claro, sempre tendo o cuidado de trabalhar isso de forma acadêmica, mas é uma liberdade que eu não poderia viver na licenciatura privada porque sempre existiriam outros tipos de controle, né? Enfim, acho que foi sempre muito por aí essa opção. Chegando aqui foi um choque, mas ainda assim é uma opção que eu não me arrependo. Eu não sei se será uma decisão definitiva, foi naquele momento, hoje eu repenso algumas questões por conta da desvalorização do professor público no Brasil. O próprio momento que o CEFET está vivendo me abalou muito, pessoalmente, mas fiz de coração. Enfim, sou professora de coração. Fiz algo que gosto bastante e faço com muito amor. Posso não ser perfeita mas me esforço pra dar o meu melhor e acho que muitos alunos acabam sentindo isso, o meu desejo de realmente passar o meu conhecimento e experiência... E tentar transformar a sala de aula num espaço de discussão de ideias, questões ligadas à matéria e mais amplas também. Então, acho que nesse sentido essa trajetória.

PP: É, assim no CEFET a gente dá aula mas temos várias outras atribuições, né? Aí, eu queria que você me dissesse quais são as disciplinas que você leciona. Você dá aula em outros cursos também, não é?

P5: Sim!

PP: ...as disciplinas que você leciona e quais as outras atribuições você tem dentro do CEFET.

P5: No CEFET eu participei de várias questões, participei de comissões na área de tecnologia da informação, fui professora conselheira do ENAC durante algum tempo, hoje eu tô trabalhando basicamente com incubação tecnológica social, a ITES, tenho participado ativamente! São projetos que procuram lidar com tecnologia, mas dentro do viés de economia solidária, tentando impactar os negócios dos pequenos, muito pequenos, produtores. Pessoas que estão empreendendo não porque desejam ter o perfil, mas sim porque é a única alternativa que elas têm. Então tem sido muito recompensador trabalhar... Mas, hoje praticamente dou aula em todos os cursos superiores, porque eu tô temporariamente com a disciplina da professora (*nome da Professora*). Estou dando aula para todas as engenharias, exceto civil que está com professor próprio. Dou aula em administração, em engenharia e ciências sociais, que apesar do nome é uma disciplina que trabalha muito de introdução ao direito. E no LEANI, as disciplinas de Internacional Privado e Público e Constitucional. Em Administração, Direito I... Direito II está com professor (*nome do professor*), mas já ministrei essa disciplina também! E em Ciência da Computação, BCC (bacharelado em ciência da computação) também chamado de Ciência da Computação, ministro Informática! Então, praticamente dou aula em todos os cursos. E aí, a carga horária, como os alunos de Engenharia trabalham

em momentos diferentes, eles procuram juntar algumas turmas. Então eu tenho turmas de Humanidades e Ciências Sociais, né? Da CS (Ciências Sociais). Atualmente, tanto na terça quanto na quarta-feira. E tenho também, e aí eu sempre faço uma casadinha de ter aulas próximas, mas não sei como vai funcionar isso agora com o ensino remoto, mas... Eu gosto, eu gostava, né? No presencial de dar aulas em blocos, sair dar um descanso e ir para a outra aula, aproveitar esse ritmo, né? Pras coisas caminharem. É uma experiência muito desafiadora, porque apesar de no início da minha carreira ter trabalhado com outros cursos a construção quase completa foi na área dos alunos de direito. Seja na graduação, na pós-graduação, mestrado ou na magistratura! É desafiador trabalhar com alunos que têm outro tipo de formação, mas tenho tido gratas surpresas de alunos que se interessam pela área... Dos que não se interessam mas conseguem reter informações importantes, raciocínios importantes. E isso acaba ajudando muito os alunos tanto na área privada do mercado, para aqueles que querem trabalhar com Gestão quanto pros alunos que se preparam para concurso, né? E inclusive lembrando que o concurso do (*nome de órgão público da área da diplomacia*) vai continuar sendo carreira de Estado, então não vai ser alterado pela reforma administrativa, assim como alguns outros concursos como fiscal, oficial... Então continua sendo uma carreira muito interessante pros alunos principalmente do LEANI, que preserva ainda essas garantias. Mas, é bastante desafiador. Eu tento usar como fio uma perspectiva internacional, né? Mas dentro dessa área que é a minha área de maior experiência prática e de ensino, que é a área empresarial. Então, eu sempre procurei tentar dar um foco especial para área empresarial. E isso acaba unindo um pouco os programas, por exemplo Ciência da Computação teve foco nessa área principalmente de intimidade na internet com a lei de proteção de dados, agora, né? Mas ao mesmo tempo é feito também uma parte da disciplina que fala sobre propriedade industrial, marcas e patentes. Então, procurei me especializar ainda mais. Então procurei vários cursos de NPE, não só o curso introdutório da Organização Mundial de Propriedade Industrial como fiz alguns cursos presenciais, oficinas... Aproveitei essa proximidade do NPE ser aqui no Rio e atualmente eu tenho feito dois cursos online. Um voltado para uma área internacional, de uma Universidade na Holanda. E um outro curso, sobre a pesquisa na área de patentes. Então, eu tenho procurado trazer essas experiências e essas especializações com um fio de ligação entre as disciplinas. Então a disciplina de HSC conversa muito com Direito I, conversa muito com alguns aspectos de direito constitucional, com alguns aspectos de direito constitucional privado... Então, tenho procurado trabalhar com essas temáticas que têm relação.

PP: Certo, (*nome P5*), agora a gente vai mudar um pouquinho... A gente vai passar para a segunda parte da entrevista na qual a gente fala, justamente, da análise de necessidades, né? Com a intenção de analisar a necessidade dos alunos do próprio curso LEANI, na sua área mais do que se refere ao inglês. Então, você tem em mente algum gênero textual e discursivo? Porque na área empresarial a gente sabe dos e-mails, dos relatórios, né? Assim, há algum gênero que esteja dentro da sua área? Ou você tem em mente algum tema relevante, de repente, que fosse importante para eles aprendessem também em inglês. Alguma situação de aprendizagem, é, tarefa, ou algum projeto que você ache que poderia ter alguma ligação com o inglês? Que a gente poderia, de repente, pensar junto, né? O que você enxerga assim em relação à língua inglesa na sua área, para que a gente pudesse ofertar pros alunos?

P5: Eu acho que, de forma específica, seria trabalhar esses vocabulários mais ligados ao mercado, né? Eu sinto falta dos alunos terem interesse... É claro, eles não precisam querer operar, mas esse interesse mínimo de entender como é que tá a economia, dos encargos da economia do nosso dia a dia. Porque agora botar dinheiro na poupança você perde dinheiro, né? Porque hoje você vê tanta gente, pessoa física, investindo no mercado de ações, ainda que seja apenas 1% da população brasileira, muito baixa. Mas eu noto que os alunos, especialmente do LEANI, engenharia não, mas os do LEANI são muito alheios a esse mercado mais corporativo. Não só pela falta de experiência de muitos, mas visivelmente não leem a antiga Gazeta Mercantil, o Times, não tão ligados nisso. Então isso acaba sendo problemático porque alguns temas que eu poderia trabalhar, até alguns textos que eu tenho e que uso, eu não me sinto confortável de compartilhar com eles porque grande parte dos alunos que tem um bom inglês, tem o inglês de séries (séries de TV) e isso eu acho muito complicado. É bom por um lado, porque eles são fluentes e dá pra trabalhar bastante o inglês com esse vocabulário do dia a dia. Mas, eles estão muito distantes, eu não sei se é o perfil do aluno. Mas claro, estou falando de forma geral, existem alunos que são ligados ao mercado, existem alunos que têm experiência profissional, existem alunos que têm uma vivência mais independente. Mas o perfil geral, talvez seja, os jovens que moram com os pais e que ainda não tem uma preocupação prática. Não que vá colocar o dinheiro assim em tudo ou só pensar nisso, mas a questão mais pragmática da subsistência, de encontrar o seu espaço e tal. Alguns alunos são professores, inclusive excelentes professores, tem didática e enfim. Mas, eu percebo isso onde o aluno poderia pensar em atuar mas falta um pouco essa aproximação. Então, acho que além desse treinamento de e-mails acho que é

importante os alunos conhecerem um pouco o vocabulário mínimo de entendimento. Sei lá, vou dar um exemplo: Eu tive uma reunião no **IPES (Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais)** e estávamos pensando nesse novo sistema de pagamento, não sei se vocês estão acompanhando, o PIX que vai substituir o TED. Ele veio da Europa, mas já está na Austrália, já está na Ásia mas vai ser estipulado agora aqui no Brasil. Vai ser diretamente com o Banco Central, você não precisa contatar a agência, basta seu CPF e e-mail. Mas o fato é que isso revoluciona ainda mais, ainda mais que PicPay, Iti, PayPal, no sistema de pagamento por que são 10 segundos pra entrar na conta da pessoa! E é uma mudança que vai direto do Banco Central, então não passa pelas instituições financeiras, apenas faz uma pequena intermediação. E aí, dentro do projeto a gente estava discutindo que alguns produtores estão com muita dificuldade de escoar suas produções e fazer pagamentos. Eu questionava se a gente não podia replicar algumas experiências, de criar listas e compradores, especialmente de orgânicos. E tentar usar as redes sociais para tentar facilitar e aproveitar essa demanda, disso. E quando você observa, em todo esse aspecto mais prático, já trava! As pessoas não sabem o que é PIX, nunca ouviram falar no PIX, não entendem a questão... É como se sempre a economia, os negócios de forma geral, fossem algo extremamente distante da vida pessoal delas. E, justamente o que eu estava falando é que a gente precisava pensar, por exemplo, um outro exemplo... Uma pessoa conhecida minha estava vendendo casas de luxo aqui no Rio. E tem um condomínio, né? Mansões na (*nome de um bairro do município do Rio de Janeiro*). Malibu... Achei esse nome um pouco brega, mas enfim (risos). E muitos desses negócios têm sido feitos com pessoas internacionais que querem ter uma casa aqui no Rio. E o profissional do LEANI, na minha leitura, poderia fazer parte dessas negociações! E não só como um tradutor, porque provavelmente um engenheiro chefe, ou uma arquiteta, conhecem alguém que poderia além do conhecimento da língua poder intermediar! Então, eu acho que é essa aproximação, na minha leitura, exacerbada de ciência política é importante até certo ponto mas de outro ponto se você não se dedica a uma leitura mais cotidiana do mundo você acaba perdendo algumas oportunidades. Então eu fico, assim, muito preocupada com essa percepção! Com os alunos de BCC não, por exemplo... No início, antes da pandemia, no início do ano eu conversei sobre alguns temas para trabalhar na disciplina e falei sobre a questão do mercado financeiro muito rapidamente. E dois alunos depois, quando terminou a aula, vieram dizer que estavam fazendo operações. E vieram me dizer como eles faziam operações e falaram até das dificuldades deles de operar uma determinada plataforma que é em inglês, e que precisa de um inglês mais específico para poder entender alguns signos e etc. Em engenharia, alguns alunos já fazem o curso de engenharia pensando em abrir a construtora deles. Então, acho que na parte do inglês seja por prospecção dos negócios internacionais ou utilizar uma prestação de serviço para algumas empresas, seja enfim... Nessa parte de compra e vendas, de imóveis, seja em algum outro negócio. Acho que essa falta de relação que os alunos têm é a mais complicada. Então acho que seria interessante nas escolhas dos textos trazer, sim, alguns temas mais do dia a dia que envolvessem questões mais práticas, que pudessem ajudar o aluno a enxergar e perceber e ter de fato um certo perfil. Mas também acho necessário conversar com alguns professores de administração que pudessem fazer essa ponte. Por exemplo, eu poderia pegar o texto que envolve algumas questões de vocabulário e alguns temas dessas mudanças, dessa revolução do sistema bancário. A gente está passando por uma revolução do sistema bancário! Com a carteira digital, com os aplicativos de pagamento, pelo PIX, né? Quando é que a gente imaginou que a (*nome de empresa privada da área financeira*), que é um banco inter, iria existir, sem pagar taxas, né? Quando é que a gente imaginou que uma corretora como a XP, que comprou tantas outras? Que quando você quer fazer um investimento você não procura mais o gerente de banco, você procura uma empresa própria disso. Então acho que a gente poderia pensar de forma mais conjunta e em textos ligados ao mercado, que tocassem... Não quer dizer que o aluno vai se especializar naquilo, às vezes ele não tem interesse, mas ele tem uma visão que isso possa capacitar um pouco o perfil dele. Isso é utilizado na disciplina internacional privada, isso é utilizado na disciplina de administração, nas várias disciplinas de gestão e administração. Eu acho que tem muito espaço pra isso, não só sendo o texto acadêmico, acadêmico! Mas, textos de jornal mesmo... Times, especialmente o Times, né? Textos curtos. Mas que o aluno pudesse ter essa aproximação. Aí, eu acho que isso diz muito dessa necessidade que a gente tem. Da criação do corpo docente, né? E também um outro perfil, né? Porque é uma questão também do perfil dos professores. Mas, pra mim, eu acho que isso poderia ser um grande ganho.

PP: E aí eu não sei também, (*nome P5*), essa questão de jornais eu em algum momento quando sai alguma coisa muito notória eu já levava pra sala de aula. Mas só quando sai alguma coisa muito, né? Nunca foi do cotidiano. A gente sempre levava alguma coisa do Brasil que lá fora fosse ser vista, como essa questão poderia ser vista lá fora. Muito mais como uma questão política, talvez. É, e aí eu pegava muito texto do Times, do Washington Post e pegava fontes variadas, para que eles vissem essa leitura.

P5: Sim, sim.

PP: **Mas eu acho que essa é sua ideia dessa área mais econômica mesmo, né? Eu acho bem bacana! Você falou lá no início que você lidou com alguns contratos em inglês... Você acha que o aluno LEANI teria que ter acesso a esse tipo de vocabulário? A esse tipo de gênero? A algum tipo de contrato para que ele pudesse fazer esse intermédio, pra ele pudesse trabalhar em uma negociação, assim, de fato?**

P5: Eu acho... Ele não vai fazer a redação desse contrato, né? E até se ele fizer, depois vai passar tudo pelo jurídico, mas eu acho importante ele conhecer esses termos, alguns desses termos das partes. Entender minimamente esse funcionamento jurídico, né? Mais global, de princípios, das fontes do direito... É assunto meio sacal, é um assunto que o aluno “ah, de novo?” mas é um assunto que é importante, que nesses momentos faz a diferença. Mas, eu acho que, eu vejo que o aluno do LEANI acaba adotando um perfil muito público. Eu acho que isso é importante, mas repito: Tem uma dimensão, assim, mais privada para poder se equilibrar nas oportunidades.

PP: **Ok...**

P5: Não sei se eu respondi (risos).

PP: **Sim (Risos)! E aí, a terceira parte do roteiro eu falo nessa proposta de projeto, assim, você acha que é possível trabalhar? Em conjunto com uma disciplina sua? Fazendo link de alguma coisa?**

P5: Sim, certamente! Eu acho que precisa trabalhar com mais de uma disciplina, como seria essa questão de núcleo: direito, administração e inglês.

PP: **Sim...**

P5: Acho que seria perfeitamente possível!

PP: **Você acha que seria pra um viés mais dos textos, de trabalhar mais o vocabulário? Da gente tentar ver em conjunto, de repente, alguma coisa que você tivesse vindo na sua disciplina e a gente pudesse puxar no inglês também, seria dentro desse viés, (nome P5)? Seria isso que você pensou?**

P5: É, a princípio eu pensei nisso de poder, por exemplo... Não seria nem um texto básico da disciplina, mas um texto complementar, por exemplo. Não sei, em inglês. E esse mesmo pode ser utilizado na disciplina de inglês para trabalhar a parte do vocabulário e o aluno poder também se sentir útil! Ele tá lendo ali um texto que vale para uma disciplina, duas, três, ele já vai ler com mais gosto, né? E aí, não precisa ser necessariamente um texto longo, pode ser um texto curto, pode ser realmente notícia de jornal.

PP: **Uhum!**

P5: E, assim, a estabilização da economia durante esse tempo nos propiciou muito esse afastamento. Subindo os preços, o preço do arroz é caríssimo, e esse tema acaba voltando. E de novo, os alunos que querem trabalhar mais para a área internacional e os que estão saindo do país, etc. Eu acho perfeitamente possível, e acho importante. Mas, claro, nenhum vocabulário vai substituir essa vivência do aluno em se sentir minimamente confortável em falar uma língua e se comunicar e ter esse contato. Mas, a escolha de textos que tivessem temas que fossem práticos acho que seriam realmente interessantes. Um problema que os nossos alunos têm no nosso sistema, especialmente no LEANI e que não é culpa deles mas é a forma que a disciplina é montada, é carga horária bastante excessiva. Então, quando os alunos estão estagiando eles sofrem bastante, até num projeto de extensão porque é muita aula! É uma vivência bacana, por um lado, porque forma um aluno em vários aspectos. Mas por outro tira um pouco esse poder de leitura deles. Então, acho que agora com a pandemia teriam que ser textos ainda menores e ainda mais pontuais. E ainda mais bem escolhidos. Mas sim, acho que dá pra trabalhar e seria importante que a gente coletivamente pensasse no que poderia ajudar mais de uma aula.

PP: **Sim, sim... Você consegue dizer pra gente em que período do curso é possível fazer esse link entre as duas disciplinas? Você acha que tem algum período melhor? “Ah, essa disciplina eu acho que encaixa bem e acho que seria melhor no terceiro período, quarto período...”. Não sei...**

P5: No meu caso, como eles começam direito só no segundo acho que no terceiro, principalmente no quarto, internacional-privado, acho que seria um dos períodos mais propícios para isso.

PP: **Certo! Acho que você me respondeu (risos)! Você respondeu tudo, tudo direitinho...**

P5: Ainda bem (risos). Se tiver mais alguma coisa aí (risos)...

PP: **É, deixa só perguntar as meninas...**

AP4: Eu só perdi aqui, não sei, eu acho que você falou... Mas, quando você começou lá no CEFET, em que ano mesmo?

P5: Foi 2016... Não, 2014! Faz seis anos.

AP4: E aí você já ingressou na primeira turma do LEANI?

P5: Já peguei a turma andando, houve um choque de horários com a professora substituta. Eu fiz a prova em junho para julho, e aí eles ficaram de me chamar... Mas aí, normalmente, pensando em me chamar mais pro início do outro ano e a professora substituta entrou em choque e eu tive que entrar correndo! E aí, como meu concurso era francês e RI juntos, entraram todos os três primeiros lugares: (*nome de um professor*), eu e nosso amigo, né? Que já se foi!

AP4: E, assim, nas suas experiências com as diferentes turmas do LEANI você percebeu assim alguma questão assim de perfil? Você achou que o roteiro foi alterado?

P5: Muda muito, as primeiras turmas foram mais testes, né? Pra eles e pra gente. Então, elas tiveram atenção que eles não teriam em outras expressões. Mas por outro lado, a gente também estava aprendendo, então estávamos nesse processo de aprendizado, como fazer da melhor forma. Eu acho que, as que entraram agora, elas têm bem menos atenção. Não que a gente não continue com a atenção, mas essa questão de segurar muito a mão, houve uma ampliação grande, assim. Mas, eu acho que hoje a mudança grade, em Direito, eu achei muito positivo! Em Internacional-Privado fornece muito assunto, eu acho que essa turma não trabalhou Internacional-Privado... Mas a turma da (*nome de uma aluna*) trabalhou e mesmo sendo um pouco corrido é muito gratificante, os alunos aprenderam bastante, bastante mesmo! E foi excelente assim, foi muito acima das minhas expectativas! Foi um ponto já dessa maturidade, assim, das mudanças, do encaixe. Agora, claro, todas as instituições sofrem ou são beneficiadas pelos seus contextos. Então, as turmas iniciais tiveram muitos privilégios. Viajar para fora do país com bolsa, monitoria e vários projetos com bolsas e isso não é uma realidade atual. Então, mas, eu acho que o perfil mudou bastante. Eu acho que o aluno hoje é mais focado em RI e os alunos do início eram mais focados em línguas. E acho que isso mudou pelo grande ênfase que foi dado a RI, e claro preciso vender o meu peixe, né? Minha área é de negócios e eu acho que essa área está subnotificada, subvalorizada. Porque é uma das áreas que os alunos mais têm encontrado trabalho, vários ex-alunos do LEANI estão trabalhando com direito e administração, mas com o grande diferencial das línguas e etc. E a carga horária ainda é muito pequena e muitas vezes não é feita em um horário que é muito confortável pro aluno, porque são professores de outro curso. Aí tem semestre que mescla com alunos de administração e do LEANI, tem semestre que é só o LEANI. A gente vai tentar atender as necessidades, entendeu? Mas ainda assim, eu acho que é um curso muito interessante. Acho que é um curso que vale muito a pena o aluno fazer porque tem uma formação bastante geral e, de acordo com o interesse dele, ele vai fazer um MBA na área que ele quer. Mas ele vai ter uma visão muito mais de mercado, muito mais pública do que alguém que só fez letras. Não que fazer letras seja “só”, mas que amplia as áreas de atuação. Um aluno que é muito agregado ao RI será muito agregado ao trabalhar com línguas. Quer queira, quer não. E ele consegue diferenciar quando ele vai concorrer com alunos de Ciências Políticas... É um curso que vale muito a pena e hoje há uma exigência de estar se especializando, não precisa fazer mestrado necessariamente. Mas fazer um MBA, fazer uma pós... Acho que isso amplia bastante, é, as chances do aluno se encontrar no curso, né? Sem falar ainda nas oportunidades públicas, apenas de vir com todos os problemas.

AP4: Ah, legal! Uma coisa que eu fiquei pensando assim, essa proposta interdisciplinar ou multidisciplinar, você acha até que por essa questão da pandemia a gente tá tentando fazer essa migração da plataforma, né? Usando o Teams, usando outras ferramentas... Você acha que as tecnologias conseguiriam auxiliar nessa integração das disciplinas, seria uma possibilidade?

P5: Acho, eu fiz um workshop... Participei, né? De um workshop semana passada que o trabalho foi em equipe pelo Teams, no Teams eram criados grupos específicos, além do grupão. E as atividades eram todas feitas no MIRO, que é uma plataforma interessantíssima, é um quadro branco infinito na qual você pode seguir como quiser e fazer várias atividades e as pessoas participarem atuando, demora um pouco pra pegar o jeito, como qualquer programa. Mas você pode fazer isso pela App, pelo navegador... Não precisa baixar o programa. E o workshop foi feito assim. Começava o workshop todo mundo no Teams e aí mandavam a gente ir pro MIRO e etc. Quando entrava no MIRO eles colocavam lá o link, tanto do grupão, quanto do grupinho para que as pessoas pudessem não se perder. E ensinavam outras funcionalidades. E foi feito o desenho de algumas questões baseadas em post-its que você criava e desenhava e botava a cor que você queria... E algumas votações que você colocava e dava pra arrastar as bolinhas. Então, é uma plataforma que o pessoal de designer tá usando bastante, é uma plataforma criativa, se colocar no YouTube você vai ver assim os tutoriais e ver como é, assim, muito infinito tudo que você pode fazer! É muito propício mesmo. E eu acho que a grande questão agora da pandemia é justamente a gente poder ajustar os times. A gente não consegue ficar online e ao mesmo tempo ficar presencial, então, as reuniões precisam ser mais curtas, as aulas mais curtas, os workshops mais curtos,

mas isso não quer dizer que você vai ter menos tempo.... Quando desdobrar essas atividades com outras como: resolução de exercícios, leitura de textos. Então, acaba sendo uma forma muito interessante! Então, imagina, o aluno entra na aula e tem um tempo de aula assim, que é um formato que tenho pensado bastante, e ele acaba e o professor faz indicação de um formulário, pra ele fazer questões daquela aula, e indicação de uma leitura on-line, enfim. E ele já vai ler o texto e você coloca o texto para ser compartilhado, né? Para que os alunos possam escrever... Então, acho que tem muito espaço mas é preciso adaptação. A gente não pode ficar pensando naquela forma presencial de ficar 3 horas, ninguém aguenta, o professor não aguenta, os alunos não aguentam é muito cansativo. Então, tem que pensar em formas de tornar essas reuniões, esses encontros mais, digamos assim “do fazer”, né? De atividades do fazer. Que é um grande desafio para os alunos brasileiros, porque os alunos brasileiros não leem o texto. Ele não faz as questões. E aí agora, se deixar ele muito solto, ele não vai conseguir cumprir as coisas, vai deixar pra em cima da hora... Aquela coisa de em cima da hora do presencial, não é a mesma coisa do em cima da hora do virtual. E é um desafio grande. Eu digo isso porque como eu estou na CEFET tendo essa experiência, já tive experiências no passado, com cursos online e estou fazendo agora também... É muito complicado. Você precisa ter uma rotina e disciplina grande, se não você vai acumulando e vira uma bola de neve. Mas acho que sim, acho que dá pra fazer pelo próprio Teams, usando o MIRO ou usando outras plataformas de trabalho em conjunto, criando as salas e criando um canal para você dividir os grupos e aí você pode ir no chat e colocar o canal, a pessoa clica já entra e depois ela volta. Acho que dá pra fazer sim, acho que vai ser interessante! Mas vai exigir mais do aluno, aquele que vai desligar a câmera pra poder ficar dormindo vai ter aquele descanso naquele horário mas quando precisar acessar ao conteúdo vai ser um deus nos acuda.

PP: **Brigada, (nome P5) (risos).**

P5: Mais alguma pergunta, gente?

PP: **Mais?**

AP4: Não, pra mim tá tudo bem, já anotei aqui tudo que eu precisava anotar.

PP: **Você falou da câmera desligada, eu vi hoje muito rapidamente na televisão uma notícia que em algum lugar não vai poder mais o aluno assistir a aula com a câmera desligada. Todo mundo agora vai ter que ligar a câmera (risos).**

AP4: É, eu vi isso mas não acho que é no Brasil não, é nos Estados Unidos!

PP: **Nova York ou Londres, um lugar desses aí. Eu falei “nossa!”, agora que eles descobriram isso (risos).**

AP4: É, mas ontem eu estava falando com o meu Tio e ele é professor de ensino médio e se for aluno mais novo acho que menor de 18 não pode obrigar, alguma coisa assim... Não pode obrigar mas precisa cobrar presença. É complicado.

P5: Difícil, estamos vivendo uma revolução, né? É muita mudança

AP4: É!

PP: **Verdade! (nome P5), queria te agradecer, muito obrigada pela disponibilidade, por participar com a gente como sempre!**

P5: Espero que sim (risos)!

PP: **Claro, com certeza, tá bom? Qualquer coisa eu falo com você novamente e a gente vai conversando, tá?**

P5: Eu que queria agradecer, tchau gente!

AP4: Tchau, tchau, (nome P5)!

PP: **Tchau, obrigada!**

APÊNDICE S - Transcrição da entrevista – P6 (Professor Departamento de Administração [Colaborador])

PP: **Celular... Tudo direitinho. Posso te chamar de (*nome P6*)?**

P6: Com certeza, o mundo inteiro me chama de (*nome P6*) (risos).

PP: (risos) **Então, (*nome P6*), obrigada...**

P6: Quando me chamam de (*nome todo P6*) eu levo até um susto... (risos).

PP: (*nome P6*), **obrigada por participar da pesquisa, eu falo que sempre, é, agradeço também aos (*nome AP3 e AP4*), né? Eu tenho um grupo de alunos que me acompanha no projeto de extensão, quando todas as minhas dúvidas em relação ao LEANI começaram, né? Então, eles já me acompanham. Você recebeu um termo de consentimento do comitê de ética, depois você assina e me envia!**

P6: Sim!

PP: **É, o que eu tenho falado pras pessoas é que assim, a gente vai respeitar o anonimato, como toda a pesquisa, a gente vai utilizar os seus dados academicamente, na minha pesquisa ou talvez para aplicar, né? No próprio LEANI.**

P6: Sim...

PP: **O nome da instituição e do curso aparecem na pesquisa, porque eu acho que é muito importante situar o LEANI no CEFET, a instituição que tem uma tradição com as engenharias, né?**

P6: Sim.

PP: **Então, eu falo do CEFET e do LEANI, então, basicamente é isso (risos).**

P6: Que legal! Que ótimo, pode contar comigo!

PP: **Eu tenho comentado com as pessoas, né? Como é uma entrevista remota, eu vou fazendo as perguntas, o entrevistado responde e no final que você responder, você me sinaliza, porque assim a gente ajusta! Pra não ter muita interrupção, porque tem sempre um delay, uma coisa assim... Então, vou deixando a pessoa falar, faço alguma anotação e então depois que você terminar de responder, se você tiver alguma dúvida você me pergunta. Tudo bem?**

P6: Sem problemas, eu acabo falando demais!

PP: **Ah... (risos).**

P6: Se quiser me controlar pode falar!

PP: **Ótimo, então a primeira parte da entrevista, (*nome P6*), é sobre formação e experiência. Então, a gente quer saber um pouquinho da sua formação acadêmica, onde você estudou, se fez alguma especialização....**

P6: Pra facilitar, eu acho que vou seguir o roteiro que você me passou. Acho que facilita passar todas as informações que você precisa! Bom, eu sou formado em Administração pela (*nome de instituição de ensino privada*). É uma graduação que eu já saí habilitada com ênfase em marketing, então é uma das poucas faculdades do Brasil que tem uma graduação com ênfase, é quase um MBA, uma pós graduação dentro da graduação. Então, eu sou administrador, especializado em marketing pela (*nome de instituição de ensino privada*). Depois eu fiz um MBA em gestão de projetos na (*nome de fundação privada do ensino superior*). Logo em seguida, né? Já me formei e engatei no MBA, alguns anos depois, aí, já pensando... Já tinha começado a ser professor. E aí, eu entrei no mestrado de economia e gestão empresarial da (*nome de faculdade privada*), que é onde eu fiz o meu mestrado. E agora, eu estou cursando doutorado de ciência, tecnologia e educação no CEFET. É a segunda pergunta que você passou no roteiro, sobre a formação de inglês... Eu nunca fiz intercâmbio, mas fui muito apaixonado por inglês. Eu passei em vários cursos de inglês. Eu comecei no (*nome de escola de inglês privada*), depois passei pro (*nome de outra escola de inglês privada*) e não gostei, foi pro (*nome de uma terceira escola de inglês privada*)... Eu sei que, no total, eu fiz 7 anos de curso de inglês, indo pra lá e pra cá. Acabei tendo o certificado de conclusão do (*nome de escola de inglês privada*), foi o último onde passei. Mas, eu sempre gostei muito do inglês, eu procurava complementar o meu inglês com o aprendizado. Então, durante toda a minha faculdade eu pegava na biblioteca, é o Financial Times, que a biblioteca jogava fora da semana anterior... E eu botava na mochila, e ficava lendo no ônibus, no trem, quando eu ia para a faculdade e tal.

Para poder ter o inglês, assim, afiado mesmo na hora que precisasse. Então, esse foi o meu estudo do inglês, né? Do idioma. Terceira questão: Onde eu trabalhei antes de ser professor. Bom, eu trabalhei durante seis anos na (*nome de empresa privada da área de Seguros*), e aí lá eu comecei com 18 anos no call center, atendimento ao cliente... É, naquele momento eu já era um dos atendentes que era habilitado para o atendimento em inglês no call center. Depois passei para o atendimento via internet e alguns anos depois fui para matriz, e aí fiz um trabalho muito específico de seguro de automóveis e aí fogue um pouco do idioma. Quando eu me formei, me formei na faculdade em 2006. E eu fui para o marketing da (*nome de empresa privada da área das telecomunicações*), trabalhei na área de estruturação de canais da (*nome de empresa privada da área das telecomunicações já citado*), durante um ano e onze meses. Arredondando porque as datas não vem na cabeça, mas só pra vocês terem uma noção, em 2008 eu recebi uma proposta da (*nome de outra empresa privada da área das telecomunicações*)! Para fazer a mesma coisa que eu fazia na (*nome da primeira empresa de telecomunicações citada*), marketing e estruturação de canais, varejo... Eles queriam criar isso tudo na (*nome da segunda empresa de telecomunicações citada*), e aí eu fui chamado para participar de um projeto maravilhoso que depois acabou dando origem ao que a gente chama de Live (*nome da segunda empresa de telecomunicações citada*). Eu participei de todo o projeto de criação da Live (*nome da segunda empresa de telecomunicações citada*) do zero, peguei ele em branco total foi um aprendizado sensacional! E aí, tô comentando esse projeto porque foi a maior prova de todas em relação ao idioma. Nesse projeto da **Live** (*nome da segunda empresa de telecomunicações citada*), né? Eles montaram um projeto de várias áreas, né? Eles selecionaram uma pessoa de cada área da empresa e durante esses seis dias essas pessoas não iam para o escritório. Eu, por exemplo, durante seis dias não fui pra minha mesa de escritório! A gente ia para um hotel lá na Barra, onde juntava todo mundo pra desenhar o processo do zero. Então, "como vamos fazer a parte da internet banda larga com fibra óptica?" E aí, a TI falava, e aí depois vinha o pessoal de infraestrutura de rede! E eu era o ponto focal da área comercial, né? Só que esse projeto foi conduzido por duas consultorias ao mesmo tempo! Uma consultoria italiana, porque a (*nome da segunda empresa de telecomunicações citada*) é um empresa italiana e existia uma consultoria italiana por trás daquilo tudo. E uma consultoria, é, se eu não me engano era mexicana e argentina, se eu me lembro bem, que era especializada em processos. E aí, naturalmente, um projeto no Brasil com uma empresa italiana, com consultoria italiana e mexicana, todo mundo falava inglês! (risos). Para não virar uma torre de Babel. Então, esse projeto foi muito bacana porque a empresa disponibilizou tradução simultânea para quem não tinha o inglês fluente! Mas eu conseguia participar das reuniões sem a tradução simultânea em inglês... E era nítido o quão diferente você tinha de participação com inglês fluente e o cara que estava com a tradução simultânea. Então, foi isso que eu fiz antes de virar professor. Hum, o que mais você quer que eu fale? Como professor também?

PP: É, na verdade assim, antes de você falar da sua experiência como professor, né? É hoje o teu inglês... Você disse que gosta muito e mantinha contato e hoje você continua mantendo contato? Você vê essa necessidade?

P6: É, gosto. Mas é, eu hoje não tenho necessidade no dia a dia como professor, mas eu procuro manter ele fluente... Primeiro porque eu gosto muito do idioma, então, faço questão de assistir filmes com áudio original porque faz muita diferença. As legendas são muito mal traduzidas e tal... Mas para a questão pesquisador, para o lado pesquisador, faz muita diferença. É o tema que eu pesquiso que são simulações empresariais e jogos de negócios, é um tema que no Brasil chegou muito tarde. Então, muito artigo, muita coisa, muitos livros que eu leio acabam sendo em inglês. Então para o lado pesquisa, para a nossa atividade de pesquisa o inglês ainda é fundamental. O que na prática, né? Só pra contextualizar, na prática como professor de marketing eu falo muitas expressões em inglês que as pessoas usam no dia a dia como se fossem em português. E são expressões que o pessoal no marketing tem essa palhaçada de trazer do inglês, faz parte e não tem jeito. É, mas eu procuro me manter fluente por causa da pesquisa. Eu acho que como pesquisador é muito importante.

PP: E quando é que você começou a dar aula? Como é que você se descobriu professor e foi parar no CEFET?

P6: É, então, me despertou o interesse de ser professor, eu ainda estava na faculdade porque, curiosamente, uma reprovação fez eu ter vontade de dar aula. Quando comecei a trabalhar eu fui reprovado pela primeira vez na minha vida. Eu nunca tinha sido reprovado na escola, nada. E aí, eu comecei a trabalhar, não aguentei o ritmo e fiquei reprovado em estatística. E aí, no semestre seguinte eu fiz novamente a estatística mas eu me redimi e fiquei com média 10. Foi assim, eu realmente me dediquei! O meu problema é que aquele momento não era a matéria! O problema é que a cabeça não deu conta de conciliar o primeiro emprego com mudança de horários, o corpo não aguentou. Depois que me acostumei, aí sim... eu fiz e consegui passar! Só que o professor me botou em uma situação muito complicada, eu

como professor nunca teria feito o que ele fez (risos). A minha turma teve uma média na primeira prova, que seria a T1, uma média de 4, 5, 3,5. Teve muita gente tirando 0, 1... E a turma começou a ir pra cima do professor, a turma começou a dizer “Não, calma aí... Tem algo errado e é com o professor que não dá matéria!”. E o japonês, que como tá gravando prefiro não falar o nome dele, mas o sem vergonha virou pra turma e falou, assim mesmo, ele levantou a mão e mandou todo mundo calar a boca e disse: “Ô, concordo com vocês que se todo mundo tivesse se dado mal seria um problema do professor, mas nem todo mundo se deu mal...” E aí, logo eu botei a mão cabeça e falei: “Meu deus do céu, ele não vai fazer isso que eu estou pensando...”. E aí, ele chamou a fulana de tal, que é uma outra aluna e perguntou: “Quanto você tirou na prova?” e ela: “10!”. Depois: “(nome P6), quanto você tirou na prova?” aí eu: “10!”. E aí ele vira pra turma e diz: “Senhores, eles assistiram a mesma aula que vocês! O que vocês têm é dívida, não é dívida... O máximo que eu posso fazer é, se um dos dois topar, eles viram monitores de estatística e ensinam a matéria para vocês!”. E aí a outra menina, ao mesmo tempo que fazia marketing na (nome de instituição privada de ensino superior), fazia psicologia na (nome de universidade pública). Ela não tinha tempo, porque fazia as duas faculdades. E eu não tinha opção! E eu falei: “Tá bom! Eu não sei dar aula, eu não sei nada... Mas o que eu sei eu posso explicar!”. E foi aí que fui beliscado pelo bichinho de sala de aula e gostei muito! E aí, eu acabei ficando como monitor dele até o final da minha faculdade, foram dois anos e meio sendo monitor de estatística! Eu chegava a ter 40 alunos numa turma... E aí, eu botei na minha cabeça, pensei “Olha, um dia eu quero dar aula porque eu gostei desse negócio aqui!”. Mas eu imaginava que talvez quando eu tivesse me aposentando alguma coisa assim... Só que aí aconteceu que eu estava numa festa, com amigos, e um colega meu era coordenador de uma faculdade privada que é a (nome de faculdade privada)... E ele lembrou que eu tinha tido essa experiência como monitor de estatística porque eu tinha comentando que um dia queria ser professor, porque ele era professor. E aí ele falou: “(nome P6), você quer dar aula de estatística pra mim lá na (nome de faculdade privada)?”. E aí, eu fiquei: “Mas como assim? Eu não tenho mestrado e nem nada...” e aí ele me perguntou: “Ah, mas você não tem MBA? Porque o professor de estatística que eu tenho lá, ele descobriu que está com câncer num estágio muito avançado e ele tem que se afastar ontem. Ele já faltou a aula da semana passada e como as aulas já começaram todos os professores estão com a grade preenchida. E eu não tenho ninguém que possa pegar a aula de estatística naquele horário. E os alunos naturalmente, estão cobrando, estão perdendo aula e tal... Se você topar eu consigo te contratar emergencialmente.”. E aí, o MEC permite que você tenha uma parte do quadro sem mestrado e eu entrei nessa cota! Como contrato emergencial e uma semana depois eu estava em sala de aula! Tendo apenas uma semana pra pensar em um plano de aula e, de repente, virei professor! (risos).

PP: (risos).

P6: E isso foi mais ou menos em 2012... E aí, no semestre seguinte ele me deu mais uma disciplina pra fechar a noite, então eu ia trabalhar na (nome de empresa privada de telecomunicações) e dava aula de estatística a noite, no turno da noite! No semestre seguinte ele me deu uma segunda disciplina pra preencher a noite, né? Porque a noite tem duas disciplinas e aí pra facilitar você não ir lá só por causa de uma disciplina, ele me deu uma segunda disciplina com uma outra turma para preencher aquela noite e eu fui gostando da coisa. No terceiro semestre como professor, já em 2013, ele me deu uma terceira disciplina. E aí, no meio de 2013 surgiu a oportunidade de eu pegar 5 disciplinas! Só que naturalmente aquilo não encaixa tão perfeitamente com a (nome de empresa privada de telecomunicações) ... E aí, eu tentei conversar com meu chefe pra tentar ficar pelo menos um dia como home office, como trabalho remoto, né? Que aí eu dava aula de manhã, trabalhava durante o dia remotamente mas já estaria na faculdade pra dar aula a noite! Então, eu colocava 4 disciplinas no meio de um dia e não prejudicava nada o meu trabalho na (nome de empresa privada de telecomunicações) ... E aí, o meu chefe falou: “Olha, eu não posso permitir porque é uma outra atividade profissional, o RH não vai deixar...” e aí eu fui conversar com a galera de RH. Falei com a diretora, com a gerente, com todo mundo do RH e eles falaram a mesma coisa que: “Ô, eu não posso!”. E foi engraçado que ela falou pra mim: “Olha, se você tivesse pedindo esse afastamento para fazer um curso, um mestrado ou algo desse tipo... Eu até poderia autorizar! Mas no momento que tem outra atividade profissional não pode!” e aí eu falei: “Pô, então você está me dizendo que eu sou prejudicado por falar a verdade? Se quiser, eu minto. Bota aí que eu vou fazer o curso, não tem problema nenhum!”. E ela: “Não. não é assim e tal, tal, tal...” e eu falei: “Tá bem, então eu me demito! Simples assim, se vocês não resolvem o problema, eu resolvo: Eu me demito! E vou ser professor.”. E aí, obviamente que, eu não peguei aviso prévio nenhum, cumpri os 30 dias, porque quando você está em aviso prévio a lei permite que você tenha uma flexibilidade maior e eu fiz o que eu queria! E foi ali em 2013, é em abril de 2013 que eu pedi demissão e assumi as cinco disciplinas na (nome de faculdade privada) e em julho de 2013 eu entro no mestrado. Realmente decidi que eu queria a partir daquele momento ser 100% professor, né? E fazendo a escolha pela vida acadêmica!

PP: E no CEFET, quando é que você começa?

P6: Ih, verdade, desculpa! Você perguntou, mas eu falo tanto que esqueci... É, bom, aí depois disso eu dei aula na (*nome de universidade privada*) da Trevisan. Dei aula em Pós Graduação em um monte de lugar, já dei aula na (*escola pública militar*)! Já dei aula pra marinha, e aí, de repente... Por acaso, por uma inspiração divina, sei lá como explicar isso. Porque eu estava de lua de mel em Natal e preocupado com a minha carreira de professor por conta da universidade privada não ter lá uma segurança tão grande! Então, por algum motivo, no hotel pesquisando na internet eu sempre colocava: vagas de professor. E por uma luz divina apareceu no Google o processo de seleção para professor substituto de Administração no CEFET. Até então, eu nem sabia que o CEFET tinha faculdade, universidade, né? Eu não sabia. Pra mim era só o ensino médio técnico e muito menos um curso de Administração, eu não sabia disso tudo. E aí, eu me inscrevi, passei em primeiro lugar e entrei como professor substituto em 2015. Entrei em 2015, meu contrato foi até 2017. Em julho de 2017 encerrou o contrato do substituto. Saí do CEFET. E pra minha sorte o encerramento do meu contrato coincidiu com dois professores do colegiado de Administração, do colegiado do curso se aposentaram! E aí surgiram duas vagas pro colegiado, uma delas foi aproveitada por um professor que veio de Nova Friburgo pra cá! E a outra abriu o concurso público, né? E aí, nesse concurso público a coincidência foi absurda porque eu ainda não tinha terminado meu mestrado e eu defendi a minha dissertação na mesma semana da prova desse concurso do CEFET. Foi um timing louco! Na mesma semana eu consegui defender, e aí tinha a ata, mesmo não tendo diploma a ata era suficiente! E eu consegui ficar 0,11 pontos na frente do segundo colocado (risos). E entrei em 2018!

PP: Sufoco, né? Correria!

P6: Pô! Pra mim nunca é fácil! (risos).

PP: Pra mim também não, mas acontece, não é verdade? É no sufoco mas acontece!

P6: Exatamente, exatamente

PP: E desde então, assim, é, suas funções dentro do CEFET. Você dá aula... Quais disciplinas você dá aula? Você tem alguma outra contribuição? Já esteve em algum cargo de coordenação? Ou está?

P6: Bom, falando como efetivo ou como substituto?

PP: Acho que a sua história se complementa, acho que pode falar sobre ela toda no CEFET. Ela se complementa.

P6: Como substituto você pega o que jogam pra você, não tem jeito, como substituto eu dei aula de matéria que eu mesmo não sabia! Infelizmente né? Em poucas palavras foi isso que aconteceu, eu tive que aprender pra ensinar. Mas, é, como substituto de aula de marketing, estratégia, paga, administração da produção, gestão de saúde e segurança do ambiente de trabalho, engenharia para produção... E simulações empresariais, que é a matéria da minha pesquisa principal. Ah, cheguei a dar aula de RH também, planejamento da produção... Foi muita coisa que apareceu na minha frente! E aí, naturalmente, à medida que os semestres vão passando, a gente vai acomodando as coisas dentro do nosso caminho. E aí, durante um bom tempo eu fiquei como professor de algumas disciplinas de marketing, né? Ah, professor de estratégia e de simulações empresariais. No LEANI, que como substituto me jogavam muito mais pra lá, né? Pro LEANI aula de pga, marketing I, marketing II, estratégia, simulações empresariais. Então, essa turma que comentei que tá pra se formar aí... Turma de (*nome de algumas alunas*), essa galera aí teve quase todas essas disciplinas de administração foram comigo! (risos). Porque pegou aí todas essa fase substituto/efetivo. Aí, agora, no final de 2019 quando teve essa confusão política lá no CEFET, é que apesar de eu não ter nenhum envolvimento acabou sobrando pra mim porque o nosso queridíssimo diretor é do meu colegiado! Então, tive que assumir algumas disciplinas que eram dele por conta da carga horária, né? Porque não estará dando aula enquanto estiver com essa função. Mas, de certa forma, isso foi bom, porque consegui atingir um objetivo que eu tinha e que a coordenação tinha também! Então, a partir de agora eu acredito que estejamos no formato que deve seguir aí pro futuro. Eu hoje sou responsável por todas as disciplinas de marketing do curso de Administração, são 3: andamento de marketing, administração de varejo e vendas e serviço. E sou professor da disciplina de simulações empresariais, que é essa de jogos, pro último período. E nesse semestre, agora se voltarmos, eu serei professor de estratégia por conta de uma professora que tá cedida ao MEC em Brasília. E por conta da pandemia a gente não consegue contratar professores temporários, então, eu vou dar aula de estratégia por que eu já tenho tudo pronto! Já dei aula dessa matéria a pouco tempo em 2019. Mas a princípio o que é meu é marketing e simulações empresariais. Por enquanto, não sei se isso vai ficar por muito tempo ou não, não sei como é o planejamento do LEANI, mas o marketing do LEANI é comigo também!

PP: Certo, a gente sempre é pego, né? Com as disciplinas que os colegas não... É assim, com vocês eu acho que é difícil mas é viável. Mas, por exemplo, no LEANI eu sou a única professora de inglês (risos).

P6: É, é, tem esse ponto, é complicado... Eu como administrador, por mais que eu não seja especializado em RH... Eu já vi isso em algum momento! Vocês do LEANI têm formações muito distintas...

PP: É, muito diferente, né? É, a gente passa para a segunda parte da entrevista na qual vamos falar sobre análise de necessidades, né? Então, a proposta é assim: analisar as necessidades dos alunos, do curso de modo geral dentro da sua área e fazer uma ponte com o inglês. Então, quais seriam as necessidades dos alunos? O que eles precisam aprender em inglês? E a gente pode assim, eu posso te falar alguns exemplos que são: gêneros textuais, para eles em inglês. Eles tem que escrever e-mails, eles tem que fazer relatórios... E, então assim, se eles tem algum gênero, algum texto escrito ou oral, né? Entrevista, palestras... Algo que você veja e que seja importante para eles aprenderem inglês na sua área, algum projeto interdisciplinar ou multidisciplinar que venha a sua mente, algum tema interessante... Alguma situação de aprendizagem, como por exemplo executar alguma tarefa em inglês... Então, assim, o que vem a sua mente em relação a aprendizagem de língua inglesa?

P6: É, então, pro ensino da minha matéria mesmo eu não tenho essa necessidade. O ensino do marketing não tem essa necessidade, porque é como eu falei lá no início as palavras em inglês que nós utilizamos já são de conhecimento público de quase todo mundo. E quando algum aluno não conhece eu explico em sala o que significa. Porque o pessoal de marketing tem realmente a mania de trazer palavras em inglês. Então, é o branding, é budget, é o briefing, e o inferno a 4. A gente traduz e bola pra frente... Então, em termos de ter conteúdo da disciplina não. Na disciplina de simulações também não tem essa necessidade emergencial, assim como na de estratégia é muito superficial, né? Agora, é, tem dois pontos que nessa segunda parte eu acho que pode interessar a sua pesquisa, que eu acho que é muito importante... Um, por exemplo, é concursos e competições, né? Na minha área de negócios existem competições internacionais. Então, por exemplo, no ano passado, eu consegui colocar o CEFET como primeira instituição brasileira a participar de uma competição ibero-americana de simulação de negócios, de jogos. Era uma competição 100% em espanhol, e aí por conta do idioma eu coloquei uma equipe que tinha uma aluna do LEANI para poder fazer a tradução e uma segunda equipe de alunos que fizeram intercâmbio em espanhol. Mas existem competições nacionais nas quais o inglês é a língua principal e ajudaria muito o aluno a compreender, né? E se manter fluente. E o segundo ponto, que aí é aquilo que eu comentei, né? que é uma ideia que eu tive desde que eu era substituto... Eu conheci o curso do LEANI, e eu acho que é uma proposta que tem um desenho muito bom mas falta os professores entenderem para onde vão puxar, a proposta do curso eu acho muito boa e uma coisa que sempre tive vontade mas falta tempo de fazer... Eu acho que seria correto, né? Acho que seria justo e acho que seria muito mais produtivo para os alunos do LEANI, se as minhas disciplinas ou algumas disciplinas que não são de idiomas, né? Algumas disciplinas práticas, algumas disciplinas aplicadas... Como as minhas de marketing, estratégia e simulações. Essas disciplinas poderiam ser ministradas 100% em inglês! Porque aí, eu acho que estaria 100% ajustado à proposta do curso... Língua estrangeira aplicada a alguma coisa. Então, eu acho que o ponto principal aí, que não é essencial para o conteúdo que eu vou ensinar mas é essencial para o que eu entendo do propósito do curso do LEANI, eu acho que ficaria muito melhor o aprendizado do aluno se ele tivesse algumas disciplinas ministradas em inglês para aquele conteúdo específico. Como eu falei, não é para dar aula de inglês mas é para dar aula de matemática, dar aula de marketing, de estratégia em inglês...

PP: É, deixa eu te fazer uma pergunta que eu ouço muito dos nossos alunos, né? Isso não está no nosso roteiro. É, os alunos falam muito em comércio exterior.

P6: Sim!

PP: Falam que isso falta no curso, falam que... A gente já tem alunos, né? Que já trabalham na área ou com isso, e eu queria saber, assim, a sua visão sobre isso.

P6: Olha, eu não conheço, eu nem sei se existe ou não a disciplina de comércio exterior pro LEANI. Eu sei que existe em outros cursos, não sei nem quem são os professores ou a abordagem. Mas, acho que realmente é fundamental para o curso. Eu nunca tive nenhum feedback em relação a comércio exterior, já tive feedback sobre negociação! Que é um tema que eu já dei aula e estou planejando uma disciplina eletiva para outro curso em negociação. E alguns alunos do LEANI quando souberam disso reclamaram um pouco nesse tópico, que eles apenas aprendem teoria e não a prática. Mas é, por exemplo, comércio exterior e negociação seriam dois temas que faria todo o sentido o aluno já aprender inglês, né? O professor já ministrou as aulas em inglês.

PP: Certo, vou puxar você, já que estamos falando em futuro, né? Em proposta, né?

P6: (risos).

PP: Para a terceira parte que seria exatamente uma proposta de trabalho, então assim, você acha que é possível fazer uma proposta de trabalho multi ou interdisciplinar? Da sua disciplina ou das

suas disciplinas com o inglês no LEANI? É, você toparia planejar algo junto? Fazer alguma atividade? Qual seria a sua sugestão? Você já falou, né, sobre ministrar aulas em inglês? Mas, você toparia fazer um trabalho em conjunto e de que forma, né?

P6: Ah, topar... Eu acho que a ideia é ótima e eu toparia! Eu acho que a principal limitadora nesse momento é o tempo. Porque, eu vou ter aí: 3 de marketing mais o marketing do LEANI, mais estratégias... Eu vou ter 6 turmas quando a gente voltar as aulas remotamente! E ainda tenho a minha tese de doutorado. Então, tirando o fator tempo disponível, eu super toparia fazer algo desse jeito, principalmente na matéria que eu leciono que é marketing e estratégia! Seria muito interessante se conseguisse fazer essa disciplina 100% em inglês. Acho que gestão empreendedora é uma disciplina que tem todo o perfil de acontecer em inglês, mas não é comigo... É um outro professor que dá essa matéria, mas os alunos fazem um plano de negócios, precisa ter uma apresentação e isso a gente já vê acontecendo no mundo todo e precisa ter o inglês, então é uma disciplina que deveria acontecer. Então, por exemplo, no nosso curso de administração, a nossa terceira disciplina de marketing, ela caminha paralelo com gestão empreendedora, né? Dando suporte ao plano de negócios. Então, se essa integração acontecer, se não me engano o LEANI só tem duas matérias de marketing, se a segunda de marketing tiver uma integração com gestão empreendedora... Se for tudo em inglês funcionaria bem bacana também! Entendeu? E aí, se você quiser, eu acho que a única coisa além do que eu já falei... Se vocês acharem que o LEANI tem algum tema específico vocês poderiam criar competições entre vocês que fossem 100% em inglês. Porque essa experiência de competição eu tive como universitário, é muito bacana, você ter uma experiência dessas competições 100% em inglês! 100% em outro idioma, eu acho que essas experiências agregam bastante ao aluno... Não só a sala de aula, mas uma competição uma atividade extra nesse tipo e que seja em outro idioma!

PP: Acho super viável, assim, é o que a gente sempre fala nessa questão de sentar junto e conversar junto é porque assim... O que eu falo pra eles é assim: nas áreas eu sou muito mais amadora do que eles, os alunos! Então, é a parceria é importante, então, que seja assim: Ajudando com o material, tirando dúvidas, tentando fazer um link... Eu acho que é muito importante para os alunos, assim, estarem trabalhando lá na disciplina ou de marketing e vendo inglês também, uma aplicação disso, então eu acho interessante...

P6: sim...

PP: É, é mais ou menos assim, o caminho que eu tenho pensado! Você imagina, assim, a gente tá falando se você toparia participar de um projeto até porque, é claro, que não vai ser agora... Porque eu tô escrevendo para a gente poder pensar, né? Como é que isso vai acontecer... Mas, em que momento do curso você acha que seria possível fazer essa integração? Eu acho que seria mais ou menos no momento da oferta da disciplina... Mas em que período do curso você acha que teria como fazer um projeto em conjunto?

P6: É, aí depende muito mais da sua parte como idioma do que pra mim... Porque, se eu não me engano, marketing I (que é fundamento de marketing) é no segundo período do LEANI e a segunda disciplina de marketing é no terceiro. Se não é segundo e terceiro, é terceiro e quarto! Se os alunos neste momento não estiverem preparados com o idioma fluente a gente poderia fazer no sexto período, se não me engano, que é quando tem estratégia. A disciplina de simulações empresariais que eu tenho, ela acontece no oitavo período, que é de ADM e ela só uma optativa para o LEANI, então, não teria como fazer essa integração em simulações porque os outros cursos não tem o idioma e não é uma matéria só do LEANI. Entendeu? Mas, comigo, com as minhas disciplinas, é só o aluno ter o inglês fluente, não teria nenhum problema. Qualquer uma!

PP: (nome P6), eu vou deixar agora a bola com os meninos, ver se eles tem alguma pergunta pra te fazer (risos), né? Eu os trago para a entrevista justamente porque eles conhecem um pouco melhor a área ou já estudaram, ou algo desse tipo, né? Então, eu os trago para eles poderem também ajudar! É um trabalho colaborativo, como eu coloquei lá no texto... É um trabalho feito a muitas, muitas, mãos, de verdade! Então, (nome AP3) e (nome AP4)...

AP4: Eu achei legal a ideia das competições. É uma coisa diferente do que a gente tinha ouvido em outras, né? É uma ideia diferente do que a gente tem visto. Você poderia explicar um pouquinho mais como funcionam essas competições?

P6: Bom, depende muito do tipo de competição, tá, (nome AP4)? É, por exemplo, essa competição que participei em 2019, que é uma simulação de soluções de negócios, os alunos entram em um simulador pela internet para tomar decisões sobre aquela empresa virtual. E aí aquela competição era 100% em espanhol, e aí existem algumas outras em inglês. Eu, por exemplo, quando era universitário no quinto período da

faculdade participei da brandstorm (*nome de empresa privada do ramo de beleza*), que é uma competição que existe até hoje e eu tô tentando trazer para o CEFET. Só que veio a pandemia e acabou com meu planejamento e é uma competição 100% em inglês. Como é que funciona? Eles todo o ano escolhem um tema, dentro da linha de produtos (*nome de empresa privada do ramo de beleza*), eles escolhem um tema qualquer. Na minha época lá em 2004 eram produtos de gel de cabelo. E aí, os alunos que quisessem participar, as equipes, eram equipes de 3 alunos... Os alunos tinham que lançar e criar um produto novo dentro daquela linha de produtos (*nome de empresa privada do ramo de beleza*), e aí tem toda uma ornamentação, uma pesquisa e um trabalho de desenvolvimento de produto que não chega a ser um plano de negócios porque não levava em consideração o lado operacional, logística e insumos. Eles queriam a ideia e a argumentação. E era um projeto 100% em inglês. Eu apresentei em inglês para a minha turma aí, o meu projeto foi o selecionado da turma e aí ele foi pra seleção no Rio de Janeiro e ficou entre os 5 primeiros do Rio de Janeiro... Foi para a seleção Brasil, e aí eu fiquei em sétimo e perdi a vaga pra final mundial. Porque aí, os 3 melhores do Brasil foram para a França apresentar na sede da (*nome de empresa privada do ramo de beleza*) Paris. Então, assim, essa competição ainda existe. E existem várias competições por aí que a gente consegue participar desse tipo de coisa se tivermos um aluno fluente em inglês. Tá bom?

AP4: Tá ótimo, obrigada! Deu pra ter uma ideia!

AP3: Professor, é, eu tenho algumas perguntas aqui... Na verdade, é compartilhar contigo uma visão que eu tenho do curso e saber qual é a sua opinião sobre isso também. Eu não sei se você me conhece, porque eu cortei todas as matérias de administração porque eu sou formado em administração, né? Fiz em 2014, então me formei antes de você entrar pro curso...

P6: Ah, por isso a gente não se conhece!

AP3: Exatamente, por isso estou te dizendo... Eu me formei em 2014 em administração no CEFET e voltei em 2017 para o LEANI. E aí, como já tinha essa formação em administração eu cortei todas as matérias de administração e por isso ainda não tive nenhuma matéria contigo. É, mas desde que eu entrei no LEANI eu tenho algumas visões sobre a área de administração como um todo. Como eu não fiz nenhuma aula específica, eu queria compartilhar algumas impressões e ver o que você acha. A primeira impressão que eu tenho é que assim, o curso de administração é um curso muito interdisciplinar, né? A gente vê matérias de diversos conhecimentos separados e no fundo elas acabam se juntando e se complementando! O LEANI acaba acontecendo muito isso, hoje, ele acaba sendo multidisciplinar, porque você vê matérias de áreas separadas de conhecimento, áreas até bem mais separadas do que em administração. Vemos línguas, relações internacionais e administração... Mas só que a proposta do curso deveria ser mais interdisciplinar, porque em administração a gente vê que esse conhecimento se junta meio que automaticamente porque no fundo sempre estamos falando de algo empresarial, de uma empresa ou algo nesse sentido... Já no LEANI se você não tiver essa junção dos próprios professores ou da própria matéria para conectar esse pontos. Às vezes o aluno tem uma dificuldade de fazer a conexão, porque muitas vezes você acaba vendo algo de administração e aí você vai e vê algo de língua bem focado em língua... E aí depois, você vai para outra matéria e vê algo bem focado em relações internacionais, entende? Então, não conversamos muito. Então, a primeira questão seria essa... Como a gente consegue aumentar essa interdisciplinaridade em todas as áreas. E no caso da administração fica um pouco mais complicado porque os professores não são diretamente do curso. Então, o professor vai dar aquela matéria mas às vezes ele não conhece de fato tudo que está acontecendo no LEANI em si, então, enfim, essa foi a primeira pergunta. E paralelo a isso, minha outra impressão é que no caso da administração as matérias ficam muito, assim, claro... Que o professor quando ele vai dar a matéria, ele sabe que o público é o LEANI, ele normalmente faz uma adaptação mas ela fica um pouco solta em relação a alguns outros temas e enfim, a gente às vezes olha algumas que não necessariamente vamos utilizar como LEANI e deixa de ver várias coisas... Como, por exemplo, você mesmo citou o comércio exterior, negociação, são coisa que poderiam ser matérias separadas ou estar incluídas dentro da grade atual que temos e que acabam não ficando tão contempladas. Então, na verdade acho que são esses dois caminhos que são as duas perguntas e eu queria saber sua opinião em relação a isso. Desculpa eu ter me alongado, também.

P6: Não, tudo bem... É complicado eu responder a sua pergunta, (*nome AP3*), porque eu não sou do colegiado do LEANI. Então, é bastante complicado eu falar sem ser julgado no sentido de estar questionando o trabalho dos colegas, tá? Eu acho que uma coisa que seria fundamental ser feita no LEANI e que eu vejo a gente fazendo em Administração, tá? É o trabalho do NDE, todo o trabalho de graduação tem um Núcleo Docente Estruturante. Que é um núcleo de professores que têm a responsabilidade de pensar no curso como um todo, as sequências das disciplinas, né? O que puxa e o quê, olhar para o mercado e ver se o curso está ajudando com a prática de mercado ou não. Então, eu acho que o NDE seria a resposta para o que você perguntou. Porque, como eu falei, eu não posso fazer juízo de valor do LEANI,

eu posso falar da realidade que eu vivo. E no curso de administração foi um curso que começou há 20 anos atrás, criado por engenheiros. Então, esses engenheiros colocavam o que eles achavam que era útil e não tinha nada de administração. Graças a Deus, ao longo do tempo os professores foram se renovando e foram surgindo novas versões do curso. E a última versão do curso que tivemos foi em 2017, pra você ver como o curso muda acompanhando o mercado. Por 19 anos o curso foi chamado de ADM Industrial e aí quando veio a versão nova do curso a gente finalmente extinguiu a palavra “Industrial” porque não faz sentido mais! E aí a gente ajustou coisas, que como acabei de comentar, antigamente marketing tinha duas disciplinas e agora a gente tem três disciplinas porque eu mostrei... E eu já estava fazendo parte do colegiado na época, como substituto, e eu mostrei pra eles: “Ó, pessoal... Na faculdade eu tive 9 disciplinas e vocês só tem 2!” o administrador tem muito mais de marketing para falar. E aí a gente colocou outras disciplinas, e aí uma ou outras apareceram e aí e outras sumiram, aconteceu isso... Então, parte do que você tá falando é o papel do NDE, tá? Porque por exemplo na minha aula de simulações empresariais, que é do último período, é uma matéria pra realmente fazer no final junto com TCC pois junta tudo! É uma disciplina com característica integradora, eu dentro da mesma disciplina a bordo: contabilidade, marketing, logística, produção, RH, estratégia, economia... Eu misturo tudo pro cara tomar a decisão. E aí, eu preciso ter certeza que o aluno viu aquilo ali, né? E hoje, no departamento de administração, eu não tenho essa certeza... E às vezes a gente troca com a disciplina e assim o que eu uso nessa disciplina do oitavo período eu mostrei para a professora de contabilidade que tá lá no segundo período, né? Para que ela já sinalize pra eles: “Ó, isso aqui lá no oitavo período vocês vão ver de novo!”. Então, existe essa integração... E aí, pra finalizar a resposta, não sei se você vai querer fazer mais alguma pergunta sobre isso mas a minha percepção, do que eu escuto dos alunos do LEANI, é que em cima do que você falou nessa questão de integração... O que a maioria dos alunos comenta é que falta uma integração linear dos professores. É, eu dei aula para a primeira turma do LEANI... E desde aquela turma eu acompanho o LEANI e eu sempre escuto sobre um grande problema de direcionamento. E então, esse talvez seja o problema que você está sentindo. Porque o que eu escuto dos alunos é que tem um professor que acha que o LEANI é um curso de comércio exterior. E tem outros professores que acham que eles estão preparando o pessoal para ser diplomatas. E tem outros professores que acham que estão se preparando para dar aula de idiomas. Então, quando você tem dentro do próprio colegiado visões diferentes, cada um vai puxar para um lado. E aí, não vai ter essa integração que você falou, entendeu? Eu não posso dizer que isso acontece apenas porque outros alunos comentaram ter essa percepção. Pode ser que seja do passado, por conta das turmas que dei aula e que agora tenha mudado, não sei. Mas era uma percepção que eu escutava dos alunos.

AP3: Perfeito, professor, muito obrigada! E eu fiz a formação em Administração Industrial mesmo, então...

P6: É, isso aí.

AP3: Eu me formei e assim, eu sentia na época que eu fazia administração lá, eu sentia muito essa falta... Quando eu fui para o mercado e eu acabei me especializando em marketing, é com o que eu trabalho até hoje. Eu senti muita falta disso, duas matérias de marketing só. O que eu aprendi mesmo foi trabalhando e depois num MBA que eu fiz em marketing, foi onde eu aprendi mesmo... Porque não tinham muitas matérias, eram duas, e nem era um professor que (risos) especializado na área que dava, né?

P6: Isso é outro ponto que faz muita diferença, no caso, o professor que dava aula de marketing antes de eu chegar era engenheiro... Não tinha especialização com marketing. Então, é, nesse ponto eu dei sorte, por tudo que eu contei para vocês da minha história mas eu vejo que realmente existe alguma coisa chamada destino porque o departamento também precisava de mim... Eu sou o único especializado de marketing ali e cheguei exatamente no mesmo semestre em que o professor de simulações empresariais estava se aposentando! Era uma disciplina que o cara criou há uns anos atrás, você sabe muito bem quem é, não preciso mencionar o nome...

AP3: Sim, sei quem é.

P6: E ninguém sabia o que era aquela disciplina, era uma caixa de pandora que ele guardava debaixo do braço e simplesmente não tinha o que fazer. E aí, no semestre que ele decide se aposentar eu chego como substituto!

AP3: Sim, você caiu como uma luva para substituir quem a gente está falando e tomar conta dessas matérias aí.

P6: Pois, é, o marketing estava no meu currículo, era natural que o pessoal soubesse mas a parte de jogos ninguém sabia... E aí, logo que comecei eu tinha dois ou três meses de CEFET e esse professor já tinha se afastado por conta de problemas nas redes sociais, etc e tal.

AP3: Sei, sei...

P6: Você sabe do que eu tô falando! É, o colegiado foi...

AP3: Professor, os dois mencionados nessa situação foram meus professores, eu peguei essa fase negra do curso.

P6: É, pois é! E aí, eu lembro que um dia no meio da reunião de colegiado o coordenador chegou e disse “olha, nós temos um problema! Uma disciplina obrigatória do curso, o professor pediu aposentadoria e ninguém sabe o que ele dá naquela matéria, que é a matéria de Simulações Empresariais! O que a gente faz?”. E aí, ficou aquele silêncio que o ar condicionado falando para a reunião e eu com dois, três meses de casa, levantei o braço e falei: “Olha, desculpa aí, eu dou aula disso há 3 anos na instituição privada (*nome de faculdade privada*), e tal... Só que, eu procuro fazer uma metodologia mais moderna.”. A metodologia que o professor anterior utilizava era essa de Lego. Você deve ter usado as peças de Lego colorido!

AP3: Usei! (risos)

P6: Pois é, meus pêsames!

AP3: Pois é...

P6: Eu utilizo um sistema de computador via web onde você realmente administra uma empresa virtual! Entendeu? E que eu acho que é muito mais eficiente, não que eu ache que eu seja melhor do que ninguém, mas eu aprendi com professores que me mostram o que é feito lá fora em faculdades da europa, faculdades de ponta dos EUA e europeias. E eu vou me espelhando muito nas práticas de mercado para trazer para os meus alunos o que interessa que é a prática da tomada de decisão. E aí, caiu como uma luva... O CEFET foi muito rápido em abrir processo de licitação para a contratação do software, hoje temos a licença do software para disciplina e encaixou perfeitamente!

AP3: Bem legal, bem legal... É isso, professor!

PP: **Obrigada, é... (nome P6), realmente assim, a sua visão é que os alunos tinham realmente, é o que eu posso dizer é que até os primeiros alunos... Você disse que pegou a primeira turma e eu também, peguei no segundo semestre! O primeiro semestre foram outras professoras, eu peguei no segundo semestre! Mas eu acho que naquele momento nem os alunos sabiam o que era o LEANI, né? Eu fiz uma pesquisa com os alunos, fiz uma lista de necessidades nas turmas, e fui sempre perguntando, né? “Porque você tá fazendo o curso? O que te trouxe a um curso novo?” E assim, 90% da turma queria ser diplomata. Tava ali porque queria ser diplomata! Caramba, a visão dos alunos sobre o curso também, acho que isso vem mudando, as turmas do LEANI são muito diferentes, não sei se você percebe, né?**

P6: Completamente!

PP: **Todas! Todas são diferentes, você pega uma e pega outra e são muito diferentes e, é, eu acho que aos poucos a ideia, né? Você falou do NDE e eu acho que é o caminho... É o caminho para se achar!**

P6: Sim!

PP: **E o curso é muito amplo, talvez essa seja a dificuldade, né? É...**

P6: exatamente!

PP: **E eu não sei como é na ADM, mas se você trabalhar em conjunto com professores e entrar na seara de outro professor, né? E ter, né? É difícil. Até pelas questões, como você disse, de tempo... Professor tá sempre muito enrolado com o projeto. E a gente tá sempre fazendo muita coisa.**

P6: (risos) É, exatamente, exatamente.

PP: **Mas, eu acho que o caminho é exatamente esse que você falou, assim... Colocamos tudo? Tudo, (nome AP3 e AP4)? Certo? (nome P6), super te agradeço, de novo!**

P6: Que nada, pode contar comigo!

PP: **... Por disponibilizar seu tempo, a gente vai precisar, vou precisar! A ideia agora é produzir algumas oficinas, né? E trabalhar algumas questões mais práticas mesmo! Acho que falamos de metodologias ativas, né? Enfim... é, e aí qualquer coisa se eu precisar tirar dúvida com você, tá bom?**

P6: Com certeza, pode contar comigo. A questão das metodologias ativas é minha linha de pesquisa do

doutorado, então, é no que precisar pode contar comigo! Só queria fechar com uma sugestão, talvez aí pra você pensar na questão dessas oficinas, ou talvez que pode ser útil para sua pesquisa, não sei...

PP: **Aham...**

P6: Como a gente tá prestes aí com o retorno das aulas remotas, pelo menos eu escolhi um formato misto, né? Porque de repente as palavras síncronas e assíncronas fizeram parte do nosso dia a dia e ninguém sabia que palavra era essa, né? Parece grego, a gente entende melhor o inglês do que o assíncrono. Mas, eu não concordo com o formato de aula ao vivo, porque como professor de estratégia eu sei que imprevistos acontecem. Então, as minhas aulas quando a gente voltar remotamente, eu já tenho quase todas as aulas gravadas! Eu gravei vídeo aulas, para que os alunos possam assistir a hora que eles quiserem, de acordo com quem tiver trabalhando e estudando... Pra quem tem mãe e pai, irmão, fazendo home office ou algo em casa. E aí eu disponibilizei o vídeo e no horário da aula, eu entro ao vivo para tirar dúvidas! Mas eu vou trabalhar com vídeo aulas que gravei e produzir em casa, e aí isso pode ser útil pra você no seu projeto, porque o LEANI tem essa questão de tradução! Então, uma das formas que você pode pensar em começar essa integração seria utilizar minhas vídeo aulas para que alguém faça a tradução e transforme 100% em inglês, entendeu?

PP: **Sim...**

P6: Talvez seria o primeiro passo, vamos dizer assim... Entendeu? Num primeiro momento, sei lá, botava a legenda em inglês. E aí depois fazia um dublador, sei lá, você pode inventar o que quiser aí. A (*nome AP4*) gostou do dublador. (risos)

AP4: Achei interessante, achei engraçado! (risos)

PP: **Ela é monitora de inglês, ela pode fazer isso.**

P6: Vai ficar ótimo (risos)!

AP4: (risos)

P6: Vai ficar ótimo, (*nome AP4*). O vídeo mostrando eu falando e a sua voz em inglês, vai ficar lindo (risos). Mas eu acho que é isso, fica como sugestão como primeiro passo... Se você quiser, minhas aulas de marketing estão a disposição, pra você tentar fazer se você achar que vale a pena, tá bom?

PP: **Claro... Claro... A gente te agradecer, vou estudar tudo. A ideia é dar esse primeiro passo... Eu já venho, assim mexendo com a cabeça de um povo! Já venho dando uma mexida, então a ideia é implementar de verdade.**

P6: Eu sei, eu sei... É isso mesmo, perfeito.

PP: Brigada, (*nome P6*)!

Aluna 1: Brigada, (*nome P6*)!

P6: Nada, deixa eu pedir uma coisa, após acabar a gravação queria falar com a (*nome AP4*), mas aí é sobre a turma e não sobre seu projeto, então para não prejudicar a gravação, é isso!

PP: **Tá bom! Tá ótimo! Vou encerrar aqui!**

AP3: Obrigada, professor!

P6: Valeu, (*nome AP3*), prazer!

AP3: Foi um prazer!

APÊNDICE T - Transcrição da entrevista – PII (Professora de Inglês - Colaboradora)

PP: Então, (*nome PII*), primeiro queria te agradecer por participar, por disponibilizar tempo. A gente sabe assim que a gente tá numa época difícil de fato! Agradecer também aos meninos, né? Que estão, assim, nesse projeto de inglês... Já vem da extensão, há algum tempo, colaborando e querendo melhorar mesmo o curso de forma geral. Já comentamos, a entrevista é dividida em 4 partes. Já te mandei um termo do comitê de ética e depois você dá uma lidinha direitinho...

PII: Claro!

PP: Eu tenho frisado muito nas entrevistas que o nome do CEFET aparece e do LEANI também, né? Porque na verdade é uma investigação sobre inglês no curso! E o nome do CEFET aparece pra mostrar a importância do inglês no curso, né? Dentro de uma instituição tecnológica, né? Que tem uma tradição nas engenharias... Mas os seus dados, tudo que você conversar aqui com a gente, vamos usar só dentro da academia mesmo para pesquisa... E provavelmente implementar no curso também! Então essa é a intenção, tá? Então, vou te perguntar e depois quando você responder a gente vai tirando dúvidas, tá?

PII: Tá bom!

PP: A primeira é em relação a sua formação e experiência, onde você estudou, qual a sua formação acadêmica e depois fala um pouquinho também da sua formação em língua inglesa também. Em inglês: você fez cursos? Então, primeiro a sua formação acadêmica!

PII: Eu fiz “Letras: Português e Inglês” na (*nome de universidade pública*), me formei em 2003, e quando eu me formei... Eu estava certa que eu queria continuar, né? Porque sabia da importância de ampliar os estudos, não só pela questão pessoal de você melhorar profissionalmente, mas também com vistas a conseguir um emprego melhor, né? A gente sempre está buscando algo melhor! Então, eu pensei em fazer o mestrado, mas em 2004 a (*nome de universidade pública*), o curso de Língua Portuguesa, lançou uma pós-graduação Lato Sensu muito interessante sobre o estudo do texto. E era uma pós-graduação, a (*nome de universidade pública*) raramente nessa época oferecia Lato Sensu, né? Era muito difícil. E nesse ano de 2004 eles abriram 3 Latos em: Literatura Infantil, essa de estudo do texto e mais uma outra que não recordo qual foi. E achei muito interessante os professores envolvidos também, a minha parte de português na faculdade foi excepcional! Foi muito melhor do que a formação em inglês, inclusive! O que me fez em certo momento pender pra questão da língua portuguesa! Porque a gente fica naquela dualidade: Vou dar aula de inglês ou vou dar aula de português? E em certo momento, por conta dos professores de português que eram muito maravilhosos, eu pensei em voltar para o português mas como a gente consegue emprego muito cedo em inglês, né? A gente acaba seguindo o caminho do inglês! Mas aí eu fiz uma prova, teve um processo seletivo, eu fiz uma prova. Eu lembro que eu estudei pra caramba, lembro que estudei o carnaval inteiro! A prova seria bem depois do carnaval! E aí, eu fiz e passei e fiz uma especialização durante um ano em Estudo de Texto. Tive professores assim, maravilhosos, foi uma pós-graduação, assim... Nossa, foi muito boa mesmo! E aí, no final fiz uma monografia e tive uma orientadora (risos)... É, dessa vez eu tive! Que foi a (*nome da orientadora*) e eu fiz uma monografia sobre livro didático e a leitura em língua inglesa pelo livro didático. Era uma época que o PLD estava propondo a questão da leitura em... Ah, desculpe, as Orientações pro Ensino Médio, não PLD! As orientações pro ensino médio estavam propondo a inserção da leitura para o ensino médio e tal, e eu pude observar essas questões em algumas coleções do livro didático! E aí, quando eu entreguei a monografia, defendi a monografia... Eu falei com a (*nome da orientadora*) que eu queria fazer o mestrado. E ela disse: “Ah, você tem tudo a ver com a linguística aplicada! Sua pesquisa tem tudo a ver com isso! Acho que você poderia transformar a sua monografia num projeto e submeter para linguística aplicada!”. E até então, assim, eu tinha ouvido falar da linguística aplicada na graduação, porque fui aluna do (*nome do professor*) na graduação e ele fala sobre isso no inglês XIII, mas não tinha muita leitura sobre a área e tal. E aí, que eu fui começar a investigar e tal. E a (*nome da orientadora*), ela fez mestrado em linguística aplicada na (*nome de universidade pública*), né? Então, ela me explicou bastante também como seria o mestrado e tudo e aí foi isso que eu fiz... Eu transformei isso tudo em um projeto e aí no ano seguinte, em 2005, eu ingressei no mestrado, né? É, e aí eu fiz o mestrado também nessa linha do livro didático! Continuei nessa mesma área e acabei o mestrado em... 2007... 2008, alguma coisa assim! Acho que foi em 2008, porque eu defendi em maio de 2008, né? Um mês depois, aí, enfim... Eu não sei porque, não tive prorrogação de prazo nem nada, mas foi dentro daquele período que eles dão pra gente defender, né? E, eu lembro que até eu demorei um pouco mais pra defender porque a (*nome de uma professora da banca*), ela estava em viagem... (risos).

PP: (risos)

PII: E eu fiquei esperando ela voltar pra defender. Bom, aí, depois disso, em 2008 eu casei

PP: **Sim...**

PI1: E sabia que queria fazer o doutorado também e fiquei naquela: O que eu vou fazer e tal? Não queria mais ficar nessa área, porque eu também confesso que eu enjoou um pouco das coisas, né? Já tava falando daquilo na pós graduação, depois no mestrado... Estava um pouco cansada daquele tema, estava um pouco cansada da (*nome de universidade pública*) também, confesso. Porque aqueles professores já tinham sido meus professores muito na graduação, depois no mestrado. A gente fez muitas disciplinas no mestrado, não sei se você lembra, né, (*nome PP*)? A gente fez muitas disciplinas inscritas e as que a gente não fazia como inscrita, a gente fazia como ouvinte. Não sei da onde que a gente tirava tempo pra fazer tanta coisa! Eu acho que a gente fez quase todas as disciplinas daquele mestrado! E aí, em 2010 apresentei o projeto pra (*nome de universidade pública*) e fui fazer o doutorado na área de estudos de linguagens. Lá, foi uma área completamente diferente que foi uma área identitária pesquisando gênero e sexualidade. Então, eu mudei completamente esse meu foco. Então fiz o doutorado na (*nome de universidade pública*) e acabei em 2014! É, foi isso, 2014... 2015, por aí! Certo? Então, a minha formação acadêmica foi essa, ok?

PP: **Certinho, é com a língua inglesa que você fez curso? Você fez algum intercâmbio?**

PI1: Fiz intercâmbio, antes de entrar na faculdade em 1998! Na época podia escolher se queria ingressar na Universidade no primeiro ou no segundo semestre! Eu optei em ingressar no segundo semestre porque eu queria fazer, ter essa experiência do intercâmbio, né? E aí, eu tive um “patrocínio” que bancou o meu intercâmbio para a Califórnia!

PP: **Uhul!**

PI1: A princípio eu iria ficar 6 meses lá estudando mas a (*nome de universidade pública*) em 1998 eu já entrei no meio de uma greve, né? O semestre era pra começar em agosto... E começou em outubro! Então, eu não voltei no prazo previsto, eu estiquei um pouquinho mais e eu voltei bem perto das aulas começarem aqui na (*nome de universidade pública*). Então, fiquei mais de seis meses nesse intercâmbio. Aquela coisa, fiz curso de inglês. Dei aula em (*nome de três escolas privadas de idiomas*)... Aqueles cursos também para lecionar nesses cursos de inglês, que eles chamam de treinamento, né?

PP: **Sobre a vida profissional: Quando você chega numa instituição federal e qual a sua experiência anterior a ela?**

PI1: Olha, eu entrei no CEFET muito nova! Eu entrei no CEFET com 25 anos, no ano em que entrei no mestrado! E eu me formei em 2003, então eu tinha pouco tempo de formada, né? E a minha experiência anterior era toda do curso de inglês, né? Curso livre de inglês, então... Na época então, eu trabalhava na (*nome de três escolas de idioma privadas*) acho... É, era isso mesmo! E a minha experiência era toda do curso de inglês, então o CEFET era um mundo novo que se abriu! Porque eu não tinha experiência nenhuma com ensino médio, então tudo que eu aprendi... Tudo que tenho de experiência com Ensino Médio foi construído dentro do CEFET, né? Graduação também foi construída no CEFET. E eu fui me formando profissionalmente e academicamente nesse processo! (risos) Ainda bem que só vai transcrever, né? Que não vai ter imagens!

PP: **Não, não vai! (risos)**

PI1: (risos)

PP: **Além de dar aula, quais funções você exerceu na instituição? Porque, na verdade, nós estamos falando um pouco de CEFET mas você não está mais no CEFET atualmente, né?**

PI1: É...

PP: **Mas quais foram as suas atribuições lá no CEFET, além de dar aula, né? Você estava na coordenação de língua estrangeira, né?**

PI1: É, eu fiquei 8 anos em (*filial CEFET da Região Metropolitana do Rio de Janeiro*).

PP: **Uhum!**

PI1: Lá era colegial, ensino médio... Não era dividido, né? Como em (*outra filial CEFET da Região Metropolitana do Rio de Janeiro*). também, não é dividido por coordenações, né? Lá é todo mundo junto, porque é uma equipe menor também, fiquei 8 anos lá! E depois vim para o (*filial CEFET da cidade do Rio de Janeiro*), onde fiquei 5 anos, locada na coordenação de línguas estrangeiras.

PP: **E além de dar aula você teve algum cargo-função?**

PI1: Eu nunca tive cargo de gestão, lá em (*filial CEFET da RMRJ*) era complicado porque você tinha um coordenador, diferente do (*filial CEFET da cidade do Rio de Janeiro*). Então, o único cargo que a gente poderia ocupar lá, seria de coordenador do ensino médio ou então ser diretor, né? Em referência acadêmica, né? E logo,

quando eu estava em (*filial CEFET da RMRJ*), foi quando entrei no mestrado... Então fiquei no mestrado, pouco tempo depois também eu entrei para o doutorado! Então, eu nunca tive licença. Eu nunca pedi licença no mestrado, até porque eu tinha acabado de ingressar na instituição, estava em estágio probatório, né? Então, eu ingressei no mestrado e poucos meses depois eu estava no CEFET, eu ingressei no mês de março e ingressei no CEFET em agosto! Então, nem dava pra pedir licença! E no doutorado eu também fiquei em uma situação complicada para pedir licença porque a outra professora que trabalhava com a gente pediu licença para ir para Portugal, ficar 3 anos em Portugal. E a (*nome de uma professora*) que era a outra professora de Português era gerente acadêmica, então quem estava com a maior carga de sala de aula era eu! E, não tinha professor! A gente sabe, né? Quando a gente trabalha em campus, unidades né? E não centralizadas os substitutos não chegam! Então não tinha perspectiva de substituto então eu fiz o doutorado todo trabalhando! Então, nem passava pela minha cabeça pegar um cargo de gestão porque na minha cabeça seria impossível fazer o doutorado e trabalhar há 50km de casa, com um monte de turma, não ia ter como! Mas eu sempre tive projeto de extensão, lá em (*filial CEFET da RMRJ*) eu sempre tive projeto de extensão! Esse, um dos projetos de extensão que eu tive, eu achei muito legal porque eu ganhei uma menção honrosa por parte do conselho Diretor! E foi bem legal, ele fez uma solenidade e tudo por conta do projeto, foi um projeto bem bacana assim! E por conta do projeto depois a gente conseguiu o laboratório, assim, lá em (*filial CEFET da RMRJ*) hoje tem dois laboratórios! Eram salas que não existiam, então a gente viu subir, assim, tijolinho por tijolinho! E são dois laboratórios equipados, as aulas de línguas acontecem lá até hoje. Então, foi graças a essa sementinha do projeto de extensão... Depois a gente foi conseguindo ter nosso espaço, né? E conquistar algumas coisas lá dentro!

PP: Na (*filial CEFET da cidade do Rio de Janeiro*) você chegou a ficar ali com (*nome de uma Coordenadora*), não é? Você chegou a ficar um tempo...

PI1: Ah, é verdade... Não dá pra lembrar de tudo (risos)! Nesta (*filial CEFET da cidade do Rio de Janeiro*) passei um período bom. Eu trabalhei um tempo informalmente com a (*nome de uma Coordenadora*), ajudava ela na ASCRI mas não tinha uma portaria, né? Porque a gente faz muita coisa no CEFET sem portaria, né? Sem muito se preocupar, a gente vai fazendo, né? E aí depois, quando a gente precisa preencher a ficha, é que a gente vai se dar conta de que você quase não tem como comprovar as coisas que você fazia, né? Esse próprio projeto de extensão quando eu comecei, na (*filial CEFET da RMRJ*), eu simplesmente comecei... Não tinha projeto, não tinha nada escrito, depois que eu fui descobrir que a gente tinha que escrever um projeto, até porque a gente ficava longe da *filial CEFET da cidade do Rio de Janeiro* então, assim, as informações não chegavam. Mas eu fiquei uns 3 anos sem o projeto estar escrito como um projeto propriamente dito, né? Mas eu fiquei com a (*nome de uma Coordenadora*) e aí depois nos últimos dois anos eu tive uma portaria, de estar trabalhando lá com uma carga horária fixa! E eu substituí a (*nome de uma Coordenadora*) quando ela estava em viagem. E teve um tempo também quando a (*nome PE*) era coordenadora do LEANI e eu fui a vice dela! Durante um ano eu saí porque eu entrei de licença maternidade. Na verdade foi até antes da licença maternidade, porque eu tive um problema na gravidez, né? Durante a gestação então eu tive que entrar de licença então foi por isso que eu me afastei!

PP: E lá com ASCRI, exatamente, qual era a sua função?

PI1: Eu era... Na verdade, lá não tinha uma função definida para cada pessoa que trabalhava lá, a gente fazia de tudo! Eu focava mais na questão de assistência aos alunos. Tanto mobilidade “in” quanto mobilidade “out”, que é a questão de você receber os alunos que vem de fora e enviar os alunos. Então, eu fazia parte dos editais, né? Todos os editais a gente passou a escrever e a maioria já ficava com o corpo definido, porque já tinha sido publicado mas tinha que dar aquela revisada! Alguns editais a gente partiu do zero porque eram coisas novas, eram projetos novos! Sempre surgia alguma coisa... Eu era responsável também pelo edital Santander, que era bem específico do banco Santander. Então tinha algumas coisas específicas. É, participava das reuniões da (*nome de instância administrativa das instituições federais*) junto com a (*nome de uma Coordenadora*), né? É, e acompanha o aluno durante todo o processo. Desde o edital, fazia as provas dos editais porque tinha um processo de seletiva pro aluno ir. Então as provas de inglês, eu fazia. E depois acompanhava esses alunos, fazia o processo de classificação, depois entrava em contato com as universidades, então tinha um contato direto com todas as universidades parceiras, né? Com essa questão da documentação, recebendo e enviando, histórico... Então, é basicamente todo esse acompanhamento do aluno, né? Desde o início até lá, até o aluno voltar pro Brasil.

PP: Certo, (*nome PII*)! Agora você está em Santa Catarina e está dando aula?

PI1: Sim, estou dando aula e estou com um projeto de extensão aqui que infelizmente, essa pandemia aqui foi complicada... Mas, eu estou trabalhando com ensino de língua inglesa com alunos da terceira idade. Mas, por conta da pandemia, esse é o grupo de risco então foi o primeiro a parar. Mas o projeto está seguindo de outras formas, estou seguindo com orientação dos alunos. Estamos escrevendo um artigo acerca de alguns dados que já temos do projeto. Então, ele faz parte de um edital, os alunos ganham bolsa, então... Então, é um projeto com verba. Eu não pedi verba nenhuma para o projeto, só pedi a verba para a questão das bolsas, mas poderia até ter

pedido alguma verba para o projeto e tal. Mas, é isso, as aulas em si estão paradas, mas estamos seguindo de outras formas.

PP: É, vamos agora para o LEANI, né? Você está no LEANI desde o início, desde a primeira turma... Não sei se você participou das reuniões com a equipe de línguas, né? Sobre a proposta que seria de ensino para o LEANI. Mas eu queria saber o que você acha dessa proposta do ensino de línguas do LEANI, que basicamente começa aí com uma proposta de adoção do livro didático... Eu lembro que primeiro era um livro de inglês mais geral, e aí, passou para um livro de business, e aí a gente trocou esse livro de business. Então, assim, o que você acha dessa proposta que foi de certa forma implementada?

PI1: Então, no início, na primeira turma, a gente fez algo que depois não se repetiu que foi a divisão da turma em dois grupos. Quando a gente percebeu que os alunos ingressantes tinham níveis de proficiência muito distintos, ainda tem, né? Mas, como essa era a primeira turma e não tinham turmas subsequentes... Então, a gente tinha uma carga horária mais flexível, digamos assim, e a gente percebeu isso logo de início porque a gente fez uma prova de nivelamento. E eu fiquei com a turma de inglês básico e a (*nome PI3*) com a turma de alunos que já tinham algum conhecimento da língua, né? E aí, quando a gente começou, a ideia inicial era de começar com um livro de *bussiness* dentro da área mas é, até mesmo por conta de um questionário de necessidades que a gente fez também, a gente percebeu que entrar com *bussiness* naquele momento não faria muito sentido! Porque os alunos não tinham nem experiência com mercado de trabalho, eram alunos muito jovens, a maioria eram jovens que nunca tinham trabalhado e não sabiam muita coisa de business, né? E os livros de *bussiness*, eles já partem do pressuposto de quem já está inserido no mercado de trabalho. Eles propõem discussões nessa área. Então, diante disso, a gente optou começar com o livro de inglês mais geral. Então, eu acho, não posso falar pela outra turma né? Mas para o pessoal do básico, eu diria que funcionou bem porque eles realmente precisavam desse conhecimento mais básico mesmo! Então, inclusive foi um livro que eu gostei de trabalhar, os alunos no final também avaliaram o livro positivamente no questionário que passamos. Conseguiram ver uma evolução e tal, gostaram dos tópicos que eram propostos e tudo mais! Então, a gente começou dessa forma. Conforme as cargas horárias foram aumentando as turmas não tiveram mais condições de serem divididas! O que eu acho que foi uma perda, né? Porque era muito bom, poder dar essa assistência maior para os alunos que precisavam naquele momento. Porque a gente percebe que depois, se o aluno não estiver correndo atrás, aquilo tudo meio que vira uma bola de neve. Ele vai ter que dar uma parcela aí maior de estudo caso ele não entre no nível que a gente hoje exige, né? Porque no caso não existia essa exigência como hoje do B1. Mas, a gente sabe que tem alunos que entram e que não são B1, então... É, seria interessante ter algo voltado para esses alunos pra que eles conseguissem acompanhar de forma mais eficiente. Mas depois, foram várias transformações. Depois você chegou, também, e a gente passou a conversar e tudo... E, assim, eu acredito que o material autoral, a gente fazer o nosso próprio material, é o melhor dos mundos! Eu acredito que esse realmente é o caminho. Agora, uma coisa que eu percebo aí do CEFET, me desculpa eu falar um pouco do (*nome de instituto federal*) mas não tem como não comparar, né? O problema do material autoral é que normalmente a gente tá sobrecarregado com outras coisas, né? E no meu caso, eu nunca dei aula só no LEANI! Eu tinha turmas de ensino médio que eram minha carga horária maior, inclusive. A gente sabe como é difícil você fazer materiais autorais, o tempo que a gente leva pra fazer isso! Então, é muito difícil pensar em fazer... “Ok, vamos começar uma turma no semestre que vem e vamos produzir todo o material!” eu acho que isso não acontece dessa forma! A menos que a gente tivesse uma carga horária específica para se dedicar a preparar esse material! Eu acho que sem essa carga horária específica, sem essa fatia do nosso trabalho dedicada a isso, fica muito complicado você assumir essa responsabilidade! De “vou largar o livro didático e vou fazer um curso inteiro com material autoral” eu acho que isso pode ser construído aos poucos, né? Eu acho que você vai desmamando do livro didático, você vai aos poucos inserindo questões autorais e com o tempo você vai fazendo uma coletânea aí desse material e vai abandonando o livro. E porque eu falei do (*nome de instituto federal*), porque aqui todo o tempo você preenche uma planilha, a cada semestre. E dentro dessa planilha você tem a fatia lá da sala de aula e nela você coloca tudo que você faz! E se eu quiser, por exemplo, dedicar um tempo para escrita do livro e escrita da apostila... Eu posso escrever um projeto e solicitar uma carga horária para isso! Então, eu solicito uma carga horária específica para fazer isso, o que eu acho muito legal! Porque, eu vejo que aqui por exemplo, banca de mestrado... Outra coisa que toma um tempo danado! A gente aí, fica fazendo um monte de prova de banca, tudo junto com a nossa carga horária, tudo junto e misturado, né? Mas aqui não, eu tenho um determinado número X de horas pra fazer essa prova, tá pré estabelecido ali dentro do meu horário. Eu acho que, aqui inclusive, eu tô propondo pras professoras daqui, eu fiz essa proposta da gente dar aula na graduação para Radiologia, Sistemas Eletrônicos e Meteorologia. Então, porque não escrever uma apostila pra cada um desses cursos, né? E ter um material nosso pronto, né? Então, a gente tá pensando nisso e inclusive em solicitar carga horária para escrita, é, desse material. Inclusive isso serve para justificar a vinda de substitutos, né? Porque você tem isso comprovado, é um projeto! Então, se porventura a nossa carga horária, né? Ultrapassar o teto, a gente tem isso como justificativa para solicitar um professor substituto. Então, eu acho que a organização aqui é um pouco mais clara e um pouco mais

definida do que é no CEFET. Eu acho que o CEFET não nos favorece nesse sentido de dedicação que talvez a gente precisasse para ter uma empreitada, né? Para dar conta dessa empreitada!

PP: É, a gente tem uma planilha no CEFET, você conhece muito bem a RAD. E a RAD é muito voltada para as questões de laboratório, das engenharias, né? Então, ainda tem muita discussão sobre a RAD, sobre o que pode ser incluindo na RAD, a gente por exemplo dá prova todo o semestre de nivelamento do LEANI em inglês, é uma galera enorme!

PI1: Enorme, enorme...

PP: Você perde tempo elaborando, você perde tempo corrigindo, isso não é contemplado em lugar nenhum. Não entra em lugar nenhum.

PI1: Se eu for contar as provas, as milhões de provas, que eu fiz pra ASCRI! É uma banca, você está participando de uma banca, existe um edital, tem um edital publicado, né? E tudo isso é só trabalho! É só o trabalho de você fazer a prova e depois corrigir a prova, é muita gente envolvida... Muitos alunos, muitos candidatos! Então, é uma trabalhadeira, né? Eu vou dizer que aqui, obviamente por você preencher uma tabela todo o semestre, o controle sobre seu trabalho é muito maior! Não tenha dúvida! Isso aí é uma forma de controle, não tô aqui romantizando não! Eu vejo isso como forma de controle! A gente não bate ponto, mas você tá com toda a sua carga horária ali comprovada e inclusive a minha agenda de trabalho está disponível na internet, tá? Mas por outro lado, eu me sinto resguardada em algumas questões! Então, o meu teto de trabalho é esse! Se eu vou chegar no meu teto de trabalho também, se ultrapassar o meu teto... Eu também não vou me meter nessa determinada coisa. Mas, como eu falei, você tem como solicitar a vinda de substituto, né? E de redistribuição de cargos! E você se sente um pouco mais contemplada, né? Dessa forma! O próprio projeto de extensão que eu tenho, ele conta seis horas na minha carga horária! Então, é um tempo bacana... Tenho aulas para ministrar, tenho encontros semanais com meus orientandos, né? Então, você tem ali, um tempo pra se dedicar a isso. Então, acho que as coisas acontecem ali com um pouco mais de ordem e você consegue se organizar um pouco melhor! Então, eu acho que a RAD no CEFET, a forma institucional como a nossa carreira nos coloca, ela às vezes nos algema, em determinados momentos. E ela nos aprisiona na sala de aula. Acaba que você acaba impulsionado a dar conta daquela carga horário e sobra muito pouco pra fazer outras coisas!

PP: Certo, (nome PII)... Sobre a abordagem de Línguas para Fins Específicos, né? O que começou lá atrás como Inglês Instrumental, né? Você tem alguma formação, você estudou alguma coisa sobre? Você trabalha com línguas para fins específicos? Né, como é que é que você trabalha em sala de aula? Então, primeiro: Como é a sua formação em Fins Específicos, e depois, se você trabalha com a abordagem.

PI1: Tudo que eu sei de Fins Específicos foi dos congressos, tá? Eu não tenho nenhum curso, nenhuma pós-graduação, nada disso na área! Mas, como esse sempre foi um assunto, né? Das escolas federais, porque sempre foi uma metodologia que é muito aplicada nas escolas federais, eu sempre participei de congressos nessa área. Então, tudo que eu sei é da área de confeccionar material para dentro de sala de aula e dos congressos que eu já participei! Em relação ao trabalho em sala de aula... Você quer que eu fale especificamente do LEANI, da vida?

PP: Acho que pode ser do LEANI!

PI1: Tá, no LEANI, é... Com material didático autoral, teve alguma coisa, sempre tem alguma coisa que a gente insere, como eu estava falando do livro didático. Justamente do que o material didático não dá conta, né? Tem assuntos que a gente acha que são importantes e relevantes para aquele grupo! Então, nunca foi com um material 100% autoral.

PP: Você fazia levantamento de necessidades? Acho que você já comentou até, né? A primeira turma você fez... Porque a análise de necessidades seria um suporte básico para ensino de línguas para Fins Específicos.

PI1: Eu sempre faço um questionário no início, para conhecer os alunos e tal. Mas como são turmas iniciantes, de primeiro período, né? Eles não sabem nada do curso ainda, sabem muito pouco. Então, na verdade nem eles sabem o que dizer ali. Então, isso fica um pouco mais fácil quando são turmas do 5º e 6º período! Inclusive, o que eu tenho de material mais autoral é justamente para esse período mais adiante por conta de relatos desses próprios alunos, de assuntos, de temas... O que um e outro professor está trabalhando, os assuntos que estão sendo trabalhados e tal. Então, é mais com alunos de períodos um pouco mais avançados.

PP: Quanto tempo você ficou no LEANI, (nome PII)?

PI1: De 2013, até eu sair que foi em 2018? 2018, É! Tem 5 anos, é... Foi o tempo que fiquei na (filial CEFET da cidade do Rio de Janeiro), 5 anos! 2013 foi a primeira turma!

PP: Você ficou desde aquele pedaço da elaboração do projeto? Você acompanhou até

a primeira turma iniciar...

PI1: Sim, até o final, até eu sair.

PP: Certo, é, quais são as necessidades de aprendizagem, o que você acha que um aluno LEANI precisa aprender em inglês, né? Por esse tempo que você ficou lá e observou...

PI1: Bom, ele vai ser um profissional de línguas, né? Então, a língua vai ser a ferramenta de trabalho dele e não só o inglês mas como as outras, inclusive o português. Então, por ele ser um profissional de línguas é fundamental que ele saiba lidar com a sua ferramenta de trabalho. Assim como nós, que também somos profissionais de línguas. Com vertentes diferentes, né? Cada um vai ter que lidar com a sua especificidade, mas assim como nós precisamos lidar com essa ferramenta eles também precisam! Então, acho que esse é o pressuposto básico, né? Desculpa, o que você perguntou mais? Viajei aqui!

PP: Não, acho que essa última foi só sobre as necessidades de aprendizagem do aluno LEANI!

PI1: É, assim, acho que sobre as necessidades de aprendizagem, é, assim, eu vou te dizer, (*nome PP*)... Que a gente tem... No período que eu fiquei lá, nos dois últimos anos vamos dizer assim, foram os anos que a gente mais teve interlocução com outros professores, de outras disciplinas. Foi que a gente saiu um pouco do nosso mundinho e foi explorar, né? O mundo fora do inglês. E eu acho que num curso como o nosso que tem essa proposta, né? De ser, é, multi e talvez inter... Aí, eu não nunca vi muito esse inter, mas deveria ter isso um pouco mais... É, digamos que de um curso um multidisciplinar, né? Eu acho que essa conversa com outros professores é fundamental pensando na questão do material didático. Porque você tem que entender um pouco quais são... Porque quem vai dizer também quais são as necessidades desse aluno, em relação a temas, seriam os professores de relações internacionais porque são as duas grandes colunas do curso. Então, seria muito importante a gente ter esse entrosamento. Mas eu confesso que essa busca por entender um pouquinho mais das relações internacionais, ela partiu, vou te dizer até de quem foi... Foi do (*nome de um professor*), o (*nome de um professor*) foi um professor... (som de criança ao fundo) Peraí, só um minuto! (*nome da criança*), desce, por favor, tá? Se não consigo me concentrar no que estou falando, desce. Corta essa parte (risos).

PP: (risos)

PI1: O (*nome de um professor*) ele era um cara muito entusiasmado, você via muito brilho no olho no que ele estava fazendo. Ele era um cara muito apaixonado pelas relações internacionais. Eu adoro o jeito de quem tem esse brilho no olho, assim, pelo o que faz. Ele adorava a língua inglesa, ele falava inglês inclusive bem! E ele era um entusiasta das línguas, ele gostava de línguas. E ele sempre teve uma interlocução muito boa! Eu não sei se só comigo! Mas comigo pelo menos, a gente sempre teve uma excelente interlocução. Então, com a chegada dele eu comecei a entender muito mais de relações internacionais! Inclusive a gente fez um trabalho em conjunto! Eu fiz um trabalho em conjunto com ele, no qual os alunos fizeram uma apresentação oral pra mim e pra disciplina dele, a gente conseguiu trabalhar em conjunto. Então, foi uma avaliação para ambas as disciplinas. Então, eu acho que, claro que tem a ver com os interesses do curso... Mas esse entrosamento entre professores, ele é fundamental, né? Que haja essa troca e essa conversa! Então, foi a partir do Leandro que de fato eu comecei a entender um pouco mais sobre as relações internacionais, o que se fazia no curso de relações internacionais, né? Qual era a proposta deles pro curso! O que eles pretendiam que os alunos saíssem dali capazes de realizar, e a partir daí eu comecei a mudar algumas coisas também na minha prática. E muitas das coisas autorais que saíram foi a partir desse entrosamento com o (*nome de um professor*), tá?

PP: Eu lembro dessa apresentação. Lembra que alguns alunos iam apresentar em espanhol porque não se sentiam seguros de apresentar em inglês!

PI1: Isso, isso mesmo. Isso mesmo.

PP: Eu lembro que tinha um grupo da sua turma que achava que não ia falar bem porque o grupo que tava comigo falava inglês e eles achavam que era maravilhosamente bem!

PI1: ...Maravilhosamente bem, é!

PP: Eu lembro disso! Um grupo apresentou em espanhol, um grupo apresentou em inglês. A gente foi assistir, eu lembro!

PI1: E foi muito bom, foi excelente! Todo mundo fez um ótimo trabalho... Eles estavam um pouco apreensivos também, sobre a complexidade do tema! São temas de relações internacionais que alguns grupos tinham temas bem complexos. Eles estavam um pouco apreensivos por conta da complexidade, né? Teve um grupo que falou pra mim "eu não sei como é que eu vou apresentar isso em língua portuguesa!" (risos). É, mas foi ótimo, eu lembro que foi o semestre no qual eu mais dei atendimento ao aluno. Eles procuraram bastante para atendimento, para revisão de texto, né? Organização de idéias, então... Teve uma troca muito, muito legal!

PP: **É... Foi muito construtivo e produtivo!**

PI1: Foi! Foi muito bom, foi bem bom, bem legal!

PP: **E a última pergunta, assim, é o que a gente pro LEANI é de propor algo...**

PI1: Travou?

PP: **Travei? Voltei?**

PI1: Alou, alou...

PP: **Voltei? Tô aí? Apareci? To travada?**

PI1: Tá cortando! Tá travando!

PP: **Calma aí, vamos ver aí o que pode aparecer... Oi, tá aí, tá me ouvindo?**

PI1: AP3 e AP4 estão bem pra mim, eu tô bem pra você?

AP3: Travou!

AP4: Agora voltou!

PP: **Voltei ou não voltei? (risos)**

PI1: Voltou, voltou... Acho que voltou!

AP4: Voltou!

PP: **Queria saber assim, sobre um...**

AP3: Voltou mas travou de novo! (risos)

AP4: Voltou mas já foi embora, deu um pulinho aqui, mas já foi embora...

PP: **(risos) Vocês me ouvem agora? Sim ou não?**

AP3: Oi?

PP: **Travei de verdade?**

PI1: Aqui pra mim você tá congelada mas pelo menos você tá congelada com uma cara

ótima!

PP: **Aí que bom! (risos)**

AP3: Deixa ela... (risos)

PP: **Fico feliz, assim, muito feliz em saber que eu estou bem pelo menos! (risos)**

PI1: (risos)

PP: **Peraí, tô mandando mensagem.**

PI1: Oi? Não, não voltou! Voltou agora!

PP: **Voltei?**

AP4: Voltou!

PI1: Voltou!

PP: **Ah! Então, assim é o que a gente pensa assim é implementar uma proposta nova de ensino de inglês e a gente queria saber sua opinião. Como é quê que você... Qual seria a melhor proposta de ensino pro LEANI? Em termos, o que você pensa? De metodologia, de conteúdo, de projeto... Dos principais pilares de uma proposta por LEANI. Eu acho que alguma coisa você já falou, você falou do material autoral, né? Você tem mais alguma coisa em mente que você acharia assim que seria o caminho para essa construção?**

PI1: Aham! Olha, eu acho que talvez o primeiro ponto seria uma integração maior entre as áreas, né? Acho que esse seria um bom ponto de partida, de uma área conversar com a outra, acho que independente de ser LEANI ou não! Acho que esse é sempre um bom caminho quando se pensa em línguas para fins específicos. Então, uma área está afinada a outra. Continuar ouvindo os alunos, essa questão é muito importante também! Porque a gente entende quais são as expectativas, as demandas e consegue deixar os objetivos claros! Nem sempre a gente consegue combinar os nossos objetivos com o que os alunos querem, mas se você tem diálogo franco desde o

início, né? Você não tem problemas de expectativas que não se concretizam! Você já coloca todo mundo dentro do mesmo patamar de expectativas, né? Você sabe também,... Que nem tudo que os alunos propõem é plausível! Mas, se você consegue ter esse diálogo você consegue equalizar isso e minimizar alguns problemas de expectativa. E também ter ideias, claro! Porque também eles vão te dar esse feedback! E aí, eu acredito que talvez seria uma forma interessante, eu não sei como fazer isso através da CEFET mas, eu acho que seria importante ter formalizada a questão da produção do material didático, né? Isso não vai sair pra todos os níveis de uma vez só, mas começando do primeiro período, né? É, você ter algo formalizado, um projeto formalizado, institucionalizado para que seja feita essa pesquisa, né? Não só uma produção só por produzir... Mas, você também já está fazendo isso, eu acredito que os resultados do seu doutorado, você vai ter muitos subsídios aí pra encaminhar o projeto como esse, né? Então, seria um projeto de pesquisa/produção, não só um projeto de produção por produção! Mas uma pesquisa embasando também, envolvendo os alunos, quem sabe até outros professores, né? Fazendo aí, quem sabe, uma parceria com um projeto com um outro professor de uma outra área. É, e aos poucos vou produzindo esse material. Em relação a línguas para fins específicos, usar essa metodologia, eu não sei... Eu tenho certa dificuldade de seguir, digamos assim, uma única cartilha. Por mais que eu diga: “Ah, eu estou aqui fazendo o método comunicativo!” digamos... Eu não sei o método comunicativo à risca, né? Então, tenho pensado muito nessa questão lá do pós método, né?

PP: É, para os íntimos é o (nome do professor), não dá pra falar o nome dele! (risos)

PI1: O (nome do professor)! (risos). Quando fala da questão do pós método então... eu confesso que: eu sigo mais nessa linha aí! Então, claro que o língua para fins específicos é, tem, muitos aspectos positivos, né? Que podem continuar sendo implementados, mas, eu acredito que a gente também possa acrescentar coisas do método comunicativo em alguns momentos, enfim... E outras possibilidades aí e não só fechar, engessar na questão dos fins específicos. Talvez, para alunos mais avançados, algumas questões do inglês para fins específicos, não sejam tão interessantes, tão desafiadoras, né? E eles talvez precisem de algo mais, ali. Mas, é basicamente isso. É importante a gente ter um conhecimento mesmo dessas metodologias que estão aí, à disposição, né? E da gente saber tirar o que tem de melhor em cada uma delas e propor. Não de uma forma com pouca reflexão mas sabendo os porquês daquilo que você está fazendo, né? Não tô dizendo pra usar tudo, fazer um grande misturado e vamo bora, né? A gente sempre tem que pensar assim, né? Nos porquês, por que você está fazendo aquilo? Por que você acha que aquilo é mais interessante, né? Nesse sentido.

PP: O LinFE atualmente não é dado mais como metodologia, ele é dado mais como abordagem! E aí é mais fácil!

PI1: É, é verdade! Eu estava tentando me lembrar e não estava vindo a palavra abordagem!

PP: Aí, dentro de uma abordagem você mesclar as metodologias...

PI1: Sim! É aquilo: quanto mais conhecimento a gente tem sobre as possibilidades, mas a gente vai entendendo quais são as necessidades para aquele momento!

PP: Sim, são as necessidades! E o curso basicamente vai nessa linha!

PI1: Sim, é basicamente isso! Mas, até mesmo pensando aí na minha época de **Brasas**, eu tinha extrema dificuldade em seguir aquela cartilha à risca e às vezes... É, não... Pra essa turma aqui, vai ser diferente! (risos).

PP: Que o John O'donnell não nos ouça!

PI1: Dúvido que eles não saibam que de vez em quando a gente dá nossas puladinhas, isso aí, né? Não tem como, né? Muito difícil. Quando você tá sendo observado você e faz, mas quando não está você faz o melhor pra sua turma ali e a gente vê os resultados! E os próprios alunos dão esse feedback e aí a relação com a formação do professor! Quando eles tem um professor que tem formação e quando eles tem um professor que tá ali como bico, né? Que tá fazendo medicina, odontologia... E tá ali dando aula de inglês, eles veem essa diferença e eu constantemente, acredito que hoje um pouco menos porque acredito que os cursos estão procurando contratar profissionais da área, né? Acredito, pelo o que tenho ouvido aí! Mas na época não tinha, né? A gente trabalhava com muita gente que é da área, mas os alunos frequentemente falavam isso. Era uma coisa que eles frequentemente verbalizam da formação de quem tá ali dando aula.

PP: É... É!

PI1: Então, a gente sabe que faz a diferença!

PP: Antigamente existia uma diferença, que tá no salário, que eles chamavam de MAC. Ganhava mais quem tinha formação na área, né?

PI1: Um adicional!

PP: Um adicional! Eu conheço a (*nome PII*), meninos de muito tempo! Nem lembro de quando... A gente se conheceu no Brasas, né?

PI1: **Brasas!**

PP: Se cruzou por aí, no Brasas. E por fim nos encontramos no CEFET.

PI1: Sim!

PP: E, é uma grande amiga!

PI1: Nossos destinos estavam traçados na maternidade (risos). Agora só falta você se mudar para Florianópolis, (*nome do PP*)!

PP: (risos) Tá vendo? Eu pretendo ir de novo!

PI1: Venha, você ficou muito pouco da outra vez, só consegui te ver uma vez, foi muito rápido!

PP: É porque a gente foi pro Beto Carreiro, né? Aí Florianópolis foi uma extensão! Mas foi ótimo, vou de novo, vou novamente!

PI1: Venha sim, venha sim!

PP: Meninos, (*nome AP3 e AP4*), alguma questão?

AP4: Acho que não, por mim está tudo bem...

AP3: Eu tenho uma pergunta...

PI1: Fale, (*nome AP3*)!

AP3: Pergunta é, então, eu vi nos professores em geral sempre tive essa dúvida, e a (*nome PII*) citou isso na entrevista... Ela falou que tanto na dificuldade e depois colocou na proposta que um dos caminhos, e eu concordo com ela plenamente, é aumentar essa interação entre os núcleos e essa conversa entre os professores, então, essa seria uma dificuldade que existe hoje no curso e o primeiro passo talvez para uma proposta seria melhorar isso. Então, eu queria só entender um pouco melhor qual é a dificuldade real hoje que impede essa conversa entre os professores. É, assim, é a falta de uma coordenação que de fato faça ali, ou é falta de um espaço, é falta de algo burocrático? Enfim, qual a dificuldade? Não sei...

PI1: (*nome do AP3*), essa resposta é fácil! A gente não é formado na faculdade pra trabalhar de forma interdisciplinar, quem dirá transdisciplinar, usando um termo mais moderninho aí. A gente na faculdade, você pode me dizer isso, a gente vê tudo de forma compartimentalizada, tudo em caixinhas. É a caixinha do inglês, é a caixinha da literatura, é a caixinha da linguística, né? É tudo numa caixinha! Você não é estimulado a pensar de forma a integrar as coisas. Então, eu vou te dizer por mim, isso, essa visão de pensar e buscar o outro, de entender o que o outro faz, de pensar um trabalho com o outro... Ela vem de leituras que eu fiz pós faculdade, já no mestrado, no doutorado. Não foram de leituras da faculdade que essa visão e esse desejo veio! E veio principalmente partindo dos congressos de línguas para fins específicos! Porque a língua para fins específicos estimula esse mover, né? Em direção ao outro! Então, a partir daí que você começa a despertar o seu olhar pra sair do seu mundinho! Então, o problema começa na nossa formação na escola na verdade... Você tem lá: Geografia e História, vai muito antes! A gente não tem esse costume de pensar as disciplinas de forma holística! É tudo na sua caixinha, então o problema começa aí! E, em segundo lugar, vem uma questão de empatia, claro, as pessoas precisam ter... Rola isso, não deveria ser algo que condicione a nada. Mas claro que quando você tem, como eu falei com o (*nome de um professor*), a gente tinha uma empatia muito grande! A gente tinha conversa e isso facilitava que as coisas acontecessem! Que ele entendesse um pouco melhor o que ele faz e que ele entendesse um pouco melhor o que eu faço também, né? Então, isso é facilitado quando existe esse caminhar! E tem muita gente que não entende que precisa trabalhar com o outro, sabe? Aí talvez por conta dessas crenças que eu já estava falando... A (*nome PP*) sabe o quanto é difícil, você pede pra pessoa: "Ah, você poderia fornecer uns textos da sua área?". Aí a pessoa dá uns sites assim, ok, mas assim dentro desse dissol aqui que você me passou o link não é possível que tudo seja abordado, então o que seria o mais importante. Então, assim, eu passei por isso essa semana! A gente tá fazendo prova para o pessoal do mestrado! E aí a gente pede, é, para sistemas elétricos... O que se faz em sistemas elétricos? Não sei, cara! Sou professora de inglês, sabe? O que é importante em sistemas elétricos? Aí o professor de sistemas elétricos mandou vários journals, um monte! Um monte! Aí você abre o journal, aí cada um com 30, 50... Um monte de artigo, vários volumes, várias edições. Ok, você aborda todos esses assuntos dentro do seu mestrado? Entendeu? Tudo isso aqui vai ser trabalhado pelos alunos? Qual o foco das disciplinas? Por mais que você especifique: "Eu quero o artigo!" sabe? Não mandam! Então, a gente vai por tentativa e erro muitas vezes, você seleciona lá o que você acha que deve! Então, eu entrei lá no mestrado, olhei a linha de pesquisa de cada um, pra tentar decifrar qual é o foco que vou dar nessa prova! E se tivesse me mandado meia dúzia de artigos já estava resolvido o problema, entendeu?

Então, é, eu tive que entrar lá nas linhas de pesquisa, um por um, quais os tópicos que eles abordam pra tentar adivinhar que texto vou colocar nessa prova! Entendeu? Então, são essas questões!

AP3: Então, só pra complementar isso também é o que a gente aborda de multidisciplinaridade e interdisciplinaridade, né? Então, eu também percebo isso bem, eu venho de outra formação a administração, que é uma formação muito multidisciplinar e pouco se conversa. Então, o LEANI, que ao meu ver, se vende como uma proposta interdisciplinar e que pra funcionar ali, o que a gente entende como profissional LEANI é que: independente da área que ele vá, ele precisa dessa intencionalidade que é a proposta do curso. Então, tenho uma outra pergunta que é assim: Qual a proposta que a gente pode fazer dentro da burocracia atual do CEFET hoje, dentro do estilo de metodologia que o CEFET tem hoje... Que é possível, assim, supere um pouco só a questão da empatia, né? Da questão individual de alguns professores que vão decidir trabalhar juntos e que a gente consiga que o curso completo trabalhe dessa maneira! Você acha possível ou não?

PI1: Eu não vou ser Poliana, (*nome AP3*) e achar que isso vai acontecer com todo mundo, porque isso é um processo muito individual de reconstrução e desconstrução de cada um como profissional, então, eu sei que isso vai se dar mais por conta de uns e menos por parte de outros! Mas, quando eu estava no LEANI, o professor (*nome P2*) de RI e o (*nome do professor*), o querido falecido (*nome do professor*), a gente estava numa conversa muito legal de ter um projeto que a gente conseguisse englobar as nossas áreas, né? A questão das línguas... Então, acho que a gente teve algumas reuniões nesse sentido, umas três ou quatro tentando alinhar um projeto de pesquisa. Escrever um projeto de pesquisa! De novo, eu volto a bater na tecla na importância da formalização das coisas, porque se fica de boca não gera um comprometimento mas qualquer coisa que a pessoa tenha a mais pra fazer aquilo ali vai ser o primeiro a ser descartável, assim, porque você tem outras contribuições que são obrigatórias que você não tem como deixar de cumprir! Então, o que não é obrigatório acaba ficando pra segundo plano! Acho que é importante formalizar, computar isso. Então, de repente, um projeto de pesquisa que envolva professores de diferentes áreas, fazendo e pesquisando, né? Dentro desse projeto! Acho que essa seria uma boa iniciativa! E aí, as nossas reuniões depois acabaram parando porque o Max entrou de licença, né? Aí teve toda aquela complicação com ele e tal. Foi justamente nesse momento que nós estávamos conversando e enfim... E aí, eu acho que talvez um projeto de pesquisa formalizado, um grupo de pesquisa, tá? Porque é possível você escrever um grupo de pesquisa, é bem burocrático dentro do CEFET... Você precisa ter um professor, doutores, tem uma série de coisas lá! Na época, acho que o (*nome P2*) estava fazendo doutorado, não sei... Não me recordo! O (*nome do professor*) estava fazendo doutorado na época, acho que não chegou a concluir o doutorado, né? Mas enfim, tinha eu como doutora já, eu já era doutora. Então, era um pré requisito para ter o grupo, tinha que ter um professor doutor... Então, estávamos tentando analisar esses documentos institucionais do CEFET para saber quais as burocracias que a gente ia precisar enfrentar porque não são poucas, tá? Mas hoje, por exemplo, a (*nome PP*) já vai sair doutora daqui a pouco, né? Já tem um número maior de professores doutores, têm a (*nome PE*), né? Enfim e não sei como está o pessoal de RI, mas já dá pra... Daria para formar um grupo de pesquisa e talvez esse seja um pontapé inicial, entendeu? Talvez isso seja algum caminho inicial!

AP3: Sim. Brigada!

PP: **É, eu acho isso mesmo. A questão da graduação, assim, na escola, (*nome AP3*), a gente ainda tem algumas reuniões! Quando você dá aula em ensino médio, você tem conselho de classe... Você se encontra muito mais com os colegas do que um professor de graduação! Professor de graduação, a gente tá acostumado realmente cada um na sua seara. E assim, o professor se torna muito especializado, ele se torna muito especialista em alguma coisa, entendeu? Então, quando você olha a coisa assim no geral... Dá trabalho, dá...**

PI1: Dá! Dá muito trabalho!

PP: **Então, assim, essa questão da formalização é importante... Tem que ter algum ganho, sabe? Tem que ter algum, entende? Porque se não, é o que (*nome PI1*) falou na hora ele pode até participar mas quando estiver atolado de coisas a primeira coisa que ele vai descartar é o que não conta nada pra ele! Não pontua, não...**

AP3: É!

PP: **Olha: “Sinto muito! Não posso mais participar!”. Então, essa formalização que a (*nome PI1*) está falando é muito importante, né? Para que as pessoas possam ter mais interesse nisso também!**

PI1: Não dá pra ficar só com reunião e de forma informal! Sabe? Você tem que formalizar e fazer a coisa acontecer, mas é isso que eu estava falando também... Você dá 378 mil aulas e ainda ter tempo pra fazer isso, que é algo que vai te dar muito trabalho, é difícil equilibrar os pratinhos... E as aulas, ainda tomam muito o nosso tempo, vou falar até por mim que tô mais no ensino médio. São muitas turmas e muitas aulas, é difícil

você vislumbrar fazer qualquer outra coisa! E não deveria ser assim, né? Porque a proposta do CEFET e dos institutos federais é outra, né? Mas cada vez mais está se afastando da proposta inicial!

PP: Acho que é isso! Certinho?

AP3: Tranquilo!

PP: (*nome do PII*), obrigada de novo! Muito obrigada, a gente se fala, a gente vai falando... Espero que sua família esteja bem!

PI1: Tudo bem, graças a deus! E o bracinho do (*nome criança*), tá bom? Ficou tudo tranquilo?

PP: Tá bom! Pronto pra outra (risos), mas ele tá bem, graças a Deus!

PI1: (risos) Que bom, graças a Deus!

PP: Beijo grande, querida!

PI1: Beijo, obrigada, tá?

PP: Brigada!

AP4: Obrigada, (*nome PII*)!

AP3: Beijo, obrigada!

APÊNDICE U - Transcrição da entrevista – PI2 (Ex-professora de Inglês contratada do LEANI)

PP: É bom... Ah, foi? Eu vou apertar aqui no computador... Então, (*nome PI2*), de novo te agradecendo. Obrigada, por estar com a gente. Obrigada, por aceitar! É, como eu já te falei sobre o termo, né? Te enviei o termo do comitê de ética! Que é super importante e garante seu anonimato! Eu tô frisando bastante pras pessoas que o nome CEFET aparece, a instituição aparece, o curso LEANI também! Eu acho muito importante a gente falar da história do CEFET e também falar como esse curso foi para dentro de uma instituição tecnológica que tem ali, dentro de sua tradição, os cursos de engenharia, né? Então, eu cito o CEFET, eu cito LEANI, mas preservando sempre o anonimato das pessoas, as suas informações serão divulgadas só academicamente. As suas não, né? O que você falar, ok?

PI2: Aham, aham...

PP: Ok, eu dividi o roteiro de entrevista em 4 partes. O roteiro de entrevista dos professores de inglês. Então, a primeira parte é formação e experiência, a segunda parte eu vou falar um pouquinho da proposta do LEANI de ensino de inglês, depois vou falar um pouquinho de LinFE e por fim eu peço uma sugestão sua, de acordo com o quê você viveu dentro do LEANI. É, que você fale um pouquinho, assim, de uma sugestão de proposta, o quê você achou que pode melhorar. Então, vamos lá. Me diz um pouquinho sobre a sua experiência, sua formação acadêmica primeiro. Onde você estudou, fez alguma especialização, o que você está fazendo?

PI2: Ok, não precisa dizer meu nome nem nada não, né? (risos)

PP: (risos) Pode falar...

PI2: Então, né? Quero agradecer a oportunidade de estar aqui. Pra mim é uma grande honra estar falando sobre essa experiência. Me sinto honrada por ter participado do LEANI e de ter retornado ao CEFET em uma conjuntura diferente, né? Então, é, eu fiz graduação. Licenciatura em Português e Inglês na (*nome de faculdade privada*), em (*município da região dos lagos*), a long time ago... (risos). E aí, o quê aconteceu? Eu tive um tempo aí, um GAP entre ter feito a graduação até a primeira especialização. Foi o tempo que eu fiz intercâmbio e tal... E quando eu voltei foi quando eu comecei a trabalhar de fato com magistério. Por que até então minha experiência era na área administrativa. Eu trabalhava em uma empresa. Então, eu comecei a trabalhar e aí, depois de um tempo eu comecei a busca né? Por um especialização, qualificação e esse tipo de coisa. A minha primeira especialização foi também no CEFET, né? Eu fiz uma especialização semipresencial que foi na educação tecnológica. E, logo, assim, que eu comecei a do CEFET eu comecei também uma pela (*nome de universidade pública*) que foi Ensino de Línguas... Agora, não lembro exatamente o nome todo mas foi para ensino de inglês de fato, como língua estrangeira. Então fiz na (*nome de universidade pública*), no maracanã. Então, terminei a do CEFET e em 2017, no início de 2017 terminei a da (*nome de universidade pública*). E logo em seguida, no início de 2019, eu comecei o mestrado em Estudos Linguísticos. Também pela (*nome de universidade pública*), mas agora eu estou na (*nome de faculdade de universidade pública*). Precisa falar alguma coisa de experiência sem ser acadêmica? Experiência de trabalho? Ou só experiência acadêmica?

PP: Minha pergunta é a seguinte: Qual a sua experiência profissional?

PI2: Ata, experiência profissional (risos). Eu em meu pouco tempo de magistério acho que tive muitas experiências, meu marido fala que eu sou rodada (risos), no bom sentido!

PP: (risos)

PI2: Né, meio rodada... Porque eu comecei um cursinho de idiomas, trabalhei no (*nome de escola privada de idiomas*), foi o curso no qual eu fiz inglês, na minha cidade. Trabalhei no (*nome de outra escola privada de idiomas*)... E depois eu comecei cursos preparatórios, né? Para concursos militares que foi uma área que eu gostei bastante! E, enfim, me ajudou também bastante, né? Me fez ter um olhar diferenciado para o ensino, porque no cursinho de idiomas você não tem autonomia para fazer nada, né? Você simplesmente segue o que está escrito e isso é muito complicado pra mim, porque eu sou uma pessoa muito espontânea. Então, trabalhar com uma coisa muito guiada, eu às vezes ficava muito preocupada se eu estava pisando fora da faixa. Eu não podia ser, se, sabe? Então, assim, eu não fiquei muito tempo no (*nome de escola privada de idiomas*) por conta dessa nova experiência que eu tive no pré-militar e gostei! Foi uma experiência diferenciada no magistério, porque foi muito específico... É muito

específico você ensinar para uma finalidade específica, né? Pro aluno passar naquele concurso! E cada concurso é um concurso... Você precisa entender que concurso é esse pra você conseguir ajudar o seu aluno. E aí, depois junto com isso, eu passei num concurso para professor de município, no município de Guapimirim. Eu sou professora do município de Guapimirim, eu estou afastada, pedi licença para o mestrado. E nessa questão aí, eu fui e fiz uma prova pro CEFET (*filial da cidade do Rio de Janeiro*)... Minto! Pro CEFET (*filial da RMRJ*) para professor do ensino médio, né? E fui chamada, fiquei com eles dois anos, trabalhando com eles lá! E nisso, eu fui pra Guapimirim, que foi a época que eu passei no concurso. Fiquei nos dois ao mesmo tempo e engravidei. Nessa que eu estava na minha licença maternidade, eu fiz um concurso para um processo seletivo para professor do Exército, pro quadro de oficiais. Então, eu fui parar no centro de idiomas do Exército, trabalhei com eles durante um ano. E, pedi meu afastamento de (*município da região dos lagos*), do município, por conta disso, né? Porque existe na lei orgânica do município um afastamento que eles dão para serviço militar. E aí, eu fiz esse pedido, foi aceito e tudo mais. Quando eu pedi pra não renovarem meu contrato no exército, eu fui retornar para o Município pedindo a mudança de licença, para eu ficar de licença para o mestrado. E aí, eu tenho esse, eu acabei também fazendo o processo para o (*filial da cidade do Rio de Janeiro*). Na verdade, não foi para o (*filial da cidade do Rio de Janeiro*). Eu fiz um processo que era para (*outra filial da cidade do Rio de Janeiro*), que seria para professor de inglês para (*outra filial da cidade do Rio de Janeiro*), mas que também poderia ser de professor de inglês de (*filial da RMRJ*) ou (*filial da cidade do Rio de Janeiro*). Pelo o que eu me lembro, eram essas três possibilidades! Então, assim, eu considero que eu já passei por alguns lugares e já vi algumas coisas! E assim, é basicamente isso, né? Tô hoje ainda no pré-militar. Hoje, o meu projeto de pesquisa de mestrado ele também está bastante envolvido com o ensino pré-militar. E até quando eu olhei o seu termo, eu achei interessante, eu pensei: “Nossa, eu tô vendo aqui o que eu mando para os meus alunos!”. Então, tô me sentindo em casa (risos).

PP: (risos) **É isso mesmo, os termos são muito semelhantes, né?**

PI2: Bem parecidos...

PP: **Agora, conta pra mim a sua história no LEANI, quando você chegou lá, quais eram as suas atribuições. Quais foram as suas experiências, por quanto tempo você ficou...**

PI2: Tá, exatamente o dia que eu não lembro! Eu sei que comecei lá em agosto, finalzinho de agosto de 2019, né? Foi uma experiência bem diferente, né? Bastante diferente! Você já havia dito pra mim que era bastante diferente de trabalhar no ensino médio, né? E de fato foi, né? Bastante desafiador e eu acredito que o fato de eu já ter uma familiaridade com a abordagem LinFE, e eu também trabalhar com pré militar, que você não se atém apenas aos conteúdos, né? Mas o que aquele conteúdo vai ser útil pro aluno. Como a gente faz pra que tudo aquilo faça sentido, né? Eu acho que de certa forma ajudou um pouco, mas a minha experiência lá foi breve, né? Eu iniciei, se não me engano, final de agosto. E fiquei com eles até o dia 3 de março de 2020. Então, assim, eu acho que passou muito por um momento de adaptação, da minha parte! De reconhecer que o universo é esse, porque um universo particular, é diferente! E pra você fazer alguma coisa você precisa entender que lugar é esse, que aluno é esse, que necessidade é essa! Pra que eu pudesse trabalhar de uma maneira, assim, né? Melhor né? De maior qualidade!

PP: **É, bom... E aí você lembra quantas disciplinas você lecionou? Além de dar aula, você lembra de algum outro tipo de atribuição que você tinha no CEFET?**

PI2: As disciplinas que eu trabalhei foram: Língua Inglesa III, IV, V, Cultura, né? Cultura! E Tradução, comecei com Tradução com eles. Eu creio que foram essas! E outras atribuições que eu me lembre... Nenhuma outra! Não tive tempo de me pedir mais nada (risos).

PP: **É, (risos), você chegou no LEANI e a gente conversou bastante antes de você assumir! Mas o LEANI sempre teve uma proposta de ensino muito baseada no livro didático, né? E eu acho que, você chegou a ler os livros, você chegou a olhar os livros...**

PI2: Sim! Cheguei!

PP: **... E o que você acha dessa proposta? Tendo em vista o que você conheceu do LEANI e o material que você conheceu também, o que você acha dessa proposta da gente trabalhar com o livro didático, com o curso. O que você achou disso?**

PI2: (suspiro longo) Bem... Pra mim, que não tinha ainda uma visão ampla sobre qual era a realidade do LEANI, o livro foi de certa maneira um feixe de luz, né? Um lugar para começar. Então, eu olhava as unidades e via o que tinha de ideia ali, o que o aluno precisava abordar, já que tinha um livro, né? O que eles precisavam trabalhar... E dali eu buscava outras fontes mais atualizadas. Eu geralmente não trabalhava com o livro do início ao fim. Como eu não tinha muita experiência, né? E essa noção do que o LEANI engloba em relação às outras disciplinas e como fazia essa comunicação do inglês com as outras

disciplinas... Eu fazia isso, olhava qual era o assunto da Unidade. Olhava outras coisas também do livro e se fossem interessantes, algum estudo de caso, alguma outra coisa mais pontual, eu até usava. Mas em relação, assim, ao mais robusto mesmo do assunto... Eu buscava em outras fontes. Porque eu acho que o livro, o livro ele se desatualiza primeiramente. Eu nem sei de que ano era aquele livro. O livro não trabalha com materiais autênticos, é tudo forjado, preparado para um livro que vai ser distribuído para vários países. E eu acho que o aluno precisa estar assim, constantemente trabalhando com o que é atual. Com o que é mais próximo da realidade do mundo hoje. Então, a gente trabalhou ali com algumas coisas, que os alunos às vezes me davam um feedback interessante. Por exemplo: “Olha, essa empresa que a gente trabalhou é interessante!”. Não sei se a (*nome AP4*) lembra que a gente trabalhou com uma empresa de venda de óculos, que foi muito legal! A gente trabalhou com essa proposta de... Eles eram super bem sucedidos, eles eram amigos de faculdade e cara esqueceu os óculos no avião e não tinha como comprar outros porque era muito caro. E a gente sabe que óculos é carinho! E dali, nasceu um grande e bem sucedido negócio! A gente trabalhou com umas coisas assim, de fato!

PP: É interessante fazer essa jogada com o, é, associar, né? O livro com a realidade, assim, vai longe!

PI2: É!

PP: É, diz pra mim da sua formação em LinFE, como é que você encontra LinFE na sua vida? Como é que foi esse encontro? Você realmente trabalha com esses pressupostos de LinFE? É, como é que foi essa sua vinda aí... Eu acho que até hoje você trabalha com Fins Específicos, né?

PI2: É...

PP: Mas conta pra gente, como foi a sua história!

PI2: Bem, eu comecei a estudar sobre o assunto na verdade quando eu comecei a me interessar por, é, por concursos federais. Porque muitos deles, há uns anos atrás, trabalhavam bem mais com LinFE, no edital, né? Com os conteúdos que apareciam no edital. Eu, é, tenho amizade com a (*nome da professora*), com (*nome do professor*), com a (*nome outra professora*), que eram pessoas que eu me espelhava quanto profissional... E que me ajudam até hoje, (*nome de uma professora*), então super companheira, super amiga! E dali nasceu a curiosidade... do que era Inglês para Fins Específicos, no caso agora Línguas para Fins Específicos! E na especialização na (*nome de universidade pública*), eu tive uma disciplina só com esse assunto! Então, deu pra dar também uma melhorada, né? No meu conhecimento... Mas em termos de uso de fato, eu não posso dizer assim... Que eu tenha experiência ou muita experiência na aplicação do LinFE, porque embora seja algo que eu li bastante sobre o assunto, é algo assim... Difícil, né? Vamos dizer assim, de colocar em prática, você de fato praticar! Então, como vou explicar? Eu tenho muita teoria mas não sei se de fato na prática se o que eu faço é LinFE. Como por exemplo, hoje a minha linha de pesquisa é a prática exploratória, não sei se vocês têm algum tipo de conhecimento acerca dessa abordagem! E também, às vezes eu me pego nesse mesmo questionamento “Será que o que eu estou fazendo com meu grupo de pesquisa é prática exploratória?”. Então, eu linko e cito da mesma maneira! Então, eu acho muito útil, porque você trabalha com o ensino dentro de uma finalidade, dentro de uma proposta específica. E, aí eu vi que no questionário também perguntava se eu cheguei a aplicar algum tipo de questionário, alguma coisa nesse sentido pros alunos! Eu não cheguei a fazer esse tipo de trabalho com eles, porque por conta desse pouco tempo que foi... Eu estava trocando o pneu do carro com o carro em movimento. O carro já estava andando, então, você entra tentando já estar fazendo algum tipo de trabalho e eu não consegui, né? Naquele momento, fiz um questionário porque eu queria entender que lugar era esse em que eu estava, primeiramente.

PP: É, sobre LinFE, assim, o pilar principal é análise de necessidades, né? Então assim, se você faz análise de necessidades... E a consciência do aluno, né? O aluno precisa saber também porque ele está aprendendo a língua, porque você está ensinando aquilo ali, o que aquilo ali tem a ver com a realidade que ele vai atuar... Então, assim, porque realmente LinFE é muito complexo, né? Como você falou, é muita coisa! Se você vai pelo pilar da análise de necessidades e se seu aluno tem consciência do trabalho que você está fazendo, isso aí já é meio caminho andado, já é LinFE! (risos)

PI2: (risos) Bom!

PP: Então assim, muita coisa que se faz é LinFE e as pessoas às vezes nem sabem, nem se dão conta, de verdade!

PI2: Uhum...

PP: De como seria, né? É um trabalho grandioso e trabalhoso, mas é por aí, o caminho é esse! (risos). É, você não passou questionário. Você disse que não passou questionário para os seus alunos, né?

PI2: Não!

PP: Mas você teve alguma conversa? Porque às vezes, assim, a gente não tem tempo de fazer análise de necessidades por questionário, analisar aquilo tudo, você chega lá e... Conversa com o grupo e tenta levantar essas necessidades com o grupo. Então, não teve questionário mas teve algum outro movimento para tentar levantar essas necessidades?

PI2: Sim, eu costumava conversar bastante com eles, né? Não sei se (*nome AP4*) lembra de alguma dessas conversas, que a gente abria assim... O que era necessário para eles, se aquilo que a gente trabalha tivesse alguma conexão com aquilo que eles viam em outras disciplinas, né? Então, esse tipo de negociação a gente fazia sim!

PP: É, porque às vezes já é uma análise de necessidades. Às vezes você não tem tempo de fazer aquela análise tão, né? Que a gente se cobra, aquela análise perfeita...

PI2: Uhum.

PP: Mas a gente consegue trazer uma coisa, né? É nessa conversa com os alunos e com os grupos... Você conseguiu perceber essas necessidades de aprendizagem desses alunos?

PI2: Agora assim, de cabeça, eu não lembro de muitos detalhes, né? Eles às vezes usavam esses momentos também pra desabafar um pouco sobre as angústias deles (risos). Às vezes, não vinha necessariamente uma resposta objetiva mas falavam sobre alguma coisa que eles estavam vivenciando na graduação que pra eles estava pesado, né? Que eles estavam tristes, estressados ou estavam cansados, sobrecarregados, né? Enfim, várias coisas dessas conversas... Mas, especificamente, assim, o que eles apontaram eu não teria como te dar uma resposta hoje que eu te desse certeza do que eu estou falando (risos).

PP: É porque às vezes eles trazem: “Ah, o professor fulano tá trabalhando tal coisa, assim, assim, assim...”. Eu percebia esse movimento, quando eles percebem que você está tentando puxar alguma coisa, eles muitas vezes fazem esse movimento de trazer pra você que o professor fulano, lá de administração, está trabalhando isso, assim, assim, assim... E aí, você tenta fazer esse gancho, né? Esse link. Você chegou a fazer alguma coisa com o (*nome P2*), não chegou?

PI2: Sim! Essa questão que você falou que eles fazem o link, eles fazem... Tanto é que às vezes a gente vai fazer um trabalho, ou alguma atividade, e aí eles falavam: “Ah, isso aí o professor tal tá trazendo” e alguém falava assim: “Ah, eu tô com dificuldade de saber o que fazer...” e respondiam: “Mas como? Você já tem o trabalho pronto de outro professor! Já fez isso com outro professor, é só a gente fazer a adaptação, né? E a construção em inglês”. Então, eles faziam de fato isso! E nós fizemos um trabalho em conjunto, né? O professor (*nome P2*) e eu, em relação a uma simulação e cada um tinha um papel, cada grupo, turma... E fizemos uma simulação específica e por conta de um assunto sobre minas, né? Foi uma simulação.

PP: E como é que você avaliou esse trabalho?

PI2: Olha, o trabalho em si fica um pouco difícil... Vou colocar aqui a minha questão, quanto professora que não tinha uma compreensão, vamos dizer assim, global ou mínima do que o outro professor faz. Eu acho que eu teria que ter um pouco mais de noção, né? Do que aquela disciplina está trabalhando ou qual é a proposta, enfim... Pra que eu também pudesse ter uma avaliação do trabalho, não somente por questões linguísticas, questão de avaliar o que foi escrito ou como foi escrito, qualidade do que foi escrito, mas de fato entender o contexto, né? A gente trabalhou com um trabalho escrito, eles fizeram um trabalho escrito. E eles fizeram também, alguns podcasts! Então, eles trabalharam a oralidade através desses podcasts e falavam como se fosse um programa jornalístico, tratando do que foi tratado com o professor do trabalho! As várias visões dentro daquela realidade ali.

PP: Mas o feedback dos alunos foi positivo? O que você achou do retorno deles?

PI2: A princípio, eu achei que eles ficaram um pouco confusos, né? Porque eles dependiam também de algumas questões de organização do outro professor. Então, eu ficava naquela dependência do que havia sido combinado com o outro professor, pra eu poder ver como isso poderia se materializar para a minha disciplina, né? Então, a princípio, ficou assim... Eles ficaram confusos, ou aguardando algum feedback do outro professor para poder dar o próximo passo. Mas eu acho que de certa maneira, para eles também teve pontos positivos porque eles puderam aproveitar e trabalhar não somente com a disciplina do professor (*nome P2*)... Mas ver como isso poderia se materializar na outra disciplina que era inglês e o que poderia possivelmente, né? Eles usarem num contexto real.

PP: E, nesse tempo que você ficou no LEANI, nesse período que você ficou no LEANI, se você tivesse hoje que propor alguma coisa... Vamos fazer uma proposta de ensino de inglês, como é que

você desenharia essa proposta? Mesmo com a sua pouca experiência, com o que você vivenciou e com o que você percebeu, como é que você desenharia essa proposta, assim... Como é que você faria um percurso, não que ele siga exatamente aquilo, né? Mas o desenho geral na sua cabeça, como é que ele fica, como seria?

PI2: Bem, quando eu me deparei com essa questão, né? Eu pensei: “Nossa, isso é uma grande responsabilidade!”. Você propor alguma coisa, né? Mas, então assim, com toda a humildade, vou tentar então dizer assim com a minha experiência o que talvez pudesse ser proveitoso. Eu acho que uma das coisas mais importantes seria ver haver um diálogo entre as disciplinas. Porque como eu vou ajudar o meu aluno sem saber o que o meu vizinho está fazendo, né? Tentar dar um sentido para o que o meu aluno está fazendo, tentar dar um sentido, sair das páginas frias do livro e ir para algo real! Que ele pudesse se engajar, que ele pudesse colaborar, que ele pudesse vibrar pelo o que ele estava fazendo sem necessariamente eu entender que universo é esse... Então, acho que o professor que foi do LEANI, especialmente porque aqui estamos falando de professor de línguas, ele entender que universo é esse, né? O que acontece muitas vezes quando você tem um professor que é contratado é porque quando a pessoa começa a entender já é a hora de ele ir embora, de ele sair. Então, isso é algo que é um pouco prejudicial para os alunos. Mas para vocês, que são da casa, você, (*nome PI3*), possam contribuir... Acredito que a primeira coisa seja entender que universo é esse, e isso vocês sabem bem. E se for o caso de adotar o livro, hoje eu faria da mesma maneira, se fosse pra adotar o livro eu permaneceria com o livro apenas a título de noção de assuntos, que assuntos permeiam o LEANI? Porque aí eu poderia buscar em outras fontes e construir materiais de acordo com a realidade deles, né? E mesmo construindo o material, cada turma é uma turma, né? Pode ser que a turma do inglês V não tenha a mesma vontade de aprender que a turma do inglês VI... Enfim, cada turma tem a sua realidade. Em termos da disciplina de Cultura foi outro grande desafio, depois que eu terminei a disciplina naquele semestre eu falei: “Meu deus, faria muita coisa diferente!” se eu começasse de novo, né? Porque a gente começou ali naquela questão mais experimental, com o que tinha e avaliou o que tinha na ementa e tiramos algumas coisas porque já tínhamos um feedback dos alunos de que estava muito voltado para literatura. Então, mesmo com algumas alterações que foram feitas, a disciplina ainda pode ficar muito melhor. Pode ficar muito mais próxima da realidade do aluno.

PP: Você lembra quais foram as sugestões, assim, dos alunos, o que eles conversaram sobre cultura?

PI2: Na verdade, esse feedback da parte de literatura foi a coordenadora que havia me passado, né? E quando nos sentamos para discutir a ementa, minha primeira aula foi uma aula de apresentação e de discussão da ementa. Perguntei se eles conheciam a ementa, né? Porque seria o primeiro passo, né? Entender que lugar é esse... E aí, eles foram discutindo e entendendo o porquê ou não do que eles tinham que trabalhar, né? E aí, tinha lá um dos assuntos era Shakespeare. Então, a gente tirou Shakespeare. A gente foi vendo algumas coisas que estavam na ementa e fomos fazendo algumas adaptações. Entraram países novos que não estavam nem ali sendo considerados! Teve um grupo que quis fazer sobre um país específico! Houve discussão, por exemplo, sobre cinema! País que não entrou em filme estrangeiro porque tem o inglês como a língua 1. Enfim, nossa, foi rico! Cada um foi trabalhando com algo que de alguma maneira tinha interesse da parte deles.

PP: E aí, uma pergunta mais minha... Não está no roteiro de entrevista, né? É, se você tivesse hoje que falar da sua experiência de Nova Iguaçu e da sua experiência dentro do LEANI, o que você vê de diferente?

PI2: Olha, são dois universos, né? Muito diferente! Eu sou outra pessoa também, né? Eu creio muito nessa perspectiva do professor em construção, eu estou em construção! Então, quando eu olho para a minha experiência em Nova Iguaçu eu era uma professora que aprendeu muito com o Ensino Médio... E quando eu fui para o LEANI eu enfrentei outros desafios, né? Com uma outra maturidade, vamos dizer assim, com um pouco mais de conhecimento, um pouco mais de coragem... Porque ensinar na graduação é assustador! Mas, eu acho que são suas perspectivas bem distintas.

PP: (*nome PI2*), queria te agradecer! Queria saber se a (*nome AP4*) tem alguma pergunta.

AP4: É, eu não sei se eu perdi ou se me distraí só... Mas a questão do projeto que você fez com o (*nome P2*) e com a turma, foi algo que partiu dos alunos? Como surgiu a ideia do projeto?

PI2: Na verdade, foi uma dica da própria (*nome PP*), (*nome PP*) deu a dica...

PP: Ah, eu nem sabia!

PI2: É! Eu comecei a conversar com o (*nome P2*), já que a minha aula era também tinha esse gancho que foi positivo! Eu aguardava o (*nome P2*) sair da sala para eu poder entrar. Então, ali a gente acabou

conversando um pouco e trocando uma figurinha. Olha que coisa interessante! O (*nome P2*), ele trabalha com os alunos um livro sobre etiqueta no mundo corporativo, né? Sobre essa questão da cultura no mundo corporativo. O (*nome AP2*), até me enviou depois esse livro para que eu enviasse para a próxima professora, né? Que eu nem sei, tadinha, se ela vai conseguir ir por conta da pandemia a coisa ficou meio estranha! Então, o que acontece? Olha que coisa interessante, a gente tá ali com riqueza de conteúdo, com riqueza de coisas a trocar e a gente não troca. Não foi o (*nome P2*) que me falou: “Olha, eu tenho esse livro! Que inclusive está em inglês e que talvez fosse útil pra você!”. Foi em uma troca de conversa entre os alunos, o (*nome P2*) falou assim: “Ih, isso aí que você está dando sobre comportamento e tudo mais... Isso aí a gente viu com professor (*nome P2*)! Em tal e tal livro”. E aí, depois, não dava mais pra usar ali naquele momento, mas depois eu perguntei ao (*nome P2*) e ele me mandou. Tanto que, assim, é uma coisa que passa... Passa e você acaba perdendo a oportunidade de enriquecer, de repente!

PP: Então, (*nome PI2*), muito obrigada!

PI2: Que isso, passei vergonha (risos).

PP: Brigada, te agradeço. Muito bom falar com você!

PI2: Brigada, vocês, foi ótimo!

PP: Eu acho que, teu trabalho foi muito enriquecedor para o LEANI, foi muito bacana, você fez um trabalho com Cultura que a gente sabia que precisava dar uma mexida e você mexeu! (risos). Acho que foi bem legal! A gente super agradece! E, muito provavelmente eu é que vou precisar de ajuda em cultura, com você! (risos).

PI2: (risos). Não, isso que eu ia falar! Se você na próxima turma quiser eu tô a disposição para ajudar!

APÊNDICE V - Transcrição da entrevista – PI3 (Professora de Inglês da Coordenação de Línguas Estrangeiras que colaborou no LEANI)

PP: Então, (*nome PI3*), primeiro queria te agradecer por aceitar o convite. Você sempre topa tudo! (risos) E é ótimo, né? Trabalhar assim! Então, primeiro eu queria te agradecer por participar da entrevista, da pesquisa... Que pra gente como um todo é muito importante, né? Enfim, em segundo lugar queria te falar do termo de autorização e consentimento... Ali a gente coloca os objetivos da pesquisa e coloca também, assim, que a gente vai respeitar o anonimato e que os dados só serão publicados cientificamente ou ajudar a gente a construir alguma coisa dentro do próprio LEANI, tá? O que eu tenho frisado pras pessoas é que tanto o CEFET, o curso CEFET, quanto o LEANI são citados na minha pesquisa. Porque eu acho muito importante a gente informar ao leitor de onde vem o LEANI, como o LEANI veio parar dentro de uma instituição tecnológica que tem aí uma história com as engenharias, né? Com os cursos mais relacionados às áreas de exatas. Então, assim, é possível localizar o LEANI dentro do CEFET, porque o CEFET é citado. E o LEANI, claro, até porque é uma pesquisa dentro do curso e a gente cita também, tá bom? Então, agradecer, o termo e claro, como eu já te falei respeitando aí o anonimato! A (*nome AP4*) faz parte de um grupo que me acompanha na pesquisa, eu agradeço sempre ao grupo. Eu acho muito importante ter a participação dos alunos, porque esses alunos conhecem muito mais as áreas do que eu, né? Eles estão em sala de aula e eles têm muito a contribuir. A ideia é que no final nós tenhamos um trabalho colaborativo. Tá bom?

PI3: Tá certo, (*nome PP*). Eu agradeço o convite e a oportunidade porque a princípio eu não sou uma professora da graduação, né? Eu sou uma professora do ensino médio! Então eu agradeço demais, é, a receptividade que o LEANI tem, os discentes... E você, que é com quem eu converso mais. E ter essa oportunidade diferenciada! E agradeço pela participação e é uma honra participar de uma pesquisa acadêmica que... A sala de aula é um cenário muito propício e só ali que a gente vai encontrar as respostas, e as respostas na verdade que a gente acha que nós temos na cabeça não são bem as que nós temos na cabeça... Só vai descobrir se pesquisar, né?

PP: Claro...

PI3: Ouvir as pessoas e eu que agradeço!

PP: Então, assim, eu enviei um roteiro para você, eu vou seguir esse roteiro e a medida que você for me respondendo, é, eu depois no final de cada resposta vou fazer uma indagação se me gerar alguma dúvida. Vou pedir, (*nome PI3*), que primeiro você fale da sua formação acadêmica, resumidamente, assim né? Mais, assim, graduação, as suas especializações, pós, o que você fez?

PI3: Bem, eu me formei em letras, por incrível que pareça, português e inglês mas nunca lecionei português, sempre foquei no inglês. E eu tenho uma trajetória de 36 anos de magistério, sempre trabalhando em sala de aula. A princípio em escolas, depois em cursos de inglês e depois em serviço público. É, então, eu fiz a graduação em letras e comecei na (*nome de universidade privada*), porque eu era atleta da (*nome de universidade privada*) e eu tinha estudo de graça lá. Então, eu continuei mas eu não gostei da universidade... Eu queria uma coisa a mais, então, eu tentei uma transferência pra (*nome de universidade pública*), consegui. Terminei na (*nome de universidade pública*) a graduação e na verdade eu fiquei fazendo matérias ainda na (*nome de universidade privada*), porque eu gostava muito da equipe do esporte! E aí, depois eu fui pra (*nome de universidade pública*), terminei na (*nome de universidade pública*) e lá eu, um tempo depois, numa especialização... Mas como eu trabalhava muito eu não consegui terminar essa especialização! Tentei um tempo mais tarde e terminei a especialização, foi quando até conheci o INEA, né? Depois dessa especialização eu trabalhei, eu trabalhei muito, muito mesmo. Basicamente em cursos... Foi quando eu fui demitida da (*nome de escola privada de idiomas*) e eu fui pra uma escola que tem aqui na (*nome de bairro da cidade do Rio de Janeiro*) que tinha como proposta pedagógica a interdisciplinaridade. Aquilo ali era louco pra mim, eu não entendia nada daquilo que eles estavam falando. Eu tinha que fazer um projeto interdisciplinar, não sabia o que eu fazia... E aí, eu fui buscar o caminho do mestrado. E aí, eu fiz o mestrado na (*nome de universidade pública*) com a professora (*nome da professora*) e aprendi demais! Foram dois anos muito, assim, intensos de aprendizado! Porque eu estava longe da Academia há muitos anos e tive toda uma trajetória! Depois disso, meu mestrado terminou em 2005... Eu fui mandada embora da (*nome de escola privada de idiomas*), e eu pensei que seria mandada embora do meu outro emprego... E aí, eu resolvi, é, fazer a prova para o CEFET, que eu vou falar um pouco mais pra frente sobre essa prova! Etapa por etapa, mais detalhadamente! E agora eu fiz o meu doutorado, que eu terminei há 2 anos! Também na (*nome de universidade pública*), com o mesmo programa interdisciplinar de linguística aplicada. E a minha

especialização, meu mestrado, meu doutorado estão todos dentro do mesmo escopo de linguística aplicada. A linguagem e o contexto vivo! Então eu sou uma especialista, uma mestre e uma doutora em linguística aplicada.

PP: Diz pra mim quando é que você terminou a sua especialização na UFF.

PI3: Olha só, eu terminei quando estava grávida do (*nome do filho*). Teve uma greve e faltava uma matéria, eu estava com a barriga enorme e eu fui parada na ponte uma vez! Uma vez o cara disse que eu não poderia dirigir mais e disse “olha, eu vou rebocar seu carro se você continuar dirigindo grávida!”. E aí, só faltava uma matéria só e a professora (*nome da professora*) me disse “Olha, faça esse trabalho em casa e me manda por correio, amamenta, tenha o seu filho.”. Então, o ano foi 2000... Então eu terminei em 2002 e terminei remotamente! Porque eu tinha que ter o meu filho e demorou 12 horas pra nascer, viu? Então, ali eu fiquei especialista em mãe e em linguística aplicada (risos), foi onde eu comecei a minha trajetória, mas foi muito bom o curso. Mas esse curso de especialização ainda tinha um foco muito grande naquela visão de linguagem que tem no curso de inglês da (*nome de escola privada de idiomas*)! Então, parece que Deus já fez o negócio, assim, de uma forma... Que foi me preparando para eu me desprender um pouco daquela linguagem, daquela ideologia de linguagem onde talvez a gramática teria que ser contextualizada, mas a gramática era muito importante... Tinha que ter gramática! Né? Então, eu fui aos poucos saindo dessa ideologia linguística. Eu tive um desmame, eu diria assim.

PP: Tá, agora diz pra mim, assim, você chegou a falar dessa sua trajetória profissional, né? Antes de chegar ao CEFET você trabalhou na Cultura, trabalhou na escola...?

PI3: É, eu dava muita aula, muita aula mesmo. Eu trabalhei no Estado, eu trabalhei em muitas escolas particulares da Zona Sul: (*nome de quatro escolas privadas de educação básica*), assim... Eu era muito especialista no ensino médio, gostava do trabalho no ensino médio! Quando eu vim aqui pra (*nome de escola privada do ensino básico*) a (*nome PII*) chegou a fazer a pesquisa dela na minha aula. E aconteceu um fato muito interessante porque os alunos faziam muita bagunça na minha aula. E eu precisava arrumar uma forma de eles prestarem atenção na minha aula! E eu comecei a pensar intuitivamente, eu comecei a fazer o caminho de inglês para fins específicos sem saber o que eu estava fazendo! E isso é incrível! E a (*nome PII*) assistiu minha aula, eu não era funcionária do CEFET, ela já era funcionária. Eu conheci a (*nome PII*) no mestrado, junto com a (*nome da professora*). E a (*nome PII*) me disse no final, do que ela assistiu das minhas aulas, ela disse “Olha, vou te dizer uma coisa: Se você fizer esse tipo de aula para uma prova oral no CEFET você está no caminho certo! Se aprofundar mais nisso aí.”. Aí, eu fiquei com aquilo “se aprofundar mais nisso aí” porque... O que eu tinha que fazer pra me aprofundar, né? O que eu tinha que resolver? Parecia uma dica que me deram, tipo: “Fica esperta que você está no caminho certo!”. Mas o que acontece? Eu parti da prática para a teoria! Eu fiz o caminho contrário e eu sou muito grata! Entendeu? Então, é fantástico isso! Eu acho assim, algo tão de Deus, essa coisa de eu ter feito essa trajetória dessa forma. Porque aquilo já estava sendo preparado na minha cabeça de que eu precisava sair do serviço privado para eu entrar para o serviço público. Para conseguir ter uma manutenção financeira, para ter uma coisa segura... Para quando pudesse, fazer o que eu sempre acreditei, né? Que era fazer uma ideologia linguística diferente sem que seja um trabalho específico e aquela coisa dentro do quadrado e que não envolvesse leitura crítica... Que na época até envolvia mas era algo muito empacotado, entendeu? Então, assim, essa minha trajetória foi bastante curiosa! A (*nome PII*) me deu essa dica e ali eu já estava fazendo mestrado. E assim que eu terminei o mestrado eu fiz um curso... E aí através do INEA apareceu um curso para o LinFE lá de (*nome de município da Baixada Fluminense*), com a (*nome da colega*) e com a (*nome da outra colega*). E nessa época a (*nome professora substituta*) era professora substituta lá e eu fui fazer o curso, meu primeiro curso para fins específicos. Que na época não era LinFE, era ISP. E eu falei “Eu preciso fazer esse curso!”. E eu fui fazer esse curso e foi muito bacana, foi assim, pode dizer que foi o pilar principal que abriu portas para que eu começasse a saber por onde que eu ia, que texto eu ia ler, por onde eu iria transitar... Como seria a coisa! Mas o que me ajudou muito foi que eu comecei a dar minhas aulas aqui na escola, aqui na (*nome de escola privada do ensino básico*) ... Porque quando eu pensei em mudar as coisas, porque os alunos precisam prestar mais atenção na aula porque eles não prestavam! Mas na verdade eu comecei a passar, vamos chamar de estratégia embora o nome não seja muito legal... Não é um nome que eu goste muito, é um nome muito positivista, né? Mas, é estratégia para eles fazerem a aula de inglês, eles comecem a utilizar as estratégias que eu ensinava na prova do vestibular! Que naquela época nem o ENEM era, era outro tipo de vestibular, entendeu? Então, tinha um vestibular na (*nome de universidade pública*), um vestibular na (*nome de outra universidade pública*)... E um dia uma menina da sala me disse “Professora, eu utilizei uma das estratégias que você ensinou na sala de aula na prova de geografia!” e aí me deu um estalo e eu falei “Cara! É isso! Eu preciso investigar mais!”. Mas aí tinha uma trilha muito grande pela frente, mas aí eu fui caminhando, caminhando, mas o fio é um tecido muito contínuo e cada vez parece que a rede aumenta mais, entendeu? É, umas coisas,

assim, que eu acho que você precisa olhar pra sua profissão, olhar pra sala de aula e perceber naquela sala de aula oportunidades para você ampliar a sua capacidade profissional e o seu desempenho e a produção sempre colaborativa dos alunos! Então, dicas de colegas, dicas de alunos, sempre foram muito claras na minha opinião. Sempre observei muito o que as pessoas me falam... Enfim, eu acho que eu respondi a sua pergunta!

PP: Sim, deixa eu só te fazer uma pergunta já que você já falou da dica da (nome PII) e tudo mais... Só pra eu... Você disse que ela não especificou muito o que seria, disse que seria um caminho! Que a sua aula estava a caminho. Agora, você lembra mais ou menos no que você baseava aquela aula?

PI3: Lembro, porque mudou minha vida! Naquela época tinha um retroprojeto com uma transparência onde eu fechei o que eu ia trabalhar, e partir pra figura... E na figura a gente foi fazendo um mapa mental e eu consegui engajar os alunos e mudou totalmente o comportamento dos alunos! Porque eles sabiam falar inglês fluentemente, era uma escola de gente rica na (*nome de bairro da cidade do Rio e Janeiro*). Todo mundo tinha (*nome de escola privada de idiomas*) e todo mundo sabia falar inglês! Então, eu ensinar inglês não era... Eu preciso ir além disso! Então, eu fechei o texto, eu mostrei a figura, fiz um brainstorm! Botei eles em grupos, e aí, por exemplo, eu fazia grupos A, B, C e D e depois eu mesclava um do A, outro do B, outro C. E isso na verdade, eu tô ainda com a história do curso de inglês, porque a gente não pode totalmente eliminar o que aprendeu, né? Porque somos uma trajetória! A gente pode, digamos, ressignificar a nossa ideologia linguística mas algumas práticas ficam na nossa cabeça. Mas eu fiz esse trabalho de brainstorm a partir dali eu fui perguntando. Aí, eu perguntei pra eles para qual público seria aquela figura, em que ano eles acham que havia sido publicada, em que ano e porque eles achavam aquilo, se eles fossem escritores ou jornalistas onde eles colocariam aquela figura... E eu fui instigando o conhecimento desses alunos. Porque eu acho que isso é muito pouco aproveitado na escola! Tipo assim: O cara não sabe inglês então o problema é dele! Mas ele tem uma história, né? Então ele pode usar essa história. Eu, aqui, me dava ao luxo de fazer tudo em inglês porque na escola todo mundo sabia inglês, né? Mas eu às vezes eu dava umas coisas em português também, fazia lá uma mistura! E aí, a partir disso eu mostrei o texto e perguntei se as expectativas que tínhamos discutido se estavam ligadas ao que discutimos previamente, ao vocabulário que eles levantaram, se eles fizeram algum tipo de previsão... Então, é, eu fui ali, é, trabalhando e uma série de fatores! Depois, a gente fez umas atividades... Eu queria passar uma aula sobre estratégias de leitura, embora eu não goste desse nome “estratégias”. Queria até encontrar outro nome para dar para isso aí. O meu objetivo final seria eles conseguirem ler uma prova de biologia ou geografia na prova do vestibular, com o pouco tempo, e o que eles podem usar da aula de inglês aí. Na verdade, esse objetivo veio depois! Então, assim, a aula foi fluindo de forma muito agradável, tínhamos dois tempos de aula, bastante tempo... A escola muito confortável, ambiente muito confortável, com tudo que eu queria ter e assim, foi... Foi bacana também no ponto de vista de que os alunos começaram a trazer uma série de vocabulários que estariam ligados a aquele campo semântico! E aí, vimos campo semântico... E depois as aulas, conforme eu fui fazendo mais para frente, começamos a falar sobre fato e opinião! Que era uma coisa muito importante pro vestibular deles, não só de inglês mas em outras matérias. Então, eu fui fazendo uma trajetória da importância de todas as matérias trabalharem juntas. Mas eu não tinha essa noção no início, vim ter depois... Então, assim, foi basicamente uma atividade que eu não me esqueço! E começou ali, porque a (*nome PII*) não fala muito (risos), é igual a mim... Muito calada. Então, é, aquilo ficou no ar e eu catei e falei “É por aqui que eu vou!” e foi muito interessante! Foi, assim, muito marcante, super legal!

PP: E quando foi isso? Você lembrou do ano?

PI3: Bem, caramba...

PP: Mais ou menos?

PI3: Eu teria que perguntar aqui pra (*nome PII*) quando foi que ela defendeu o doutorado dela, porque foi na época do doutorado da (*nome PII*). Deixa eu fazer as contas aqui, não me lembro... Já tô há 10 anos no CEFET... Eu creio que a (*nome PII*) deve ter sido em 2016...

PP: Acho que a (nome PII), eu tenho a entrevista dela, acho que foi de 2010-2014.

PI3: Ah, então foi isso, foi a época que ela assistiu minha aula. Ela gerou os dados na minha sala de aula. Depois até li a tese dela, bem interessante. E aí eu fui fazendo uma releitura e a gente vai sempre aprimorando, né? Aquela aula ainda era uma aulinha inicial, porque depois veio muita coisa depois disso, porque a gente precisa estar sempre ressignificando!

PP: Claro, claro... É, (nome PI3), e o CEFET quando você começa? O que você faz além da sala de aula, quais são as suas atribuições? E o que mais lembrar...

PI3: Bem, eu entrei no CEFET... Eu estudei muito a teoria ESP pra entrar no CEFET. Eu tô há 10 anos, eu fiz uma prova que foi para dar aula em (*filial CEFET da Região Metropolitana do Rio de Janeiro*)... Que junto com a (*nome da colega*) que tirou em primeiro lugar, eu em segundo e a (*nome da outra colega*) em terceiro! E, eu e a (*nome da outra colega*) não fomos chamadas, só a (*nome da colega*) que foi para Nova Iguaçu, mas depois nós duas fomos chamadas para o (*filial CEFET da cidade do Rio de Janeiro*). Então, eu tô há 10 anos no ensino médio técnico integrado, porque o currículo é customizado! E atualmente está em 3 anos, porque antes era em 4 anos e esse ano passou a ser em 3 anos de novo...

PP: **Posso interromper, (*nome PI3*)?**

PI3: Pode!

PP: **Você entrou em 2010?**

PI3: Sim, porque eu estou indo para 11 anos de CEFET, eu acho que eu entrei em 2009.

PP: **Ah, porque eu entrei em 2010!**

PI3: Porque o que acontece é que, na verdade, eu entrei em janeiro... Foi em 2009, porque vou fazer agora 11 anos! Então, o que acontece é que antes de fazer essa prova para o CEFET, eu tinha feito uma prova para o LinFE que eu me ferrei, tirei uma nota muito baixa. Mas eu passava por aquele viaduto e dizia “Eu vou me aposentar nessa escola!”, entendeu? E eu resolvi focar na teoria do LinFE, atualmente, né? Então, eu entro no CEFET e fico nessa trajetória de professora, ficou um bom tempo nessa trajetória de professora... Depois eu fiz uma participação em um curso de pós graduação que nós temos, é, Lato Sensu. Eu dei uma matéria e orientei e participei de bancas, muito interessante! Porque eu orientei professores de espanhol, de francês... Então, eu já estava em um outro caminho. Eu acho que fiquei uns 3 anos nessa pós que o (*nome do professor*) criou. Ele criou muitas coisas legais para o CEFET, né? Então, ele criou essa pós e eu fiquei mais ou menos uns dois ou três anos, né? Depois eu tive que sair, porque eu fiquei em função do doutorado. O (*nome do professor*) depois veio a criar o LEANI, que foi logo depois da pós-graduação. Eu não sei exatamente o ano que começou o LEANI, você sabe me dizer?

PP: **2014...**

PI3: É, 2014... Então, foi, na verdade eu fiquei 5 anos fazendo doutorado, terminei há dois anos, em 2018, então, eu participei dessa pós. E então, eu pedi pra sair, fiz o meu doutorado, fiquei afastada da escola por 1 ano. Depois, no início do LEANI eu fiz uma participação inicial com a (*nome PII*), da escola eu acho, você não era do CEFET... Eu acho que você estava em (*nome de outra cidade da RMRJ*), não... em...

PP: **Estava de licença maternidade, 2014, primeiro semestre!**

PI3: Isso! Mas você também não era do (*nome de bairro da cidade do Rio de Janeiro*)...

PP: **Não, (*nome de outra cidade da RMRJ*).**

PI3: Então, eu e (*nome PII*), como tínhamos uma parceria muito boa, né? Embora o (*nome do professor*) tenha aberto a possibilidade para todo mundo do colegiado, só eu e (*nome PII*) que nos interessamos em participar! Porque achamos legal, gostamos da ideia, porque achávamos o espaço dentro do CEFET bacana! E aí eu participei de duas primeiras turmas, eu trabalhei lá durante um ano e meio... E aí, eu tive que sair por causa do doutorado! E aí, eu me afastei, foi quando a (*nome da professora*) veio e continuou com a (*nome PII*). Eu sou coordenadora, atualmente. Estou como coordenadora de inglês do ensino médio técnico e integrado há 3 anos, a minha gestão vai até 2021. Eu estou na segunda gestão, né? Porque a cada dois anos tem votação, né? E participo do LEANI, eu ano passado trabalhei com LEANI. Esse ano eu ia até começar a trabalhar com o primeiro ano, mas infelizmente houve essa confusão... E com a minha limitação respiratória fica difícil e com as responsabilidades que eu tenho, assumir isso tudo! E aí, infelizmente, eu não vou poder colaborar com o LEANI esse ano, entendeu? Então, a minha participação foi nos momentos mas eu deixo assim bem claro que o LEANI que eu participei no início é um LEANI totalmente diferente do LEANI que eu participei depois, na época que eu participei! Não lembro datas...

PP: **Vou te ajudar!**

PI3: Vamos fazer uma linha do tempo aqui! (risos)

PP: **2014 eu entrei no LEANI, no segundo semestre. Eu acho que no segundo semestre você não atuou. Fomos eu e (*nome PII*), mas antes desse seu retorno agora você voltou, lembra? Aí, é que eu não sei a época. Esse segundo retorno seu ao LEANI, que você deu aula, naquela turma... Acho que 2016!**

PI3: É, é! Lembrei!

PP: Em 2016 você volta, se eu não me engano, veja se estou errada, quando a (nome PII) sai pra ter neném!

PI3: Isso, é verdade! É verdade! Eu tenho... Na verdade eu fui cobrir (nome PII). E que também era um momento diferente, agora, voltando aqui... Na verdade são 3 momentos... O inicial, aí esse foi o momento mais rápido, porque na verdade eu só fiquei 6 meses. E depois eu volto de novo quando a (nome PII) vai embora para Florianópolis. Então, é 2014, depois 2016 e depois 2018.

PP: De dois em dois anos (risos).

PI3: Isso, de dois em dois anos... É a bienal! (risos) Mas o que acontece... Eu tinha terminado o doutorado, né? E aí as coisas melhoraram e eu gosto de trabalhar com a (nome da professora) e com a (nome PII), enfim. Tudo muito convidativo, né? Então, eu fiz aqui uma linha do tempo! Então, eu posso te dizer que 2014 era um curso que a gente não tinha a menor ideia do que deveria ser feito! A gente não sabia que livro escolhia, eu sentava com a (nome PII) e a gente conversava, conversava... E fomos construindo! O trabalho com a (nome PII) é um trabalho muito bacana! Assim como é com a (nome da professora)... Então, eu construí muito com a (nome PII), naquela época nos damos ao luxo de ter duas professoras por turma, entendeu? Então, eu tinha alguns alunos! Ela ficou com os alunos com dificuldade e eu com os mais avançados, né? E ali, era o curso que a gente não fazia a menor ideia do que é um livro inicial. Não lembro quando saímos do livro inicial, você lembra, (nome PP)?

PP: Acho que 2016! Porque a gente começou a perceber que o livro era muito voltado pra quem já estava atuando na área, né? E a gente muda o livro porque a proposta era muito densa para os alunos, né? Antes dele acho que foi trabalhado um livro de inglês geral, lembra?

PI3: A gente tinha um inglês... Na verdade a gente ficava numa cobrança muito grande que tinha que ter business, entendeu? Então, como a gente ainda não tinha muito nítido pra nós qual era a proposta, né? Nós vimos os slides todos, tentamos mas a coisa na verdade... A coisa quando começa perceber quais são os ajustes que você tem que fazer, como qualquer outro projeto. Uma palestra que dei ano passado, que o (nome de aluno) gravou, eu falo isso que o (nome do professor) quando idealizou fez isso muito bem! Mas, gente, todo projeto é aberto, precisa ser reformulado e pensado. Então, nessa terceira volta eu já venho com a corda toda, entendeu? Eu já venho já repaginada, já diferente... Até pelas conversas que eu já tive com a (nome da professora). Na verdade, de 2016 para 2018 eu senti uma diferença, mas não era algo como em 2014! Em 2016 parece que a coisa começou a gente ver ficar mais claro, e eu entro, fico com a (nome da professora) e vejo o que ela estava fazendo. 2018 quando eu entro já entrou já, não com a solução, mas com um olhar de "o que eu posso fazer com o que eu já tenho?". Com a ideia que eu tenho, entendeu? Se eu tiver falando muito, você me fala, porque se não...

PP: Quando você entra na coordenação?

PI3: Eu tô na minha segunda gestão, termina em 2021! Eu tô na minha segunda gestão agora, então, eu estou desde 2018. Eu entrei junto, na coordenação e no LEANI em duas turmas. Porque eu dava aula para a turma da (nome AP4) e dava aula para a turma número 1! E foi bacana porque essa turma de 2018.1 eu fui desenvolvendo umas ideias, umas coisas, assim bem legais, entendeu? Deixa eu lembrar aqui... Em 2019 foi quando eu fui fazer uma capacitação nos EUA pela (nome de programa de bolsas de estudo), é, de dois meses. Nos EUA, junho e julho. E eu aprendi uma coisa bem... Tipo cursinho lá, mas que eu adaptei a minha realidade LEANI. Para dar uma movimentada, porque o cenário LEANI quando você começa são 42 alunos em sala! São 42 alunos, você tem uns caras que não sabem nada e outros que não sabem nada. Um cenário que eu já conheço na escola em toda a minha trajetória, mas com uma diferença que agora eles querem ser profissionais. Então, eles têm uma coisa que os move mais. O objetivo tá mais próximo de quando estavam no ensino médio. Então, assim, 2019 foi um ano muito bacana, posso te dizer que 2019.1 eu já estava entrando no clima. E você veja como é que leva tempo, entendeu? O tempo de produção de um professor, de uma construção de uma ideologia linguística... Ele demora muito! E não demora porque as pessoas não tenham capacidade, mas sim porque necessita dessa observação, desse desejo, dessa vontade! E aí, eu tive, assim, a honra de ter 3 monitores super bacanas! Foram: (nome AP4)... Me ajuda com os nomes (risos).

AP4: (nome da aluna) e (nome de outra aluna)!

PI3: Isso! Então, nós colhemos frutos maravilhosos no sentido de dar voz a quem não teve acesso ao inglês. Porque, beleza... Temos que dar conta do LEANI mas temos que dar conta dessas pessoas que precisam, que não sabem inglês e a gente vai ter que trabalhar a gramática sim! Não vai ter jeito, de se trabalhar uma língua sem saber essa língua! Mas o que é interesse é o caminho do progresso... do nível que esse aluno tem que ter mas não tem! Então, o cara tá lá assistindo a aula e ao mesmo tempo a gente tá lá trocando a roda com o caminhão em movimento, entendeu? E foi assim, né? O exemplo daquele rapaz que não vou citar o nome,

porque não acho legal citar mas vocês sabem de quem eu tô falando... Mas não posso citar, porque isso é uma entrevista. É, mas foi um crescimento fantástico, foi assim... de um gostinho de vitória de todos nós! Entendeu? Da monitoria, minha, dele... Nossa, fantástico!

AP4: (*nome da aluna*)desenvolveu bem com ele!

PI3: (*nome da aluna*), não! As 3 fizeram...

AP4: Eu sei, mas to dizendo que a (*nome da aluna*) tratava diretamente com ele!

PI3: É, porque a (*nome da aluna*) talvez por personalidade era rígida com ele, né? Então ela ficava fazendo sabatina com ele, ela perguntava e ele com aquele olhar... Aquele olhar brilhando de querer saber e aprender. Então, era aquele desejo que move, entendeu? Então, que move um grupo e não só uma pessoa, um grupo quer mudar! Essa coisa de você querer ver um colega ser bem sucedido, porque na verdade eu tinha duas monitoras que eram voluntárias e uma recebia bolsa... Eu tenho considerações a fazer, essa monitoria mudaria se fizesse novamente nesse formato! Mas é como todo projeto, né? E eu não tinha muito tempo, confesso! Porque devido a meu cargo que ocupo, meu projeto principal é o ensino médio, mas o LEANI me ocupava muito mais tempo, confesso a vocês, do que o ensino médio. Porque as aulas são muito mais elaboradas, não estou me desfazendo do ensino médio, a questão não é essa... Mas os objetivos são diferentes, entendeu? E aí, eu acho que é isso!

PP: Eu vou perguntar algumas coisas. Vou passar para a segunda parte sobre a proposta do LEANI, a adoção do livro didático que a gente adota, né? Isso com todas as línguas, né? Mas aí eu gostaria que você fizesse observações sobre algumas coisas que você falou, né? Então, assim, você comentou da divisão de turma que foi feita lá no início do LEANI e eu queria saber, assim, você acha isso algo legal? Deveria ser feito novamente? Você falou da questão do desnível, do trabalho que as monitoras fizeram, né? Esse é o caminho pra gente trabalhar o desnível? Que em algumas turmas é muito grande, né, (*nome PI3*)? Tem turmas que não tem tanto, mas tem turmas que o desnível é bem grande. Então, assim, qual seria o caminho que você vê pra trabalhar esse desnível e aí você emenda na proposta do curso com... Você já falou bastante coisa, né? Mas o que você acha da proposta, dessa adoção do livro de Business que a gente tem.

PI3: Bem, então vamos começar pelo livro! Aquele primeiro primeiro livro era muito ruim! Era chato, a coisa não rendia, horrorosa... Esse segundo livro que nós usamos, o the business, ele não dá pra pincelar na íntegra! Nós fizemos no inglês I e II bastante, mas depois... Já deu, entendeu? Na minha opinião, eu acho que teria é que se tivesse que manter... Eu até acho interessante a manutenção de livro pelo menos até o nível II, mas daí pra frente acho que deveria ser um material criado! Porque na verdade o processo de criação demora muito! Tem uma série de situações que não dá pra ser ontem então, nós não podemos ser utópicos! Então, eu já engreno falando sobre a questão de ter dois professores em sala de aula com uma turma! Gente, isso é utópico! Se a gente levar em consideração que o LEANI tem falta de professor de inglês! O Ensino Médio tem 600 alunos sem professor de inglês, o LEANI tá sem professor de inglês! A situação não está boa e nós precisamos observar esse fato! Então, eu acho que nós devemos olhar a questão por outra perspectiva, o que temos pra hoje? Não dá pra dividir a turma. E, gente, vamos pensar... Será que é bom dividir turma? Será que se a gente trabalhasse essa questão da empatia, da ajuda? E até porque teve uma sacada muito legal, que acho que foi uma mudança bacana no LEANI, e eu não sei porque exatamente em que ano que ocorreu, que foi o processo de isenção! E que foi muito válido! Acho que isso tira o encargo do aluno, é, uma série de... O número de alunos diminui e você dá mais atenção! Então, essa sacada foi muito legal! Mas eu confesso que como professora, quando eu entrei em 2018, quando eu comecei a fazer as provas de isenção com a (*nome da professora*), tinha mudado o processo de isenção também! O processo de isenção também mudou porque foi um processo da (*nome PII*) e da (*nome da professora*), porque elas foram vendo como seria... Porque o processo de isenção, o cara pulava dois períodos direto e agora não, agora é por semestre! Eu levei um pouquinho de tempo pra entender isso! Mas, esse é o caminho! Eu aposto nisso, aí! Então, resumindo: Não acho que a turma deve ser dividida. Acho que o processo de isenção deve ser mantido na forma que é no formato que está! Está bem legal, é muito interessante! Aí você me diz “ah, mas o aluno vai ficar parado seis meses?” no melhor dos mundos poderia ter uma matéria eletiva de conversação, ou algo, pra manter fluência! Mas, a gente sabe que não temos docentes para isso! Mas isso seria uma ideia pra ficar lá, guardadinha na caixinha do sonho, entendeu? Vamos guardar essa ideia! Ou até fazer uma matéria que a (*nome PII*) já fez, baseada não só em gramática, mas a (*nome PII*) fazia um diálogo muito bom de gramática e conversação para os que não sabem inglês. É porque na verdade, como educadores que somos, mesmo que o aspecto não esteja na graduação, temos isso no sangue. A gente trabalha com a parte educacional, a gente pensa sempre no desprivilegiado! A gente pensa sempre no cara que tá lá com dificuldade, que não tem acesso... E vamos combinar, é a nossa função social! E o que é mais interessante, se você conseguisse ter uma oficina desse jeito... Seria bacana para os alunos que têm dificuldade! Porque a verdade é essa: o nível de inglês que o aluno precisa quando entra no LEANI... Pra quem não sabe inglês, gente, é punk! Eu fico com pena,

sinceramente! E faço o possível pra tentar melhorar. Então, eu já respondi a questão do livro, né? A questão da turma dividida, eu não sou a favor! Acho utópica no mundo em que vivemos! E você me perguntou o que mais?

PP: Peraí... Perguntei sobre a questão do desnível. Você chegou a falar alguma coisa sobre a disciplina que a (nome PII) oferecia... A gente na extensão acabou levando também, porque a carga horária de disciplina eletiva é muito pequena pra ajudar esse aluno! Então, jogamos para extensão. Mas, (nome PI3), surpreendentemente a Jorciane que ajudava com isso, né? A gente encheu a turma, o número de inscritos era de 60 e tantos no primeiro dia! A gente encheu a turma, mas conversamos com os alunos do primeiro lean. E sabe quantos alunos do LEANI nós tínhamos em turma? 4!

PI3: É...

PP: E desses 4, 2 nunca apareceram... Então, assim, essa questão do desnível é um trabalho mais efetivo! Porque até na própria disciplina da (nome PII), muitos faziam para cumprir carga horária e aí as pessoas às vezes se inscrevem em uma disciplina de inglês básico, sabem inglês, mas é pra garantir uma disciplina eletiva com nota alta! Então, acho que você falou dessa questão. Era desnível a divisão de turma e a questão do livro didático, né?

PI3: É, no melhor dos mundos, o ideal é que os professores de línguas... Inglês, espanhol e francês se juntem com os professores do ensino médio e a gente consiga montar um centro de idiomas. Para dar apoio a esse alunos, dar cursos, como o (*nome de curso de línguas de uma universidade pública*) ou algum projeto desses! Mas aí teria um objetivo diferente do LEANI, né? Mas agora, o fato é esse, (*nome PP*): Não está na grade, não leva nota, não adiante... Isso é uma questão cultural do Brasil! Não adianta dizer que é o aluno do LEANI, da engenharia, do odonto... É tudo igual! Se não estiver na grade e não valer nota, se colocar na grade só vai ter dois tempos semanais! Se você põe na extensão, você não dá nota e o aluno não vê importância! E quando ele...

PP: Não, você dá nota para garantir o certificado! Eles tem prova, eu adota até... É, esse livro que você gosta muito, falei com você... A gente adotava o material, mas incrivelmente assim... Eu não fiz nenhuma pesquisa, mas eu acredito de fato que é muito aluno da engenharia, talvez por não terem aulas de línguas muitos deles se inscreveram, essa é a minha questão! Mas acho que tem muita coisa envolvida também! Teria que ser um trabalho, assim para se puxar, né? Mas enfim! Eu acho que o trabalho da monitoria é, você que trabalhou direto com eles deve ter sentindo um feedback bem bacana!

PI3: Basta você ver que no ensino médio temos duas monitoras disponíveis e ninguém procura, uma de manhã e outra à tarde e ninguém procura, entendeu? Então, assim, isso é...

PP: Capítulo à parte! Sobre o LinFE, (nome PI3), você já tinha falado assim da tua formação, do curso que você fez, você lembra quando? Lá no instituto!

PI3: Bem, o concurso eu devo ter feito em 2008, 2007... Eu acredito que esse curso que você está falando do instituto foi o primeiro contato acadêmico que tive com o LinFE, né? É, deve ter sido por volta de 2007, 2006... Por aí! Foi o primeiro contato que eu tive, eu nunca tinha tido nenhum contato acadêmico de texto ou qualquer coisa, quem me apresentou foi (*nome do professor*), (*nome da professora*) e (*nome da outra professora*), que também trabalha comigo atualmente é a (*nome da colega*).

PP: Sim, é, depois disso você lembra de ter feito mais algum curso, lembra de ter feito mais algo na área?

PI3: Olha, só, participei de vários congressos na (*nome de universidade privada*), até com você e com a (*nome PII*), apresentei vários trabalhos lá... Qual o nome daquele congresso que a gente ia todo o ano? Que tinha sempre?

PP: Ah...

PI3: Ele nem tá mais no edital porque a (*nome de universidade privada*), não tá bem! Mas, assim, eu participei de muito congresso, muita palestra mas basicamente eu trilhei muito esse caminho solitário, eu lia muita coisa em casa! Na verdade, curiosamente, não tem nenhuma matéria na faculdade, mestrado ou doutorado, eletiva, que aborde esses pressupostos! Então, eu tinha isso como dicas que o (*nome do professor*) me dava, ele dizia "Olha, lê esse livro!". Então, como eu disse, o início da minha conversa... O meu par competente é o que faz eu caminhar, o meu par competente de Vigotski é muito importante pra mim, porque ele é quem me guia! São as pessoas que confiam em mim, que dão a dica e eu vou lendo naquele ritmo, eu vou vendo o que é preciso e vou estudando! Agora, curso, curso mesmo, só esse deles!

PP: Sobre o seu trabalho em sala de aula, você usa a abordagem de fins específicos? Né? Como é que você trabalha?

PI3: Bem, se eu trabalhar com turmas iniciantes de inglês. E, confesso a você que eu faço um mix, né? Porque na verdade eu preciso fazer um levantamento de necessidades, saber a proficiência desses alunos! Porque quando

começa esses alunos ainda não são exemplos, eles vão fazer ainda a prova para isenção! Então, eu faço utilização quando eu tô explorando as figuras, as estratégias de leitura, a utilização da esquemática do aluno... Mas eu preciso dizer que eu faço, recorro, a coisas da minha construção de professora de curso de inglês. Na (*nome de escola privada de idiomas*) eu fiquei 16 anos. Então, às vezes eu dou uma escapada pra isso mas que não comprometem a minha dinâmica em sala de aula e o meu comprometimento com o LEANI, né? Agora, eu utilizo a questão da coesão, da coerência, a marca do discurso, o valor semântico deles, todos os pressupostos que entram na ideologia linguística do inglês para fins específicos, eu procuro dentro do nível, tentar, é, encaixar! Porque como eu tenho uma sala híbrida, uma sala com vários níveis. É muita coisa pra dar conta, você tá entendendo? Então, teria que fazer um certo, eu diria malabarismo pra você dar conta, mas na minha opinião, o inglês para fins específicos facilita a vida de quem não sabe inglês, entendeu? Eu acho que dá uma sensação, eu até costumo usar um texto em Javanês... Eu boto o texto em Javanês e peço pra eles, e aí começo a explorar e pergunto “O que vocês estão vendo? O que é isso aqui? O que é aquilo ali? O que é aquilo outro?”. Enfim, eu faço dessa forma! Eu acho que ajuda muito o aluno que não sabe! Eu uso muito no ensino médio o inglês para fins específicos, mas estamos conversando sobre o LEANI, então, é isso que eu faço! Eu acho.

PP: Você falou que faz análise de necessidades, né?

PI3: Eu faço porquê, essa análise de necessidades eu acho fundamental. Embora eu já saiba o que é o LEANI, né? Mas, cada turma é uma turma, cada turma é de um jeito! Embora eu entenda que a forma de ser, outros não entendem... Então, primeiro eu tenho que entendê-los. Se eu não entendê-los como vou transitar, ali? Então, primeiro eu tenho ali um certo teste de proficiência! Mais um bate papo. Eu gosto de ter esse bate papo mesmo que seja nível 1, primeiro período... Eu gosto de ter esse bate papo em português pra que fique claro o nível que o LEANI pede, porque gente, será que o cara que se inscreve pra fazer o LEANI, apesar da propaganda faz, será que ele sabe qual o nível que ele precisa ter em inglês? É um garoto de 18 anos, gente, uma menina de 18 anos... Tá com a cabecinha louca pra entrar na faculdade, então eu gosto de avisar, falar da isenção, do que esperar. E fazer um levantamento do que eles esperam de mim também, né? Saber quais atividades eles gostam e olha gente, eles sempre acham que somos curso de inglês... A expectativa deles é que eu serei uma professora de curso de inglês, de (*nome de escola privada de idiomas*), eles olham pra mim e pensam “Ah, ela (*nome PI3*) então...” porque eu trago comigo uma marca, não adianta, gente! Tá escrito “inglês, curso...” eu acho que essa demanda só começa aparecer no LEANI lá mais pra frente, entendeu? Porque o cara vai ver que ele vai precisar de muito mais do que apenas a língua, é aí a aula começa a ficar repetitiva, começa a ficar chata... Por isso que eu digo “Até o inglês II, beleza!” Passou do inglês II a demanda do aluno parece mudar um pouco, é um feeling meu! Não tenho dados para provar isso! Nunca fiz pesquisa, mas acho que a (*nome PP*) já fez uma pesquisa sobre isso!

PP: Já! Deixa eu falar, (*nome PI3*), você já fez muito uso de inglês de fins específicos e tudo mais... Pelo menos na sua fala eu percebo muito o inglês voltado para a parte escrita e para a parte de leitura, e é, aquele... Né? A gente usou muito! A gente fazia muitos exercícios focados nisso e tudo mais. Assim, aquela visão mais ampliada! Como a gente tem de 2000 e pouquinho pra cá, focada em gênero e oralidade, você percebe? Porque, assim, o movimento até na conversa com outras professoras, eu percebi isso, a gente faz um movimento de LinFE não muito consciente que é LinFE de fato. Mas você entrou nessa questão, daquele trabalho que foi muito falado no CEFET que foi até aquele que a (*nome da professora*), ela mostra uma maneira de trabalhar com gêneros, né? Ela mostra, então, uma maneira de trabalhar com gêneros porque até então fica muito solto, e ela mostra como se poderia fazer esse trabalho de várias maneiras, aquela foi uma sugestão dela, eu acho! E a gente também tem maneiras de trabalhar a oralidade. Isso, assim, atendendo basicamente a necessidade do aluno e do curso, né? Então, assim, você se percebe nesse movimento também? Só te perguntando, assim, porque não está no roteiro, mas você tá falando muito das suas estratégias... Nesse movimento do aluno no vestibular, pro enem que seja! Eu trabalhei muito isso também com o ensino médio, mas você se vê também nesse movimento de LinFE?

PI3: Então, você citou aí a questão do gênero! O que acontece é que eu tenho que confessar que o trabalho de gênero comigo não é muito marcante, não. Mas, eu comecei a perceber essa necessidade, comecei a me deparar com as necessidades do LEANI, que precisava escrever uma ata de reunião e quando eu me deparei com isso, essa questão, essa coisa do LEANI e conversando com você eu comecei a atentar para esse fato! Porque eu não estou atenta para esse fato do gênero, entendeu? Passava batido! Eu posso te dizer que a questão da leitura é um hábito meu em questão do ensino médio, porque lá o foco é a leitura. Mas a oralidade está presente! Mas tá muito presente mais centrado porque a turma é muito grande, tem 42 alunos. Foi por isso que eu citei o curso que aprendi nos EUA, porque lá eu aprendi uma série de técnicas, que eu também não gosto de usar esse nome pq é positivista, né? Mas lá eu aprendi uma série de dinâmicas que eu queria colocar isso em movimento, várias pessoas falando ao mesmo tempo e eu acho fantástico isso. Então, assim, a oralidade: ok. Gênero: precisamos trabalhar. (*nome PI3*) precisa trabalhar isso, precisa ficar atenta a isso. Porque foi uma demanda do curso e foi uma coisa que me surpreendeu! Tive que aprender e estudar e isso é fantástico! É porque você ensina

aprendendo, aprende ensinando! Então é muito legal isso! Então, eu acho que ficar pontuando é muito importante! Porque na verdade, nós usamos o inglês para fins específicos... Digamos o “bojo” dele, não é profundamente! Tá entendendo? É porque a gente apaga incêndio, principalmente no LEANI 1 e 2. Depois parece que a coisa fica mais amena! Amena que eu digo no sentido desse aluno mais empoderado, desse aluno assim que você já pode mandar brasa que a coisa funciona! Mas acho sim que a gente precisa desenvolver melhor isso, eu preciso melhorar nessa parte. Eu preciso. E foi uma boa pontuação!

PP: É, perguntei porque como a gente conversa, né? E assim, por exemplo, o próprio trabalho com simulações que a gente pretende fazer em inglês. O próprio, isso é uma questão de inglês para fins específicos! A gente vai trabalhar com a necessidade do aluno, com a necessidade do próprio curso! Então assim, entra a parte dos fins específicos! A gente vai trabalhar muitos gêneros escritos mas orais também! Apresentações, debates, né? E isso tá muito focado em fins específicos também, e como a gente fala muito isso, eu pensei... Vou perguntar só pra registrar, né? Porque...

PI3: Uma coisa que comecei a me inteirar agora também, que eu estou me aprofundando é a questão das metodologias ativas, que eu também não sabia! Então, isso foi algo que me movimentou, me desestabilizou! Então, se eu posso dizer que duas coisas me desestabilizaram com o LEANI foi: a questão do gênero, do trabalho com gênero e a metodologia ativa. Então, isso foram desestabilizações porque eu não estava acostumada! O resto, gente, incêndio eu já apaguei a vida inteira! Puxo daqui, puxe de lá... Mas, o trabalho com gênero precisa ser uma coisa mais detalhada... Até porque, talvez, eu tenha uma ideia um pouco errada, porque eu acho a coisa um pouco chata, um pouco parada! E que o aluno não vai gostar muito. Mas sabe quando você se pega em uma ideologia linguística que já passou na sua vida? Que o aluno precisa tem que ser feliz, que ele é o consumidor? Aquela ideia louca de lá do curso de inglês, entendeu? Que às vezes vem, aparece... Então, o trabalho do gênero no primeiro momento eu pensava assim “Isso é muito chato, como vou fazer isso com os alunos?” Aí, eu comecei a arrumar outras ideias... Quando começa a conversar e pensar vai amadurecendo e vai surgindo, mas confesso a você que foi uma demanda do LEANI que me fez mudar. Entendeu?

PP: E com esse tempo que você tem de LEANI, com as análises de necessidade, o que você me diria? Com as análises do curso, das necessidades gerais e dos alunos, o que você me diria? O que você elencaria? Quais são as necessidades dos alunos dentro do curso? O que você acha que eles precisam aprender?

PI3: É, eu acho que eles ficam um pouco angustiados porque eles não sabem o que é o LEANI quando entram! Entram muitos curiosos querendo saber o que é o LEANI. E eles passam, acho, que os 4 anos tentando definir o LEANI. Então, o inglês em si já é conhecido deles! Porque eles me veem como professora de inglês. Mas eu já fiz essa pergunta “Como vocês” tem diálogos com outros professores? Para saber como eles veem, entendeu? Porque nós professores precisamos correr atrás. Porque eles não poderiam assistir uma aula daquele professor, o (*nome P2*), não é isso?

PP: Isso!

PI3: Aquele rapaz, ou aquele outro...

PP: (*nome P4*)!

PI3: Isso, é que ele pudesse assistir minha aula e os projetos interdisciplinares são o caminho para o LEANI, ao invés das caixinhas, seria muito rico! Mas deixo claro que o inglês, o espanhol e o francês eles não são uma ferramenta para as outras matérias, eles não estão a serviço e sim em diálogo com as outras matérias. E essa visão precisa ficar muito clara, entendeu? Porque é uma engrenagem. Então, quando você me pergunta quais as demandas dos alunos, na minha opinião, eles ficam muito em dúvida porque os professores também tinham muitas dúvidas. E a partir do ano passado que foi feito um evento, que foi um movimento até apoiado pelo grupo de pesquisa, nosso né? Porque eu também faço parte! Eu acho que isso deu impulso, eu fiz uma palestra e falei um pouco sobre interdisciplinaridade. Mas quando se fala em assistir aula um do outro o negócio fica complicado! Porque é tempo, não se tem tempo! É uma série de situações! Eu respondi sua pergunta?

PP: Respondeu, é, (*nome PI3*), assim, em termos de necessidades a gente fala muito de qual inglês seria necessário para esse aluno. A gente fala muito, na verdade a gente já falou, né? Existe um desnível muito grande, mas onde é que seria que esse aluno teria que chegar, né? Essa seria a grande questão da necessidade! Você já falou dos projetos interdisciplinares e aí eu já vou te dar uma outra proposta, né? E aí no mundo ideal, que a gente tá sonhando aí pra frente, o que você acha seria a melhor proposta de ensino para o curso? Você já falou da interdisciplinaridade, eu queria entender melhor o que a gente poderia fazer além de assistir aula, né? Você mesma colocou: Tem a questão de tempo e disponibilidade, né? Além de assistir aula, quais deveriam ser os principais pilares dessa proposta? Você que entende bem de interdisciplinaridade, como é que a gente poderia casar essa interdisciplinaridade... Porque isso está descrito na proposta do curso LEANI, mas eu acredito além de um curso multidisciplinar e

interdisciplinar, né? Então, como é que a gente poderia ajudar os colegas a construir uma proposta interdisciplinar de verdade, né? Real, né? Como é que você vê isso?

PI3: É, eu acho que a gente podia começar, né? Primeiro, se não fosse viável um assistir a aula do outro seria importante se cada professor pudesse apresentar a sua matéria uns para os outros, né? Entendeu? O que eles fazem, né? Porque se você me pedir “Ah, (*nome PF*) me manda o teu currículo, aí!” e outra coisa... Precisa alinhar as ideologias linguísticas das línguas estrangeiras também, isso é importante! Depois disso, é, a gente teria que trabalhar com o eixo temático, onde cada professor... Eu tenho uma folhinha de montar projeto interdisciplinar e aí você pode montar por eixo e aí cada professor teria que fazer uma breve explanação sobre o que ele entende daquilo ali e as pontes tem que ser feitas juntas! O ideal seria que tivesse um horário fixo na coordenação para os professores entrarem e pudessem, os professores que desejassem se engajar no projeto interdisciplinar, sentar dar aula um pro outro da sua matéria e do que faz e eles irem construindo pontes e fomentando como alguma epistemologia do viés do trabalho ideológico. Teriam que ter alguns textos que fomentam para que esses professores fossem trabalhando! E isso é um trabalho, assim, que demora, mas quando sai teria muito lucro! Um deles seria a diminuição do número de provas que esses meninos têm, pra que tanta prova? Porque eu dou tanta prova? Se você tem um projeto interdisciplinar você pode pegar ali umas 4 notas e o resto fica para o trabalho colaborativo onde esses alunos tenham mais ação, vamos botar na mão deles! E esses professores quando se encontrarem seria bom que tivesse presença discente! Porque o discente traz muitas colaborações, entendeu? Ele faz conexões muito interessantes. Mas assim, obviamente isso é o melhor dos mundos! Utopia! Mas a gente primeiro pode começar com algo pequeno! A metodologia ativa é algo que ainda não posso falar com muita propriedade mas estou encontrando um link muito grande da metodologia ativa com a interdisciplinaridade! Por causa da questão colaborativa, da sala invertida, e eu estou me apropriando disso agora! O que o (*nome PI*) faz? Quais as estratégias que ele usa? Como acontece? Eles só dão textos pra ler? Como é essa aula? Agora, gente, isso significa um corpo docente que teria que sair da zona de conforto. E, assim, não tem fórmula também, é um caminho que tem que ser construído com desejo da equipe que está envolvida com aquele grupo. Agora, aquele pontapé inicial que vocês deram ano passado foi muito legal! (*nome PI*) até me deu um feedback, fiquei muito feliz, porque eu fiquei muito nervosa pra fazer aquela palestra, mas eu acho que eu consegui dar o meu recado. Porque quando você acaba com a ideologia do quadrado você começa com um desmonte de uma série de coisas... Preto, branco, alto, baixo, gordo, magro. Você sai da caixinha, você passa dos muros, sabe? Quando você trabalha de forma interdisciplinar você muda muita coisa na vida do aluno! Beleza, temos as matérias em caixinhas! Temos! Mas porque a gente não pode desconstruir isso, né? E fazer diálogos? No ensino médio tem uma matéria chamada “matéria integradora” mas também não deu certo... Porque fica na caixinha também, você tá entendendo? Então teria que ser montado um projeto, onde cada um fizesse uma etapa na sua sala de aula, onde a gente teria que trabalhar... A (*nome PI3*) dá aula terça e quinta de 10h a 12h. O (*nome P3*) dá aula segunda-feira de 7h às 9h30, sei lá, entendeu? Então cada um faria uma cadeia de atividades que pudesse fazer uma integração. Agora, só sentando, conversando, fomentando com a epistemologia... E temos um arsenal de professores na escola, entendeu? Que são pessoas extremamente inteligentes.

PP: **E (*nome PI3*), assim, por conversas a gente já teve algumas ideias... E, assim, existe uma dificuldade muito grande de reunir professores, o tempo e tudo mais. E se a gente conseguisse, assim, formalizar isso, né? Que isso pudesse ser contabilizado para gente de alguma forma. Você acha que isso seria um caminho mais fácil para desenvolvermos esse projeto? Você falou que no ensino médio, né, tem uma disciplina?**

PI3: Sim, eles chamam de núcleo integrador, são dois tempos destinados pros professores chegarem ali e conversarem com a turma. Conversarem com a turma, tá vendo? Na verdade eles planejam, como uma coisa, uma atividade simplória. Eu tô fazendo um trabalho interdisciplinar com biologia agora, sobre partículas de plástico e tô trabalhando em parceria com eles! E estamos construindo e vamos levar a proposta pra turma, levando a proposta a turma dá as ideias! Agora, a pergunta que você me fez... Eu acho que precisa ter uma preocupação dos professores que nós somos DE, dedicação exclusiva, temos uma carga a cumprir, que não é uma carga tão alta assim. E eu acho que teria algum tipo de, acho que você tá se referindo a algum tipo de pontuação na rádio, não é isso?

PP: **É, sim, eu acho... Conversando com a (*nome PII*), ela me disse que lá onde ela está existe toda uma regulação que eles precisam cumprir no semestre. E por exemplo, se você começou a participar de um projeto ou qualquer outra atividade aquilo ali já contabiliza x horas da sua carga horária. Então, assim, quanto você tá trabalhando... É algo, que segundo ela, é um pouco engessado mas que ela se sente muito à vontade porque assim, todo mundo sabe que ela tá trabalhando e o que ela tá fazendo! Penso que de repente se a gente trouxesse algo semelhante pro LEANI, que fosse formalizado... Até pra rádio mesmo, que é o que nós temos na CEFET.**

PI3: Essa disciplina integradora, vamos supor, que ela seja toda a sexta-feira de 10h30 à 12h, naquele horário é aí que surge o problema... Porque todos os professores precisam se encontrar, e aí que dificulta. Porque precisa preparar o cenário e chamar a turma por turma, primeiro precisam ser os professores sozinhos. Aí, eles vão trabalhar tudo, dar aula um pro outro, ver os temas, achar um eixo integrador, ver o que será abordado... E desenhar o projeto. Na verdade, desenhar o projeto de maneira embrionária. E aí, você passa isso pra turma e a turma vai ter que vir na grade! Porque essa matéria vai ter uma nota, chama-se projeto integrador! Acabou porque essa matéria? Porque existe esse choque de horários. Mas no LEANI é um escopo bem menor, entendeu?

PP: Entendi.

PI3: O LEANI é um escopo bem menor, eu acho que tem duas soluções. Ou você manter uma reunião integradora, nem que seja quinzenalmente. Agora, no melhor dos mundos seria uma matéria integradora, com os pressupostos que eu posso tentar descobrir! Eu tenho é fundamentação para isso, tabelas e formas de você montar o projeto! Na verdade não é uma receita de bolo mas é um começo, né? E você dali, as ideias vão surgindo! Precisa da colaboração de pelo menos 5 professores. Não precisa ser a equipe inteira, mas eu acho que na verdade é um trabalho de encantamento! O Rubem Alves diz que você tem que encantar o aluno! Não que você seja alguém que tenha que fazer... Não, não é isso! Você precisa encantar a pessoa com as ideias, ver se eles abraçam ou não abraçam, o que você diz... É aquela coisa da interação mesmo! É primordial que as pessoas abram mão um pouco da sua hegemonia! Eu nem vejo muito isso como um problema dentro do CEFET... Eu acho que eu vejo como um problema todo mundo se encontrar! Mas pelo menos 5 professores se encontrarem... Enfim, é isso!

PP: Tá! (nome AP4)? Alguma pergunta?

AP4: Acho que não!

PP: (nome PI3), eu vou encerrar, vou te agradecer, assim, amei suas contribuições, temos muito que conversar ainda! Mas amei suas contribuições e te agradeço, tá bom?

PI3: Imagina, quando quiser, estamos aqui!

PP: Beijo grande, vou parar a gravação!

APÊNDICE W - Transcrição da entrevista – PF (Professora do Núcleo de Línguas Estrangeiras)

PP: Vou gravar aqui também, as perguntas estão aqui na minha frente... Peraí. Bom, (*nome PF*), primeiro quero te agradecer por topar participar. É, da pesquisa... Enfim, tudo bem aí? (risos) Por topar participar da pesquisa, eu acho que você tem uma enorme contribuição a dar para a gente. Essa entrevista faz parte da minha pesquisa de doutorado. Então, assim, eu tenho alunos integrando a pesquisa, a própria entrevista de fato. Eles tem muito, assim, a contribuir e ajudar... E agradeço a eles sempre! É, eu te enviei o termo de compromisso da pesquisa, né? É, e ali depois eu vou pedir para que você assine e envie, vamos fazer essa troca. E garantir para você, assim, que as suas informações não serão divulgadas, as informações pessoais e que eu vou usar, né? Todos os dados, que eu tive dessa entrevista para fins acadêmicos e para a aplicação do próprio LEANI somente. Tá bom? Então, basicamente é isso. Eu te enviei o roteiro de entrevista, ele está dividido em 3 partes. E aí, o que eu tenho feito nas entrevistas? Eu faço a pergunta, espero você responder... Como a gente está nesse momento, assim, de distanciamento, cada um na sua casa, né? E usando a internet que falha um pouco, então, espero a pessoa responder toda a pergunta, ela me sinaliza e aí eu faço alguma pergunta complementar, se eu tiver alguma dúvida, eu anoto aqui... Mas eu vou esperar você responder, tá? E no final também eu vou perguntar ao (*nome AP3*) se ele tem algo para perguntar, tá? Então, a primeira questão é sobre sua formação acadêmica, né? Qual é sua formação acadêmica e depois eu gostaria de saber como você foi parar no CEFET, né? E o que você fez antes disso... Então, basicamente, queria que você falasse dessas duas questões.

PF: Bom, eu sou formada em Letras Português/Francês, pela (*nome de universidade pública*). Depois que eu terminei a minha graduação em francês eu fui fazer o mestrado... Mestrado em letras, especificamente na área de análise de discurso. É, análise de discurso francês, né? O doutorado eu fiz na (*nome de outra universidade pública*), doutorado em Linguística também em análise de discurso. E, eu trabalhava, antes de dar aula no CEFET, trabalhei 9 anos na (*nome de universidade privada*), eu dava aula de língua portuguesa. Dava aula de língua no curso de administração, depois eu comecei a ficar mais mesmo com administração... Então, dava basicamente aula de português I e II no curso de administração. Dei um tempo também pro curso de Educação Física. E de lá eu já saí para a CEFET, na verdade o concurso do CEFET eu vi por acaso... E achei que a inscrição era muito barata, eu falei: "Gente! Só isso? Vou fazer!" (risos). Aí, fui e fiz, passei. E passei para dar aula de língua portuguesa! E foi uma experiência nova pra mim porque eu fui trabalhar com adolescentes, né? E eu trabalhava com adultos. Mas, na verdade, eu me adaptei super bem... Quer dizer, não sei se eles se adaptaram a mim, né? Mas eu me adaptei super bem a eles. Eu acho os adolescentes muito divertidos, os alunos do CEFET são muito bons! Então, eu não tive nenhuma dificuldade, assim... Quer dizer, a dificuldade era a mesma que eu tinha com os alunos da (*nome de universidade privada*), na verdade, não vi muita diferença não. Na verdade, algumas questões eram até mais simples com os alunos. E eu era mais, tinha menos experiência, vamos dizer assim... E a gente vai aprendendo, né? E aí, depois eu voltei a trabalhar com francês dentro da casa, assim, né? Porque eu tinha abandonado esse lado... Porque, assim, foram anos e a gente vai trabalhando com o que aparece. No início, quando me formei e comecei a procurar coisas de francês mas pagavam muito mal, na verdade. Então, eu dava aula de português para estrangeiros, né? Antes de trabalhar na (*nome de universidade privada*). E aí, quando eu procurava algo para dar aula de francês, assim, a hora aula era muito... Não compensa, né? Então, acabei nunca tendo, assim, a oportunidade de trabalhar. E as portas que foram se abrindo, né? Inclusive essa vaga para trabalhar na (*nome de universidade privada*) dando aula de português, quem me indicou foi minha ex-professora de francês (risos). Porque a irmã dela era coordenadora, aí estavam procurando gente e pediram contato dos ex-alunos dela. Então, assim, fui trabalhar com francês no CEFET... E entrei no CEFET com um concurso para língua portuguesa mas como criaram o LEANI em 2014 não tinha professor de francês. E eu me lembro que o (*nome do professor*) que foi um dos idealizadores do curso foi apresentar o curso para a nossa coordenação de língua portuguesa. E todo mundo achou muito interessante! E eu pensei "poxa, minha oportunidade de trabalhar com o francês!" e ele também não sabia que eu era formada em francês. Porque ele é o coordenador de língua estrangeira, então a gente acaba não conversando, não trocando muito de pessoal. Mas o pessoal de português sabia da minha formação em língua estrangeira. Mas os outros acabavam não sabendo. E aí, um dia ele me abordou, me abordou não... Porque ele ficou sem graça, abordou a (*nome da professora*). E pediu pra ela falar comigo porque ela me conhecia, e ele queria me chamar para dar aula de francês enquanto não chegava ali uma professora. E foi assim que eu voltei para o francês. Quando eu voltei a ter esse contato, depois de 19 anos afastada, eu já tinha feito algumas traduções... Já tinha, assim, mas nada de trabalho muito efetivo, né? Então, eu resolvi fazer uma especialização em língua e literatura francófona na (*nome de universidade pública*), consegui pegar duas ex-professoras minhas. Não terminei porque valia mais fazer o mestrado do que aquela especialização, sabe? (risos) 7 disciplinas obrigatórias, uma monografia para cada disciplina... E aí, assim, que eu passei as primeiras férias, meu filho pequeno e pedindo "mamãe, vamos brincar!" e eu fazendo monografia, eu falei: "não vou mais fazer isso!", vou só ficar com a parte boa, vou só assistir as aulas, aproveitar o que tem de bom e não me interessa essa, esse título... Né? Porque eu já tinha doutorado. Então, foi como eu

me aproximei das pessoas de francês, né? Dos professores meus, dos grupos de pesquisa... Até entrei num grupo de pesquisa de uma ex-professora minha de francês, então foi, basicamente isso! Acho que falei demais (risos)

PP: **Não! (risos) E quando é que você entra no CEFET, (nome PF)?**

PF: 2006.

PP: **2006...**

PF: Agosto de 2006! 21 de agosto de 2006, até sei a data!

PP: **Senhor! (risos) E a tua história no CEFET, assim, quais são as suas atribuições, além de dar aula, enfim... Fala um pouquinho do que você faz, do que você faz atualmente.**

PF: Bom, eu fui coordenadora de língua portuguesa! Atualmente sou coordenadora do LEANI. Fui vice-coordenadora de língua portuguesa também, fui vice-coordenadora do LEANI e agora sou coordenadora do LEANI. A gente tem uma parceria bem bacana com o consulado da França. Então, a gente tem o projeto em francês no CEFET, mas esse ano tivemos que mandar de volta por conta do COVID, né? E a gente acabou... Parece que só pra março ou maio que teremos uma nova! O CEFET, por incrível que pareça, se não mudarem as pessoas, né? Disse que vai continuar mantendo o projeto. Então, a gente provavelmente vai receber... Me perguntaram no consulado se eu queria que fizessem esse ano, mas eu disse que melhor não. Porque nem nós estamos trabalhando ainda. Estamos nessa experiência online, então, basicamente é isso! Leitorado em francês, eu sou a coordenadora pedagógica. E estamos com um projeto agora que é basicamente francês para mobilidade estudantil, vai ser o foco! E, são esses dois cargos de coordenação que eu tive.

PP: **Gosta de coordenar! (risos)**

PF: Eu gosto de arrumar a bagunça (risos)! Mas vou dizer, assim, que é um pouco estressante, às vezes eu quero desistir...

PP: **Eu sei! Sei como é! (risos) (nome AP3), alguma questão sobre essa primeira parte?**

AP3: Não, não, prof!

PP: **Vamos para a segunda parte, então, né? A gente queria falar um pouquinho da sua visão, queria saber um pouco... Da sua visão em relação a proposta de ensino de línguas, né? Basicamente... fale um pouco da proposta de ensino de línguas do LEANI. É, enfim, desde o início, desde que eu entrei no LEANI existe uma proposta baseada no material didático, no livro didático, eu não sei como funciona em francês... Mas acredito que seja muito semelhante ao inglês, mas só que vocês começam lá do nível básico, né? Iniciante. Queria saber o que você acha dessa proposta, como é que você tem lidado com isso. A gente sabe, assim, que o LEANI é um curso diferente, né? Enfim, de letras e dos cursos que a gente conhece, né? Pelo menos pra mim... Então, queria saber, assim, como é que você... O que você acha dessa proposta e como você lida com ela, como é que você trabalha com ela!**

PF: Olha, eu acho que no caso de francês... Que começa do zero, que vai trabalhar com um público que não tem contato prévio e nem diário com a língua, o livro didático é muito útil! Acho que ajuda muito até pros alunos se orientarem em que pé eles estão! O nosso livro, o primeiro livro não mas, o livro 2 em cada unidade vem dizendo em que nível o aluno está em um quadro de referência. Então, a pessoa consegue acompanhar mais ou menos em que nível ela está! E acho que, assim, nos ajuda a dar um norte! Especificamente, eu acho que é diferente de um curso de inglês! Que os alunos já chegam de um nível intermediário e que de repente o livro didático pode até ser útil nos primeiros períodos... Mas, depois fica realmente, não sei... E o nosso livro é um livro voltado para negócios, né? Claro, tem uma ou outra lição que é meio bizarra, né? Mas não é a maior parte, é só uma ou outra que tem, assim, ensinar sei lá... A operar uma impressora! E essas assim eu fico "gente? assim, realmente...". E dessas, assim, tenho até tentado pular um pouco essa parte e ter outras questões, né? Mas de um modo geral o livro atende bem, atende bem a proposta de negociação, de ensinar questões de trabalho e de percurso profissional. Eu acho que é um livro bem bacana nesse sentido. E a gente consegue desenvolver bem. Eu não consigo desenvolver completamente, é, através do livro, mas não é por causa do livro. É por causa da configuração inadequada no curso de línguas... Em um curso de línguas não existe dar aula com 40 alunos em sala, né? Isso aí é completamente antipedagógico, se você for para um cursinho qualquer, né? O mais chinfrim não vai ter isso, né? Então, a gente tem essa dificuldade de ter um curso... Eu não consigo trabalhar a parte oral, por exemplo! Embora a nossa proposta seja trabalhar as quatro operações! Fica bem restrito nisso, né? Eu até faço uma demonstração. Eu peguei o primeiro período pela primeira vez neste semestre, e aí, eu fiz pra eles na primeira aula um resumo do que a gente aprendeu e aí todos tiveram que participar. Ao final eu falei "Vocês viram quanto tempo da aula a gente perdeu? Não vai avançar, então isso não vai acontecer". A gente até fez mas não é algo que vai prosseguir, na verdade eu faço mais como uma demonstração da inviabilidade da coisa. Mas isso não é um problema do livro didático... É claro que assim, o livro de didático oferece algumas propostas a mais que a gente conseguiria trabalhar se houvesse mais tempo! Embora o curso tenha sido pensado distribuindo proporcionalmente a carga horária das 3 línguas eu acho que não deveria ser assim... Porque os alunos já chegam com um nível de inglês intermediário, né? Então, obviamente que eles não saem com os mesmo níveis nas 3 línguas! Mesmo que essa fosse a proposta não teria como chegar. Mas, assim, eu gosto... Para francês, eu acho importante ter o livro didático!

PP: **E esse livro foi escolhido por você, (nome PF)?**

PF: Sim, sim... É o que aconteceu... A primeira turma quando entrou eu estava muito fora do mercado francês, então eu expliquei mais ou menos o curso pra uma ex-professora minha e ela me indicou um livro. Mas o livro não era de francês para negócios! Eu não gostei do livro depois, assim... Então, eu, quando foi no final do primeiro semestre eu já comecei a me inteirar mais das questões e procurar um outro livro. E já falei pros alunos que a partir do próximo semestre trabalharemos outro livro. Então, quando o Maxwell chegou... A menina que era substituta usava ele mas os alunos abandonaram o livro depois de um semestre e era para um ano! Mas para o ano seguinte, a gente já estava com o novo livro! No meio do caminho, sei lá, no segundo semestre estávamos com a edição mais recente mas eles já tinham lançado uma nova! E a gente manteve esse livro que usamos, e eu acompanho outros livros de francês de outras casas de edição, para diplomacia ou negócios, começam muitas vezes do B1 e esse começa do A1 que é o que a gente precisa, né?

PP: Certo, e o que te chamou atenção nesse livro que te fez adotar ele?

PF: Então, eu fui pesquisando nas editoras livros dessa área de francês com objetivo específico e profissional! Então tinham alguns de diplomacia, mas que não é o ideal pra nós, embora nosso curso também tenha esse leque de possibilidades... Mas isso restringiria muito. Já o negócios é mais abrangente, não atrapalha e sim dá mais possibilidades, e é um livro bem estruturado. Eu até gostaria que ele fosse um livro mais interativo, tem essa cena! Ele não tem uma versão, até tem uma versão em pen drive, mas é muito mais caro e normalmente você compra por instituição, né? Então, ele vende em euro, né? Hoje em dia o euro (risos)...

PP: (risos)

PF: Não tá podendo não! Mas, assim, é bem abordado e ele tem textos! Algo que eu odiava no outro livro é que era tudo em diálogos e não tinha um texto! E esse livro tem, ele até tem alguns diálogos porque precisa começar assim mas porque é o básico! Mas eu acho que ele apresenta tudo de uma maneira mais interessante, não significa que a gente nunca vai mudar! Mas a gente fica por enquanto com ele, porque tá funcionando!

PP: Alguma pergunta, (nome AP3)?

AP3: Por enquanto ainda não, professora!

PP: Vou passar então pra terceira parte... E a gente vai falar um pouquinho de LINFE! Então, assim, a gente sabe que a gente está em um curso que trabalha com a abordagem de LINFE. E eu quero saber, (nome PF), se você tem alguma formação, como é que chegou, como é que você conhece a abordagem, como você foi apresentada... Então, quero saber um pouco da sua história com LINFE!

PF: Então, nessa hora eu gostaria que o aluno não estivesse aqui (risos).

PP: (risos)

PF: Só uma observação, (risos) mas pode continuar ele aí... Então, eu não... Eu, assim, o LINFE é só um acontecimento na minha vida, tá? Assim, por acaso é LINFE! Não tenho interesse em pesquisar, não me atraí, sabe? Se eu for pesquisa eu posso até usar questões da língua francesa mas eu vou fazer pesquisa em análise de discurso. Assim, até uma vez me chamaram pra participar do encontro de professores de francês mas eu falei “Gente, eu não vou participar porque eu não tenho nada para falar!” e eles falaram que eu poderia falar de outras coisas, mas enfim... Esses relatos de experiências que as pessoas fazem em congressos de professores de línguas, essas pesquisas de livro didáticos, essas coisas... Eu acho isso tudo, desculpa, (nome PP), muito chato! Entendeu? Não é algo que me atraia, né? Olha lá, (nome AP3), você não vai contar isso pra ninguém!

AP3: Imagina...

PP: O (nome AP3) está comprometido com a pesquisa, sigilo!

PF: Sigilo da pesquisa! Então é isso! Eu sei que LINFE é uma língua para fins específicos, né? Mas não conheço teorias, não conheço nada! Nunca vi nada... Nunca fui formalmente apresentada e nem informalmente. Então, é isso... Sincerício!

PP: Claro, mas isso é o que a gente precisa! Porque eu já ia pra próxima pergunta porque LINFE é muito baseado nas análises de necessidades, né? Então esse é assim, eu pressuposto principal da abordagem, né? Da teoria de fato! Mas, às vezes, (nome PF), assim... A gente não tem conhecimento de LINFE mas eu percebo que alguns colegas usam alguma parte da teoria aqui ou ali, entende? Mesmo sem esse conhecimento teórico, né? Usam e por algum tipo de opção, porque acham que aquele é o caminho da aula, do planejamento, enfim!

PF: é, sim...

PP: Então, a minha pergunta é assim, a gente trabalha com análise de necessidades. A gente procura entender a necessidade dos alunos, do grupo! E a gente procura entender a necessidade da situação futura lá, na qual eles vão precisar atuar lá no mercado de trabalho. Então, assim, em algum momento lá nas suas aulas você faz esse tipo de análise de necessidades? Ou então, assim, como você já conhece o curso você já tem essas necessidades, né? De certa forma já prescritas e você tenta formar o aluno nessa direção?

PF: Então, é, na verdade, o que eu observo, assim, é que essas necessidades já estão de alguma forma abarcadas no livro didático. É difícil, sabe, (nome PP)? Eu acho que é muito diferente quando você chega para um público que domina a já a língua. Então você tá com um público que já domina e que consegue falar, e aí você questiona o que pode ser feito, o que eles gostariam, o que seria útil, aí você consegue fazer esse tipo de abordagem e

intervenção e trabalha em cima daquilo. Mas quando você tem um público que não tem essa base você não tem muito que fazer! Você tem que dar essa base! E a realidade é que quando já chega lá no início do nível B1, que seria ali um intermediário já, os alunos têm muitas defasagens! Porque o curso é muito corrido! Eu sei que a gente não tem tempo em sala para a fixação... Então, quem não corre atrás por fora, quem não tem esse tempo disponível... As vezes não é o perfil do aluno, né? De fazer isso. Fica com uma defasagem maior ainda, fora aqueles que já tem uma dificuldade para aquela lingua especifica! Às vezes também tem isso, né? Então, eu não vejo muito como fazer isso em francês! Eu acho que isso seria algo que talvez pudesse ser feito nos últimos períodos, mas para propor, por exemplo, uma optativa. Talvez uma optativa ofertada lá pro sexto e sétimo período, não dá pra ser menos que isso... Antes ainda não falam direito ainda! Fica todo mundo muito apavorado, porque a disciplina no quarto período fica organizada em forma de seminário e eles tem que falar tudo em francês! Em 2019.1 por exemplo, era uma turma que tinha muita dificuldade com francês, então eles precisaram tirar o recurso do jeito deles! A impressão que eu tinha quando eles falavam em francês é que não tinham lido o texto! Estavam se apresentando meio assim, né? Mas quando falavam em português aparecia, sabe? Eles resumiam muito em francês pra evitar falar muito, porque não sabiam... Então, a gente não consegue... Como você vai pra um público desse e “Vamos lá, quais são suas necessidades? Vamos trabalhar um texto!”. Não tem como! Não dá, é diferente, sabe? É bem complicado!

PP: Mas quando você diz em “dar a base” você já identifica a necessidade! Entendeu?

PF: Ah, sim, sim... Porque a gente pergunta né? Quando chegam lá e a maioria não sabe nada de nada! Tem um ou dois que fizeram (*nome de escola pública do ensino básico*) e aí tem uma bagagem... Tem francês lá! Mesmo assim, agora, nem todos se dividiram entre espanhol e francês. Então metade tem, a outra não! São dois ou três que têm algum conhecimento... Os outros são mesmo do zero, né? Então a gente vai dando, assim, como o livro didático já é voltado para supostas necessidades que eles teriam no mercado de negócios, é por aí que a gente vai!

PP: Então, essas seriam as necessidades de aprendizagem? Primeiro trabalhamos com a base, né?

PF: Do que você estava falando especificamente quando você fala em necessidades?

PP: As necessidades a gente fala de necessidades dos alunos e necessidades da situação alvo. Quando a gente fala em análise de necessidades e identificamos as necessidades do aluno não é só assim, exatamente que ele quer aprender, sabe? É o que ele precisa aprender para chegar lá no mercado de trabalho e atuar na situação. Então, quando você diz assim “dar a base” você identifica a necessidade, embora você não tenha perguntado para o aluno. Você só perguntou se ele conhece ou não conhece, você não perguntou o que ele quer aprender, mas você já identifica a necessidade! Então, é a necessidade do aluno e a necessidade da situação alvo. E a necessidade da situação alvo é a do mercado de trabalho, e você já nos contou um pouco sobre francês para negócios, né? Do livro, no caso, já direciona pra isso, né?

PF: Sim...

PP: E as necessidades de aprendizagem, geralmente, seria dar essa base de francês e depois alinhar para negócios, é isso?

PF: Na verdade, o aprendizado já é feito em concomitância...

PP: Desde o início?

PF: É! A parte linguística, assim, gramatical já num contexto negocial, já num contexto empresarial, né? Não tanto negocial, mas empresarial. Então o vocabulário, por exemplo, todo o vocabulário trabalhado já é um vocabulário todo voltado para essas questões de empresa. Tanto que uma vez, foi curioso, porque eu dei uma optativa de produção oral e sei lá, era para alunos do quinto período e os alunos não sabiam o que era “peur”, que significa “medo”. Que é uma palavra bem simples, mas eles não sabiam porque é um curso todo voltado para o empresarial e não para o cotidiano, entra um coisa ou outra obviamente, sempre entra... Mas não com tanta força como se fosse um curso regular, né? Entrar como entra mesmo em um LINFE, né? Então, eles tem essas necessidades mas são de questões do cotidiano, mas que a gente não tem tempo para abordar, o ideal seria um optativa! Então, a gente trabalha assim, vai inserindo junto com a gramática as estruturas gramaticais que eles precisam aprender e as questões empresariais.

PP: É, te perguntei porque em inglês geralmente os livros também são assim, os de negócios, começam no nível básico com a questão do empresarial mas alguns pegam o inglês geral no início e depois introduzem a parte empresarial. Então, assim, deixa eu ver se eu entendi: Essas necessidades você reconhece que são necessidades de uma base e que você já tem ali o foco do livro que encaminha para esse contexto empresarial?

PF: Isso!

PP: Então, assim, para um aluno LEANI, sair do curso para atuar no mercado de trabalho ele basicamente precisa saber essa linguagem empresarial?

PF: É, essa linguagem depende porque a gente não sabe onde eles vão trabalhar...

PP: Pois é...

PF: Então, não necessariamente eles vão usar toda aquela linguagem mas, por exemplo, teve uma das alunas que trabalhou no comércio exterior, a (*nome da ex-aluna*), e ela comentou que usava tudo que nós ensinamos. As

estruturas de cartas, como se despedir, como organizar e outras coisas lá! Até de outras línguas, ela disse que usa tudo que ensinamos! Então, assim, isso é legal... Acho que alguma questão geral fica pra eles poderem usar, mas outras questões ficam pela adaptação da carreira escolhida mesmo. Como, por exemplo, se a pessoa escolher diplomacia obviamente ela não vai ter tudo ali.. Vai faltar um certo vocabulário, mas são coisas que a pessoa vai adquirindo também! Mas, tudo é assim! Não tem como fazer com que a pessoa saia totalmente competente linguisticamente e lexicalmente e tudo, né?

PP: **É, de fato! (nome AP3), alguma questão?**

PF: Pode perguntar, (nome AP3).

AP3: Pode deixar, professora, vou perguntar agora! (risos) Então, professora, na verdade é meio que uma... Fiz uma regressão aqui, rápida, e tirei minha pergunta. Eu concordo com quase tudo que a senhora falou em relação a francês. Eu acho que a língua francesa é bem específica perante as outras, bom, e eu vou sempre falar da minha experiência, né? E que são muito diferentes... Mas nesse sentido, eu acho, que muitas são parecidas com a minha! Eu nunca tive contato com o francês, cheguei no zero, assim, até mesmo contato cultural muito pouco, pelo o que a gente tem aqui diferente do inglês e do espanhol que mesmo se você não estudar você acaba tendo um contato natural. Então, eu entendo 100% a necessidade do francês ser puxado lá na base porque eu sou um dos principais que precisam disso! Eu além de não ter tido nenhum contato com o francês antes de entrar no LEANI, eu tenho dificuldade com línguas no geral. E por isso, eu estou no LEANI e não em um curso de RI, porque eu vim para o LEANI buscando também estudar as minhas fraquezas! Porque no caso me considero um bom aluno na outra parte, mas como eu sou ruim em línguas eu precisava de um curso que me estimula a estudar, porque estudar sozinho seria muito complicado! Depender do curso e de um estudo autônomo. E a cobrança da faculdade era importante pra mim nesse sentido! O francês eu esbarrei um pouco ali mas tenho melhorado, né? Então, eu acho que isso já é um fruto do trabalho que tem sido feito pela equipe. Porque eu estou falando tudo isso? Porque eu entendo e acho que é um bom uso do livro didático até porque o livro didático em francês eu acho melhor! Porque em inglês a gente quase não tem usado mais livros, até por essa questão da facilidade da língua. Em espanhol ainda usamos um pouco, mais pela facilidade da gramática e de indicar os temas e bem organizado... E por ali eu já consigo olhar, e o próprio livro acaba que já faz um pouco essa análise de necessidades que é um pouco o que já estávamos falando aqui! O que eu sinto um pouco de falta, professora, e aí entra a minha pergunta e eu quero saber o que a senhora acha sobre isso... Já me expondo aqui já estou chegando nessa disciplina do quinto e to com medo, é que mais tenho receio em fazer. Esse é o meu ponto, estranhamente eu tenho muita dificuldade com a língua e sei quem vem ao seminário, tudo em francês e tal... Com texto em francês, talvez, mais complicados do que o que eu leio no livro e que é sempre mais didático. Inclusive estou fazendo hoje um trabalho que é pra amanhã, com um dos primeiros textos! Mas estranhamente o interesse no assunto me dá uma empolgação a mais. Eu, particularmente, tenho muito interesse em temas como análise de discurso. Inclusive, dentro do nosso projeto eu sugeri a professora de fazermos um trabalho na nossa disciplina usando análise de discurso, porque eu acho que é algo essencial para o aluno LEANI. O LEANI tem que falar muito sobre isso e tal. E eu gosto muito de ver isso! Então, eu lendo o texto achei muito interessante e isso me estimulou muito a tentar... Eu sinceramente, poderia pegar o texto e buscar alguma tradução para ficar mais fácil, mas o meu interesse no texto me estimulou muito a tentar buscar ler na língua e buscar só palavras específicas! Então, por isso, eu tenho demorado muito nessa atividade, por ser difícil pra mim pela dificuldade com a língua! Só que me estimula por isso, que pega mais essa área de negócios mas também caminha em especificidade! E aí, que enfim, fiz todo esse contexto para entrar na minha pergunta... É, a senhora acha possível, assim, claro, vendo toda essa dificuldade com o francês... A facilidade com o livro didático traz e trás mesmo, é um bom livro! Mas é difícil inserir trabalhos mais diferentes nesse sentido? Simplesmente para modificar um pouco, porque eu acho que assim, tô te dando a experiência como aluno: 7 períodos sempre com o mesmo tema acaba sendo massivo um pouco, na matéria. Ainda mais pra nós que vemos muitas possibilidades, às vezes alguma pequena alteração do tema ou da aplicação te dá uma vontade maior, né? Então, quero saber se a senhora, assim, seja também bem sincera... Então, minha pergunta é essa: O que a senhora acha dessa possibilidade? Porque assim, não é largar o livro, mas inserir determinados conteúdos que pode ser interessante chamar, né? Assim como é feito nessa disciplina, pode ser feito em Francês I, II... V, não sei! Essa é a pergunta! Desculpa se eu demorei!

PF: É, pois é! Até antes de te responder até vou retomar um pouco a pergunta que a (nome Pp) tinha feito, né? Esse livro tem essa organização didática bem bacana, que além de sistematizar os pontos, né? Do que tem relação com o assunto, como você deve se expressar, certas coisas ele sistematiza na própria unidade e ele tem no final da unidade, um ferramenta linguística onde fica todas as explicações do uso de construções de verbos, de formação de verbos, de uso linguísticos daquela unidade... Então, isso é um recurso pro aluno se orientar bem, sobre o que ele aprendeu ou já aprendeu e recordar, isso é uma questão bacana. Essa disciplina do quinto período tem isso, né? É a primeira vez que vocês terão contato com longos textos em francês, né? Esse texto que você leu é um texto mais tranquilo, por ser mais expositivo! Passa pela negritude, cacofonia, porque aconteceu isso e tem as perguntas... Fiz um pequeno roteiro, com quatro perguntas, acho que isso ajuda a orientar o olhar do aluno na hora de estudar. Isso que você falou eu acho até interessante! Não acho que seja algo possível de

fazer nesse período mesmo, acho que seria algo pra se fazer lá no sexto! Os períodos ímpares são períodos complicados no LEANI, porque como foi feita a reformulação da grade e eu não estava lotada lá! Embora eu tivesse desde do início falado para mudarem a disciplina, e jogar pro sexto período. Mas como eu não estava, ninguém acabou fazendo isso! Então, ficou um período muito estranho! Tem um desequilíbrio aí e até para nossa organização docente, complica! Então, talvez no sexto período seria mais possível de se fazer em tese, porque na prática mesmo... Eu acho muito difícil, porque sexto período são só dois tempos de aula! Porque quando cheguei lá, era algo que eu queria evitar, alguns vícios dos alunos, né? Mas acho que não vou conseguir ser online! Porque é o que eu falo "Gente, não pode chegar nenhum aluno no segundo e no terceiro período falando palavras simples erradas!" e outros errinhos assim, que são meio básicos, que volta e meia alguém fala e eu olho com aquela cara querendo fuzilar, né? Mas, acho que não vou conseguir! Porque tá todo mundo correndo, eu tenho consciência disso... E falo para os alunos. E que o pessoal precisa correr muito atrás, talvez isso possa ser feito sim, mas não como parte da língua... Mas como optativa nesse período! Porque mesmo que a gente trabalhasse questões gramaticais nessa optativa e paralelas ao conteúdo trabalhado em francês VI, a gente poderia trabalhar nas leituras de textos diversos! Uma vez eu dei uma optativa que 3 se inscreveram e só 1 apareceu e trancou, ele me disse que aprendia mais na optativa do que na aula em si, porque eram textos mesmo! Trabalho com textos, áudio e vídeo e escrita! Eu trabalhava como algumas escritoras de outras origens não-francesas, mas que moravam na França, escreviam em francês e refletiam sobre essa escrita... Então, foi uma opção que eu programei pensando nisso. Eu trabalhava muito literatura, uma ou outra questão! Eu posso até trabalhar isso... Mas precisamos ver o teórico, né? Qual é a base teórica e qual a linha, sabe? Porque tem um pessoal que trabalha mais sociolinguística mas aborda como análise de discurso também... Então, é muita coisa. Quando você diz um trabalho com análise de discurso francesa fica vago! Hoje tem muitas linhas que podem ser seguidas, diferente de antigamente! As bases teóricas são muito diferentes! Sobretudo em francês que sai da análise de estrutura de língua e vai pra ideológica... É bem diferente mesmo, mas é bacana, eu gosto! Então, é isso, é possível de se fazer? É possível de se fazer... Como optativa e tendo mais de um professor! Porque com um professor só...

AP3: A questão da análise de discurso, eu fiz uma eletiva com o (*nome P1*), ele dá, é? Linguagem, mas em linguagem nem consegue também entrar em todas essas vertentes! Aí, ele deu uma eletiva sobre a análise de discurso e aí lá eu vi mais sobre análise de discurso francesa e vi algumas bases... Falou de várias, mas era uma eletiva sobre isso, né? Enfim, aí a gente fazia análise de discurso, por exemplo, que foi até meu trabalho final, o discurso que os chefes de Estado fazem na assembleia geral da (*nome de organismo internacional multinacional*), né? Então, eu peguei o discurso na época e a gente fez a análise do discurso e fez. E eu achei muito interessante, porque eu achei um trabalho bem LEANI porque ele mistura todas as vertentes do nosso curso. Porque é um trabalho linguístico e ao mesmo tempo um trabalho voltado para RI, e ao mesmo tempo um trabalho de análise. Então, pra fazer a gente precisa sim ter os conhecimentos ali combinados, né? Então, eu acho que é um conhecimento bem LEANI, assim. Eu sinto um pouco de falta às vezes desse trabalho nas nossas matérias de línguas em geral, tanto francês e espanhol quanto inglês. Eu acho que é um trabalho que justamente faz essa aplicação que o nome do curso dá! Você usa toda a sua capacidade linguística ali, né? Pegar um discurso em língua estrangeira e fazer uma análise desse discurso! E aí, nem é só um conhecimento linguístico de teoria mas um conhecimento que a gente aprende nas análises em termos de identidade e cultura, em termos de RI. Então, é um trabalho que acho que poderia ser feito em todas as matérias e não indico só pra línguas, mas pra todas. E vejo que o (*nome P1*) é o que tenta mais, assim, no curso como um todo! Porque acho que é um pouco também da área dele e tudo mais. Por isso que eu sempre faço essa pergunta e bato nessa tecla...

PF: Mas você acha que esse é o interesse geral dos alunos?

AP3: Eu acho que sim, professora...

PF: Eu achava que não, achava que vocês achariam que isso fosse, né? É...

AP3: Lógico que não, professora... Como eu falei antes, o aluno LEANI é um aluno muito diverso, então, você tem interesses... Como o curso te permite várias áreas, o aluno também entra com interesses muito diversos! E olha que eu sou um cara que ando em várias áreas e em muitas eletivas! Normalmente mais voltadas para o internacional que é o que eu gosto mais, mas, é eu sinto isso... E o que eu entendo assim, não é uma regra, mas os alunos se interessam, sim! Por essa aplicação, né? Eu acho que a grande proposta do LEANI é justamente juntar esses mundos, né? Eu acho que o cara não tem muito, ele gosta da língua estrangeira mas não ao ponto de fazer letras e se especializar na língua em si. Mas, ele gosta dessa área internacional e cultural, ele quer olhar justamente para essa vertente linguística e para esse olhar que ele gosta, né? Então, acho que a maioria gosta dessa mistura e de estudar, assim, as análises de discurso e tal. Enfim, mas pode ser só minha impressão também!

PP: **Por isso mesmo a gente vai passar o questionário (risos)! Para saber quais seriam os maiores interesses, porque de verdade a gente não vai conseguir atuar em tudo, né? Mas assim, que a gente consiga abarcar esses interesses maiores, né? Eu acho que é importante! A gente tenta, né? Vamos tentando e testando, testando, testando... É, aí, de certa forma...**

PF: Só uma observaçãozinha, em relação a uma coisa que o (*nome AP3*) falou... Os textos dessa matéria do quinto, Cultura Francófona, não são traduzidos! Não tem tradução no Brasil... São textos que estão todos em francês e não tem como dar uma disciplina baseada só neles, não tem tradução! Então, isso é uma dificuldade... Não, tem realmente... É uma área muito restrita, né?

AP3: Sim, justamente. Eu tenho tentado, né? Enfim, eu leio 50 vezes o mesmo parágrafo e busco uma palavra ou outra no dicionário, mas assim, eu acho que é uma dificuldade mas assim, tá indo!

PP: **Podemos passar?**

PF: Sim!

PP: **E aí, a gente vai pra última parte, (*nome PF*), porque é... A gente tem uma proposta, assim, de trabalho interdisciplinar e multidisciplinar! E eu também quero investigar a possibilidade de trabalhar com as línguas, né? Então, assim, você acha que é possível que a gente faça um trabalho juntando inglês e francês? Você acha que existe essa possibilidade de fazer algum alinhamento em algum momento um trabalho com as duas línguas?**

PF: Eu acho que é a questão de combinar, conversar e de ver, né? O que seria possível, vai depender muito da proposta e pensar né? Mas acho que sempre é possível...

PP: **Você consegue pensar em algo? Por hora? Porque, assim, eu imagino como seja o teu caminho com o francês mas não tenho certeza! Você consegue imaginar por algum período mais ou menos? Alguns professores eu consegui falar em períodos... Você consegue ver um momento disso? Um momento mais lá na frente de maior avanço dos alunos na língua? Você consegue visualizar isso e perceber de alguma forma?**

PF: Olha, assim, a princípio eu tinha pensado nisso... Eu tinha até falado com a (*nome PE*), né? Pra pensarmos em algo em tradução, né? Talvez fosse uma possibilidade. Mas eu fiquei pensando aqui agora que talvez algo em culturas. Em culturas poderíamos... Uma das coisas que os alunos falaram uma vez, é que essa disciplina é trabalhada de forma muito diferente em cada língua e dessa vez, me disseram que achavam que a abordagem em francês tinha mais a ver com tudo que eles esperavam... Enfim, nem olhei as outras ementas pra saber, mas em inglês eles disseram que tinha uma pegada mais em literatura. Alguém comentou isso! Eu não fui olhar, assim... Não sei se a ementa era ou não cumprida! Se a professora abordasse por esse viés! Mas eu acho que é uma disciplina que permite uma conversa com todas as línguas, não só francês mas também inglês... Espanhol, acho que poderíamos tentar algo aí. Nem que fossem questões de comparação. Eu lá em Culturas Francófonas no quinto, trabalho muito questões de colonização! Como que cada país, assim, não consigo aprofundar, mas tento! Então como a atuação das metrópoles fizeram com que houvesse uma constituição de uma cultura específica ali, naquela ex-colônia... Então, podemos ver os comparativos, então o Canadá tem sua parte francesa e a Inglesa, podemos pegar isso e ver como se constitui. As questões hereditárias fortes... Isso é algo que poderia conversar bem!

PP: **Sobre cultura, acho que conversei com a (*nome PI2*), ela reformulou alguma coisa em cultura, a gente andou conversando! Mas eu acho que a ementa mesmo, (*nome PF*), ela tá mais voltada para uma ementa de literatura! Eu acho que na época foi o (*nome do professor*) que fez e ele fez uma pesquisa na UERJ e UFRJ e depois veio uma professora contribuir, e era bem especialista nessa parte mesmo de literatura e talvez tenha seguido por esse caminho mesmo, né? Mas eu acho que com a (*PI2*) a gente já conseguiu dar uma virada!**

PF: Um parênteses aí, a gente precisa reorganizar a ementa...

PP: **Sim!**

PF: Submeter e aprovar pra colocar, porque tá valendo o que tá lá, então realmente... Claro que isso não te impede de fazer um trabalho mais atualizado por causa da ementa, né? A gente sabe que muda na prática! Mas, assim, é trabalhoso e não muda toda hora. Eu fiz uma graduação inteira e mestrado na (*nome de universidade pública*) e não tive uma atualização! Só depois que houve, mas por outras questões... Meio como o que aconteceu com o CEFET esse semestre de querer colocar o curso todo num turno só, né? Porque acaba que inglês, francês, eram cursos que ficavam elitizados porque eram cursos de um dia inteiro, né? Manhã e tarde, e quem trabalhava não podia... O único que era só a noite era literatura e espanhol, mas os outros não! Então, assim, nada impede que a gente trabalhe de uma forma mais atualizada enquanto esperamos a atualização da ementa! Então, assim, talvez seja isso...

PP: **Isso, também, acho! (*nome AP3*), sobre projetos? Alguma coisa?**

AP3: Projetos?

PP: **Sim, que falamos agora, interdisciplinares multidisciplinares... Alguma ideia?**

AP3: Ah, sim, claro... Eu acho que é o que eu já falei, entra um pouco! Eu acho que a matéria de cultura é excelente pra fazer esse intercâmbio, de fato! Essa questão da colonização, é bem interessante também! E acho que isso que interessa mais a maioria dos alunos, de tentar entender! Pelo o que eu vi das matérias anteriores de cultura na parte de inglês foca muito em literatura, de fato. E isso realmente, fica um pouco maçante! Acho que é um trabalho legal, dá pra fazer junto... E o que eu já sugeri! O que puder ser feito aí em... com o inglês acho que é mais por aí, línguas e outras disciplinas como RI, Identidade e Cultura, já dá pra misturar com as línguas. E as

línguas em si acho que a questão de cultura e tradução são bem interessantes. Não fiz tradução em todas, tô fazendo em inglês agora, mas imagino que são ou muito parecidas ou muito contrastantes, com o uso da língua e as vertentes, acho bem interessante! Enfim, não tem uma pergunta exata, é mais uma reflexão de um aluno aqui.

PP: Então, eu acho que é isso mesmo, a ideia é essa! A ideia é a gente tentar... É uma entrevista com a (nome PF) e com intuito da sua interferência ser o posicionamento de um aluno que está em sala! Eu assim, tenho noção mas não sei! (nome PF), alguma colocação a mais? Você quer falar mais algo? Eu acho que foi super enriquecedor tudo que você falou, acho que essa questão de cultura vai ser bacana! Tradução eu já tinha pensado em algo por que a (nome PE) havia conversado com a (nome da professora) mas não havia feito a aproximação! Porque eu só dei a disciplina uma vez!

PF: Eu também falei isso com os alunos, essa disciplina pode ser o mesmo caso do francês de nunca ter sido sistematizada, né? Nunca ninguém deu duas vezes as mesmas disciplinas. Eu fiz com o (nome do professor), e tivemos que reformular e aí entrou a (nome da professora) depois... A (nome da professora) fez de um jeito, então, (nome da outra professora) de outro jeito... E eu devo estar dando de outro jeito diferente! Então, a gente precisa trabalhar e ver o que os alunos acham, se funcionou ou não, para ir ajustando, na verdade. Na minha concepção essa disciplina é mais prática, não é muito teórica! Você vai aplicar na mente e não vai ficar nas reflexões... É trabalhar e ver as dificuldades e não cair em certas pegadinhas, como o gerundismo, né? E a gente vai fazendo! Os alunos não terão muitos encontros, eles que vão trabalhar e ficar trabalhando e teremos 3 encontros para discutir as dificuldades! Como reformular íamos uma tradução do *google* tradutor, e fomos estudando as propostas! E mostrei que tem coisas em tradução que precisamos pesquisar, entender o contexto... Acho que é isso, é o objetivo da disciplina! Quando penso em tradução com outra língua, eu penso em como a gente poderia trabalhar um texto... O discurso do Presidente do Brasil na (nome de organismo internacional multinacional), e fazer a tradução daquele mesmo texto em inglês, espanhol e francês. Acho que pros alunos se o mesmo trabalho nas 3 disciplinas já minimiza o trabalho também! E acho que é algo que eu queria ter feito, sobretudo nesse momento de pandemia... E dá pra fazer uma análise de discurso dessas traduções, mas seria algo mais para análise de discurso e estratégia, enfim. Mas para francês VII seria mais divertido! Acho que renda mais frutos do que em Culturas Francófonas. Mas é isso, não tenho muito mais para acrescentar! (Criança falando ao fundo)

PP: Acho que é isso, falamos tudo, acho que fomos, caminhamos, gostei muito! Tem mais alguma coisa, (nome AP3)?

AP3: Acho que mais nada, gostaria de dizer que gostei muito da ideia, professora! Se fizer em francês VII... É algo que já tento fazer, não sempre, mas agora nessa assembleia da (nome de organismo internacional multinacional), para estudar as línguas, eu estudei 40 minutos do discurso do Presidente da França, com o discurso em francês e legenda em francês! Tentando entender, confesso que não entendi tanta coisa ainda, mas eu tento fazer esse exercício! Eu acho que esse é o ponto, facilitar nosso entendimento e interesse! E esse mundo que parece muito distante se conversa, né? O mesmo trabalho para 3 matérias são 3 trabalhos diferentes mas já facilita! Mesmo sendo mais denso, por causa de comparativos e análises de discurso, por exemplo. Então dá pra olhar mais por esse lado, assim! Acho que não tenho mais nada não, só agradecer a professora pela entrevista!

PF: Até que não doeu, (nome PP)!

PP: Viu? Falei... Não dói, foi ótimo! (risos) Gostei muito, tá, (nome PF)? Obrigada pela sua contribuição, pelo tempo, tá bom, querida?

PF: (risos) Que nada, foi ótimo! Que bom! Espero que ajude na sua pesquisa... Deixa eu aproveitar e perguntar: Você vai, se você quiser parar de gravar agora... Pode parar!

PP: Vamos parar. Diga...

APÊNDICE X - Transcrição da entrevista – E1 (Aluno Egresso)

PP: Antes de tudo, vou te agradecer e vou falar novamente sobre o Termo que você recebeu para assinar. As entrevistas vão ser usadas academicamente para minha pesquisa de doutorado e, também, dentro do LEANI. Além disso, as suas informações pessoais não serão divulgadas. Você aparecerá, apenas, como ex-aluna do LEANI. Espero que você goste e depois possa ler o trabalho. Como o objetivo da pesquisa é caminhar no sentido de melhorar o ensino de inglês dentro do LEANI, a primeira pergunta que eu coloco é exatamente sobre a proposta de ensino de inglês do curso que, desde o início, é baseada na adoção de livro didático. No iníciozinho, acho que na sua turma, ainda era um livro de inglês geral, no 1º e 2º períodos e, depois, a gente mudou para um livro da área de *business* e, agora, a gente já está no terceiro livro... já mudamos algumas vezes... Então o que é que você acha? Como foi a sua experiência? O que você tem a dizer para a gente?

E1: Acho que primeiro de tudo, a minha memória já não é a mesma (risos). Então, de uma forma geral sobre as aulas, acho que ficou muito mais as interações que a gente tinha e dos trabalhos em que a gente tinha que apresentar alguma coisa para a turma, trabalhar em conjunto nos vários idiomas... Acho que isso ficou muito mais marcado para mim do que os livros em si, do que as tarefas ou coisas nesse sentido. Então, acho que esse é o primeiro ponto que eu poderia falar que, logo de início não ficou como uma recordação muito forte na minha cabeça, mas eu acredito que dava uma perspectiva interessante no sentido de estruturar a aula... não foi de todo ruim, não foi totalmente inútil, a gente ter a orientação dos materiais didáticos, mas, realmente eu sinto que, hoje, no mercado de trabalho, eu não sei dizer se eu uso o que a gente viu nos livros ou se eu uso mais o que a gente acabava descobrindo por conta própria. Eu lembro de muitas aulas, acho que mais na época da (*nome PII*), a gente buscava no computador aquilo que não sabia como dizer e entrava em outros assuntos que não eram exatamente aqueles que estavam no livro, mas acho que no geral, não sei... a proposta de ensino foi bem útil, no geral, foi bem útil, mas eu não daria uma grande porcentagem dessa responsabilidade para o material didático esse “empacotadinho” que a gente usava pronto... tinha muitos materiais que a gente usava em sala que eram trazidos pelos professores, não é (*nome PP*)? Que eu acho que isso acabava sendo muito mais marcante, muito mais bem aproveitado do que os principais conteúdos do livro que era mais geral... Ainda mais que nos primeiros períodos (eu fui da primeira turma, não é?) a gente ficava muito tentando entender no que aquilo ali ia virar... Então, nos primeiros períodos, até por eu já ter estudado inglês, o que acho que fez uma grande diferença, principalmente porque não teve uma separação entre turma avançada e inicial, não lembro de ter tido uma atenção especial para as necessidades daqueles alunos que estavam em níveis diferentes de inglês, então, talvez isso tenha me influenciado, nessa visão de que talvez o livro não tenha sido muito aproveitável para mim.

PP: No primeiro ano, eu não estava ainda no LEANI. Vocês tiveram aula com a (*nome PI3*), não é? Eu acho que já tinha separação, porque era metade da turma com a (*nome PII*) e metade da turma com a (*nome PI3*). Quando eu cheguei a (*nome PI3*) falou: “eles precisam aprender a escrever artigos. Nossa! Eles sabem muito inglês, precisam aprender a escrever artigos!” (risos). Mas acho que não era artigo era *abstract*. Vocês tiveram uma disciplina em que era preciso escrever um artigo em português e acho que vocês tinham que escrever um *abstract*. Lembro quando eu mesma cheguei que eu não usava muito o livro que era de inglês geral, num nível que vocês já tinham ultrapassado. A turma de vocês já tinha ultrapassado, no segundo período, todas as informações que o livro passava. Então, era assim, cada dia era uma descoberta, tentando escutar vocês e entender o curso. Eu me lembro bastante disso... e, depois, acho que vocês tiveram uma isenção, não tiveram?

E1: É... eu estava lembrando aqui... minha memória realmente é muito ruim, peço desculpa por atrapalhar a lógica de vocês (risos), mas eu estava lembrando que a aula da (*nome PII*) que estava comentando era de Tradução, não era mais a aula de Inglês...

PP: Isso.

E1: Porque a gente já tinha conseguido a isenção e a disciplina que ela estava dando era de Tradução, Português-Inglês e, aí, realmente, era uma aula em que a gente trabalhava muito com o computador, com pesquisa, porque a gente estava realmente trabalhando com cada vez um assunto diferente, um tipo de tradução diferente, então realmente você vai buscar mais informação, aprofundando certas coisas... e acho que (*nome PII*) também trazia algumas coisas de Inglês, cada vez que ela via algum *gap*, ela trazia uma reciclagem quando percebia que a gente estava errando muito, como equivalências de conjunções, coisas assim...

PP: Qual foi o curso que você já tinha feito?

E1: Comecei a fazer o curso bem pequena, não sei nem com que idade que eu comecei... mas eu tinha feito um curso particular, tinha estudado já no... (som picado, não foi possível entender o nome do curso) eu considero que a minha base de inglês já estava bem consolidada quando eu entrei no curso, era mais uma questão de aperfeiçoamento, de focar no linguajar de *business* que acho que todas as aulas tentavam fazer um pouco disso, até porque o material estava voltado para esse tipo de proposta... O curso me ajudou muito a não perder a fluência, porque eu acho que se não tivesse feito conversação minimamente na faculdade, eu teria perdido um pouco disso e eu, também, fiz intercâmbio depois que, apesar de ter sido feito na França, eu usava Inglês o

tempo todo e eu tive aula de Inglês lá também. Então acho que o curso foi muito importante para melhorar o meu nível e manter... Eu me considero fluente agora... acho que o meu Inglês nunca foi melhor como o dessa época do intercâmbio, apesar de eu estar na França...

PP: Você já começou a falar um pouco sobre o mercado de trabalho, então, fala um pouco do seu trabalho, da empresa em que você atua, o que você faz...

E1: Eu trabalho numa empresa em que eu nunca me imaginei trabalhando... é uma empresa de tecnologia que é basicamente uma plataforma de *commerce*, ela constrói infraestrutura para sites *on line* de vendas. Eles não fazem o site em si, mas são uma ferramenta que chamam de *software service* que é um serviço que, na verdade, é um *software*, é uma infraestrutura que várias lojas usam. A gente tem clientes no mundo todo e é uma empresa que tem escritórios em vários países. Tem uma atuação internacional muito legal que foi o que me chamou atenção para ela, quando eu estava procurando estágio. Quando eu estava no último ano do LEANI (porque eu voltei do intercâmbio faltando um ano para me formar, voltei desesperada para achar estágio e foi bem difícil...), primeiro estagiei na (*nome de escola pública*), no CEFET mesmo, no setor de intercâmbio, o que também foi legal para eu ficar usando línguas estrangeiras, no dia a dia, no trabalho de fato, mas eu queria realmente ingressar no mercado (não tinha como eu ser efetivada no CEFET...). Atrasei, então, a minha formatura, porque ninguém queria alguém que estivesse muito perto de se formar, para conseguir um estágio e, eu consegui uma vaga na (*nome de empresa privada do ramo do transporte de carga*) a empresa em que estou. Inicialmente eu consegui uma vaga no Financeiro, porque era uma função internacional também, mas eu não entendia nada do Financeiro, eu fiz algumas disciplinas de matemática na faculdade, então eu achava que podia dar uma justificativa ali e que seria o melhor dos dois mundos, porque na faculdade eu tive uma experiência na Empresa Júnior, na parte de RH, que eu já sabia que gostava bastante e a empresa tem escritórios na América Latina, na Europa, Estados Unidos... então, eu já sabia que ia ter que usar bastante espanhol no dia a dia e bastante inglês que era o que eu mais queria: lidar com pessoas de culturas diferentes... acho que todo mundo que entra no LEANI, a gente quer isso... Essa foi minha rotina e, na verdade, ainda é a minha rotina atual porque eu continuo numa função internacional, só que no início eu fazia a parte de pagamento de salários e admissões e demissões de funcionários e, não tinha esse contato com eles para fazer esses processos, era bem pontual e, agora, eu mudei de departamento esse ano e estou num setor que dá suporte às lideranças da empresa. A gente chama de *people department*, mas as pessoas conhecem melhor como *business department* e basicamente a função é dar suporte para as lideranças da empresa. Hoje o meu time, eu mais duas pessoas, olha para os times do internacional. Então, estou muito próxima dos times da América Latina (tirando o Brasil) e estou começando a olhar um pouquinho mais para o time da.... (incompreensível) porque a gente não tem uma região América Latina, mas uma região Brasil e uma região Latin. A gente separou porque são momentos de maturidade muito diferentes... No meu dia a dia eu uso muito o espanhol, muito muito... mas também uso muito o inglês para falar, para escrever uso mais o espanhol. Eventualmente tenho interações com a equipe dos Estados Unidos, mas acho que acabo usando inglês muito mais em situações em que ele é uma segunda língua para todo mundo que está na conversa... para equipe da Europa que tem gente da Itália e da Romênia, tem gente da Espanha, Alemanha e, aí, a gente acaba falando com a língua que é mais comum para todo mundo que é o inglês mesmo e, até mesmo, na América Latina tem algumas situações em que a gente usa mais o inglês, em conversas mais oficiais a língua mais usada é o inglês... quando é uma conversa com todas as lideranças da empresa... a língua oficial da empresa é o inglês mesmo, então a gente acaba recorrendo bastante ao inglês.

PP: Diante dessa tua experiência. Olhando um pouco para a questão de análise de necessidades, o que você diria que um aluno do LEANI precisa aprender?

E1: Sendo muito sincera eu acho que no meu dia a dia, uma coisa que eu acabo prestando muita atenção e me cobrando muito também, acaba sendo a questão da variabilidade linguística. Como estou em um ambiente em que acabo falando com pessoas que não tem o inglês como primeira língua (porque a quantidade de pessoas da minha empresa que tem o inglês como primeira língua é minúscula) a gente acaba aprendendo a se entender sabendo que o que está sendo dito não está gramaticalmente correto ou com a melhor ortografia... coisas desse gênero... No espanhol acaba sendo fácil entender o que a pessoa está tentando dizer porque a gente também já tem o conhecimento... o que com outras línguas às vezes fica mais complicado, como por exemplo com o pessoal da Romênia que fica uma comunicação meio truncada em traduzir ali dentro do próprio inglês, mas acho que essa é uma questão muito importante, a variabilidade linguística. E, sendo muito sincera, o inglês para negócios que a gente tinha muita vontade de mergulhar nisso na faculdade, ele vem muito na prática. Acho que cada emprego tem o seu vocabulário padrão... Eu já vi gente pronunciando jargões de business de uma forma completamente diferente... Hoje, por exemplo, ouvi uma menina falando "expertise"... Para mim é divertido, mas de repente tem outros lugares que falam dessa forma... Acho que é difícil a gente tentar pensar num vocabulário padrão, acaba dependendo muito do setor... O meu vocabulário não é tanto de Recursos Humanos, apesar de eu ter vindo de uma área de Recursos Humanos. Meu vocabulário é muito influenciado pela tecnologia. Então, é difícil pensar no escopo de um professor de inglês que daria uma aula tão ampla capaz de entrar nesse nível de detalhe. Claro que o mundo do e-commerce está crescendo muito, é a nova normalidade, o novo normal... Se houvesse espaço para o professor falar de diferentes setores do mercado, seria um assunto

interessante e eu acho também que é essencial para que todo mundo entenda, mas pode aparecer uma coisa nova também... então, vocabulário de marketing, por exemplo. Às vezes eu tenho que utilizar um vocabulário de marketing e, então, tenho que pesquisar para aprender. Não sei muito bem se tem alguma coisa muito óbvia que poderia ser ensinada... acho que uma base sólida realmente faz muita diferença... Agora vou deixar a (*nome PP*) muito feliz: eu sou a referência de inglês do meu time e eu não acho que escrevo completamente bem, mas quando estou falando as pessoas falam “ai, meu Deus, queria ter o inglês dela”, mas também não considero que meu nível é perfeito, eu erro muitas coisas, não revejo gramática há muito tempo... parei de estudar de fato quando eu me formei, então já tem aí um ano e meio e quando estava fazendo estágio também não fazia aula, mais de um ano e meio sem estudar. A gente acaba ficando muito refém de ferramentas de correção automática... todo mundo no mercado usa isso, então... Acho que vai muito de bases sólidas mesmo do que de vocabulários específicos de business, de negociações e coisas desse tipo assim. . .

PP: Você lida com algum tipo de documento, contrato... o email deve ser muito comum, reuniões... mas você lida com algum tipo de documento, como relatórios?

E1: É, email, muito... chamadas, reuniões presenciais ou por Skype são super comuns também. Agora, a questão da documentação, quando eu estava no outro departamento, no meu primeiro ano de estágio, o documento mais comum era nota fiscal (risos) porque eu fazia também o processo de reembolso. Então eu tinha que analisar se era uma Nota Fiscal válida no país em que a pessoa estava ou não, se era de fato um documento fiscal e não só uma “targetinha” de cartão de crédito ou coisas assim... esse modelo era muito comum para mim e, também, os contratos porque eu fazia contratos de trabalho para todos os países. Tinha que entender os termos de contrato, termos de confidencialidade... Hoje, muito menos. Ainda tenho contato com contratos que tenho que olhar às vezes. Oferta de trabalho que é um modelo muito padrão, na minha empresa pelo menos. Antes do contrato você recebe um documento oficial que é uma “oferta de trabalho” em que estão todos os benefícios, salários, etc... Agora que eu estou num departamento que tem mais a ver com os processos de RH, de projetos, estou lhe dando com gêneros diferentes. Tem, por exemplo, o Código de Ética que era uma coisa que eu nunca tinha visto antes e precisei ajudar, não tanto na elaboração, mas na revisão, Políticas de *Compliance*, coisas assim... Eu tenho o hábito de ter ata de reunião, mas não é uma coisa que a minha empresa faz. Isso eu aprendi na Faculdade (risos orgulhosos) a fazer uma ata de reunião, então eu uso, mas para o meu controle próprio. Acaba que cada um tem o seu registro ali, a gente não tem o costume de ter ata nas reuniões, mas eu tenho um controle pessoal bem rígido para eu não esquecer nada, porque minha memória é bem ruim, eu preciso confiar nas minhas anotações. Ah! Um gênero totalmente aleatório que eu também lido muito é o Organograma da empresa que tem o nome do cargo das pessoas e apresentações porque toda vez que a gente elabora um novo projeto, tem que elaborar um PPT, normalmente em inglês... Treinamentos... Quando eu dou treinamento de ético *on board*, então eu faço uma apresentação na empresa também...

PP: E esse teu projeto você escreve em inglês?

E1: Normalmente a gente escreve em inglês. A gente tem um *handbook* que fica on-line e todo o projeto desenvolvido a gente coloca ele lá para as pessoas terem informação. Além de apresentar todo mundo tem acesso a informação por escrito... Por exemplo, a gente fez, recentemente, um projeto que a gente chamou de *roles* que era, basicamente, a descrição dos cargos, mapeamento de competências de cada cargo, coisas nesse sentido...o que a gente teve que colocar no *handbook*.

PP: A gente pensa em uma proposta interdisciplinar ou multidisciplinar e, então de acordo com a sua experiência no LEANI e fora do LEANI, você acha que as disciplinas podem ser associadas com o inglês? Em relação a própria contribuição que as outras disciplinas podem dar ao inglês e que o inglês pode dar a outras disciplinas? Você consegue perceber isso de alguma maneira?

E1: Com certeza, acho que é muito importante. Lembro de um trabalho que a gente fez.. (acho que nas disciplinas de cultura, normalmente, a gente já tinha essa interface bem grande com a aula de inglês ou a aula do idioma que fosse). Lembro de um trabalho de cultura inglesa que eu escrevi em inglês que eu aprendi muitas coisas de vocabulário que eu não teria acesso em nenhuma outra aula de inglês mesmo... Era sobre as bruxas, da lenda do rei Arthur... Alguma coisa assim. Acho que as disciplinas se tivessem realmente uma interface maior com as aulas de inglês poderiam com certeza ajudar a enriquecer o vocabulário e a exercitar mais a elaboração de texto, artigos, coisas nesse sentido. Porque, realmente, na aula de inglês a gente acaba escrevendo “por escrever” muitas vezes... para exercitar o idioma mesmo, com o objetivo de só exercitar o idioma e, juntando com outras aulas realmente vai haver uma absorção maior do conhecimento... Além de você estar exercitando o idioma, você está exercitando o idioma para passar a mensagem daquilo que você aprendeu naquela disciplina, o que ajuda muito a fixar... um alcance maior do que a disciplina consegue ter um aprendizado... (qual a palavra que eu estou procurando...)... Um aprendizado holístico... acho que só tem a ganhar nesse tipo de interação mesmo. Não sei se a multidisciplinaridade do LEANI é o que faz ele ser muito rico.

PP: Você consegue perceber alguma outra disciplina que a gente pudesse trabalhar em conjunto? Vê a relação do inglês com alguma outra disciplina?

E1: Na minha singela opinião, todas as disciplinas tinham que ter inglês ou outra língua estrangeira, porque acho que a gente só teria a ganhar nesse tipo de cenário, sabe? Mas deixa eu tentar pensar em alguma disciplina

específica que teria muito a ganhar... Não sei como está a grade agora, mas, na minha época tinha um disciplina de Teoria Geral da Administração que era bem focada para esse mundo dos negócios, era bem focada para entender gestão e como a gente poderia atuar nesse universo de gestão.. não sei se ela ainda existe, mas acho que seria um disciplina que super teria a ver uma conexão com o inglês, porque tem muito material sobre esse assunto em inglês. Acho que, hoje, teria muito a ver que todos esse conteúdo relacionado ao mundo de negócios... das empresas que estão sendo mais faladas, nos diversos países mesmo, não só no eixo Estados Unidos e Inglaterra, mas outros países anglófonos que estão crescendo no mundo de negócios e tudo o mais... A aula de Turismo, também, seria muito legal que fosse em inglês, porque, bem ou mal... inglês acaba estando em tudo... realmente eu acho que ele tinha que estar em todas as disciplinas (risos), cada dia em uma... vai revezando... Acho que tirando as aulas de Cultura, de Formação da Sociedade Brasileira que tem mais a ver com outros idiomas e culturas, não teria tanto a ver, mas de resto, acho que poderia ser tudo inglês. As aulas de RI também tem muito conteúdo produzido em inglês. É muito mais interessante a gente ler os textos originais do que ler traduções, em muitos casos. Nas aulas que têm muito conteúdo rico em outra língua, super faz sentido a gente tentar puxar para esse lado de ler os textos originais... até, de repente, fazer uma análise crítica das traduções... isso foi um exercício que a gente fez em alguma aula, não sei se na de Ferramentas da Tradução ou alguma coisa assim, que acho que é bem interessante.

PP: Foi muito rico tudo o que você falou... sobre a sua empresa, qual a nacionalidade dela?

E1: Ela é brasileira! Ficou só no Brasil até 2012, aí em 2012 ela expandiu, primeiro para a América Latina: Argentina, Chile, Colômbia e México. Acho que em 2016 foi para os Estados Unidos que é um mercado muito difícil, porque a gente sofreu muito preconceito por ser uma empresa brasileira tentando entrar no mercado norte-americano. A gente teve que investir muito recurso e pensar estratégias diferentes para conseguir ingressar ali. Até porque, por ser uma empresa de software e é um software nosso que a gente criou e atualiza, a gente exporta muita gente... Ao invés de fazer o que muitas empresas fazem que é trazer mão de obra de fora especializada e mais qualificada, a gente acaba fazendo o movimento contrário de mandar muitas pessoas que estão aqui no Brasil e participaram da plataforma para outros países para ajudar na venda mesmo, a conquistar mercado em outros lugares. Isso às vezes não deu muito certo por conta da cultura local ou do próprio idioma mesmo... Nos Estados Unidos foi um caso bem gritante. De a gente chegar fazendo proposta, o cara ver no contrato que a gente era uma empresa brasileira e desistir de assinar. Não foi por nada, além do preconceito mesmo. E na Romênia também a gente teve um caso muito de cultura, porque é uma cultura que a gente não conhece muito sobre... conhece bem pouco sobre e quando mandamos um funcionário brasileiro para ir para lá, para vender, ele conseguiu, vendeu, mas gerou situações muito ruins de insatisfação com o produto, insatisfação com a forma do atendimento, porque eles estavam acostumados com uma outra forma de tratamento, de uma relação próxima e não um relação só de fechar o contrato e ficar usando o produto... isso foi uma barreira de alguns momentos... No Reino Unido também, a gente nem cresceu muito lá por conta desse nosso movimento de exportar brasileiros, a gente tem até parado um pouco para ver se a gente consegue equilibrar também e conseguir penetrar nos mercados, porque é inevitável, a gente não tem como nadar contra a maré e, infelizmente, as pessoas são muito preconceituosas e não aceitam fazer negócios com empresas brasileiras e latino americanas, em muitos casos...

PP: Entendi... mas fico muito feliz por você, pela tua caminhada... que dê tudo sempre certo aí na sua luta como referência de inglês! Olha a sua responsabilidade, hein? (risos)

E1: Eu também agradeço muito o convite. Fiquei muito feliz com o convite! Obrigada! Adoro participar, adoro ajudar a melhorar o curso, de todas as formas possíveis...

APÊNDICE Y - Transcrição da entrevista – E2 (Aluno Egresso)

PP: Primeiro agradecer por ter aceitado o convite. Essa é uma proposta do meu doutorado. Dentro da experiência do LEANI, do PPC do LEANI e do que eu vejo acontecer lá, eu pretendo apresentar uma nova proposta de Ensino de Inglês. Estou pensando em fazer uma proposta interdisciplinar, multidisciplinar que é o que realmente está escrito lá no PPC. Para isso eu estou escutando todo mundo. Os professores de todas as áreas, pelo menos um de cada área, alunos que já saíram e têm experiência com o Inglês; alunos do próprio curso, alguns do projeto outros de fora... A ideia é que a gente monte oficinas integrando tudo o que vocês derem para a gente de informação. O que é importante: o seu nome não aparece na pesquisa, vou usar suas informações academicamente, a gente garante o sigilo em relação a você. Suas informações são muito importantes. Tem aquele Termo que tem todas as nuances exatamente para te proteger. Você não é obrigada a dar nenhuma informação, nada que você não queria responder... Vou te fazer a pergunta e vou deixar você responder e como a gente está há distância, em uma entrevista feita por uma plataforma, é difícil manter o timing de uma entrevista presencial, então eu deixo você responder, faço as minhas anotações, você sinaliza quando tiver terminado a tua resposta e, aí, quando você terminar se eu tiver alguma dúvida eu vou te perguntar ou, então, a própria (*nome AP4*) também te pergunta, tá bem? Você participou da primeira turma do curso e, desde então, a proposta, não só de Inglês, mas de Línguas de modo geral, sempre foi uma proposta baseada na adoção do Livro Didático. O que é que você acha disso? Qual foi o seu sentimento enquanto aluna e, agora, como profissional, como é que você vê isso?

E2: Não só no LEANI, mas de uma forma geral para aprender qualquer língua estrangeira a gente tem como base o material didático, seja o livro, seja uma apostila, mesmo que não seja um curso formal, como em aulas particulares, muitas vezes as pessoas preferem esse esquema de ter um material em que você consegue acompanhar o seu desenvolvimento na Língua. Então, começando lá do início, do B-A-BA, frases que você precisa no dia a dia, até uma parte mais específica, algo que você vá usar no local de trabalho ou, então, desenvolvendo, saindo do dia a dia a situações mais específicas. A minha experiência, no geral, é boa com relação ao material didático. Acho que é uma coisa necessária para qualquer língua estrangeira e para o Inglês, principalmente, porque a gente utiliza bastante, então, acho que quanto mais conteúdo esse livro tiver, melhor, mais completo você vai sair dessa aula ou desse curso. Na época do LEANI, como cada um tinha um nível diferente de Inglês, tinham opiniões diferentes. Para alguns era bom que o material começasse desde o início, com frases comuns do dia a dia, mais simples e depois fosse desenvolvendo um pouco mais, enquanto para outros era um pouco tedioso, porque a pessoa já tinha passado por todo aquele processo, ela já conseguia se comunicar, entender, já consegui ler, transitar entre leitura e fala numa boa, então, essas pessoas já estavam procurando textos mais elaborados, com conteúdo diferenciado e, também, mais voltado para área que a gente queria, a maioria Relações Internacionais... Era isso o que a gente queria. A princípio, no início do curso, acho que teve essa variação de interesses, porque cada um tinha uma ideia do que seria o curso, focando nas Relações Internacionais... Acho que as pessoas focavam bastante nisso, em conteúdos sobre a cultura de outros países, sobre as negociações em si, sobre acontecimentos que estavam ocorrendo naquela época, matérias, livros que fossem mais atuais também com relação à Política Internacional... Acho que a gente estava buscando mais disso, apesar de eu achar que, claro, no início de qualquer curso a gente vai começar revisando o básico da língua e, depois, acho que o pessoal esperava mais esse background assim do que o curso tinha como objetivo que era mais essa parte de Relações Internacionais.

PP: E você teve esse retorno nas áreas mais específicas?

E2: Em algumas sim, lembro que quando a gente chegou na matéria de Inglês para Assuntos Específicos, a minha avaliação final era em grupo para a gente traduzir ou fazer uma versão. Na época o meu grupo escolheu uma apostila de curso preparatório para o (*nome de órgão do governo federal da área das relações exteriores*). A gente pegava as questões de várias matérias que caem na prova – Economia, História Mundial... – e fazia uma versão para o Inglês. Acho que a gente escolheu só um módulo, porque era uma apostila bem extensa. Nesse sentido eu achei que a avaliação ficou bem livre. Acho que a gente também teve essa escolha. A gente teve essa abertura para escolher como a gente gostaria de fazer, procurar o material básico para escolher o que a gente tinha mais interesse. Para mim, nesse sentido, funcionou bem. A parte de conteúdo, eu confesso que eu lembro pouco, não lembro com muitos detalhes da matéria em si... Lembro que, muitas vezes no LEANI os professores tentavam fazer trabalhos multidisciplinares, por exemplo, fora das aulas de línguas, pediam apresentações em inglês ou trabalhos em inglês também. Nesse sentido acho que ajudou bastante. Eu senti falta mais no foco da disciplina, porque eu acho que como a gente estava no início da formulação do curso, não tinha uma divisão exata de como a gente vai trabalhar. A gente vai ler várias coisas – Turismo, Relações Internacionais, História Mundial, Administração e Marketing... vamos fazer 360 em inglês de todas essas áreas... acho que não foi assim. Foi mais assim: “escolham a área em que vocês têm a pretensão de trabalhar e, a partir disso, cada um vai

construindo o seu próprio conhecimento, dentro dessa área...”. Então, eu achei que não teve uma determinação por parte do próprio planejamento da disciplina, no sentido de, primeiro, vamos fazer o geral para depois ir afinando por cada área de interesse. Acho que como a maioria das pessoas tinha esse foco em RI, acabou ficando mais interessante para a maioria das pessoas essa questão de “ah eu quero ler sobre política internacional, quero textos de jornais em inglês, textos de revistas conhecidas em inglês sobre o assunto”. Acho que ficou mais voltado para isso e, como eu falei no início, quando a gente teve essa opção do trabalho, a gente ficou mais voltada para esse tipo de conteúdo, mais voltado às Relações Internacionais.

PP: É... vocês foram da primeira turma, o curso foi se formando com vocês... não estava formado... Essa impressão é real... Na segunda parte, a gente fala sobre análise de necessidade. A gente quer saber para que o aluno do LEANI tem necessidade do Inglês, onde ele vai atuar. Então, a gente quer saber da sua experiência de trabalho, onde você trabalha? Como, onde e quando você usa inglês? Se é escrito, se é falado? Com quem? Em quais momentos? Que ajudasse a gente indicando áreas de conteúdo que você acha importante que sejam ensinados em inglês, gêneros, algum tipo de tarefa...

E2: Eu trabalho num hotel, especificamente, no departamento de reserva, ou seja, é o início de tudo. Quando uma pessoa precisa fazer a reserva ela passa por mim, tanto por telefone, quanto por email, a gente tem essas duas formas, e temos também o canal de vendas por outros sites o .com... essas sites já conhecidos para fazer reserva, a gente também está lá. Eu trabalho numa rede, são vários hotéis. Tem hotéis no Rio, tem dois em Brasília. Quando eu entrei, em 2018, como estagiária ainda, já tinha um colega do LEANI que trabalhava lá. Na entrevista as pessoas têm curiosidade de saber sobre o LEANI. Quando eu entrei eles já tinham a referência desse outro colega que já trabalhava lá, então, eles sabiam que ele falava inglês, espanhol e tinha conhecimento de outros idiomas. Então, quando eu entrei, a princípio, no processo seletivo eu não tive uma entrevista só em inglês para esse trabalho como estagiária nesse departamento de reservas que é onde eu trabalho hoje, mas no dia a dia a gente percebe como é importante ter esse conhecimento de inglês. Mesmo que seja intermediário ou que seja pequeno, se você estiver entrando num curso agora... Uma coisa que me surpreendeu bastante é que algumas áreas internas, como as administrativas, como a que eu trabalho agora, muitas pessoas não sabem falar inglês, não sabem nada, zero... Então, normalmente os departamentos que mais precisam de inglês são as recepcionistas e as pessoas que trabalham com o operacional de eventos, ou seja, as pessoas que lidam diretamente com o cliente, que recepcionam, cuidando da realização de algum evento... Essas pessoas têm que ter o inglês como língua primordial, mas o departamento que eu trabalho não é um critério de eliminação. Se você for uma pessoa que tenha mais experiência em hotelaria, mas não fala inglês, talvez você seja aproveitado, mesmo com a ausência do idioma, mas quando você começa a trabalhar e aí você precisa falar, escrever, explicar as coisas... internamente, às vezes a gente tem que tirar dúvidas e tudo o mais. Eu lido tanto com as pessoas dentro do hotel, os colegas de trabalho, lido com o cliente e também tenho que lidar com empresas parceiras que podem ser esses canais de reserva pela internet, podem ser de agências, podem ser de empresas que queiram fazer uma cotação para reservas particulares e, aí, dentro dessas possibilidades podem ter pessoas que não falam o português. Normalmente eu via muito essa questão do atendimento porque a gente faz muito atendimento pelo telefone, em que a gente faz vendas, tira as dúvidas sobre o hotel, sobre localização (essa parte mais turística, sobre hotelaria), tudo por telefone, mas conversando com o cliente. O canal principal de atendimento é por telefone e, também, por email. Fui percebendo que eu conseguia fazer as coisas naturalmente, atendia ao telefone, perguntava o que a pessoa precisava, em inglês, ela ia me contando, me falando se ela queria reservar ou se já tinha uma reserva e queria confirmar, ou se ela tinha um evento que iria participar e queria saber alguma informação especial... vocabulários do dia a dia da hotelaria. Então, eu diria que para mim foi importante já ter um conhecimento prévio de como eu faria esse diálogo: perguntar qual era o objetivo da pessoa, se eu poderia ajudá-la, saber explicar bem como é o funcionamento do local onde eu trabalho, como é o funcionamento do Rio (muitas vezes eles perguntam). Esse vocabulário era bem importante. A parte do email é mais para a parte da leitura, ou seja, algumas instruções de canais de reserva só vêm em inglês. Por exemplo, eu tive um problema com uma reserva. Pode ser por pagamento, pode ser que a reserva estava confirmada para o canal de reserva, mas não para mim... normalmente, as pessoas desses canais não são brasileiras, elas trabalham em vários escritórios ao redor do mundo e, aí, quando eles precisam tirar uma dúvida eles não usam o português, usam primeiramente o inglês. Então eu pegava bem, eu ia lendo e via que os meus colegas de trabalho, às vezes, tinham mais dificuldade, porque era um conteúdo diferenciado, então, quando paravam para ler, ficavam tipo “ai, eu não sei o que essa pessoa está falando comigo, o que é que eu preciso fazer com a reserva, não estou entendendo nada...” Porque é um vocabulário mais formal no email. Eles montam um email todo formal, todo bonitinho... Eu tinha que parar e tentar ajudar. Eu falava que “não, acho que estão falando sobre a questão do pagamento, aqui, pelo menos ele está dizendo que foi duplicado, vamos conferir na reserva se o pagamento foi feito duas vezes... Eu comeci a perceber que isso travava um pouco o trabalho deles, porque eles não conseguiam finalizar aquele processo sozinhos... Quando eu pegava os meus email e, às vezes, não tinha que perguntar nada para ninguém. Só respondia o email, continuava a negociação, tentava resolver a questão ali, diretamente com a pessoa que estava solicitando... Mesmo assim, em hotelaria, o inglês não é obrigatório. Muitas vezes quando eu tenho que reportar

uma questão para outro departamento, como por exemplo, o departamento financeiro que a gente chama de controladoria e lida com a questão do pagamento ou do estorno que às vezes o cliente solicita quando cancela uma reserva que já estava paga... Quando eu entrei e vi que a questão era de pagamento eu mandava para o financeiro e pensava: “beleza, isso aqui não tem nada a ver comigo...” Então, meus colegas me falavam “não, (nome E2), não passa direto, tenta ver o que é e já filtra ali qual é o problema e passa para eles, porque na controladoria ninguém fala inglês”... Aí a gente já vai descobrindo, no dia a dia do trabalho, quais são os departamentos que têm pessoas que falam inglês. Eu conheci tanto pessoas (do meu departamento que é pequeno, então, a gente consegue falar com todo mundo) que tinham curso e já tinham se formado e pessoas que estavam estudando, no processo de aprendizado da língua e pessoas autodidatas (“ah o inglês que eu falo quando atendo o telefone foi o que eu aprendi na internet, estudando por conta própria...”) e mandavam muito bem! Conversavam super bem, tinham umas dúvidas pontuais de vocabulário, mas conseguiam levar a venda por telefone, a reserva, numa boa, mas a gente sente que a pessoa às vezes tem dificuldade, né? Quando eu já estava efetivada, eles contrataram outros estagiários para colocar tanto na minha vaga, quanto na de outra colega que também foi efetivada e saiu do departamento e, aí, quando elas entraram, uma da área de Administração e a outra de Turismo, nenhuma das duas tinham inglês, nem estavam estudando, não sabiam mesmo, inglês zerado, como elas já tinham essa atenção para o que o departamento exigia, quando elas pegavam uma ligação em inglês, não dava... Já pegavam falando “ai, uma ligação em inglês! Você pode atender, por favor?” Elas não conseguiam lidar com esses dois conhecimentos: “Eu tenho que saber o que eu preciso falar em português já, agora em inglês eu não vou conseguir desenvolver se a pessoa perguntar alguma coisa mais elaborada...” . Teve um dia que foi muito engraçado – só um episódio para pontuar. Tinha um hóspede num hotel que tinha feito duas reservas para um hotel para dois períodos diferentes, só que ele ia usar só uma reserva, o segundo período que ele tinha contratado ele não ia utilizar mais... só que o estorno dele foi um pouco complicado, porque além de ser internacional, ele não tinha feito essa reserva direto com o hotel e tudo o mais... Quando ele ligava, ele sempre falava: ou comigo ou com um colega que também tinha o inglês fluente. Isso, num sábado, em que o plantão tem a equipe mais reduzida só estava eu e as duas estagiárias. Acabaram as ligações, consegui fazer as reservas que estavam no email, eu falei: “gente, vou dar um pulo no banheiro”. Sai e quando eu voltei estavam as duas, uma no telefone a outra olhando para a tela do computador e quando eu abri a porta elas falaram “vem, socorre aqui o cliente do estorno! Eu não entendi nada. Fala com ele, por favor!” (risos). Tem essas situações... elas falavam “ele ligou justamente quando você saiu da sala! Ai meu Deus!”. Eu falei, “gente, calma! Respira. Me passa essa ligação. Está tudo certo. Vamos ver o que ele precisa, o que ele quer...” Tem disso... Então, o inglês me ajudou muito, porque te dá independência. Você não precisa passar aquela questão ou demandar que outra pessoa saia do que ela está fazendo para te ajudar. Você consegue se desenvolver melhor em qualquer setor, não só da hotelaria... Acredito que qualquer empresa em que você tem que lidar com o cliente que não seja do Brasil ou que não fale português, sempre a primeira alternativa é o inglês. Ajuda muito. O vocabulário que eu mais uso é mais a parte de hotelaria. Descreve o quarto, a metragem, quantas camas têm, se é cama de solteiro. Às vezes tem que explicar para eles se tem Transfer do aeroporto até o hotel... é um vocabulário de Turismo e Hotelaria. É um vocabulário basicamente de business, porque a gente também fala em questão de pagamento, o método de pagamento do hotel, qual a política. Quando é uma ligação ou email de parceiros a gente também fala, por exemplo, em isenção de taxas de *no show*, quando a pessoa não comparece ou, então, porque a cobrança dessa taxa. Normalmente, esses sites já vêm com opções tanto em português, quando a pessoa é brasileira e inglês para quem faz a reserva de outro país. É um pouco mais simples, a pessoa já tem ali a política da reserva, como é que é o hotel, a localização... Já fica aquilo ali descrito para elas, mas, eu acredito que seja isso: *hotel business*... Hotelaria não tem muito segredo é basicamente isso, a pessoa quer saber do hotel, do lugar, forma de pagamento, mas acho que já está meio implícito ali no vocabulário de *business*...

PP: Você tem acesso a documentos? Provavelmente do financeiro ou alguma coisa desse tipo? Antes de você responder, diz para mim: essa é uma rede de hotéis do Brasil?

E2: Sim, é uma rede brasileira que não tem outra filial em outros países só tem aqui e em Brasília mesmo. Tenho acesso mais a documentos de contratos de evento que vem estipulando o valor que vai ser pré-pago de garantia, o que a empresa ou particular contratou. Também tenho acesso ao *voucher* que é a confirmação da reserva, então também vem ali descrito a categoria de apartamento, o que é que a pessoa tem direito dentro daquela reserva, valores, a política de cancelamento. Aquilo para a gente também é um documento. O nosso sistema de trabalho, aquele em que a gente coloca as reservas, gera *voucher* em vários idiomas. Então, da mesma forma como eu consigo fazer um *voucher* com toda a descrição da reserva e as políticas do hotel em português, eu consigo fazer em inglês, em espanhol. É um modelo pré-pronto, já pré-programado. Durante a pandemia a gente teve um documento oficial em português e inglês, com os protocolos que estavam sendo seguidos para a hospedagem no hotel que, eu também posso dizer que é um tipo de documento com o qual tive acesso. Mas, normalmente, os que eu tenho acesso são o contrato feito junto às empresas ou particulares e também o *voucher* da reserva, tanto a que é feita direto com o hotel, quanto desses sites de reservas *on-line*.

PP: E a classificação do hotel? Quantas estrelas?

E2: O que eu trabalho aqui é cinco estrelas, mas dentro da rede tem uma variação, entre três, quatro e cinco.

PP – Agora a gente quer falar sobre projetos e futuro. A gente pensa muito em trabalhar com inglês via projetos interdisciplinares ou multidisciplinares. Com a tua experiência de sala de aula mais a sua experiência, agora, no mercado de trabalho, você consegue fazer alguma associação de uma proposta com a contribuição de outras disciplinas para o Inglês, basicamente, uma proposta de alinhamento das disciplinas. Você consegue enxergar alguma coisa desse tipo?

E2: Como eu tinha comentado antes, na época em que eu fazia o curso a gente já tinha algumas propostas de colaboração entre as disciplinas – interdisciplinar ou multidisciplinar – uma avaliação só para duas ou três disciplinas juntas, mas... Deixa eu ver algum projeto que faça sentido... Acho que a própria aula de Turismo que a gente teve não teve nenhum projeto que tenha sido em inglês. Eu não sabia que ia trabalhar com hotelaria. Quando a gente sai da Faculdade a gente não tem uma ideia muito certa do que vai fazer, acaba indo para outras áreas que às vezes a gente nem imaginava que estaria fazendo... Por exemplo, acho que teria contribuído bastante para mim se eu tivesse feito o meu trabalho de avaliação das disciplinas de Turismo e Entretenimento (não sei se o título mudou) em que a gente tinha que trabalhar um Roteiro. Seria super importante para mim, agora, que fui trabalhar em Hotelaria e, tanto em Hotel quanto em Agências de Turismo e até mais importante em Agências, porque lá eu trato mais de reservas no próprio hotel que é uma coisa mais afunilada, mais específica... Talvez, acho que seria até mais ousado, que é juntar Matemática Financeira com o Inglês. Eu não sei se é uma coisa possível no LEANI, porque acho que o professor também é de outro curso, emprestado só para essa disciplina, então acho que seria ousado... Ousado para mim também que tenho uma dificuldade em Matemática, então acho que eu estou pedindo um desafio para o restante do pessoal que vai estudar no LEANI. Mas acho que é um desafio válido, entender um pouco só para ter uma noção. Vai que a pessoa quer trabalhar com Economia... Acho que é importante. Acho que o meu tipo de trabalho de hoje, em que é muito importante você conseguir se desenvolver falando em inglês. Então, aulas de conversação e as próprias simulações (*inaudível*) são exemplos de atividade legais para você conseguir se desenvolver e elaborar o discurso em inglês.

Durante o LEANI a gente também teve umas aulas mais específicas de tipos de texto, em que a gente tinha uma noção de tipo de texto literário ou de negócios, mas acho que foi mais em Português, acho que a gente não teve esse aprofundamento em Inglês não... Para o que eu uso hoje, o meu conhecimento tanto da língua quanto textual, acho que é suficiente. O curso já dá bastante essa estrutura, mas acho que é sempre bom apontar... A parte da escrita para email, e-mail de negócios, uma comunicação mais formal, acho que também vale ressaltar. Algumas pessoas na época tinham interesse em trabalhar com Organização de Eventos e Marketing, acho que as disciplinas de Eventos talvez também caibam... A organização de um evento internacional... Lá, a gente recebe alguns eventos internacionais, por exemplo, UFC em que a maioria das pessoas que vão negociar e visitar o hotel para ver qual a melhor estrutura que vão querer e arranjar para os esportistas, todo mundo fala inglês. Então você precisa também ter essa parte de organização de eventos. Então acho que Eventos também é interessante para quem quer trabalhar na área. Apesar de a gente achar que o hotel é só Hotelaria, hoje em dia, o setor de eventos aquece muito a hotelaria. Pelo menos no hotel que eu trabalho, na Barra da Tijuca, são três hotéis que formam como se fosse um complexo de eventos. Normalmente quando a gente entra nas baixas temporadas, entre março e outubro, antes de chegar o final do ano, tem eventos o tempo todo. Toda semana um evento, às vezes eventos pequenos, outros megaeventos. Umás empresas também contratam o espaço de eventos, ficam também hospedados durante o período do congresso ou do evento empresarial que for. Então acho que pode ser interessante para quem for trabalhar na área, ter essa disciplina de Eventos junto com a de Inglês, porque aí você já tem essa noção de negociar com o cliente, saber o que é que o cliente quer... Mas acredito que qualquer exercício oral, pelo menos hoje o que eu mais uso é o inglês falado, oral. Então acredito que qualquer projeto ou trabalho que beneficie o aluno nesse sentido, acho que é bem importante.

PP: Hoje em dia nós temos congressos na nossa área de Letras e Linguística, em hotéis... é muito frequente isso. Você falou dos contratos. Isso é um grande problema para a gente, aqui do LEANI, porque a gente já vem há algum tempo conversando com a própria professora de Direito do curso, pensando em contratos internacionais. Mas ela nunca conseguiu ajudar a gente com um modelo. A gente vai a busca mas é muito difícil a gente conseguir esses contratos. Eu já fiz um outro trabalho, numa outra área e, às vezes, você precisa estar dentro da empresa para conseguir... Para que você tenha um modelo da linguagem. Então se um dia você puder, a gente promete que tira os nomes das empresas, de ninguém pode aparecer. É importante aquele modelo, aquele gênero . O contrato acaba entrando numa lista que a gente chama de *occluded gender*, gênero ocluso que só conhece quem trabalha. Se você não trabalhar, você não vai conhecer, então quem estuda não vai conhecer...

E2: Acho que essa questão é bem difícil mesmo porque quando a pessoa tem interesse em uma área ou uma instituição em que ela sabe que vai trabalhar com documentos assim, talvez ela já tenha curiosidade e queira aprender e ter modelos de tipos diferentes em inglês, mas acho que de fato ela só vai conhecer quando realmente ela entra na área e na empresa e vai ter acesso a esses documentos. Quando ela está estudando ela só vai ter uma

noção, pode entender alguns termos, mas não vai saber redigir do zero um contrato. Mesmo não sendo muito complexo, sendo uma coisa fácil, às vezes a gente não sabe nem como começar. No caso do hotel existe um documento base de qualquer contrato, a política de pagamento, a política interna do hotel, o que é permitido e o que não é – uma parte que é fixa e vai estar sempre ali. E a parte que vai ser alterada é, por exemplo: o número de pessoas, de diárias, o que a pessoa solicita dentro do *buffet*. No contrato vem tudo, desde as informações de reservas que é o meu departamento, ou seja, o número de diárias, de pessoas, quantos apartamentos, tipos de apartamentos e, depois, já passa para o pessoal de A&B, que é Alimentos e Bebidas onde entra o que vai ser necessário para o *coffee break*, para o *buffet* de almoço, do *brunch*, do jantar. Depois, no final, passa para a parte burocrática, estabelecendo o prazo para o pagamento que se não for pago até a data combinada, 50% do valor será cobrado. Vem, então, a parte de multas, isenções e, no final, tudo que o cliente tem direito e tudo que a empresa também pode exigir no contrato. Não sei qual é a possibilidade desse tipo de documento lá, porque eu não trabalho com eventos. Porque, normalmente quem faz o contrato são eles, então, eles fazem a captação de grupos tanto de estadia, quanto de eventos junto com reservas. Nesse caso tem tanto as reservas dos quartos, as diárias, quanto o aluguel das salas. Então, não sei se eu consigo, se tenho acesso para divulgar, mesmo se por motivo de pesquisa... Agora, o que eu tenho a possibilidade de te ajudar talvez seja o modelo de voucher em inglês só ali com o que a pessoa tem direito quando ela está no hotel e o que ela está adquirindo, a política de cancelamento que tem ali no voucher. Acho que eu tenho mais liberdade de conseguir porque eu posso falar diretamente com a minha supervisora ou com o meu gerente geral de reservas que é um só para a rede toda. O que mais posso tentar ver se consigo? O próprio site do hotel...eu posso até falar o nome da empresa que acho que depois se oculta... mas tem tanta rede de hotel... a maioria dos hotéis do Rio de Janeiro tem também a parte internacional do site traduzida para o inglês direitinho. A minha rede é a rede (*nome do Hotel*). A página do hotel é (*site do Hotel*). Quando você entra lá você pode traduzir tanto para inglês quanto para o espanhol. Entrando lá você vai ver o nome das categorias do hotel, desde a vista cidade até os quartos com vista mar, até as suítes que são a sala e o quarto e outros ambientes. Lá vão estar todas as informações: descrição do quarto, metragem, tipo de tarifa, se permite cancelamento ou não. Quando você vai para a página de resumo de compra também vão estar todas as informações em inglês para a pessoa preencher os dados pessoais, os dados de pagamento, os termos da reserva. O que, talvez, seja interessante. É algo que as pessoas às vezes falam: “ah, eu não tenho muita noção”, mas quando você faz uma reserva da *Book* você consegue ter acesso aos Termos e Condições facilmente. Finalizando ali você pede para visualizar aquela página que é uma página de contratação mesmo e, ali, você já vai ter vários termos que já são mais ligados a essa parte de hotelaria e já é um contrato básico de compra: o que você está adquirindo e o que você tem direito. Acho que também é legal se, por exemplo, vocês quiserem fazer uma atividade assim. Na época em que estava estudando as aulas de Administração tinham muito isso de você criar a sua própria empresa. Se você cria uma agência de turismo e quer trabalhar nessa área, você tem que saber inglês, no mínimo ter um site em português e inglês. Então acho que também é válido quando a pessoa quer fazer algum negócio nessa área, já criar a página dela toda em inglês, acho que também é interessante. É bem legal essa parte. O que eu sinto um pouco em questão de vocabulário mais dia a dia. Na hotelaria às vezes tem muito isso, de repente teve um período que tinham muitos funcionários de empresas que trabalham embarcados, cruzeiros, empresas de petróleo, o pessoal que trabalha direto na embarcação. Então a gente teve uma demanda muito grande porque eles precisavam descer esse pessoal, fazer teste de covid em todo mundo. Eles ficavam às vezes uma semana ou mais tempo, até também a embarcação ser totalmente esvaziada e eles fazem uma limpeza específica... Como teve uma demanda muito grande e a gente perdeu muitos funcionários em pouco tempo, além de eu fazer o trabalho de Reservas, eu tinha que fazer o trabalho de A&B também, do pessoal do *Room Service* que era ligar para o pessoal que estava hospedado perguntando se ele iria solicitar a refeição do almoço, porque para esse tipo de reserva já tinha esse direito e qual o cardápio que ele ia querer. Então a gente passava tudo isso para a cozinha e eles já iam fazendo as refeições separadinhas, adiantando. Isso porque quando tem muita gente no hotel é difícil atender só quando a pessoa liga, então eles já adiantam tudo na cozinha. Um belo dia estava eu lá fazendo todas as ligações: “*Hello, sir. What do you want for dinner, today?*” e, olha, isso já foi uma complicação, porque eram pratos super elaborados e eu falava: “Meu Deus! Como é que eu vou falar isso para a pessoa?”, “como vou falar bobó de camarão?”. E tinha que explicar como é que era a receita e tudo o mais, que é um prato típico brasileiro... Aí o cara começou a conversar comigo, viu que eu sabia falar inglês, ele falou: “você fala muito bem, podia trabalhar em um Cruzeiro...”. A gente começou a conversar sobre um monte de coisa... Às vezes o cliente também quer um pouco de atenção no geral, começam a trocar uma ideia... Então é um vocabulário bem dia a dia mesmo, com o se você tivesse conversando com a pessoa. Acho que é muito legal também a parte de leitura, nesse quesito para qualquer língua. Porque você só vai conseguir adquirir conhecimento lendo, tendo contato com a língua. Eu brigava muito com as meninas do estágio porque elas falavam isso “aí, eu tô estudando, mas é que eu não consigo falar com o cliente, quando a pessoa liga. Não consigo falar com eles de jeito nenhum, eu fico travada”. Eu falei: “Tá mas você está treinando em casa, tá falando em inglês com algum colega seu que também está estudando inglês?”. Eu fico: “ué, você só vai aprender se você usar, não é? É meio difícil...” É complicado porque quando a gente fica muito tempo sem ter contato com o idioma, eu entendo... Muita gente vai para a áreas que talvez não seja tão necessário falar

inglês toda hora, escrever, essas coisas. Mas, por exemplo, quando você não tem o contato, você não usa... é muito difícil de você guardar, conseguir assimilar e deixar aquele conhecimento ali. Você põe dentro da caixinha e acaba perdendo o hábito mesmo. Então, acho que para qualquer língua isso é muito importante, exercitar. Se você não tem com quem conversar, pelo menos, então, vê uma série, tenta tirar a legenda, escuta o máximo que você puder daquilo que a pessoa está falando, o máximo daquele conteúdo. Hoje a gente tem bastante acesso a programas de streaming, youtube... Tem muitas ferramentas para você conseguir ter o mínimo de contato, principalmente com o inglês. Outras línguas talvez ainda seja um desafio, mas eu acho que em inglês a gente tem tantas possibilidades, tantas formas de a gente imergir nesse idioma que acho que vai ficar a critério da pessoa mesmo. A critério, realmente, do querer, da vontade de realmente aprender. Ferramentas eu acho que tem bastante.

PP: É, ferramentas a gente tem bastante e, hoje em dia, até ferramentas específicas como os *Ted Talks*, alguns específicos... De pandemia... Enfim...

E2: Exato. Tem para todos os públicos.

PP: Você consegue pegar às vezes uns áudios muito longos, às vezes uns mais curtos, então você pode ver o seu tempo e adaptar... Foi ótimo porque você trouxe muitos exemplos, não só enriqueceu e deu ideias muito acessíveis a gente... Essa história de criar a empresa eu comecei a fazer e os alunos assim: “ai, professora, eu já criei empresa!”

E2 – Se alguém descobrir que fui eu que dei essa entrevista, o pessoal vai me matar: “Você que deu essa ideia de fazer a empresa?!”, mas quando eles chegarem, lá na frente, talvez vão me agradecer! Porque tem muito disso também, a gente chega, ali, naquela empresa e fala, poxa, cinco anos de inglês e não estou vendo nada do que aprendi. Mas sempre tem alguma coisa que você vai lembrar: “Eu tive uma aula disso!” Não é o meu trabalho oficial, mas às vezes eu faço algumas traduções de *Abstract* para algumas pessoas de Pedagogia, porque eu tive uma colega lá do hotel que fazia Pedagogia que acabou me pedindo ajuda e para alguns outros colegas dela... Às vezes eu me deparo com coisas assim que eu digo “Eu não sei falar isso, aí eu paro e falo “não, acho que a gente teve uma aula que falou sobre esse assunto...” Então, a gente vai buscar um conteúdo, lá do fundo que você achava que nunca ia usar, que nunca ia ter contato... o vocabulário de comida por exemplo em hotelaria eu pensei que como não sou de A&B também tenho necessidade de saber, aí vinha aquele menu todo maravilhoso para eu explicar para o cliente: mousse de cupuaçu! Para eu explicar o que é que é cupuaçu! “*is a brazilian fruit, is so delicious, so wonderful!*”

PP: Eu não sei explicar nem em português! (risos)

E2: Pois é! Eu até então nunca tinha provado cupuaçu na minha vida! Como é que eu ia dar o *taste* da fruta? Não sabia falar o sabor do negócio... aí eu falava eu era uma fruta típica do Brasil, que era uma iguaria e já que ele nunca tinha provado, “porque é que você não pede o mousse de cupuaçu para provar? Porque se você gostar, pode pedir outras vezes” (aquela empurradinha, né?) (risos)

PP: Foi ótimo! Devo te solicitar outras vezes, não para a entrevista, mas de repente para ajudas pontuais. A gente vai montar esse projeto com algumas oficinas e, de repente, a gente pega algumas sugestões com algumas pessoas. Eu acho bacana algumas sugestões que você deu! Super agradeço!

E2: Pode colocar aí a tradução do cardápio de restaurante brasileiro! Quero ver todo mundo traduzindo essa receita aí! (risos) Também é uma ideia!

AP4: Bobó de camarão e sorvete de cupuaçu!

PP: Mousse! Mousse é pior que sorvete (risos)

E2: Espero que eu tenha ajudado e que contribua para o curso. A gente que fez parte de alguma forma quer continuar contribuindo para que as aulas fiquem melhores, para que os professores encontrem também mais alternativas. Acho que é bem importante essa pesquisa e acho que vai dar para ver os resultados em pouco tempo! Quando as aulas voltarem, ano que vem, se Deus quiser! com a vacina! Estamos esperando! Mas acho que vai dar para ter um saldo positivo do resultado dessa pesquisa.

PP: Vai sim! A gente está trabalhando para isso!

APÊNDICE Z - Transcrição da entrevista – E3 (Aluno Egresso)

PP: Em primeiro lugar queria te agradecer por ter topado participar. A pesquisa tem como objetivo melhorar o ensino de inglês do LEANI e, talvez, levar uma nova proposta de trabalho com o curso. Eu penso muito em trabalhos interdisciplinares, junto a outros professores. Então, também, levar uma outra proposta para os colegas. Em segundo lugar, queria comentar do Termo, a entrevista é conduzida levando em consideração tudo o que está ali no Termo. Suas informações pessoais não aparecem na pesquisa, como o seu nome. Vou utilizar todas as informações que você me der academicamente, ou seja, dentro da pesquisa ou para a própria aplicação dentro do LEANI, tá? Eu queria, primeiro, que você se apresentasse, dissesse de que turma você foi e falasse da sua experiência no curso...

E3: Eu começo te agradecendo por ter me convidado para a sua pesquisa. Eu fico muito honrado, muito feliz com isso... Meu nome é (*nome E3*), eu sou aluno da turma de 2015.1, do curso de LEANI, do CEFET. E a minha experiência no curso, eu diria que de forma geral foi bem satisfatória. Tanto pela interdisciplinaridade que estava buscando um curso que tivesse essa variável de conteúdos e aplicações e pelos laços que eu construí dentro do curso, sejam eles com professores ou alunos foram muito satisfatórios, são pessoas com quem eu tenho contato até hoje. Eu vi muita qualidade no ensino das Línguas Estrangeiras, das outras disciplinas também que sempre buscavam se alinhar às Línguas Estrangeiras para ter essa aplicação, no âmbito das negociações. Mas, claro, tudo pode sempre melhorar, ter uma especificidade maior. Tanto que o meu trabalho final de curso teve essa interdisciplinaridade, aliando as áreas que eu estudei, como o Direito, a Administração, Relações Internacionais, dentre outras áreas. Não era minha intenção inicial que tivesse toda essa interdisciplinaridade, mas, no final, os professores disseram que era um trabalho bem LEANI mesmo, porque abordava várias disciplinas e áreas de conhecimento.

PP: Agora a gente vai conduzir mais um pouco para o Inglês. Lá em 2015, tínhamos uma proposta do LEANI que não era só voltada ao Inglês, mas, aqui estamos falando especificamente do Inglês, a gente trabalha com a adoção de um livro didático e trabalha, geralmente, em cima da proposta deste livro. Qual a sua opinião e como foi a sua experiência em relação ao livro didático de Inglês?

E3: A minha experiência com esse livro didático eu diria que foi mais uma revisão do que eu já vinha vendo. Porque, quando eu entrei para o LEANI eu já vinha fazendo um curso de Inglês por fora. Então, boa parte do que tinha no livro didático, do primeiro período, eu já vinha vendo. Eram matérias bastante similares, mas, ainda sim, a especificidade do livro didático era maior, em relação ao que o LEANI oferecia, no âmbito das negociações. A didática e o material podiam ser similares, mas o que eu aprendi de Inglês por fora não iria cobrir o que o LEANI estava pedindo: um Inglês utilizado em empresas, no turismo, nas relações internacionais, dentre outras disciplinas. Então o livro didático de Inglês veio como uma revisão, um complemento, mas eu ainda sentia que faltava mais conteúdo, algo que podia se alinhar ainda mais com as outras disciplinas que a turma estava tendo no momento. Se eu não me engano: Direito I, Administração... havia esse vocabulário, mas para algumas disciplinas, os professores costumavam pedir algumas coisas específicas, algum vocabulário para se alinhar com outras línguas que o livro didático não cobria na totalidade.

PP: Você lembra o que você acha que faltava, não em termos de vocabulário exatamente, mas em termos de disciplina que faltava abarcar na sua visão... De repente alguma coisa que faltava de Turismo ou Administração... o que você acha que faltava ali?

E3: O livro didático cobria bastante o âmbito empresarial, então para a matéria de Administração ele supria bastante o que a gente precisava. Também supria bem a área de Turismo, não tanto quanto o âmbito empresarial, mas ainda faltava ter um alinhamento com Direito, com RI, com cultura também, porque apesar dele abordar muito de cultura empresarial, a gente sabe que nas negociações a gente tem que ter aquele olhar sobre a cultura da pessoa com a qual a gente está negociando para poder ter uma efetividade maior. Então, ele cobriu bastante desse âmbito empresarial e parte do Turismo, mas faltava essa pegada de Direito, RI, Cultura de uma forma geral...

PP: Eu queria que você falasse um pouco da sua experiência com o Inglês na atividade profissional que você já exerceu ou exerce. O Inglês que você usa ou usava. Que inglês é esse que esse profissional LEANI precisa aprender? Queria que você falasse um pouco da empresa em que você trabalhou (não precisa citar o nome da empresa) e com é que você fazia uso da língua?

E3: Eu posso dizer que tive duas experiências: a primeira foi no estágio, ainda na graduação. O inglês especificamente ajudou bastante, ainda mais porque eu ainda estava passando pela disciplina de Tradução versão Inglês-Língua Portuguesa e uma das minhas tarefas no estágio era fazer a tradução de livros atuais, livros antigos, documentos, cartas que eram trocados entre os funcionários dessa instituição. Algumas tinham uma linguagem um pouco rebuscada, outras tinham uma linguagem mais atual e essa tradução do Inglês-Português

veio muito a calhar na hora de fazer essa tradução, esse banco de dados... Eu posso dizer que 70% das tarefas que eu fiz lá dentro tinham esse cunho de traduzir e criar banco de dados e tudo o mais. Era muito interessante porque, desde que eu entrei para o LEANI, esse inglês que era necessário ali, naquela instituição, ele foi se fixando ainda mais na minha mente de maneira que eu não precisava fazer tantas consultas a um dicionário ou até mesmo ao meu supervisor, buscando algum termo que eu desconhecia no momento. Só que apesar dessa experiência ter sido muito enriquecedora, ela acabou me contaminando um pouco para minha segunda experiência, no caso, a que eu estou atualmente que é o Ensino da Língua inglesa para crianças e jovens de 8 a 14 anos. Porque ele é um trabalho voluntário, na comunidade do Guarda. Quando eu cheguei lá, no início do ano passado, eu estava com essa visão contaminada... Eu não tinha essa didática de começar pelo início, então, eu cheguei já jogando coisas para as crianças e elas não tinham essa noção do inglês que eu tinha... e eu não estava entendendo essas dificuldades delas e também a minha dificuldade em ensinar porque para mim era muito simples... então, eu colocava no quadro as coisas e falava, não mas vocês podem pegar isso aqui e fazer referência com isso aqui na Língua Portuguesa e elas não compreendiam e eu ficava, “gente, mas como é possível?”... porque eu fazia as mesmas coisas com o meu irmão que tinha uma idade similar, só que ele eu já vinha fazendo esse exercício com ele desde bem cedo... a gente já conseguia há muito tempo... Eu falava: “não é possível, porque eu estou usando o material que ele usa na escola e não estou conseguindo ter um resultado satisfatório aqui...” Só que eles não tinham esse nível.. Eu estava com uma visão tão turva que eu não conseguia perceber que o nível que ele estava estudando não era o adequado para aquela turma. Porque apesar de terem a mesma idade, não tinham a mesma experiência nas escolas, a mesma experiência de vida... Enfim, conhecimento de mundo... então eu tive que me reeducar no aprendizado de inglês... Eu tive que voltar para um conteúdo bem inicial que eu achava que conhecia muito bem, que para mim era óbvio e fui percebendo que eu não conhecia tão bem, de maneira que eu pudesse explicar para as crianças. Então eu tive que estudar de novo toda aquela coisa de Simple Present, Simple Past, das regras de semântica... todas aquelas normas gramaticais e eu fui vendo que, realmente, eu não posso chegar lá e falar gente é isso aqui e pronto, eu tenho que explicar direitinho... Fui percebendo que eu precisava fazer uma relação com a Língua Portuguesa. A princípio eu tinha chegado ali para fazer o ensino da Língua Inglesa, aí eu falei: “Não. Tem como eu também fazer o ensino aqui, da Língua Portuguesa, em um dia e da Língua Inglesa, no outro?” Porque era necessário... se eu não fizesse esse alinhamento das duas, eu não ia conseguir passar para eles o que eu estava planejando. O que seria necessário para eles aprenderem naquele momento. Não para fazer a tradução, mas para ter a compreensão, para fazer uma referência do que aquilo pode ser, sem precisar traduzir. Então, essa experiência foi muito enriquecedora também, foi um novo aprendizado, porque quando eu vim da outra instituição, na qual eu estagiei e eu já estava para terminar eu dizia isso aqui é isso aqui, isso é óbvio assim... mas quando eu fui para lá eu percebi que não é assim que funciona. Tem que ter uma didática, o professor, o educador tem que ter essa paciência, essa empatia.

PP: É a sala de aula que tem que conhecer as necessidades e a gente sempre fala que são muito diferentes. Às vezes na mesma escola. No LEANI, eu nunca peguei uma turma que fosse igual à outra. São turmas muito diferentes, desde o início. Necessidades diferentes, tem turmas muito heterogêneas, têm turmas mais homogêneas, tem turmas que têm muitos alunos que precisam de apoio, com aquele inglês básico e outras não que o pessoal já tem nível de proficiência super alto. É muito diferente mesmo dentro de uma instituição você vai ter que adaptar o seu trabalho, mexer nele de alguma forma, imagino você aí com a experiência com o seu irmão e, em outro lugar que é de um contexto diferente, com certeza...

E3: Porque já está fixado na nossa mente, a gente tem todas aquelas regras, mas a gente nem lembra delas que estão no nosso cotidiano e já vêm de uma maneira natural... Como na Língua Portuguesa e, aí, a gente tem que pensar, mas porquê? Como? Qual é o processo de tudo isso...

PP: No teu estágio a área era de tradução? Você foi contratado para a tradução ou a área era maior e você tinha também que trabalhar com tradução?

E3: Era um lugar maior que tinha também que trabalhar com tradução. Essa tradução veio depois de algumas tarefas que o meu supervisor me passou e eu estava fazendo uma boa tradução dos materiais e a princípio ele só queria mesmo criar um banco de dados dos materiais que tinham lá e, daí, ele veio com a ideia também de fazer um projeto para a (*nome de órgão internacional multinacional*) de transformar um acervo específico do Barão da Ponte Ribeiro. Ele falou que queria transformar esse acervo que o Barão da Ponte Ribeiro produziu para concorrer como memória do mundo na América Latina. Aí eu falei: “beleza, vamos tentar.” Tinha que traduzir muito material do Barão da Ponte Ribeiro, tanto do inglês para o português, quanto do português para o inglês. Ele falou “não, eu não sei se vai dar tempo... se a gente vai conseguir...” e eu falei “vai dar tempo sim”. Aí entrou um outro estagiário e a gente começou a fazer em trio, então, a partir desse momento em que ele iniciou esse projeto, a tradução começou a ser muito necessária. Antes era a criação de banco de dados, a revisão de documentos e cartas e com esse projeto a necessidade mudou. Depois, com esse projeto, ele viu que havia uma necessidade de fazer a tradução de outros arquivos, de outros acervos que não só a do Barão Pontes Ribeiro e a tradução passou a integrar o cotidiano ali do setor.

PP: Você foi contratado no estágio para quê? Qual era a sua função?

E3: A minha função era a montagem de banco de dados. Era no Ministério, no (*nome de órgão público da área de relações internacionais*), aqui no Rio de Janeiro. Ele queria organizar esse banco de dados porque tudo o que tinha ali era físico, então se o pesquisador quisesse ter acesso a alguma coisa, ele precisaria se deslocar de onde quer que ele estivesse, às vezes, até de outro estado do Brasil, até o (*nome de órgão público da área de relações internacionais*) no estado do Rio de Janeiro, porque só tinha aquele material ali. O banco de dados tinha o objetivo de colocar aquela informação on line para consulta para que a pessoa não tivesse que se deslocar para encontrar aquele material ou se deslocar, mas encontrar aquele material da forma mais fácil, porque ela não só tinha que se deslocar até lá, mas tinha que gastar um tempo considerável procurando em todo aquele acervo, um por um, letra por letra, número por número, porque apesar de estar organizado em seção 1B, 1C, AB... Tinha muito material que estava sem classificação, fossem fotografias, fossem cartas, fossem mapas... Então o trabalho era tirar essa classificação repetida desse material que era extenso e disponibilizá-lo on-line para que houvesse essa modernização do setor. Quando eu cheguei lá, ele me apresentou e falou “Então, a gente tem que criar um banco de dados para tudo isso aqui”, aí me mostrou uma mesa cheia, uma montanha de documentos e falou “isso aqui é só 20% do que tem...” Eu tenho para mim que aquilo foi uma maneira de tentar me assustar e de falar “não, perai, eu não sei se eu dou conta...”, mas eu falei “tudo bem, se é isso aqui que a gente tem que fazer, então é isso aqui... Eu estou disposto”. Aí teve a contratação e a gente começou a fazer e, até eu sair de lá – o estágio durou, se eu não me engano, de onze a doze meses, porque eu já estava no final da graduação e 75% do acervo já tinha sido disponibilizado on-line. Eu fiquei até um pouco triste quando chegou o dia da minha saída, porque faltavam poucos dias para fechar o mês e eu falei “eu não queria ir... ainda tenho dias para voltar para a faculdade e tal... e meu contrato encerra hoje...”, aí falei: “será que eu podia voltar aqui esses dias até fechar o mês e tal só para dar uma ajuda mesmo e não deixar a coisa inacabada?”. E ele falou: “Com certeza, pode voltar sim...” eu falei “ótimo, beleza...”, porque eu gostava muito do ambiente, gostava muito dele... gosto. Ainda mantenho contato com ele até hoje. Enfim, foi uma experiência bem enriquecedora.

PP: Fico muito feliz em ver sua trajetória... muito bacana! Dentro dessa sua experiência, se a gente tivesse que ajudar o LEANI em termos de conteúdos, tarefas, gêneros a serem estudados... (quando eu falo em gêneros, falo em e-mail, reunião...) Que tipo de atividade você acha que em Inglês os alunos poderiam produzir e a gente podia fazer para ajudar esse aluno quando ele fosse para um estágio desse tipo ou quando ele caísse no mercado de trabalho?

E3: De atividade eu vou começar citando uma que já acontecia e que me ajudou bastante que eram os meetings em língua inglesa e que tinham por objetivo tirar uma ideia daquele meeting para aplicar dentro do contexto empresarial. Isso ajudou bastante. Outra atividade que agora eu posso sugerir é uma que veio dos eventos que o LEANI fazia, no caso, que o Laboratório de Relações Internacionais fez. Eram outros tipos de meetings, simulações diplomáticas para discutir assuntos de cunho global, nacional que trouxe uma variação muito interessante que foi discutir esses assuntos em língua inglesa, o que exigia a pesquisa de termos que nós não conhecíamos ou que se traduzidos literalmente não ficariam corretos. Isso foi muito interessante de fazer e ajuda bastante, no âmbito das RI's e do Direito Internacional. Aqueles meetings que tinham por objetivo trazer alguma ideia nova para o contexto da Administração, também ajudaram muito no âmbito da Administração... Agora, por exemplo, para as disciplinas do Turismo poderiam, não sei, ser organizados eventos beneficentes ou que utilizassem o uso da língua inglesa durante todo o evento para incentivar, digamos, que o público alvo de adolescentes e jovens, durante todo o evento, tivessem a língua inglesa como padrão. Uma forma de incentivar os jovens a ter um ambiente mais descontraído para praticar o inglês que não é uma sala de aula, além de conhecer outras pessoas com nível de inglês diferente. Enfim, colocar a prática em dia de uma forma que não seja tão tensa... Talvez, durante esse evento uma Feira acadêmica de livros de língua inglesa, de atividades em língua inglesa, enfim, uma mostra de filmes, de séries... uma programação para essa proposta linguística... Não consigo pensar muitas outras atividades, mas eu acho que essas seriam... talvez até na própria Semana de Extensão, um estande que tenha esse cunho, do incentivo da língua inglesa com jogos... alguma coisa que tenha para descontrair, para a pessoa não falar: “ai, meu deus, se eu errar, se eu falar alguma palavra errada vão me julgar aqui...” e aí ela fica travada e não consegue mais botar para fora... Durante a minha graduação eu ouvi muito a frase: “ah quando eu estou sozinho, eu consigo falar um inglês perfeito, mas se tiver uma pessoa escutando não consigo mais, fico travado...”. Essa experiência parece comum até porque eu mesmo tive essa experiência, quando não tem aquela (eu nem digo obrigatoriedade) mas aquela questão da observância, da vigilância: “não é com esse tipo de sotaque...”, sabe? A pessoa consegue se soltar mais...

PP: E você lembra de algum documento importante? A gente fala muito dos contratos. Você lembra de algum documento, o que você acha importante para um aluno LEANI ter acesso?

E3: Durante o meu estágio eu dei de cara com muitos pedidos de requerimentos com aquela linguagem formal. Por exemplo uma página inteira de uma carta que podia ser dita por uma simples frase por telefone, sabe? Só que a gente tem que considerar que naquela época eles não tinham telefone e tem aquela formalidade que exige esses

recursos. Documentos voltados para essa área podem ajudar bastante, porque pode-se dizer que boa parte do trabalho que se faz quando o estágio pede a língua inglesa envolve análise de documentos, relatórios de dados e tudo o mais e eles exigem essa linguagem mais formal, mais rebuscada... Contratos também, tanto na área do Direito Internacional é bem importante que as pessoas tenham acesso a isso o mais cedo possível para que numa entrevista de grupo, numa dinâmica de grupo se tiver esse tipo de atividade, eles não fiquem perdidos e se sintam à vontade para fazer tanto para fazer aquela dinâmica de grupo na língua inglesa como também para fazer as atividades de grupo que forem pedidas na língua inglesa, análise de contrato e demais documentos.

PP: Obrigada. Adorei as sugestões, anotei tudo (risos). Gostei muito da parte que você fala “coisas para descontrair”. Acho que a gente tá precisando, não é? Agora a gente vai para a terceira parte da entrevista. Estou procurando sugestões sobre a organização de um projeto interdisciplinar ou multidisciplinar, então, de acordo com as disciplinas que vocês fez no curso, associadas à sua experiência de estágio, como é que você pensaria que inglês poderia se associar às outras disciplinas de conteúdos diferentes? Que tipo de contribuição essas outras disciplinas também poderiam dar ao inglês? Como é que você vê um projeto interdisciplinar dentro do curso?

E3: Pela minha segunda experiência que foi o Ensino de Inglês, eu diria que aliar a Língua Portuguesa de uma maneira mais cultural... Colocar o conhecimento da Língua Portuguesa em prática é fundamental, porque para a gente conhecer qualquer outra língua, a gente tem que conhecer a nossa língua materna muito bem. Tem que ter essa noção bem qualificada da língua materna. Tanto para poder fazer alguma associação com alguma coisa que você não conheça ou alguma palavra que você nunca ouviu, mas que na sua língua materna você consegue puxar e, na hora, você consegue ter aquele *gap* para desenrolar bem a situação ou entender o que está sendo falado... Seja na forma de Literatura, que traz bastante da nossa cultura. Porque colocando essa vertente cultural para se alinhar a Língua Inglesa isso vai te ajudar a conversar com alguma pessoa que tenha a língua materna como a Língua Inglesa, como também para negociar. Porque trazendo esse âmbito cultural é fundamental, porque você está negociando com uma pessoa e ela pode citar alguma coisa da sua cultura que você mesmo não conhece. Então esse conhecimento pode trazer uma facilidade maior, pode trazer até uma maneira de lidar com um erro ou alguma forma de convencimento durante uma negociação. Acredito que as disciplinas de Identidades Culturais também devem se aliar bastante a disciplina de Língua Inglesa, porque se você está conversando com uma pessoa de outro país e você não tem conhecimento da cultura daquele país, da cultura daquela pessoa, você tem altas chances de cometer alguma gafe que vai te deixar mal com aquela pessoa e, conseqüentemente, com outras pessoas que ela conheça. Ela vai falar: “Hum, não, aquela pessoa ali não tem uma educação tão... Eu fui tentar falar alguma coisa e ela me respondeu com isso... ou fez um gesto que é considerado ofensivo...”. Então, essa disciplina Identidades Culturais eu diria que também é fundamental para o aprendizado das línguas. Da Língua Inglesa principalmente que é considerada a língua padrão, ao redor do mundo. Se você não falar, por exemplo o Mandarim, você pode negociar em Inglês com essa pessoa que ela também vai negociar em Inglês com você. Identidades Culturais e Língua Portuguesa porque elas vão ajudar em outras disciplinas como Relações Internacionais, Administração, Direito... uma complementa a outra. Então eu acredito que essas seriam as duas bases, os dois pilares para que além de você ter um conhecimento mais aprofundado da Língua Inglesa, você consiga através desse conhecimento dessas três vertentes alinhadas, você consiga ter uma melhor compreensão ao que é pedido em Relações Internacionais, em Administração Empresarial, no Direito Internacional – tanto no Direito Privado como no Público, no Turismo onde é essencial também essa noção de Identidades Culturais e de Línguas, em Eventos, também, para você reunir pessoas, fazer um *brainstorming* ou um *networking*... Eu diria que são essas as que considero muito importantes para se alinhar com o Ensino da Língua Inglesa.

PP: (nome AP4), alguma pergunta? Eu nem te interrompi porque eu vi que você estava aí anotando, anotando e eu falei “no final eu vou perguntar se ela tem alguma”...

AP4: A pergunta que eu ia fazer, você acabou fazendo antes de mim... Eu já anotei a resposta... Está tudo certo... Já estou quase transcrevendo em tempo real aqui (risos).

E3: Eu sei, eu estava ali e falei “gente, elas estão escrevendo bastante!” (risos).

PP: Gostei muito da sua entrevista. Muito bom te ver. Você é um menino que eu conheci, assim, com os olhos (risos)

E3: Eu me sinto muito honrado por você ter me chamado para participar da entrevista. Fiquei muito feliz mesmo quando você me perguntou. Eu falei “nossa!”, porque eu gosto muito de manter esse contato com as pessoas do LEANI que eu gosto, eu gosto muito de você. Não tive a oportunidade de conhecer tão bem a (nome AP4), mas o que eu puder ter de contato com o curso LEANI que foi um curso que agregou muito a minha vida, eu vou continuar fazendo o possível para manter esse contato.

PP: Ah, a gente te chama para os nossos projetos!

E3: Eu vou ficar muito contente com isso! **PP: Obrigada!**

APÊNDICE AA - Transcrição da entrevista – E4 (Aluno Egresso)

PP: Quería agradecer por aceitar fazer parte da nossa pesquisa. Estou muito feliz com a sua presença.

E4: Eu é que agradeço. Estou com saudade.

PP: E comentar que os seus dados não vão ser divulgados. Que você terá o anonimato preservado. Somente as informações que você nos passar vão ser divulgadas academicamente e para a prática do próprio curso. Te enviei um Termo de Compromisso onde estão todos os itens que garantem a sua privacidade. Muito obrigada. Eu faço um movimento na entrevista porque como a gente não está face a face, não te interrompo. Faço a pergunta e te deixo falar, se tiver alguma questão eu anoto e quando você terminar a resposta você me avisar. A primeira pergunta que eu tenho para te fazer é sobre a proposta do curso. Em primeiro lugar: Qual é a sua opinião sobre a proposta de ensino de Inglês no LEANI que é uma proposta baseada na adoção de um livro didático?

E4: Primeiramente o Inglês é imprescindível e o nível que a gente já pega quando a gente chega no curso já é um pouco mais avançado do que as outras línguas e a gente toma isso com muito naturalidade pelo Ensino Médio, pela maioria das pessoas que cursam o LEANI, já tem um interesse especial pelo Inglês e você chegar e já ter o curso de *business* é um baque porque é um vocabulário mais diferenciado, com textos muito específicos que a gente não visualiza no começo do curso. A gente fica um pouco assim: O que é que a gente tá fazendo aqui? Ao mesmo tempo, a gente quer exatamente aquilo para o futuro. A gente quer usar exatamente aquele tipo de vocabulário, naquele tipo de situação, utilizar para aqueles documentos. Então a gente tem esse tipo de esperança, né? Acho que tem muito a ver com o contexto atual do Brasil, econômico e político, até as carreiras que a gente está seguindo no momento estão um pouquinho emperradas... inclusive as Relações Exteriores estão bem emperradas (risos), então, muito do que a gente usaria no *business* a gente acabou ficando preocupada com o que a gente realmente poderia usar com os empregos que a gente tá conseguindo no momento... Eu digo por experiência, sendo uma ex-aluna, que o bom do LEANI é que pela interdisciplinaridade você consegue se encaixar em vários lugares diferentes no mercado de trabalho, como por exemplo o Turismo, pelas línguas estrangeiras. Foi algo que eu visualizava desde o começo: “se tudo der errado eu vou para o Turismo pelas línguas estrangeiras”. E eu digo que é assim: o vocabulário do livro didático que a gente usou, eu não utilizo no dia a dia, mas eu gostaria de estar utilizando de fato o que a gente usou no livro. Eu gostava muito da dinâmica do livro, gostava muito do livro e se eu precisar fazer alguma prova importante ou uma entrevista ou qualquer coisa do gênero eu recorreria ao material que eu tenho do LEANI. Sendo bem sincera. Eu lembro de muita gente não gostar, não se identificar com o que a gente tava estudando, mas ao meu ver, no sentido de carreira ou com o que eu realmente quero, aquilo condizia com o queria. Me ajudou também no TCC. Quando eu fiz trabalho em Inglês às vezes recorria ao livro, mesmo sem aula. Enfim, ele não deixava nada a desejar, inclusive achava ele muito denso, tem muitas informações relevantes que talvez, no contexto do LEANI, a gente não visualizasse para que a gente ia usar, principalmente no começo. No começo a gente não visualizava, agora como ex-aluna eu vejo a prática acontecendo só que em carreiras que eu gostaria de estar seguindo agora.

PP: Essa questão do livro ser denso para muita gente era uma desvantagem, era uma reclamação isso, não é?

E4: Aquilo ali era muita riqueza de conteúdo. Eu achava que para o dia a dia do LEANI, como uma das mil matérias que a gente faz por semestre, era realmente muito pesado. Eu lembro que muita gente no colégio não estudava muito inglês que é relativamente fácil para quem quer fazer RI e já tem uma certa facilidade com alguma língua estrangeira (não necessariamente o Inglês, mas a maioria sim) e quando chegava na faculdade não queria estudar muito o Inglês, sabe? Então, quando chegava e via aquele monte de conteúdo já ficava com o pé atrás ou pensava “mas para que eu vou realmente usar isso se eu já sei...”. Então, acho que era um pouquinho disso, achar que já sabia demais, aí chegava a prova e a gente se ferrava (risos). A gente não tirava notas tão boas quanto a gente tirava em Francês ou Espanhol. Na nossa cabeça meio que não fazia sentido porque a gente sabia mais as outras línguas, mas o vocabulário era realmente muito denso, muito denso mesmo. Infelizmente a gente não usava tanto em estágio ou no dia a dia e isso acabava travando a gente um pouquinho... mas faz parte, né? (risos)

PP: Eu me lembro que algumas alunas falavam assim: “mas eu vi do curso de Inglês e só tirava nota alta!” (risos) A segunda pergunta é sobre as necessidades. A gente fala sobre análise de necessidades. Agora, você está no mercado de trabalho, então, queria que você dissesse qual a empresa em que você trabalha, o que você faz, se você utiliza o Inglês (como, quando, onde)? Que Inglês é esse que você usa? E se você usa algum gênero ou tem alguma tarefa em inglês muito recorrente ou basicamente algum conteúdo que você ache que pode ser importante falar sobre isso no LEANI?

E4: Eu agora estou trabalhando na área de Turismo, fazendo atendimento geral e internacional na (*nome de equipamento de lazer e turismo municipal*) que abriu e vai fazer um ano agora. Que é do lado do (*nome de outro equipamento de lazer e turismo municipal*), no Boulevard Olímpico, em frente ao porto, então é cruzeiro todo o dia. A gente recebe turistas todo dia! Inclusive do Santos Dumont. A exposição ali é relativamente cara e o meu trabalho é dar essa orientação ao turista de valores da (*nome de equipamento de lazer e turismo municipal*), mas orientações turísticas do Rio de Janeiro para quem chega completamente perdido, no navio. No verão passado era muita gente perdida, inglês, francês, espanhol... alemão... aí tinha vez que eu falava uma coisinha ou outra em japonês (que agora eu estou estudando) e a gente vai dando aquele jeitinho, não é? Mas a grande maioria é inglês... muito espanhol, muito chileno... estranhamente muito chileno (risos). Então eu uso muito muito a língua estrangeira no meu trabalho, uso mais do que achei que eu fosse usar. Fui contratada como bilíngue, eu tenho uma função especial ali, então é um pouquinho mais valorizada do que as outras funções por ser bilíngue... isso foi pelo LEANI ser bem assim... você pode recorrer para qualquer lugar, tanto que uma época eu estava estudando tradução para fazer tradução e legendagem, mas também rolou essa oportunidade então... é muito bom... Hotelaria também com o (*nome do professor*), nossa área turística é bem rica para quem gosta muito de língua estrangeira... No dia a dia, uso uma linguagem polida, mas também não tanto. Muita coisa que eu aprendi no LEANI me ajuda no dia a dia, no sentido de polidez com o cliente. Por que a gente fala o estudante ou o turista, mas é um cliente acima de tudo, não é? Então para dar orientação e a gente tem todo um cuidado com a questão de violência. É polido, mas não é aquela coisa business, não seria algo de um ambiente empresarial, nem nada, talvez isso dentro da empresa, em outros países (eu estou até de olho nisso, né? Risos). Com relação ao que eu aprendi no LEANI, sim é muita coisa na questão da polidez e da construção das frases para ficar o mais elegante possível, dá muito certo. Eu recebo muitos elogios sobre isso... Antes eu tive uma experiência nas Olimpíadas porque eu trabalhei com tradução de instruções técnicas de câmera. Às vezes eu pedi uma coisa ou outra específicas, de técnicas para alguma professora, como “grua”... Eu nem lembro mais. Coisas de questão financeira de cartão e transação... Extrato, estorno... Coisas que eu não lembro de ter estudado no LEANI, propriamente... E que eu também não lembro de ter aprendido em cursos específicos que eu tive que correr um pouquinho atrás depois, porque mexendo ali com dinheiro, às vezes acontece de dar uma ziquizira no cartão do cliente e me chamaram para poder resolver a situação e, aí, às vezes é muito dinheiro envolvido, em dólar e, então, eu tenho que mediar a situação de forma que ninguém saia prejudicado. Às vezes o cliente nunca mais vai voltar para o Brasil e a gente tem que dar um certo amparo para ele que às vezes o cartão ou o sistema da (*nome de equipamento de lazer e turismo municipal*) não oferece, então, a gente tem que encontrar o meio termo... Aí eu vou lá no (*nome de outro equipamento de lazer e turismo municipal*) e tento negociar um ingresso para o turista ou ali no Museu do Amanhã que também é ali do lado. A gente também recorre a muitos documentos do (*nome de empresa municipal do ramo do turismo*). Tem um programa também do Ministério do Turismo chamado Braços Abertos que é um programa que para quem trabalha com Turismo oferece noções básicas de inglês que para mim foi bem bobinho, mas tinha um ou outro módulo que era só sobre questões de transações financeiras que me ajudou bastante... Que eu não lembro de ter estudado, mas também nunca imaginei que fosse precisar disso... Eu lembro que na época em que eu estava no LEANI eu já estava procurando algo relacionado à hospitalidade, turismo, hotelaria. Cheguei a começar a fazer um Técnico de Turismo e eu lembro que no Técnico de Turismo também tinha um vocabulário específico para lidar com cliente – não no quesito empresarial – mas, no dia a dia que eu senti falta no LEANI... De atendimento e hospitalidade que eu acho que a gente não praticou muito na época. Na época era assim muita reunião, muita apresentação de negócios, muitos debates bem profundos de níveis de fluência que às vezes era... A gente nem acreditava que estava falando tanta coisa, mas coisas simples com uma polidez e um vocabulário específico que eu gostaria de ter aprendido no LEANI que hoje eu utilizo... Mas isso com relação a transição financeira, mas é só isso mesmo que eu senti falta...

PP: Então no trabalho você usa basicamente oralidade é isso? Você não trabalha com nenhum material escrito, nenhum documento?

E4: Isso. Eu trabalhei no começo para fazer convites para as agências que estavam vindo junto com os navios. Eu cheguei a trabalhar um pouco no administrativo para convidar agências, cheguei a conversar com a NSC, com outros transatlânticos para tentar fazer pacotes... era algo também de hospitalidade da área de Turismo que só trabalhava um certa polidez e a montagem do programa. Então, com relação a documentos eram mais programas, o que que o turista faria no dia ali no Boulevard, a gente tendo que explicar o roteiro, mas nada muito complexo. Só na oralidade mesmo que às vezes o negócio fica complicado.

PP: Agora vamos voltar para o Curso. Entendendo que você fez todas as disciplinas e conhece todas as disciplinas, a gente queria saber que disciplinas poderiam ser associadas ao inglês para a gente poder montar uma proposta interdisciplinar ou multidisciplinar... Quais disciplinas você acha que dá para fazer uma união bacana, para fazer um projeto que pudesse ser aplicado?

E4: Essa pergunta que eu mais fiquei pensando, matutando... é aquela coisa do que você realmente quer fazer e do que você pode fazer no momento, nessa situação que está, economicamente falando, no mercado de trabalho

real que a gente consegue acessar saindo da faculdade... A carreira que eu realmente quero fazer e para o que eu estou estudando é o Direito Internacional. Estou fazendo pós, agora, e meio que numa parceria com as matérias de Direito, Direito Internacional... Não lembro agora como está essa divisão...quando eu saí chegam a mudar a grade e mudaram a matéria de Direito, mas alguns termos de Direito ainda são muito bons, até porque mais matérias de Relações Internacionais, de teoria, têm muitos conceitos-chave que são em inglês e eles se remetem à Economia Política Internacional. Então, às vezes a gente lê uma teoria de RI, a gente fica perdido porque a gente não pega referência. Estudando agora Direito na pós, os termos em inglês eu consigo captar. Então seria interessante fazer essa parceria para quem pretende essa área de Direito ou quer fazer concurso público que trabalha nessa parte de chancelaria, seria bem interessante fazer trabalhos assim... por exemplo fazer análise de Relatório de Departamento Econômico, Social e Cultural das Nações Unidas, Comissão de Direitos Humanos, de analisar um caso de direitos humanos na Corte Internacional de Justiça, cara! é super super legal. Eu estou apaixonada por fazer isso agora, mas eu sinto que para muitas pessoas que entram no LEANI querendo fazer Relações Internacionais, o que acontece muito e não sabe disse, é um bom caminho... Um caminho mais prático da coisa que o mercado de trabalho assim... (*Internet da E4 caiu, 22min40: a partir daqui o som ficou cheio de eco...dificultando muito o entendimento da fala o que deixou a transcrição cheia de buracos...*) Um caminho mais prático seria agregar a língua estrangeira com as matérias de Turismo. Eu falei que estava fazendo estágio no departamento de ... E lá tinha um folder antigo apresentando o Rio de Janeiro e o CEFET para... E estava muito desatualizado... E eu acho que um outro trabalho interessante seria o... Eu lembro que eu queria muito o ... Eu acho que de todas as matérias... acho que era uma das mais importantes ... que exige uma preparação mais avançada para... (...) ...pontos turísticos, então começar a já visualizar... ...Seria interessante (*som muito embolado pelo sinal instável da internet...*).

PP: Você fala em algo assim... porque Turismo a gente tem o curso técnico lá, não é? Que às vezes muda uma questão ou outra, eles estão de vez em quando mexendo no curso, mas de forma geral fazer um trabalho com Turismo no CEFET, não é?

E4: Eu lembro que quem fazia ... No CEFET era eu.

PP: Alguma contribuição de alguma disciplina que você veja de outra disciplina? Você estagiou na ASCRE, não é? Você viu muitos projetos por lá? alguma coisa bem específica para o LEANI, mais alguma coisa nessa área? Eu acho que olhando para trás, o que eu senti falta de trabalho conjunto foram essas duas matérias: Turismo e Direito. Eu lembro que na... De Relações Internacionais a gente chegou a trazer pessoas importantes da área e... Foi bem legal... Como atividade escrita fazer um Guia ou algum documento que ajude um visitante de fora, eu acho que seria interessante... um projeto com Turismo e uma língua estrangeira, não só em inglês, mas em outras línguas. Eu também nem sei mais como está a ASCRE hoje.

APÊNDICE BB - Transcrição da entrevista – FP (Funcionária Pública)

PP: Já apareceu o ícone aí pra vocês? (*nome FP*)?

FP: Sim, já...

PP: Apareceu?

FP: Não sei... Engraçado que aparecem aqui “Você dá consentimento para que essa reunião seja gravada?” mas ele não te... Ele tá afirmando, né? Não tá te perguntando! (risos)

PP: (risos) Então, (*nome FP*), primeiramente, assim... Queria te agradecer por topar mais uma vez ajudar a gente, agora participando da minha pesquisa de doutorado. Na verdade, assim, a gente pretende com isso dar um novo rumo ao ensino de inglês do LEANI, que a gente já conversou lá atrás, né? Falando da questão de adoção de livro, enfim... Dar um novo rumo trabalhando em cima das necessidades, né? É do curso e da situação alvo. Então, esse é o objetivo da pesquisa! Então, primeiro quero te agradecer e segundo te falar do termo de consentimento, né? Que você já tem familiaridade com isso, né? Então, vamos usar as informações que você nos passar academicamente, né? No próprio curso LEANI, tá? Mas, de forma alguma, a gente vai te identificar pessoalmente, ok? É, então, vamos para as perguntas! Primeiro as perguntas são sobre: formação e experiência! Então, queria que você falasse um pouquinho da sua formação, se fez alguma especialização e depois queria que você entrasse um pouquinho na sua experiência, ok?

FP: Você quer que eu direcione essa fala para o centro específico ou que eu fale da minha vida como um todo? (risos) Porque já fiz de tudo! Quer que eu pontue mais?

PP: Isso...

FP: Pra questão dos fins específicos, né? Se não vou ficar aqui falando...

PP: Acho que a sua experiência na Universidade é uma experiência importante, né?

FP: Tá bom, então vamos lá! Assim, a história né? Eu sou de letras. Fiz Português/Inglês na (*nome de universidade pública*), graduação! Mestrado na (*nome de universidade privada*) em letras também! E lá eu trabalhei com discurso acadêmico. Na verdade, eu trabalhei em aprendizagem de escrita e discurso acadêmico. Foi minha primeira pesquisa, mas uma pesquisa dentro de sala de aula com observação, acompanhando... Eu era professora na época, de português para fins acadêmicos e depois tinha uma, uma... Eu observei uma colega que dava inglês para fins acadêmicos. Depois, eu também assumi esse mesmo cenário, era um curso interino lá na (*nome de universidade pública*), né? Que também assumi o inglês. Eu trabalho também com o português, mas não tanto quanto o que trabalhei com o inglês em termos de ensino. Então, esse foi um dos poucos pontos que eu trabalhei com português. Aí, depois, no doutorado eu trabalhei com discurso científico, e muito no gênero mesmo! Os artigos científicos e estudando as suas conclusões de um periódico específico, que é o periódico do (*nome de instituição pública da área de saúde e pesquisa*). Que é um Instituto histórico, mas que dali também, eu tirava muita relação com a docência em ambientes de fins específicos! Falo até disso na tese, né? Ta? Então, assim, eu tenho uma forte ligação com a área de fins específicos e sobretudo na questão da escrita e do ensino de escrita, tá? E muito vinculado a essa coisa do ambiente acadêmico, estudei gênero sobre isso e tô sempre ali me rondando. Ah, também fiz uma especialização! Entre mestrado e doutorado com o Liceu Literário Português, de português! Mas foi legal porque eu estudei com feras da área... Como o próprio Bechara! Pessoas, assim, que já tinham 80 anos mas foi ótimo! Foi uma especialização maravilhosa, se eu te contasse, é... Mas enfim, ajudou, mas não foi... Fez aí, só um parênteses mas não é diretamente relacionada a essa questão que estamos aqui trabalhando! Em termos de trabalho, então, eu sempre dei muito mais aulas de inglês! Atuei em cursos de idiomas, desde a graduação eu trabalhei ali no (*nome de escola de idiomas de universidade pública*), como professora. Sempre muito forte essa coisa do ensino, da pesquisa... Então, eu já era monitora lá fazendo pesquisa. E foi o primeiro momento que eu apresentei um trabalho, um trabalho sobre a minha própria docência, foi ali, no (*nome de escola de idiomas de universidade pública*). Eu estava no segundo ano já! Aliás, isso foi ótimo, eu tenho muito orgulho de ter participado disso e acho que impactou minha vida, minhas escolhas, né? Então, para o início da aula de idiomas em um curso nada famoso, era um cara que se meteu lá dentro da (*nome de universidade pública*) e dá aula lá dentro. Mas, tive essa oportunidade de trabalhar um bom tempo com questões acadêmicas dentro da (*nome de universidade pública*) como pesquisadora. Até tive oportunidade de dar aula para docentes de escrita acadêmica, né? Docentes da engenharia, eu ficava ali no CT, o bloco de tecnologia. E aí, eu fui pro doutorado e aí em paralelo eu consegui trabalhar na (*nome de universidade pública*) como contratada, né? Temporária. Eu trabalhei por dois anos na (*nome de universidade pública*) como

professora, dentro da faculdade de educação, com práticas de ensino, com licenciaturas! Eu estava na faculdade de Educação, né? Inserida lá, locada lá, mas trabalhando com práticas de ensino para os alunos de língua estrangeira... E não só com os alunos de inglês, né? Então, eram muitas disciplinas de acompanhamento, de formação docente. É, depois disso, deixa eu pensar aqui a sequência... Aí, veio o (*nome de instituição pública*) e eu comecei como tradutora no (*nome de instituição pública*), puxou lá pro lado... E aí depois eu fui pra relações internacionais. E aí, em relações internacionais um mundo se abriu! Eu fazia tradução, fiz interpretação, fazia o trabalho de RI mesmo de organizar e assessorar nas organizações e nos contatos com os organismos internos que o (*nome de instituição pública*) lida, nos seus mais variados assuntos, né? (*nome de organismo internacional multinacional*) e tal... Passei assim, na organização de vários eventos, isso aí dá até pra ver se quiser em detalhes no meu currículo Lattes. Eventos importantes, porque coincidia com o (*nome de pesquisa realizada por aquela instituição pública*) sendo o primeiro (*idem anterior*) do mundo, né? A ser de forma digital, né? No Brasil. Muitos ainda fazem por papel mas nós fazemos por dispositivos móveis, em 2010! Então, foi muito ventilada essa relação internacional porque a gente emprestou muitos equipamentos, a gente fez muitos repasses de conhecimento, né? Pra mostrar como a gente fazia isso! Então, em termos de cooperação internacional, a gente trabalhou com vários países da África... Teve um encontro que participei pra repassar essa iniciativa, né? Eu só viajei no mundo, mas assim, o mundo viajou até a gente e eu ajudei a organizar isso. Então, assim, telefone, videoconferência e o pessoal me chamava mais por esse lado de conhecer a língua. Mas eu peguei uma, por isso eu estou te falando que eu tenho uma bifurcação na minha vida... Tem uma área acadêmica, tem a ver com o ensino de idiomas e tem uma outra que é corporativa, que é a do (*nome de instituição pública*), né? Nessa função de relações internacionais. E hoje, graças a Deus, eu consegui conciliar esses dois mundos em função do treinamento, da capacitação. Eu estou trabalhando com educação e ensino que eu sempre gostei, mais voltado ao idioma, mas no mundo corporativo. Então, você tem que conhecer muito da missão da instituição, enfim... Então, eu tô nesses dois lados. Então, fui para o (*nome de instituição pública*), saí do (*idem*) e fui para a (*nome de universidade pública*). E aí, fiquei como docente por dois anos e pouco, efetiva, adjunta, de língua inglesa na (*nome de universidade pública*) e não mais temporária. E, assim, achava que ia ficar. Porque trilhei esse caminho acadêmico e achei que era esse o meu caminho. Mas aí, deu uma reviravolta e começou a dar sinais que a coisa não estava boa pro Estado, vocês lembram dessa época, né? Da crise do Estado. E assim, não tinha nada claro, mas as minhas intuições... Eu tenho isso, né? Tenho umas intuições muito fortes que vão, assim, além da razão. Eu tento brigar e fica assim uma briga interna, razão e intuição. E aprendi já, no auge dos meus 40 anos, que eu não devo brigar com isso (risos), porque logo depois vem uma resposta. Ainda bem que eu segui minha intuição e então resolvi voltar. Porque quando eu fui pra (*nome de universidade pública*) a gente fica 3 anos esperando pra ver se você se efetiva no tal emprego lá, o outro público... Se acontecer, né? Quase nunca alguém perde isso de chave probatória você volta lá pro teu original, né? Para sua estabilidade, pelo menos a Federal tem isso. CEFET é Federal e tem isso! E aí, eu pensei em nem colocar... Pensei “Vai que, né?”. Aí, veio essa crise, eu voltei pro (*nome de instituição pública*) e exonerei na (*nome de universidade pública*), só que eu voltei como coordenadora, fiz um processo seletivo interno, de treinamento e aperfeiçoamento do (*nome de instituição pública*). Um cargo alto exige muita dedicação, muito estresse nesse cargo do qual estou querendo me livrar. Estou falando com vocês pessoalmente e já falei com a minha diretora... É muito estresse nessa pandemia. E eu quero também voltar a trabalhar com inglês, olha que engraçado! Então, eu tô nesse cargo... Mas olha só que bacana, esse cargo está dentro da (*nome de escola pública do ensino superior*)... Que é vinculada ao (*nome de instituição pública*)! É um braço do (*nome de instituição pública*), né? E aí, dentro da (*nome de escola pública do ensino superior*) existe um bacharelado de estatística de mestrado e doutorado. E nesse bacharelado existem disciplinas que são, eu diria, de fins específicos. Eu pelo menos, as define assim. É aquele antigo “instrumental”, é o português, né? Chama de comunicação oral e escrita a 1! E aí, tem a 2 que não é obrigatória, ninguém conseguiu tocar esse projeto mas tem! E tem o inglês, também eletivo, que seria nessa coisa também do fim específico. Então, essa comunicação oral e escrita, a 1, eu já dei 3 vezes! Eu consegui matar a saudade da sala de aula, conciliando com a coordenação! Só maluco mesmo, né? Eu consegui voltar para a sala de aula para dar essa disciplina que eram duas horas só, mas isso não quer dizer nada... E você sabe muito bem, quem trabalha com fins específicos exige para caramba, né? Eu trabalho muito com material autêntico, eu exploro gêneros da disciplina, do mundo deles... Uma coisa é preparar academicamente o cara lá da estatística, aí precisa estudar os gêneros típicos deles ali, pro mundo acadêmico! Aí a gente se coloca em situações de simulação... Eles vão escrever o melhor possível, vão consumir gêneros reais... Enfim, aquela história toda da faculdade, de simular. Enfim, o meu foco sempre foi a escrita, mas eu faço algo de oral para que eles possam se preparar pros gêneros de seminário, né? Algo mais acadêmico. Mas eu tento já trabalhar trazendo para o universo da estatística, né? Porque a gente pode fazer algo neutro que sirva para qualquer área, mas sempre que eu pude... E lá na (*nome de universidade pública*), eu esqueci de dizer, eu tive disciplina sobre fins específicos de aula nessa disciplina e eu adorava! E trabalhei muito

com o inglês de fins específicos em relações internacionais! Tinha outras disciplinas desse tipo, acho que para direito! Mas eu não peguei. Eu peguei sistematicamente relações internacionais, acho que já te passei material sobre isso, por um bom tempo, não sei se foram 3 ou 4 turmas que eu tive. Acho que foram 4 turmas, porque eu não fiquei muito tempo na (*nome de universidade pública*). Mas, assim, né? Bastante... E teve a aula de fins específicos para pessoal de letras que um dia pode vir a trabalhar com isso, tá? Então, hoje na minha vida eu ainda consigo trabalhar com isso, né? Não é toda hora, por exemplo, esse ano eu não trabalhei mas em anos anteriores no (*nome de instituição pública*) eu trabalhei dentro de sala de aula com o português... A tal disciplina do inglês é o que eu quero, eu quero assumir essa disciplina a muito tempo mas eu não consigo. Então, nos meus planos, é, saindo da coordenação eu assumi as duas e iria trabalhar na parte corporativa que eu me encaixasse, provavelmente na área de desenho educacional mesmo que é a área que eu comando hoje, né? Só que, já até meti a mão na massa junto, né? Do que eles chamam de desenho institucional mas, estamos saindo um pouco desse termo e indo para, né? Para desenho educacional que é mais recente...

PP: Uhum...

FP: Então, assim, em termos de fins específicos a minha carreira é assim, toda voltada pra isso! Eu tenho pretensão de voltar a estudar! A estudar sobre... Ah, esqueci de mencionar que por duas vezes eu lecionei nas disciplinas de academic writing da (*nome de universidade privada*), na especialização da (*nome de universidade privada*). Eu divido essa disciplina como professora convidada junto com a (*nome da professora*), que também é uma pessoa que trabalha com gêneros, com fins específicos que eu conheci no mestrado. Então, eu divido com ela essa disciplina e já aconteceu duas vezes, uma sem e outra com pandemia, a distância! E eu tenho essa impressão que a (*nome da professora*) vai sempre me chamar, ela divide mesmo, ela pega e divide em dois! Na qual eu trabalho com escrita! Não é acadêmico, tô lembrando agora... É mais realmente esse foco, porque especialização tem muito foco no docente que quer se especializar, entendeu? Então, o público é muito voltado para teaching! Aí, tem várias habilidades e coisas mais teóricas e aí ela me chamou! Então, em resumo, a parte da minha vida que dialoga com fins específicos é a pesquisa, né? Sempre trabalhei com isso, publiquei... Ou eu estou publicando algo relativo a fins específicos ou sobre ensino. Até o artigo de tradução que eu publiquei numa revista era sobre o ensino da tradução, enfim... Então, minha vida de pesquisa sempre foi nisso, né? Que tá interrompida agora mas eu quero resgatar. E eu tive experiência como professora, tanto dando aula, né, para fins específicos... Como formando pessoas para dar aula, ainda que em pouco tempo, para fins específicos. E hoje continuo dando aula para fins específicos dentro desse universo de bacharelado em estatística! Pretendo começar o do inglês, assumir isso, porque eles ficam pagando professor, sabe? Então, é isso. Então, graças a Deus eu não me desvinculei desse ramo, porque eu amo! Eu amo trabalhar com isso e quero resgatar! E tem aquele projeto, (*nome PP*)? Que não saiu do papel...

PP: (risos)

FP: Com a troca de presidente e agora sim, com os motivos óbvios. Todo mundo prestando atenção na questão remota e na questão do (*nome de pesquisa realizada por entidade pública*) né? Aquele projeto que eu queria tocar com você e que eu não vou desistir! Ta? Vou até o final!

PP: (risos)

FP: E agora eu acho que tem mais chance, porque eu saindo da gestão eu posso atacar mais isso... Fora o (*nome de pesquisa realizada por entidade pública*), né? Porque o (*idem*) até agora vai acontecer e aí temos a tarefa de resgatar isso... Mas é isso, se você estiver disponível pra gente! Porque é super fins específicos mas já pensando num cenário corporativo, né? Pensando no fim daquela instituição, dos técnicos... O uso do inglês para diversas realidades internas do (*nome de instituição pública*), que tem um ponto em comum mas tem as suas... Assim, é um problema, é um projeto complexo que eu ainda pretendo tocar um dia. Inclusive eu te dou um feedback, parou mesmo! Saiu aquele diretor que tinha, o presidente, né? Que tinha dado apoio, aí bateu com minha licença, mas então, não conseguiram ir a frente, né? E veio outro presidente que, desde sempre, a prioridade virou (*nome de pesquisa realizada por entidade pública*). Eu tentei algumas vezes me unir com ela, né? Mas cancelou e aí morreu, né? E aí, eu retirei meu cavalinho, né? Porque to achando... Tô achando não, tá óbvio que não é o momento agora! Mas, tá lá, esperando pra voltar! Então essa é a minha relação com fins específicos. Não sei se você quer perguntar mais alguma coisa, caso não, passo a palavra!

PP: A (*nome da professora*) foi minha professora!

FP: É uma fofa!

PP: Sobre as questões que você colocou, né? Queria que você falasse, acho que tá bem resumido e bem explicado também, né? Mas queria que você falasse como foi a sua experiência no curso de

relações internacionais da (*nome de universidade pública*). Como é que você desenhou esse curso, né? Como é que você fez isso?

FP: Cara, eu tinha uma vantagem ao meu favor que era: eu tinha acabado de voltar de um departamento, de uma grande instituição, de Relações Internacionais. Então, apesar de não ser da área de relações internacionais, pra isso, né? Falta muito, precisa ter toda uma base, você sabe, de conhecimento, de contexto, história, geografia... É muita coisa aí, né? Que a gente aprende na marra, aprendemos conhecendo o corpo e tudo. É melhor assim, que posso dizer né? É que eu tive uma experiência muito forte... que me preparou inclusive para navegar na minha instituição hoje. Tanto em maturidade, quanto em saber como eu preciso me estruturar. Como de conhecimento sobre o que o (*nome de instituição pública*) faz e as negociações internacionais... Mas, dentro desse contexto, né? Dentro do contexto do (*nome de instituição pública*), mais do que isso é necessário uma formação... Mas isso me permitiu ter acesso a muito material real! E-mails são muito fortes, as relações são muitas. Agora está um pouco mudado por conta dessa coisa do remoto, agora a gente tem reuniões virtuais. Ah, e eu esqueci de mencionar que eu continuo tendo relações internacionais, agora, com a (*nome de organismo internacional multinacional*) através dessa minha nova posição! Sou eu a representante, no comitê global de instituições de treinamento e estatística, né? Estou como representante então lido direto com a (*nome de organismo internacional multinacional*), que coordena esse comitê, mas tem outras instituições de estatística... Tem banco mundial nessa história e a (*nome de organismo internacional multinacional*) coordenando duas divisões. Então, esse pessoal todo das divisões está no grupo! Volta e meia nos reunimos, temos missões para trabalhar com o e-learning e treinamento estatístico, sabe? Então, beleza, mas isso é um parênteses! Mas, pras relações internacionais na (*nome de universidade pública*), então, eu vinha com um conjunto de vivências comunicativas, um conjunto de gêneros mesmo materializados, eu tinha ao meu dispor! Te disponibilizei parte deles! E eu precisava simplesmente omitir as fontes, né? As pessoas... E eu poderia usar. Coisa que é difícil pra conseguir, um profissional que trabalha com fins específicos, é assim: algumas coisas você consegue fácil na internet. Mas esse tipo de documento é difícil... Tem uns bancos de e-mail de empresas, mas eu não coloquei porque eu queria pesquisar o gênero do e-mail corporativo, né? Mas aí acabou que eu não continuei... E eu na época pesquisei e descobri que tinha um banco de e-mail corporativo sim, me parece que as empresas quebraram e aí isso foi disponibilizado, uma coisa assim! E pior que, assim, quando eu fui resgatar isso já tem alguns anos... Não escondem os nomes das pessoas não (risos), estava lá no banco. Mas eu tinha o meu banco pessoal, é como se tivesse tudo a meu favor. Eram os emails, eram atas de office... Eram os materiais, que eu digo, concretos! Que se concretizam através do texto escrito. Eu não tinha gravações, isso eu não tinha, né? Contexto oral eu não tinha, eu tinha a minha vivência... Na minha cabeça o que acontecia, porque eu participei de várias coisas... De conversas, de reuniões internacionais, então eu tinha isso na minha cabeça. Mas além do que eu tinha na minha cabeça, das minhas experiências, eu tinha um banco de materiais escritos! E-mails, atas de reunião, agendas, que mais? Programação de eventos! São coisas simples, mas que tem todas, né? E que o cara de relações internacionais vai viver. E tinha, é claro, a experiência, a negociação... É óbvio que a gente entra, né? Eu vejo, assim, que o profissional de fins específicos entra como conhecedor daquela comunicação. Ele estuda aquela situação comunicativa e percebe os padrões comunicativos e linguísticos que acontecem ali. Então, você consegue fazer uma simulação. Mas, quem tinha o poder de, de fato, viver aquilo são os alunos, você só facilita isso, né? Você convida a participar, você provoca você monta um jogo, né? Pro cara entrar! Então, o que eu fiz? Primeiro apresentei a disciplina como um grande projeto! Eu trouxe o mundo pra dentro da sala de aula, eu acho que esse é o nosso papel, assim. Mas eu não segmentar, tipo “ah, vou dar esse gênero agora”, não! Então, o que eu fiz? Eu fazia, era baseada em projetos... Então, o projeto do começo ao fim era alcançar isso. Considerando os problemas. O problema era: O Brasil precisava negociar “x” coisa com 3 ou 4 agentes internacionais. O planejamento da disciplina emulou uma situação real, para a gente alcançar isso a gente vai passar por “x” situações especulativas e isso inclui cada gênero para cada situação comunicativa. A preparação para uma reunião de negociação vai requer troca de e-mails, por exemplo. A reunião de negociação, vai envolver a própria reunião, aquela coisa mais mais oral, assim como a pauta e a memória daquela reunião, são gêneros escritos que acompanham. É, depois disso eu não sei se a gente chegou a trabalhar acordo de cooperação, acho que sim... Exatamente! A gente chegou até a formar um acordo de cooperação. Claro, dentro daquelas limitações dos alunos de graduação. Mas que, cara, me surpreendeu! Quando você traz essa realidade para sala de aula você vê o quanto você subestima, quando você faz esse movimento, você percebe o quanto as pessoas têm muito a dar, né? Então, eles não eram formados, estavam no quarto período. Geralmente, as turmas vinham do terceiro ou quarto período das relações internacionais. E chegaram documentos muito, muito bons! Próximos a uma realidade, sabe? E a gente trabalhava com isso. Mas também, pensar em outras coisas como acordo de cooperação, material autêntico para reuniões de negociação, diplomáticas, tudo isso você tem na internet! Agora, e-mail, essas coisas mais particulares tipo a memória da reunião, a pauta da reunião, isso é mais difícil de achar e eu tinha isso ao meu favor.

Então, o pensamento da disciplina foi espelhar uma situação real. Dentro de uma coisa, eu sempre puxo essa teoria, né? Que é a teoria do sistema de gênero. Quando você vê têm um desencadeamento de gêneros para uma determinada situação comunicativa. Como, por exemplo, ele dá o exemplo da patente! Não sei se você conhece esse texto. Eu uso muito esse texto para basear a minha vida com os projetos e experiências. Posso, inclusive, fazer um artigo falando sobre isso quando eu voltar. É bom que, né? (risos) Tô curtindo isso aqui, tô construindo meus sonhos aqui de curto prazo!

PP: (risos)

FP: Quando você vai fazer uma patente você passa por uma série de gêneros encadeados. Não lembro mais quais são! Mas quando você olha lá, tem... É tipo: petição inicial, depois “não sei o quê” para aprovar. E isso tudo constrói um sistema, eles são todos agrupados, né? Por exemplo, aqui a gente tem um sistema de gênero. Só pra essa situação da entrevista, se puder compartimentar essa visão sistêmica, você tem esse texto que estamos produzindo agora, tem o termo de compromisso, associado tem o roteiro que vai contar lá para o resultado de pesquisa na sua tese, né? Enfim, é essa a ideia que eu levanto na sala de aula, junto com a coisa da aprendizagem, que eles chamam de abordagem ativa, baseada em problemas, baseada em projetos... Não é problema não, é projeto! Então, tinha sim, esse projeto. E a partir daí eu ia derivando... Então, eu derivo em qual é o gênero! Dentro daquele gênero... Eu coloco sempre eles para refletir, é a minha abordagem, uso-reflexão-uso. Então, o cara mergulha em samples, né? Em amostras daqui antes, observa, faz análises e reflete! E aí, após isso, ele usa, ele aplica e volta para reflexão “E aí? Como você aplicou? Se distanciou disso?”. Não estou dizendo na perspectiva de seguir modelo não, mas você pensar o modelo e questionar o modelo e ver as limitações do modelo. Tem muita gente que vê “ah, o modelo de fazer e-mail é esse!” e eu nunca trabalhei assim. Eu sempre provoco no aluno, ele até vai olhar o modelo mas ele vai olhar com vários samples e vai fazer um julgamento crítico daquilo ali! Tem uma coisa que tá se repetindo, padrão, mas eu sei que aquilo é relativamente chave da estabilidade relativa do gênero. Então, deixa eu ver se falei tudo... É isso, né? Eu construí... O conceito disso tudo é: trazer o mundo para a sala de aula ou a sala de aula para o mundo! Nesse caso das relações internacionais, estava no mundo a simulação. Mas lá na (*nome de universidade pública*), também, em outros projetos que foram usando alguns desses alunos... Eu fiz em parceria, foi uma das coisas mais legais que aconteceram em minha carreira acadêmica. Em parceria com um professor de relações internacionais, que era o (*nome do professor*), que era um grande parceiro para consultar como especialista! Você tem que consultar especialistas para entender esse mundo, né? Então, o meu era o (*nome do professor*), que não está mais lá, está na escola de guerra agora. Então, (*nome do professor*) e duas pessoas de linguística da (*nome de universidade pública*). Uma delas (*nome da professora*), que trabalha muito com coisas reais, trabalha muito com estudo dos refugiados, não sei se você conhece ela. E ela tem uma forte pegada nos estudos de culturalidade, né? Então, ela veio nesta perspectiva. O (*nome do outro professor*), professor de linguística lá da (*nome de universidade pública*), veio com a perspectiva do mundo da linguística dentro do corporativo. E nos associamos através da (*nome da professora*), que começou esse contato dos professores, uma coisa parecida com o que vocês fazem aí no LEANI lá na Universidade de Copenhagen. Eles faziam algo que se chamava “Estudos Culturais...” eu não sei o nome da graduação, mas era algo assim, mas era de português. Então, vieram esses alunos da Dinamarca que se juntaram com esses alunos. Não lembro se teve ou não algum aluno de letras, preciso me lembrar. Mas foi um projeto que vinculamos como extensão da (*nome de universidade pública*) em parceria com a Universidade de Copenhagen, tudo de forma assim... A única formalização foi passada para o departamento de extensão, mas tinha uma, se não me engano, intenção da (*nome de universidade pública*) em ter essa relação com a Universidade de Copenhagen. Então, a gente trabalhou em um projeto baseado em problemas. Então, fomos a duas empresas bem fortes e estrangeiras, dessa área de transporte. Pedimos que eles nos dessem um problema e cada um apresentou um problema. Não vou conseguir contar aqui, em detalhes, porque não parece, mas já faz um tempo, né? (risos).

PP: **Quando foi isso?**

FP: Foi quando? 2014! Então, eles apresentaram dois problemas e qual era o desafio? Esses alunos dinamarqueses junto com os alunos de RI, e acho que uma ou duas de Letras, e eles tinham que resolver o problema. Então é isso! Era baseado em problema, pra mim é a coisa mais difícil de se fazer em termos de ensino, assim, de pedagogia. E aí, foi muito legal. Com a gente assim, com os professores sem professorar! (risos) O professor vai construir junto com o aluno, sei que foi a coisa mais bacana que eu vivi na minha carreira de docência. E eles construíram... Nós vivemos num mundo globalizado, gente. Eles iam na empresa. A gente ensinava a parte da língua, eu entrava muito com a coisa do inglês, dos gêneros que eles poderiam encontrar... Mas ao mesmo tempo, é aí que começa a se misturar a coisa da língua com o fazer. Essa teoria de que a língua faz, né? Mas aí, você tá de toda a forma ajudando também o cara a pesquisar, você ensina dali e deixa o cara fazer. Não é ensino de língua, no ensino de língua se faz

muito mais que isso, né? Mas aí, eles foram com o apoio desses dois professores dinamarqueses. Era um dinamarquês e uma americana que davam aula na Universidade de Copenhague, estudos culturais de língua portuguesa ou alguma coisa assim... Posso até resgatar depois o nome certo, se você tiver interesse! E assim, com formações das mais diversas, eles traziam esse braço da interculturalidade. Pois afinal de contas a gente estava ali lidando com um grupo de alunos de culturas variadas e com empresas que envolviam CEO 's de culturas diferentes. A gente encontrou um deles aqui, no Rio de Janeiro... Na *(nome de bairro da cidade do Rio de Janeiro)*, um cara muito caricato, assim, a maneira com a qual ele falava. Como ele lia os brasileiros e como isso impactava o problema! Fantástico, assim, só tenho a dizer que foi uma pena que fiz um artigo sobre isso, mas travei e não consegui publicar. E eu queria resgatar isso, é o meu próximo sonho curto, né? Eu nem sei dizer assim, os Fins Específicos estouraram como vida real, era a gente ensinando, ouvindo e aprendendo e com um relatório para empresa dizendo como eles poderiam resolver o problema. Se eles usaram depois, eu não consegui acompanhar, mas foi bem recebido, eu tenho isso até hoje pra mim. E eu queria muito publicar isso, acho que vale. Então, eu contei essa história para você entender que, eu sempre busquei, mesmo em minhas disciplinas que eram de inglês para professores de inglês, eu sempre quis trazer os elementos de realidade e autenticidade sempre que possível! E se não, se for material usar um material didático! Algo que não é meu, né? Eu sempre problematizei e quis trazer a vida real. E é um desafio até hoje! Por exemplo, em uma disciplina que dei de inglês V, eu acho que tinha um foco mais em writing... Eu fiz um contato com a *(nome de organismo internacional multinacional)*, olha só que loucura, né?

PP: (risos)

FP: Os voluntários da *(nome de organismo internacional multinacional)*, tem um site... Me inscrevi, numa coisa de voluntário lá para fazer uma tradução para uma ONG do Quênia. E falei "Beleza, esse vai ser o projeto da minha turma!". O pessoal estudou, aprendeu lá, coisas de escrita e de site. A gente estudou esse gênero e entregamos. Então, na verdade a disciplina teve uma entrega na vida real! A gente ajudou os caras do Quênia, na verdade, a verter para o inglês uma coisa que estava num ponto x. Era pra corrigir o site do Quênia... E isso era dentro da disciplina de inglês. Eu poderia sim, fazer só teorias mas eu sempre quis trazer isso. E quem me deu isso foi toda a bagagem de fins específicos. E que eu reencontrei aqui, e tô encontrando hoje no próprio ramo da educação. Quando se fala de metodologias ativas e etc, essas áreas para mim, casam que é uma maravilha, entendeu, *(nome PP)*? Por isso que eu estou extremamente bem, sempre trabalhando no ambiente corporativo com a história do ensino-aprendizagem ativos. Então, sempre ligado a um problema real. E não, tirar o cara do posto de trabalho para fazer um curso teórico blá, blá, blá... Não! Ele precisa ter um tema real ligado a algo do trabalho. Então, isso, quem me deu originalmente foi a área de fins específicos. Então, é, pra mim é valiosíssimo essa perspectiva! E que eu levo nesses vários setores da minha vida. Acho que falei demais (risos). Passo a fala.

PP: (risos) Não, *(nome FP)*! Foi ótimo, acho que ilustrou muito bem! Acho que é o caminho que a gente acredita! E acho que vale a pena ilustrar, eu acho que foi ótimo. E depois eu vou pedir detalhes, tá bom? Vou passar para a segunda parte, que foi a parte que eu chamei de "análise de necessidades". Então, assim, dentro do *(nome de instituição pública)*: você passou pela tradução e pelo setor de RI também. Então, assim, queria que você falasse pra gente como é que a língua inglesa é usada, como é usada? É, que tipo... Na verdade assim, tentar resumir a necessidade do inglês tanto na tradução, lá no setor de tradução no qual você trabalha quanto no de RI.

FP: Tá, vou responder mas não sei se você também quer considerar a necessidade do inglês para a corporação como um todo, entendeu?

PP: Uhum!

FP: Mas, vamos lá... Se você quiser depois você me fala. O que se faz lá em termos de tradução. Tem um site do *(nome de instituição pública)*, onde é na verdade o principal canal de divulgação do *(nome de instituição pública)*, para a sociedade, né? Então, claro, que soltamos informações sobre o PIB... Você não sabe sobre esse bastidor, mas a imprensa fica louca, eles sabem um pouco antes e são embargados. E isso impacta a economia como um todo, define bolsa, enfim... Outros dados como emprego. Agora, vocês devem prestar atenção, não tem um *(nome de programa de telejornal)* que não fala sobre o *(nome de instituição pública)*. Enfim, né? A gente então vincula no site do *(nome de instituição pública)*, tudo! As notícias e todo o seu conteúdo de publicações, tanto em geografia quanto em estatística. Okay. O site do *(nome de instituição pública)*, era o nosso trabalho, vertemos para o inglês semanalmente, as notícias que saem a toda hora. Se quiser abrir agora, vocês vão ver, tem notícias sobre emprego, alimentação, tem notícias sobre agropecuária. É uma porrada de coisas, olha eu tô usando termos aqui que quando vocês forem gravar vocês tirem, ok? (risos)

PP: (risos)

FP: E aí, o que o tradutor fazia? Ele veria o site com seus conteúdos duros e fixos, né? Era basicamente isso. Quando eu entrei eu dei uma estendida, né? Porque eu, honestamente, achava que era pouco trabalho para 3 tradutores. (risos) Pode ver que eu sou maluca, né? Eu çaço trabalho. Então, a gente inventou lá internamente uma página que colocava 3 traduções, porque tinha um pessoal de espanhol. Então, a gente pegava os termos específicos do (*nome de instituição pública*)... Isso era um projeto meu com uma menina de espanhol, que depois saiu e eu disse “Vamos fazer uma tradução”. Não só para a gente se orientar de uniformizar uma coisa assim, pegava “Ah, como é que a gente chama crítica de dados?”, né? Então, já tinha aquilo pronto se não um tradutor faz de um jeito e outro do outro. Então, tinham coisas que eram passíveis de ambiguidade ou de mais de uma resposta, em tradução isso acontece. Então, a gente montou um glossário, chamado de glossário, mas nem é... Era uma lista de tradução pros termos principais. Não sei onde está isso ou como está, fui eu que montei, eles usam... Era pra ser de uso da casa toda, né? Ou seja, quem quiser recorrer a aquilo era já o termo traduzido para o (*nome de instituição pública*), morreu! Era uma coisa que eu achava que tinha um potencial imenso para ajudar as pessoas, mas eu pelo menos não ouço falar mais. Não sei se está ativo! Qualquer hora dessas vou lá e perguntar “E aí, como está isso?”. Não foi divulgado, sabe? Então, era basicamente isso que acontecia, não tinha desafio de tradução nessa área, ou de comunicação. E eventualmente tinha um ou outro trabalhador que aparecia de emergência, mas na rotina era isso. Não é ato que você percebeu que eu já saí e fui para (risos)... Assim, é legal, mas não o bastante pra mim. E aí, fui para relações internacionais e quais eram as atividades lá? Ah, po, variedades! Tanto você verter ou traduzir de português para inglês e vice e versa e lá também tinha de espanhol, né? Que eram as nossas duas atuações mais fortes, francês também, mas era pouca coisa. E-mails, assessorava meu chefe, porque tinha um inglês limitado, ele conseguia se virar mas para verter, para fazer memória de e-mails ou respostas, interpretar, era variável... Do ponto de vista do conteúdo e da representação internacional. E eu ia lá, fazia isso, ajudava nessa conversa com os outros, mas fazia muito além do que só ser tradutor e intérprete. Algumas vezes atuei como intérprete mesmo, simultânea e consecutiva. Descobri que gosto muito mais de simultânea, sussurrada, né? E, que mais? E assim, ir nessas reuniões que envolviam gente de fora e gente da casa e eu tinha que atuar, uma vez foram 5 gringos um de cada lugar (*nome de duas organizações mundiais multinacionais*) e um jornalista e não tinha americano, né? Então, eu tinha que traduzir para os jornalistas, de jornal escrito, o que eles falavam. E eu veria as perguntas, um baita desafio, eu e um colega... Chegou uma hora que fui, fui e parei, não aguentei mais, cheguei no meu limite. Foi engraçada essa situação. Mas, fui, fiz isso e então tinha essas necessidades. Toda a vez que tinha missão técnica, contato com gringo, estávamos lá, entendeu? A Organização de eventos RI estava lá como intérprete e tradução. Eu não tô querendo reduzir o papel da RI a isso, é mais que isso, mas o meu papel lá era isso. E eu observo que, por exemplo, o assessor de RI deveria ter uma melhoria no inglês para ele conseguir ser um pouco mais autônomo nessas ocasiões. E ele viajava, né? Ele fazia essas missões técnicas! Ele em particular não tinha tanto isso, outros tinham... Em plena, enfim, controle do idioma. Isso na RI. Agora, você quer saber da necessidade como um todo do (*nome de instituição pública*)?

PP: Uhum!

FP: Sim? Então, é o (*nome de instituição pública*), ele tem muito essas relações internacionais. Porque como órgão, né? Como (*nome de outra instituição pública*). E, e em inglês é (*nome de instituição similar à brasileira*). São os (*nome de instituição pública*) ou os (*nome de instituição similar à brasileira*), nós nos relacionamos com eles, nós nos relacionamos com a CDE e com a (nome de órgão internacional multinacional) porquê, cara, estatística oficial é papo pra se lidar com essas grandes organizações porque isso tem a ver com como as coisas estão, né? Como o país está, em vários aspectos. Então, a (nome de órgão internacional multinacional) cuida disso também! O CDE tem interesse em cuidar disso, de entender as economias, também... Então, nós relacionamos muito para parâmetros comuns de comparabilidade, de metodologias internacionais... Até o (*nome de instituição pública*), assim como todos os (*nome de instituição pública*) no mundo, tem que estar o tempo todo se relacionando com essas organizações, né, mais internacionais? Então, tem acordos de cooperação para a troca de saberes, tem toda uma demanda para a confecção de textos escritos, né? Como acordo de cooperação, os e-mails para troca, resposta a questionários... A (*nome de organismo internacional multinacional*) as vezes dispara um questionário para todos os (*nome de instituição pública*) do mundo, ou CDEs, “como tem sido feito isso, isso, isso?” no âmbito do (*nome de instituição pública*). Aí, temos que responder e isso é muito constante, tá? Como é que está sendo a pesquisa? Para chegar a essas coisas da comparabilidade e da socialização e tal... Porque estatística muita gente faz mas estatística oficial não é todo mundo que faz. O (*nome de instituição pública*) é um dos poucos que o faz. Aí é toda uma discussão de estatística oficial versus estatísticas não-oficiais. Que mais? Então, algumas pessoas do (*nome de instituição pública*), que representam e que estão em posições de chefia ou até técnicos mais especializados, eles vão interagir em missões técnicas, indo pra fora, em congressos, recebendo missões técnicas, respondendo formulários de

questionários, trocando e-mails, então esse pessoal precisa muito de inglês... (risos) Eu observei, no geral, muito da cúpula, né? Quando eu estava lá a cúpula era muito fraca, hoje é forte mais no inglês. Porque essa presidente é praticamente meio americana. Tanto é que, não bota isso aí não, hein? Fica entre nós. Tanto que hoje, ela, o meu ex-chefe que ainda está lá, o assessor de relações internacionais... Eu percebo que ele meio que está sendo deixado de lado porque ela fica assumindo tudo pra ela, né? E tá errado, eu acho que tá errado porque ela pega isso muito rápido, ela tem domínio... Ela é uma pessoa muito acostumada a fazer, ela é jovem, tem minha idade, vai fazer 40 anos... Mas, ela trabalhou muito fora então ela toma pra si, eu acho isso um erro! Ela tem que ser presidente, ter o acessorzinho lá dela e uma ajuda... Mas isso aí, não redige isso não, é uma crítica que estou fazendo, então vamos lá... Então, assim, ela tem domínio mas os diretores: não, não, não. Eu não sei, até porque rolaram umas mudanças de cadeiras, várias aliás de direção, mas no meu passado recente não tinha. O diretor da DPE atual, eu não sei, mas o anterior era com um inglês que meio que se virava, até que ia... Até ajudei muito e depois ele virou presidente. Então, assim, a cúpula não está boa, imagina esse segundo nível que são as coordenações e os especialistas. Não quer dizer que um ou outro não se destaque, não é isso, mas não é uma coisa que... Por isso que precisa de um projeto de internacionalização mesmo da casa, que prepare pra lidar com esse mundo das lições técnicas, das trocas, do mundo da comparabilidade, de prestar informação... Nós somos grandes formadores de informação e a gente faz o retrato do país. É óbvio que a gente vai ser procurado internacionalmente, né? Então, acho que é isso! Passo a palavra.

PP: E aí, você conhece um pouquinho do LEANI. Os meninos já apresentaram o curso pra você, a gente já conversou bastante! O que você acha, você falou um pouco do seu trabalho com RI, né? Então, você acha que é esse o direcionamento para ensino de inglês dentro do LEANI? É um pouco do que a gente já vem fazendo lá, né? Mas assim, é, o que você acha, você já falou da sua conduta de ensino e como você trabalha, mas falando de análise de necessidades: O que esse aluno LEANI precisa aprender? O direcionamento é esse mesmo que você tá falando, que você acha?

FP: É, vai ser uma opinião muito rasa, né? Vou ter que entrar aí no mundo do LEANI pra saber, né? Seria só um projeto para falar isso. Então, assim, tome isso como uma avaliação muito preliminar, né? Uma tomada de opinião, né? Mas nada... Certamente, eu não quero ser leviana de dar uma direção aqui e tomar, né? Não é isso... Não é atoa que você está até pesquisando, né? O negócio é complexo! (risos) Mas, vamos lá, o meu entendimento é que o inglês nessa história toda que vocês me passaram e fazendo o contraponto nessa realidade que eu vivo no mundo corporativo, que eu vivi e ainda vivo, eu penso que ele deve ser colado o máximo possível com a realidade. Ele precisa dialogar o tempo todo com as outras disciplinas e provocar... Eu acho que ele pode ser um grande provocador das outras disciplinas de trazer essa graduação para a prática, para a vida real, entendeu? O que se é aplicado, né? Todas as disciplinas tem sua parte teorica e tudo mas elas precisam estar sempre envolvidas em uma aprendizagem ativa, baseada em problema, baseada em projeto... Ou, se não consegue vincular a uma vida real, acho até que tinha que ter isso em algum momento “vamos explorar o problema”, pode não ser de uma disciplina, pode ser de um projeto interdisciplinar... Não dá para fazer isso o tempo todo, vamos ser realistas. Isso a gente fez, demanda trabalho pra caramba! E não dá pra gente fazer isso o tempo todo! Mas você pode projetivizar sua disciplina, construir simulação, isso eu acho que tinha que ter o máximo possível nessa disciplina e nas outras também! Mas o inglês, né? A língua aqui ela pode ser provocadora disso! Porque a língua é a ação em si, é a vida, você vive através da língua então são situações comunicativas. Então, acho que ela pode provocar. Essa disciplina, ela tem que ter uma amizade, um diálogo constante com outros professores... Ela tem que deter esses especialistas para alimentar as suas escolhas em termos de texto, em termos de tema. Eu conversei muito com o (*nome do professor*) para falar, eu li muitos temas sobre refugiados para o projeto e é o professor que vai te dizer isso! Não é a gente que vai saber, por que esse cara é especialista... Esse profissional da RI sabia da conjuntura internacional! O que estava ali naquele momento, então ele vai me ajudar pra não pegar um tema irrelevante! E pegar algo quente! Então, sempre que possível, ainda que por simulação, promover isso, a transversalidade, né? Uma disciplina de inglês pode ser provocadora sim! Não acho que precisa ser tudo em cima dela também, porque aí é sacanagem, né? É uma carga forte! Eu acho que tem que ser um compromisso do corpo docente. O corpo docente dessa graduação é diferente! Não dá pra pensar nessa graduação da forma com a qual as graduações tradicionais se organizam! “Eu dou a minha teoria aqui com um prática” não! Se ela pretende ter uma inclinação diferente ela tem que refletir isso na prática, o corpo docente tem que refletir esse esforço constantemente! E essa ligação, se ela pretende ser aplicada, precisa ser constantemente! Fazendo parceria externa, ir para empresas e instituições públicas e fechar acordos, para conseguir poder ter esse pé na realidade. Como por exemplo, você fecha um acordo com o (*nome de instituição pública*) onde você vai trabalhar um problema como a gente fez lá com as empresas de fora! Inclusive, acho até melhor que você faça isso no público porque é mais fácil porque a CEFET está devolvendo por extensão... E aí, entra extensão que é outra coisa que eu acredito demais e que as pessoas negligenciam! Faz uma negociação,

sabe? Uma troca de saber “Tá, a gente atua estudando o teu problema e você permite que eu entre na tua empresa, no seu estágio, porque o meu aluno vivencia essa realidade” é uma troca! Não dá pra ser diferente! E aí, eu acho que o inglês no caso é um grande provocador disso! O inglês, ele tem que ter esse pé na realidade e a conversa constante com outras disciplinas que alimentam e compõe essa formação! Não sei se eu falei tudo, assim, né? Só examinando mesmo no detalhe... Mas, eu, (*nome PP*), eu vou defender aqui: Sempre buscar autenticidade! Se por um motivo prático a pessoa quiser adotar algo vencido, tem um colegiado e aí decidiu adotar algo pronto que tenta ser o mais próximo do autêntico possível, que não se use isso como bengala ou como única fonte possível. Acho que tô problematizando, o que pode ser sim longe da realidade... Pode ser que não dê tempo, o corpo docente não tem fôlego para fazer tudo autentico então, vamos adotar um material mínimo e acho que não pode ser o único! É isso, se for feita essa escolha por uma questão prática e a gente faz essas escolhas o tempo todo! Qualidade das práticas, diminui um pouco do que consideramos ideal, o ótimo! “Ah, ótimo e muito bom” eu sei que é (risos) mas eu sei que é real, fazemos isso sempre na vida real! Na corporativo, você tá diante de dois cenários! Agora mesmo, eu vim de uma reunião que eu tinha que decidir uma ferramenta como essa! E eu tô entre duas para aplicar na parte remota do (*nome de pesquisa realizada por instituição pública*). E aí você tem que tomar decisões que aí você pensa “Bom, isso não é o ideal, mas diante do que eu tenho agora...” pratico, isso é vida. Eu vou abrir uma concessão num ponto e ganhar no outro. Então, se vocês tiverem que abrir essa concessão para efeitos práticos lá na CEFET, a minha opinião é... Adotar um material? Adota! Mas que ele não seja bengala, mas que ele possa ser incrementado e sempre trazer essa visão crítica com os alunos que aquilo ali não é modelo a ser seguido. Porque, por exemplo, se coloco lá um texto de e-mail... Aquilo não é modelo, aquilo é uma opção e contrasta com um ou dois exemplos da realidade, para que o aluno consiga formar essa capacidade de formar padrões. E no fundo, eu acho que é uma habilidade de todas as formações. E que ele consiga ler esse texto e consiga ter meta! A gente tem que ter esse aluno capaz de olhar para o gênero, porque assim... A gente não consegue esgotar todos os gêneros na graduação. Então, esse cara vai entrar numa empresa, ele nunca fez um ofício, só coisa básica, né? E não deu tempo de ver isso na faculdade. E aí, ele não tá preparado? Não, isso a gente vai ver sempre! Ele sabe que ele é capaz de botar 5 ofícios do... Sei lá, vou olhar 10 ofícios do departamento dele, enxergar padrões, porque ele aprendeu a enxergar padrões na faculdade, está entendendo? E ele sabe relacionar padrões linguísticos de discurso com a situação comunicativa e em dois tempos ele consegue construir um modelo mental do que é aquilo e se inserir rapidamente! É isso que eu invisto! É nessa capacidade crítica do cara conseguir ter autonomia mais tarde! Eu faço isso lá na graduação e problematizo, faço eles pesquisarem sobre o gênero. E aí, vem uma outra escola dessa coisa do pesquisador! O aluno, ele vira um pesquisador daquele gênero. Tem muitas influências aí, eu vou identificando e conforme eu vou achando, tá? Acho que é isso! (risos)

PP: (risos)

FP: Eu tô tomando cuidado aqui, porque eu tô falando demais, aí eu me estendo! Não sei como está a programação!

PP: **É, eu... A minha última pergunta acho que você já respondeu, de quais seriam os gêneros importantes, você já falou bastante! Essa sua resposta... É porque a gente não pode ficar papeando aqui, a entrevista é sua, né? Se não, a gente ficava aqui! (risos) O AP3 até sorriu quando você respondeu agora... E aí...**

FP: Eu notei (risos)

PP: **E agora, vou deixar aberto... É, pois é!**

AP3: Posso falar aqui, rapidinho?

PP: **É isso! Eu ia te dar a palavra agora pra saber se você quer complementar, fazer alguma pergunta...**

AP3: Bem, primeiramente eu acho que eu queria agradecer a (*nome FP*), por tudo que foi dito. Eu acho que, assim, você disse que não queria falar por conhecer pouco o nosso curso, mas eu te diria aqui, eu sei que tá gravado... Mas, eu te diria que você conhece mais o nosso curso do que muitos professores que estão no nosso curso. Porque pelas suas respostas e pela análise que eu tenho do curso, acho que por tudo que a (*nome PP*) falou, eu acho isso desde que entrei no curso. Eu venho de uma área técnica e prática, né? Já é minha segunda graduação, eu sou formado em Administração e tenho uma experiência de mercado e até hoje, então. Quando eu entrei no curso, então, a minha primeira visão em termos do que eu lido, do programa dele, né? Que me levou até a cursá-lo e quando eu cheguei e vi que muita coisa não era feita, eu tinha essa análise do tipo “está faltando aproximar esse curso da realidade!” enfim. Eu acho que pra não ficar falando até amanhã mas pra resumir... Você disse agora sobre a questão da língua ser viva,

né? Para criar esse aluno preparado para enxergar essa necessidade real, eu acho que isso é a negociação em si. Eu acho que nenhuma negociação vai ser ideal, nunca. Ninguém consegue o ideal, então você vai para a negociação sabendo o que você pode perder e o que você pode ganhar, e você vai tentar conseguir chegar no melhor resultado para ambos! E o nosso curso deveria ser um curso de negociação. Então eu acho que deveria estar na prática do curso, ensinar isso pra eles ali em todas as disciplinas, em todas as vertentes deveriam apontar pra isso, né? Então, desde o planejamento de aula... O professor saber que ele não vai conseguir planejar o ideal pro aluno e deixa o aluno saber que ele não vai aprender tudo mas que ele pelo menos está aprendendo essas habilidades que são importantes pra vida e não só para o mercado de trabalho. E aí, dito um pouco disso eu tenho várias perguntas, assim, mas acho que a gente ficaria aqui um tempo... Eu queria perguntar algumas coisas mais práticas que acho que são as perguntas que as pessoas fazem, que eu escuto das pessoas do curso que não... Não é que discordem! Mas que não tem a mesma visão que a gente, né? Então, eu gostaria de saber sua opinião sobre alguma dessas visões! É, dentro de tudo que foi dito, né? A primeira, por exemplo, é sobre a questão do mais prático do Fins Específicos como uma matéria de línguas, né? É, você disse né? Que teve toda essa experiência, principalmente na (*nome de universidade pública*), você usa o fins específicos e as metodologias ativas... É, eu queria saber como você inclui e se inclui, como você faz para incluir as questões gramaticais da língua, né? Nesse processo, porque essa é uma questão que eu acho que eu tenho muita dificuldade, com os professores, porque ficam muito presos às questões gramaticais que o livro traz e muitas vezes não sobra pra vermos de forma mais autônoma. E às vezes, eu gostaria de saber como você consegue incluir isso, essa seria a primeira pergunta. E, junto a isso, você disse sobre a questão dos desníveis, né? Que também é uma questão muito apresentada. Então, o desnível dos alunos na língua, né? Então, é, muitas vezes tem desníveis muito diferentes, da pessoa que já fala muito bem inglês e a pessoas que não tem contato nenhum com a língua, e é claro... No seu caso, o inglês é a língua de maior contato, mas lá no curso também temos espanhol e francês. E, por exemplo, francês é uma língua que as pessoas entram quase sem contato nenhum. Então, isso é muitas vezes apresentado como: ah, em francês não dá pra fazer isso porque os alunos entram sem contato. Enfim, eu queria saber um pouco a sua visão sobre isso, né? E o que você faria com esses desníveis se fossem encontrados. E a terceira questão, também, nessa parte mais prática é: Como falar com o especialista. Você disse que já trabalhou e que é necessário o profissional de língua ser o provocador e tá puxando e estar lá sempre vendo quem é o especialista da área de fins específicos, dos gêneros. E eu queria saber um pouco mais de como você fazia isso e se você teve alguma experiência, de assim, de conversar com especialistas que te deixassem um pouco na mão, não conseguissem te entregar o que você precisava, assim... É pouco disso. Tem muitas outras mas acho que ficaríamos aqui até amanhã, então, essas são as essenciais.

FP: Olha, são excelentes perguntas, bem complexas! Eu vou tentar responder mas assim, fiquem a vontade, se vocês quiserem me fazer perguntas não tem problema não, tá? Mas nessa história toda da realidade, isso é um desafio. É um desafio com o qual me deparei, porque minha formação é muito assim e então quando você vai para outro caminho... Eu digo pra você que até hoje eu penso e repenso maneiras de fazer isso. Mas assim, eu digo pra você que, na minha vida, agora depois dessa experiência, eu acho que o caminho mais adequado para alinhar tudo isso é sempre tomar como unidade de ensino o gênero, né? Na verdade você tem a base de uma situação comunicativa, como eu disse a vocês, e então comunidade comunicativa do gênero. Aquele gênero, automaticamente... Aí, você regula um pouco a complexidade da coisa pela complexidade da situação comunicativa. Então, por exemplo, pessoas iniciantes eu não vou conseguir trabalhar. Vamos pegar o exemplo do RI, eu não vou conseguir chegar ao relatório final, o relatório da negociação, o acordo de cooperação... Eu tenho que avaliar a minha turma porque cada gênero tem a sua complexidade! Esse pessoal consegue chegar até um acordo de cooperação? A minha turma lá tinha um nível geral, não deixava de enfrentar a questão do desnível, mas ao que me parece no CEFET isso é mais grave. Porque? Por que no RI lá temos um pessoal de elite, foi muito concorrido! Era quase um vestibular próximo ao da medicina. Depois eu não sei como é que ficou, a primeira turma foi em 2013 eu acho... E foi de uma concorrência altíssima. Então, é pessoa de elite, pessoa que fez curso de inglês a vida inteira, então, assim, de forma geral o desnível não era grande mas tinha! Tinha um ou outro que tinha o nível de classe social mais baixo, em raríssimos casos. E eu lidava com isso, vou falar mais sobre isso. Então, o que eu faço com essas questões gramaticais? Eu avalio, antes da questão gramatical, para aquele nível ali de proficiência que situações comunicativas eu posso explorar da atualidade. Dessas situações comunicativas que gênero eu posso explorar, dentro dessa situação, né? Então, “ah, eu consigo chegar até um email?”, “eu consigo chegar até uma programação, uma agenda de reuniões?” entendeu? Em que nível que eu chego na questão oral? É uma entrevista rápida pelo telefone? Então, eu não avalio pela questão gramatical, meu ponto de análise é pela situação de comunicação. Que é o ponto de análise no marco comum europeu, na língua inglesa, é o que define isso! Você tem os níveis de proficiência, lá não fala se o cara sabe o verbo to be... Não fala (risos). Mas sim, se você consegue, me ajuda aí (*nome PP*), lidar com... Pequenas conversas numa loja no dia a dia...

PP: Isso!

FP: Ele avalia a sua proficiência a partir de um desempenho real! Entendeu? Então, eu parto dessa análise e dali eu derivo, dentro do e-mail! Se eu concluir que esses caras são capazes de trabalhar e-mail, dentro do e-mail: quais são as questões linguísticas que aparecem? Essa coisa é dialética entre o meu nível de turma, e era assim que eu fazia. Eu não tinha... Eu tinha, assim, uma avaliação preliminar do que é típico no email. Então, eu tinha, assim, marcas de polidez, se tem algo com tempo verbal, entendeu? O que eu, como profissional de língua, sei o que aquele gênero puxa como padrão que vale explorar! Inclusive para você concretizar o gênero do ponto de vista linguístico, mas precisa ter conhecimento do gênero. Só faz isso quem realmente tem essa formação, essa visão de gênero... E eu sei que é difícil para muitos profissionais, porque não tiveram essa formação... Ou ele teve que se atualizar ou ele nunca passou por isso! E só sabe o que passou a vida inteira aprendendo na sequência da gramática: Verbo to be! E o que as pessoas inventaram na sequência lá, que eu inclusive acho falha demais! Colocam coisas que eu acho complexas no começo... E aí, a partir dali eu faço uma dialética e ali eu prevejo a temática daquilo! Do que é gramatical e do que é, não vou chamar de gramática não... Vou chamar de linguístico, está além da gramática. O que é linguístico é típico daquele gênero. E aí, eu vou por esse pessoal em contato e vou ver ali, por isso que eu falo que é uma coisa dialética, como eles se comportam! E aí, eu vou atuar como alguém que alerta e repara! Uma facilitadora. Repara e para em alguns pontos gramaticais para refletir. E aí é o ensino baseado na descoberta! Eles mesmos identificam os padrões! Eu construo e não paro e não falo "Vou ensinar x!" mas sim "Vocês perceberam que nos e-mails aqui temos marcas de polidez? Vamos ver nos samples? Vamos sistematizar?". E aí, a gente faz juntos e organiza esse ponto e faz o tempo da análise linguística e do estudo necessário para aquela turma. Você entende? Não tem uma resposta pronta, tem assim uma preliminar! Isso eu não posso negar! O e-mail, ele puxa naturalmente umas questões linguísticas mais fortes! É provocativo do gênero. Aí, eu já tenho isso em mente e vou para a turma x. Essa turma x vai mostrar que aquele ponto que está pré selecionado não é nada pra eles, não vou nem parar então pra isso, vou focar no ponto que é o ponto que eles puxaram! E aí, vamos parar, fazer análise linguística. E por isso que eu falo do uso-repetição-uso. É tudo muito baseado... E uso, eu chamo tanto como consumo do gênero, como leitor e como ouvinte, quanto o uso de output que é quando você produz a fala ou texto escrito. Então, é difícil, (*nome AP3*). É difícil, demanda uma formação e olhar de gênero e uma virada de página. Você vira a perspectiva. Você não toma a gramática como norte do nivelamento do aluno! Não é a gramática, é o que ele consegue fazer com a língua! Então é uma mudança muito radical de visão que tem um pé forte na formação dos professores. Então, é assim que eu faço. E isso, eu vou te falar, é difícil e é difícil para os alunos, tá? Os alunos se incomodam bastante! As minhas aulas são assim, eu crio angústias! Os meus alunos ficam angustiados e no final eles falam, assim... Eu tive esse depoimento na última turma, esse cara era mais velho, numa situação como a sua de segunda graduação. E eu tenho pra mim que ele tinha um pouco de autismo porque ele era muito inteligente. Mas sabe? Eu não sou especialista mas a gente desconfia pela maneira com a qual o cara se aproxima e vinha falar, conversar horas comigo, falando e tentando interpretar o mundo com pontos de vistas e parâmetros matemáticos! Eu ficava assim, né? Meio que boiando mas tentando acompanhar (risos). Eu acho que ele tinha! E aí, no final ele veio falar isso comigo! Não é a primeira vez... "Po, professora, agora eu entendi!" porque eu botava os caras pra praticar o tempo todo e essas pessoas vem da escola onde tudo é teoria, teoria e depois prática! Então, é uma suspensão, isso angustia o aluno! Mas essa angústia é boa porque ela cria fricção e a cabeça fica preparada! Ele fica ligado, coisa que a outra metodologia não faz. Mas também, precisa segurar o grau de angústia pro cara também não desistir, tem que estar o tempo todo apoiando! É o meu desafio como professora, eu uso de propósito mas tenho que dosar. Então ele disse "Pô, agora que eu entendi" e aí eu mexi no texto dele e tudo... E assim, nessa disciplina eu entro com gramática depois que eles produzem! Eu entro pontualmente. Olha só, eu só trabalho com problemas que aparecem! Eu chamo atenção de alguns que eu vejo que são necessários, mas o que você chama de gramática só aparece! Se não aparecer não tem fixo isso na minha ementa, não tem! Crase apareceu? A gente para pra falar sobre! Constrói juntos e vemos o que a teoria fala... Mas eu demorei anos para alcançar isso e até hoje é parte da minha formação e do que eu busco, né? No começo não era assim, eu comecei dando aula em inglês obedecendo a ordem da gramática. Então, não quero me alongar muito, mas se você não estiver satisfeito depois a gente pode conversar. Em relação ao desnível, outro problema complexo! Sim, é importante você tratar o desnível. Em uma turma de RI tinha uma *outline*, que era uma menina que a turma toda já acompanhava você falando em inglês e ela não. Ela estava muito forte no desnível e inclusive reprovou. Até um certo desnível você consegue lidar, ela não... O que a gente fez? Aí eu acho que o corpo docente precisa pensar em fazer um plano B. Uma ação paralela na verdade, a gente convidou essa menina a fazer um complemento por fora da disciplina. Mas ela não se dedicou muito, não rolou! Um complemento para fazer um resgate para aquele nível, talvez isso seja necessário. No caso das outras línguas é mais complexo, não pode ser ignorado. Eu acho que o professor precisa pensar muito bem isso, estudar o problema... Eu seria leviana de dar uma resposta, até um determinado nível e grau de desnível você

consegue lidar com isso que eu te falei! É prática e ir lidando com os problemas conforme aparecem. Mas quem está em prática constante de desnível precisa ser apoiado em uma ação paralela se não você não consegue sustentar aquele objetivo ali de uma determinada disciplina. Sei lá, o cara está no inglês II e a turma geral está num nível e 2 ou 3 em flagrante desnível, esses 2 ou 3 precisam ser apoiados com uma ação paralela. Eu só vejo assim, pode ser que haja outras situações. Realmente, desnível é um problema sério, é o que eu chamo de problema complexo. Aprendi a lidar com isso num curso do (*nome de instituição pública*), aprendi lá e estou executando. E este é um problema complexo, definitivamente. Tem que ser trabalhado, esmiuçado, ver as possibilidades da CEFET. Então, assim, não pode ser leviano quando os professores de línguas usarem isso como argumento pra tudo, mas eles usam isso não é atoa, porque de fato é um problema complexo que precisa ser avaliado e estudado. Então, eu não tenho como avançar muito além disso, eu só fiz isso na minha vida! Quando aparecia, eu apoiava esse aluno, esses 2 ou 3 alunos... Agora, se isso é algo sistemático da turma, você já precisa aprender isso! E prever uma medida de controle junto com a administração... Eu tenho pensado nisso, o quanto a minha carreira curta de gestão, já são aí 4 anos ou 5, como isso vai me ajudar a ser uma professora melhor. Tô doída pra ver na prática! Eu acho que vai me ajudar muito nessa coisa da qualidade e em mostrar pro aluno, acho que vai me ajudar muito! Aí, você me pergunta então isso dos desníveis, como eu falava com o especialista. Eu fazia entrevistas mesmo, procurava saber da área e se esse cara era um acadêmico. Eu não fazia perguntas de vida real, mas de temas, conjecturas, como ele trabalhava no dia a dia dele... E isso já traz a pergunta da (*nome PP*): o professor de línguas, ele é esse provocador de transversalidade. Eu acho que temos muito esse papel. Agora, “como você trabalha?” “Com qual gênero?” isso eu não pergunto muito com esses termos, porque ele não vai conhecer gênero, esse termo. E assim, pra minha felicidade em relações internacionais eles eram muito da aprendizagem antiga! Esse professor em particular fazia pesquisa sobre a aprendizagem antiga, então usava jogos, usava coisas com facebook com uma professora americana! Então, casou perfeitamente, mas vão ter horas que não vai casar! Como por exemplo, uma vez convidei alunos para fazer pesquisa, e eles fazem pesquisa sobre gênero. E eu conversei com os professores e eles iam até eles e aos alunos mais antigos, perguntar o quê na graduação eles faziam... Se eles faziam resenha, se faziam relatório. E aí, eles descobriram o mundo, que cada professor entende o gênero de uma forma diferente e a gente problematizou isso em sala, essa loucura! E os convidei para avaliar como eles trocam conhecimento, né? E isso tudo foi abalado! Porque os professores estranham, né? Mas acho que o pessoal já me conhece lá (risos). Os professores, eu digo da estatística em si, da matemática... E os alunos mais velhos começam a falar “ah, isso aí é uma merda” (risos), cada um encara né? Mas aí o que esses alunos vão fazer? Eles vão perguntar ao professor qual a perspectiva para aquela disciplina e o que ele entende como esse gênero. Então você ser safo é o x da questão. Então, essa fala com o especialista que eu faço, e convido os alunos a fazer, é uma análise de necessidades! Como é a área do estatístico? Como eles conversam? Como é essa comunidade de discurso? E talvez até acompanhar, sabe? A gente precisa sair um pouquinho da nossa zona de conforto. Não sei como é pra vocês porque é um curso novo, mas ir lá no congresso de estatística e ver como eles apresentam o poster, como é diferente do pessoal de Letras. Como eles apresentam o seminário, tem até semelhanças, mas é diferente! Então, esse olhar só faz quem passou por essa ideia do gênero. E sim, os informantes deixam na mão! E aí, você tem que lidar com o que ele pode te dar! Foi o que aconteceu com meus alunos! Teve professor que minimizou, do tipo “Eu não trabalho com nada disso, a resenha...” entendeu? Porque é o que ele sabe informar, entendeu, (*nome AP3*)? É o desafio da vida como um todo, o informante sempre, entendeu? (risos). Tem informante que fecha a porta, e aí? Como você faz? É uma ciência, né? Como lidar com o informante. (risos) É um desafio constante pra gente no (*nome de instituição pública*), tem curso e tal... Agora, algo que você mencionou aí, o curso de vocês é de negociação! No mínimo vocês deveriam estar negociando o tempo todo! Você, que é da administração, né? Temos curso como Gestão, que tem a coisa da margem. Você vai com algo e isso te dá uma margem do quanto você pode perder. Até eu já tive esse curso. Mas acho que todo o ser humano sempre pensa nisso... E todo mundo deveria saber negociar, né? Sabe algo que esbarrei recentemente e que pode ajudar na formação de vocês? É a história do CNV, Comunicação Não Violenta, eu gostei muito disso. É um método legal para lidar com conflito, você deve saber mais disso do que eu, né? Tá na área da administração... Mas podia explorar isso e se eu tivesse aí já estaria pensando em explorar no inglês. Pega e explora isso na linguística. Como fazemos a CNV? Então, explorei isso. Mas tudo sempre muito estudado e com texto. Por exemplo, pra (*nome PP*) que não tá com o pé muito aqui no mundo corporativo, para ela chegar e ver esse tema, ela precisa se manter conversando com os especialistas. Deve ter aí na sua graduação gente que trabalhou com essa temática e se não tem a (*nome PP*) vai procurar... Tô dizendo aqui a minha opinião, ela vai procurar ter contatos externos para ela se atualizar! Ver o que está rolando, raciocinar e brincar em cima disso, sabe? Eu acho que falta aí, talvez, uma psicologia... Olha eu, dando pitaco, né? Podia ter um apoio da área da psicologia! Só pra trabalhar essas habilidades, nisso a (*nome PP*) precisa estar ligada, sabe? É o tempo todo, não tem... Contexto! O espírito do problema complexo, que eu aprendi lá, é o contexto! O Fins Específicos ele fala da análise de

necessidades mas não é “fiz a análise de necessidades e vou pra prática” e acabou, não! Precisa estar o tempo todo revisitando isso, é uma análise constante! É, você está integrado ao contexto. É o segredo das profissões do futuro, é você ter a noção do sistêmico e da complexidade. E eu tenho trazido muito isso pros treinamentos, tentado né? Porque é difícil. Mas você precisa estar imerso, entendeu, (*nome AP3*)? Então, o tempo todo falando, conversando, ficando ligado. “Como trazer isso para a sala de aula?” entendeu? Não sei se eu te respondi, mas foi um prazer pensar sobre isso com você. (risos) AP3: Respondeu sim, com certeza! Obrigada pelas respostas e eu concordo completamente com você, essa questão da complexidade é fundamental! Porque o nosso curso, na minha visão é criado pra isso já, porque na minha visão é um curso já pra ir de encontro a um momento futuro! De não ser um curso estático mas ser um curso diferente. Então, essa proposta está escrita no PPR, no Programa do curso... Só que esse é o nosso desafio, como transformar essa proposta que está no ideal, mas não está na realidade, na realidade. Como fazer isso deixar de ser só discurso e adentrar a prática, né? Só um exemplo, você citou a negociação ela não é só uma arte mas é área acadêmica e de pesquisa. Eu cheguei a entrar no mestrado de administração, mas larguei porque vi que não era por aí... Mas foi lá no mestrado, lá na (*nome de universidade privada*), que tem uma linha de pesquisa só em negociações internacionais. Então, tem uma linha de pesquisa nisso! E eu fiz uma matéria lá que foi quando eu tive contato com essa área. E quando eu fui pro curso do LEANI, eu achei como? Que eu veria essa área aplicada lá e eu vi que na verdade os professores não conhecem! Então, por exemplo, não negocia muito no curso, o que na minha visão é um absurdo e tá indo fora da proposta e do discurso do curso! Então, temos uma matéria de negociação só, que é Teorias e Técnicas, que acontece só no sexto período, ou seja quase no fim do curso. E eu acho um absurdo, eu acho que essa matéria já deveria estar no início, de cara no primeiro período! Aprendendo a base ali de teorias e técnicas. E enfim, deveríamos ter outras matérias também, com áreas mais aplicadas e aprofundadas. Aí, já é minha outra proposta de estruturação curricular do curso que aí eu já acho um pouco problemática... Mas é isso, assim! Acho que esse é o caminho que estamos tentando recorrer, obrigada aí pela sua contribuição, que eu acho que foi incrível! E eu agradeço.

PP: É, (*nome FP*)... A gente hoje... O trabalho ficou grande né? Porque a gente vinha muito pequenininho, né? E hoje a gente já pensa assim em mexer lá no MDE, conversar com os professores do núcleo de desenvolvimento do curso, justamente pra gente conseguir mexer mesmo e fazer esse pessoal pensar. E trazer os alunos, assim, eles que já vem comigo e vem estudando... Porque, assim, é como você fala: dá muito trabalho. E quando você fala, que saí de uma realidade na qual você está fazendo diferente dos outros você começa achar que “nossa, será que estou errada? não é possível? eu nem estava aqui no começo, cheguei depois!”. E aí, cada vez mais a gente estuda para aprender mesmo e poder aplicar, né? É isso que você falou também dos alunos, né? A visão que os alunos têm de ensino de línguas, né? Também é muito importante. Porque eles estão acostumados com aquela sequência gramatical que o (*nome AP3*) falou... Porque eles veem que com o livro é muito mais organizado, né? O aluno tem sempre essa questão para colocar. Mas foi ótimo e eu quero falar com você depois! Quando você falou dessa proposta: CEFET e (*nome de instituição pública*)... Porque assim, qual é a minha intenção? Eu tô entrevistando todo mundo que eu posso né? Os professores do curso, vou passar um questionário para os alunos e vou montar uma extensão aplicando o que a gente acredita com as informações do que a gente tem recebido. E aí, não sei, cê pensa. Se a gente não, né? Eu queria aplicar essa extensão com o (*nome de instituição pública*), se é possível a gente trabalhar algum problema aí, que você falou. Assim, eu fiz um trabalho com Portos, lá atrás no CEFET de (*nome de município da RMRJ*), eu trabalhei com duas empresas e com os alunos e foi muito interessante. E agora você falou dessa ideia da aplicação e do (*nome de instituição pública*) e se a gente conseguisse trazer para extensão algo prático, acho que seria bem bacana. Mas isso é algo pra você pensar e a gente conversa daqui há algumas semanas!

FP: É, eu acho que tem que pensar bastante! Aí entra a negociação, né? Eu sei que por mim gente, a gente faz qualquer coisa! Mas são dois órgãos, duas instituições. Quando a gente faz acordo de compensação tem que ser partida e contrapartida, né? Então, você pensa um pouco, eu não sei se agora, não sei se em algumas semanas eu consigo te dar, é, essa resposta. Eu tô em processo de transição, né? E ninguém sabe, só eu, minha diretora e agora vocês. Ela me pediu pra não falar pra ninguém até semana que vem. E a partir de semana que vem, trocar a coordenação. Mas assim, (*nome PP*), conte comigo porque eu tenho uma entrada muito forte com a cúpula. A presidente, ela é uma pessoa mais de fora, mas me conhece e tudo...

PP: Deixa eu te interromper um pouquinho? Porque eu vou parar a gravação, ok?

FP: Claro...

PP: Deixa eu te agradecer, obrigada! Vou parar aqui!

APÊNDICE CC - Transcrição da entrevista – PE (Núcleo de Línguas Estrangeiras)

PP: Eu já sabia que você ia querer participar, porque eu te conheço, mas, primeiro quero muito te agradecer, a gente está num momento muito corrido em que o trabalho do professor aumentou muito com essas novas demandas. Em segundo lugar, falar da importância do Termo de Ética que eu te mandei e pedir para você me enviar assim que possível. Agradeço também ao (*nome AP2*) que junto com um outro grupo de alunos já participa comigo de um projeto de Extensão em que a gente vem tentando melhorar o ensino de Inglês do LEANI, fazendo sempre um levantamento baseado nas análises de necessidades. A minha pesquisa de doutorado vem de tudo isso, desse tempo de Pesquisa e Extensão, das coisas que eu estudo e leio e a sua participação é super importante, porque, de certa forma, a gente procura ter um enfoque multi e interdisciplinar e, pelo que eu tenho lido, por aí há muitos projetos multilíngues que são muito bacanas. Então, eu queria saber um pouquinho do seu trabalho e do que você acha, porque a sua contribuição é sempre muito bem-vinda!

PE: Eu é que agradeço o convite!

PP: Primeiro eu gostaria de saber a sua formação e experiência que você me falasse um pouquinho da sua formação, onde você trabalhou antes de vir para o CEFET e a sua função. O que é que você faz lá...

PE: Eu fiz Letras, Português e Espanhol, na (*nome de universidade pública*). Depois fiz Mestrado em Língua Espanhola e Literaturas Hispânicas, também na (*nome de universidade pública*). E fiz especialização na Espanha, em Língua Espanhola e Filologia Hispânica. Eu tenho dois doutorados, um na Espanha em (não compreendi o nome do curso) e outro no Brasil em (inaudível 03:50) e, agora, como eu não estou fazendo nada, estou fazendo uma especialização em Produção e no uso de Tecnologias da Educação na (*nome de outra universidade pública*). Antes de ir para o CEFET eu era funcionária do (*nome de instituição privada*), em São Paulo e, antes do (*nome de instituição privada*), eu trabalhei dando aula em cursos de idiomas, em escolas particulares do Ensino Médio e só, no que está relacionado à Educação, foi isso... Atualmente sou professora do curso de Espanhol do LEANI. Antes eu fui coordenadora de 2014 a 2018 e, além de dar aulas eu coordeno um projeto de Extensão que é o LEANI... (inaudível 4:54) Coordeno, outro projeto que é a revista virtual de ensino e aprendizagem... do LEANI (inaudível 5:06) e tive um projeto de pesquisa, agora, em tradução também no LEANI.

PP: Você já trabalhou fora da Educação também, não foi?

PE: Trabalhei numa Multinacional Sueca de cobertura cirúrgica. A gente vendia itens para hospital, para cirurgia, era uma empresa que era concorrente da (*nome de empresa privada*), na Europa.

PP: Foi no Brasil?

PE: Não, foi na Espanha. Porque eles precisavam de alguém que fosse bilíngue em Português e Espanhol, porque minha chefe era portuguesa e eu ia trabalhar no contexto ibérico, na Espanha e Portugal, em uma divisão nova dentro da empresa... (inaudível 6:14) que consistiam em *packs* cirúrgicos. Você vai fazer uma cirurgia de artroscopia de joelho, então o médico comprava o kit com tudo o que ele precisava para aquela cirurgia. Você não perdia tempo esterilizando o material, com instrumentista, você comprava o *pack*, abria, estava tudo lá e, aí, operava.

PP: Vamos passar para a segunda parte. Eu estou levantando informações com os professores de línguas sobre a proposta de ensino que a gente tem no LEANI. Desde que eu entrei, em conversas com a equipe, sempre tive a ideia de que a proposta de ensino foi baseada na adoção de um livro didático. Claro que isso vai mudando ou foi mudando... O que é que você acha disso e como é que você trabalha, dentro dessa vertente ou fora dela? Explica para a gente um pouquinho.

PE: Eu acho a questão do livro didático importante, como uma espécie de guia, não só para os professores, mas também para os alunos. Ele tem uma forma de ensinar determinadas coisas e o livro é um norte, mas não significa que você tem que ficar presa ao livro. Eu acho que o livro é um suporte, no caso do LEANI principalmente. É suporte tanto para o professor saber que “bom, eu preciso que o aluno domine esse conteúdo ou que ele saiba esse tema gramatical”, por exemplo. O bom do livro didático é que eles estão associados ao marketing e como o nosso material é um material para fins específicos, por exemplo, no caso do Espanhol é um Espanhol voltado para os negócios, então é importante porque você tem ali um vocabulário específico, determinadas estruturas e estratégias de negociação, mas eu uso o livro mais como um guia, um norte, mas eu não trabalho exatamente com todas as partes do livro, por exemplo. Mas acho que ele é bom, nesse sentido.

PP: Uma curiosidade: os alunos compram o livro?

PE: Não. São poucos os que compram.

PP: É, com o Inglês a gente também tinha essa questão, porque o livro é muito caro, não é?

PE: Porque são livros caros e na nossa realidade de escola pública não tem como exigir que o aluno compre, mas é o que eu falo para eles que a biblioteca tem uns 10 volumes e eu também disponibilizo, no Xerox, uma pasta, agora os alunos mais novos pediram para eu escanear as unidades para mandar para eles. Porque alguns alunos conseguem o material, outros não... A gente tenta fazer o máximo possível para que eles tenham o material, até porque serve de apoio, como eu falei, mas também... (inaudível 10:42) não exigir...

PP: Vamos passar para LINFE? Queria saber se você tem alguma formação em Línguas para Fins Específicos. Você trabalha no LEANI com Línguas para Fins Específicos. Como é que você adquiriu conhecimento sobre essa abordagem?

PE: O meu conhecimento de LINFE veio de forma autodidata de ler materiais, de participar de congressos. Até porque quando eu entrei no CEFET para trabalhar o Turismo e como eu tenho uma grande amiga que tem uma dissertação de mestrado sobre o Espanhol para o Turismo e, em Espanhol, tem aquelas divisões: Espanhol para o Turismo, Espanhol para Hotel, Espanhol para restaurante... No meu doutorado, lá na Espanha, eu fiz uma disciplina de uma professora que é a bambambam da cidadania... (inaudível 12:00) (...) a gente desenvolveu todo um trabalho de (inaudível 12:15) eu vou trabalhar aqui, com uma comunidade de bairro voltada para o turismo, por exemplo, essa foi a que eu escolhi na época. Então, a gente montou uma unidade didática com esses elementos. O que é que esse aluno vai fazer com a língua e a gente via sempre a Língua como um instrumento, onde a abordagem tinha sempre o enfoque nas tarefas. Ele tem que ser capaz de fazer determinadas coisas. Se, na minha unidade, eu estivesse desenvolvendo por exemplo: “você chegou no aeroporto e a mala não apareceu, perderam a sua mala. Como é que você resolve esse problema?”. “Bom, tenho que ir lá no balcão da companhia aérea, colocar uma reclamação, escrever os objetos que estavam da mala...”. Então minha abordagem e meus conhecimentos de LINFE estão relacionados à leitura e ao material para o desenvolvimento dessas habilidades.

PP: Quando é que você começa a estudar sobre LINFE?

PE: Eu entrei no... (inaudível 13:50) em 2010, então vamos colocar 2008. Inclusive depois... (inaudível 14:04) relacionados com Espanhol para Turismo...

PP: Sim. Perguntei o ano porque a gente tem um grupo que estava muito engajado com LINFE bem no final dos anos 90, começo de 2000. E algumas pessoas ficaram naquela época e a visão de LINFE nesse tempo em que você começou a estudar mudou muito. Aquela percepção de trabalhar só com aquelas estruturas de leitura, com as palavras cognatas...

PE: Mas eu nunca vi LINFE com Língua Instrumental, como aquela coisa assim “ah, de leitura”. Nunca tive essa visão do LINFE. Eu sempre trabalhei língua instrumental, por exemplo, o Inglês que eu estudei para fazer a prova do Mestrado é diferente do LINFE quando eu comecei a estudar...

PP: É, digamos assim, um progresso, não é? A coisa andou, não é? Você trabalha com os pressupostos de LINFE, pelo que você fala para a gente. Você faz um levantamento de necessidades, dentro da sua sala, com seus alunos?

PE: Quando eu pego as primeiras turmas, até o 3º período, eu faço sim. Faço um questionário para perguntar para os alunos o que é que eles esperam da língua espanhola nas negociações, o que eles acham que vão aprender, quais são as expectativas, como eles gostam de aprender... Mas como normalmente eu trabalho mais com alunos do 5º período em diante, eles já chegam mais preparados, digamos assim, sabendo mais o que esperar do curso. Mas quando eu pego os primeiros períodos sim...

PP: Pela sua experiência, pelo tempo que você tem de LEANI e a experiência com a coordenação também, quais seriam as necessidades desses alunos?

PE: O que eu vejo sempre é que, como a gente aborda o Espanhol, desde o início, a gente não tem aquela pretensão de achar que o aluno já vai chegar sabendo o Espanhol, o que eu vejo muito é que eles querem falar a Língua, querem desenvolver essa habilidade de expressão oral. O que é difícil com o número de alunos que a gente tem nos primeiros períodos, na sala de aula, 40 e tal, o que para trabalhar com qualidade é muito difícil. Eu trabalho muito com as chamadas novas tecnologias, até para a gente não perder o tempo de sala de aula que a gente tem. Eu sempre falo para eles uma historietinha... (inaudível 17:40) vocês estudam a língua dois dias por semana, duas horas por dia... (inaudível 17:53) porque tem muito o trabalho do próprio aluno também. Eu sempre conto para eles a história de... (inaudível) que é uma senhora meio gordinha que estaciona o carro em frente da igreja e entra na igreja para rezar, aí ela fala com Deus porque ela quer ficar magrinha... (inaudível 18:14) quando ela sai da igreja o carro dela sumiu e no lugar do carro tem uma bicicleta... Eu digo, então, que assim é com o Espanhol: “ok, a gente vai te dar as ferramentas, mas você tem que se esforçar também, tem que procurar, tem que se envolver com a Língua para se desenvolver mais rápido...”

PP: Falando das necessidade dos alunos e sobre mercado de trabalho, o que você acha que eles vão precisar? Vão precisar da língua para quê?

PE: Principalmente comunicação para desenvolver, porque a gente sabe que o profissional do LEANI é um profissional muito flexível. Para que ele tenha capacidade de se adaptar ao que pedem a ele. Eu recebo o *feedback* de alguns alunos egressos que me dizem: “ah, professora estou trabalhando em contato com hispano-americanos e todos elogiam meu espanhol!” Então, é a comunicação de situações cotidianas, mas também para escrever uma carta formal, comercial ou escrever um pedido a uma empresa ou gerir algum conflito entre uma empresa e um cliente. Então eles precisam ter esse suporte, esse vocabulário, dessas estratégias de lidar com pessoas. Acho que basicamente a necessidade é essa.

PP: A gente também está entrevistando alguns egressos... é bem bacana! Vamos falar de \futuro! Você acha que é possível a gente ter uma proposta inter multi disciplinar? Acha que é possível engajar as Línguas também? Porque às vezes a gente pensa em propostas em conjunto e está sempre pensando nas negociações com RI e com as outras áreas, mas às vezes a gente não pensa em algo de associação das Línguas. Embora os níveis sejam diferentes, acho que lá na frente, de repente, a gente pode pensar em algo assim... Você tem alguma ideia desse tipo? Acha que seria uma ideia interessante que dava para a gente planejar junto? Como é que você vê essa proposta?

PE: Acho que é um trabalho interessante e lembro que, no final do ano passado, nós fizemos uma visita ao (*nome de instituição pública da área de relações exteriores*), o (*nome P4*) organizou e o que pode ser feito... (o Francês não pode entrar, porque a gente sabe que o Francês é o... [inaudível 21:29] do LEANI – o desenvolvimento da Língua Francesa é mais lento mesmo), mas ali o que a gente conseguiu fazer foram grupos de discussão em Inglês e Espanhol. Por exemplo, a gente estava discutindo as OBSS e a ideia era que um grupo discutisse em inglês, outro grupo em espanhol, como se a gente tivesse uma apresentação na língua para a gente trabalhar estratégias da tradução, porque eles tiveram a teoria, no semestre anterior... (inaudível 22:10) E não sei se você viu uma música... Que ela canta nas três Línguas... (inaudível 22:22) Então, a gente pode pensar sim em a ideia é justamente essa que a gente procure estratégias para trabalhar as Línguas.. (inaudível 23:10) acho que você está no caminho...

PP: Eu mesma quando pensava em projetos, achava isso muito distante. Você se lembra no início um professor de RI, o (*nome do professor*) que tentava fazer uma associação e a gente embarcou ali... Foi bem bacana...

PE: Os próprios Jogos do LEANI, no último, a gente não pode fugir... (inaudível 24:20) se tiver uma representação de algum país de Língua Espanhola, porque não fazer uma tradução em espanhol. Na (*nome de organismo internacional multinacional*) é o inglês, mas existem outros países que eles podem se apresentar na Língua... Tivemos um trabalho de interpretação e tradução que foi bem bacana...

AP2: Eu estava pensando sobre a questão das Línguas, essa questão de ser interdisciplinar no contexto dos Jogos do LEANI, acho super legal essa ideia que vocês fizeram com o (*nome P4*), a questão de você trabalhar a transcrição usando o Espanhol e o Inglês, achei muito interessante isso e fiquei pensando em propostas que pudessem ser implementadas no cotidiano do LEANI, no dia a dia, em sala de aula, etc. Mas eu acho que o ponto que é interessante quando a gente toca nisso, é a questão das propostas das línguas estrangeiras que são ensinadas. Vou ser bem espontâneo falando, mas o que, às vezes, a gente percebe enquanto aluno é que parece que as propostas das línguas divergem um pouco.

PE: Divergem em que sentido?

AP2: Por exemplo, a aula que é ensinada em sala de aula, nem sempre contempla muito o que a gente vai fazer como profissional LEANI, entendeu? Tem disciplinas que abordam os gêneros, abordam temas que vão ser importantes, enquanto outras disciplinas não trazem muito isso para a sala de aula e às vezes fica difícil para a gente contextualizar nesse sentido.

PE: Mas você diz isso em relação às línguas ou em relação às disciplinas de forma geral?

AP2: Eu diria em relação ao curso em geral, porque em muitas disciplinas a gente percebe isso, mas eu acho que as disciplinas de línguas têm um potencial muito grande de ajudar o LEANI nesse sentido, entendeu? Porque eu acho que são os pontos de confluência. Acho que muita coisa converge na sala de aula, nas aulas de línguas. A gente tem a possibilidade de levantar discussões e trabalhar esses temas das outras disciplinas nessas línguas que eu acho que vai ser algo que a gente realmente vai fazer... Não sei também porque não me formei ainda, mas acho que é o que a gente vai fazer. Então fico pensando nessa possibilidade de alinhamento entre as disciplinas de língua, se é possível algum tipo de diálogo para que houvesse um tipo de alinhamento, no sentido de aproximar esse ensino de Língua na sala de aula à proposta do curso LEANI. É uma indagação minha, se tem

possibilidades de alinhamento nas disciplinas de línguas, nesse sentido. É uma questão um pouco complexa... mas é nesse sentido...

PE: Nem tanto, essa percepção de vocês é muito importante. Até porque quando o curso foi desenhado e depois ele foi revisto a de ideia era justamente essa: preparar vocês para o mercado de trabalho e trazer temas que pudessem ser importantes, vocabulário específico e atual e estratégias... Pelo menos é que eu tento trabalhar no Espanhol, vamos fazer uma simulação de uma reunião dentro de uma empresa, vamos criar um conflito e ver como é que se resolve isso... mas eu entendo que às vezes é difícil você conseguir juntar... Uma vez uma turma me perguntou se os professores não conversavam entre si para saber o que o outro está ensinando. E eu lembro de ter respondido para eles que a gente conversa, mas isso não é Ensino Médio, a gente não tem conselho de classe, não existe mais essa coisa de: “ah, o que é que fulano ali está dando?” isso é nível de Ensino Médio, na universidade é aquela coisa de cada um por si, Deus por nós todos... você às vezes pega um professor como o que eu me lembro na Faculdade de Letras, em que eu tentei fazer Língua Portuguesa com os melhores professores da área, mas havia professores que.. “Ah, minha professora está me ensinando isso em Português II”, “Ah, não, eu estou fazendo com Fulaninho e Fulaninho não está ensinando nada disso, mas outra coisa...”. Eu tive uma professora de Espanhol V e VI ao mesmo tempo, era a mesma professora e ela dava a mesma coisa, no 5º e no 6º período. Tive uma discussão com ela e falei “ou o pessoal do 5º está adiantado ou o pessoal do 6º está atrasado, porque a gente está vendo praticamente a mesma coisa.” Como os alunos não costumavam fazer isso, ela achou que podia dar a mesma coisa porque ninguém nem vai perceber... Então é complicado, não é?

AP2: Sim... a preocupação é que o nosso curso LEANI é um muito diferente e o que gera preocupação na gente é que isso talvez possa atrapalhar no sentido de a gente não conseguir chegar nesse ponto que a gente idealiza, entendeu? Porque eu sei que a gente precisa ter essa autonomia de pegar isso tudo e fazer disso parte da nossa formação, construir com todas essas contribuições que a gente tem, só que a gente pensando no curso entende que essa própria dinâmica do curso, o dia a dia, é uma dinâmica interdisciplinar. Achei muito legal isso que você trouxe do (*nome de órgãos públicos da área de relações exteriores*), não sabia... Tiveram iniciativas bem legais aqui no curso, o (*nome P2*) trabalhado com a XXX... (inaudível 31:07) então, tem alguns pontos que eu vejo no LEANI que mostram que tem um caminho, dá para fazer alguma coisa... Talvez a gente quisesse ver isso acontecendo com mais frequência e sendo mais implementado.

PE: Inclusive o próprio projeto da revista do LEANI, o Nós on-line (*inaudível 31:31*). Não sei se você conhece? A proposta era justamente tentar ter, dentro da revista, notícias ou informações, nas três línguas. É óbvio que não ia dar para fazer uma versão trilingue, porque seria muito grande, mas a ideia era que alguns artigos da revista estivessem escritos, basicamente em português, mas que a cada número tivesse pelo menos um artigo em inglês, um em espanhol e um em francês. Mas aí veio o coronavírus e a pandemia...

PP: **É isso... A colocação do (*nome AP2*) tem muito a ver com a ideia do Projeto que a gente vem tentando desenvolver. Fazer essa conversa mesmo. Acho que foi você mesmo que me mandou o PPC do curso mais atualizado para eu poder ler e entender o que seria essa proposta multi e interdisciplinar e para a gente conversar mesmo... É daí que vem todos esses estudos e debates... Achei ótimo conversar com você, minha amiga! Saudade!**

PE: Bom te ver! Saudade! E o que a gente pode ver, depois que você chegar aí a conclusão da tese, você faz parte do NDE? Para que a gente possa levar isso para o nosso Núcleo Docente e propor uma nova estruturação da grade, por exemplo...i

PP: **Sim, a gente está estudando e é para levar para o curso mesmo o que a gente descobrir e entender... a gente está estudando para isso. Por isso que eu falei que é uma proposta de colaboração. Porque a gente está conversando com os professores, pelo menos um de cada núcleo, estou conversando com egressos, com alunos do curso e vou tentar montar uma Oficina com os alunos do curso ainda esse ano, pegando exatamente as sugestões que vocês estão trazendo. Vamos ver o que os alunos vão dizer e, no final, a gente junta tudo...**

PE: Perfeito, se você precisar de alguma coisa, você me avisa...

PP: **Com certeza para as Oficinas de acordo com o que você me coloca, eu montando alguma atividade te pergunto...**

PE: Inclusive até, para eu – se for o caso – trazer para o Espanhol, por exemplo. Porque no início foi muito assim, porque como o Inglês, como língua estrangeira está muito mais desenvolvido que as outras línguas, várias atividades que eu utilizo na Língua Espanhola vem dos meus cursos de Inglês, por exemplo. De adaptar, de ler, de entender e dizer “essa atividade é legal, acho que posso usar aqui”. Então, acho que a gente tem muito a contribuir! PP: **Bacana! Bacana! Vamos trabalhar junto!**